

HILÉIA
AMAZÔNICA

★

~~~~~  
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA  
BRASILIANA  
Série 5.<sup>a</sup> \* (GRANDE FORMATO) \* Vol. 6  
~~~~~

ILUSTRAÇÕES

48 pranchas fóra de texto, segundo aquarelas originais de Hilda Velloso, Armando Pacheco e Georges Julien Simoni. *Culs de lampe* de Luís Jardim.

★

1955

Obra executada nas oficinas da
São Paulo Editora S/A. — Rua Barão de Ladário, 226
Fones: 9-9087 e 9-9932 — São Paulo, Brasil.

GASTÃO CRULS

HILÉIA
AMAZÔNICA

2.^a EDIÇÃO



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO



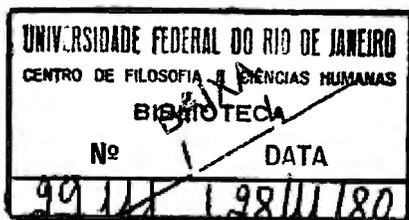
B.N. 918.112
C 955
Ex. 2

OBRAS DE GASTÃO CRULS

- COIVARA — Contos. 3.^a edição (Esgotado).
AO EMBALO DA RÊDE — Contos (Esgotado).
A AMAZÔNIA MISTERIOSA — Romance. 6.^a edição.
ELZA E HELENA — Romance. 2.^a edição.
A CRIAÇÃO E O CRIADOR — Romance (Esgotado).
A AMAZÔNIA QUE EU VI — Diário de Viagem. 4.^a edição.
VERTIGEM — Romance. 2.^a edição (Esgotado).
HISTÓRIA PUXA HISTÓRIA — Contos (Esgotado).
HILÉIA AMAZÔNICA — (Aspectos da Flora, Fauna, Arqueologia e Etnografia da Região). Edição de luxo, em grande formato, com 48 pranchas policrômicas.
APARÊNCIA DO RIO DE JANEIRO — Notícia histórica e descritiva da cidade. (Prêmio Vieira Fazenda da Prefeitura do Distrito Federal). 2 volumes. 2.^a edição.
ANTÔNIO TÔRRES E SEUS AMIGOS — Notas biobibliográficas seguidas de correspondência.
CONTOS REUNIDOS — (*Coivara - Ao embalo da rêde - Quatuor - História puxa história*).
DE PAI A FILHO — Romance.

TRADUÇÕES DE GASTÃO CRULS

- T. S. Matthews — A CAMINHO DA FÔRÇA. Romance.
Isadora Duncan — MINHA VIDA. Memórias. 6.^a edição.
Rômola Nijinsky — NIJINSKY. Biografia. 2.^a edição.
J. Kessel — LUXÚRIA. Romance.
Charles Key — AS GRANDES EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS NO SÉCULO XX.



IRE S 2164

A RODRIGO M. F. DE ANDRADE,

que, nas nossas quartas-feiras, teve ouvidos
indulgentes para a leitura destas páginas,
à medida que iam sendo escritas.

G. C.

Exemplar Nº 0534

~~~~~  
Reservados os direitos de reprodução,  
tradução e adaptação para todos os países.



*Copyright de*  
GASTÃO CRULS

~~~~~

*I'd be an Indian here, and live content
To fish, and hunt, and paddle my canoe,
And see my children grow, like young wild fawns,
In health of body and peace of mind,
Rich without wealth, and happy without gold.*

A. R. WALLACE: *Travels on the Amazon and Rio Negro.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO..... XV

FLORA

Aspecto geral.....	3
Vitória-régia.....	31
Uapé-das-cachoeiras.....	35
Guaraná.....	37
Palmeiras.....	48
Árvores decorativas.....	56
Orquídeas.....	60

FAUNA

Peculiaridades.....	69
Pavãozinho-do-Pará.....	114
Papagaios.....	116
Surucuás e beija-flôres.....	120
Galo-da-serra.....	124
Outras cotingas.....	132
Uirapurus e saís.....	135
Peixes de aquário.....	142
Borboletas.....	146

ARQUEOLOGIA

Feição geral.....	151
Cerâmica.....	152
Civilização marajoara.....	163
Civilização tapajônica.....	167
Civilizações menos conhecidas..	177

ETNOGRAFIA INDÍGENA

Considerações gerais.....	189
Decoração das malocas.....	205
Complexo da mandioca.....	212
Complexo do curare.....	221
Cerâmica moderna.....	238
Trabalhos de miçanga.....	242
Colares.....	247
Arte plumária.....	250
Máscaras de dança.....	256

ELUCIDÁRIO.....	269
BIBLIOGRAFIA GERAL.....	287
ÍNDICE REMISSIVO.....	317

ILUSTRAÇÕES

	<i>Pranchas:</i>
VITÓRIA-RÉGIA.....	I
UAPÉ-DAS-CACHOEIRAS.....	II
GUARANÁ.....	III
PALMEIRA MIRITI.....	IV
ÁRVORES DECORATIVAS.....	V, VI
ORQUÍDEAS.....	VII, VIII, IX, X, XI, XII
PAVÃOZINHO-DO-PARÁ.....	XIII
PAPAGAIOS.....	XIV
SURUCUÁ E BEIJA-FLOR.....	XV
GALO-DA-SERRA.....	XVI
OUTRAS COTINGAS.....	XVII, XVIII
UIRAPURUS E SAÍS.....	XIX
PEIXES DE AQUÁRIO.....	XX, XXI
BORBOLETAS.....	XXII, XXIII, XXIV
CIVILIZAÇÃO MARAJOARA.....	XXV, XXVI, XXVII, XXVIII
CIVILIZAÇÃO TAPAJÔNICA.....	XXIX, XXX, XXXI, XXXII
CIVILIZAÇÕES MENOS CONHECIDAS.....	XXXIII, XXXIV, XXXV, XXXVI
DECORAÇÃO DAS MALOCAS.....	XXXVII, XXXVIII
COMPLEXO DA MANDIOCA.....	XXXIX
COMPLEXO DO CURARE.....	XL
CERÂMICA MODERNA.....	XLI
TRABALHOS DE MIÇANGA.....	XLII, XLIII
COLARES.....	XLIV
ARTE PLUMÁRIA.....	XLV, XLVI
MÁSCARAS DE DANÇA.....	XLVII, XLVIII

NOTA À SEGUNDA EDIÇÃO

*A*O percorrer as provas da segunda edição deste livro, temos a impressão que se trata de obra quase inédita. Inédita porque quando da sua primeira apresentação ao público, em 1944, numa tiragem bastante restrita e de grande luxo, os poucos que a adquiriram dificilmente a terão lido, tais as dimensões do volume, incômodo de ser manuseado e a pedir atril de altar.

Todavia, naquela ocasião, e ao menos uma vez que fôsse, era indispensável comprovar, por uma iconografia rica e policrômica, a curiosidade e a beleza do material que vinha sendo descrito e era o principal motivo dos quatro ensaios enfeixados no volume.

Infelizmente, se ao leitor faltará agora essa festa dos olhos, só permitida pela reprodução fiel de quarenta e oito pranchas aquareladas, em compensação dá-se-lhe nesta oportunidade, além de um volume mais portátil e de preço mais acessível, uma série de acréscimos, como elucidário, bibliografia geral e completo índice remissivo que, por motivos independentes da nossa vontade, não puderam ser aditados à edição príncipe.

G. C.

PREFÁCIO

PREFÁCIO

ENQUANTO prepara obra de outro teor e com golpe de vista mais amplo sôbre a região amazônica, mas que lhe vem exigindo pacientes e demoradas pesquisas, pensou o autor realizar um álbum em que se assinalassem alguns dos aspectos mais peculiares à flora, fauna, arqueologia e etnografia indígena da mesma região.

Trabalho essencialmente iconográfico, acreditou-se, de início, que o seu texto, adstrito à explicação das estampas, não comportasse mais do que algumas linhas ou, quando muito, uma página, relativa ao material apresentado. Sôbre a Amazônia, entretanto, é quase impossível dizer pouco e, por maior que lhe fôsse o desejo de concisão, viu-se o autor na contingência de escrever mais do que queria, à medida que, sob a sua orientação, iam sendo executadas as pranchas aquareladas. Por outro lado, seria muito difícil preferir esta ou aquela flôr, escolher uma ave entre centenas, ou admirar particularmente um vaso de cerâmica ou enfeite de plumária se, previamente, não se dissesse algo de mais geral, ainda que de maneira muito sucinta, sôbre cada um dos temas que constituem matéria para quatro capítulos distintos.

Não deixará de causar certa estranheza que num só e único tomo se compendiem assuntos tão diversos, ainda que nesse conjunto, ou melhor, variegado mostruário de curiosidades amazônicas, esteja, talvez, a sua principal originalidade. É que até então — já se vê que no caso presente a referência visa apenas a trabalhos de igual escopo — não há contar senão com o *ÁLBUM*, de Goeldi, em relação às aves, e o *ARS AMERICANA*, de Nordenskiöld, que se cinge à arqueologia. Se muito breve será dado a público o ensaio de Eládio Lima, também copiosamente ilustrado, sôbre os macacos da região, muito ainda se fica a dever a outros

aspectos da fauna e ainda nada se fez concernente à flora e à etnografia.

Mas que se torne à miscelânea em aprêço. Sabido que tanto maior é o recuo até o berço das civilizações e tanto mais o homem surgirá na íntima dependência da natureza que o cerca, já não pode causar tanto espanto que assuntos de ciências naturais e sociais se enfeixem num mesmo volume, quando nêle se tem também em mira ressaltar alguns traços da cultura material do aborígene habitante da Hiléia. E isso porque na flora e na fauna locais não só encontra o silvícola as suas fontes de alimentação, mas também os elementos com que fazer a sua casa, tecer a sua rêde, trabalhar as suas armas e recamar os seus adornos. Sem o conhecimento de determinados côcos e sementes, não se identificariam as contas e penduricalhos de seus colares. Quem nunca tivesse visto um surucuá ou um anambé azul, não saberia onde êle fôra buscar penas tão belas para os seus capacetes. Basta que se observe um besouro como a mãe-do-sol, para que logo se evidencie a procedência daquelas plaquinhas de brilho metálico e furtacor que lhe cercam a testa de fúlgido diadema.

Hiléia amazônica, como se verá páginas adiante, não é apenas a Hiléia brasileira. Se bem que ao Brasil caiba a maior extensão dêsse imenso vale quase ininterruptamente revestido de espêssa floresta, nêle também se incluem boas faixas territoriais de várias repúblicas hispano-americanas e as três possessões européias situadas na Guiana. Justamente devido a essa mesma vastidão e também a fatores de ordem geográfica, torna-se quase certo que em nenhuma outra parte da América, como aí, o elemento indígena ainda pode ser surpreendido a formar o lastro cultural e bem assente daquela Indo-América de que, ainda há pouco, em artigo de imprensa, falava Gilberto Freyre, e no qual mergulha raízes, mais ou menos fundas, a grande comunidade americana. Para o silvícola, tal como para a planta ou para o pássaro, não há fronteiras políticas e, seja no Pará ou na Colômbia, no Peru ou na Guiana Inglêsa, na Bolívia ou na Guiana Francêsa, em qualquer ponto, desde que se esteja na Hiléia, é o ameríndio quem dita os estilos de vida.

O *Arecuna* que habita nas faldas do *Roroimã*, sem nunca deixar de ser *Arecuna*, tanto pode ser inglês, brasileiro ou venezuelano, conforme a situação da sua aldeia. O mesmo, porém, já não acontece com o venezuelano, o brasileiro ou o inglês que se fôr fixar naquelas paragens e que, ao fim de pouco tempo, terá muito de *Arecuna* nos seus usos e costumes.

O francês de *Saint Georges* dorme numa rede igualzinha à dos *Oiampis* ou *Urucuianas* e cedo esquece o *Sauterne* e os filets de sole pelo vinho de açaí e a ventrecha de *pirarucu*. Previdente e ordeiro, o holandês de *Paramaribo* há de ter um curral de tartarugas no seu quintal.

Seja no *Madre de Dios* ou no *Purus*, o seringueiro empregará o mesmo côco urucuri para defumar a borraça. Tanto o *llanero* da *Colômbia* como o vaqueiro do rio Branco se servem para a cobertura dos seus ranchos das mesmas palmas de *miriti* com que o índio reveste a sua maloca. O preto *Saramacá*, descendente de escravos fugidos, ainda hoje não dispensa o *tipiti* e o ralador de mandioca, que recebeu das mãos do aborígene. Enfim, por toda parte, o ameríndio ensisnando a viver.

O autor — e com pesar o diz — julga-se quase um leigo nas disciplinas que aqui o preocupam. Quando muito, será um curioso das coisas da natureza. Curioso na boa e, talvez, na má acepção do vocábulo. Na boa, porque, sem a visão unilateral e, por vêzes, deformante dos especialistas, teve olhos iguais para observar com carinho e interêsse o que procura descrever. Curioso na má acepção porque, à falta de maiores conhecimentos, é possível que haja matado nas fontes de vida assuntos que, entre mãos mais hábeis, chegariam a pleno viço e desenvolvimento.

Todavia, nessa sua mesma ignorância se apoia o arrôjo de um tal empreendimento. Matéria que estaria a pedir dezenas e mais dezenas de volumes aqui se condensa apenas num tomo.

Mas que este tomo seja a semente ou o incentivo de outras realizações congêneres, já então confiadas à competência de botânicos, zoólogos e etnógrafos, e o autor ver-se-á recompensado de muitas críticas que, sem dúvida, serão feitas a estas páginas.

Sem o conhecimento do livro de William Edwards, A VOYAGE UP THE RIVER AMAZON, é quase certo que Alfred Wallace e Henry Bates jamais tivessem viajado pelo rio-mar. Por seu turno, confessa o autor que da leitura do INFERNO VERDE, de Alberto Rangel, foi que lhe veio, desde a mocidade, um particular interêsse pelas coisas da Amazônia.

Ainda que não se busque qualquer paralelo entre êsses dois casos, pois que, no primeiro, de um livro hoje quase esquecido resultaram obras de considerável alcance para a ciência; e, no segundo, ao contrário, páginas cheias de vigor e colorido minguaram em observações e notas de um meticoloso e dessaborido objetivismo, — quem sabe lá se, nessa alternância de consequências propícias e ingratas, desta mesma HILÉIA não advirá nova messe copiosa e dourada?

De qualquer maneira, se outra valia não tiverem, estas páginas respondem àquêles que supuseram o autor desapontado ante a Amazônia que os seus olhos viram, em comparação com aquela outra por êle anteriormente imaginada, e que lhe serviu de cenário a um romance.

Nada disso aconteceu.

A Amazônia é pródiga de coisas belas, conforme o atestam as estampas aqui reunidas, sendo que, se houve dificuldade em organizá-las, nos limites de uma pequena mostra, o embaraço esteve sempre nas preferências de escolha entre material que nunca pecou pela carência.

Apenas, dada a vastidão da sua área, tudo na Hiléia há-de ser visto a seu tempo e nos seus lugares, e aí tanto a flora como a fauna, ora serão mais ricas, ora mais pobres, consoante as condições mesológicas.

Se a vitória-régia é endêmica na região e, por vêzes, com as suas fôlhas monstruosas e suas esplêndidas flôres, cobre a superfície de extensos lagos, poderá continuar desconhecida para aquêles que percorram, apenas, a calha dos grandes rios. Ninguém nega que o galo-da-serra é da Amazônia, mas quem o quiser apreciar em plena liberdade, aquecendo a paisagem com a flamância das suas penas, quase sempre terá de subir o rio Negro e seus afluentes. Em certas épocas do ano, as garças, em revoada, formam espêssas nuvens sôbre o lago Arari, em Marajó. Entretanto, viajando pelo Cuminá, durante quatro mêses a fio, o autor observou

menos dessas aves do que as que se defrontam, habitualmente, na baixada fluminense, numa simples ida a Petrópolis.

Pois bem. Foi justamente a expedição por êsse mesmo rio Cuminá, rio pobre, ou melhor, rio faminto como lá se diz, assinalando certos cursos fluviais que se caracterizam pela escassez de pescado nas suas águas e de caça nas suas matas; — foi essa expedição até a Serra Tumucumaque, feita em caráter oficial, acompanhando a Inspeção de Fronteiras, sob a chefia do eminente General Rondon, que deu motivo a um documentário, tido como revelador da já citada decepção.

Ora, ao autor, em tal emergência, não sobreveio o mutismo que assaltara o pescador do apólogo de Oscar Wilde, ao ver, de fato, o que já tantas vêzes contara aos companheiros, servindo-se apenas dos recursos da sua fantasia. O que não foi relatado naquêlo depoimento a que sempre esteve presente uma atenta vigilância ao rigor das observações, foi, realmente, o que deixou de ser visto. Destarte, as omissões correm mais à conta do ambiente do que do escritor. Caso bem diverso é o do romance em que as liberdades inerentes ao gênero permitiram reunir, numa área restrita, todos os leitmotivs das paisagens amazônicas. Aliás, ainda aqui, apenas nisso se transgrediu a veracidade dos cenários.

E, agora, é chegada a vez dos agradecimentos a quantos, por sua reconhecida competência e prestabilidade, acompanharam os passos do autor por veredas difíceis e alheias ao seu itinerário corriqueiro. Em primeiro lugar, estão os amigos do Museu Nacional, tendo à frente a figura ilustre da sua atual diretora: Professora Heloísa Alberto Tôrres. Neste grupo, se oficialmente ausente, acha-se bem em destaque, o vulto prestigioso de Alberto José de Sampaio, em quem o otium cum dignitate não arrefeceu os zelos pela botânica. O capítulo FLORA ainda muito deve aos Professores Adolpho Ducke, F. C. Hoehne, A. C. Brade e Leonam de Azeredo Penna. Os dois primeiros, freqüentemente importunados por cartas que eram verdadeiros questionários; o último, porque mais perto, assediado por insistentes telefonemas e solicitações do rico material de que dispõe no

Jardim Botânico. Assuntos referentes à zoologia tiveram o amparo dos Professores C. de Mello-Leitão, Olivério Mário de Oliveira Pinto e Agenor Couto de Magalhães, nomes que jamais poderiam ser esquecidos nos setores em que se fizeram grandes mestres. Mesmo de longe, como aconteceu com Adolpho Ducke, atualmente na Amazônia, Curt Nimuendajú não se forrou a consultas e a parte dedicada à arqueologia muito se beneficiou das suas luzes.

Por ser gente de casa, companheiros mais assíduos, ficaram para um agradecimento mais íntimo e comovido, já fora de portas, os artistas Hilda Velloso, Armando Pacheco e Luís Jardim, os dois primeiros que, com tanto desvêlo e segurança, tomaram a si a realização das pranchas coloridas, e o último a cujos dons de ilustrador muito deve o aspecto material do volume. Se a efusão dalma não raro deperece à flôr dos lábios, o aplauso quente dos que, percorrendo estas páginas, lhes admirarem os trabalhos, traduzirá o que aqui não pôde ser dito por palavras.

Rio de Janeiro, Setembro, 1942.

G. C.

FLORA

FLORA

ASPECTO GERAL

EM 1912, quando o avião ainda tinha o vôo curto das ciganas⁽¹⁾, Alberto Rangel prefigurava que, vista do alto, a floresta amazônica pareceria “um bolor imenso ao fundo de uma cuba abandonada à umidade e à calma, entre os escarpamentos das altiplanuras do Brasil Central, os das cordilheiras guianenses e os algares andinos.”

Não sabemos se a mesma imagem terá ocorrido aos primeiros grandes ases que sobrevoaram o intérmino estendal de frondes verdes. De Pinedo, cortando os nossos céus de Mato-Grosso a Manaus, estava por demais preocupado com o fôlego que lhe permitiria a gasolina contida nos depósitos de seu aparêlho, para não perder-se em conjecturas fantasiosas sôbre a avassaladora paisagem, que só lhe inspirava terror, no caso de alguma aterrissagem forçada. Paul Redfern, visto pela última vez quando o seu motor ainda vibrava sôbre a foz do Orinoco, talvez à falta dessa mesma gasolina, desapareceu para sempre nos campos gerais por onde correm os formadores do Trombetas. Mas, se virmos algumas das aerofotografias que acompanham o relatório de Hamilton Rice sôbre a sua expedição ao Rio-Branco-Urariquera-Parima, haveremos de concordar com o escritor patricio. Aquelas compactas e empastadas massas de verdura apenas entrecortadas, aqui e ali, por meros filetes d'água — tal como as grandes caudais se apresentam quando dominadas da altura — têm mesmo qualquer coisa de uma placa de cultura onde se amiudassem espêssas colônias de fungos.

(1) *Opisthocomus oazin*. Ave única e para a qual foi preciso criar uma sub-ordem à parte, é das maiores curiosidades da Amazônia. De vôo canhestro e muito limitado, tem asas que, quando jovens, munidas de garras, mais se diriam órgãos escansórios.

E, no entanto, só comparado ao infinitamente pequeno é que poderemos ajuizar do que é infinitamente grande. Na verdade, sem o auxílio do avião, talvez que nunca se pudesse ter uma idéia de conjunto do que seja êsse imenso vale, essa enorme bacia, que abarca aproximadamente sete milhões de quilômetros quadrados, abrange cêrca de um têrço da área total da América do Sul e por onde se escôa um décimo da água corrente do globo. Sim, porque, se o Amazonas, em comprimento, talvez não rivalize com o Mississipi e o Nilo, é, sem dúvida, pela extensão dos territórios que drena, pela massa líquida que carrega, pelo número e pela grandeza dos seus tributários, dos quais não poucos excedem o Reno, o mais importante rio do mundo.

Sem a visão global do aeroplano, quase impossível seria aceitar que aquela ilhazinha que, entre outras, se perde à sua embocadura, é Marajó, onde alguns dos pequenos países da Europa, como a Bélgica, a Holanda ou a Suíça poderiam caber folgadamente. E assim, de paralelo em paralelo, já compreenderemos melhor que a Amazônia brasileira tem sete vêzes a superfície da França e que só o Estado do Amazonas é seis vêzes maior do que a Inglaterra e a Irlanda reunidas.

Pois bem. Não só essa gigantesca planície, que se estende do sopé dos Andes ao Oceano, como ainda parte do alto Orinoco, as três Guianas, o baixo Tocantins e o litoral paraense, com certo trecho do noroeste do Estado do Maranhão estão revestidos de quase ininterrupta floresta — floresta pluvial equatorial — com características próprias e a que Humboldt e Bonpland aplicaram, pela primeira vez, o nome de Hiléia. Hiléia na acepção de *bosque*, como aquêles de que fala Heródoto em MELPÔMENE.

Assim, hiléia amazônica ou também hiléia equatorial americana, não será apenas hiléia brasileira, pois que, se na área demarcada acima estão integralmente compreendidos os nossos Estados do Pará e do Amazonas, o território do Acre e o norte de Mato Grosso e de Goiás, nela, além do já citado maciço guianense, com as suas três possessões européias, se integram grandes porções da Venezuela e da Colômbia, boa parte do leste do Equador e do

Peru, e do norte da Bolívia, nas vertentes em que êstes países volvem águas para a bacia do Amazonas e sôbre as quais, até altitudes que raramente ultrapassam trezentos metros, corre o mesmo revestimento de selvas, apenas mosqueado, aqui ou ali, de insignificantes manchas de campo.

Destarte, para quem está de cima, sempre o mesmo bolor, sempre o mesmo aglomerado fungiforme, alastrando-se monòtonamente por milhões e milhões de quilômetros quadrados.

Vejam, porém, qual será a impressão de quem, antes que a técnica moderna fizesse de cada homem um novo Ícaro, se limita a contemplar a floresta amazônica enquanto qualquer transporte fluvial o vai levando acima ou abaixo, pelas águas do rio-mar ou de qualquer dos seus caudatários mais graduados. Ainda aí, e já sem a visão cartográfica do avião, o assaltará a mesma sensação de desapontamento. A criatura ver-se-á entaipada entre altos paredões de verdura — paredões ou simples muros rasos, desde que se mantenha sempre mais ou menos afastada das margens entre as quais segue o seu barco.

Hartt comparou a situação dêsse viajante à de uma formiga que, subindo ao longo de uma coluna coríntia, só caminhasse pelo fundo de uma das caneluras que lhe sulcam a superfície. E não se suponha que, no caso da paisagem, acidentes vários tragam maior amenidade ao olhar. À distância, todos os verdes se fundem numa só tinta. Nada de gradações. Nenhum laivo de matiz. Por outro lado, bem raro será que a atenção seja despertada por qualquer toque de outra côr.

Wallace viajou por alguns dias no Amazonas, sem que notasse uma única árvore florida.

Mas, então, como há-de ser vista essa floresta que, se não é a mais extensa do globo, uma vez que temos de nos lembrar das matas de coníferas da Rússia, é sem dúvida a mais rica de aspectos, pela variedade sem conta das suas espécies florísticas?

Na verdade, sob o sol dos trópicos, e numa tão grande superfície territorial, bem longe haveremos de estar daquela homogeneidade que caracteriza certos tipos de floresta nas

regiões frias e temperadas; e, como pondera Parker Hanson, querer falar de um modo geral da natureza amazônica apenas pelo que se observou, aqui ou ali, numa nesga de terra, é chegar a conclusões tão disparatadas como aquelas a que seriam levados dois cegos apalpando partes diversas de um mesmo elefante.

Sim, porque, embora essa floresta tenha um fácies bem marcado, dentro da própria região, as condições edáficas e climáticas dão-lhe expressões várias aos traços fisiológicos.

Como também não podia deixar de acontecer, o aspecto da vegetação está ainda diretamente subordinado ao sistema hidrográfico, dependendo não só da vizinhança do Atlântico — cujas águas, já pela sua composição, já pelo fluxo e refluxo das marés, repercutem fortemente sobre a flora da foz amazônica e cercanias — mas também da própria influência dos rios, consoante a mata lhes seja ribeirinha e sujeita, portanto, ao regime das vasantes e enchentes, ou já situada nos altos ou *terras firmes*, jamais atingidos pelos transbordamentos fluviais.

Se a mata aluvial marítima ou *mangal*, sempre rala e sem vulto, não pode ser incluída na hiléia propriamente dita, e nem nada tem de característica, pois que é peculiar a quase toda a costa da América e também da África tropical, muito diversa é a mata aluviônica fluvial ou de *várzea*, que esta, sim, já é bem e exclusivamente amazônica, embora tenha de apresentar múltiplos aspectos, tantos são os fatores que agem sobre a sua composição botânica. Fatores sempre de ordem edáfica ou climática, que a fazem mais vigorosa aqui do que ali, de cor mais clara ou escura, de presença mais serena ou atormentada.

Será sobretudo exuberante no estuário e no alto Amazonas, graças à copiosa precipitação das chuvas e, também, no primeiro ponto, porque, se aí participa da ação benfazeja das marés, já não sofre o efeito, por vezes nefasto, das enchentes. Ainda no estuário, essa pujança se acresce de maior riqueza de aspectos florísticos, pela deposição no seu solo das inúmeras e variadas sementes que descem pelo grande rio e respectivos afluentes.

Quanto à tonalidade geral da floresta, será mais alegre ou mais tristonha, de verdes mais vivos ou carregados, conforme acompanhe rios de *água branca* ou *água preta*. Essa variação de côr de certas correntes fluviais amazônicas, traindo a composição química do solo, a refletir-se na paisagem ambiente, tem dado motivo a várias interpretações. Para uns, a tinta mais ou menos escura das águas seria proveniente da não precipitação, nos rios pobres de sais de cálcio, do húmus turfoso, negro e ácido, resultante da decomposição vegetal. Para outros, a substâncias minerais, sem dúvida óxidos metálicos, apenas em suspensão no meio líquido, pois que uma boa filtragem torna essas águas perfeitamente claras⁽¹⁾.

Mata bastante diferente será a que aparece nos *igapós* ou várzeas baixas, quase que permanentemente inundados. Aí o arvoredado, sem fixidez no solo e temeroso de morrer afogado, levanta-se sôbre o próprio raizame que, já no ar, confundido com os troncos, todo se estreita e se emaranha em angustiantes abraços de salvação.

E até aqui, sem sair da flora da várzea, apenas lhe notamos os traços mais grosseiros, aquêles que, quando vista apressadamente, mas já de mais perto, não escarparão ao observador menos sagaz. Assim, nada sôbre o porte de uma árvore, o recorte de uma fôlha, o colorido de uma flôr. E tudo isso, numa floresta em que as espécies quase não se repetiriam se não fôsse a enormidade da sua extensão, o que já levou alguém a dizer que, para o perfeito conhecimento de um só dos seus milhões de quilômetros quadrados, talvez não bastasse a existência inteira de um botânico.

Todavia, ainda não atingimos a mata de terra firme, cuja composição ainda é mais rica, nem tão pouco aludimos aos campos, que êstes, também, hão-de ser considerados.

Por aí já se vê quão afastados estamos daquelas enganadoras impressões dos que só viram a hiléia de relance, do alto ou de muito longe.

(1) Sôbre o mesmo assunto, há interessante memória do Dr. Josef Reindl, da qual H. von Ihering cita alguns trechos num trabalho referente ao rio Juruá, aparecido na "Revista do Museu Paulista", Vol. 6, 1904.

E agora é que chega a vez de responder à nossa pergunta de há pouco. Para se ter uma impressão mais exata do que é a flora amazônica, na variedade dos seus aspectos, na diversidade dos seus elementos, haveremos de examiná-la em vários pontos, mas sempre de perto, subindo rios — rios de água branca e rios de água preta —, varando cachoeiras, entrando por igarapés e paranimirins, abicando nas restingas, penetrando nas matas e palmilhando os campos. E é isso o que vamos fazer agora, como se nos servíssemos da mais ligeira caçoinha, canoinha que não temesse se atufar entre o matupá dos alagadiços, que sempre achasse caminho entre os paus caídos e a galhaça enredida dos furos e igapós, que fôsse facilmente arrastada por piques e varadouros, quando não se aventurasse mesmo pelo pedral das pancadas e corredeiras.

Dessa montaria, já puxada até o enxuto das praias ou apenas amarrada a qualquer tronco na barranca, é que saltaremos em terra para percorrer as ilhas em formação ou já adultas, as matas de várzea ou de terra firme, os charravascais, as campinas e campinaranas, os campos cobertos ou lavrados, e também para alcançar qualquer lombada de cômodo ou tope de serra, pois que tudo isto existe na paisagem amazônica.

Se iniciarmos a nossa excursão pela região do *salgado*, isto é, aquela em que as águas do grande rio se acham mais ou menos misturadas com as do oceano, ora estaremos entre vegetação tipicamente halófila, ora entre matas de várzea cada vez mais ricas e pujantes, à medida que abandonam a orla costeira.

A flora aluvial marítima é sempre de um verde sem nuances, claro e acinzentado, e nela predominam o mangue, a siriúba e a tinteira, ao lado de elementos mais escassos, como o mututi, a envira e o araticu.

Diga-se que êsse debrum de arbustos e arvoretas de ramaria escassa e pálida, cujo aspecto molesto não raro se agrava pela exibição de raízes escuras e tortuosas, o que traz a imagem de um mundo vegetal conjuntamente estropiado e todo sôbre muletas, substitui, no litoral maranhense, a fimbria de praias e dunas, mais ou menos limpas, que vinham acompanhando o mar desde a Bahia

e que, daquêlê ponto por diante, quase sem alterações, apenas com uma insistência maior de siriúbas sôbre as rizóforas na região do Amapá e em todos os locais em que a água se torna mais doce, prossegue numa linha unida, Guianas em fora, até a foz do Orinoco.

Já diferente, conquanto ainda de composição bastante pobre, há-de ser a paisagem se, ao longo de rios e furos, formos travando conhecimento com as primeiras manifestações da mata fluvial. Aí, logo à beira d'água, formará por vêzes uma verdadeira paliçada a aninga de roliços troncos cônicos e grandes fôlhas lanceoladas. Esta, entretanto, poderá ser substituída por touceiras de canarana, renques de partasana ou outras plantas herbáceas, que não poucas vêzes lhe formam anteparo; ou ainda poderá ser arredada por oiranas ou aturiás, já de contextura lenhosa, e que no entrelaçamento dos seus galhos darão bom pouso às ciganas, como, entre as socas do aningal, vão buscar refúgio onças e jacarés.

Também a grande arácea ou o aturiá, sempre um deles, nunca os dois em associação, cobrirá, em primeira mão, qualquer coroa de areia que em breve esteja transformada numa ilha, e aos quais o mangal retardatário, mas prepotente, rechassará até as margens, como igualmente será rechassado quando ali espontarem plantas de maior vulto.

Mas, tornemos ao continente. Só depois daquela tarja florística, sempre de porte pouco elevado, que acairela o rio dos dois lados e onde, amiude, o tabocal forma um pano de fundo, é que a mata da várzea começa gradativamente a alrear-se e enriquecer-se, pontilhada de palmeiras, que aí abundam tanto em número de exemplares como em variedade de espécies, jupatis, miritis e murumurus, açáis, inajás e paxiúbas, marajás, urucurís, bacabas e mumbacas; entremeada de imbaubas e mungubeiras; ostentando com freqüência as largas fôlhas das Musáceas e Marantáceas até que, finalmente, abra no azul a copa das suas árvores mais altas, cedros e tauaris, paumulatos e cumarus, mamoranas e maparajubas, açacuzeiros, andirobas e copaíbas, mas entre as quais avultará sempre o imponente pavilhão das sumaumeiras.

Todavia, essa floresta justafluvial, por maior que seja a sua condensação e pujança — e as espécies aí já se contam por milhares — é mais rala e de tonalidade mais clara do que a de terra firme. É que se, ao contrário desta, tem um desenvolvimento mais rápido, nunca chegará à sua ancianidade, pois que está sempre a fazer-se e desfazer-se, ora sujeita ao regime das cheias, ora exposta à calamidade das *terras caídas*.

Do aleve dêsses esbarrondamentos que por vêzes mutilam léguas e léguas de barranca e que de uma feita levou à destruição tôda uma rua da cidade de São Filipe, no Juruá, está poupado o estuário. Sofrem-no, porém, com freqüência, na sua margem côncava, porque fortemente castigada pela correnteza, que a solapa no início da vazante, os rios altos e de água branca que, ao revés dos de água preta, têm sempre a sua caixa mais irregular, meandrosa, e menos consolidada.

À margem convexa dêsses mesmos rios de água branca, por mais lento o decurso fluvial, não raro se formam praias, onde logo surgem oiranas e, depois cecrópias, à sombra de cujas largas fôlhas argentadas, sementes de essências várias e de maior porte encontram condições mais propícias à germinação. Mas tão depressa essas árvores levantem os seus troncos, robusteçam braços ou adensem frondes — manaiaras de alegre floração rósea, esbeltos araparis, que quando em fruto dir-se-iam com brincos à ponta dos galhos, taxizeiros com os ramos esportados de amarelo, taperibás de copagem versuda — lá se irá o imbaubal, entanguido por aquela mesma sombra com que favoreceu o desenvolvimento das outras, mas que lhe será extremamente nociva.

Bem diferente há-de ser o aspecto da flora marginal se penetrarmos qualquer rio de águas pretas. Aí, nada do friso de capins aquáticos e praieiros, ou da orla de outras plantas herbáceas que nos rios de aluvião antecedem a mata e, por ocasião das enchentes, não raro se despregam das ribanceiras para formar os periantãs que descem de bubuia, ao sabor da corrente, levando no seu bôjo garças e outras aves, quando não até onças, colhidas de surpresa sôbre essas ilhas viajeiras.

Não. Nada disso. Tal como no rio Negro, rio de águas pretas que poderia ser tomado como padrão, a floresta não se faz anunciar. Chega logo à beira d'água e apresenta-se sem rebuços. Não se pense, porém, que por vir assim, tão prontamente, ao nosso encontro, tenha um ar mais prazeroso e comunicativo. Muito ao contrário, de um verde tristonhamente carregado, essa mata, de árvores não muito altas e folhagem miuda, tem um rosto bastante severo, trai qualquer coisa de sombrio e misterioso. Isso não impedirá, entretanto, que, de vez em quando, sôbre o seu manto austero apareça qualquer mancha colorida. Azul neste ponto, amarela em outro. Rosa aqui, vermelha ali, roxa acolá. São frondes que entre frondes, que se diriam sempre iguais, abrem as seus vistosos baldaquinos floridos, porque, no dizer de Adolpho Ducke, não haverá em tôda a Hiléia região que se lhe compare (referimo-nos sempre à bacia do rio Negro), na riqueza de arvores da mais deslumbrante floração.

O contraste entre a flora, mais variegada e instável, dos rios de água branca, de solo argiloso neutro, e a flora, mais definitiva e uniforme, dos rios de água preta, de solo sílico-humoso ácido, é ainda mais flagrante quando alguns dêesses rios, mas sempre de importância, é tributário de outro, justamente de côr oposta. Então — ao contrário do que acontece em casos idênticos com qualquer afluente de menor vulto, cuja vegetação ribeirinha, muito antes que o mesmo chegue à sua foz, passa a ser mesclada e, depois, dominada por aquela, mais forte, do rio que o vai receber — nos caudatários possantes a composição florística mantém-se firme e inalterável até a junção das duas correntes. E é isso o que vemos quando o rio Branco, rio de águas leitosas, chega ao rio Negro, ou êste penetra no Amazonas, ainda um rio de aluvião. Aí, em ambos os casos, os dois tipos de flora acham-se lado a lado, sem se confundirem, e estadeiam as suas peculiaridades.

Já apontamos, na várzea dos rios de água branca, a freqüência de Bombacáceas, Musáceas e Marantáceas. Nos rios de água preta teríamos de mencionar um maior acúmulo de Bignoniáceas, Lauráceas, Mirtáceas e Ru-

biáceas. Palmeiras há que só se mostram nesses últimos rios, como a jará e a piaçava, sendo que esta última, ainda mais caprichosa, não aparece senão no rio Negro e, assim mesmo, apenas nos seus afluentes de águas mais carregadas. Em compensação, é de todo o margeado aluvial a nossa Hévea, a maior riqueza da região, que por aí se faz acompanhar da palmeira urucuri, ausente dos rios de água preta. Diga-se, todavia, que se a seringueira abunda nas ilhas e nos pequenos afluentes do estuário, torna-se escassa na várzea do baixo Amazonas e ainda ao longo do Solimões e Marañon. O seu *habitat* preferido é o curso médio e superior dos tributários da margem direita do rio-mar, onde se lhe amiam os exemplares.

Vale mencionar que a mata justafluvial do rio Negro às vezes cede lugar a trecho de vegetação xerófila, mais ou menos mofina, que tôda se alaga durante o inverno, dando lugar às tais *caatingas-do-igapó*, de que nos fala Spruce.

Mas tanto nos rios de água branca como nos rios de água preta, essa flora da várzea está sempre sujeita ao regime das enchentes e, consoante as sobras que lhe manda o rio e os acidentes do terreno, viverá com água até a cinta por boa parte do ano. Igapós maiores ou menores serão justamente os baixios marginais, de drenagem precária e onde a vegetação vive quase permanentemente inundada. Não raro, tal seja a depressão do terreno, a água subirá a alguns metros de altura, num lençol corrido por grandes extensões e sôbre o qual, sempre por igarapés, lagos e igapós, far-se-ão longas viagens de canoa, sem que preciso seja procurar uma só vez a calha natural dos rios, como dizem pode ser feito à margem direita do Amazonas, da bôca do Tapajós até Coarí, já no Solimões, ou então, agora pela margem esquerda, da foz do rio Negro até o Putumaio, umas duzentas léguas acima. E nada mais encantador do que um dêses percursos, que não raro nos colocarão quase no mesmo plano da copa do arvoredado, com orquídeas a se nos oferecerem, frutos ao alcance da mão, pássaros cantando ao nosso ouvido e tôda a bicharada bem pertinho.

Se ainda, navegando por êsse dédalo fluvial da Amazônia, que no dizer de Agassiz é um arquipélago num oceano de água doce, entrarmos por qualquer furo ou igarapé que nos conduza a um dos seus inúmeros lagos, onde, ao contrário dos igapós sombrios, o sol bata de chapa sôbre a superfície do espelho líquido, então estaremos em pleno reino da vitória-régia, com o seu séquito de mururés, aguapés, golfos e outros nomes que se dêem às plantas aquáticas, sôbre as quais brincam jaçanãs e esvoaçam jacinas de asas irisadas.

Ainda no domínio das hidrófitas, mas então nos rios altos, onde a água escachoa sôbre as pedras, poderemos admirar, entre outras Podostemonáceas, a linda pluma rósea do mururé-das-cachoeiras.

Mas já é tempo de falarmos nas terras firmes, nas quais a erosão tem papel mais importante do que a aluvião e onde a flora amazônica se apresenta no seu máximo esplendor, a exhibir, em quantidades incalculáveis, uma variedade sem conta de essências raras e outros vegetais preciosos, que tanto se recomendam pelas suas madeiras como pelos seus óleos, pelas suas gomas e resinas como pelas suas fibras e tintas, pelas suas flôres e frutos como pelas suas raízes e tubérculos comestíveis; mata que é ao mesmo tempo um imenso parque florístico e uma esplêndida estufa de plantas finas, um celeiro inesgotável de matérias primas e uma farmácia bem provida de medicamentos, um laboratório em que se reúnem, lado a lado, os mais capitosos perfumes e os mais violentos tóxicos.

Essa mata será a maior reserva florestal do mundo, com os seus já avaliados cinco mil bilhões de pés cúbicos de madeira e cujas plantas lenhosas montam a mais de dez mil espécies, entre as quais umas quatro mil abrangem formas arborescentes, enquanto a Europa inteira não contará mais de duzentas espécies do mesmo tipo.

Se as árvores que aí se levantam pertencem aos mesmos gêneros já encontrados na várzea, bem outras, com maior dureza de cerne e mais subido pêso específico, hão-de ser quase sempre as suas espécies e destarte, mesmo na nomenclatura vulgar, far-se-á o discrimine indispen-

sável, falando-se então num mututi da várzea e noutra da terra firme; numa paracuuba branca do estuário e noutra das terras interiores; numa maçarandubarana, do margeado fluvial, e noutra maçaranduba verdadeira, dos tesos enxutos; numa sapupira dos alagadiços e noutra da mata; distinção que se estenderá também às palmeiras, com as suas mumbacas falsas e verdadeiras, com os seus jauaris e tucumãs nada confundíveis; e ainda a outros vegetais mais despiciendos: taxizeiros das aluviões modernas ou dos solos estáveis; imbaúbas de fôlhas com reverso prateado, agitando-se à viração da beira-rio e imbaúbas de fôlhas tôdas verdes, abafadas na calidez da mata virgem.

Assinale-se, porém, a existência de gêneros que se insulam nas terras não inundáveis e, para só citar exemplos entre os produtos mais ricos e conhecidos da região, aí temos a castanheira e o caucho, que são dois índices infalíveis de estarmos pisando terreno maduro.

Ainda nessas mesmas matas de terra firme se encontram as árvores de maior altura e os cipós mais vigorosos. Entre as primeiras, pela sua abundância, destacaremos as já aludidas castanheiras, que não raro sobem a cinquenta metros e que nem sete homens abarcariam à sua base, dando-se as mãos, de braços estendidos, conquanto possam ser sobrepujadas por outros raros gigantes da floresta, como o tamboril, o anjelim ou faveira, a mui-rajuba, o camarurana ou duraque, todos êstes colhidos entre as Leguminosas, que é a família mais numerosa da região e que não poucas vêzes também se faz conspícua pela beleza das suas flôres ou pelo sabor dos seus frutos.

Esclareça-se, entretanto, que mesmo entre as mais altas, nenhuma dessas árvores excederá sessenta metros, e não há-de ser pelo seu desmedido porte que a floresta da Hiléia se singularizará, principalmente se nos recordarmos dos eucaliptos da Austrália e das sequóias da Califórnia.

Das lianas, que estas, sim, não só pela multiplicidade dos seus exemplares, como pelo vigor e variedade das suas espécies (já foi estimado que a proporção de plantas escandentes entre a Europa e os trópicos é de uma para dez)

dão um fácies todo especial à flora amazônica, convém destacar, entre muitas, o cipó-dágua, o cipó-dalho, o cipó-caboclo, o unha-de-gato e o escada-de-jaboti, todos de grande envergadura, sendo que de um deles já se observou exemplar cujo sarmento, a enroscar-se em troncos e ramos até que cobrisse a copa de uma árvore, se estirava por mais de duzentos metros de comprimento.

Mas os cipós ainda se tornam notáveis por muitos outros aspectos. Há alguns que, como o já citado cipó-dágua e o ituá-açu, são a providência dos que se perdem na mata. Quando de qualquer deles se corta rapidamente um pedaço da haste, mais ou menos um metro, que também, sem perda de tempo, deve ser logo virada para baixo, de tal modo que a sua extremidade superior passe a ser inferior, desta se escoará boa quantidade dágua, sempre límpida e fresca, apenas ligeiramente ácida. Vários se recomendam pela beleza das suas flôres ou pelo delicado sabor dos seus frutos, quando não reúnem as duas coisas, como acontece com os numerosos maracujás. Outros serão aproveitados pelas qualidades estimulantes ou medicamentosas de suas sementes e, entre êstes, vale por todos o guaraná. Ainda outros, pela tinta que se extrai das suas fôlhas, como o carajuru, ou pelos violentos tóxicos que se conseguem dos seus caules e raízes, como dos *Strychnos*, que entram na composição do curare, e de certas Apocináceas, que servem para tinguir o peixe.

Contudo, não serão apenas os cipós que concorrerão para o fausto da floresta amazônica. Êste dependerá também do prodigioso número de epífitas que abarcam troncos, cravejam ramos e afestoam galhos. Algumas, como o apuizeiro, revelam-se implacáveis algozes das suas vítimas; outras, verdadeiramente inofensivas, fazem-se mesmo magnânimas, recompensando com uma floração esplêndida o bom gasalhado que lhe deram as companheiras, o que acontece com a linda cebola-brava e com quase tôdas as orquídeas. Mas ainda a legião das Aráceas e Bromeliáceas, aquelas servindo-se do raizame aéreo para mandar amarras para todos os lados, estas abrindo rosaças de verdes crus e vermelhos vivos na forquilha dos troncos

vetustos, que também disfarçam as suas rugas sob a policromia de fetos, fungos, algas, musgos e líquenes.

E é tal a profusão desses hóspedes que só num exemplar de grande árvore já se contaram oitocentas espécies de outras plantas. Schomburgk também colecionou quatorze orquídeas diferentes povoando um único tronco.

Todo esse complexo mundo vegetal, toda essa falange de batalhadores aparentemente imóveis, vive numa perpétua luta, num continuado esforço, buscando escapular à semi-obscuridade do subosque para alcançar um lugarzinho ao sol, uma clareira de céu aberto, lá, bem no alto, já no zimbório verde que os triunfadores de maior hausto vão formar com as suas copas.

E é por isso, por esse mesmo anseio de luz, que lianas rojam pelo chão, colubream pelos troncos, lançam acúleos e gavinhas, fincam uma garra aqui, mandam uma vergõntea ali e, com um instinto que ninguém explica, jamais buscarão apóio em qualquer árvore morta, que não lhes garanta o acesso desejado.

Mas é também por motivo igual que essas mesmas árvores não poucas vêzes crescem de troncos linheiros, elevam-se de braços fechados, e só abrem ramos, e só emitem galhos depois que, já bem altas, se sentem mais a salvo dos enleios constrictores e dos abraços estorvantes.

Tão denso é, entretanto, o emaranhamento dessa selva, tão fortes os liames que se estendem de tronco a tronco e de galho a galho que, não raro, os maiores gigantes da floresta, ainda mortos, permanecem de pé, amparados pelos companheiros que não os deixam tombar. Sem dúvida, em certos casos, para isso concorrerá a qualidade do seu cerne imputrescível, como sucede à mui-rapinima que de tudo se despoja, fôlhas, copa, casca e até alburno, mas que assim mesmo, desseivada e descar-nada, mostrando apenas, do que fôra nos seus dias de gala, o lenho sêco e nu, se mantém perfilada entre as demais.

E já que falamos nos elementos de sustentação desses portentosos representantes da floresta equatorial, é preciso não esquecermos as grandes expansões tabulares das raízes, conhecidas por *sapopemas*, que o caule de muitos

dêles apresenta na sua parte inferior. Por vêzes, essas *palhetas*, sobretudo freqüentes nas Bombacáceas, Leguminosas, Lecitidáceas e Moráceas, com muitos centímetros de espessura, se estêdem por dois a três metros do comprimento do tronco e também por dois e mais metros dêle se distanciam, de tal modo que entre duas delas algumas pessoas podem encontrar bom abrigo.

Muito se tem discutido por que as raízes assim se hipertrofiam, formando verdadeiros contrafortes no sopé dos troncos. Querem uns que isso lhes daria melhor sustentáculo ao pêso das enormes copas. Outros, que, destarte, melhor resistiriam à violência dos ventos. Ainda outros, que árvores de tamanho porte pedem um embasamento mais amplo. Para outros ainda, tratar-se-ia de uma defesa contra os insetos que, não raro, atacam os troncos, deixando-os quase ôcos, enquanto poupam as sapopemas, que passam a ser então os verdadeiros suportes do vegetal. Todavia, nenhum dêsse argumentos prevalece quando se tem em mente que muitas árvores apenas ostentam sapopemas enquanto jovens, justamente quando menos necessário lhes seria o refôrço basal. O que parece mais aceitável é que a árvore se defenda, e isto porque o solo é raso, tendo água ou pedra logo abaixo.

Ao contrário do que acontece na Europa, onde as estações bem definidas repercutem fundamente sôbre o aspecto da vegetação, na Amazônia a paisagem será sempre um calendário desnorteador. Árvores florescem enquanto outras frutificam. Umas perdem as fôlhas, enquanto outras se engalanam de copagem nova; ou concomitantemente sôbre os galhos que se desnudam já estão brotos a espartar.

Isso levou Bates a dizer, com certo exagêro, que a flora da Hiléia realiza num dia o que se faz num ano em outros climas. Dizemos com certo exagêro, porque outros naturalistas, também profundos conhecedores da região, como Beebe, se insurgem contra a assertiva do “eterno verão” com que se costuma caracterizar a floresta equatorial pois, para êle, aos que a observem mais atentamente não escapará uma perfeita distinção entre as quatro

estações. Mas isso também poderá ser um exagero. O professor Adolpho Ducke, hoje, sem dúvida, a maior autoridade nos assuntos de flora amazônica, e em cujos trabalhos muito nos apoiamos para redigir êste capítulo, assinala, dentro da própria Hiléia, épocas várias de floração, conforme estejamos neste ou naquêle ponto. Assim, em muitos locais, o início da estação sêca, quando as águas entram a baixar, é que corresponde à primavera européia. Em outros, as floradas seriam mais abundantes já no comêço do inverno. Em Manaus, poder-se-iam mesmo apontar três épocas anuais de floração — maio, setembro e dezembro —, ao passo que o Pará se contentaria com duas — junho e dezembro. Destarte, se não estamos diante do “eterno verão”, teremos quase presente uma “primavera eterna”.

Mas se estas árvores florescem tanto, como é que quase ninguém as vê? Já referimos que Wallace viajou por alguns dias no Amazonas, sem que os seus olhos caíssem sôbre qualquer copa pintalgada de outra côr. Para Spruce, as flôres dêsse mesmo matagal também foram por muito tempo invisíveis. Não poucos são os fatôres que conduzem a uma tão errônea impressão de pobreza dentro da maior riqueza. Em primeiro lugar, temos a própria extensão dessa floresta e a infinita variedade das espécies que a guarnecem, quase sempre distribuídas a êsmo, um exemplar aqui, outro já muito longe, sem nada dos grupos ou bosques de uma determinada árvore, que uniformizam o aspecto dos quadros europeus. Acrescente-se a isso a irregularidade com que florescem essas mesmas espécies equatoriais, hoje umas, outras amanhã, e compreender-se-á facilmente porque há-de ser sempre verde o dossel que cobre a Hiléia. De fato, que importa que qualquer quaruba apareça um dia com a copa tôda dourada ou que qualquer buiuçu desça sôbre as suas ramas o mais suntuoso manto roxo, ou ainda que alguma *Qualea*⁽¹⁾ se dê ao luxo de mudar por duas vêzes de túnica, hoje rosa, amanhã azul? Tudo isso não será nada entre os milhares e milhares de frondes verdes.

(1) Vide o que, a respeito da *Qualea pulcherrima* Spruce, se diz à pág. 59.

Dêste ponto de vista, muito mais feliz será sem dúvida a vegetação da várzea, principalmente se à beira-rio. O pau-darco, diademado de lilaz, mirar-se-á até no espelho das águas, onde projeta grandes manchas de ametista.

Para ser admirada, não precisaria ostentar flôres tão grandes nem tão purpúreas a mamorana.

Mas ainda existem outros motivos para que passe quase despercebida a floração das grandes árvores da terra firme. As suas franças só se expandem sôbre as outras do subosque, que as ocultam inteiramente. Destarte, muitas vêzes, só se terá notícia da grande festa que vai lá por cima, pelo tapiz de pétalas coloridas, que aparece aqui ou ali, estendido no chão da mata.

Diga-se também que, ao lado dessas árvores que não poupam tintas e conhecem todos os segredos da forma quando tratam de enfeitar os seus ramos, outras existem, de hábitos mais modestos e cuja floração, miuda e desbotada, se confunde com a tonalidade da folhagem. Daí o nosso amigo A. J. de Sampaio, quando viajávamos juntos pelo Cuminá, não abrir mão de um óculo de alcance afim de lobrigar qualquer galhinho florido, que lhe garantisse o enriquecimento das coleções botânicas. E, se difícil era descobrí-los, mais difícil ainda seria alcançá-los. Para isso, Spruce, bom atirador, servia-se freqüentemente de uma carabina, à falta, talvez, dos macacos adestrados que se usam hoje em Singapura e que, amarrados pela cinta, encarapitam-se nos cimos mais altos e de lá jogam aos naturalistas o material que lhes é necessário.

Se numerosas são, porém, as árvores de floração humilde, outras muitas ostentarão vistosos frutos, de alegre aspecto, como aquêles de certas Malpiguiáceas e Polygonáceas, que se adornam de asas escarlates, ou como a grande cápsula da mungubeira que, quando aberta, mais se diria uma esplêndida flôr.

Árvores há também cuja folhagem quando nova, pelo colorido que apresentam, simula em tudo uma copiosa floração. Haja vista o magnífico dossel de sêda rosa que, por essa época, reveste a imensa fronde dos cajuaçus.

Ainda aqui estamos em contraposição à Europa, onde as fôlhas, só no outono, quando já velhas e prestes a cair, é que esmaecem em tons vinhosos, numa triste morte-côr.

Mas tudo faz com que a floresta da Hiléia, tumultuária, vivamente iluminada, em nada se pareça com aquela outra, de bosques serenos e sombrios, que iremos encontrar nos climas temperados. Até, ao visitá-las, a luz se comportará de maneira diversa. Na Europa, coada através da folhagem, ela será sempre difusa, a degradar-se numa claridade suave. No mataréu tropical, tanto que encontre uma frincha, batendo de chapa em troncos claros e fôlhas lustrosas, que não raro se diriam envernizadas de novo, ela reverbera por todos os lados, multiplicando-se em fogachos e cintilações metálicas. Presente aos dois espetáculos, Konrad Güenther, numa imagem feliz, lembrou-se de uma catedral gótica e de um templo barroco. Ali, a sobriedade de linhas, a parcimônia nos motivos ornamentais. Aqui, a pompa da decoração, o luxo dos coloridos.

Não se pense, entretanto, que êsse viço mais vivo de feições, que êsse estouvamento de atitudes, seja, na mata tropical, uma expressão de organismo jovem. Embora a infixidez do solo, com rios a serpearem incertos, buscando caminho, com ilhas que se desfazem aqui para renascer mais adiante, tudo despertando a idéia de uma terra ainda em ser, de um mundo ainda em formação, essa floresta talvez seja a mais velha do orbe, resíduo, segundo Deffontaines, de florestações que datam de épocas imemoriais, remanescente, como quer Costantin, de uma vegetação que, outrora, se estenderia uniforme até o polo, mas que, a pouco e pouco, pelo gradual resfriamento do globo, foi substituída por outra de tipo predominantemente herbáceo, mais consentâneo com os climas temperados. O que dela restou, com representantes que ainda lembram o carbonífero, tais os fetos, ter-se-ia condensado na região equatorial⁽¹⁾.

De resto, na vegetação da Hiléia, tudo está a acusar uma longa adaptação à vida florestal. Assim as árvores que, concentrando tôdas as fôrças para alcançar o mais depressa possível o espaço ensoalhado, crescem até grande altura sem se esgalhar. Assim o grande número de plantas que, herbáceas nos climas temperados, passam aqui a ser

(1) Hipóteses geológicas, que procuram explicar a formação do vale amazônico, contrapõem-se a essa longevidade da sua floresta.

lenhosas, como muitas Euforbiáceas, Polygonáceas e Boragináceas. E ainda outras que se fazem epífitas ou escandentes, sempre no intuito de mais se aproximarem da luz. Merecem também ser mencionados os frutos e sementes que adquirem capacidade de disseminação pelo vento ou pela água. Esta última, utilíssima na mata alagada, é obtida pela riqueza em óleo, que os faz flutuar por muito tempo, até que consigam lugar propício à germinação. O fruto do duraque, árvore a que já nos referimos, é mesmo privilegiado a êsse respeito. Reune em si as duas possibilidades. Tanto pode voar, como permanecer de bubuia e ser levado ao sabor da corrente.

Humboldt, ao observar a Hiléia, lembrou-se de Bernardin de Saint Pierre quando fala de “uma floresta sôbre a floresta”. Na verdade, ali, ao subosque, superpõe-se um outro andar, êste muito mais importante, porque revestido pela fronde das mais portentosas árvores. Infelizmente, dada a sua grande altura, êsse inatingível jardim de Semíramis foi por muito tempo um permanente desafio à curiosidade dos naturalistas. Todavia, faz alguns anos, um grupo de estudiosos britânicos logrou desvendar-lhe os segredos, quando, na Guiana Inglêsa, instalou sôbre os mais altaneiros representantes da floresta, pequenos observatórios dos quais dominavam largos trechos do infundo zimbório formado pelo entrelaçamento das ramagens possantes. E que espetáculo o de então! Que diversidade de aspectos! O verde em tôdas as gamas. Muito amarelo e vermelho das folhagens novas. Uma porção de copas floridas. Como aquilo tudo era diferente do que viam aquêles que, pisando sempre o solo da floresta, só podiam alçar os olhos para o arvoredado do subosque.

Mas os enviados de Oxford foram mais longe. Verificaram que a vegetação na floresta hileana se dispõe, numa estratificação horizontal, em quatro camadas perfeitamente distintas. Na primeira, a contar do chão, ou andar térreo, as plantas, não raro organismos jovens de futuras árvores e arbustos, entremeados de fetos e ervas, espalham-se parcimoniosamente por aqui e ali, sem jamais formar um verdadeiro tapete. A segunda camada, que é constituída por arbustos e plantas de um a três metros

de altura, com algumas espécies que lhe serão exclusivas e até predominantes sobre as outras, como as Anonáceas, raramente atingirá o andar imediato. Este, ou terceiro andar, dispor-se-á a uns quinze metros de altura, com exemplares, preferentemente Euforbiáceas e Violáceas, cujas copas, algo espacejadas, permitirão golpes de vista sobre a quarta camada ou último andar. Finalmente, este, é aquêlê zimbório a que já aludimos, formado pelas árvores mais altas e que se mantém aproximadamente a trinta metros do solo, embora seja excedido aqui ou ali, mas só excepcionalmente, por um ou outro gigante, que poderá chegar até o dôbro dessa altura.

Já dissemos que o que caracteriza sobretudo a floresta amazônica é a infinita variedade das espécies que a compõem, fazendo que num simples hectare de terra possam se reunir mais de duzentas árvores diferentes. Isto, se do ponto de vista botânico é uma riqueza, não deixa de ser uma pobreza quando encarado economicamente, uma vez que para conseguir algumas boas toras de uma determinada madeira, será quase sempre preciso realizar penosas buscas e fatigantes caminhadas.

Contudo, o trabalho far-se-á recompensado pela excelência e variedade sem par dessas mesmas essências, umas a se recomendarem pela dureza e imputrescibilidade do seu cerne, como o acapu, a acariuba, o coataquiçaua, os angelins, cedros e itaubas; outras pelo marchetado ou colorido da sua contextura: muirapinimas, muirapirangas e muiragibóias sarapintadas como um couro de maracajá ou uma pele de cobra; saboranas caprichosamente laivadas de castanho ou roxo sobre um fundo de mel dourado; paus-pretos, paus-violetas, paus-rosas e paus-amarelos; pau-cetim e pau-marfim; ainda outras, pelo perfume que delas se exala: casca-preciosa, macaca-poranga, umiri e uma infinidade de louros, cheirando a cravo, a rosa, canela, funcho ou cânfora.

Dessas árvores, porém, não poucas far-se-ão exclusivamente procuradas pelas suas propriedades gomíferas, a começar pela seringueira, cujo valioso látex foi, por muito tempo, o *ouro-negro* da região, e sem esquecer o caucho, a balata, a ucuquirana, a murupita e muitas maçarandu-

bas; outras, pelos seus óleos e essências, alguns extraídos do próprio tronco, como no caso da copaíba e do louro-inamuí, outros, de frutos e sementes, já então numa variedade sem conta, pois raros serão aquêles que não os contenham.

É nessa mesma mata que o índio, como havemos de ver mais adiante, encontra tudo que precisa: a casca para a ubá, a fôlha de palmeira para a casa, o pau para o arco, a fibra para a rêde, o cuieté para água, a paina para a seta, vernizes e tintas para a cerâmica, venenos com que ervar as suas flechas. É ali estão também a sua despensa e a sua farmácia. A mandioca imprescindível aos beijus e caxiris, frutas e amêndoas a serem colhidas por tôda parte e em qualquer época do ano, a droga alucinante que lhe dará sonhos coloridos, a mênzina eficaz que ajuda os passes do pagé.

Tanto Martius como Spruce são de opinião que os índios pouco se aproveitam das plantas indígenas na sua medicina e que o valor terapêutico da maioria delas só se fez conhecido após a chegada dos primeiros colonizadores, que a êsse respeito já haviam ganho uma grande experiência nas Índias orientais. Tudo, entretanto, se opõe a essa asserção. Se o ameríndio descobrira a maneira de tornar inócua e largamente aproveitada como alimento uma raiz tão tóxica como a da mandioca, se conseguira tirar partido da ação estimulante das sementes do guaraná, se usava os clisteres inebriantes do paricá, se já se familiarizara com o emprêgo do caapi, da coca, da ipecacuanha, do quenopódio e do bálsamo do Peru, para só citar algumas das suas mais famosas descobertas, certo que não lhe teriam escapado as virtudes medicamentosas de muitas outras plantas. Apenas, por mais aparatosos e devido às suas crenças fetichicas, para êle seriam de maior importância os sortilégios do piaga e eram também estas práticas que mais despertavam a atenção dos viajantes.

Aliás, o próprio Martius se contradisse posteriormente, pois que, entre as quatrocentas e setenta espécies de plantas medicinais enfeixadas no seu *SYSTEMA MATERIAE MEDICAE VEGETABILIS*, enumera mais de cem que já eram aproveitadas pelos índios.

Nas matas de terra firme não há aquela abundância de palmeiras que tanto contribui para o embelezamento da flora da várzea, sobretudo no estuário.

Entretanto, elas ali também se acham representadas e, entre as mais habituais, convém lembrar a inajá, tucumã, pupunha, mumbaca e ubim-açu.

Diga-se ainda que, se a flora da várzea é mais ou menos a mesma nas duas margens do Amazonas, há endemismos peculiares nas zonas sul e norte da terra firme, sem dúvida oriundos da dificuldade de disseminação de certas sementes incapazes de vencer a grande largura do rio.

E é isto o que acontece com a seringueira vermelha e a macaca-poranga, que até hoje só têm sido apontadas nos afluentes setentrionais do baixo Amazonas.

Como é natural, nas lindes já demarcadas para a Hiléia, a vegetação, até que se diferencie nitidamente, passa a ser mista com componentes das duas formações florísticas que aí se encontram. Destarte, o limite ocidental da Amazônia vê-se invadido por línguas de terra onde figuram espécies características dos vales quentes dos Andes; na fronteira oriental haverá, por sua vez, ocorrências da flora geral do Brasil, ou do babaçuzal da zona dos cocais, assim como na bacia do rio Branco já se notam espécies adstritas ao revestimento do baixo Orinoco.

Bem curta será a nossa excursão pelos campos. Aí, embora em pleno coração da Hiléia, tal seja a paisagem que se nos depare, teremos sempre a impressão de haver-mos sido mágicamente transportados para as pastagens do Triângulo mineiro, para os chapadões de Mato Grosso, para os tabuleiros do nordeste, ou até para qualquer caatinga ou charravascal do mais adusto sertão.

E não deixa de ser mesmo curioso que se possam comer mangabas numa rechã mofina e arenosa, a dois passos do Tapajós; que se possam admirar eriçadas *cabeças-de-frade* e espinhentos *jamacarus* rebentando de pedras que, em pontos próximos, entre águas encachoeiradas, estarão cobertas de *Podostemonáceas*; ferir os pés nas *barbas-de-bode* e tropeçar nos muricis acaules, quando pouco

antes se caminhava à sombra das grandes castanheiras campanudas.

Mas, também, se, em pleno descampado, se chegar até a *pestana* de algum igarapé ou descansar-se no frescor de qualquer capão de mato, eis que outra vez a floresta amazônica estará à nossa volta, com as suas árvores verdadas, com o farfalho das suas palmas, com o enlçamento das suas aráceas e cipós. E foi assim que, bem nos campos de Tumucumaque, já com o rio a distância e bebendo a nada convidativa água de cacimbas, pudemos apreciar o mais saboroso copo de açaí.

Destarte, mesmo que a sua máxima caracterização seja a da flora geral dos campos do Brasil, essas savanas, essas campinas, essas campinaranas nunca perderão de todo o contacto com a Hiléia, que as emoldura, e de cujas condições edáficas ou climáticas sofrerão as influências benéficas ou nocivas. Benéficas, como no caso de certas zonas que em tudo e por tudo lembram as caatingas do meio-norte, mas que por se acharem sob condições de grande umidade, permanecem verdes por todo o ano. Nocivas, como no caso dos campos de Marajó, no litoral oceânico, e outras pastagens de várzea do baixo Amazonas, porque prejudicadas periódicamente pelo regime das enchentes.

Savanas serão os campos de árvores esparsas, ora de todo achanados, ora com outeiros ou com ondulações suaves; campinas, os campos limpos, apenas arrelvados; e campinaranas, os *falsos campos*, as formações intermediárias, sempre mais densas e mais sujas. Se o solo se torna mais duro e mais sêco, teremos os charravascais, não raro com espêsso revestimento de sapé, e em certos pontos, onde abunda o afloramento de rochas, surge a vegetação francamente xerófila, com predominância de líquenes, cactáceas e bromeliáceas. Em compensação, quando nesses mesmos campos existem sulcos de drenagem fluvial, baixadas ou cabeceiras, com terra humosa preta, repontam as ravinas, de que os esbeltos miritis serão as almenaras auspiciosas, pois que um indício seguro de água quase que à flôr da terra.

Das três principais modalidades de formações cam-pesinas, enumeradas acima, a que se mostra menos hileana é a das savanas, que mais se diria uma transgressão da flora do Brasil Central em plena bacia amazônica. Isto já não acontece no aspecto das campinas e das campinaranas, com feição particular, devido à predominância de certas espécies que rareiam em outras regiões.

Advirta-se também que a flora desses campos amazônicos é bastante influenciada pelas composições florísticas vizinhas. Assim, no rio Branco, às formas locais mesclam-se não raro outras dos *llanos* da Venezuela, bem como em Marajó não serão pequenas as lembranças da flora litorânea trópico-americana.

Mas que desafôgo andar por esses campos, que verdadeira alegria muscular soltar as pernas por essas lhanuras de horizontes ilimitados, depois de dias e mais dias de canoa, sempre murados pelo espesso paredão da floresta! Foi essa a sensação que tivemos ao pisar pela primeira vez os campos altos do Cuminá. Por vezes, entre árvores quase equidistantes e tôdas numa só altura, tendo diante dos olhos renques de miritis que mais se diriam dispostos em aléias, vinha-nos a idéia de que íamos, por qualquer parque abandonado, até que alcançássemos alguma velha vivenda solarenga.

Embora — tão avassaladora é a extensão da floresta — estes campos pouco pesem na fisionomia geral da Hiléia, não deixam de ser uma grande riqueza da região, dada a possibilidade do seu maior desenvolvimento pastoril, até hoje apenas aproveitado em pequena escala. E note-se que eles somam áreas nada desprezíveis. No Estado do Pará, talvez um quarto do seu território. No Estado do Amazonas, uns cento e quarenta mil quilômetros quadrados. Dentre todos, neste Estado, destacam-se pela sua vastidão e também porque não inundáveis, as grandes pastagens do rio Branco. Mas é preciso não esquecer que, no Estado do Pará, também se situa, no alto Trombetas, quantidade equivalente de magníficos relvados, até hoje inexplorados, ainda que nada lhes fiquem a dever.

Falando em campos do rio Branco, temos quase à vista a imponente massa do Roroimã, para os índios, uma

montanha sagrada, não só a moradia de Macunaíma, como também a sempre fértil mãe dos rios; para nós, o mais lindo marco divisório entre o Brasil, a Guiana Inglesa e a Venezuela. Infelizmente não chegaremos até lá. A sua flora, talvez a mais bela do mundo, já pertence francamente à zona cisequatorial. Mas será com pesar que o não faremos, ao recordar aquela marcha de Schomburgk que, buscando dominar-lhe os flancos, precisava abrir caminho a golpes de facão entre densas moitas das mais belas sobralias em flôr.

Consolêmo-nos, entretanto, tornando à nossa Hiléia, para apreciar mais de perto o esplendor da vitória-régia, o gracioso pendão floral do uapé-das-cachoeiras, o cipó de que se consegue o guaraná, algumas das suas muitas palmeiras e das mais belas árvores ornamentais, um punhado de orquídeas raras.

BIBLIOGRAFIA

- AGASSIZ (Mme. et Mr. Louis) — *Voyage au Brésil*. Traduit de l'anglais par Felix Vogeli. Paris, 1869.
- ALMADA (Manuel da Gama Lôbo de) — *Descrição do Rio Branco e seu Território*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", Tomo XXIV, Rio de Janeiro).
- ALMEIDA (Francisco José de Lacerda e) — *Memória a respeito dos Rios Baurés, Branco, da Conceição, de São Joaquim, etc.* ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", Tomo XII, Rio de Janeiro).
- ANTHONY (H. E.), GLEASON (H. A.) — *The Pacaraima-Venezuela Expedition* ("The Geographical Review", N. 3, Vol. XXI, Junho, 1931).
- AZEVEDO (Tales de) — *O Vegetal como Alimento e Medicina do Índio* ("Revista do Arquivo Municipal", São Paulo. Vol. LXXVI, 1941).
- BATES (Henry Walter) — *The Naturalist on the River Amazon*. London, 1895.
- BANCROFT (Edward) — *An Essay on the Natural History of Guiana in South America*. London, 1769.
- BEEBE (William), HARTLEY (G. Inness) and HOWES (Paul G.) — *Tropical Wild Life*. Vol. I. New York City, 1917.
- BERTIN (A.) — *Mission Forestière Coloniale. Les Bois de la Guyane Française et du Brésil*. Paris, 1920.
- BITTENCOURT (Agnello) — *Corografia do Estado do Amazonas*, Manaus, 1925.
- BODDAM-WHETHAM (J. W.) — *Roraima and British Guiana*. London, 1879.
- BRASIL (Themistocles Paes de Souza) — *Aspectos da Região do Rio Negro*. Separata. Rio, 1939.
- BRUCE (G. J.) — *Brazil and the Brazilians*. London, s/d.
- BUSCALLIONI (Luigi) — *Una Escursione Botanica nell'Amazônia*. Roma, 1901.
- CAMPOS (Hermenegildo Lopes de) — *Climatologia Médica do Estado do Amazonas*. Manaus, 1910.

- CLEMENTI (Mrs. Cecil) — *Through British Guiana to the Summit of Roraima*. London, 1920.
- COSTANTIN (J.) — *La Nature Tropicale*. Paris, 1917.
- CRAMPTON (Henry Edward) — *Kaïeteur and Roraima*. ("The National Geographical Magazine", Vol. XXXVIII, 1920).
- CRULS (Gastão) — *A Amazônia que Eu Vi*. Rio, 1930.
- CRULS (Luiz) — *Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil*. Rio, 1894.
- CUNHA (Euclides da) — *À Margem da História*. Pôrto, 1909.
- DEFFONTAINES (Pierre) — *Geografia do Brasil* ("Revista Brasileira de Geografia", Rio de Janeiro, Ano I, Ns. 1-2, Janeiro-Abril, 1939).
- DUCKE (Adolpho) — *A Amazônia Brasileira*. ("Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica". Vol. I, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1938).
- DUCKE (Adolpho) — *A Flora do Curicuriari - Afluente do Rio Negro*. ("Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica". Vol. III. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1938).
- DUCKE (Adolpho) — *Aguídría, Novo Gênero de Bombacáceas*. ("Anais da Academia Brasileira de Ciências". Tomo VII, N.º 4, Rio de Janeiro, 1935).
- DUCKE (Adolpho) — *Apontamentos sobre a Cultura de Árvores Florestais Amazônicas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. (Separata do "Boletim do Ministério de Agricultura", Rio de Janeiro, 1939).
- DUCKE (Adolpho) — *As Leguminosas da Amazônia Brasileira*. Ministério da Agricultura, Rio, 1939.
- DUCKE (Adolpho) — *Colheita de Material Botânico na Região Amazônica*. ("Relatório dos Trabalhos realizados em 1935-37 no Ministério da Agricultura". Rio, 1938).
- DUCKE (Adolpho) — *Explorações Científicas no Estado do Pará*. ("Boletim do Museu Goeldi". Tomo VII. Belém, 1910).
- DUCKE (Adolpho) — *Lauráceas Aromáticas da Amazônia Brasileira*. ("Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica". Vol. III. Ministério da Agricultura. Rio, 1938).
- DUCKE (Adolpho) — *Plantes Nouvelles ou peu Connues de la Région Amazonienne*. ("Arquivos do Instituto de Biologia Vegetal". Vol. IV, N.º 1. Rio de Janeiro, junho de 1938).
- DUCKE (Adolpho) — *Plantes Nouvelles ou peu Connues de la Région Amazonienne*. ("Arquivo do Jardim Botânico, Vol. III. Rio de Janeiro, 1922).
- DUCKE (Adolpho) — *Relatórios das Comissões desempenhadas pelo Chefe da Seção de Botânica*. ("Rodriguésia", Ano I, N.º 1. Rio de Janeiro, 1935).
- DUCKE (Adolpho) — *Voyage au Mapuera*. ("La Geographie". Paris, 1909).
- EDWARDS (William H.) — *A Voyage up the River Amazon*. New York, 1847.
- EHRENREICH (Paulo) — *Viagem do Paraguai ao Amazonas*. Trad. de Alexandre Hummel. (Separata do Tomo XVI da "Revista do Museu Paulista", São Paulo, 1929).
- FOUNTAIN (Paul) — *The River Amazon from its Sources to the Sea*. London, 1914.
- GATES (R. Ruggles) — *A Botanist in the Amazon Valley*. London, 1927.
- GILL (Richard C.) — *White Water and Black Magic*. New York, 1940.
- GUENTHER (Konrad) — *A Naturalist in Brazil*. London, 1931.
- HANCOCK (John) — *Observations on the Climate, Soil, and Productions of British Guiana*. London, 1840.
- HANSON (Earl Parker) — *Journey to Manaus*. New York, 1938.
- HARTT (Ch. Fred.) — *Contributions to the Geology and Physical Geography of the Lower Amazon*. ("Bulletin of the Buffalo Society of Natural Science", I, N. 4, Jan., 1874).

- HINGSTON (R. W. G.) — *A Naturalist in the Guiana Forest*. London, 1932.
- HOEHNE (F. C.) — *A Flora do Brasil* ("Recenseamento do Brasil". Introdução. Vol. I, Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1922).
- HOEHNE (F. C.) — *As Plantas Ornamentais da Flora Brasileira*. Tomos 1-11. (Coleção de Separatas do "Boletim da Agricultura", São Paulo, 1930 e 1936).
- HOLDRIDGE (Desmond) — *Pindorama*. New York, 1933.
- HUBER (J.) — *Apointamentos sobre o Caucho Amazônico*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo III, Fasc. 1-4. Pará, 1900-1902).
- HUBER (J.) — *Árvores de Borracha e de Balata da Região Amazônica*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo IV. Fasc. 1-4. Pará, 1904-1906).
- HUBER (J.) — *Contribuição à Geografia Botânica do Litoral da Guiana entre o Amazonas e o Rio Oiapoque*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo I. Fasc. 1-4. Pará, 1896).
- HUBER (J.) — *Contribuição à Geografia Física dos Furos de Breves e da Parte Ocidental de Marajó*. ("Boletim do Museu Paraense", Tomo III. Fasc. 1-4, Pará, 1900-1902).
- HUBER (J.) — *Matas e Madeiras Amazônicas*. ("Boletim do Museu Goeldi — Museu Paraense". Tomo VI. Pará, 1909).
- HUBER (J.) — *Materiais para a Flora Amazônica*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo II. Fasc. 1-4, 1897-1898 e Tomo V, Fasc. 1-4. Pará, 1907-1908).
- HUBER (J.) — *Notas sobre a Pátria e Distribuição Geográfica das Árvores Frutíferas do Pará*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo IV. Fasc. 1-4. Pará, 1904-1906).
- HUBER (J.) — *Novas Contribuições para o Conhecimento do Gênero Hevea*. ("Boletim do Museu Goeldi". Tomo VII. Pará, 1910).
- HUBER (J.) — *Observações sobre as Árvores de Borracha da Região Amazônica*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo III. Fasc. 1-4. Pará, 1900-1902).
- HUBER (J.) — *Sobre as Ilhas Flutuantes do Amazonas*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo IV. Fasc. 1-4. Pará, 1904-1906).
- HUBER (J.) — *Sobre uma Coleção de Plantas da Região do Cupati*. (Rio Juruá-Caquetá). ("Boletim do Museu Goeldi". Tomo VII. Pará, 1910).
- HUMBOLDT (Alexandre de) — *Voyage aux Régions Equinoxiales du Nouveau Continent*. Paris, 1816.
- IHERING (H. von) — *A Distribuição de Campos e Matas no Brasil*. ("Revista do Museu Paulista". Vol. 1-4. VII. São Paulo, 1907).
- IM THURN (Everard) — *Among the Indians of Guiana*. London, 1883.
- IM THURN (Everard) — *Notes of the Plants observed during the Roraima Expedition of 1884*. (Separata existente no Museu Nacional do Rio de Janeiro, sem indicação de origem).
- IM THURN (Everard) — *Roraima* ("Timehri", The Journal of the Royal Agriculture and Commercial Society of British Guiana. Vol. IV. Part II. December, 1885).
- KELLER (Franz) — *The Amazon and Madeira Rivers*. London, 1874.
- KIDDER AND FLETCHNER — *Brazil and Brazilians*. Philadelphia-London, 1857.
- LE COINTE (Paul) — *A Amazônia Brasileira. Árvores e Plantas Úteis*. Belém, Pará, 1934.
- LE COINTE (Paul) — *Apointamentos sobre as Sementes Oleaginosas, os Bálsamos e as Resinas da Floresta Amazônica*. Belém, Pará, 1927.
- LE COINTE (Paul) — *L'Amazonie Brésilienne*. 2 vols. Paris, 1922.
- MARAJÓ (Barão de) — *As Regiões Amazônicas*. Lisboa, 1896.
- MATTA (Alfredo Augusto da) — *Vocabulário Amazonense*. Manaus, Amazonas, MCMXXXIX.
- Medical Report of the HAMILTON RICE Seventh Expedition to the Amazon* ("Harvard Institute for Tropical Biology and Medicine". Cambridge. Harvard University Press. 1926).

- MIRANDA (Vicente Chermont de) — *Os Campos de Marajó e a sua Flora*. (“Boletim do Museu Paraense”. Tomo V. Pará, 1907-1908).
- NASH (Roy) — *A Conquista do Brasil*. Trad. de Moacyr N. Vasconcellos. São Paulo, 1939.
- OLIVEIRA (Avelino Ignacio de) — *Através da Guiana Brasileira pelo Rio Erepecurú*. (Estado do Pará). (“Boletim n.º 37”. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1928).
- OLIVEIRA (Avelino Ignacio de) — *Bacia do Rio Branco* (Estado do Amazonas). (“Boletim n.º 37”. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1929).
- OLIVEIRA (Euzébio Paulo de) — *Geologia, Fisiografia e Solos* (Vale do Amazonas). (Separata da Parte II do “Relatório da Comissão Brasileira junto à Missão Oficial Norte-Americana de Estudo do Vale do Amazonas”. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro).
- OLIVEIRA (Euzébio Paulo de) — *O que realizou o Serviço Geológico na Amazônia*. (“Ciência e Educação”. Ano I. N.º 7. Rio, Agosto, 1920).
- ORTON (James) — *The Andes and the Amazon*. New York, 1870.
- OSCOLATI (Gaetano) — *Esplorazione delle Regioni Equatoriali lungo il Napo ed il Fiume delle Amazzoni*. Milano, 1854.
- OURIQUE (Jacques) — *O Vale do Rio Branco. Estado do Amazonas*. Rio, 1926.
- PAIVA (Glycon de) — *Vale do Rio Negro* (Fisiografia e Geologia). (“Boletim n.º 40”. Ministério da Agricultura. Rio, 1929).
- PARDAL (Ramon) — *Medicina Aborigin Americana*. Buenos Aires, s/d.
- PENNA (Ferreira) — *A Ilha de Marajó*. Relatório. Pará, 1875.
- PENNA (Ferreira) — *A Região Ocidental da Província do Pará*, 1869.
- PINHEIRO (Enéas Calandrini) — *As Florestas e as Essências do Estado do Pará*. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1930.
- PÔRTO (P. Campos) — *Plantas Indígenas e Exóticas provenientes da Amazônia, cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. (“Rodriguésia”. Ano II. N.º 5. Rio de Janeiro, 1936).
- PULLE (Prof. A. A.) — *Explorações Botânicas de Surinam*. (“Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica”. 1.º Vol., Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1938).
- RANGEL (Alberto) — *Sombras N'Água*. Leipzig, 1913.
- RICE (Hamilton) — *The Rio Branco, Urariquera and Parima*. (Reprinted from “The Geographical Journal” for Feb., March and April, 1928).
- RODWAY (James) — *In the Guiana Forest*. London, 1894.
- RODWAY (James) — *On Some of the Domestic Medicines used in Guiana*. (“Timehri”, The Journal of the Royal Agricultural and Commercial Society of British Guiana. Vol. IV, Part II. December, 1885).
- SALLES (João) — *Os Campos Gerais da Guiana Brasileira* (Série de artigos publicados na “Província do Pará”, de Belém, em Maio, Junho e Julho de 1923).
- SAMPAIO (A. J. de) — *A Flora Brasileira sob o ponto de vista Fitogeográfico*. (“Anais da Academia Brasileira de Ciências”. Tomo I. N.º 3. Rio de Janeiro, 1920).
- SAMPAIO (A. J. de) — *A Flora do Rio Cuminá. Resultados Botânicos da Expedição Rondon à Serra Tumuc-Humac em 1928*. (“Arquivos do Museu Nacional”. Vol. XXXV. Rio de Janeiro, 1933).
- SAMPAIO (A. J. de) — *Fitogeografia do Brasil*. São Paulo, 1934.
- SAMPAIO (A. J. de) — *Os Campos Gerais do Cuminá e a Fitogeografia do Brasil*. (“Boletim do Museu Nacional”. Vol. V. N.º 2. Rio de Janeiro, 1929).
- SAMPAIO (Francisco Xavier Ribeiro de) — *Diário da Viagem à Capitania do Rio Negro*. Lisboa, 1825.

- SAMPAIO (Francisco Xavier Ribeiro de) — *Relação Geográfica-Histórica do Rio Branco, da América Portuguesa*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomo XIII. Rio de Janeiro).
- SCHIMPER (A. F. W.) — *Pflanzengeographie auf Physiologischer Grunlage*. Dritte neubearbeitete und wesentliche erweiterte Auflage. Herausgegeben von Dr. F. C. von Faber. Jena, 1935.
- SCHOMBURGK (Richard) — *Travels in British Guiana*. Translated by Walter E. Roth. Georgetown, 1922. 2 vols.
- SCHOMBURGK (Robert H.) — *A Description of British Guiana, Geographical and Statistical*. London, 1840.
- SCHURZ (W. L.) — *The Amazon, Father of Waters*. ("The National Geographical Magazine". Vol. XLIX. N.º 4. April, 1926).
- Scientific Results of the Oxford University Expedition to British Guiana*. "British Guiana Papers". London, 1938.
- SMITH (Herbert H.) — *Brazil. The Amazons and the Coast*. London, s/d.
- SOUZA (André Fernandes de) — *Notícias Geográficas da Capitania do Rio Negro no Grande Rio Amazonas*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomo X. Rio de Janeiro).
- SPIX (J. B. von) e MARTIUS (C. F. P. von) — *Viagem pelo Brasil*. Trad. brasileira promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 4 vols. Rio de Janeiro, 1938.
- SPRUCE (Richard) — *Notes of a Botanist on the Amazon and Andes*. London, 1908. 2 vols.
- STEVENS (Albert W.) — *Exploring the Valley of the Amazon in a Hydroplane*. ("The National Geographic Magazine". Vol. XLIX. N.º 9. April, 1926).
- TATE (G. H. H.) — *Through Brazil to the Summit of Mount Roraima*. ("The National Geographic Magazine". Vol. LVIII. N.º 5. November, 1930).
- WALLACE (Alfred Russel) — *Palm Trees of the Amazon*. London, 1853.
- WALLACE (Alfred Russel) — *Travels on the Amazon and Rio Negro*. London, 1895.

VITÓRIA-RÉGIA

Chega-se a duvidar que planta de tamanho esplendor e que por tantos aspectos se singulariza no reino vegetal, esperasse mais de três séculos, após a descoberta do Novo Mundo, para que se tornasse conhecida. É verdade que só a partir do século XIX começa o território da América do Sul a ser mais intensamente percorrido por cientistas de renome, e, então, em diversos pontos e com diferença de poucos anos, botânicos de várias procedências quedam estarecidos diante de tão magnífico prodígio da flora tropical.

Assim acontece com Bonpland, em 1819, perto da cidade de Corrientes e não muito longe da confluência do Paraná e do Paraguai. Depois é D'Orbigny, ainda um

francês, que, em 1828, a assinala em local próximo. Segue-se o alemão Poeppig, já agora em território brasileiro, quase à foz do Tefé, quando, vindo do Peru, descia pelo Amazonas, em 1832. Cinco anos mais tarde, Roberto Schomburgk defronta-a no rio Berbice e dá-se por bem pago de quanto sofrera até ali, ao devassar o interior da Guiana Inglesa. Todavia, a glória dessa descoberta, disputada por tantos, caberia de direito, segundo relata o próprio D'Orbigny, divulgando o que lhe fôra contado por um missionário espanhol, testemunha presencial da cena, ao naturalista Haenke, que, em 1801, no Mamoré, caíra de joelhos no fundo da canoinha em que ambos viajavam, para agradecer à Divina Providência a criação maravilhosa que os seus olhos viam: a *Vitória-régia*.

Havia motivo para isto. Tudo naquela planta era extraordinário.

Fôlhas enormes, com quase dois metros de diâmetro, chatas, redondas, mas de bordas erectas, boiavam sobre a água como grandes bandejas de esmalte verde. Se voltadas de bôrco, essas mesmas fôlhas, de um vermelho acobreado e polido, com a cordoalha das nervuras à mostra, tinham qualquer coisa de peças metálicas inteiriças, recém-saídas de uma fornalha. Flôres tronchudas, que mais se diriam rosas imensas, com pétalas de sete polegadas, brancas ao nascer, róseas depois, mais tarde já carminadas, e trescalando um perfume intenso, mistura de muitos cheiros: melão, abacaxi, anona . . . Sobre as fôlhas passeavam elegantes piaçocas. Besouros adoidados revolteavam sobre as flôres. Os botões não causavam menor espanto. Eram desconumais, duros, piriformes, com espinhos por tôda parte.

Mas tudo isto havia de ser contado pelos outros. Haenke morreu pouco depois, tragado por um daquêles mesmos rios em que as lindas flôres se expandiam, e estas, ainda por alguns anos, continuaram a viver ignoradas, no silêncio das suas lagoas.

Nem mesmo um nome lhe haviam dado. Contentavam-se com alguns apelidos. *Irupé* chamavam-na os guaranis do Prata. *Uapé-açu*, *uapé-iapuna*, *iapuna-caá*, os tupis da Amazônia. O cabôclo que, quando muito, traduz

o que os aborígenes lhe ensinam, falava, então, em *forno-de-jaçanã*, *forno-de-jacaré* e *forno-d'água*. Na verdade, para alguns os seus botões florais têm o aspecto de um forno e para outros as suas fôlhas não deixam de recordar as grandes painelas de barro em que as índias fazem os seus beijos.

Mas não tardou que lhe chovessem os nomes pomposos. E assim ela foi sucessivamente a *Euryale amazonica* de Poeppig, a *Nymphaea victoria* de Schomburgk, a *Victoria Cruziana* de D'Orbigny, até que Lindley, em 1837, criando-lhe um gênero à parte, e dedicando-a à rainha da Inglaterra, a crismasse definitivamente de *Victoria-regia*.

Diga-se, porém, que é quase certo não haver uma única espécie dessa Ninfeácea. D'Orbigny, que a viu não só no rio Paraná, mas também no Mamoré, achou diferentes as duas plantas. A primeira teria as fôlhas mais rasas, de bordas mais arredondadas, sem nada das margens direitas e altas da segunda. Se assim é, o general Cruz, da Argentina ou do Paraguai, a quem o naturalista quis homenagear com a sua *Victoria Cruziana*, continuaria a ombrear, ao menos no terreno da botânica, com a soberana inglêsa. Mas Martius vai mais longe e aponta uma terceira espécie: a *Victoria amazonica*, de Planchon. Esta, por sua vez, teria menos acúleos do que aquela descrita por Lindley. O assunto, entretanto, ainda não está de todo esclarecido, sobretudo porque a Vitória não é planta de herbário cujo material possa ser conservado com facilidade e calmamente estudado entre as quatro paredes de um laboratório.

839/

Todavia, tal foi o interêsse despertado no mundo científico pelo conhecimento de tão extraordinária planta que, já em 1846, graças aos esforços de Bridges, sementes foram levadas para a Inglaterra, e, entre cuidados extremos e dispendiosos, não tardou muito que os inglêses formassem fila para ver, nas amplas estufas de um hórto em Chastsworth, as lindas flôres que acabavam de se abrir. Poucos anos depois, nos Estados Unidos, os visitantes de um parque nas proximidades de Filadélfia se embeveciam diante do mesmo quadro.

Foi devido a êsses exemplares que a planta pôde ser melhor conhecida. Paxton verificou, então, que as suas

fôlhas, quando em pleno desenvolvimento, do amanhecer ao pôr do sol, aumentam oito polegadas de diâmetro ou seja mais de meia polegada por hora. Um crescimento quase a olhos vistos. Certificou-se também de que as jaçanãs e outras aves paludícolas que, no seu *habitat* natural, lhe passeiam sôbre as fôlhas, são um verdadeiro "pêso pluma" diante das extraordinárias provas de resistência a que foi submetida em Londres.

Desde que o pêso fôsse bem distribuido, o limbo de uma grande fôlha suportava, sem qualquer dano, um homem de estatura mediana.

Outra peculiaridade curiosa da Vitória-régia é o aproveitamento das suas sementes pelos indígenas, que delas extraem uma farinha branca e saborosa. Essas sementes, escuras, arredondadas, lembrando grandes ervilhas, estão contidas numa cápsula esférica, que é do tamanho da cabeça de uma criança. Da fécula alimentar é que há-de ter vindo o nome de *mais del agua* que à planta dão os espanhóis, traduzindo o *abati-uaupé* dos aborígenes. Conta D'Orbigny que as senhoras de Corrientes não queriam outro ingrediente para o preparo dos seus bolos mais finos. Hoehne fala também no aproveitamento alimentar das suas batatas ou carás.

A Vitória-régia é planta anual. À medida que secam os alagadiços, ela também deperece; mas as suas sementes, imersas no fundo lamacento, entram logo a germinar, tão depressa voltam as águas.

Refira-se aqui que se hoje podemos ter ao alcance dos olhos, durante os meses de verão, quer no hórto do Museu Nacional, quer no Jardim Botânico, belos exemplares da nossa Ninfeácea, isso se deve à iniciativa de Hoehne.

Foi o ilustre botânico patricio que, em 1910, trouxe de Mato Grosso algumas das suas sementes, logrando, assim, o que, anteriormente, já fôra tentado, mas com pouco êxito, por Barbosa Rodrigues.

Essa "Rainha das Aquáticas" foi assinalada nas bacias do Prata (*Victoria Cruziana?*) e do Amazonas (*Victoria regia?*), mas não parece encontradiça nos tributários do

Pacífico, talvez rios de maior correnteza e menos propícios à formação das lagoas e remansos em que tanto se apraz a planta.

PRANCHA I — A nossa prancha I representa: em cima, um aspecto da Ninfeácea, tal como se apresenta no seu *habitat* natural; em baixo, uma flôr e um botão.

A primeira chega a alcançar trinta centímetros de diâmetro, e o segundo pode ter quinze centímetros da base do cálice ao extremo das sépalas.

BIBLIOGRAFIA

- ALLEN (John Fisk) — *Victoria Regia, or the Great Water Lily of America*. Boston, 1854.
- BODDAM-WHETHAM (J. W.) — *Roraima and British Guiana*. London, 1879.
- CAMINHOÁ (Joaquim Monteiro) — *Elementos de Botânica*. Rio de Janeiro, 1877.
- CHODAT (Robert) — *La Biologie des Plantes*. I — *Les Plantes Aquatiques*. Paris, s/d.
- D'ORBIGNY (Alcide) — *Voyage dans l'Amérique Méridionale*. Paris, 1835.
- HOEHNE (F. C.) — *As Plantas Ornamentais da Flora Brasileira*. Tomo I. São Paulo, 1930.
- HOOKE (Sir W. J.) — *Description of Victoria Regia or Great Lily of South America*. London, 1847.
- KIDDER AND FLETCHNER — *Brazil and Brazilians*. London, 1857.
- SCHOMBURGK (Robert K.) — *A Description of British Guiana, Geographical and Statistical*. London, 1840.

UAPÉ-DAS-CACHOEIRAS

Poucos aspectos nos impressionaram tanto ao subir o rio Cuminá, em 1928, como aquêlê observado em algumas das suas cachoeiras, quando o sol incidia obliquamente sôbre pedras cobertas de espêsso lençol de Podostemonáceas. Irisavam-se, então, as águas, numa policromia ofuscante, espumejando sôbre verdadeiros jogos de luz em que se mesclavam tons verdes, amarelos, pardos, vermelhos e alaranjados. E tudo isso devido às curiosas plantas, de minúsculas flôres róseo-arroxeadas e que pelas fôlhas transparentes e gelatinosas, mas do mais diverso colorido, não deixam de lembrar certas algas oceânicas. Todavia, mesmo à sombra, não é menos belo o quadro.

que se tem à vista, e o botânico Weddell, ao descrevê-lo, excusa-se pelo emprêgo de uma imagem poética e diz que “o rio parecia rolar sôbre um tapête de rosas”. Mas êsses são espetáculos que só ocorrem durante os meses de estiagem, quando escasseiam as águas e o pedregal já está quase à mostra. Para tais pontos acodem então os pacus, e é aí que os índios os vêm flechar. Na opinião de alguns, o peixe teria nessas Podostemonáceas o seu alimento preferido, tanto assim que os prêtos do Maroni chamam à planta *cumaru nianiã* (comida de cumaru), uma vez que por cumaru é conhecido na Guiana Francêsa o nosso delicioso Caracínideo. Outros querem que o pacu procure apenas as pedras para, de nadadeiras apoiadas à vegetação que as reveste, resistir ao ímpeto das águas, numa arrojada trajetória ao arrepio da corrente.

Ricas de concreções silicosas, essas Podostemonáceas, se apetezem mesmo aos pacus, o que é ainda duvidoso, nada teriam de agradável ao paladar humano. Contudo, parece que os índios delas se aproveitam, conseguindo, após incineração dêsse *caruru*, *cuaruru* ou *caruré*, como à aludida planta designam vulgarmente na Amazônia, um pó de sabor amargo, que lhes supre de algum modo a falta do nosso sal.

Mas não é a essas Podostemonáceas, entre as quais devem preponderar as do gênero *Lacis*, a que nos queremos particularmente referir. Outra, e ainda mais bela, desperta a atenção dos viajantes que se aventuram pelo alto dos rios. Trata-se da *Mourera fluiatilis*, *uapê* ou *mururé-das-cachoeiras* dos nossos cabôclos, cujas hastes florais irrompem misteriosamente das águas, como lindas plumas de um róseo cetinoso. Misteriosamente, porque, do resto da planta, inteiramente submersa, nada mais se vê, muito embora as suas fôlhas, grossas, carnosas, de bordas crespas e recortadas, sejam enormes, chegando a alcançar até um metro de comprimento. Pelo capricho do seu contôrno, já houve quem as comparasse às fôlhas do acanto, mas nós que as tivemos entre as mãos, numa imagem, talvez prosaica, embora mais ao nosso alcance, preferimos aproximá-las, sobretudo pelo seu intenso colorido verde, das fôlhas de qualquer alface ou chicória, de gigantescas

proporções. Será sem dúvida devido a êsse tão vultoso porte, que a *Mourera fluviatilis*, ao contrário das suas irmãs que temem o embate das cachoeiras, gosta de viver nos remansos de águas traçoicamente mortas e represadas, que antecedem as grandes pancadas e corredeiras. Planta que nem mesmo na Amazônia deixa de ser rara, para a confecção da estampa II, que a representa, o artista precisou aproveitar-se de uma cromolitogravura inserta em trabalho de J. Huber e de um desenho da obra clássica de Aublet, que aliás foi quem primeiro a descreveu.

PRANCHA II — Em cima, pendões florais da *Mourera fluviatilis*, surdindo à flor das águas; em baixo, um detalhe da mesma planta, em que se vêem as suas grandes folhas, sempre submersas.

BIBLIOGRAFIA

- AUBLET (Fusée) — *Histoire des Plantes de la Guiane Française*. Paris, 1775.
 BROWN (C. Barrington) — *Canoe and Camp Life in British Guiana*. London, 1877.
 CHODAT (Robert) — *La Biologie des Plantes*. 1 — *Les Plantes Aquatiques*. Paris, s/d.
 CREVAUX (J.) — *Voyages dans l'Amérique du Sud*. Paris, 1883.
 CRULS (Gastão) — *A Amazônia que Eu Vi*. Rio de Janeiro, 1930.
 HUBER (J.) — *Contribuição à Geografia Botânica do Litoral da Guiana entre o Amazonas e o Oiapoque*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo I. Pará, 1894-1896.
 IM THURN (Everard F.) — *Notes of the Plantes observed during the Roraima Expedition of 1884*. (Separata sem indicação de origem. Existe na Biblioteca do Museu Nacional).
 SAMPAIO (A. J. de) — *A Flora do Rio Cuminá*. ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. XXXV. Rio, 1933).
 SNETHLAGE (Dra. Emilia) — *A travessia entre o Xingu e o Tapajós*. ("Boletim do Museu Goeldi". Tomo VII. Pará, 1910).

GUARANÁ

Data dos meados do século XVIII o melhor conhecimento e a mais rápida divulgação entre os povoadores da Hiléia de certa bebida, peculiar a algumas tribos do baixo Amazonas (Maués, Mundurucus, Apiacás, Araras), que além de possuir sabor agradável e evidente ação estimulante, ainda se recomendava pelas muitas virtudes terapêuticas que lhe eram atribuídas.

O produto, com o qual se preparava essa bebida, e que passou a ter procura no mercado, chamava-se *uaraná* ou *guaraná* e apresentava-se sob a forma de rolos cilíndricos, de tamanho e espessura variáveis, côr escura, pardo-violácea, quase preta, na sua superfície de revestimento, e vermelho pálido, terroso, no interior. A massa que os compunha, compacta, extremamente dura, era feita exclusivamente com as sementes de uma planta, também conhecida por *guaraná*, após diversas manipulações, a que mais abaixo nos referiremos.

Há divergências quanto ao significado da palavra *guaraná*. Segundo Barbosa Rodrigues, ela quereria dizer *bebida dos parentes*. Roquette-Pinto pensa que se trata de termo composto de *guabirá*, Mirtácea do gênero *Eugenia*, e *rana*, que significa *igual, semelhante*. Bernegg acha que a sílaba *gua*, iniciadora de muitas palavras, exprime, entre outras coisas, *pau, tronco, madeira*. Assim, associada à palavra *rana*, teríamos: *igual ao tronco, parecido com o pau*.

Se são muitas as manipulações sofridas pelo produto até que esteja em condições de ser dado ao consumo, nada mais simples que preparar a bebida, a que logo muita gente se habituou, passando a adotá-la como sucedâneo do café ou do mate, usado em outras regiões do Brasil.

Na verdade, se êstes últimos exigem a infusão em água fervente, o *guaraná*, pequena quantidade de pó, (uma colher das de chá) raspado no momento em que vai ser ingerido, de um daquêles cilindros a que já aludimos, contenta-se de ser misturado e pôsto em suspensão num copinho de água (50cm³) fresca e açucarada.

Para a obtenção de um pó bem tênue, generalizou-se o uso de aproveitar, à maneira de grossa ou lima, e com a vantagem de não ser atacada, como estas, pelo tanino contido no produto, o osso lingual do peixe pirarucu, cuja face superior, extremamente rugosa, faz as vêzes de magnífico ralador. Também para fugir à combinação do tanino com o ferro das ligas metálicas, todo bom bebedor de *guaraná* não se separa da sua colher de prata pura.

Silva Coutinho, que esteve entre os Maués em meado do século passado, diz que os índios designavam a bebida

com uma expressão que significava *água branca*, talvez porque a água, adicionada de guaraná, se torna turva, ligeiramente leitosa; e usavam como ralador, para a obtenção do pó, de uma pedra (conglomerato), com a superfície incrustada de fragmentos de quartzo. Nunes Pereira, que há poucos anos visitou a mesma tribo, na região do alto Andirá, informa que ali a bebida é conhecida por *sapó* e que os selvagens ainda hoje aparam os bastões de encontro a uma pedra de grão muito fino.

Por muito tempo o guaraná foi do fabrico exclusivo dos índios e índios de uma zona bastante restrita, pois que o guaranázeiro é planta muito caprichosa, pedindo solo seco e arenoso e em toda a Hiléia brasileira só lhe tem sido apontada até agora uma única pátria, a região ocidental do Tapajós, até a bacia do Madeira, região a que Ayres do Casal chamou Mundurucânia, pois que ali, outrora, dominou a poderosa nação Mundurucu.

Logo ao alvorecer do século passado, Humboldt e Bonpland assinalaram um outro *habitat* da mesma planta, também bastante limitado, mas já agora em território venezuelano, na bacia do Orinoco, em zona confinante com o nosso alto rio Negro, por onde também se disseminava, mas escassamente, o guaranázeiro. Aliás, deve-se a esses dois cientistas a primeira descrição do vegetal, classificado na família das Sapindáceas, e a que deram o nome de *Paullinia cupana*, aproveitando para a formação desse nome a palavra *cupana*, pela qual o cipó e o seu produto eram conhecidos na Venezuela.

Uns vinte anos mais tarde, Martius, durante a sua viagem pelo Amazonas, também teve ensejo de dedicar atenção ao guaranázeiro, e ignorando a descoberta daqueles sábios, crismou-o de *Paullinia sorbilis*. Esclarecido porém, da prioridade de tais estudos, Martius não teve dúvida em voltar atrás e assim a planta aparece na sua FLORA com o nome de *Paullinia cupana*, sob o qual se generalizou depois o seu conhecimento.

À falta de um confronto entre o material botânico das duas proveniências, por aquela época, e, aliás, até bem pouco, sempre se supôs que fôsem perfeitamente idênticas as plantas dos territórios brasileiro e venezue-

lano. Recentemente, porém, estudos de Adolpho Ducke vieram demonstrar que os guaranazeiros das bacias do Amazonas e do Orinoco devem ser separados em duas variedades ou sub-espécies bem definidas. Assim, no vale do Orinoco teremos a *Paullinia cupana* H. B. K., var. *typica*, e na bacia do Amazonas, a *Paullinia cupana* var. *sorbilis* (Mart.) Ducke, nov. var.

A *Paullinia cupana typica* distingue-se da sua irmã pelos seguintes caracteres: quando jovem, os seus folíolos são mais lobados; possui flôres e frutos maiores; êstes últimos, que chegam a ter o dôbro e o triplo do tamanho da variedade amazônica, são pronunciadamente piriformes, e de um vermelho escuro e menos brilhante. Acresce que a planta é destituída de gavinhas, sempre presentes na *Paullinia sorbilis*.

O guaranazeiro é um arbusto sarmentoso, cujas ramas, de fôlhas grandes, ásperas e recortadas, grimpam pelos troncos próximos, chegando, por vêzes, a alturas de dez metros. Mas destarte, quando em plena liberdade e vivendo como trepadeira, frutifica muito menos. Daí o motivo por que sempre se prefere plantá-lo em terreno limpo e onde, quando muito, tenha apóio em estacas ou giraus.

Na época da frutificação, carregado dos seus cachos vermelhos, o guaranazeiro é bastante ornamental. Não fôsse a sua deiscência, que aliás lhe aumenta a beleza, pois que então se pode ver, entre os septos rubros, a polpa branca e polida, com uma grande pinta negra ao centro, que envolve a semente, — e o fruto da *Paullinia sorbilis*, pelo formato e tamanho, lembraria uma das nossas tão conhecidas pitangas.

As sementes, comparáveis a pequenas avelãs, são revestidas de abundante arilo encarnado, fâcilmente destacável, e do qual, após secagem, os índios extraem rica matéria corante, amarelo-avermelhada, de que se servem para tingir os dentes.

Em cada fruto há duas ou três lojas, cada uma com duas ou três sementes, mas quase sempre apenas uma delas chega a pleno desenvolvimento.

O guaranázeiro, cujas flôres são brancas, pequenas, sem beleza e sem perfume, começa a produzir entre os dois e três anos, embora só alcance o seu apogeu após os cinco anos de idade. Uma planta pode durar de trinta a quarenta anos e fornecer, em cada safra, de acôrdo com sua pujança, até três quilos e mais de sementes, mas isso é produção excepcional. Em média, deve-se contar com a colheita de um quilo por pé.

Já se verificou que a *Paullinia* tem desenvolvimento muito mais rápido quando multiplicada por estacas ou pelo aproveitamento dos *filhos* ou rebentos que nascem junto das plantas adultas. Por isso, não ser quase usada a prática das sementeiras. A floração processa-se de julho a setembro e a apanha dos frutos, de preferência feita antes do pleno sazonalamento, se realiza entre os meses de outubro e dezembro. Há vantagem na poda anual do guaranázeiro e deve-se manter o espaço de cinco metros em quadro nas plantações.

Além das duas sub-espécies já referidas e que estão hoje melhor estudadas, parece haver outras variedades afins, mas que dão produtos de qualidade inferior, como o *guaraná-rana* ou falso-guaraná, de frutos miudos e muito amargos, revestidos de pêlos. Menciona-se também o *Yocco*, da Colômbia, ou *Paullinia scarlatina* dos botânicos.

Todavia, mesmo entre as plantas que medram espontaneamente e são hoje cultivadas no baixo-Amazonas, há quem diferencie certos tipos entre a *Paullinia sorbilis*, de acôrdo com o feitio e tamanho dos seus frutos, como o *guaraná-pera*, o *guaraná-bôto* (grande) e o *guaraná* (pequeno).

E agora, que já conhecemos a planta, voltemos a falar do seu afamado produto, ou melhor das várias manipulações até que se consiga o chamado *pão* de guaraná.

Colhidos e descascados os frutos, despojam-se as sementes da polpa branca que as envolve, de sabor doce e que pode ser comida. Esta operação, a que denominam *tirar a remela* do guaraná, faz-se geralmente com o auxílio d'água, dentro de cochos de madeira, e é tarefa quase sempre confiada às mulheres. Ainda que um pouco suja,

parece-nos feliz aquela expressão, porque a semente, quando revestida do seu induto branco com a tal pinta negra ao centro, não deixa de lembrar um ôlho, e esta semelhança serviu mesmo de principal motivo à bela lenda, colhida entre os Maués, por Silva Coutinho, a respeito da origem do guaraná.

Mas voltemos ao fabrico da pasta.

Limpas as sementes, são levadas a um forno de barro, onde sofrem a torração a fogo lento, durante umas seis horas, até que estejam a ponto de serem facilmente desprovidas, por qualquer processo (um dos mais rudimentares é o do batimento dentro de sacos ou esteiras), da película fina que as reveste e que não entrará na composição da massa. Só então as sementes se acham prontas para serem socadas e reduzidas a pó mais ou menos fino, o que se consegue usando grandes pilões de madeira. Depois, pela adição de uma certa quantidade de água, uma quarta parte, que por vêzes já vai sendo reunida durante a própria pilação, obtém-se uma pasta elástica e consistente, com a qual serão feitos os pães.

Estes, cujo tamanho é bastante variável e podem pesar de cem a trezentas gramas, depois de modelados pelo *padeiro*, passam a uma estufa (os índios usam palhoças feitas com talas de paxiuba) com compartimentos sucessivos, onde sofrem lento processo de secagem e defumação pelo espaço de vinte a trinta dias. A operação pode-se realizar também ao sol, independente dos fumeiros. Conhece-se que o pão está bem cozido quando se mostra corado, quando adquire uma coloração escura, achocolatada. Esta deve ser apenas externa e o pão é tanto melhor quanto mais claro no seu interior.

Há certa importância na escolha da madeira a ser queimada durante o tempo em que os pães permanecem nos fumeiros e, para isso, segundo Paulo Carneiro, os índios gostam muito das essências resinosas e aromáticas, como o pau do muruxi.

O guaraná puro, conforme o preparam os silvícolas, deve ser exclusivamente feito com as sementes da planta. Não raro, porém, lhes acrescentam outros ingredientes, como farinha de mandioca (para lhe quebrar um pouco

o amargor natural), sementes de cacau e casca de quina, esta última visando reforçar o poder antifebril, que lhe emprestam.

Mas isso são artificios de que lança mão o civilizado. Daí a alta cotação que ainda hoje desfruta o guaraná preparado pelos índios Maués, que, embora de aspecto mais grosseiro, mal pilado e preferentemente conformado em grandes cilindros com meio quilo de pêsô, se apresenta quase sempre em estado de perfeita pureza. Aliás, de longa data, desde que se iniciou o comércio do produto, estabeleceu-se logo a diferença entre o guaraná de Luséia (antigo nome da atual cidade de Maués) e o guaraná da "terra dos Maués", isto é, o preparado pelos índios, e que era o mais valorizado.

Por outro lado, a confecção dos cilindros ou bastões requer certa habilidade, do contrário a massa se apresenta fistulada ou vacuolada no interior. Esse guaraná, também de qualidade inferior, é chamado *póca*, e o cabôclo o reconhece facilmente pelo som que se obtém ao bater um pão de encontro a outro. Uma vez consolidado, o guaraná tem duração indefinida, o mesmo não acontecendo com o seu pó, de fácil fermentação.

Já dissemos que desde que se tornou conhecido entre os civilizados, não tardou que o guaraná começasse a ter procura, não só na sua zona de produção, como ainda nas províncias mais ou menos próximas, como Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Piauí e Minas. Diz-se mesmo ter sido esta droga que incentivou o primeiro comércio entre Mato Grosso e Pará, através do Tapajós. Dali, desde 1750, desciam canoas carregadas de couro e outros gêneros, que eram vendidos em Serpa e Vila Bela da Imperatriz (hoje, respectivamente, Itacoatiara e Parintins) e que, depois, de regresso, passavam por Maués, onde se atestavam de muitas arrobas de guaraná. O uso do produto difundiu-se também por larga faixa do território boliviano, desde as margens do alto Paraguai e do Madeira, até as vertentes orientais dos Andes, dando curso a outras monções que afrontavam as cachoeiras dêste último rio e vinham negociar com os índios, para depois espalhar o guaraná pelos departamentos do Bêni, Santa Cruz de la Sierra e Cocha-

bamba, e também, em território nacional, nos vilarejos ribeirinhos do Guaporé e seus afluentes.

Liebig, citado por Paulo Carneiro, faz a judiciosa observação que o homem, desde os tempos mais remotos, sempre experimentou um natural pendor por certo gênero de alimentos, de natureza vegetal e comprovada ação estimulante, nos quais se verificou depois a existência da cafeína. Assim aconteceu com o café na África e o chá no Oriente, para só citar os que lograram fama mundial. Ora, o nosso guaraná, ao lado do cacau e do mate, também americanos, está justamente nesse grupo, e por isso não é de espantar que, uma vez conhecido, visse cada vez mais ampliada a área do seu consumo. Além do mais, o produto da nossa *Paullinia* não se recomendava apenas pela sua ação tônico-nervina. A credence popular emprestou-lhe foros de verdadeira panacéia, com virtudes eupépticas, febrífugas, antidiarréicas, antinevrálgicas e até afrodisíacas.

Hoje, entretanto, que o produto está bem estudado, sobretudo depois das exaustivas análises de Paulo Carneiro, conhece-se a sua ação fisiológica e sabe-se que principalmente à cafeína e ao tanino se lhe podem imputar determinados efeitos medicamentosos.

De início, pensou-se que o princípio ativo do guaraná fôsse a guaraina, uma substância branca, cristalizada, amarga, que dela foi isolada, em 1826, por Theodor Martius; mas anos mais tarde verificou-se que esta era em tudo igual à cafeína.

A pasta do guaraná, quando pura, é dentre os produtos conhecidos, aquêles que se apresenta mais rico em cafeína, chegando a conter quase 5% do princípio ativo. Apesar disso, porém, em dose equivalente, ela tem ação menos excitante do que o café, o chá e o mate, porque ao contrário dêstes, que, quando ingeridos, já levam a cafeína em dissolução, o guaraná, apenas em suspensão na água, só começa a ser dissolvido no organismo e, destarte, a sua absorção se faz muito lenta e gradativamente.

Sabido que os índios da Amazônia não se limitam ao uso das sementes da planta, mas também lhe aproveitaram as flôres com que, depois de queimadas, fazem o

guaraná-putira ou *guaraná-flôr*, e ainda bebem o infuso de fôlhas e raízes, Paulo Carneiro foi levado ao estudo das várias partes da planta e chegou a conclusões interessantíssimas. Assim, verificou o ilustre químico patricio que todos os órgãos adultos da *Paullinia* contêm cafeína em maior ou menor quantidade, e, fato importante e só então apurado, que as suas flôres, fôlhas e casca do caule, são também riquíssimas em teobromina, no que superam o cacau e a noz de cola, as duas únicas plantas em que até então tinha sido apontada essa substância.

Explica-se assim, pelo seu alto valor alimentar e farmacêutico, a procura que vem tendo o guaraná, já com bons mercados no estrangeiro, tanto na Europa como na América, e cujo cultivo, sempre crescente, é hoje uma das boas fontes de riqueza da Amazônia. Diga-se que os seus dois principais focos de produção ficam nos municípios de Maués e Barreirinha, no Estado do Amazonas, e que o produto não se exporta apenas como pães, mas ainda em rama, isto é, as sementes em bruto, antes de sofrerem qualquer manipulação. Mas convém notar que, utilizando-se apenas as sementes, até agora ainda não foi aproveitada a outra riqueza da planta: o seu alto teor em teobromina. Em Maués, há ainda uma pequena indústria de objetos artísticos, em que animais indígenas são moldados na massa de guaraná. Os indivíduos que se dedicam a êsse trabalho são chamados *figureiros*.

Na região sul-venezuelana, o guaraná nunca foi objeto de comércio. Aliás, ali, nunca se chegou ao fabrico da pasta sêca, em cilindros ou pães. As populações locais limitam-se a preparar uma massa feita da mistura de sementes raladas e farinha de mandioca, que é posta a fermentar dentro de fôlhas de bananeira ou palmeira.

Essa massa, de côr amarelada e consistência variável, conforme tenha sido ou não exposta ao sol para secar, depois é diluída nágua, no momento em que vai ser consumida.

E agora, para terminar, aproveitando as próprias palavras de Silva Coutinho, translademos para aqui a comovente história com que os índios Maués explicam a origem do guaraná:

“Na primitiva aldeia, havia um casal notável pelas virtudes. Refúgio dos infelizes era a sua choupana como a fonte onde se ia buscar a consolação. De tão bons pais saiu um filho ainda melhor. Já aos seis anos o menino fazia prodígios tantos, que merecia a adoração de todos. Chuvas abundantes vinham reverdecer as plantas, que definhavam, se êle implorava êsse benefício; como anjo da paz, fazia cessar as desavenças, e mantinha a união do povo; muitos doentes foram curados ao simples contacto da sua mão; uma auréola de felicidades em fim parecia cercá-lo, transmitindo-se a todos que se aproximavam. Tanta ventura porém causa inveja ao anjo mau (Jurupari), que protestou aniquilar o seu rival. Durante muito tempo a vigilância do povo impediu que êle realizasse tão negro projeto; mas um dia, por fatalidade, o bom menino, sem ser visto, trepou em uma árvore para colher os frutos; Jurupari aproveitou a ocasião, e transformando-se em cobra, lança-se ao pescoço do menino, matando-o imediatamente. Pouco tardou que não fôsse apercebida a falta, e prestes correu a notícia, pondo a tribo em movimento. Freneticamente foram devassados todos os recantos, encontrando-se finalmente o corpo da criança de olhos abertos e semblante tão sereno que parecia rir-se para quem a contemplava. Mas pouco durou a ilusão; dissipou-se o último lampêjo e a verdade foi como um raio que fulminou a tribo. A esperança fugiu de todos os corações, e nem havia mais que esperar, morta a causa da felicidade geral. Era um castigo tremendo, que condenava o povo a eterna desventura. Uma descarga elétrica veio suspender a lamentação, e sucedeu-lhe profundo silêncio. A mãe do menino tomou a palavra, e assim falou aos índios estupefatos: Tupã, sempre bom, veio consolar-nos nesta grande aflição, reparando a dor que acabamos de sofrer. Meu filho ressuscitará sob a forma de uma árvore, que há-de constituir o nosso alimento e união, curando-nos também todos os males do corpo. Mas é preciso que seus olhos sejam plantados. Eu não posso exercitar essa operação; fazei-a vós, como ordena Tupã. Tais palavras produziram grande impressão.

Ninguém se resolvia a arrancar os olhos do menino, sendo preciso recorrer-se à sorte, como decidiram os mais velhos.

O lugar da plantação foi regado com as lágrimas de todos, e ali de sentinela ficaram os maiores da aldeia. No fim de alguns dias brotou o guaranazeiro.”

PRANCHA III — A prancha III apresenta, de cima para baixo:

- 1) um ramo da *Paullinia cupana* var. *sorbilis*, em pleno período de frutificação, e quando ostenta um aspecto francamente ornamental;
- 2) frutos em que o do centro se mostra aberto em deiscência espontânea;
- 3) sementes do mesmo fruto, ou guaraná pròpriamente dito, antes de serem torradas e socadas para a confecção da massa;
- 4) a língua do pirarucu, muito usada para ralar o pão e conseguir o pó com que se faz a bebida;
- 5) a massa do guaraná, quando já consolidada. O bastão é do tipo preparado pelos índios, de confecção grosseira e sementes mal piladas, mas ainda considerado o melhor.

São cilindros que pesam aproximadamente 500g e têm um comprimento de 25cm. O que aparece na nossa gravura, com a sua espessura normal, foi partido para que se lhe notasse a contextura interior.

BIBLIOGRAFIA (1)

- ANDRADE (Prof. Alfredo Antônio de) — *Estudo das Matérias Corantes de Origem Vegetal, em uso entre os Índios do Brasil e das Plantas de que procedem*. (“Arquivo do Museu Nacional”. Vol. XXVII. Rio de Janeiro, 1926).
- AZAM (Joseph E.) — *O Guaraná*. (“Boletim da União Pan-Americana”. Junho 1920).
- BERNEGG (Dr. Andreas Sprecher von) — *Tropische und subtropische Welwirtschafspflanzen*. III Teil. 2 Band. Stuttgart, 1934.
- CARNEIRO (Paulo E. de Berredo) — *Le Guarana et Paullinia cupana H. B. & K. Contribution à l'étude des plantes à caféine*. Paris, 1931.
- COUTINHO (J. M. da Silva) — *Notícia sobre o Uaraná*. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional. 1866.
- DUCKE (A.) — *Diversidade dos Guaranás*. (“Rodriguésia”. N.º 10. Ano III, 1937).
- DUCKE (A.) — *Plantes Nouvelles ou peu Connues de la Région Amazonienne*. (“Arquivo do Instituto de Biologia Vegetal”, N.º 1. Vol. 4. Junho, 1938).
- DUCKE (A.) — *Relatório das Comissões Desempenhadas pelo Chefe da Secção de Botânica*. (“Rodriguésia”. N.º 1. Ano I, 1935).
- HUMBOLDT (Alexandre de) — *Voyage aux Régions Equinoxiales du Nouveau Continent*. Paris, 1816. 7 vols.

(1) Além do valioso subsídio que lhe prestou esta bibliografia, o autor ainda se serviu de muitas notas pessoais colhidas durante uma visita que fez à cidade de Maués, em fins de 1938.

LE COINTE (Paul) — *L'Amazonie Brésilienne*. 2 vols. Paris, 1922.

NUNES PEREIRA — *Ensaio de Etnologia Amazônica - Sobre uma peça etnográfica dos Maués*. Belém, Pará. 1940.

ROQUETTE-PINTO (Edgard) — *O Guaraná*. Sociedade Nacional de Agricultura. Propaganda Agrícola. XII. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. 1912.

SOUZA (Cônego Francisco Bernardino de) — *Lembranças e Curiosidades do Amazonas*. Pará, 1873.

PALMEIRAS

Se acompanhássemos Lineu quando diz que o homem nasceu entre palmeiras e é essencialmente palmívoro, não teríamos dúvida em fazer da Amazônia o bêrço da humanidade. E isto porque das mil e muitas plantas dessa família que estão hoje conhecidas, mais da metade tem larga representação no grande vale e, conforme já ácentuamos, empresta-lhe à paisagem caráter todo especial.

Umam têm porte vultoso e, de estípíte grosso e linheiro, levam o capitel até quinze e vinte metros de altura, como acontece com a pupunheira e a inajá. Outras são acaules e com a sua fronde aberta logo à flôr da terra, como fazem as curuás, recordam garbosos cocares indígenas. Estas são esbeltas e delicadas, como a piriima ou a marajaí; aquelas têm o tronco desconforme como a paxiuba barriguda, ou ramificado como a jauari, ou descansando sôbre um pedestal de raízes adventícias, como a caiaué e ainda as *Iriartea*. Da maioria, as palmas serão pinadas e, de poucas, mas das mais belas, como a miriti, flabeliformes. Haverá algumas de fôlhas enormes, como a jupati, ou inteiriças, como a uauaçu, para contrabalançar com os numerosos e delicados folíolos da mumbaca, caranaí e tantas outras. Raras serão aquelas com a sociabilidade da açaí e da bacabinha, que se reúnem em greges ou acúmulos e são tanto mais bonitas quanto dispostas em harmoniosos grupos.

Todavia, nenhuma dessas jamais renunciará totalmente ao traço que mais lhes dignifica a família: a verticalidade das atitudes. Não fazem como as jacitaras que, na ânsia de atingir os visos mais altos, se tornam escandentes e passam a competir com os mais rastejantes cipós,

ainda que bastante agressivas, de tal modo se mostram eriçadas de acúleos.

Umas . . . E valerá ainda enumerar? São tantas e tão diversas. Umas têm o tronco liso e polido, ou ainda rugoso, ou ainda espinhento, ou mesmo revestido de cerdas vigorosas, à medida que lhes caem as fôlhas. Nas piaçavas, uma basta cabeleira de fios grossos e compridos descerá do pecíolo de cada fôlha, e é nisso que está a sua principal riqueza.

Quanto a flôres, bem pouco teríamos a dizer. Tôdas as palmeiras, mau grado o tamanho que em algumas assume a inflorescência, são muito discretas dêste ponto de vista. Apresentam flôres pequenas e quase sem nenhum relêvo, branco-amareladas ou verdes. Dir-se-ia até que, por muito confiantes na esbelteza do seu porte e na elegância das suas linhas, desprezariam outras garridices e atavios. Mas não será êste o caso; ou, do contrário, trata-se apenas de uma falsa modéstia, pois dessas mesmas flôres, assim miudas, assim singelas, exala-se, por vêzes, o mais inebriante perfume. E é isto o que sucede com as caranás, do rio Negro, que, em certa época do ano, mesmo completamente ignoradas, estão revelando a sua presença.

E nem podia ser de outro modo. Como fugir aos imperativos do sexo? Como atrair os insetos que lhes vão garantir a continuidade da espécie? Barbosa Rodrigues, que tão bem lhes estudou as núpcias, descreve com que ardor se realiza nelas o ato da fecundação, com maior viço de colorido nas flôres, acréscimo de fragrância e elevação de temperatura. Em algumas, como nas *Acrocomia*, do pólen, nessas ocasiões, se desprenderia mesmo um acentuado cheiro de sêmen.

Em proporção ao seu tamanho, são também pequenos os frutos das palmeiras, embora quase sempre muito numerosos nos cachos em que se apresentam, o que faz rendosa a sua colheita, tanto para fins alimentares como industriais. Alimentares, porque de muitos se aproveitam a polpa ou as amêndoas, quer para serem comidas em natureza, quer para delas se conseguir farinha, bebidas (fermentadas ou não) e azeites. Industriais, porque quase

todos contêm grande percentagem de óleo, não raro de primeira qualidade.

Já tivemos oportunidade de dizer que as palmeiras, não só pela variedade de espécies, como pela profusão de exemplares, são sobretudo abundantes entre a vegetação da várzea amazônica e, nesta, principalmente no estuário, onde por todo lado se notam as suas palmas brilhando ao sol ou rugitando à viração marítima. E nada mais fácil de compreender do que essa sua excessiva pululação nesse ponto. Para aí afluem, carreados pelas águas do grande rio e dos que lhe são tributários, um sem número de frutos das mais variadas palmeiras. E a razão é simples. Todos, devido àquela mesma riqueza em óleo, têm longa capacidade de flutuação e as sementes, bem protegidas e dotadas de forte vitalidade, podem aguardar por muito tempo o instante favorável à germinação, isto é, aquêles em que encontrem pouso no margeado aluviônico ou no tijuco de qualquer ilha.

Muito menos figuram as palmeiras na grande mata de terra firme e ainda muito menos se chegarmos até os campos. Aí, então, difícil há-de ser que tenhamos diante dos olhos outro vulto que não seja o do esbelto miriti, — quase o mesmo buriti da nossa flora geral, pois que duas espécies bem afins do mesmo gênero *Mauritia*: no sul a *Mauritia vinifera*, no norte a *Mauritia flexuosa*.

A palmeira foi para o nosso índio, sobretudo o da Hiléia, o que foi o bisão para o pele-vermelha. Na América do Norte, do possante bovídeo, que em espêssas manadas errava nos campos entre o Missuri e as Montanhas Rochosas, o nativo aproveitava tudo. Do couro fazia tendas, roupas, calçado, cofres e casco para pirogas. Da pele com pêlo, camas, cobertas e mantas. Dos ossos: pás, arpões, pontas de flecha e outros utensílios. Dos chifres, variados recipientes. Finalmente, mas não menos importante, da carne tirava o seu principal alimento. 

Pois bem. O aborígene amazônico encontrava nas palmeiras que o cercavam quase tudo isto e mais alguma coisa. Para o teto e as paredes da maloca, êle tinha as palmas da uauaçú, ubuçú, caraná, curuá, ubim e uma

infinidade de outras. Para esteios, cêrcas, ripas, o caule da jará, da paxiuba, jupati e açai, lembrando apenas as mais usadas. Para arpões, lanças, arcos e flechas, os rijos troncos da pupunheira ou da paxiuba barriguda, bem como para a haste da zarabatana o espique ôco da paxiubinha. Para os seus inúmeros trabalhos de trançado: rêdes, tipitis, urupemas, paneiros, as cascas das jacitara, as fôlhas do tucum, miriti e jauari. Fibras das melhores e mais resistentes, eram obtidas de quase tôdas, a começar pela piaçava, que tem a vantagem de não submergir, quando molhada. O espinho da patauá dava-lhe a seta para o canudo de sôpro, como o da pupunheira servia para as suas tatuagens. Com o tronco alargado da paxiuba barriguda era fácil improvisar uma canoa; com a raiz espinhenta dessa mesma palmeira conseguia-se um ralador natural; e a espata da inajá fazia as vêzes de bêrço ou banheiro para criança. De outra espata, a da ubucú, esta fibrosa e como se fôra tecida em largas malhas, obtinha-se um saco já pronto, que era aproveitado para muitos mistéres, principalmente a guarda dos delicados artefatos de plumária. As sementes do açai, da jara-açú e da caxirana, bem como a celulose endospérmica da jarina eram utilizadas na confecção de colares, pulseiras e outros adôrnos. Por trás de qualquer ponto da floresta onde crescesse a jacitara, alastrando por tôda parte as suas ramas farpan-tes, seria preferentemente construída a maloca, uma vez que assim já se teria magnífica defesa natural aos imprevistos de qualquer ataque. Também uma fôlha de palmeira espinhenta, fincada ao pé da rêde, seria um ótimo protetor contra a picada dos morcegos sanguissedentos.

E citando tanto, ainda não falamos em nada do que se conseguia das palmeiras como matéria alimentar. Palmitos de açai, inajá, miriti, bacaba, uauacú e piri- rima. Farinha da polpa dos frutos da pupunheira e da jará ou do caule do miriti. Frutos que tanto se comiam crus ou assados, da jará-açú, marajá, pupunha, murumuru, inajá, tucumã, curuá-piranga, iú. Vinhos de açai, patauá, bacaba, piaçava, inajá, tucum, marajá-açú. Azeites de bacaba, tucum, curuá-branco, piri- rima, jauari, murumuru.

Os frutos da jará e da inajá e as inflorescências da patauá, quando torrados, supriam a falta de sal.

Para terminar, convém não esquecer o muito que contribuíram as folhas das palmáceas, sobretudo as de tipo palmado, para o desenvolvimento da arte do trançado, com forte projeção ulterior sôbre os motivos ornamentais, de ordem geométrica, tão em uso na cerâmica e nos adôrnos indígenas, como haveremos de ver mais tarde.

M I R I T I

Desejando falar mais detidamente a respeito de uma das muitas palmeiras amazônicas, foi dêste ponto de vista etnográfico que recaiu a nossa escolha sôbre a miriti.

De fato, já pela sua imensa área de dispersão, sabido que tanto habita a várzea, desde o estuário, como povôa os campos e aí viceja, por vêzes, como nas faldas do Roimã, a mais de mil metros de altitude, já por tôdas as serventias que dela se podem tirar, nenhuma outra palmeira da Hiléia será mais útil ao ameríndio do que a nossa *Mauritia flexuosa*.

Não foi à-toa que os espanhóis lhe chamaram *arbol de la vida* e que os mais antigos cronistas, como o padre Gumilla, lhe entoaram verdadeiros hinos. Para Schomburgk, é “a mais gloriosa de tôdas as palmeiras” e, já anteriormente, Humboldt, dizendo-a o saguzeiro da América, citava Plínio, pois que ela também fornece *victum et amictum*.

Miriti e *muriti* são as variantes do seu nome na Amazônia brasileira. Por *ite* ou *eta* é conhecida na Guiana Inglêsa; por *aguaje* no Peru; *murichi* ou *moriche*, na Venezuela.

De espique erecto e glabro, coroadado a quarenta e até cinquenta metros de altura por um tufo de largas fôlhas que se dispõem quase à maneira de um leque, é de vê-la, onde quer que se apresente, seja na espessidão da mata, seja nos descampados ermos, seja isolada, seja em família, dominando sempre pela esbelteza do seu porte

e a agitar no azul do céu as suas grandes ventarolas farfalhantes.

Avistá-la de longe, na aridez dos grandes chapadões, é ter a certeza da boa aguada, da cabeceira acolhedora, do ôlho d'água dessedentante, e para ela poderá dirigir-se pressuroso o esfalfado viajor. E, se água não houvesse pelos arredores, a própria palmeira lhe daria, na seiva do seu caule, a mais deliciosa das bebidas, um vinho extremamente doce, tão doce que, engrossado pela evaporação, se transforma em mel e êste em açúcar e, se fermentado, passa a ter efeitos ebriáticos. Infelizmente, a obtenção dêsse licor pede o sacrifício do altaneiro vegetal. Será preciso derrubá-lo e abrir no seu espique um ou mais covos, nos quais se acumulará o líquido apetecido. Para ativar essa exsudação, o índio costuma dispor o caule de tal modo que, deitado, mas com um calço numa das extremidades, por baixo dêle, e em tôda a sua extensão, seja possível acender um bom foguinho. Dizem que do seu pedúnculo frutífero, o grande cacho em que se apinham centenas das suas tão bonitas drupas, ainda se consegue uma bebida mais edulcorada.

Mas antes de falarmos no aproveitamento dos seus frutos, diga-se que a miriti, devido ao desmedido comprimento de seu caule, muitas vêzes também é derrubada para servir de estivado ou ponte sumária sôbre qualquer igarapé ou terreno encharcado. Igualmente, se despojado do seu miolo, dêsse mesmo estipe se improvisará rápidamente uma canoa, capaz de resolver qualquer embaraço de transporte. Todavia, até aquêle miolo é nada por desprezar. Dêle se extrai boa fécula amilácea, espécie de sagu, a *ipurana* dos nossos indígenas, a *iaruma* dos venezuelanos, que substitui perfeitamente a mandioca na confecção dos beijus.

Mesmo abatida e deixada ao abandono, a miriti ainda permite outro recurso alimentar ao aborígene. No seu tronco se desenvolvem as grandes larvas de um besouro, o *Rhynchophorus palmarum*, que, cozidas ou assadas na brasa, são pitêu muito do agrado do paladar indígena.

Os frutos do miriti, de formato ovóide, com quatro a seis centímetros de diâmetro, bastante decorativos, pois que de côr castanho-avermelhada e com uma casca dura, lustrosa, como se fôra feita de múltiplas e pequeninas escamas bem imbricadas, têm também grandes qualidades nutritivas. Da sua polpa se conseguem vinho, azeite e até farinha e, quando levados à fermentação, com êles faz o silvícola, principalmente na região do rio Negro, um dos seus mais apreciados caxiris. As sementes também fornecem bom óleo e o seu albúmen, extremamente duro, é matéria muito procurada para adôrnos.

O palmito, embora sem competir com o da inajá ou da uauacú, ainda será outro recurso alimentar tirado dos miritis.

E agora, digamos um pouco dos muitos e variados préstimos com que tão preciosa palmeira facilita a vida do nosso ameríndio, sobretudo daquêles que vive nos campos gerais, onde rareiam as outras palmeiras e são também escassos outros vegetais de valiosa utilização.

Pelo aproveitamento de suas fôlhas, ter-se-á magnífico revestimento para tetos e paredes. Ripas delgadas, para cestos, tupés e jamaxis, serão obtidas das bainhas dessas mesmas fôlhas. Ainda dessas mesmas fôlhas, se novas, se ainda fechadas, conseguir-se-á uma fibra fina, flexível, destinada à urdidura das rêdes, dos sacos ou daquêles mosquiteiros que usavam os Otomaques do Orinoco; ou então, se retiradas das fôlhas mais velhas, já expandidas, uma fibra mais grossa, apropriada à trama dos paneiros, urupemas e balaios.

O fôrro da base da espata fornecerá o material com que, em alguns minutos, se prepare o par de sandálias indispensável a quem palmilha o pedrisco contundente das savanas.

Na região do Araguaia, segundo Couto de Magalhães, o miriti também serve de sinaleiro entre tribos que vivem afastadas. Os índios “vão subindo por um buriti e amarrando em tórno dêle, com um palmo de espaço, faixas de capim verde; descem depois, e ateiam-lhes fogo: a última das faixas comunica-o às outras, de modo que a gigantesca palmeira serve de farol, não só por ficar tôda em brasas,

mas também pela elevada coluna de fumaça que sobe ao céu em forma de espiral.”

Na Guiana Inglesa, conforme relata Im Thurn, os aborígenes com um único pecíolo de miriti fazem engenhosa harpa eólica que, exposta ao vento, plange em harmonias errantes.

Por tudo isso, tratando-se de planta que lhes era de tanta prestantia, não admira que os ameríndios recebessem com grandes festas a época de frutificação dessas palmeiras e aproveitassem a oportunidade para realizar os seus casamentos.

Cruzando e recruzando os campos do Cuminá, entre uma paisagem que tôda se amesquinha dominada pela soberbia dos miritis, muitas vêzes acudiram-nos aos lábios as belas palavras com que Afonso Arinos abre o seu poema:

“Velha palmeira solitária, testemunha sobrevivente do drama da conquista, que de majestade e de tristura não exprimes, venerável epônimo dos campos!”

E há-de ser também pensando nesta mesma palmeira, que diz com orgulho o *llanero* da Colômbia:

Sobre el llano, la palma;
Sobre la palma, el cielo;
Sobre mi caballo, yo;
Y sobre mi, mi sombrero.

PRANCHA IV — A prancha IV apresenta, à esquerda, a palmeira miriti; à direita, em cima, o fruto dessa mesma palmeira e, em baixo, um *aturá* (cesto), com três pés, trançado com fôlhas ainda da mesma palmeira, pelos índios Macuxis, do alto rio Branco. Este cesto, que tem 38cm de altura e 61cm de diâmetro máximo, está catalogado no Museu Nacional sob o n.º 27 554.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA RODRIGUES (J.) — *Les Noces des Palmiers*. Bruxelles, 1903.
 CORRÊA (M. Pio) — *Dicionário das Plantas Úteis do Brasil*. 2 vols. Rio de Janeiro, 1925.
 FARABEE (William Curtis) — *The Central Arawaks*. Philadelphia, 1918.
 GATES (R. Ruggles) — *A Botanist in the Amazon Valley*. London, 1927.

- HUBER (J.) — *Matas e Madeiras Amazônicas*. ("Boletim do Museu Goeldi". Tomo VI. Belém, Pará, 1909).
- HUMBOLDT (Alexandre de) — *Voyages aux Régions Equinoxiales du Nouveau Continent*. Paris, 1816.
- IM THURN (Everard F.) — *Among the Indians of Guiana*. London, 1883.
- LACLETTE (P. P. Horta) — *Bibliografia* ("Rodriguésia". Ano III. N.º 10. Rio de Janeiro, 1937).
- LE COINTE (Paul) — *A Amazônia Brasileira*. III — *Árvores e Plantas Úteis*. Belém, Pará, 1934.
- LE COINTE (Paul) — *Apontamentos sobre as Sementes Oleaginosas, Bálsamos, Resinas, Essências, Borrachas, Gutas e Balatas*. (Publicado pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio). 4.ª edição, 1931.
- MAGALHÃES (General Couto de) — *Viagem ao Araguaia*. 4.ª edição. São Paulo.
- ROMOLI (Kathleen) — *Colombia Gateway to South America*. New York, 1941.
- SCHOMBURCK (Richard) — *Travels in British Guiana*. Translated by Walter E. Roth. Georgetown, 1922.
- SPRUCE (Richard) — *Notes of a Botanist on the Amazon and the Andes*. London, 1908.
- THÉVENIN (René) et COZE (Paul) — *Mœurs et Histoire des Peaux-Rouges*. Paris, 1928.
- WALLACE (Alfred Russel) — *Palm Trees of the Amazon*. London, 1853.
- WHIFFEN (Thomas) — *The North-West Amazons*. London, 1915.
- WICKHAM (Henry Alexander) — *Rough Notes of a Journey Through the Wilderness from Trinidad to Pará, Brazil*. London, 1872.

ÁRVORES DECORATIVAS

Não é sem certa melancolia que vemos a maioria das nossas ruas continuarem a ser arborizadas com plátanos, grevílias, figueiras e oitís, os indefectíveis oitís de que até Manaus não se livrou e que, quando lá estivemos em fins de 1938, todos êles, com os troncos recentemente caiados de branco, aparentavam trazer altos colarinhos engomados.

E, no entanto, o que não falta às nossas matas são árvores da maior beleza e que em tudo e por tudo seriam dignas de sombrear as nossas avenidas. Sombrear, garindo-se ao mesmo tempo de copas versudas, de folhagem esplendente, das mais vistosas flôres. E nisso, para essa escolha que permitiria uma grande variedade ornamental, nenhuma outra mata mais do que a da Hiléia, sobretudo com a sua riqueza de Leguminosas, poderia contribuir com um maior número de espécies diferentes.

É verdade que algumas dessas essências, devido ao seu desmedido porte ou irregularidade de esgalhamento,

ou profusão de frutos, ou pelas raízes superficiais, talvez oferecessem algumas desvantagens à arborização urbana; mas estas mesmas poderiam vir para os nossos parques e jardins, para que pudessem ser vistas e admiradas não apenas pelos nossos cabôclos ou pelos poucos botânicos que as vão estudar no seu próprio *habitat*.

Que a maioria delas suporta bem essa transplantação, provam-no as várias espécies que já foram trazidas para o nosso Jardim Botânico, principalmente devido ao devotamento do prof. Adolpho Ducke, e que aí se deram perfeitamente bem entre as suas irmãs mais civilizadas.

Quantas e quantas, porém, até hoje só abriram os seus baldaquinos floridos entre o denso emaranhado da floresta amazônica. Disso nos certifica o já citado Adolpho Ducke quando, nas suas eruditas memórias sôbre a especialidade, não raro se detém para elogiar mais particularmente qualquer linda florada que os seus olhos surpreenderam. E disso também tivemos a prova quando lhe pedimos que enumerasse dez das mais belas árvores decorativas da Hiléia, que gostaríamos de ver ilustrando o nosso trabalho.

Foi esta a sua escolha: 1) *Clusia grandiflora*; 2) *Heterostemon mimosoides*; 3) *Gustavia augusta*; 4) *Erisma caratum*; 5) *Qualea Themistoclesii*; 6) *Qualea suprema*; 7) *Vochysia eximia*; 8) *Eperua purpurea*; 9) *Nicticalanthus speciosus*; 10) *Heterostemon ellipticus*.

Pois bem. Dessas, ao que sabemos, apenas as quatro primeiras são encontradas no Rio, (e, falando em Rio, voltamo-nos quase que exclusivamente para o Jardim Botânico) e, assim mesmo, só da *Clusia* pôde o nosso pintor aproveitar-se, pois das outras não houve oportunidade para colhê-las em época de floração.

E com que pesar deixamos de ver aqui representado o *Heterostemon mimosoides*, que tanto se impõe pela finura da sua folhagem como pela beleza das suas grandes flôres róseas, que não deixam de recordar a linda *Cattleya Eldorado*, também da Hiléia e ambas com preferência pela bacia do rio Negro. Infelizmente, porque tudo não se pode reunir, é árvore pequena, quase um arbusto.

Igualmente, faz-nos pena não ver florido o *Erisma calcaratum*, o *jabuti* ou *cachimbo-de-jabuti* do cabôclo amazense, tanto os seus frutos, ricos em óleo, lembram mesmo um cachimbo, e que habitando os igapós, aí, entre as palmas dos miritis, abre as suas magníficas inflorescências violáceas, pintalgadas de azul.

Quanto à *Gustavia augusta*, menos falta nos faz a sua imagem, uma vez que, embora de porte bem mais avantajado (é uma das maiores flôres conhecidas), não anda muito afastada em côr e formato da *Clusia grandiflora*, que aparece na estampa n.º V. Aliás são ambas da família das Gutíferas, embora pertencendo a gêneros diferentes.

Com relação às seis últimas árvores citadas na lista de Ducke, quando muito, teríamos ao nosso dispor apenas material de herbário e êste, se satisfaz ao botânico para efeitos de classificação, é de todo ineficiente ao pintor, sobretudo quando em trabalho dêste gênero, sem prejuízo do acabamento artístico, se tem em mira a verdade científica.

E seria lá possível, a não ser por artes de pagelança, que diante de um simples galhinho sêco, expremido entre duas fôlhas de papel, se pudesse ter a visão do que é a *Eperua purpurea*, a *copaíba rana* do povo, a *iebaro* dos índios do rio Negro, quando veste o seu rico manto em tons de rosa e escarlata? Ducke, de olhar sereno, mas com amplo descortino sôbre a flora universal, não se arreceia de dar-lhe lugar de relevância entre as árvores mais belas do mundo.

Dêste ponto de vista, fomos bem mais felizes quanto às duas quáleas, *Qualea suprema* e *Qualea Themistoclesii*, cujas flôres, já anteriormente fixadas pelo hábil pincel do Sr. Newton Leal, a fim de ilustrar um trabalho do próprio Adolpho Ducke, por muita gentileza dêste puderam ser aproveitadas pelo nosso aquarelista.

Diga-se que ambas essas quáleas, como também a *Erisma calcaratum*, pertencem à privilegiada família das Voquisiáceas, que tanto se recomenda pelo esplendor das suas inflorescências como pela beleza da sua folhagem, aquelas sempre abundantes e formando verdadeiros dos-

séis, preferentemente de um amarelo intenso (gênero *Vochysia* pròpriamente dito) mas também róseos, roxos e azuis (gênero *Qualea*) sôbre a ramaria alta; e as fôlhas não raro de colorido diferente nas suas duas páginas, verde escuro, lustroso, na superior, e rubro ferrugíneo na inferior.

E falando em quáleas, não podemos deixar de lembrar o luxo da *Qualea pulcherrima* Spruce que, no início da floração, tem a copa tôda rósea e, depois, tôda azul. Isto se explica porque, sendo rósea a pétala das flôres e azul o seu cálice, aquela cai primeiro, com persistência do último.

PRANCHA V — Em cima: *Clusia grandiflora* Splitg., da família das Gutíferas, conhecida vulgarmente por *cebola-grande-da-mata*, sem dúvida devido ao aspecto de seus frutos que não deixam de lembrar, pelo tamanho e pela forma, os bulbos do nosso indispensável condimento alimentar. Dão-lhe igualmente o nome de *apuí* e *mata-pau*, mas não deve ser confundido com a Morácea também assim designada pelo cabôclo. É árvore epifítica, de grandes dimensões, que se desenvolve, preferentemente, sôbre outras árvores da floresta. Todavia, pode ter também hábitos terrestres, quando mantém raízes adventícias. Planta dióica, são mais belas as suas flôres nos exemplares masculinos, e é uma dessas que aparece na nossa gravura.

Além do seu gracioso contôrno e delicado colorido, a flôr se recomenda ainda por um delicioso perfume. Essa *Clusia* aclimou-se bem no nosso Jardim Botânico, onde existem vigorosos exemplares de ambos os sexos, que ali florescem todos os anos, por volta de março.

Em baixo, à esquerda, *Qualea suprema* Ducke, e, à direita, *Qualea Themistoclesii* Ducke. São duas grandes árvores da família das Voquisiáceas, cujas copas, quando em plena floração, tomam aspecto magnífico. Aliás, segundo Adolpho Ducke, as Voquisiáceas “são elemento primordial na beleza da paisagem amazônica”, pois que muitas outras das suas espécies, em certas épocas do ano, abrem sôbre o verde das matas esplêndidos dosséis de variegado colorido.

PRANCHA VI — *Couroupita guianensis* Aubl., da família das Lecitidáceas.

Esta bela árvore, das mais características da Hiléia, devido às panículas permanentes que lhe revestem o tronco, apresenta a configuração de um imenso candelabro com múltiplos braços, irregularmente distribuídos por tôda a sua

extensão. É conhecida geralmente por *castanha-de-macaco*, *abricó-de-macaco* ou *cuia-de-macaco*.

Com quinze a vinte metros de altura, as suas flôres, grandes, róseo-purpúreas, muito perfumadas, nascem diretamente sôbre o tronco ou sôbre os galhos, o que torna a árvore extremamente festiva e ornamental no período da floração. Tem frutos quase esféricos, com dezesseis centímetros de diâmetro, de polpa e sementes bastante apreciadas pelos símios, de onde lhe provieram aquêles nomes vulgares, sempre em ligação com os macacos.

Floresce anualmente no Jardim Botânico, em março e outubro.

B I B L I O G R A F I A

- DUCKE (Adolpho) — *A Flora do Curicuriari, Afluente do Rio Negro, observada em Viagens com a Comissão Demarcadora das Fronteiras do Setor Oeste* ("Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica". 3.º vol. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1938).
- DUCKE (Adolpho) — *Enumeração das Plantas Amazônicas cultivadas no Jardim Botânico e introduzidas pelo Chefe da Secção Adolpho Ducke, de 1920 a 1928.* ("Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro". Vol. V. 1930).
- DUCKE (Adolpho) — *Explorações Científicas no Estado do Pará.* ("Boletim do Museu Goeldi". Tomo VII. 1910).
- DUCKE (Adolpho) — *Plantes Nouvelles ou Peu Connues de la Région Amazonienne.* ("Arquivos do Jardim Botânico". Vol. III, V e VI. Rio de Janeiro, 1922, 1930, 1933).
- DUCKE (Adolpho) — *Relatório das Comissões desempenhadas pelo Chefe da Secção de Botânica.* ("Rodriguésia". Ano I. N.º 1. Rio de Janeiro, 1935).
- IGLESIAS (F. de Assis) — *Album Florístico.* Ministério da Agricultura. Serviço Florestal. Rio de Janeiro, 1940.
- HOEHNE (F. C.) — *As Plantas Ornamentais da Flora Brasileira.* Tomos I e II. Coleção de Separatas do "Boletim de Agricultura". São Paulo, 1930-1936.
- PÔRTO (P. Campos) — *Plantas Indígenas e Exóticas provenientes da Amazônia, cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.* ("Rodriguésia". Ano II. N.º 5. Rio de Janeiro, 1936).

ORQUÍDEAS

Já houve quem dissesse que um homem que se apaixonou por orquídeas pode cometer tantos desvarios como aquêles que só tem diante dos olhos um determinado rosto de mulher ou que se deixou escravizar pelo hábito dos entorpecentes. Só assim se explica que um exemplar raro de híbrida dessas plantas pudesse ter alcançado em Nova-

Iorque o fabuloso preço de dez mil dólares, ou sejam cerca de duzentos mil cruzeiros em nossa moeda.

O interêsse pelas orquídeas data do início do século XVII, quando espécimes exóticos dessa família, com poucos representantes na Europa, começaram a ser trazidos de algumas ilhas das Índias Orientais para a Inglaterra e, aí, gente de pecúnia, lordes e grandes damas, porfiavam em ver abrir nas suas estufas as mais raras flôres, como jamais haviam sido vistas.

Na verdade, tudo concorria para que sôbre essas plantas recaísse a atenção não só dos botânicos mas das pessoas de bom gôsto, e que de dia para dia mais amplo se tornasse o círculo dos orquidófilos. A começar pela resistêcia de que davam prova, pois que, durante as longas travessias de veleiro, privadas do seu *habitat* nas grandes florestas úmidas e expostas às intempéries marítimas, quando tudo fazia supor que perecessem, amiude rebentavam em flôres, arrancando gritos de espanto à marujada estarecida. Plantas que viviam no ar, que se agarravam a um tronco ou uma pedra. Que morreriam mesmo, pelo menos a maioria delas, se fôsem tratadas como as outras e mergulhadas na terra. Plantas de aspecto estranho, quase sempre de fôlhas grossas, lustrosas, coriáceas, de formato oval ou lanceolado, às vêzes já bastante decorativas, raiadas de amarelo ou prateado, e tendo a sua base mais ou menos entumescida por pseudo-bulbos, característica tão marcante que serviu para batizar tôda a família. Flôres de extraordinária beleza, reunindo as mais esquisitas formas aos mais inesperados coloridos, e com a vantagem de apresentarem grande resistêcia, desde que não raro permaneciam em pleno viço durante semanas e até meses. Flôres com sépalas tão vistosas quanto as pétalas e nas quais uma destas, diferenciada em labelo, tomava os mais caprichosos contornos. Flôres que, às vêzes, se apresentavam com aspecto inteiramente diverso numa mesma planta ou até numa única haste, de acôrdo com o seu sexo: masculinas, femininas ou hermafroditas.

Mas êsses eram apenas os traços mais impressionantes, e que não poderiam escapar a quem as defrontasse pela primeira vez. Todavia, a curiosidade não foi menor quando

os naturalistas começaram a estudá-las com mais vagar, penetrando-lhes a contextura íntima para admirar o seu pólen aglutinado em massa, observando-lhes os caprichos da fecundação e o importante papel que nela desempenham os insetos, acompanhando-lhes a morosidade da germinação e o tempo exigido pelas plantas, às vêzes cinco, seis e dez anos, até que cheguem a completo desenvolvimento e possam florescer. Então, quando se descobriu o processo das sementeiras artificiais feitas em tubos de vidro, sôbre campo de agar-agar, como se cultivam os mais perigosos micróbios . . .

Por isso tudo é que Puydt diz que quando, nos velhos tempos, se visitava a estufa de um daquêles felizes colecionadores de orquídeas, era com a unção do iniciado que penetra num santuário onde se realizam os mais transcendententes mistérios. De fato, tudo ali era diferente, desde o ar que se respirava, quente, úmido, carregado de vapores, por vêzes impregnado dos mais estonteantes perfumes, sabido que há orquídeas que são verdadeiros turíbulo, queimando essências preciosas, até aquelas fôlhas grossas, envernizadas, com a arrogância de clavas ou gládios, até os bulbos fartos e as raízes aéreas, tentaculares, que se agarram a tudo, subindo pelos troncos, aderindo aos vasos.

Então, entre as flôres, a maravilha era completa. Umas augustas, solitárias, esplendendo únicas, sôbre as hastes longas. Outras, às dezenas ou centenas, vergando os pendões em que se agrupavam. Esta lembrando uma borboleta policrômica. Essoutra, um pássaro de asas ao paio. Ainda outra, um perfeito escaravelho, ou um casco romano, ou uma sandália grega. E havia também as que simulavam vespas, abelhas, falenas, aracnídeos. E até sêres fantásticos, criaturas irreais. Medusas de cabeleira colubrina. Gnomos liliputianos. Umas dir-se-iam esculpidas no mais puro marfim, ou, nos seus tons de mel, modeladas em cêra. Outras tinham o brilho das lacas orientais ou o colorido das majólicas italianas. Umas seriam feitas de veludo ou sêda, com predominância de uma só tonalidade, enquanto outras seriam recortadas num brocado em que entravam os mais diversos matizes. Pétalas franjadas, onduladas, pubescentes. Pétalas estriadas, pin-

talgadas, maculadas, venuladas. Labelos carnosos e provocantes que se ofereciam como lábios de mulher. Corolas abertas em sexo. Flôres desde o lilás mais suave ao roxo mais saturado, do róseo mais leve ao vermelho mais vivo. Do branco mais puro ao amarelo mais berrante. E azuis, e verdes, e castanhas, e salmonadas.

Diga-se que o Novo Mundo contribuiu não pouco para essa festa dos sentidos. Daqui, da América Central, foram os lindos *Odontoglossum*, e da América tropical, mas sobretudo do Brasil, as *Laelia* e *Cattleya*. Parece mesmo que a São Paulo cabe a glória da primeira *Cattleya* que, em 1810, foi revelada aos olhos dos europeus. Igualmente, sem os *Catasetum* americanos, em grande parte também nossos, é possível que Darwin não houvesse escrito a ORIGEM DAS ESPÉCIES POR MEIO DA SELEÇÃO NATURAL. De fato, foram essas plantas, das mais graduadas entre as suas irmãs da mesma família — pois que com aparelho sexual altamente diferenciado — que lhe permitiram as mais curiosas observações sôbre a fecundação vegetal através dos insetos.

Não parou aí a contribuição do Brasil. Talvez um quarto das oito ou dez mil orquídeas originais ou silvestres existentes em todo o mundo, são endêmicas ou têm representantes no nosso território: e, dos seus seiscentos e tantos gêneros bem definidos, cêrca de duzentos ocorrem entre nós.

Falamos acima em plantas originais ou silvestres porque, no intuito de se obterem flôres ainda mais belas, a partir de 1850, pela fecunção artificial, se lograram as primeiras hibridações dessas plantas e, daí por diante, foi triplicado ou quadruplicado o número das híbridas conhecidas. Os botânicos, a princípio, revoltaram-se contra essas enxertias que vinham trazer o caos aos seus estudos, mas depois foi verificado que na própria natureza se realizavam espontâneamente tais miscigenações.

Merece ser notado que foi um padre, o reverendo W. Herbert, deão de Manchester, quem obteve os primeiros êxitos nesses casamentos irregulares, realizados entre plantas de espécies diferentes. O religioso desforrava-se talvez, assim, do voto de castidade que lhe impusera a Igreja e,

para fugir aos acicates da luxúria, levava a bacanália até o reino das flôres.

Possivelmente a idéia dessas hibridações terá nascido da fecundação artificial praticada primeiro numa *Habenaria* e depois, já com fim utilitário e em larga escala, nas baunilheiras, quando estas orquidáceas foram transplantadas da América Central para a Ilha da Reunião, e aí não produziam as suas tão apreciadas favas na quantidade desejada. Diga-se que estas favas já eram conhecidas dos Astecas, que delas se aproveitavam para aromatizar o chocolate, a sua bebida nacional, e que foi através deles que os espanhóis as divulgaram mais tarde no Velho Continente.

A Hiléia amazônica, com as suas ótimas condições de calor e umidade, é um excelente viveiro para as mais belas orquídeas. Apenas, ao contrário do que se pensa, não será nas suas grandes matas fechadas e sombrias, que as iremos encontrar com maior freqüência. Tratando-se de plantas relativamente heliófilas, só nos galhos das mais altas árvores estarão bem expostas à luz que lhes convém. E aí, se quase as não veremos, mais difícil ainda será colhê-las. Ricos de orquídeas serão os igapós, certas campinas e o arredor das cachoeiras e nascentes. Como já assinalamos para as árvores decorativas, e ainda baseados nas observações de Adolpho Ducke, o rio Negro e seus tributários merecem ainda uma vez o prêmio pela sua grande riqueza em plantas dessa família, entre as quais a esplêndida *Cattleya Eldorado*.

Depois dele virão, talvez, o alto Tapajós e os afluentes orientais do Madeira.

Adstritos a uma modesta representação iconográfica das orquídeas da Hiléia, mas para que nela figurassem as suas espécies mais conspícuas e características, visando a escolha do material aqui exposto, fizemos um pequeno inquérito entre as nossas maiores autoridades no assunto, entre as quais não podiam ser esquecidos os nomes dos Professores F. C. Hoehne e A. C. Brade. Igualmente, louvamos na opinião do Dr. Luys de Mendonça, apaixonado orquidófilo e diretor da prestigiosa revista ORQUÍDIA.

Infelizmente, foi impossível contentar a todos e, subordinados ainda às mesmas dificuldades que já nos tinham ocorrido com relação às árvores decorativas, certas plantas, como a linda e rara *Acacallis cyanea*, a *Galeandra nivalis* ou ainda a *Brassavola Martiana* não puderam ilustrar estas páginas. Assim mesmo, para a apresentação de outras, constantes da nossa mostra, tivemos que recorrer à iconografia já existente, como a LINDENIA e o ÁLBUM de Warner Williams.

Às pessoas já citadas e também à Sra. D. Mathilde Stern, que na sua chácara da rua Uruguai vive entre tão belas flôres e a cuja gentileza deve o nosso aquarelista ter tido à sua disposição um esplêndido exemplar de *Cattleya Eldorado*, aqui manifestamos os mais sinceros agradecimentos.

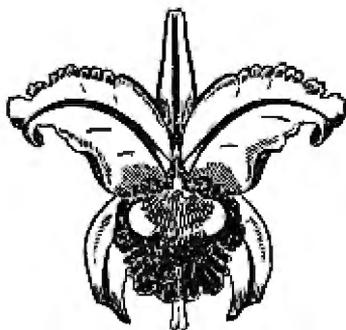
EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS

- PRANCHA VII — Em cima: *Cattleya Eldorado* Lind.; em baixo: *Menadenium labiosum* Cogn.
- PRANCHA VIII — À esquerda: *Oncidium Lanceanum* Ldl.; à direita: *Scuticaria Steelii* Ldl.
- PRANCHA IX — À esquerda: *Corianthes macrantha* Hook; à direita: *Stanhopea eburnea* Ldl.
- PRANCHA X — À esquerda: *Catasetum Christyanum* Rchb; à direita: *Galeandra Devoniana* Ldl.
- PRANCHA XI — Em cima: *Cattleya violacea* Rolfe; em baixo: *Cattleya luteola* Ldl.
- PRANCHA XII — À esquerda: *Paphinia cristata* Ldl.; à direita: *Catasetum pileatum* Rchb.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRÉ (Eugène) — *A Naturalist in the Guianas*. London, 1904.
- BOIS (D.) — *Les Orchidées*. Paris; 1893.
- BRADÉ (A. C.) — *Index Orchidacearum* (Separata de "Rodriguésia". N.º 2. Rio de Janeiro, 1935).
- COSTANTIN (Julien) — *La Vie des Orchidées*. Paris, 1917.
- DUCKE (Adolpho) — *A Flora do Curicuriari, afluente do Rio Negro*. ("Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica". 3.º vol. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1938).
- DUCKE (Adolpho) — *Explorações Científicas no Estado do Pará*. ("Boletim do Museu Goeldi". Tomo VII. 1910).

- DUCKE (Adolpho) — *Relatório das Comissões desempenhadas pelo Chefe da Secção de Botânica*. ("Rodriguésia". Ano I. N.º 1. Rio de Janeiro, 1935).
- HOEHNE (F. C.) — *Album das Orquidáceas Brasileiras*. São Paulo, 1930.
- HOEHNE (F. C.) — *As Plantas Ornamentais da Flora Brasileira*. (Separata do "Boletim da Agricultura". Tomos I e II. São Paulo, 1930, 1936).
- HOEHNE (F. C.) — *Contribuição para o conhecimento do Gênero Catasetum*. São Paulo, 1933.
- HORTA (Paula Parreiras) — *Orquidologia e Barbosa Rodrigues*. ("Rodriguésia". Ano II. N.º 5. Rio de Janeiro, 1936).
- HORTA (Paula Parreiras) — *Uma Nova Orquidácea da Amazônia*. ("Rodriguésia". Ano II. N.º 8. Rio de Janeiro, 1937).
- HUBER (J.) — *Matas e Madeiras Amazônicas*. ("Boletim do Museu Goeldi". Tomo VI. Pará, 1909).
- MAC DONALD (Norman) — *The Orchid Hunters. A Jungle Adventure*. New York, 1939.
- PÔRTO (P. Campos) — *Plantas Indígenas e Exóticas provenientes da Amazônia, cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. ("Rodriguésia". Ano II. N.º 5. Rio de Janeiro, 1936).
- SCHLECHTER (Rudolf) — *Die Orchideen, Ihre Beschreibung, Kultur und Zuchtung*. Berlin, 1927.



FAUNA

F A U N A

PECULIAREDADES

SOB o aspecto faunístico, o Novo Mundo trouxe grande decepção aos seus descobridores. Terras tão vastas e de tão densas e imponentes florestas, tudo fazia prever que também de vulto e muito numerosa fôsse a bicharada que o povoava. Pelo menos a isso conduziam os exemplos da Ásia e da África, com a sua extrema variedade de grandes mamíferos, não raro reunidos em manadas de muitas dezenas e mesmo centenas de exemplares. Daí o olhar ávido dos conquistadores a procurar no emaranhado das nossas selvas a figura gigantesca de qualquer animal que lhes lembrasse o elefante ou o rinoceronte, ou, na vastidão dos nossos campos, a mancha movediça do que poderiam ser bandos de búfalos, zebras ou antílopes.

Mas tudo em vão. Como paquiderme de porte não lhes oferecemos mais do que a nossa modesta anta, bicho inofensivo, dócil, e facilmente domesticável. Equídeos não os possuíamos, embora muita gente pense, ao ouvir falar nas supostas Amazonas que atacaram a Orellana, que estas, como as suas irmãs gregas, também cavalgavam árdegos ginetes. Quanto a bovídeos, se os tínhamos — os bisões da América setentrional, que êstes, sim, eram dos raros animais americanos que se agrupavam em compactas tropilhas — só muito mais tarde foram conhecidos. Pobreza também de outros ruminantes. Apenas os camélídeos dos Andes, lamas, alpacas, vicunhas e guanacos, todos de pequeno porte; e alguns cervídeos, entre os quais bem poucos se hão-de impor pelo desenvolvimento das galhadas. E nada de cabras e carneiros monteses que, ainda hoje, asselvajam certas paisagens européias. Entre os carnívoros salvar-nos-ia a onça pintada, talvez mesmo

um pouco maior do que a pantera africana, ainda que muito menos temível quanto às suas disposições gástricas para com o homem. A capivara também não faria má figura entre os da sua ordem, pois que, como roedor, não há outro, sem dúvida, que se lhe avante em tamanho. A macacada não rivalizaria com os grandes primatas do Velho Mundo. Além disso, fazendo vida arborícola, andava sempre sumida pela grimpada das árvores mais altas. Dignos de curiosidade, mas só de curiosidade e nada por temer, seriam os nossos desdentados, o tamanduá, a preguiça e o tatu, estranhas alimárias com que o espanhol e o português jamais se teriam defrontado, muito embora, na sua ânsia de feitos façanhudos, muito mais grato talvez lhes fôsse arrostar os seus respeitáveis ancestrais: gliptodontes, megatérios e milodontes. O resto, ainda entre os mamíferos, com exceção do queixada e do caititú, que pelos menos formavam em varas, era uma rédua desprezível. Guarás, raposas, lontras, quatis, e gambás. Pacas, cutias, preás e caxinguelês.

Nada também de extraordinário entre os répteis e os peixes. Apenas uns jacarés de fauces respeitáveis e algumas sucurijus que com facilidade transformavam em almôndega o corpo do mortal que lhes caísse entre os anéis constritores. Mas assim mesmo, essas serpentes poderiam ser bem maiores do que as que eram vistas e, tôda vez que uma delas era morta e medida, davam-lhe sempre mais alguns palmos ou mesmo alguns metros de lambugem. Lembre-se o peixe-boi, porque tomado por um peixe, causara espanto. É que a sua fêmea, a vaca-marinha, tinha mamas de mulher e criava o filho aos peitos.

O homem branco, porém, não se apertou ante a escassez do que os seus olhos viam, e com imaginação ardente passou a encher os claros da paisagem de seres irreais e criaturas apavorantes, que mais lhe realçassem a heroicidade ao devassar a terra ignota. Herrera diz que, no Darien, quando Nuñez de Balboa entrou pelo rio São João, viu-se frente a frente com uma besta estranha, misto de elefante, cavalo e boi e que foi classificada de alimária monstruosa. Cardim e Gandavo descrevem o

Igupiara, um gigante marinho, que matava com um simples abraço. Dessa zoologia fabulosa não se livraram também os nossos primeiros cartógrafos que salpicam os seus mapas de tigres, leões e javalis, uma vez que não os podem enfeitar de górgonas, gárgulas e hipogrifos.

Nem mesmo o aborígene americano escapou a êsse olhar que tudo deformava. Sim, não era possível que o homem habitante dessas selvas fôsse em tudo igual aos outros homens. E surgiram as lendas dos índios Curiqueãs, com quatro metros de altura, e de outros, pigmeus, os Guaiazis, e de outros com os pés às avessas, voltados para trás, os Matuiús. Humboldt, no Orinoco, já no início do século dezenove, ainda ouvia falar com freqüência nos índios Raias ou Arraias, acéfalos e com a bôca na linha do umbigo, o que lhes dava certa semelhança com os peixes do mesmo nome.

Se os macacos até então conhecidos eram de formas modestas, no recesso da mata forçoso seria que se encontrassem outros, já de corpulência humana, e que teriam intercurso sexual com as índias. Daí a tribo dos Uginas ou Cuatá-tapuias, do Juruá, silvícolas de apêndice caudal bem desenvolvido, como aquêle a que alude o Padre Monteiro de Noronha, fiado em atestado que sôbre a autenticidade do fato passou o austero carmelita Frei José de Santa Theresa Ribeiro.

O curioso é que essa crença de conúbio entre mulheres e símios persistiu por muito tempo. Castelnau, ainda que escarneça da tribo Cuatá-tapuaia, relata que, ao descer o Amazonas, passando por Fonte-Boa, quis adquirir de uma índia certo macaco cuatá, já perfeitamente domesticado e bastante interessante. A índia, entretanto, mau grado as tentadoras ofertas que lhe foram feitas, recusou-se a qualquer entendimento sôbre o assunto, negativa que teve a sua explicação no que ao cientista francês disse um dos remadores do seu barco. A índia não abria mão do macaco, porque vivia maritalmente com êle.

Aliás, à falta de monstros portentosos, a atenção de um ou outro viajante voltou-se para a bicharada miuda. Vicente Yañez Pinzon, sete anos depois da descoberta da América, levou daqui para a Espanha um pobre gambá,

que em Sevilha foi descrito como o mais estranho dos animais, combinação de raposa, macaco e morcego, e dali teve honras de ser transportado até Granada, para que os soberanos também pudessem admirá-lo.

Mas essa estranheza pela enorme penúria da fauna americana ainda mais cresceu de ponto quando começaram a ser melhor conhecidas as imensas florestas da Hiléia. De fato, nada que condissesse ali, como representação do reino animal, à exuberância daquela flora que, estuando vida e regorgitante de seiva, com árvores portentosas e cipós gigantescos, se desdobrava num manto eternamente verde sôbre milhares e milhares de quilômetros quadrados.

Ao contrário, porém, do que tudo faria supor a um exame menos atento, êsse mesmo ambiente úmido e sombrio das grandes selvas equatoriais em nada se mostra propício à existência das grandes formas animais. Escasseiam-lhes aí as plantas forrageiras. Difícil se lhes torna a movimentação. Tanto assim que quase todos os seus mamíferos se vêem na contingência de adotar vida arbóricola. Só no alto das árvores irão buscar o ar e a luz dos espaços livres. Só na ramaria elevada encontrarão maior abundância de alimentos, nos brotos tenros e nos frutos sazoados. E isso leva-os também a fazer vida solitária, em contraposição ao gregarismo que, em outros solos e sôbre savanas e estepes, os associa em magotes e rebanhos.

Observe-se que essa adaptação dos quadrúpedes à vida arbórea, e que só pode ter sido conseguida muito lentamente, é mais um elemento a favor do que já dissemos, baseados em certos aspectos da sua flora, a propósito da presumida antiguidade da floresta equatorial americana.

Ainda que a nossa fauna de mamíferos seja mesmo bem mais reduzida, quer em número de espécies, quer em quantidade de indivíduos do que as suas congêneres em regiões da África e da Ásia, tanto o abandono do solo, como os hábitos de isolamento a que se viram compelidos os seus animais, não pouco terão concorrido para que ainda mais ermadados de vida parecessem os recessos da floresta amazônica. Ajunte-se a isso o pelame quase sempre sombrio dêsses mesmos animais, que os torna pouco

discerníveis entre a meia-luz e as tonalidades discretas do subosque.

E tanto isso é verdade que essa primeira impressão de solidude e vazio logo se dissipa naquêles que com mais vagar se internam pela mata e com o olhar do índio, a que nada escapa, aprendem a descobrir e se habituam a ver. Assim aconteceu a Wallace que, decepcionado a princípio, quando iniciava as suas excursões pelos arredores de Belém, a pouco e pouco foi mudando de opinião e acabou por se maravilhar ante a abundância e a variedade da fauna que o cercava.

Beebe também se revolta contra a apregoada pobreza da fauna amazônica e cita a sua própria experiência. Colecionando, durante cinco meses, numa restrita área da Guiana Inglesa, conseguiu reunir 331 espécies de animais diferentes. É verdade que no seu acervo os mamíferos constituem menos do que a sexta parte, pois que tudo o mais são aves e, no terreno da ornitologia, como haveremos de ver, a Hiléia é de uma riqueza extraordinária.

Mas antes de chegarmos a êsse mundo alado e canoro, já agora sempre dentro da Amazônia, ainda nos deteremos um pouco sôbre a bicharada de pêlo.

Há-de ser uma zoologia bastante arbitrária, sem qualquer intuito de sistematização, e que, ao sabor de observações próprias ou alheias, respigará um ou outro comentário, mais anedótico do que erudito, mas talvez não destituídos de interesse para o leitor leigo destas páginas.

Se não temos o leão, que se dê o cetro de “rei dos animais” à nossa onça pintada, *jaguarê* dos Guaranis, *canguçu* devido à sua cabeça grande, e que na família dos Felídeos é o animal mais imponente, entre as nove espécies que a compõem no Brasil. Com o seu metro e cinquenta de corpo, que pode ir a dois metros e dez se lhe medirmos também a cauda, oitenta e cinco centímetros de altura, corporatura vigorosa e linda pelagem ocelada, é bicho que logo se imporá aos olhos de quem o defrontar pela primeira vez. Ainda que arisco e matreiro, só será visto muitas vêzes por quem o procurar acompanhado de boa matilha de cães. Basta dizer que Bates, durante os

seus longos onze anos de Amazônia, confessa jamais ter deparado um único jaguar. Por êsse lado, fomos muito mais felizes do que o grande naturalista inglês. Durante os quatro meses de viagem por um dos afluentes do Trombetas, por duas vêzes lindos exemplares dêsse felino estiveram ao alcance da nossa observação.

Êsse carniceiro, que, como já dissemos, só excepcionalmente ataca o homem, a menos que não se sinta acuado, produz bastantes prejuízos entre o gado nas grandes fazendas de criação de Marajó e dos campos gerais do rio Branco. Dizem que os vaqueiros daí dão-lhe caça a laço e que, não raro, depois que o manietam, para isso aproveitando o tempo em que ainda se acha semi-estrangulado pela corda, amarram-no à garupa do cavalo, como se fôra qualquer leitãozinho inofensivo. Aliás, êsse processo de caçar onças a laço é descrito por William La Warre como usado entre os Uapixanas, da Guiana Inglesa. Dois índios, postados de cada lado de uma clareira, aguardam que o animal, acoçado por outros homens e cães, até ali venha ter, quando então ambos lhe jogam o laço, e com fôrças que se equilibram da esquerda e da direita, dominam os arrancos da fera, até que um terceiro índio lhe venha fincar a azagaia no peito.

Quase do mesmo tamanho da canguçú, ainda que menos temida, é a onça parda, *suçuarana* dos indígenas, *puma* dos hispano-americanos. Seguem-se-lhe outros tipos, pintalgados ou não, mas sempre menores, até que defrontemos os gatos do mato.

Segundo Schomburgk, os índios da Guiana Inglesa distinguem treze espécies de onça, oito manchadas e cinco unicolôres. Para o mesmo autor, entretanto, muitas dessas serão apenas meras variedades, como acontece, pensamos nós, com alguns lindos e raros espécimes de pelagem quase inteiramente negra.

Diz-se que o jaguar não despreza os peixes no seu cardápio, bastante variado quanto a animais de pêlo, penas e até de casco. De casco, porque êle tem uma habilidade tôda especial para romper a carapaça das tartarugas e esvaziar-lhe o conteúdo. Mas tornemos aos peixes. O felino, quando quer pescar, arma-se de paciência, e aga-

chado sôbre qualquer pau que se debruce bem sôbre o rio, aí, de vez em quando, bate com a cauda sôbre a superfície d'água. Esta pancada sêca, como se fôra a queda de algum fruto, atrai o peixe, que é logo, com rápido e certo manotaço, jogado para qualquer lugar enxuto.

Parece que a onça tem também como pitêu a rabadilha dos jacarés, que se acovardam à sua presença, embora também ela não ouse abordá-los de frente, e, ainda que bem vivos, os crocodilos permanecem estarecidos, enquanto a fera lhes vai comendo o apêndice caudal.

A anta será, talvez, o único dos nossos animais selvagens que nem sempre sucumbe ao se ver atacado pela onça. Quando agredida por trás, rompe em desabalada carreira, barafustando propositadamente por entre troncos e galhos baixos, com o que, não raro, consegue libertar-se do algoz que lhe vinha grudado aos flancos e que amiúde é gravemente ferido em consequência das pancadas que recebe daqui e dali, exposto, como se acha, a todos os acidentes de um caminho apenas permeável ao fugitivo que não trouxesse fardo às costas.

Esse unglado substitui na fauna americana o elefante e o rinoceronte do Hemisfério Oriental. Assim mesmo, só com bons vidros de aumento vê-lo-íamos emparelhar com aquêles paquidermes. Aliás, ainda que animal bem raro quanto à sua distribuição geográfica, êle está também representado na Índia e na China por uma espécie que, tirante a mancha branca que lhe risca o dorso, é bastante semelhante às nossas quatro, isto é, duas da América do Sul e duas da América Central.

Viajando pelo Cuminá, tivemos a oportunidade de ver confirmado um fato que, pouco antes, nos fôra relatado pelo General Rondon.

A anta, quando ouve os gritos do gavião-pinhé, põe-se a chamá-lo, por meio dos seus silvos agudos.

Acontece que o rapinante muito aprecia os carrapatos que infestam a pele do tapir e êste, proporcionando-lhe tal banquete, livra-se dos importunos parasitas.

Aliás, não são raros êsses curiosos entendimentos entre bichos. Já houve quem visse graciosas garças palitando com o longo bico a dentuça de monstruosos jacarés, que

de fauces hiantes se prestavam gostosamente a essa limpeza mandibular.

Das onças saltamos para as antas e já estamos a falar em jacarés, quando ainda ficou tanta cousa para trás. Nem mesmo aludimos a qualquer outro carnívoro. Na verdade, são de somenos importância. Mereceria, talvez, algum destaque o guará que, pelas formas, embora muito mais franzinas, algo se parece com o lobo europeu. Está, porém, muito longe dêsse, pela sua nenhuma agressividade para com o homem e qualquer animal de maior vulto. Trata-se de bicho covarde, que se esgueira sozinho, pelo calado da noite e, quando muito, devastará a criação de penas. Tem, entretanto, as linhas de um esbelto galgo e será o nosso canídeo que mais se aproxima do cão doméstico, tanto assim que, entre ambos, já tem sido possível a procriação.

Não é, entretanto, entre o guará e o cão importado pelos europeus, que os Macuxis, da Guiana Inglesa, com intuito de apurar qualidades cinegéticas, conseguem uma cruz de grande destreza, ótima vista e faro apuradíssimo. Segundo Im Thurn, que relata o fato, essa mestiçagem se processa aproveitando tanto o guaraxaim ou cachorro do mato (*Canis azarae*) como a raposa do campo (*Canis cancrivorus*), aliás, hoje, ao que parece, ambos reconhecidos como um único e mesmo animal, o *Cerdocyon thous thous* (Linneus). Schomburgk acrescenta que os índios da possessão inglesa chamam a um daqueles animais, ou a ambos se forem o mesmo, de *maicang*, e os colonizadores de *carasisi* ou cão das savanas.

Aliás, ainda não está de todo esclarecido se a América precolombiana já possuía o cão doméstico. Sabe-se que os Astecas tinham um cão mudo, bastante parecido com o nosso, e do qual a carne era muito apreciada pelos índios. Isso, entretanto, já faz afastar a idéia de domesticação, uma vez que os ameríndios só excepcionalmente comem os seus xerimbabos.

Aproveite-se a oportunidade para assinalar a alta conta em que os índios têm os cães de caça, tratados sempre com todo o carinho, bem alimentados, e não raro dormindo sobre mutás especiais para que não sejam atacados pelos bichos de pé. Há mesmo silvícolas, como os

Tarumãs, das cabeceiras do Essequibo, que se dedicam à criação e adestramento dêsse animais, com os quais fazem comércio, sendo para isso procurados por elementos de tribos diferentes. Tais cães são treinados para essa ou aquela qualidade de caça, como onças, pacas, veados e cairitús e, nas savanas, há alguns que se tornam mestres em rastrear os cágados que ali abundam, mas que, sem êsse recurso, difficilmente seriam encontrados entre a maçega alta. Aos cães que se destinam à perseguição dos porcos do mato ensina-se a só atacarem os indivíduos que vão à rabadilha da vara, sem o que seriam furiosamente estracinados pelos numerosos componentes do bando.

O índio, contudo, por mais que confie no tiro da sua flecha e no olfato do seu cachorro, ainda cerca o ritual da caça de várias superstições. Assim, não raro, faz-se picar, e também aos cães, por certas formigas que aumentariam em ambos a acuidade visual. Essas formigas são presas, vivas, a uma esteirinha de palha, em forma de esterno de veado, e que é levada sôbre o peito, à maneira de um escapulário. O trançado imobiliza as formigas pelo meio do corpo, de tal modo que o seu trem anterior se projete sôbre uma das faces da esteira e o trem inferior sôbre a outra. Destarte, quando o índio quer sofrer a picada das formigas, volta para o peito o lado em que se acham as cabeças dos insetos. Visando ainda um maior apuramento dos sentidos, o silvícola, antes de caçar, usa, às vêzes, tomar um clister de paricá, de que também não se livra a cainçalha que o auxilia. Há igualmente a crença de que o faro do cão se afina desde que lhe sejam esfregadas sôbre o focinho certas lagartas que para isso são prèviamente assadas. Como se vê, se os onceiros e paqueiros gozam de muitas regalias, passam também pelos seus maus momentos. Diga-se que o aborígene não só os acompanha nessas provações, como ainda se submete a outras piores. Assim acontece antes da caçada do veado campeiro, sempre bastante difficil, porque o animal é muito arisco e precisa ser defrontado em campo aberto. Vai daí que o índio não sairá em sua perseguição sem que se acautele contra tôdas as possibilidades de um malôgro. Para isso, de boa mente êle pratica em si mesmo uma penosa

operação. Consiste em enfiar por uma das narinas, e puxá-lo depois pela bôca, um fio longo de embira, com o que se livrará do fartum que o faria pressentido do cervo. Outra precaução nada por desprezar leva-o a esfregar por todo o corpo a resina do *mará*, certa planta muito da estima dos veados que, assim, supondo-a pelas cercanias, começam a procurá-la e, distraídos, não notam a presença do caçador. Este, por sua vez, só se aproxima da cobiçada prêsa muito vagarosamente e tendo sempre à mão um grande ramo de fôlhas verdes, atrás do qual se dissimula, como se fôra qualquer das raras arvoretas que se erguem pelas rechãs desnudas.

Já no caso de caçada de onça, é o cão que passa a sofrer a besuntadela do pêlo. Desta vez com a infusão de uma Malvácea, o *Hibiscus abelmoschus*, de cheiro almiscarado e que lembra bastante o que se desprende do porco do mato, das serpentes e dos jacarés, justamente os animais que o felino respeita. Assim, quando o cão lhe cai entre as garras, larga-o logo, na dúvida de ser um daquêles animais com quem prefere não medir fôrças.

Para quase tôdas as tribos há bichos tabus, que jamais serão perseguidos pelo caçador. O veado está entre aquêles que mais gozam desta regalia. Devido à sua grande ligeireza e facilidade com que desaparece da vista do caçador, passa por animal fantástico e no qual, frequentemente, se reencarna a alma dos mortos. Entre os Jivaros, acredita-se que a anta possa dar asilo ao espírito de perigosos feiticeiros.

Além disso, graças ao seu assobio, atribuem-lhe poderosas virtudes de encantamento. Já entre os Apiacás, do Tapajós, por essas e outras superstições, os tamanduás, guaribas e preguiças estarão sempre a salvo da flecha do índio.

As lontras e os quatis, aquelas na água e êstes em terra, porque sempre se apresentam em bandos, podem se tornar imagens impressivas da paisagem amazônica. Espanta o ímpeto com que as lontras, sobretudo as grandes ou ariranhas, entre dois mergulhos, emergem quase que a meio corpo fora do rio, para dar um grande bufido e logo desaparecer; ou a agilidade com que os quatis,

graças à sua cauda preensora, se equilibram em correrias loucas pela frança das árvores mais altas.

O índio se aproveita das qualidades piscatórias da lontra e como esta tem por hábito ir reunindo em qualquer ponto da praia ou do barranco os peixes que vai apanhando e com os quais só depois se banqueteará, o índio, dizíamos nós, fica escondido pelas imediações e, à medida que chega ao monte de virtualhas qualquer peça melhor, trata logo de surripiá-la. *Comedia de lontra* é o nome por que são conhecidos certos ajuntamentos de espinhas e escamas, que não raro se encontram à beira-rio, traindo a voracidade piscívora dêsse animal.

Preocupados em apontar os mamíferos que mais se recomendam pelo seu porte, até aqui ainda não nos detivemos sôbre os macacos que, já pela variedade de espécies, já pela abundância de indivíduos, tanto se destacam na fauna amazônica. A Hiléia, com as suas imensas florestas, será, em verdade, o paraíso dos símios americanos, símios freqüentemente arborícolas e que, se não concorrem em corpulência com os seus irmãos asiáticos e africanos, os superam, talvez, em agilidade e esperteza.

Essa agilidade e esperteza vêm-lhes sem dúvida daquela mesma vida arbórea, de incessante mobilidade, e para a qual, a pouco e pouco, foram transformando a cauda musculosa e tátil num verdadeiro órgão preensor, que lhes faz as vêzes de uma verdadeira quinta mão.

O curioso é que entre os macacos do Novo Mundo, macacos todos platirrinos, isto é, de nariz chato e saliente, estão formas pròximamente ligadas aos tipos que foram os ancestrais da sua grande ordem, mas que atualmente já de todo desapareceram do Velho Mundo.

Alfredo Wallace apontou vinte e uma espécies de símios na Amazônia. Certamente, já decorridos tantos anos desde a publicação do seu trabalho, êste número deve estar hoje bastante acrescido. Sôbre o mesmo assunto, há-de dar-nos a última palavra a monografia, já no prelo, do nosso patricio Eládio Lima. Esclareça-se, porém, que mesmo dentre aquêles que foram arrolados pelo zoólogo inglês, bem poucos, como o cuatá, barrigudo, cuxiú e

caiarara, serão exclusivamente da Hiléia. Todos os outros terão área muito maior de distribuição geográfica.

Assim acontece com os bugios, guaribas ou barbados, cujo gênero, só no Brasil com cinco espécies, tem representantes desde o norte da Argentina até a América Central. Todavia, ao viajante da Amazônia, principalmente se tiver oportunidade de acampar em plena mata, hão-de ser êsses macacos os que mais o impressionarão, pois que só excepcionalmente deixará de conhecer-lhes os estentóricos roncões, em fúnebre cantilena de responso, prolongando-se pelo frio silêncio das madrugadas. Sim, porque, êsses bugios, que andam em grupo, cantam sempre em cântico, ainda que um macaco velho, o capelão, lhes dê a deixa, logo retomada pelos outros. Pelo menos, é essa a opinião da maioria dos autores. Para Wallace, porém, um só indivíduo será responsável pela insípida litania.

Símios grandes e pesados, embora bastante destros — um pescoço volumoso, com saliência à frente, trai-lhes o extraordinário desenvolvimento do osso hióide e da musculatura laringéa, tudo concertado para a formação de uma verdadeira caixa de ressonância, que lhes amplifica a voz.

Do ensurdecedor regougo emitido pelo guariba, a credence popular concluiu que a água bebida em osso hióide desse símio seria de efeitos salutareos nas doenças dos órgãos respiratórios e nos distúrbios do aparelho vocal. Humboldt, quando na Venezuela, viu aconselhá-la na asma; os pretos *marrons* do Maroni ministram-na às crianças gagas; enquanto Arthur Neiva, citado por R. von Ihering, anotou-lhe a prescrição aos doentes de papira, em certas regiões do nosso território, onde o bócio é endêmico. Aqui já estaríamos diante do axioma homeopático: *Similia similibus curantur*; ao passo que nos primeiros casos, a medicina seria antes aquela de que nos fala Ramon Pardal, aliás muito comum entre os povos primitivos, e da qual, mais por diante, ainda daremos outros exemplos, colhidos entre os nossos indígenas, — uma medicina “imbuída do espírito de participação: opoterapia de efeito e não de intenção”.

O cuatá, também chamado macaco-aranha, devido ao seu corpo magro e membros extremamente longos e esguios, é o nosso maior símio, embora apenas atinja cêrca de metro e meio, inclusive a interminável cauda. Alegre e irrequieto, se não é visto, pois que quase sempre anda pelas mais altas árvores, acusa a sua presença por um grito forte e característico. Faz-se caça bastante procurada e que muito se recomenda pelo sabor e macieza da carne. Todavia, quando apenas esfolado e antes de ser partido, tem aspecto dos mais repugnantes para quem não possuir pendores antropofágicos. Conta o General Rondon que índios do Gi-paraná, para caçá-lo, costumam pintar a cara de prêto, com genipapo, pois que, assim mascarados e imitando, com a habilidade que lhes é peculiar, a voz de diversos animais, despertam a curiosidade dos cuatás, que logo baixam dos seus esconderijos.

Macaco mais raro é o *barrigudo*, cujo *habitat* parece confinado ao Madeira, Solimões e alguns afluentes do rio Negro. Lanzudo, gordo, pesadão, êsse símio, quando em cativeiro, de modos tranqüilos e fisionomia parada e tristonha, tem qualquer coisa de um prêto velho. Muito outra é a sua atitude quando em liberdade. Mostra-se, então, ousado e agressivo, e, no dizer dos índios, se por êstes perseguido, joga-lhes tudo o que lhe vem às mãos: frutos e pedaços de pau.

Segundo Humboldt, os macacos são tanto mais melancólicos quanto mais se parecem com o homem e para certos viajantes o *barbado* seria o nosso melhor sósia.

Já aconselhou alguém, aos que se perdem na floresta, de só se alimentarem com os frutos que fôrem da preferência dos macacos. Com isso, estarão sempre a salvo dos perigos de qualquer envenenamento.

Ao contrário do grande tamanduá-bandeira, que só será encontrado nos campos, onde abundem os formigueiros e montes de cupim que lhe dão sustento, as duas outras espécies de mirmecofagídeos, tamanduá-colête e tamanduáí, fazem vida dendrícola e, ainda que ronceiramente, alçam-se até a ramaria elevada. É extremamente gracioso o tamanduáí, o anãozinho da família, de pelame sedoso

e alourado. Na região do rio Negro chamam-lhe *mambira* ou *arari* e para muita gente passa por um bom talismã que, empalhado, merece ser conservado em casa. Empalhado e não vivo, porque dificilmente suporta o cativoiro, à nossa ignorância do que lhe é necessário ao caprichoso paladar.

Ainda mais vagarosas e desajeitadas são as preguiças, cuja sobrevivência até hoje não deixa de espantar-nos, tão poucos são os seus elementos de defesa na luta pela vida. Vale-lhes o mimetismo da pelagem densa, onde até algas se aninham e que as torna facilmente confundíveis com o colorido morto das imbaubeiras onde preferentemente vivem. Contudo, assim mesmo, descobre-as o olhar agudo das harpias, um dos seus principais inimigos, que aí vêm buscá-las, após uma porfia quase sem risco, mas que demanda muito fôlego, até que consigam arrancá-las do pau a que se abraçam.

E, por falar em mimetismo, não será inoportuno lembrar que foram observações de Bates e Wallace, na Amazônia, e de Fritz Müller, em Santa Catarina, que robusteceram idéias expendidas por Darwin na sua ORIGEM DAS ESPÉCIES. Apenas a teoria mimética ou da capacidade de dissimulação adquirida por certos animais, como elemento de proteção, já não tem hoje a importância que lhe quiseram dar.

Citadas, como já foram, as capivaras, desnecessária será maior demora sobre os outros roedores. As cutias são numerosas e, se danificam por um lado, por outro concorrem à disseminação de sementes, principalmente das castanheiras. Gulosas, mesmo de estômago cheio, gostam de se precatar contra futuras fomes. Para isso, transportam à distância, e aí enterram a esmo, o que não puderam comer logo, e, como, depois, nem sempre se recordem dos locais em que fizeram as suas despensas secretas, vão destarte semeando sem se aperceber.

Entre os caxinguelês, quatipurús na Amazônia, devem merecer destaque algumas espécies, de pelagem vermelha e barriga branca, notáveis pelo tamanho, e que são peculiares à região.

Foi Darwin quem descobriu os primeiros morcêgos hematófagos, quando surpreendeu, no Chile, um desses quirópteros sugando o dorso de um cavalo. Na Amazônia os há e alguns viajantes já foram vítimas da sua sanha, pois que o vampiro, à falta de outros animais, também se dessedenta sôbre o homem. Contudo, não são tão encontradiços como se propala e a sua presença tem sido mais assinalada em restritas e determinadas zonas, como, por exemplo, os afluentes baixos do Trombetas. Ao que parece, a sua picada é indolor e já se aventou que o morcêgo tivesse uma saliva com propriedades anestésicas e hemolíticas, uma vez que a vítima nada sente e a ferida permanece a sangrar por longo tempo, depois que dela já se afastou o seu causador.

Curiosos são os morcêgos brancos de neve, quase prateados, de tão sedoso que lhes é o pêlo. Estes, mais expostos do que os outros aos seus inimigos, enquanto repousam durante o dia, ao invés de procurarem locais escuros, abrigam-se de encontro à página inferior de certas palmeiras, que, com o seu tom também argentado, lhes dissimula a presença.

Preferiríamos falar em bôtos e peixes-bois quando chegássemos ao mundo vivo das águas, mas esta nossa zoologia já anda tão ao arrepio das sistematizações convencionais que há temer se nos increpe ainda maior ignorância no assunto. Por outro lado, se mesmo entre os mamíferos já tivemos que andar pelo ar, voejando atrás de morcêgos, justo será o mergulho que nos ponha em contacto com aquêles monstros marinhos e fluviais, também encontrados na rêde hidrográfica do Amazonas. Aliás, monstros apenas no tamanho. Nada se deve recear de nenhum deles, a não ser o que diz a lenda a respeito do bôto vermelho, o *uiara* dos índios, sedutor de muita donzela desprecatada, que, assim mesmo, reprochando-lhe o desvio pecaminoso a que não pôde fugir, nêle ainda encontra um protetor, a exculpá-la da falta que de outra maneira seria irremissível.

Essa e outras superstições, como aquela que lhe empresta ao ôlho, quando conservado sêco, atributos de poderoso amavio contra amores mal correspondidos, deveriam

fazer com que o cetáceo sofresse implacável perseguição. E, no entanto, bem poucos serão aquêles com coragem bastante para arpoá-lo, malgrado com freqüência seja visto às cambalhotas nas águas do rio-mar e seus afluentes maiores. Sobrelevando a tôdas, existe também a crença de que no bôto vermelho vive um espírito sobrenatural, com muita coisa de humano ou mesmo de demoníaco, e daí a impunidade que desfruta.

O bôto escuro, ou *tucuxi*, de porte menor, passa por ser amigo do homem a quem auxilia em casos de naufrágio ou mesmo defende, quando o vê atacado pelo seu irmão de côr assalmonada.

O curioso é que essas abusões em tôrno dos cetáceos são por assim dizer universais. Na Índia, consideram-nos enviados dos deuses e fiéis companheiros dos homens; e os anamitas, em vez de chamar-lhes *ca-voí* (grande-peixe), preferem dizer *ca-ong* (peixe-senhor). Convém também não esquecer que Ulisses e Telêmaco foram salvos por um golfinho.

A despeito de tôdas as lendas que o prestigiam e protegem, o bôto talvez não fôsse tão poupado se a sua carne, como acontece com a do peixe-boi, tivesse caído no gôto dos homens. Este sirênio, que já povoou as costas sul do país, conforme depõem os primeiros cronistas, faz-se hoje cada vez mais raro e, no tocante à América do Sul, tem como reduto único as bacias do Amazonas e do Orinoco. Assim mesmo, aí, já anda muito afastado da orla marítima e é preciso entrar de terra a dentro, oitenta e mais léguas, para encontrá-lo.

O índio, que lhe conhece os hábitos e as matreirices, caça-o a arpão. Na reponta da enchente, procura-o nos lagos e afluentes menores, onde o grande mamífero, que às vêzes pode ter quase três metros de comprimento, costuma pastar, entre as touças de canarana e outros capins aquáticos.

Tem curso a notícia de que a fêmea do peixe-boi, ao contrário do que faziam as Amazonas de Orellana, cedo se desembaraça de suas filhas, tão depressa as veja chegadas a vitelas e com capacidade para viverem por si mesmas. Outra, entretanto, é a sua conduta em relação aos mamó-

tes, guardados sempre a seu lado, até que com êles possa procriar. Propala-se também que os índios, na suposição de que daí lhes advirá sorte nas caçadas e pescarias, com freqüência utilizam-se sexualmente da vaca-marinha.

Se em relação à fauna mamal, alguns povos nos podem olhar com certa displicência, espanto e admiração de todos há-de despertar a visão panorâmica da nossa órnis. Basta lembrar que aproximadamente um sexto de tôdas as espécies da avifauna universal tem representantes no Brasil e, neste, o mais amplo e opulento aviário são as florestas da Amazônia. Daí Wallace dizer que em nenhuma região do globo existirá maior variedade de aves do que na Hiléia.

Não se pense, porém, que isso há-de ser logo surpreendido, ao primeiro exame. Ainda aqui, como já fizemos sentir em relação aos quadrúpedes, a mata, pela sua própria pujança, que a faz fechada e obscura, continuará a dar a mesma impressão de recesso quase êrmo e silente. Isso sucede porque as aves terrícolas, os típicos galináceos de que essa mesma mata é tão rica, não só têm côres sombrias que fâcilmente os dissimulam, como logo se chupam entre a ramaria enredida, ao menor motivo de susto; e as outras, as de plumagem vistosa, alcandoram-se nas frondes altas e ali, se o olhar as alcança ou o canto lhes denuncia a presença, a luz do sol também lhes ofusca o brilho das penas. Por outro lado, bem poucas são as aves da mata que andam em bando e, se as há, ainda mais raras serão aquelas que façam a matizada de um grupo de papagaios ou periquitos. A maioria tem hábitos solitários e não se tregasta em trinos e regorjeios. Canta, muitas vêzes, em determinadas horas do dia ou da noite ou mesmo em determinadas estações do ano. Quando canta. Outras dão apenas um pio roufenho ou qualquer gemido abafado, que logo se perde no grande silêncio envolvente. Bem poucas terão a garganta da araponga, o brado rascante dos tucanos, ou o fôlego do *seringueiro*, que êste, sim, não se cansa de emitir os seus agudos assobios, com que, dizem, está sempre a escarnecer dos trabalhadores na floresta.

Aves em profusão, por vêzes aos milhares, formando nuvens quando voam, poderão ser vistas à beira dos lagos, principalmente na região do salgado, e quando as águas já começam a descer. Formam a legião dos pernaltas e palmípedes, uns a passearem de andas, outros de patinhas tão curtas que mais se diriam com o corpo roçando diretamente o chão. Se apontamos a costa marítima como mais propícia a essas reuniões, é que alguns, e dos mais belos, como os flamingos, guarás e colhereiros, preferem a mariscação na água salobra.

As garças de imaculada plumagem nívea hão-de predominar quase sempre entre essas aves aquáticas e paludícolas, de permeio às quais avultará o circumspecto tuiuiú, um verdadeiro gigante quando comparado às minúsculas batuíras e jaçanãs. Estas últimas, aliás, tirando partido da sua leveza, não limitam o âmbito das suas excursões à franja dos alagadiços. Afoitam-se por lagoas a dentro, chapinhando sôbre as fôlhas do matupá. *Pajaro de Jesú Cristo* chamam mesmo na Bolívia à graciosa jaçanã, pois que o delicado pernaltinha dá de fato a impressão de que também sabe andar sôbre as águas.

Felizmente a moda, agora voltada para outras fantasias, e também algumas posturas municipais acabaram por dar descanso às garças da Hiléia que, sem isso, teriam os seus dias contados, tanta era a procura de *crosses* e *aigrettes* para os aderêços femininos. O mais triste é que essas plumas mais disputadas são trajes nupciais de que se revestem os lindos ardeídeos por ocasião dos seus amores e, preferentemente, a sua matança é feita nos ninhais, em pleno período de procriação.

Se viajarmos pelos rios, principalmente os rios de água prêta, escassos de sedimento, ao contrário dos outros, os de aluvião, não teremos grande contacto com a avifauna amazonense. Essas correntes fluviaes são tão pobres de caça e de pesca que se lhes deu o nome de rios *famintos* e nêles, mormente se atingirmos os seus altos, acima das cachoeiras, não será difícil passar fome. Conhecêmo-los bem, pois foi por um dêles, o Erepecuru, e depois o Paru, de oeste, que subimos até chegar aos contrafortes de Tumucumaque, já nos limites da Guiana Holandesa. Aí,

uma ou outra ave que se visse, durante todo um longo dia de viagem, era sempre um acidente digno de nota. Isolados maguaris que, com vôo pesado, à aproximação da canoa, abandonavam um pouso para procurar outro, em sítio mais distante, mas sempre à mesma margem. Arirambas maiores ou menores que riçavam o espelho das águas e surgiam com um peixinho no bico. Biguatingas de pescoço esguio e colubreante mergulhando aqui para aparecer muitos metros além. Um casal de araras vermelhas cortando o azul do céu ou um caracará de asas ao par, pronto a despejar-se sobre qualquer prêsá. Em bandos, só as gaivotas, sempre a gritar, revolteando sobre as praias, onde os seus ovos incubavam ao sol; ou, então, alguns patos *asa branca*, nadando gostosamente nos espriados de água remansosa. Ainda mais raramente, mas isto acidente auspicioso, dada a valia da caça, alguns mutuns em grupo que, tangidos pela sêde, chegavam até a beira do barranco.

E não é que íamos esquecendo as ciganas? Estas, se não andarmos pelos rios, jamais serão vistas, pois que vivem penduradas, aos magotes, nos galhos dos aturiás, oiranas e outras plantas ribeirinhas. Remanescente de grupos extintos, para muitos autores é essa a ave mais curiosa do mundo atual e não foi sem razão que Goeldi, Beebe e outros lhe dedicaram particular atenção. Faz espanto que bicho tão sem defesa, de vôo canhestro e apoucado, e que só excepcionalmente irá além da ramaria mais rasteira, goze de tamanha tranqüilidade, sem quase inimigos que o persigam. Mas isto explica-se. Protege-o um pitiú todo especial, cheiro de estêrco de cavalo, que lhe torna a carne intragável e de onde lhe adveio o nome de *catigueiro*, por que é também conhecido.

Lembre-se. Ainda não aludimos aos japins, cujos graciosos ninhos, uma ou outra vez, surgem a balouçar de galhos debruçados sobre a corrente. E por falar em japins. É tal a algazarra feita por êsses pássaros, que sempre nidificam em conjunto, que alguns índios, usando daquela terapêutica por analogia, já referida páginas atrás, ministravam os seus bicos calcinados a crianças e adultos. Às primeiras, para que viessem a falar precocemente e, aos

segundos, para que aprendessem com facilidade dialectos estrangeiros. Diga-se que os Araucanos e os Pampas, também impressionados com a alacridade das gaivotas, tinham-lhes o cérebro como um bom medicamento para combater a melancolia.

Detenhamo-nos ainda sôbre os japins. Esses pássaros, com larga distribuição no nosso território — guaxes no sul, xexéus no nordeste, japus e japins no extremo-norte — deram motivo a interessantes observações sôbre o material empregado na confecção dos seus ninhos, que se adaptam às condições locais. Assim, no sul, êles serão preferentemente feitos com *barba-de-velho*, enquanto no Amazonas com fôlhas de palmeira. Isso não espantará quando soubermos que aqui, dentro do Distrito Federal e na imediação de fábricas e oficinas, já foram encontrados um ninho de cambaxirra e outro de tiriri cujo arcabouço era constituído por fios de ferro e pedaços de arame farpado. Como se vê, os pássaros *civilizados* caminham também para as nossas edificações de cimento armado.

Mas, tornemos à floresta, acompanhando aquêles mutuns que só acidentalmente chegaram até a beira-rio, para logo retornar ao recesso umbroso do arvoredo.

Essas e outras aves, como os jacus, inhambus, aracuãs, urus, macucáuas e kujubins, outrora tidos por galináceos e hoje separados em duas ordens distintas, são típicas da região neotrópica e algumas delas são das nossas melhores caças de pena encontradas na mata. Dizemos na mata, porque a uma dessas mesmas ordens, a dos Tinamiformes, pertencem as codornas e perdizes, que se nos depararão nos campos.

Não deixa de ser curiosa a evolução regressiva sofrida por tôdas essas aves, com capacidade de vôo bastante limitada e vida predominantemente terrestre. Aliás, por isso mesmo, porque muito expostas aos seus inimigos, nenhuma ousa paramentar-se com maior pompa. A roupa delas é sempre severa, em tons de cinza ou pardo, bem condizentes com a morte-côr da paisagem ambiente,

Conquanto pertencente a outra ordem, mas também terrícola, é o jacamim que, além da graça das suas atitudes, com raros dons saltatórios, e da estranheza da sua

voz ventríloqua, é genuinamente da Hiléia e jamais será visto em outras regiões do nosso território. Fácilmente domesticável, tenaz perseguidor de serpentes, quando no terreiro, misturado à criação miúda, torna-se um verdadeiro juiz de paz e não é à-toa que os índios o prezam tanto entre os seus melhores xerimbabos. Spruce, durante a sua estada no Uaupés, refere-se a um que, como o mais fiel dos perdigueiros, o acompanhava, diàriamente, nas suas excursões botânicas, e distraía-se caçando cobras enquanto o naturalista herborizava. Muito mais gregários do que os mutuns, urus, e algumas das outras aves citadas mais acima, os jacamins andam em grandes bandos, não raro de cem e mesmo duzentos indivíduos, conforme Schomburgk teve ocasião de observar na Guiana Inglesa.

Também genuinamente da Hiléia, mas êste de hábitos solitários, é o pavãozinho-do-Pará. Dêle, porém, não trataremos já, uma vez que vai ter honras de ser apresentado numa das nossas estampas e há-de merecer notícia mais destacada.

Falávamos há pouco da fácil domesticação dos jacamins. O mesmo acontece com os mutuns, os jacus e muitas das outras aves que vimos citando, embora tôdas elas, só por exceção, se venham a reproduzir quando assim em cativeiro. Isto não deixa de ser curioso ao saber-se que com aves européias do mesmo gênero é justamente o contrário do que se dá. Prêsos, ainda que insubmissos e bravios, os faisões continuam a acasalar-se. Aliás, nessa impossibilidade de procriação dos nossos animais selvagens, quando trazidos ao convívio do homem, há-de estar a explicação por que, ao contrário do que sucedeu com a nossa flora, que revelou uma porção de plantas úteis aos europeus, a fauna americana, postos de lado o peru e o pato, em nada concorreu para variar o paladar universal. Assim mesmo, se ao peru, nativo da América Central, respeitaram-lhe a origem, o nosso pato, *cairina moschata*, que antes de Colombo já vivia entre a miunça de alguns índios, como os Quíchuas do Peru, os Guaranis do Paraguai e os Tupis entre nós, onde era respectivamente conhecido por *nunhuma*, *ipeguaçu* e *potiguaçu*, mas que parece só entrou na Europa depois de ter sido levado para a África,

ignorada ou esquecida a sua proveniência, passou a ser conhecido por *pato-da-Barbaria*, *pato-moscovita* e *pato-turco*. Diz Ihering que a primeira descrição desta ave foi feita no Velho Mundo por Conrado Gesner, em 1555, e que já nesse mesmo ano o nosso palmípede era saboreado à mesa dos parisienses, como fina iguaria.

Os patos selvagens são sempre ariscos e de difícil caçada. Os índios da Guiana, para que dêles se possam aproximar sem serem pressentidos, usam de interessante estratagema. Conhecendo-lhes os pousos preferidos em determinadas lagoas, por aí espalham, à superfície da água, cabaças ôcas, com as quais as aves se familiarizam, habituando-se a nadar sem susto entre elas. É então que os silvícolas, mergulhados n'água e só com a cabeça de fora, como se fôsem outras tantas cabaças, os vão sub-repticiamente agarrando pelas patas e afogando-os sem demora, de tal modo que as aves não se debatam e possam com isso espantar as companheiras.

Conta-se que o caçador civilizado de Marajó e outros pontos, onde o gado, com freqüência, pasta à volta dos alagadiços, não raro se dissimula atrás de uma rês para ter visada mais próxima sôbre patos e marrecos. Por *boi-marrequeiro* é mesmo conhecido aquêle que se afeiçôa a tal mister e já houve quem dissesse, exaltando a ladinice de alguns, que vão ao ponto de voltar a cabeça para o caçador e piscar-lhe o ôlho quando julgam que chegou o momento mais propício a um bom tiro.

Uma vez que, linhas acima, já respigamos algo sôbre a propagação das nossas aves, não será demais observar que as posturas nos trópicos mostram-se bastante parcimoniosas. De uma maneira geral, dois ovos apenas, em vez dos seis ou dez que enchem os ninhos europeus. Isso, talvez, como uma conseqüência da amenidade do clima, que lhes garantirá um maior êxito à prole. Observe-se, porém, que as posturas, aqui, são, geralmente, mais freqüentes, ocorrendo duas e mesmo três por ano.

Até aqui, quase que só temos andado com os olhos no chão ou, quando muito, levantados até a ramaria mais baixa do subosque. Se os alçássemos agora até as frondes mais altas, então é que começaria a festa das côres, com

a policromia das araras e papagaios, dos tucanos e aragaris, dos anambés e surucuás, das pipiras e beija-flôres.

Embora sem competir com estas no fausto da plumagem, é aí que paira também a imponente harpia, o nosso gavião-real, com dois metros de envergadura quando com as asas estendidas, e que em nada desmerecerá se confrontado com as águias européias. Os índios estimam-no muito e, mantendo-o em cativeiro, com as suas penas longas e rajadas fazem os mais lindos cocares. Esse rapiante, de bico poderoso e garras rompentes, é feroz perseguidor de macacos e preguiças, e baixa também aos campos para apresar os veadinhos mais tenros.

Infelizmente, não há-de ser na exiguidade dêste caderno, em que se busca quase impossível escôrço da fauna da Hiléia, que se fará o majestoso desfile da sua órnis, onde só os Passeriformes, até aqui quase sem referência, muito embora entre êles estejam os nossos maiores cantores, constituirão mais da metade de tôdas as espécies conhecidas.

Esclareça-se, porém, que essa avifauna, tal como acontece com a fauna mamal, se bem que aí ricamente representada, não é, na sua grande maioria, tipicamente local, adstrita exclusivamente à província amazônica, mas antes pertence à imensa sub-região brasiliana, cuja área zoo-geográfica excede de muito as lindes traçadas para a Hiléia.⁽¹⁾

Todavia, entre as aves autóctones, aquelas que lhe vincam mais particularmente o *facies* paisagístico, contam-se justamente vários passeriformes e, de alguns dêles, a seu tempo, haveremos de falar mais detidamente, uma vez que pelo esplendor da sua plumagem mereceram figurar entre a nossa iconografia.

Por agora, deixemos de lado a beleza dêsses pássaros, para tornarmos aos seus atributos canoros. Como já observamos, estão também, entre êles, exímios garganteadores, a começar pelo lendário uirapuru e não esquecendo o tão requestado rouxinol-do-rio-Negro, o *cipa* dos índios Tucanos.

(1) Vide C. de MELLO LEITÃO: *Zoo-geografia do Brasil*.

Houve quem dissesse que as aves tropicais eram tanto mais ricas de colorido quanto mais pobres de canto e o Príncipe Maximiliano, num cotejo em que o prêmio não nos caberia, dota o aviário brasileiro apenas de instrumentos de sôpro, enquanto no seu correspondente europeu também seriam usados instrumentos de corda.

Mas há exagêro em tudo isso. Não resta dúvida que o uirapuru, com a sua voz de cristal, se veste da maneira mais simples possível, ao passo que certos saís, enfeitando-se com as sete côres do arco-iris, emitem apenas pipilos insignificantes. Todavia, como depõe Alfredo Wallace, em relação à própria Amazônia, aí também se encontram pássaros que, ao aspecto atraente, reúnem qualidades vocais nada desprezíveis. Em abono disso, basta que se lembrem o iratauá e o galo-de-campina.

O galo-de-campina leva-nos a falar sôbre a avifauna dos campos, muito mais rica do que supõem os observadores menos atentos. Apenas, porque o que aí predomina são os passeriformes de pequeno porte e pouco vistosos, passa quase inteiramente despercebida. Consigne-se, porém, que essa órnis campezina hileana nada tem de singular e prende-se a espécies com vasta distribuição nos campos gerais do Brasil e países vizinhos, o que não espantará se a respeito disso tivermos em mente o que diz a Dra. Emília Snethlage. As aves do campo, amantes da luz, ao contrário das silvestres que, não raro, ocupam áreas pequenas e bem delimitadas, tendo os rios por fronteira, encontram nos vales dêsses mesmos rios, isto é, na sua vegetação marginal, um ambiente aberto e ensoalhado, muito semelhante ao seu *habitat* natural, e por aí se afoitam a longas migrações.

Se tornarmos à figura obsoleta da cigana, em cuja asa ainda haverá reminiscências, senão anatômicas, ao menos fisiológicas, da membrana costal de certos lagartos voadores, chegaremos sem grandes saltos à classe dos répteis.

Aí, para discretear sôbre alguns dos seus representantes que mais caracterizam a paisagem amazônica, quase não abandonaremos a rêde hidrográfica, o que nos facultará também, sempre num rápido escôrço, a observação de batráquios e peixes.

Os jacarés, com as sucurijus, constituem as grandes avantesmas dos rios da Hiléia e bem poucos são os que os vêem e lhes assinalam as façanhas sem um bom par de óculos de aumento e muito daquela imaginação que celebrizou o Barão de Munckausen.

Não há dúvida que os nossos caimãs podem apresentar exemplares, como aquêlê visto por Bates, medindo seis metros de comprimento, e que nada ficam a dever aos maiores aligátôres e crocodilos conhecidos. Todavia, tirante o caráter de violento flagelo que por vêzes assume quando em abundante proliferação nos lagos adjacentes às fazendas de criação, e onde o gado se vem abeberar, como sucede em Marajó, não têm para o homem a agressividade que se lhes empresta e, em relação à sua frequência, é diminuto o número das vítimas que fazem.

Justamente em Marajó dá-se-lhes o maior combate. Aí, na época da vasante, com o auxílio de longas varas, batem-se os lagos, de tal modo que os crocodilos sejam tangidos até uma praia, onde outros homens, quase sempre destros vaqueiros afeitos ao arremêso do laço, os garroteiam e imobilizam, até que sejam mortos a machadadas. E assim, numa só fazenda, matam-se, por vêzes, centenas dêles, em poucas horas.

Conta-se que o índio, numa prova em que patenteia a sua coragem, gosta de dominá-los de outra maneira. Para isso, e tendo apenas por arma, entre os dentes fortes, a ponta de uma longa embira, põe-se à espreita sôbre qualquer galho inclinado sôbre o rio, até que um dos monstros fluviais, nadando descuidado, esteja bem ao seu alcance. Então, com salto certo, joga-se-lhe em cima, abraçando-o pelo dorso. A fera, tomada de surpresa, rabeia enfurecida e de bocarra às escâncaras, entre espadanas d'água, busca desvencilhar-se de quem assim tão ousadamente a cavalgou; mas como o não consegue, em recurso extremo, trata logo de mergulhar. Eis quando o índio se aproveita para passar-lhe muitas vêzes o fio à volta das mandíbulas, já então fechadas. Tudo isso, porém, êle há-de realizar num ápice, servindo-se apenas da mão direita para trabalhar com a embira que lhe pende dos lábios. A outra, a mão esquerda, precisa estar livre, para calcar

fundo e dolorosamente sôbre os olhos da prêsa, caso esta relute em tornar à tona, ao tempo em que já indefesa, e ainda com o auxílio do cordel, será arrastada até a praia.

Do jacaréaçu, de carne almiscarada, até bem pouco tempo quase nada se aproveitava, exceção da sua graxa, utilizada, às vêzes, para fins grosseiros. A indústria moderna, entretanto, dá-lhe hoje grande aplicação ao couro, resistente e bonito, e a sua caça já tem outra finalidade que não apenas o extermínio de um animal nocivo.

Menos desprezado como alimento, sobretudo pelos bons bifés que fornece a sua rabadilha, é o jacaretinga, de tipo muito menor, mas o único crocodilo que aparece no alto dos rios, acima das cachoeiras.

Não há jacaré, porém, cuja carne se compare à das iguanas, os lagartos de maior ou menor porte, que não raro são vistos, aquecendo-se ao sol, sôbre galhos que se debruçam à margem dos rios.

E já que estamos em pleno aproveitamento culinário da bicharada amazônica, passando a tratar de quelônios, temos que dar a palma às grandes tartarugas, uma das maiores riquezas da região. Mas estas, coitadas, além da carne muito apreciada, têm para seu mal umas copiosas posturas de ovos saborosíssimos. Daí a implacável perseguição que se lhes move e que já vai fazendo inverossímil a imagem daquêles rios do Orinoco, descritos por Gumilla, e quase vadeáveis a pé enxuto, tão grande era o número delas a lhes coagularem as águas.

É pelo fim do verão que se sai pelo lombo das praias, à procura dos seus ninhos, sempre muito bem dissimulados sob a areia alva, mas que o nativo, com um tato todo particular, espécie de visão paróptica, fàcilmente descobrirá, mal descanse o calcanhar sôbre qualquer terreno mais fôfo. Aí, de um só dêsses covos, retiram-se não raro muito mais de cem ovos, brancos e do tamanho dos de galinha, mas perfeitamente esféricos e com a casca mole. Daquêles ainda se distinguem porque têm a albumina incoagulável ao calor e só a sua gema serve de alimento. Ainda nessas praias, a que afluem as tartarugas em grandes bandos para o trabalho da postura, faz-se-lhes a mais cruel das guerras, conhecido que a cada fêmea que se mata, prenhe

de ovos, corresponde o extermínio de inumerável prole. *Viração* é o nome que se dá a êsse incrível processo de caçada, uma vez que, de início, ante a quantidade de animais a apresar, trata-se apenas de virá-las de patas para o ar, até que haja tempo para imobilizá-las melhor.

De outras tartarugas, como a *tracajá*, a *pitiú* e a *cabeçuda*, ainda se alimenta a população regional, mas nenhuma destas, já em abundância, já pela fartura de carne, pode ser comparada com a espécie grande. Não obstante, destaque-se a *tracajá*, cujos ovos, embora menores e nunca em número acima de quarenta por covão, são também apreciados.

Nos campos, pela sua freqüência, devem ser lembrados os jabutis que, à falta de outra coisa, tanto nos valeram no alto Cuminá. Gabam-lhe muito o fígado, talvez porque, no seu bôjo, a não ser êste, é só tripa e mais tripa o que se encontra.

Cágado bem típico da Amazônia, e que se fôsse um pouco maior seria um verdadeiro monstro antediluviano, é o horrendo *matá-matá*, de narinas prolongadas em bico fino e carapaça cheia de bossas e arestas. Aliás, o seu nome indígena que, em língua aruã, segundo Goeldi, parece querer dizer *pele-pele*, *pele-muita*, caracteriza-o bem, pois que tem mesmo muitas excrescências cutâneas e vários apêndices filamentosos na cabeça.

Igualmente à ourela dos igarapés tranqüilos e dos igapós sombrios onde vive o *matá-matá*, iremos de preferência deparar a *sucuriju*, a *cobra-grande*, a *boiúna*, de tantas lendas amazônicas.

Já dissemos das patranhas que se têm escrito a seu respeito, fazendo-a quase sempre muito maior do que os exemplares que até hoje puderam ser examinados com critério. O curioso é que nem mesmo viajantes de certa responsabilidade se furtaram a êsses exagêros. Assim, Algot Lange fala em uma que teria mais de vinte metros de comprimento e setenta e um centímetros de diâmetro na sua parte mais larga. Esta, não há dúvida, seria bem capaz de comer um daquêles bois inteiros, de trás para diante, como quem chupa um caju, mas cuja digestão lhe seria tão penosa, pois que tôda feita com os dois enormes chifres a saírem-lhe bôca em fora.

A verdade é que tirante aquêlê exemplar, visto por Gardner, e que se estirava por doze metros e pico, já serão notáveis as sucurijus que atinjám mais de oito metros.

Para felicidade nossa, mas muito maior das capivaras, que lhe sofrem feroz perseguição, essa cobra, por sua vez, deve ter muitos inimigos quando jovem. Embora extremamente prolífica, com partos de trinta e quarenta filhos, está longe de ser freqüente e o seu encontro será sempre um acontecimento.

Abaixo da sucuri, impondo-se ainda pelo tamanho, vem a gibóia. Esta é, porém, de terra firme, e dos campos sêcos, onde dorme de dia para caçar à noite. De hábitos mais modestos, satisfaz-se com pequenos mamíferos e, no interior, há quem a conserve em casa, em plena liberdade, para livrar-se da rataria doméstica. Isso, já se vê, enquanto ela ainda não alcançou grande tamanho e só tem olhos para os animais pequenos.

Mau grado a extensão da Hiléia, as serpentes venenosas, ali existentes, não ocorrem com a abundância que se supõe, e estão longe de constituir a calamidade pública, com milhares de vítimas anuais, por que são responsáveis as suas congêneres indianas. Basta dizer que durante quatro menses de viagem, por trilhas muitas vêzes impérvias, na floresta ou no campo, o autor jamais viu uma só jararaca, urutu ou cascavel.

Valerá descer aos charcos, para cogitar de sua fauna coaxadora? E por que não, se há rãs que, pelo seu colorido, são verdadeiros bibelôs de porcelana? Uma delas, também vista por nós, mereceu a admiração de Spruce. De dorso negro, tem o ventre e as patas de um belo azul-índigo, enquanto um traço verde vivo, a partir da cabeça, lhe corre pelas faces laterais do corpo. Outra, igualmente notável, é tôda sarapintada de branco, sôbre um fundo também intensamente azul.

Merece ainda ser lembrado o curioso sapo *cunauaru*, que impermeabiliza o seu ninho, no ôco dos paus, com uma matéria resinosa, por êle segregada, e de perfume muito agradável.

Tratando-se da mais vasta bacia fluvial do mundo, não será de espantar que a Amazônia tenha a maior fauna ictiológica conhecida e que já decuplicou em espécies novas o número daquelas que no século XVIII haviam sido estudadas por Lineu.

A princípio, supôs-se haver exagêro quando Agassiz computou em quase dois mil os espécimes diferentes por êle coligidos no rio-mar e seus afluentes no decurso de uma viagem que não chegou a durar um ano. Mas tudo o que se tem verificado posteriormente, num terreno ainda cheio de promessas, depõe antes a favor do que dissera o grande naturalista suíço. Só no rio Negro, Alfredo Wallace orçou em quinhentas as qualidades de peixe que pôde observar, e foi num pequeno lago dêsse mesmo rio, o lago Janauari, das cercanias de Manaus, que o próprio Agassiz apanhou oitenta exemplares ainda desconhecidos da ciência que, até aquela data, não conseguira reunir mais de cento e cinqüenta para todo o Velho Continente.

E note-se que o rio Negro, rio de águas prêtas, pobre de sedimento, falto dos capins aquáticos ribeirinhos, não é dos rios mais piscosos da região, sobretudo se o compararmos com certos caudalosos cursos fluviais de água branca da margem direita do Amazonas, como o Purus, o Juruá e o Madeira. Aliás, os rios da margem setentrional e, em primeiro lugar, os que ficam mais próximos do estuário, porque mais curtos e mais acidentados por cachoeiras, exceção do trecho sempre breve que lhes fica a jusante dêsses obstáculos, são rios aos quais cabe bem a designação local de famintos. Aí, não só escasseia o pescado, como desaparecem as suas peças mais importantes, tais o pirarucu e as piraíbas. E não é apenas a fauna ictiológica que se empobrece. Não veremos também o peixe-boi, o jacaréaçu e as grandes tartarugas.

E quem fala em pirarucu, tartaruga e peixe-boi fala nos três maiores recursos alimentares da Amazônia, senão nos dias que correm, em relação ao último, que já se vai tornando vasqueiro, mas de ontem e ainda de hoje para os dois primeiros.

O pirarucu, já pelo seu valor econômico, já pelo seu porte e beleza, é o peixe que logo se impõe na ictiologia da

Hiléia. Elegante de formas e rico de colorido, pois que o rebordo de cada uma das suas grandes escamas nacaradas é de um vivo carmezim, há exemplares com dois metros de comprimento e oitenta quilos de pêso. Como bem observou Agenor Couto de Magalhães, ainda que venha variando a sua taxinomia, até hoje ninguém ousou retirar-lhe do nome o determinativo das formas avantajadas e assim tem sido sucessivamente: *Vastres gigas*, *Sudis gigas* e *Arapaima gigas*. Diga-se que *Arapaima* é a sua designação entre os Macuxis e outros índios Caraíbas.

De um bom pirarucu obtém-se até quarenta quilos de carne, que tanto pode ser comida fresca, em salmoura, ou depois de sêca. Essa facilidade de conservação por longo tempo é que a torna o prato de resistência da cozinha regional, substituindo o xarque e o bacalhau de outras populações. É principalmente nos lagos, durante os meses de plena estiagem, que se faz a sua pesca. Aí, de setembro a outubro, o cabôclo monta a sua feitoria, um barracão provisório, em que se entrega ativamente aos trabalhos de salga e secagem ao sol do grande osteoglossídeo, que lhe será o principal sustento durante os meses de penúria.

Sim, porque a despeito de tôda a sua prodigiosa ictiofauna, rica não só em qualidade de espécies como em quantidade de exemplares, a Amazônia passa anualmente por uma época de escassez de víveres. Isso se dá durante o inverno, quando a enchente, decuplicando o volume dos rios, faz de todo o vale um intérimo aguaçal, por onde o pescado se dispersa erradio ou, aos cardumes, nas chamadas piracemas, busca alcançar as cabeceiras altas, uma vez que em tempo de gestação e procriação, alí, naquêles sítios tranqüilos, é que encontrará maiores garantias de vida à prole indefensa.

E já que falamos em migrações, lembre-se outra, de tipo diverso, mas bastante interessante. Esta ocorre justamente em estação oposta, no auge da estiagem, quando certos lagos, igapós e poções estão na iminência de secar por completo. Então, certos peixes cascudos que aí se abrigam, e conhecidos por *peixes do mato*, porque dotados de aparelho respiratório capaz de lhes permitir vida aérea por algum tempo, rastejam de campo afora, e, destarte,

mas sempre orientados por um instinto que nunca os trai, empreendem longas caminhadas, até que de novo alcançam o meio líquido.

Entre os peixes de couro há um que pelo tamanho compete com o pirarucu e até o ultrapassa. Trata-se da piraíba, que pode chegar aos seus duzentos quilos de pêso. Todavia, é só no vulto que ela se medirá com aquêlê, pois basta ser um peixe de couro, um peixe de pele, para estar de ante-mão condenado. Essa crendice de que os peixes de couro são reimosos, carregados, provocadores de dermatoses e até de lepra, está fortemente enraizada no espírito popular. Tão enraizada que difícil será fazer um cabôclo comer carne de pirarara. Diga-se que os índios se servem da gordura dêsse peixe para mudar a côr das penas dos papagaios, como veremos mais adiante, no capítulo referente à Etnografia, e não é impossível que daí tenha advindo semelhante abusão.

O curioso é que a progênie da piraíba, enquanto ainda tenra, não goza dessa mesma repulsa e há quem saboreie os *filhotes* e *filhotinhos*, como são conhecidos os filhos dêsse gigantesco bagre.

Bagre que também vai freqüentemente à panela, sem levantar os receios provocados por outros peixes de couro, é o surubim, de que muito nos alimentamos ao subir o Cuminá. Mas êsse, ainda que de bom paladar, está longe de emparelhar com certos peixes de escama, justamente famosos na Amazônia, como o tucunaré, a pescada, o pacu, o tambaquí, o matrinxã, o jaraquí e tantos outros.

Peixes que apenas se recomendam pelo terror que despertam, devem ser citados as piranhas, as arraias, os poraquês e os candirus.

A piranha, pela sua voracidade e aguçada serrilha dentária, constitui verdadeiro flagelo de certos rios e criatura vivente que nêles penetre com qualquer arranhadura, por onde poreje sangue, correrá o risco de ser por elas impiedosamente atacada. O peixe é pequeno mas como, não raro, acode às centenas, não será difícil que mesmo um animal de vulto, boi ou cavalo, possa ser estraçalhado em pouco tempo.

Nem tôdas as piranhas mostram essa ferocidade. As mais agressivas são as miúdas, de côr escura, que não se encontram em muitos rios. Nos afluentes do Trombetas, pelos quais viajamos por quatro meses, felizmente só havia as de uma espécie maior, prateada, e embora os nossos homens vivessem constantemente dentro d'água, ocupados na varação de cachoeiras, jamais qualquer dêles sofreu o mínimo acidente. Em compensação, delas nos aproveitávamos como alimento, nada desprezível, sobretudo as *bochechas*, que lhes recomendam os músculos mastigadores.

As arraias, cujo esporão caudal não é apenas farpante, mas veicula também, segregado por glândulas que lhe estão anexas, um violento tóxico, com repercussão geral sôbre todo o organismo, vivem geralmente nas praias, mais ou menos dissimuladas pela areia, e é aí que muitas vêzes o incauto, pisando-lhes o corpo achatado, recebe a sua terrível ferroadada.

Outro é o meio de defesa do poraquê, a nossa enguia elétrica, que acomete os inimigos com descargas que podem chegar a quinhentos vóltios e, assim, deixa longe os seus dois êmulos africanos. A mais, tem sôbre êles a vantagem de poder regularizar a intensidade dos seus choques, dispondo para isso de três órgãos elétricos, com voltagens diferentes. São bastante conhecidas as empolgantes páginas em que Humboldt descreve a cena de uma pescaria de poraquês, a que êle assistiu na Venezuela. Com o intuito de fatigar os ginotos, isto é, de esgotar-lhes a capacidade de descargas, os índios tangeram para dentro d'água uma tropilha de cavalos bravios e muitos dêstes morreram afogados, porque, ao receberem os formidáveis choques, não se podiam mais suster nas pernas. A êsse processo de esfalfamento dos peixes, chamavam os naturais *embarbasco os caballos*. Barbasco é o nome que lá se dá ao timbó e outras plantas tóxicas usadas para estuporar o peixe e, assim, êles comparam o efeito logrado pela presença dos cavalos àquêle outro obtido pelo envenenamento da água.

No Amazonas corre a versão de que o poraquê, por meio das suas descargas, põe abaixo os côcos do açazeiro,

de que gosta muito. O fato é verdadeiro, mas tem outra explicação, conforme ouvimos do nosso amigo Carlos Estevão, diretor do Museu Goeldi. A palmeira, quando à beira d'água, não raro enraizada num tijuco mole onde o ginoto costuma retouçar, abala-se aos movimentos dêste e daí a queda dos frutos.

Parece que certos aborígenes da América pré-colombiana, principalmente na Guiana, já empregavam as propriedades do poraquê para combater o efeito das paralisias e isso não deixa de ser digno de nota quando na Europa, visando ao mesmo fim, a eletroterapia esteve também em grande voga.

Malgrado a insignificância de seu tamanho, quando muito uns três centímetros, são bastante temidos os candirus, com o hábito singular de se intrometer pelos perituitos naturais das pessoas que se banham nas águas por êles infestadas. Já houve quem daí tirasse a ilação de que não era por outro motivo que os Parintintins e mais alguns índios usavam trazer a ponta do prepúcio constantemente amarrada.

Numa mostra das curiosidades ictiológicas da Amazônia nunca poderia ser esquecido o tralhoto, único peixe conhecido com visão adaptada para dentro e fora d'água. Para isso os seus olhos têm duas pupilas com índices de refração diferentes. Tirando partido da regalia com que o dotou a natureza, vive sempre à flôr d'água, nos rios e igarapés do estuário, isto é, na região do salgado.

Além de sua fauna autóctone, a ictiologia da Hiléia se enriquece, não só na orla costeira, o que seria natural, mas a centenas de milhas terra a dentro, pelo rio-mar e seus afluentes, de inúmeras espécies marítimas que se afeiçoaram à vida fluvial. Para a possibilidade dessas migrações bastante há-de ter concorrido o fraco desnível da bacia amazônica, permitindo que de uma maneira muito lenta se efetue a mistura das águas doce e salgada.

Já fizemos sentir que condições ecológicas dão caráter peculiar à ictiofauna de certos rios. Assim os cursos fluviais de água prêta serão sempre mais pobres de espécies e, entre estas, predominarão os peixes de couro. O Tapajós, não contente de ser, com as suas águas de um azul oceânico,

do mais belos rios da região, ainda acolhe no seu seio algumas jóias de barbatanas, dignas de figurarem nos aquários de maior luxo.

Ao contrário de outros ameríndios, que viviam preferentemente nas terras interiores, o indígena brasileiro foi sempre muito costeiro e ribeirinho, do que dão prova os abundantes sambaquis encontrados por tôda parte. Mas isso não admira, conhecida a riqueza ictiológica do nosso mar e dos nossos rios, que o fizeram essencialmente piscívoro. E talvez não foi por outro motivo que também por tanto tempo o colonizador andou apenas arranhando o litoral.

Entre gente tão afeita à pesca como foi e ainda é o aborígene amazônico, não espanta que se tenham desenvolvido em alta escala as práticas referentes a tal arte, sobretudo quando uma enorme variedade de espécies, cada uma com os seus hábitos e as suas baldas, estava a exigir artimanhas e engodos especiais para capturá-las. Entretanto, não será aqui o lugar para passar em revista tôda essa complicada haliêutica da Hiléia, a que José Veríssimo dedicou tão lúcida monografia. Diga-se, porém, que nas suas linhas gerais, os processos de caça e pesca, oriundos das mais remotas e prementes necessidades humanas, são, por assim dizer, universais. O nosso itapuá, ou arpão cuja ponta se desprega quando o peixe é ferido, já era conhecido do madaleneano. É possível que o arco, mais moço que o propulsor, já fôsse usado no paleolítico. Tanto na Costa do Marfim como na Malásia, embriaga-se o peixe como aqui, por meio de plantas tóxicas. Apenas, os timbós de lá serão outros. E, por falar em timbó e para dar um exemplo do que, talvez, seja genuinamente americano, certos índios da Guiana Inglêsa, em vez de envenenarem diretamente a água, recheiam grandes gafanhotos com uma erva de efeitos poderosamente narcóticos, e são êstes insetos que, lançados ao rio e vorazmente abocanhados pelos peixes maiores, lhes vão dar a cobiçada prêsã. Tal método, se é mais trabalhoso, evita as matanças em massa e faz desde logo uma seleção das melhores peças.

Muito teríamos que dizer se passássemos em revista a numerosa fauna invertebrada da Hiléia. Para só citar um exemplo, aliás colhido na classe mais rica entre tôdas que a representam, Wallace não trepida em afirmar que em nenhuma outra parte do mundo, como ali, os insetos existem em tão grande variedade e beleza. Confirmando isso, apenas na cidade de Ega (hoje Tefé) e cercanias, Bates, que lhe foi companheiro de viagem, colecionou-os em número superior a sete mil, computados entre espécies diferentes.

Não há-de ser aqui, porém, que se fará o arrolamento de tôda essa bicharada miúda — miúda nem sempre em tamanho, se chegássemos a outros ramos — mas em relação à sua inferioridade na escala zoológica. Apenas, a um ou outro de seus representantes, porque mais conspícuos ou mais curiosos, e sempre orientados pelo critério da peculiaridade regional, dedicaremos algumas linhas.

Deixando de parte as borboletas, com notícia especial páginas além, uma vez que vários dos seus espécimes mais notáveis enriquecem com o esplendor do seu colorido algumas das nossas estampas, lembremos desde logo dois grandes coleópteros, o *Dynastes hercules* e o *Euchroma gigantea*, o primeiro a impor-se pelo desmedido apêndice que lhe orna a cabeça, à maneira de chifre único, o segundo pela cintilação metálica dos seus élitros, e ambos muito perseguidos pelos índios, que com êles fazem vários enfeites corporais, como se há-de ver no caderno dedicado à Etnografia.

Besouro também muito apreciado pelos ameríndios, mas agora para fins alimentares, é um outro que, pelos meses de maio a setembro, invade o vale do rio Uaupés, às vêzes em tão grande quantidade que, nas enseadas tranqüilas, chega a cobrir a superfície da água e reveste os troncos e galhos flutuantes. Pequeno, arredondado, de côr castanho-escura, os índios Tucanos conhecem-no por *ucaciá*, e tanto o comem cru como moqueado. Tratado por êsse último processo, isto é, simplesmente torrado, o inseto conserva-se aproveitável por largo tempo e os selvagens fazem dêle grandes reservas, que são guardadas em paneiros, como se processa com a farinha.

E é tanta a alegria dos aborígenes por ocasião da sua safra que, nas malocas, se realizam grandes festas e o caxiri corre em abundância.

As informações acima foram-nos fornecidas pelo Padre Antônio Giacome, das Missões Salesianas do Alto Amazonas, a cuja gentileza devemos também ter conseguido alguns exemplares do referido inseto. Estes, por nós confiados à reconhecida competência entomológica do Prof. A. da Costa Lima, dêle mereceram acurado estudo, pois que se lhe apresentaram como tipo de um novo gênero, na família *Rutelidae*, e serão conhecidos doravante, para efeitos de sistemática, como *Geniatosoma nigrum*.

Parece ligada a êsses mesmos coleópteros a citação de Koch-Grünberg que, quando em visita aos Barás, do Tiquié, e, depois, aos Tarianas, de Jaguareté, tribos também do alto rio Negro, teve ocasião de prová-los, achando-os muito gordurosos e ásperos ao paladar.

A jequitiranabóia, sem dúvida por causa da exquisitez da sua configuração, é a avantesma dos insetos. Embora sem qualquer poder ofensivo, ninguém lhe tira a fama de extraordinariamente venenosa, com ferroada fatal. *Cigarra de la muerte* chamam-lhe na Colômbia, onde os nativos se deitam, de cara para o chão, ao defrontá-la. Espalhou-se também que êsse homóptero era fosforescente e que a sua cabeça tôda se iluminava como uma lanterna; mas isso ainda é outra balela, veiculada pela naturalista pintora Maria Sibylla Merian, e jamais confirmada por qualquer observador idôneo.

E porque não estamos longe das cigarras, recordemos aquela cujo estrídulo tão forte e insistente já foi comparado ao apito de uma locomotiva. Ouvimo-la várias vêzes durante a nossa viagem até as lindes da Guiana Holandêsa e, em plena selvatiqueza da floresta amazônica, aquêle sonido agudo e penetrante, sobretudo porque emitido a horas certas — seis da manhã, meio dia e seis da tarde —, era mesmo como o silvo de uma máquina a vapor, a avivarnos saudades do mundo civilizado e tão distante.

Luz que ninguém contesta é a dos nossos pirilampos, que os temos magníficos, principalmente entre os elaterídeos. Conta-se que Cavendish deixou de fazer uma de

suas inúmeras piratarias em costas sul-americanas, porque vendo luzes que se agitavam na praia do projetado desembarque, supôs que a população, já de sobreaviso, o aguardava munida de archotes, quando o que os seus olhos viam não era, nem mais nem menos, do que um enxame de vagalumes a fulgirem na espessidão das trevas.

Isso torna mais verossínil o que nos foi relatado por um comandante dos naviozinhos que ligam a vasta rêde fluvial do Amazonas. O fato ocorreu com um dos seus colegas que, se não nos falha a memória, fazia a linha do Purus. Deve ser esclarecido que êsses comandantes, de insuperável perícia na difícil tarefa que lhes é cometida, se orientam muitas vêzes por acidentes da paisagem: uma pedra aqui, uma árvore mais distante. Ora, justamente aquêle a que nos referimos, tomava sempre por ponto de reparo, numa manobra que se realizava à noite, e durante a qual devia embicar por um canal, certa luz que acusava a moradia de um habitante ribeirinho. Aconteceu, porém, que, de uma feita, esta luz ou melhor outra, a de um grande vagalume, o desnor-teou por completo, fazendo-o tomar rumo diverso e perigoso, só verificado algum tempo depois.

Certas libélulas, *jacinas*, como por lá lhes chamam, seriam bem dignas de aparecer em nossas estampas. Infelizmente, tudo o que há de côres vivas nos seus corpos esguios e irisação brilhante nas suas asas transparentes, esvai-se cedo com a morte, e os exemplares de museu, únicos de que poderíamos dispôr, já nada lhes mostram da antiga beleza. Não esqueçamos o prodigioso vôo de algumas delas, os gigantes da família, com quinze centímetros de envergadura, a se agitarem incólumes, com as leves e longas asas de musselina, entre a garrancharia espinhenta da mata.

A formiga tocandira é também um Golias entre os da sua família, e com armas piores do que uma lança, pois que, além das valentes mandíbulas, se acha provida de aguilhão abdominal, pelo qual segrega violento tóxico.

Sôbre o assunto depuseram Schomburgk e Spruce, que lhe conheceram a ferocidade, experimentando ambos acerbas dôres no ponto da picada e graves sintomas de envenenamento geral, cuja culminância, no primeiro dê-

ses dois cientistas, chegou mesmo até a perda completa dos sentidos.

E pensar-se que os índios se aproveitam dessas formigas para várias provas de iniciação, como aquela que emancipa os rapazes, dando-lhes direito ao casamento e às atividades da guerra. Para isso, sujeitam-se a calçar longas luvas de trançado, ou a enfiar o braço por tubos de bambu dentro dos quais se colocaram muitos daquêles insetos, cuja agressividade deve ser suportada com o máximo de estoicismo.

Conta-se também como certo que em algumas tribos, como a dos Urucuianas, um rito matrimonial fazia fechar os noivos dentro de uma rêde que continha algumas dessas formigas, e assim, preocupado em delas se livrar, ou acosado pelas suas ferroadas, o jovem par perdia qualquer resto de pudicícia que acaso os entibiasse em tal emergência.

Por três motivos as aranhas merecem aqui alguns instantes de atenção. Em primeiro lugar, para que se recorde um fato que só não pode ser pôsto em dúvida porque foi observado por Bates. Nas grandes e resistentes teias dos caranguejeiras, até passarinhos caem e se emaranham e, logo vítimas da sua mortal picada, lhes vão servir para futuros e truculentos repastos. Nessa situação, um já morto e outro ainda a debater-se nas malhas cada vez mais enleantes, foi que o grande naturalista inglês pôde surpreender dois deles.

Em segundo lugar, porque se estas mesmas teias são sempre odientas armadilhas, não deixam de ser muitas vêzes, pela regularidade e harmonia dos desenhos, verdadeiras criações artísticas, nas quais se inspiram as índias rendeiras do Paraguai para realizarem os seus maravilhosos *inanduti*, mercedores da atenção de Roquette-Pinto. Na verdade, observando o desenho de algumas teias feitas por aranhas dos gêneros *Epeira* e *Argiope*, que na Guiana Inglesa foram estudadas por Hingston, não será difícil encontrar correlação entre êstes aranhóis e as encantadoras toalhinhas de renda reproduzidas em belas estampas no trabalho do etnógrafo patricio.

Por fim — fim que não será apenas do que queremos dizer sôbre os invertebrados, mas do que já foi dito sôbre

tôda a fauna da Hiléia — as aranhas não poderiam ser esquecidas porque a elas estamos hoje ligados por laços de forte parentesco. Tendo trazido do Cuminá, a pedido de nosso amigo Mello-Leitão, alguns exemplares do que lá pôde ser reunido nessa classe de artrópodes, e verificado que no mesmo material havia gêneros e espécies ainda desconhecidos da ciência, o eminente zoólogo deu a alguns deles classificação em que aparece o nome do autor.

E agora, *fin de la fin*, duas palavras sôbre a distribuição geográfica da fauna na Hiléia.

O que já ponderamos acêrca da estratificação da flora, considerada em altura, por camadas ou andares distintos, desde o solo até o zimbório das frondes, aplica-se igualmente à fauna. Ainda aqui foi o grupo de naturalistas, chefiados por Hingston, que a Universidade de Oxford enviou à Guiana Inglêsa, que contribuiu, com larga documentação, para melhor comprovação de fatos já apontados por outros. Mamíferos, aves e insetos vivem também por camadas e o chão e o teto da floresta, tanto pelos seus característicos físicos, como pela sua constituição biológica, são dois mundos à parte. Assim, os animais que procuram o alto das franças verdes estão sujeitos a grandes variações de calor, luz, umidade e vento. Gozam de um ambiente aberto e livre. Sentem maior diferença entre o sol e a chuva, a tempestade e a calma, o verão e o inverno, o dia e a noite. O contrário, isto é, um ambiente muito mais estável, muito menos na dependência das alterações atmosféricas, é o que oferece a mata amazônica, aos que lhe habitam o chão ou os andares mais baixos.

Ainda segundo Hingston, na Guiana, há oito macacos, todos de cauda prensora e pertencentes à família Cebidae, que vivem permanentemente na ramaria sobranceira e só por exceção descem até o subosque. São ainda moradores dêsses cimos, entre os mamíferos: preguiças, quati-purus, tamanduáis e cuandus; e, entre as aves: araras, papagaios, tucanos, araçaris, anambés e beija-flôres. Note-se que essas aves são tôdas de plumagem brilhantemente colorida. As camadas intermediárias cabem sobretudo aos

quatis e mucuras, mas podem ser também freqüentadas, eventualmente, por bicharada do alto. O solo é das antas, dos veados, das onças e de outros mamíferos menores, que não será preciso recordar; e, em relação às aves, daquelas de vôo curto e plumagem escura, colhidas, na maioria, entre os Tinamiformes.

Já anteriormente, Beebe havia assinalado uma íntima correlação entre o colorido das aves e a intensidade da luz no interior da floresta. Assim, tanto mais vivo e variado seria aquêle, quanto mais forte fôsse esta. E à medida que se baixasse do zimbório ao chão, aceita a divisão da mata em quatro andares, à gradual rarefação da luz corresponderia nas espécies da avifauna um gradual empobrecimento das roupagens vivas. Ainda aqui o mimetismo como elemento de defesa encontra provas que o consolidam, porque aquelas aves de libré aparatosa, prêsas fáceis para os seus inimigos, quase que passam despercebidas na festa de côres e luminárias que vai sempre pelo estendal das copas altas.

Diga-se que sôbre esta distribuição estratificada das aves na floresta, o nosso patrício Carlos Estevão de Oliveira tem um grande acervo de curiosas observações, feitas durante vários anos nos arredores de Belém, mas que, infelizmente, até hoje permanecem inéditas. Aliás, evidenciado, como o foi por Hingston e seus companheiros, que a disseminação dos insetos também se subordina a essa mesma separação por camadas, nada mais plausível de que muitas aves a acompanhem, uma vez que tôdas são mais ou menos insetívoras, e tôdas devem ter também um paladar mais ou menos biqueiro.

Os grandes rios, largos e caudalosos, exceção das suas nascentes, formam também fronteiras, e estas de todo intransponíveis, para certas espécies zoológicas. Estabelecem-se assim verdadeiras comunidades faunísticas, com representação bem peculiar e distinta, a tal ponto que até ao olhar menos prevenido não passará sem reparo essa diferença entre os seus animais.

Henri Coudreau diz que viajando pelo Jamundá, afluente da margem esquerda do Amazonas, com cabôclos

do Tocantins, êstes não queriam comer o guariba vermelho daquêle rio, pois que só conheciam o de pelagem prêta, da região meridional da Hiléia.

A mais, foi justamente observando os macacos da Amazônia que Wallace dividiu o grande vale em quatro distritos distintos, da Guiana, do Equador, do Peru e do Brasil, cuja separação é feita pelos rios Amazonas, Negro e Madeira, e dos quais certas espécies jamais se afastam. Mas estas barreiras fluviais não cerceiam apenas os símios. Isolam também outros animais. A cutia de rabo só é vista na margem esquerda do rio-mar. Ainda as cutias, e também, como já referimos, os guaribas têm nessa mesma margem o pêlo mais arruivado, enquanto na margem direita, até hoje, ainda não chegaram a água oxigenada ou o *henné*. É verdade que a moda vem sempre de Paris e a Guiana Francêsa está também à margem setentrional do grande rio. A arara azul, araraúna, só frequênta a faixa meridional. Igualmente o araçari de crista escamosa e várias arirambas. Até a borboleta *Morpho* enfeita as asas diferentemente, conforme vôle aqui ou ali. Se passeia sôbre território apenas americano, guarnece-se com uma lista azul (*Morpho cisseis*), que é quase sempre substituída por outra, amarela, se vai para o lado em que existem também possessões européias (*Morpho hecuba*).

Bosquejado tão só em um ou outro dos seus aspectos mais flagrantes o panorama da fauna amazônica, ainda assim fácil será compreender as dúvidas e hesitações que nos assaltaram quando, diante de tão grande e rico material, mas só dispondo de doze pranchas destinadas à sua representação iconográfica, tivemos que fazer a nossa escolha.

Aliás, por se tratar de um repertório a cuja organização sempre presidiu o critério de dar destaque e preferência ao que, por caracteres de beleza e colorido, mais se recomendasse ao pincel dos pintores, desde logo, por motivos óbvios, afastamos de cogitação a fauna mamal, para só convergir as nossas vistas sôbre aves, peixes e insetos. E ainda assim, mas já agora para atender a um maior objetivismo científico, optamos por aquêles tipos que pudessem figurar nas nossas estampas em tamanho natural

ou muito próximo dêste. Destarte, se entre os insetos isso não nos trouxe nenhum embaraço, o mesmo acontecendo entre os peixes, — pois que só entre os menores, os chamados peixes de aquário, é que estão as suas mais belas jóias —, já no meio das aves, não tanto pela riqueza do colorido, como pela graciosidade das suas formas, talvez tenham sido menosprezados o jacamim, tão expressivo da região, e uma ou duas garças (1).

A despeito de tudo, não quisemos tomar a nós a responsabilidade única de tão dificultosa escolha, e, para isso, recorreremos a grandes nomes da nossa ciência, com especialidade em cada um dos setores zoológicos que nos interessavam. Assim, para a seleção de aves, peixes e borboletas, ouvimos respectivamente a palavra dos professores Olivério Pinto, Agenor Couto de Magalhães e Eduardo May, aos quais não sabemos como testemunhar o nosso agradecimento pelo interêsse dispensado a êste trabalho, cujo êxito, se acaso o tiver, será também devido, em grande parte, à atenção que lhe dedicaram o professor João Moojen de Oliveira e seus distintos auxiliares no Museu Nacional.

Diga-se ainda que se algumas das aves representadas páginas adiante são raras mesmo na Amazônia, muito mais difícil, para não dizer impossível seria tê-las aqui ao alcance de nosso aquarelista. Por isso, em um ou outro caso, porque não lhe fôssem bastantes as peças conservadas de museu, viu-se o artista na contingência de recorrer à melhor iconografia clássica, como os álbuns de Gould, Descourtilz e Goeldi, ainda que a todos os seus trabalhos buscasse emprestar sempre um cunho original.

B I B L I O G R A F I A

- ACASSIZ (Mme. et Mr. Louis) — *Voyage au Brésil*. Paris, 1869. Traduit de l'anglais par Felix Vogeli.
- BATES (Henry Walter) — *The Naturalist on the River Amazons*. London, 1895.
- BEEBE (William) — *Jungle Peace*. New York, 1936.
- BEEBE (Mary Blair and William) — *Our Search for a Wilderness*. New York, 1910.

(1) O que se diz neste parágrafo, não se aplica à atual edição, em que tôdas as gravuras, pelo formato do volume, tiveram de sofrer sensível redução de tamanho.

- BEEBE (William), HARTLEY (G. Iness) and HOWES (Paul G.) — *Tropical Wild Life*. Vol. I. New York, 1917.
- BORDEAUX (Albert) — *La Guyane Inconnue*. Paris, 1906.
- BOUBIER (Maurice) — *L'Evolution de l'Ornithologie*. Paris, 1932.
- BROWN (C. Barrington) — *Canoe and Camp Life in British Guyana*. London, 1877.
- CASTELNAU (Francis de) — *Expedition dans les Parties Centrales de l'Amérique du Sud*. Histoire du Voyage. Paris, 1850-1851.
- CHAGAS JR. (Prof. C.) — *Studies on the Properties of the Electric Eel-Electrophorus Electricus*. (Separata do "Livro de Homenagem" aos Profs. Álvaro e Miguel Ozório de Almeida. Rio, 1939).
- COUDREAU (Henri) — *Voyage au Jamundá*. Paris, 1899.
- CREVAUX (J.) — *Voyage dans l'Amérique du Sud*. Paris, 1883.
- CUTRIGHT (Paul Russell) — *The Great Naturalists Explore South America*. New York, 1940.
- DAHL (Fr.) — *A Fauna do Pará*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo I. Fasc. 1-4. Pará, 1896).
- DARWIN (Ch.) — *Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo*. Tradução de J. Carvalho. Rio.
- DITMARS (Raymond L.) — *Reptiles on the World*. New York, 1937.
- EDWARDS (William H.) — *A Voyage up the River Amazon*. New York, 1847.
- FARABEE (William Curtis) — *Explorations at the Mouth of the Amazon*. ("The Museum Journal", University of Pennsylvania, Philadelphia. September, 1921).
- FARABEE (William Curtis) — *The Amazon Expedition*. ("The Museum Journal". University of Pennsylvania, Philadelphia. March-June, 1917).
- FARABEE (William Curtis) — *The Central Arawaks*. Philadelphia, 1913.
- FERREIRA (Alexandre Rodrigues) — *Memória sobre o Peixe Boi e do uso que lhe dão no Estado do Grão Pará*. ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. XII. Rio, 1903).
- GOELDI (E.) — *As Aves do Brasil*. 2 vols. Rio, 1894.
- GOELDI (E.) — *Aspectos da Natureza do Brasil*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo V. 1907-1908. Pará).
- GOELDI (E.) — *Lancear de Olhos sobre a Fauna dos Reptis do Brasil*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo I. Fasc. 1-4. Pará, 1896).
- GOELDI (E.) — *Maravilhas da Natureza na Ilha de Marajó*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo III. Fasc. 1-4. Pará, 1900-1902).
- GOELDI (E.) — *O Estado Atual dos Conhecimentos sobre Índios do Brasil, essencialmente sobre Índios da Foz do Amazonas*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo II. Fasc. 1-4. Pará, 1897-1898).
- GOELDI (E.) — *O Nome do Jaboti Matá-matá*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo II. Fasc. 1-4. Pará, 1897-1898).
- GOELDI (E.) — *Opisthocomus Cristatus - A Cigana*. Resenha Ornitológica. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo I. Fasc. 1-4. Pará, 1896).
- GOELDI (E.) — *Os Mamíferos do Brasil*. Rio, 1893.
- GOELDI (E.) — *Quelônios do Brasil*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo IV. Pará, 1904-1906).
- GOELDI (E.) — *Quelônios e Reptis do Brasil*. Pará, 1905.
- GOELDI (E.) — *Sobre a Nidificação do Cassicus Persicus*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo III. Pará, 1900-1901).
- GRUVEL (A.) — *La Pêche dans la Pré-Histoire, dans l'Antiquité et chez les Peuples Primitifs*. Paris, 1928.
- GUMILLA (Joseph) — *Historia del Orinoco*. 2 vols. 1791.

- GUNTHER (Konrad) — *A Naturalist in Brazil*. Traslated by Bernard Miall. London, 1931.
- HINGSTON (Major R.. W. G.) — *A Naturalist in the Guiana Forest*. London, 1931.
- HOLDRIDGE (Desmond) — *Feudal Island*. New York, 1939.
- HUMBOLDT (Alexandre de) — *Voyage aux Régions Equinoxiales du Nouveau Continent*. 11 vols. Paris, 1816.
- IHERING (H. von) — *Da Vida dos Peixes*. São Paulo.
- IHERING (H. von) — *Os Índios Patos e o Nome da Lagoa dos Patos*. ("Revista do Museu Paulista". Vol. VII. São Paulo, 1907).
- IHERING (Rodolpho von) — *Atlas da Fauna do Brasil*. São Paulo, 1917.
- IHERING (Rodolpho von) — *Da Vida dos Nossos Animais*. Rio Grande do Sul, 1934.
- IHERING (Rodolpho von) — *Fauna do Brasil*. Texto Explicativo do *Atlas da Fauna do Brasil*. São Paulo, 1917.
- IM THURN (Everard F.) — *Among the Indians of Guiana*. London, 1883.
- KARSTEN (Raphael) — *The Civilization of the South American Indians*. New York, 1926.
- KIDDER AND FLETCHNER — *Brazil and Brazilians*. Philadelphia. London, 1857.
- KOCH-GRUNBERG — *Zwei Jahre Unter den Indianern*. Berlin, 1909-1910.
- LANGE (Algot) — *In the Amazon Jungle*. New York and London, 1912.
- LA VARRE (William) — *Gold, Diamonds and Orchids*. New York, London.
- LA VARRE (William) — *Up the Mazurini for Diamonds*. Boston, 1929.
- LE COINTE (Paul) — *L'Amazonie Brésilienne*. 2 vols. Paris, 1922.
- LIMA (Dr. A. da Costa) — *Sôbre um Curioso Besouro da Amazônia*. (Revista "O Campo". Setembro, 1940).
- LIMA FIGUEIREDO — *Terras de Mato Grosso e da Amazônia*. Rio, 1938.
- MAC DONALD (Norman) — *The Orchid Hunters - A Jungle Adventure*. New York, 1939.
- MAGALHÃES (Agenor Couto de) — *Ensaio sôbre a Fauna Brasileira*. São Paulo, 1939.
- MAGALHÃES (Agenor Couto de) — *Monografia Brasileira dos Peixes Fluviais*. São Paulo, 1939.
- MELLO-LEITÃO — *Aranhas do Cuminá*. ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. XXXI. Rio, 1929).
- MELLO-LEITÃO — *A Vida na Selva*. São Paulo, 1940.
- MELLO-LEITÃO — *Zoo-Geografia do Brasil*. São Paulo, 1937.
- MILLER (Leo E.) — *In the Wilds of South America*. New York, 1919.
- NORDENSKIOLD (Erland) — *Modifications in Indian Culture Through Inventions and Loans*. ("Comparative Ethnographical Studies". 8-Goteborg, 1930).
- ORTON (James) — *The Andes and the Amazon*. New York, 1870.
- PARDAL (Ramon) — *Medina Aborígen Americana*. Buenos Aires, s/d.
- PINTO (Oliverio) — *Catálogo das Aves do Brasil* (Separata da "Revista do Museu Paulista". Tomo XXII. São Paulo, 1938).
- PINTO (Oliverio) — *Nova Contribuição à Ornitologia Amazônica*. ("Revista do Museu Paulista". Tomo XXIII. São Paulo, 1938).
- RIBEIRO (Alípio de Miranda) — *Esbôço Geral da Fauna Brasileira*. ("Recenseamento do Brasil". Vol. I - Introdução. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Rio de Janeiro, 1922).
- RIBEIRO (Alípio de Miranda) — *Fauna*. ("Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil". Introdução Geral. Vol. I. Rio de Janeiro, 1922).
- RIBEIRO (Alípio de Miranda) — *Noções Sintéticas de Zoologia Brasileira*. São Paulo.

- RIBEIRO (Alípio de Miranda) — *Notas Ornitológicas. Tinamidae*. (Separata da "Revista do Museu Paulista". Tomo XXIII. São Paulo, 1938).
- RONDON (Cândido M. da Silva) — *Conferências*. Rio de Janeiro, 1916.
- ROQUETTE-PINTO (E.) — *Dinoponera Grandis*. (Memória apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para obter a livre docência da cadeira de História Natural. Rio, 1915).
- ROQUETTE-PINTO (E.) — *Nota sobre o Nhanduti do Paraguai*. ("Boletim do Museu Nacional". Vol. III. N.º 1. Rio de Janeiro, Março, 1917).
- ROTH (Walter Edmond) — *An Introductory Study of the Arts, Crafts and Customs of the Guiana Indians*. (Thirty eight annual report of the Bureau of American Ethnology to the secretary of the Smithsonian Institution. Washington, 1916-1917).
- RUSBY (Henry Hurd) — *Jungle Memories*. New York and London, 1933.
- SAMPAIO (Francisco Xavier Ribeiro de) — *Diário da Viagem à Capitania do Rio Negro*. Lisboa, 1825).
- SANTOS (Eurico) — *Anfíbios e Répteis do Brasil*. Rio de Janeiro, 1942.
- SANTOS (Eurico) — *Da Ema ao Beija-flor*. Rio de Janeiro, 1940.
- SANTOS (Eurico) — *Pássaros do Brasil*. Rio de Janeiro, 1940.
- SCHIRCH (Paul F.) — *Sobre um Ninho Construído de Arame de um Pássaro Brasileiro*. ("Boletim do Museu Nacional". Vol. VII. N.º 2. Rio de Janeiro, Junho, 1931).
- SCHIRCH (Paul F.) — *Uma Colônia de Ninhos de Guaxe*. ("Boletim do Museu Nacional". Vol. VII. N.º 1. Rio de Janeiro, Março, 1931).
- SCHOMBURGK (Richard) — *Travels in British Guiana*. Translated by Walter E. Roth. Georgetown, 1922.
- SCHULZ-KAMPFPHENZEL — *Riddle of Hell's Jungle*. Translated by Violet M. MacDonald. London, 1940.
- SNETHLAGE (Dra. Emília) — *Catálogo das Aves Amazônicas*. ("Boletim do Museu Goeldi". Vol. VIII. Pará, 1914).
- SNETHLAGE (Dra. Emília) — *Sobre a Distribuição da Avifauna Campestre na Amazônia*. ("Boletim do Museu Goeldi". Tomo VI. Pará, 1909).
- SOUZA (Francisco Bernardino de) — *Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas*. Pará, 1873.
- SPIX (J. B. von) e MARTIUS (C. F. P. von) — *Viagem pelo Brasil*. 4 vols. Rio de Janeiro, 1938.
- SPRUCE (Richard) — *Notes of a Botanist on the Amazon and Andes*. 2 vols. London, 1908.
- TAUNAY (Affonso de E.) — *Zoologia Fantástica do Brasil*. São Paulo.
- VERÍSSIMO (José) — *A Pesca na Amazônia*. Rio, 1895.
- VERÍSSIMO (José) — *As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomo L. Rio de Janeiro).
- VERÍSSIMO (José) — *Estudos Brasileiros*. Segunda Parte (1889-1893). Rio de Janeiro, 1894.
- VELLARD (J.) — *Le Venin des Raies de l'Araguaya*. ("Anais da Acafemia Brasileira de Ciências". Tomo VI. N.º 3. Rio de Janeiro, 1934).
- VIANNA (Arlindo) — *Sobre um Ninho de Arame*. ("Boletim do Museu Nacional". Vol. VIII. Rio, 1932).
- WALLACE (Alfred Russell) — *Os Símios da Amazônia*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo I. Pará, 1896).
- WALLACE (Alfred Russell) — *Travels on the Amazon and Rio Negro*. Fifth Edition. London, 1895.
- WAVRIN (Marquis de) — *Les Bêtes Sauvages de l'Amazonie et des Autres Régions de l'Amérique du Sud*. Paris, 1939.

PAVÃOZINHO-DO-PARÁ

Ainda menino, quando mal sabíamos o que era a Amazônia, já nos tínhamos familiarizado com a elegante figura desta ave, sem dúvida uma das mais peculiares à região. Na chácara de uma parente, em Laranjeiras, havia um dêses pavõezinhos, que andava às soltas e, diariamente, à hora do almôço, subindo uma escada, chegava até a varanda da sala de jantar, na certeza de que aí seria aquinhoado com qualquer gulodice: migalhas de pão ou farelo de bôlo.

Sim, porque embora essencialmente insetívoro, de onde o seu outro nome de *pavão-papa-môscas*, êle, como tantas outras aves e bichos, com facilidade se torna um comensal do homem. Lembra-nos ter lido que um galo-da-serra, quando transportado do Pará para a Europa, estava na iminência de finir-se porque recusava todo e qualquer alimento que lhe era apresentado. Foi quando ao seu dono, já cansado de desafiar-lhe o caprichoso paladar, ocorreu oferecer-lhe pedacinhos de bombom de chocolate. E daí por diante, o problema ficou definitivamente resolvido. Ora, ainda que o cacau seja de origem americana e mesmo endêmico na Hiléia, não nos consta que entre na dieta do galo-da-serra e, muito menos, o seu produto já industrializado.

Mas tornemos ao pavãozinho-do-Pará, para surpreendê-lo agora no seu *habitat* natural, preferentemente sempre solitário, à beira de furos e igarapés sombrios, mas gostando também de apanhar o seu bocado de sol, como depõe o americano Rusby, na seguinte passagem:

“Achei muitas das aves desta região tão interessantes como as plantas. Uma das mais encantadoras era a chamada ave-sol (*Aurypyga helias*)(1). Só pude vê-la uma vez, embora me dissessem que elas não eram raras. Tive

(1) Traduzimos o seu *sunbird* por ave-sol e não *pássaro-sol* porque não se trata de um passeriforme. Na Guiana Francêsa chamam-lhe também *oiseau du soleil*. Na Guiana Inglêsa, tanto é conhecido por *sunbird* como por *sunbittern* ou seja *alcaravão do sol*. Aproveite-se para dizer que houve êrro na grafia do seu nome científico, que é *Eurypyga helias*.

uma excelente oportunidade para observar por algum tempo esta que se me deparou, aproximadamente do tamanho de um frango, com formas mais esguias e penas brilhantemente coloridas. Vive na mata fechada, mas procura as clareiras ensoalhadas, para realizar as suas danças acrobáticas. A que eu vi, estava numa aberta bem iluminada, com uns dez a doze pés de diâmetro, situada no meio do caminho. Corria rapidamente, fazendo círculos da direita para a esquerda, com a asa direita bem levantada, evidentemente para que tivesse maior estabilidade, não só para rodar com mais rapidez e segurança, como também a fim de inverter o movimento. Então saltou no centro do terreno e aí se pôs aos pulinhos, para cima e para baixo, ora sôbre os dois pés, ora apenas sôbre um. Levantava a cabeça tão alto quanto possível, para, de repente, curvando o dorso, abaixá-la até o chão. Além dêses movimentos regulares, entregava-se à mais extravagante série de saltos e cabriolas que imaginar se possa. Era claro que não havia a menor relação entre aquêles saracoteios e qualquer objetivo prático, como a procura de alimentos. Tratava-se, sem dúvida, de um simples folguedo em instante de alegria. Visivelmente, a ave sentia-se muito feliz e isto deu-me também vontade de participar do seu brinquedo”.

Devem ter sido certos ademanos seus durante essas danças, quando, não raro, distende as asas e abre a cauda em leque, que lhe trouxeram aproximação com o pavão real, aliás de plumagem incomparavelmente mais rica. Mas essa parecença, pelo menos de atitudes, é bastante flagrante, tanto assim que, na Guiana Francêsa, também lhe chamam *Paon des palétuviers* e *Petit paon des roses*.

Por outro lado, Goeldi, não sem razão, encontra-lhe certa semelhança com algumas borboletas noturnas, não só pelo variegado da plumagem, como também porque as pintas ferrugíneas, que nela se desenharam, não deixam de recordar os grandes *olhos* que ornaram as asas daquelas.

Ave ímpar na ordem dos Gruiformes, o *pavão-do-Pará* pertence a família reduzidíssima, de um só gênero, exclusivamente americano, e com duas únicas espécies, sendo que destas, parece que apenas uma tem o seu âmbito

confinado à Amazônia, ou melhor à Hiléia, enquanto a outra é também conhecida na América Central.

Por muita gentileza do Prof. Agenor Couto de Magalhães, o nosso aquarelista pôde aproveitar-se de uma das gravuras do seu ENSAIO SÔBRE A FAUNA BRASILEIRA para realizar a nossa prancha XIII. Nela o *Pavãozinho* aparece com a vantagem de, em pleno vôo, deixar ver melhor o esplêndido colorido das suas penas.

B I B L I O G R A F I A

- BEEBE (Mary Blair and C. William) — *Our Search for a Wilderness*. New York, 1910.
- BEEBE (William), HARTLEY (G. Inness) and HOWES (Paul G.) — *Tropical Wild Life*. Vol. I. New York City. January, 1917.
- D'ORBIGNY (Charles) — *Dictionnaire Universel de Histoire Naturelle*. Paris, 1843.
- GOELDI (Emílio Augusto) — *As Aves do Brasil*. 2 vols. Rio de Janeiro, 1894.
- MAGALHÃES (Agenor Couto de) — *Ensaio sôbre a Fauna Brasileira*. São Paulo, 1939.
- PINTO (Oliveiro Mario de Oliveira) — *Catálogo das Aves do Brasil*. (Separata da "Revista do Museu Paulista". Tomo XXII. São Paulo, 1938).
- RIBEIRO (Alípio de Miranda) — *Esbôço Geral da Fauna Brasileira*. ("Recenseamento do Brasil". Vol. I. Introdução. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Rio de Janeiro, 1922).
- RUSBY (Henry Hurd) — *Jungle Memories*. New York and London, 1933.
- SNETHLAGE (Dra. Emília) — *Catálogo das Aves Amazônicas*. ("Boletim do Museu Goeldi". Vol. VIII. Pará, 1914).

P A P A G A I O S

Em mapa do início do século XVI não somos mais do que a *Brasília sive terra papagalli*. Quanto ao pau-brasil, pode ser. Para os papagaios, há positivamente exagero. Das quase seiscentas espécies que compõem a ordem dos Psitaciformes, não nos pertencem mais do que umas oitenta. Mas, apesar de tudo, fomos por algum tempo a Terra dos Papagaios. Para isso, há-de ter concorrido a primeira impressão dos descobridores. Na verdade, papagaios e araras eram abundantes por aqui e dêles os índios viviam rodeados. Tinham-nos domesticados. Aproveitavam-lhes as penas para os seus enfeites mais vistosos.

Iam mais longe, mudavam-lhes até a côr, conseguindo, por processo astucioso, que papagaios verdes lhes dessem penas amarelas, das mais cobiçadas, porque das mais difíceis de encontrar. Aliás, à vozearia dos primeiros marujos que levaram para Portugal um carregamento de pau-brasil, juntava-se a grazinada de muitos papagaios e periquitos.

Embora não tenhamos os lindos cacatuas da Austrália, não foi preciso condescendência para que, mesmo numa reduzida mostra de aves da Hiléia, pudéssemos representar dois dos seus papagaios. Ao contrário, talvez outros, com justa razão, se julguem prejudicados. E acodem-nos logo à lembrança a Marianinha (*Pionites leucogaster*), a graciosa curica de cabeça prêta (*Pionopsitta barrabandi*) e o tuim de máscara amarela (*Brotogerys sanctithomae*).

Mas em nossa escolha entrou também o critério da raridade e, dêste ponto de vista, tanto a guarajuba como o anacã teriam que ser preferidos.

Se a guarajuba, de plumagem quase que completamente amarela, fôsse mais comum, talvez que os índios não tivessem descoberto o interessante processo da *tapi- rage* (o têrmo é do francês crioulo da Guiana), a que já aludimos, e com o qual contrafaziam a côr dos papagaios. Pôsto que êsse artifício pareça ter tido por centro de dispersão o norte amazônico, principalmente as regiões sob influência aruaque, já estava muito divulgado ao tempo dos primeiros povoadores. Assim, já a êle se referem Gandavo, Gabriel Soares e outros. O índio, para consecução do seu desejo, depena o papagaio e, depois, esfregalhe sôbre a pele e introduz-lhe mesmo nos folículos pilosos a substância que alterará a côr das futuras penas, fazendo com que em vez de verdes nasçam amarelo-alaranjadas ou amarelas pintalgadas de vermelho. A substância descolorizante mais utilizada é o sangue e a gordura de alguns sapos e rãs, que agem pelo veneno secretado por glândulas cutâneas dêsses batráquios, como acontece com a rã *Hyla- plesia tinctoria*, cujo nome científico terá provindo mesmo do grande uso que dela se faz para tal fim. Mas igual resultado pode também ser obtido com a gordura do peixe pirarara e outros, e até dando de comer aos papagaios

a carne dêses mesmos peixes. Certos da eficiência da pirarara nessa despigmentação das penas, os índios e cabôclos temem comê-la, na convicção de que produz doenças da pele, como o purupuru, dermatose muito espalhada entre algumas tribos indígenas. Parece que com a seiva de certas plantas também se pode conseguir a *tapirage*. Aliás, quer Nordenskiöld que a alteração da côr das penas seja antes provocada pela mudança do regime alimentar sofrida pelos papagaios, quando em cativo, do que mesmo pelas tais fricções cutâneas a que os índios os submetem.

E cita o caso dos Arcunas, do Roroimã, que também conseguem a *tapirage* por meio do urucú, não só usado em esfregação sôbre a pele, como ainda dado de mistura à água bebida pelos psitacídeos. Para Rabaux é indiferente que seja externa ou interna a via de penetração da substância decolorante, desde que atinja os tecidos e possa ser absorvida.

À guarajuba (guaruba, arajuba, ararajuba, ajurujuba, quijubatuí, tanajuba) deram também o nome de *papagaio-imperial*, porque ela tem na sua plumagem as côres da nossa bandeira. Tôda de amarelo ouro, tem apenas tarjada de verde a extremidade das asas. A respeito dêse psitacídeo, disse Cardim, no seu TRATADOS DA TERRA E GENTE DO BRASIL: "Chama-se êste pássaro Guigrajuba, sc., pássaro amarelo; não fallão, nem brincão, antes são muito malenconizados, e tristes, mas muito estimados, por se trazerem de duzentas, e trezentas leguas, e não se achão, senão em casas de grandes principaes, e têm-nos em tanta estima que dão resgaste, e valia de duas pessoas por um delles, e tanto o estimão como os Japões as trempes, e panellas, e qualquer outros senhores alguma cousa de grande preço, como falcão, girifalte, &."

Quanto ao anacã, fuge tanto à forma comum dos nossos demais papagaios, que Buffon o supôs uma espécie da Índia Oriental trazida para aqui, e, depois, tornada selvagem.

Distingue-se não só pela riqueza do colorido em que, sôbre um fundo verde sedoso, se combinam vários tons, como pela gola de penas finas, vermelho vivo, marginadas de azul, que se eriça em arrogante crista quando a ave

está irritada, o que acontece freqüentemente. Daí o seu outro nome de *papagaio-de-coleira*. Conhecem-no também por *vanaquiá* e *iá* ou *iá-iá*, estas duas últimas vozes pela onomatopéia dos seus gritos rascantes.

Os psitacídeos passam por ter vida longa e assim já dizia Alexandre Dumas: “Os egoistas e os papagaios vivem cento e cinqüenta anos.” Foi graças a essa sua longevidade e também ao seu poder de elocução que Humboldt, quando no Orinoco, soube da existência de um deles que falava cousas ininteligíveis para os índios, pois que pertencera à tribo dos Atures, já de todo extinta. Mas mesmo nos tempos modernos, os *louros* palradores ainda podem prestar bons serviços. Conta-nos Paul Morand que, em Singapura, numa casa de hábitos suspeitos, havia dois papagaios, um à entrada e outro à saída. O primeiro atraía os transeuntes, dizendo: “Entre! Por aqui: *Come in!*”. E o outro, à porta dos fundos, aconselhava: “Chame o médico: *Call the doctor!*”

Mas tanto a nossa “malenconizada” guarajuba, como o irritadiço anacã nunca se sujeitariam a mister tão humilhante, pela simples razão de que nunca foram vistos a falar⁽¹⁾.

PRANCHA XIV — Aparecem na prancha XIV, em cima, o anacã, *Deroptyus accipitrinus* Lin.; em baixo, a guarajuba, *Guaruba guarouba* Gmellin.

BIBLIOGRAFIA

- CARDIM (Fernão) — *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Rio, 1925.
 GOELDI (Emílio Augusto) — *As Aves do Brasil*. 2 vols. Rio, 1894.
 HUMBOLDT (A. de) — *Tableaux de la Nature*. 2 vols. Traduit de l'allemand par J. B. Eyryes. Paris, 1828.
 IHERING (Dr. R. von) — *Da Vida dos Nossos Animais*. Rio Grande do Sul, 1934.
 MELLO-LEITÃO (C. de) — *Zoo-Geografia do Brasil*. São Paulo, 1937.
 MÉTRAUX (A.) — *La Civilisation Matérielle des Indiens Tupi-Guarani*. Paris, 1928.
 MÉTRAUX (A.) — *Une Découverte Biologique des Indiens de l'Amérique du Sud: La décoloration artificielle des plumes sur les oiseaux vivants*. (“Journal de la Société des Americanistes de Paris”. Nouvelle Série. Tomo XX. 1928).
 PINTO (Olivério Mário de Oliveira) — *Catálogo das Aves do Brasil*. (1.^a parte). Separata da “Revista do Museu Paulista”. Tomo XXII. São Paulo, 1938).

(1) Já estavam escritas estas linhas quando o autor encontrou uma referência de Von den Steinen a certo papagaio anacã, que vivia entre os Jurunas e falava correntemente o dialeto d'esses índios.

- RIBEIRO (Alípio de Miranda) — *Revisão dos Psitacédeos Brasileiros*. ("Revista do Museu Paulista". Tomo XII, 2.ª parte. 1920).
- SANTOS (Eurico) — *Da Ema ao Beija-flor*. Briguiet & Cia. Rio, 1940.
- SNETHLAGE (Dra. E.) — *Catálogo das Aves Amazônicas*. ("Boletim do Museu Goeldi". Vol. VIII. Pará, 1914).
- SOUZA (Gabriel Soares de) — *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. 3.ª edição. Cia. Editora Nacional. São Paulo, 1938.
- STEINEN (Karl von den) — *O Brasil Central*. Trad. de Catarina Baratz Cannabrava. São Paulo, 1942.
- WALLACE (Alfred Russell) — *Travels on the Amazon and Rio Negro*. Fifth edition. London, 1895.

SURUCUÁS E BEIJA-FLÔRES

Nesta nossa zoologia bastante insubmissa às regras da sistemática, mas a que o leitor já deve estar afeito, não espantará que se reúnam aves tão diversas e apenas com um único ponto de contacto: a riqueza do colorido. Mas se é só por êste motivo que elas aqui aparecem, e até sucede que figurem nas mesma estampa, também não espantará que de umas e outras se fale quase ao mesmo tempo.

Aos surucuás pertence uma das mais belas aves do mundo, o *quetzal* da América Central, antigamente objeto de culto entre os Astecas, e cujas penas enfeitavam o turbante de Montezuma, ainda hoje — conhecido o seu horror ao cativoiro — símbolo da liberdade para os guatemalenses, que a trazem figurada no seu escudo.

Se até às nossas matas não chega esta maravilha da fauna neotrópica, vive na Hiléia o seu irmão afim, o *Pharomacrus pavoninus*, o *uiçatu* dos índios, aquêle que sem lhe disputar a arrogante cabeça empenachada e a majestosa cauda em arco, pavoneia-se, entretanto, com os seus mesmos tons de ouro, esmeralda e rubi.

Diga-se, porém, que os surucuás só se recomendam pela plumagem, em uns com predominância do amarelo na barriga, em outros, do vermelho, mas sempre em justa-posição a outras côres berrantes e com reflexos metálicos.

Aves tristes, sossegadas, de grito forte e sincopado, mas melancólico, empoleiram-se por muito tempo num

mesmo galho, à espera de que qualquer inseto lhes passe ao alcance do bico ou, quando muito, de um pequeno vôo, pois que logo retornam ao seu pouso preferido. A mais, mostram-se de uma fragilidade extrema. Sôbre um corpo exíguo e leve, aumentando-lhe o vulto, em camada espêssa distribui-se o esplêndido frouxel de penas finas, mas pronto a despregar-se ao menor esforço. Isso faz o desespêro dos colecionadores, que raro lhe conseguem uma pele perfeita.

É chocante a pobreza com que se vestem as fêmeas dos surucuás, verdadeiras gatas-borracheiras ao lado dos seus companheiros, de tão rico e variado guarda-roupa.

Parece que a primeira notícia a respeito dos beija-flôres foi dada por Oviedo na sua *HISTORIA GENERAL Y NATURAL DE LAS INDIAS OCCIDENTALES*, aparecida em Toledo em 1526. Daí para cá, muito se tem escrito sôbre essas “jóias da natureza”, como lhes chamou Buffon, exclusivamente da América tropical, e que fazem o deslumbramento de quantos as vêem pela primeira vez; mas nada existe que se compare à admirável monografia, tão ricamente ilustrada, que lhes dedicou Gould, e foi mais tarde concluída por Sharpe e Salvin.

Ainda que os tenhamos em profusão e, um pouco por tôda parte, quer nos nossos jardins, quer nos campos e nas matas surjam a adejar sôbre as flôres, não é ao Brasil que cabe a maior riqueza em colibris, mas antes à zona sub-andina de países vizinhos nossos, como a Bolívia, o Peru e, principalmente, o Equador.

Tal é a graça dos beija-flôres, tal a fulguração das suas penas, tanta a ligeireza das suas asas, a permitir-lhes, em vibração inumerável, parar no espaço e voar para trás, que, até hoje, a credence popular os tem como parentes próximos das borboletas. Assim, não só estas se poderiam metamorfosear naquêles, como em borboletas também se transformariam as avezinhas. O curioso é que alguns dos nossos primeiros cronistas deram curso a esta fantasia e a propósito dos beija-flôres escreve Cardim: “Têm dous princípios de sua geração: huns se gerão de ovos, como outros passaros, outros de borboletas, e he

cousa para ver, uma borboleta começar-se a converter neste passarinho, porque justamente he borboleta e passaro, e assim se vai converter neste formosissimo passarinho; cousa maravilhosa, e ignota aos philosophos, pois hum vivente sem corrupção se converte noutro.”

Observe-se, porém, que certas borboletas crepusculares, da família Sphingidae, de asas curtas e corpo grosso, têm mesmo qualquer cousa dos colibris, e, quando em vôo, também procurando as flôres, é fácil a confusão entre ambos. Bates confessa que, muitas vêzes, chegou a atirar em Lepidópteros pensando que visava beija-flôres. Na verdade, para êle, a forma da cabeça, a posição dos olhos e a longa probóscida, a simular um bico, fazem grande a aproximação entre a mariposa e o beija-flôr. E Bates vai mais longe quando afirma, em relação aos Troquilídeos: “A falta de expressão nos seus olhos, o pequeno grau de versatilidade nas suas ações e a rapidez e precisão dos seus movimentos são todos pontos de semelhança entre êles e os insetos.”

Não só dos naturalistas o beija-flôr arrancou gritos de espanto. O nosso índio dava-lhe também nomes dos mais poéticos. Ora era *guanumbi* (raio de sol) (1), ora *guaraciaba* (cabelo do sol), ou *guaracigá* (fruta do sol), ou ainda *guaracigoba* (cobertura do sol).

Como se vê, sempre a mesma ligação com o sol, pois embora tenham êles as mais variadas côres, verde, vermelho, amarelo, azul e violeta, o que predomina em quase todos é a flamância, é a permanente coruscação às incidências da luz, fazendo com que, a um só tempo, possam ser um verdadeiro escrínio de gemas raras: esmeraldas, rubis, topázios, safiras e ametistas.

Vive exclusivamente nas matas amazônicas um dos mais belos e maiores beija-flôres: o *Topaza pyra*. Embora do tamanho de uma andorinha pequena, já pode ser considerado um gigante da família e com êle só competirá, aliás, unicamente no vulto, pois que muito menos rico de colorido, o *Patagonia gigas*, do extremo sul do nosso continente. Não há exagêro em falar aqui de gigantes,

(1) É esta a tradução que a *guanumbi* ou *guainumbi* emprestam vários autores, embora Theodoro Sampaio lhe dê o significado de *indivíduo preto azulado*.

se nos lembrarmos do *Calipte helena*, de Cuba, que não pesa mais de uma grama, e da ponta do bico ao extremo da cauda, ambos bastante longos, tem apenas duas polegadas e meia. Vale lembrar que no *Topaza pyra* o comprimento total da ave é muito favorecido pelas duas longas penas prêtas, medianas e cruzadas, que lhe ornaram a cauda, excedendo tôdas as outras.

Dêste beija-flôr, em cuja roupagem se associam muitas côres, como o vermelho cobreado, o verde, o prêto e o roxo, nas mais inesperadas cintilações, e que na opinião de Gould é o mais bonito de quantos se conhecem numa numerosa família que conta mais de quinhentas espécies, Natterer colecionou vários exemplares às margens do rio Negro.

PRANCHA XV — Apresenta, em cima, o surucúá *Pharomacrus pavoninus* e, em baixo, o beija-flor *Topaza pyra*.

B I B L I O G R A F I A

- BATES (Henry Walter) — *The Naturalist on the River Amazons*. London, 1895.
- BOURBIER (Maurice) — *L'Evolution de l'Ornithologie*. Paris, 1932.
- CARDIM (Fernão) — *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Rio, 1925.
- CASTELNAU (Francis de) — *Expédition dans les Parties Centrales de l'Amérique du Sud*. Histoire du Voyage. 6 vols. Paris, 1850-1851.
- CUTRIGHT (Paul Russel) — *The Great Naturalists Explore South America*. New York, 1940.
- DENIS (Ferdinand) — *Arte Plumária*. Paris, 1875.
- GOELDI (Emílio Augusto) — *As Aves do Brasil*. Rio, 1894.
- GOULD (John) — *A Monograph of the Trochilidae or Humming-Birds*. London, s/d.
- GOULD (John) — *A Monograph of the Trogonidae or Family of Trogons*. London, 1838.
- IHERING (Dr. R. von) — *Da Vida dos Nossos Animais*. Rio Grande do Sul, 1934.
- IHERING (Dr. R. von) — *Fauna do Brasil*. São Paulo, 1917.
- MAGALHÃES (Agenor Couto de) — *Ensaio sobre a Fauna Brasileira*. São Paulo, 1939.
- PINTO (Olivério Mário de Oliveira) — *Catálogo das Aves do Brasil*. (Separata da "Revista do Museu Paulista". Tomo XXII. São Paulo, 1938).
- SANTOS (Eurico) — *Da Ema ao Beija-flor*. Rio, 1940.
- SANTOS (Eurico) — *Pássaros do Brasil*. Rio, 1940.
- SNETHLAGE (Dra. Emília) — *Catálogo das Aves Amazônicas*. ("Boletim do Museu Goeldi". Vol. VIII. Pará, 1914).

GALO-DA-SERRA

Esta é uma das mais belas aves da Amazônia. Já houve mesmo quem passando os olhos pela órnis universal, a classificasse de mais lindo pássaro do mundo: “*the most beautiful bird in the world*”. Se não vamos a tanto, lembrando-nos de certas jóias aladas da Oceânia e até, mais perto de nós, do soberbo *quetzal*, da Guatemala, a ave sagrada dos Astecas, teremos de convir que numa família como a dos Cotingídeos, de elementos tão conspícuos, pela riqueza da plumagem, penacho que por vêzes lhes orna a cabeça, e exquisitece ou agudeza da voz, mantém êle a palma entre o numeroso grupo dos seus irmãos.

Aliás, muitos foram os motivos por que, desde logo, o nosso *galo-da-serra* despertou a atenção dos mais notáveis naturalistas que percorreram a Hiléia. Em primeiro lugar assinala-se a sua côr, nada comum entre as aves, um alaranjado vivo, cetinoso, ardente, o que levou Wallace a compará-lo a um corpo flamejante, quando o surpreendeu, pela primeira vez, destacando-se sôbre o fundo verde da mata. Verril, ao vê-lo em vôo, teve a imagem de um raio de sol, passando de um galho a outro. Num “pássaro de fogo” fala o Marquês de Wavrin ao descrevê-lo.

Há também a singularidade da sua crista, disposta em leque, perfeitamente semi-circular e que, abrangendo tôda a cabeça no sentido longitudinal, é móvel e dupla na frente, podendo abrir-se em duas fôlhas que, por vêzes, a seu talante, lhe cobre inteiramente o bico. Essa crista, igualmente côr de laranja, apresenta quase à sua orla, um estreito friso vermelho-purpurino, o que mais lhe aumenta a faceirice. As asas, curtas e obtusas, têm as coberteiras superiores e as remiges de um pardo quase prêto, com largas faixas brancas transversais. A cauda é pequena e quadrada, também de um pardo acinzentado, bastante escuro, mas terminando com uma franja quase branca. Corpo espêsso e cheio. Tarsos curtos e fortes. O pássaro mede, quando adulto, uns trinta centímetros de comprimento.

Mas não pára aí, na graça das suas linhas e no esplendor da sua roupagem, o interêsse provocado pelo nosso galo-da-serra. Trata-se também de um exímio dançarino, capaz dos mais inesperados volteios e figurações com que, em certas épocas do ano, talvez procure requestar a companhia para a estação dos futuros amores. Foi Richard Schomburgk quem, com a autoridade do seu nome, pela primeira vez, se ocupou minuciosamente dêsses verdadeiros torneios coreográficos, em que tomam parte vários pássaros, e que, por demais fantasiosos, haviam sido postos em dúvida por muita gente.

E foi isso ainda um motivo para que mais se aguçasse a curiosidade em tórno do famoso Cotingídeo, esquivo de hábitos e pouco encontrado, dado que só vive em remotas paragens, não raro de difícil acesso, já no alto dos rios, onde as águas se despenham em catadupas e o terreno é pedregoso e acidentado.

Pois assim mesmo, só para conhecê-lo, não foram poucos os viajantes que enfrentaram todos os riscos. Para isso, Wallace fez jornada especial à Serra do Cobati, no rio Negro; Leo Miller chegou até as cabeceiras do Madalena, no sul da Colômbia; e mais perto de nós, em 1910, Frost veio expressamente da Inglaterra à Guiana Inglesa para, junto das cachoeiras do Mazaruni, confirmar as observações de Schomburgk.

O gênero *Rupicola* tem lugar à parte entre os Cotingídeos e já houve quem o quisesse separar numa nova família, dos *Rupicolidae*. Todavia, são poucos os seus representantes e nêle apenas se enquadram duas espécies, com algumas características bem marcadas e áreas diferentes de disseminação. Assim temos o *Rupicola rupicola* (L.), que é o nosso galo-da-serra ou galo-do-Pará, cuja distribuição geográfica abrange a região montanhosa das Guianas, sul da Venezuela e da Colômbia e norte do Amazonas; e o *Rupicola peruviana* (Lath.), que parece não ocorrer em território nacional e vive no oeste setentrional da América do Sul, desde a porção ocidental da Venezuela até o norte da Bolívia.

Este último é um pouco maior que o *Rupicola rupicola*, tem tonalidade mais carregada, tirante ao vermelho.

Além disso, a sua cauda, mais longa, é inteiramente negra, sem o debrum esbranquiçado que já assinalamos para o nosso. De igual modo, a crista, tôda numa só côr, é desprovida da fímbria mais escura. Ao que consta, o *Rupicola peruviana* vive em grupos e jamais alguém o surpreendeu entregue a danças.

Daqui por diante, tudo o que se disser será relativo à espécie que também nos pertence e cujo *habitat* principal, dentro das nossas fronteiras, está no alto rio Negro, sobretudo nos seus afluentes da margem direita. Consigne-se a sua presença, aliás muito rara, ao sul da linha do Equador, onde foi visto por Paul Le Cointe e Adolpho Ducke, próximo aos campos do Ariramba, no vale do Trombetas.

O galo-da-serra chamou-se de início *Pipra rupicola*; depois *Rupicola crocea*; depois *Rupicola aurantia*; finalmente *Rupicola rupicola*. Os aborígenes dão-lhe também vários nomes. Entre certas tribos da Guiana Inglesa êle será *cuenaro* ou *cunuaru*. Crevaux viu-o crismado de *meú*, quando viajava pelo Oiapoque. *Enetemo* dirão os índios Tucanos, do rio Negro, numa voz que exprime *o que tem a serra, o que vive na serra*. *Gallito* e *gallo de las piedras* apelidam-no os espanhóis da Venezuela, sendo que desta última designação há-de ter vindo o *cock of the rock* de generalização entre os ingleses.

Torna-se dos mais flagrantos o dimorfismo sexual do *Rupicola*. Enquanto o macho se pavoneia ostentando a mais esplêndida plumagem, a fêmea, um pouco menor e quase sem crista, veste-se modestamente, trajando côres sombrias, de um pardo oliváceo, quase negro, apenas aqui e acolá salpicado de uma outra pena alaranjada.

Fato curioso, ao nascer, os filhotes são todos prêtos e só mais tarde se dá a diferenciação entre os elementos masculinos e femininos. Esclareça-se, porém, que os machos já saem do ovo com o bico e as patas amarelas, e isso os distinguirá logo das fêmeas, cujo bico e patas são prêtos. Darwin diz que o dimorfismo sexual dêsse Cotingídeo não é apenas para agradar à sua companheira, mas é também um exibicionismo de defesa e intimidação. Aliás, o galo-da-serra é briguento e, com boa capacidade de vôo, a

despeito da plumagem vistosa, não tem muito a recear dos seus eventuais inimigos.

Há divergências quanto à época em que êsses pássaros se acasalam, mas o mais provável é que a procriação perdue durante os meses de estiagem, de novembro a maio. O ninho, de formato arredondado, feito de barro e recoberto de matérias resinosas, aparece sempre fixado a uma pedra, à maneira do que fazem as andorinhas. De preferência, para a sua localização, é sempre escolhido um sítio inacessível e bem abrigado, nas anfratuosidades de qualquer rocha abrupta. Os ovos, do tamanho dos de pombo, quase sempre em número de dois, são brancos, com grandes manchas ferrugíneas na sua extremidade mais larga. Diz-se que um mesmo ninho pode servir para várias posturas. Apenas, anualmente, antes de cada incubação, sofrerá revestimento novo de fibras, líquenes e musgos. Não raro encontram-se vários ninhos num mesmo local, às vêzes dispostos uns acima dos outros, o que mostra que ao menos em certa época do ano os galos-da-serra vivem em grupos. É nos ninhos, ou então nos seus campos de dança que os índios costumam pegá-los, usando para isso finos laços feitos com fibra de tucum. O Cônego Francisco Bernardino de Sousa diz que os aborígenes, para imitar-lhes o canto, no que são muito hábeis, sopram numa fôlha de ubim colocada entre duas palhetas de arumã.

Como acontece com a maioria das aves de plumagem brilhante, a voz do galo-da-serra muito deixa a desejar. Será antes um grito, e grito rouco, como aquêlê que se consegue com as *línguas de sogra* do nosso Carnaval. Quase sempre êle o repete de três a cinco vêzes, e para isso, de cada vez, abaixa a cabeça, como se a emissão de tal som lhe pedisse algum esforço. Em outras ocasiões, porém, quando aparece assustado ou enraivecido, tem um pio breve e agudo, dado a mais longos intervalos. Assina-le-se ainda um estalido sêco, igual àquêlê que em outras aves é conseguido, não raro, pelo atrito das asas, mas que nêle parece ser também de origem vocal.

Penas de tão raro colorido como as do *Rupicola* não podiam deixar de ser aproveitadas pelos indígenas, na confecção de capacetes, colares e pulseiras. Tornaram-se

mesmo célebres certas rêdes fabricadas pelos índios Maquiritares, do Orinoco, nas quais a plumagem brasina dos galos-da-serra aparece sempre na ornamentação das suas varandas. Lembre-se que o *papo-de-tucano*, usado em dias de gala pelo nosso primeiro Imperador, foi mais tarde substituído por outro, com que se paramentava D. Pedro II, e feito com as penas do galo-da-serra. Para isso, todos os anos, era remetida do longínquo rio Uaupés, no alto rio Negro, para o Rio, uma determinada quantidade de peles de *Rupicola*.

O galo-da-serra passa por ter constituição delicada, suportando dificilmente a vida em cativeiro. Mas isso não é verdade, principalmente para aquêles que são apanhados ainda jovens e aos quais se fornece alimentação variada. Tanto assim ser muito freqüente encontrá-lo vivendo na maloca dos índios, entre os seus outros xerimbabos. Convém não esquecer, entretanto, que, embora se trate de aves frugívoras, faz-se necessário dar-lhes, uma vez ou outra, alimentação protéica, que lhes supra a falta de insetos, que caçam quando em liberdade. Assim, ao lado do mamão, da laranja, da banana e de muitas outras frutas com que se contentam, uma vez que nem sempre poderão ter o açaí e muito menos certa frutinha vermelha de uma Melastomácea, a que alude Wallace (é possível que na pimenta malagueta, quando bem madura, de que gostam tanto, encontrem um sucedâneo daquela), deve-se ministrar-lhes também a sôpa de miolo de pão embebido em leite e mesmo um pouquinho de carne. Sobre êsse ponto, o autor fala com experiência própria, pois que há mais de três anos tem três machos e uma fêmea vivendo perfeitamente bem num viveiro. O *Rupicola*, ao contrário do que sucede com outras aves trazidas do extremo norte, mostra-se bastante resistente às variações climáticas do Rio de Janeiro. Isso, entretanto, não espantará, se tivermos em mente que, no seu *habitat* natural, êle vive quase sempre em regiões montanhosas, a 500 e 600 metros de altitude.

E agora, tornemos às suas danças que, infelizmente, parece que só se realizam diante de um público numeroso, mas público também constituído de galos-da-serra e, assim,

nunca tivemos a ventura de vê-las praticadas no nosso viveiro. É verdade que, ao que se diz, trata-se de uma festa pré-nupcial e, até hoje, ainda não notamos que a nossa representante do belo sexo (a expressão aqui chega a ser um eufemismo) fôsse motivo de rivalidade entre os três galos que vivem a seu lado.

Reportemo-nos, portanto, a Schomburgk e Verril se o leitor quiser ter uma idéia do que sejam os meneios coreográficos do galo-da-serra.

Diz Schomburgk:

“Quanto mais subíamos, mais difícil se tornava o caminho, e mais amiúde éramos obrigados a descansar; enquanto assim ocupados, de repente ouvimos não muito longe, o bem conhecido grito do galo-da-serra. Imediatamente, meus companheiros puseram-se de rasto, com as armas prontas, e um dêles, voltando-se para mim, disse-me que o acompanhasse com cautela e a passos leves. De gatinhas, rompendo por entre os ramos, teríamos dado uns mil passos, quando a minha curiosidade, já espicada, se deu por satisfeita, e, ao acorar-me ao lado dos outros índios, fui testemunha de um espetáculo muitíssimo interessante. Na superfície lisa de uma pedra íngreme, um grupo dos lindos pássaros estava dançando: espetáculo que muitos ornitologistas puseram em dúvida, embora não só meu irmão mas muitos índios já me tivessem falado a respeito. Enquanto uns vinte pássaros, empoleirados nos arbustos que rodeavam o campo de recreio, emitiam as notas mais peculiares, e evidentemente formavam uma platéia atenta, um dos machos realizava cabriolas sôbre a face limpa do alcantil: muito orgulhoso de si mesmo, levantava e abaixava a cauda bem expandida e agitava as asas igualmente abertas, e assim continuou a representar até que, parecendo exausto, voou para o mato, e o seu lugar foi tomado por outro macho. As fêmeas, nesse meio tempo, emitiam uma nota tôda especial e, sempre atentas e embevecidas, ao regresso do bailarino fatigado, davam um grito que denotava aplauso. Não pude impedir que um dos indígenas desse um tiro, o que fez dispersar o alegre bando, ficando feridos, no chão, quatro dos seus componentes.”

Verril, mais verboso, assim se refere à mesma cena:

“Reunidos nesta platibanda lisa, debruçados nas anfratuosidades da rocha, sob as plantas e as lianas em flôr, percebemos uma dúzia e meia ou mais de pássaros. Havia algumas fêmeas sôbriamente vestidas, como monjas, de pardo escuro, mas havia machos na sua libré de cetim côr de laranja, soberbo topete, e cauda e asas de veludo negro. No centro, três dêsses maravilhosos pássaros realizavam danças. Enfunavam-se, espanejavam as penas de tal modo que pareciam duas e três vêzes maiores; erguiam as asas acima do dorso, com a cauda erecta, e também frocadas as plumas do pescoço e da rabadilha, numa série de franjas brilhantes. Com a grande crista em semi-círculo, abrindo-se e fechando-se como um leque dourado, êsses três pássaros pavoneavam, em atitude arrogante, o peito estufado, rijas as patas, fazendo roda aos pulinhos, um à volta do outro. De vez em quando, encontravam-se frente a frente, jogavam a cabeça para diante e para trás, cumprimentavam-se tão mesureiros, que o bico lhes tocava o chão, depois recuavam e avançavam, como se empenhados num combate feroz, e bruscamente alçavam-se do solo, dando estranhos grasnados, e libravam-se nos ares, de asas vibrantes, como verdadeiros beija-flôres. Por fim, deixavam-se cair sôbre o rochedo. Às vêzes, todos três tomavam parte no torneio, ou bem dois dentre êles ficavam imóveis, enquanto o terceiro continuava a executar o bailado, e de tempos a tempos um ou dois dançarinos cessavam bruscamente de cumprimentar e exhibir-se e, abaixando as penas e a cauda, iam tomar lugar entre os espectadores.”

Frost, ao contrário do que diz a maioria dos autores, não viu fêmeas presentes à festa. As aves de roupagem escura que, por vêzes, assistiam ao espetáculo, eram sempre representantes jovens do sexo masculino. Êle acha, no entanto, que as fêmeas possam estar presentes, mas conservando-se sempre nos galhos mais altos e distantes, sob o abrigo da folhagem. Frost desmente também o que se propala a respeito do preparo prévio dos campos onde se vão realizar as danças. O que acontece é que já ao fim da primeira reunião, o local se acha perfeitamente limpo,

devido aos saltos e violentos arrastamentos das asas e da cauda que os pássaros executam quando em pleno frenesi da festa.

FRANCHA XVI — A nossa estampa XVI apresenta o *galo-da-serra* numa atitude um pouco forçada, mas na qual, não raro, o surpreendemos no nosso viveiro. Esta posição tem a vantagem de mostrá-lo com a cauda distendida, podendo-se ver bem assim a orla esbranquiçada que a margeia. É este um dos elementos que distinguem o *Rupicola rupicola* do *Rupicola peruviana*, cujas penas caudais são tôdas prêtas.

BIBLIOGRAFIA (1)

- AKERS (C. E.) — *Relatório sobre o Vale do Amazonas*. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Rio de Janeiro, 1913.
- BEEBE (William), HARTLEY (G. INNESS) and HOWES (Paul G.) — *Tropical Wild Life*. Vol. I. New York City, January, 1917.
- BODDAM-WHETHAM (J. W.) — *Roraima and British Guiana*. London, 1879.
- BRHEM (A. C.) — *La Vie des Animaux*. Edition française par Z. Gerbe, s/d.
- BROWN (C. Barrington) — *Canoe and Camp Life in British Guiana*. London, 1877.
- CREVAUX (J.) — *Voyages dans l'Amérique du Sud*. Paris, 1883.
- CUTRIGHT (Paul Russell) — *The Great Naturalists Explore South America*. New York, 1940.
- DUCKE (Adolpho) — *Explorações Científicas no Estado do Pará*. ("Boletim do Museu Goeldi". Tomo VII, 1910).
- FROST (W.) — *The Cock of the Rock*. ("The Avicultural Magazine". Vol. I. N. 11, September, 1910. London).
- HOLT (Ernest G.) — *A Journey by Jungle Rivers to the Home of the Cock of the Rock*. ("The National Geographical Magazine". November, 1933).
- HUMBOLDT (A. de) — *Tableaux de la Nature*. 2 vols. Paris, 1828.
- HUXLEY (Julien) — *O Pensamento Vivo de Darwin*. Trad. de Paulo Sawaya. São Paulo, 1940.
- IM THURN (Everard F.) — *Among the Indians of Guiana*. London, 1883.
- MILLER (Leo E.) — *In the Wilds of South America*. New York, 1919.
- PINTO (Olivério) — *Nova Contribuição à Ornitologia Amazônica*. ("Revista do Museu Paulista". Tomo XXIII. São Paulo, 1938).
- SANTOS (Eurico) — *Pássaros do Brasil*. Rio, 1940.
- SCHOMBURCK (Richard) — *Travels in British Guiana*. Translated by Walter E. Roth. Georgetown, 1922.
- SCHOMBURCK (Robert H.) — *A Description of British Guyana, Geographical and Statistical*. London, 1840.
- SNETHLAGE (Dra. E.) — *Catálogo das Aves Amazônicas*. ("Boletim do Museu Goeldi". Vol. VIII. Pará, 1914).

(1) Além das obras constantes da lista abaixo, e na qual apenas apontamos aquelas que tratam mais pormenorizadamente do assunto, ainda nos servimos, para a confecção desta notícia, de preciosas informações que, a respeito da distribuição geográfica e diagnose diferencial dos *Rupicola* nos foram fornecidas, por carta, pelo eminente zoólogo patricio Olivério Pinto. Igualmente, quanto à ecologia da ave, foram-nos de muito proveito algumas observações que nos teve a gentileza de enviar o nosso amigo padre Antônio Giaccone, das Missões Salesianas do alto rio Negro.

- SOUZA (Cônego Francisco Bernardino de) — *Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas*. Pará, 1873.
- VERRIL (A. Hyatt) — *Moeurs Etranges des Oiseaux*. Paris, 1939.
- VIEIRA (Carlos da Cunha) — *Os Cotingídeos do Brasil*. ("Revista do Museu Paulista". Tomo XIX. São Paulo, 1935).
- WALLACE (Alfred Russel) — *Travels on the Amazon and Rio Negro*. London, 1895.
- WAVRIN (Marquis de) — *Les Bêtes Sauvages de l'Amazonie et des Autres Régions de l'Amérique du Sud*. Paris, 1939.
- WICKHAM (Henry Alexander) — *Rough Notes of a Journey Through the Wilderness from Trinidad to Pará*. London, 1872.

OUTRAS COTINGAS

Mesmo possuindo um representante com os atributos de beleza e elegância do galo-da-serra, a família dos Cotingídeos é tão rica de outros lindos pássaros que grave injustiça seria se não lhes fizéssemos aqui qualquer referência.

Um dêles, que cedo despertou a atenção dos naturalistas viajantes, a começar pelo nosso Alexandre Rodrigues Ferreira, foi o *Cephalopterus ornatus*, o nosso *pavão-do-mato*, *anambê-prêto* ou *toropixi*, também conhecido por alguns índios como *guiramombocó* e *uiramimbé*, e a que os ingleses deram o nome de *umbrella bird*.

Cabeça-alada e *pássaro-sombrinha* porque o que mais o caracteriza é o esplêndido capacete de plumas negras e crispadas que lhe ornem a cabeça, formando um verdadeiro cocar, que tanto se abre como se fecha, à maneira de um guarda-sol, e, quando bem frocado, é um denso tufo de penas prêtas a lhe cobrirem os olhos e o bico forte. Outra peculiaridade sua é o apêndice carnoso, revestido de penas imbricadas, que ostenta longitudinalmente sôbre o peito e cuja extremidade, perfeitamente livre, se prolonga em borla saliente. Dizem que essa excrescência também é passível de movimento e tanto minguia para se tornar quase invisível, como cresce e se empola num bem patente penduricalho. Não seria impossível que êsse lóbulo estivesse em conexão com os órgãos vocais, de tal modo que, quando bem insuflado, ajudasse o *Cephalopterus* a emitir o seu grito cavo e prolongado, lembrando uma nota

de instrumento de sôpro. Daí aquêle seu outro nome, já citado, *uiramimbé*, ou pássaro-trombeta.

Diga-se que a não ser essas singularidades, a ave não terá outros atrativos. De grande porte, com cinqüenta e cinco centímetros de comprimento, inteiramente prêta, na opinião de Wallace tem bastantes pontos de parecença com os corvos.

Apenas o prêto da sua roupagem enriquece-se de belas cambiâncias metálicas, de um verde-azulado, como não se encontram naquêles.

Já referimos que êsse Cotingídeo não passou despercebido de Alexandre Rodrigues Ferreira a quem deveria ter cabido a honra da sua primeira descrição. Disso temos a prova examinando um dos seus álbuns de estampas, ainda inéditos, e onde aparece um belo desenho do pavão-do-mato. Mas ainda aqui, como em outros casos, foi infeliz o grande naturalista brasileiro. Um dos exemplares dessa mesma ave, mandado entre as suas coleções para Lisboa, caiu entre as mãos de Geoffroy Saint Hilaire, durante a ocupação de Portugal pelos francêsês e que, levando-o para Paris, chamou sôbre a curiosa ave a atenção do mundo científico, não só porque lhe dedicou minucioso estudo, mas, porque, para classificá-la, precisou também criar um gênero novo.

Apenas, Geoffroy, que lhe conhecia vagamente a procedência, deu o anambé-prêto, que entre nós ocorre exclusivamente na Amazônia, como existente nas cercanias do Rio de Janeiro, êrro que só mais tarde foi corrigido, após a expedição de Castelnau. Êste caçou-o entre Nauta e Peba, no Marañon, quando descia do Peru. Mais tarde Wallace dêle conseguiu bons exemplares nas ilhas alagadiças que se distribuem pelo leito do rio Negro, não muito longe da sua foz.

Ave esquiva, que só freqüenta as densas matas, o *Cephalopterus* não é de fácil encontro e sem o auxílio dos nativos, que lhe conhecem os hábitos, os dois naturalistas talvez não o tivessem reunido às suas coleções.

Parece que êle não é raro no alto Orinoco. Segundo depõe Schomburgk, nos enfeites de plumária usados pelos

índios Maioncons, habitantes das margens do Parima, vêem-se com bastante freqüência a crista e o apêndice peitoral do pavão-do-mato.

Falar de outras cotingas é ter diante dos olhos as sete côres do espectro solar. Não tornaremos ao *galo-da-serra*, de que já dissemos tanto, mas cuja roupagem flavesciente e, às vêzes, de um alaranjado quase brasino, não pode ser esquecida. Acodem-nos, entretanto, os anambés azuis, *Cotinga cotinga*, *Cotinga cayana* e *Cotinga maynana*, em que os tons cerúleos e esmeraldinos são tanto mais vivos e iriantes quanto contrastam com a placa violácea ou lilás que lhes decora o peito. E ainda o *Phoenicocercus carnifex*, mais modestamente conhecido por *papa-açaí* ou *saurá*, sendo que os índios lhe dão um nome bastante poético, *araci-uirá*, isto é, *pássaro-do-raiar-do-dia*. É que, em verdade, êle traz mesmo nas penas o vermelho afogueado dos céus da antemanhã. Lembremo-nos também da *Querula purpurata*, que se diria de luto se não fôsse a gorjeira carmezim com que se enfeita, provàvelmente para não destoar das suas irmãs mais vaidosas. E, por fim, superando a tôdas, não pela riqueza do seu manto, sem dúvida de brilho mais ofuscante em outras, mas pelo gôsto com que nêle as côres se distribuem — côres raras entre as aves — tons vinhosos entre o vermelho sombrio e o roxo morado de combinação com o branco, surge a *Xipholena punicia*, *bacacu* de uns índios, *ulababa* de outros, *pacoque* na Guiana Inglêsa, nomes que dizem menos do que o *Ampelis pompadora* com que, de início, foi designada pelos cientistas.

Não só pelo colorido as cotingas têm pontos de contacto com as gemas raras. Como acontece com os rubis e outras pedras preciosas, elas também mudam de côr pela ação do calor artificial. Foi isso o que verificou Castelnau em relação à *Cotinga cotinga*, cujas penas, quando aquecidas, passam do azul ao róseo e depois ao vermelho. Cousa igual Beebe apurou no tocante à *Xipholena punicia*, em que os tons granadinos, pela mesma ação do fogo, vão até o amarelo palha.

PRANCHA XVII — Vêem-se na prancha XVII:

Em cima, à esquerda, a cabeça do pavão-do-mato: *Cephalopterus ornatus*; e, à direita, o cururá: *Cotinga cotinga*; no centro, o saurá: *Phoenicocercus carnifex*; e, em baixo, a *Cotinga cayana*.

PRANCHA XVIII — E nesta prancha:

Em cima, *Querula purpurata*; no centro, o bacacu: *Xipholena punicia*; e, em baixo, a *Cotinga maynana*.

BIBLIOGRAFIA

- BEEBE (Mary Blair and C. William) — *Our Search for a Wilderness*. New York, 1910.
- BEEBE (William) — *Jungle Peace*. New York, 1936.
- BEEBE (William), HARTLEY (G. Inness) and HOWES (Paul G.) — *Tropical Wild Life*. Vol. I. New York City. January, 1917.
- BOUBIER (Maurice) — *L'Evolution de l'Ornithologie*. Paris, 1932.
- BREHM (A. E.) — *La Vie des Animaux*. Edition Française par Z. Gerbe. S/d.
- CASTELNAU (Francis de) — *Expédition dans les Parties Centrales de l'Amérique du Sud*. Histoire du Voyage. 6 vols. Paris, 1851.
- GOELDI (Emílio Augusto) — *As Aves do Brasil*. 2 vols. Rio de Janeiro, 1894.
- IHERING (Rodolpho von) — *Fauna do Brasil*. São Paulo, 1917.
- ORTON (James) — *The Andes and the Amazon*. New York, 1870.
- SCHOMBURCK (Richard) — *Travels in British Guyana*. Translated by Walter E. Roth. Georgetown, 1922.
- SNETHLAGE (Dra. Emília) — *Catálogo das Aves Amazônicas*. ("Boletim do Museu Goeldi". Vol. VIII. Pará, 1914).
- VIEIRA (Carlos da Cunha) — *Os Cotíngídeos do Brasil*. ("Revista do Museu Paulista". Tomo XIX. São Paulo, 1935).
- WALLACE (Alfred Russel) — *Travels on the Amazon and Rio Negro*. Fifth Edition. London, 1895.

UIRAPURUS E SAÍS

Entre as aves da Amazônia, nenhuma terá prestígio igual ao do uirapuru, o cantor mágico das suas selvas. Várias são as lendas que o tornaram famoso. Quando vivo e a cantar, faz-se o silêncio à sua volta e tôda a bicharada acode pressurosa, atraída pelas etéreas harmonias que lhe brotam da garganta de ouro. Morto, é amuleto dos mais disputados, e feliz daquêle que o possuir, pois que não conhecerá contrariedades, terá tudo o que desejar.

Morto, porque quase impossível será apanhá-lo vivo e só a seta da zarabatana o vai buscar sôbre os galhos altos onde se desfaz em trinos e regorjeios. Ou, então, porque, quando em cativo, queda-se em absoluto mutismo, e logo depercece e morre.

Em questões de amor, o talismã será propício aos desejos masculinos ou femininos conforme o passarinho, já traspassado pelo dardo do índio, venha ter ao chão de costas ou de bruços; e as dádivas, de que é pródigo, ainda poderão ser aumentadas se qualquer pagé o *preparar* com a resina do sapo cunuaru ou o pó das fôlhas do carajuru.

Se grande é, porém, a auréola que o cerca, maior ainda é a confusão em tôrno da verdadeira identidade do uirapuru ou melhor do verdadeiro uirapuru, o cantador, pois que muitos outros passarinhos são conhecidos por êsse mesmo nome, embora nenhum dêles tenha as suas qualidades vocais. E o curioso é que se, pelo canto, nada os aproxima, também tudo os afasta no que se refere à plumagem. Enquanto o uirapuru verdadeiro, ou seja o músico, veste-se com tons neutros e tem muita cousa das nossas cambaxirras, os outros se enfeitam com as mais vivas côres. Aliás, o nome uirapuru, que quer dizer *pássaro-pintado*, se aplica mais a êstes do que àquêles, a que só por um engano ou uma falsa observação poderá ter cabido semelhante designação.

Falamos em falsa observação na idéia de que, inicialmente, ao ser ouvido o cantor, por coincidência estivesse nas suas cercanias um dos outros, qualquer daquêles de plumagem vistosa, que logo sôbre si chamaria a atenção de quem se preocupava em conhecer o gorjeador incomparável e não trepidou em atribuir-lhe as vocalizações argêntas.

E a propósito dêstes dois uirapurus, o uirapuru musicista e o uirapuru de roupagem brilhante, merece ser referido aqui o que nos contou o Sr. João Carlos Correia Barbosa, que já serviu na Comissão Brasileira Demarcadora de Fronteiras, no setor oeste, e que quando se achava acampado às margens do rio Querari, afluente do Uaupés, ouviu, por várias manhãs consecutivas, um pássaro de

canto inimitável, pela extraordinária riqueza das suas modulações. Ao Sr. Barbosa afigurou-se desde logo que tais redobres só poderiam ser imputados ao uirapuru, e sobre o assunto pediu a opinião do índio Cobéua que o acompanhava.

Disse-lhe o índio que o pássaro que assim cantava não era o uirapuru, que mal sabia dar alguns pipilos e só se recomendava pela beleza das suas penas. Aquêlê que êle ouvia tôdas as manhãs era o *uirapuru-pataquera*, de plumagem discreta, entre o cinzento e o ruivo, mas que era, de fato, o maior cantor entre tôdas as aves da região. E acrescentou que na sua tribo havia o hábito de ministrar às crianças pequenas o cérebro dêsses dois passarinhos: o do uirapuru-pataquera, para que elas aprendessem a falar depressa e, mais tarde, tivessem facilidade para versar vários dialetos; o do uirapuru para que se desenvolvessem bem, apresentando belo aspecto físico.

Como se vê, ainda aqui, mais uma aplicação daquela terapêutica por analogia ou opoterapia de efeito, tão comum entre os ameríndios, e de que já citamos outros exemplos em capítulo anterior dêste caderno.

Pataquera, em língua geral, segundo reza Stradelli, quer dizer *prostituta*, e não sabemos porque tão vergonhoso epíteto se associou ao nome do máximo cantor das nossas selvas. Conversando sobre êsse assunto com o Professor Basílio de Magalhães, aventou êste erudito tupinólogo que, talvez, o Sr. Barbosa houvesse ouvido mal o nome indígena, que poderia ser *uiracuera*, isto é, *pássaro-que-já-existiu* ou, melhor, *pássaro-feiticeiro*, o que, em verdade, condiz bem com a lenda de pássaro encantado que sempre cercou o uirapuru.

Mas voltemos à identidade do uirapuru. Ainda que muito pouco se saiba a seu respeito, está hoje mais ou menos aceito que o prodigioso gorjeador é o *Leucolepia arada arada* da família Trogloditidae. Nesse mesmo gênero *Leucolepia* há outras três espécies amazônicas, o *L. arada modulatrix*, o *L. arada salvini* e o *L. arada grissolateralis*, que também são assinalados como bons cantores. Tanto assim que a todos, inclusive ao *L. arada arada*, o povo tanto chama de *uirapurus* como de *músicos*. São

todos passarinhos pequenos, sem nenhum realce de côres, e em cuja plumagem predominam matizes entre o cinzento pardo e o vermelho-ferrugíneo.

À família *Vireonidae* pertencem ainda alguns passarinhos, igualmente notáveis por altos dons vocais, e que vulgarmente se apelidam uirapurus. São êles o *Hylophilus ochraceiceps rubrifrons*, o *H. ochraceiceps lutescens* e o *H. ochraceiceps luteifrons*. No Pará, é ao primeiro dêstes que se confere o título de excelso cantor das suas matas e daí ser êle apontado como o uirapuru verdadeiro.

Quanto aos uirapurus de plumagem faustosa, êstes, sim, verdadeiramente *pintados*, pois que ostentam as mais deslumbrantes côres, alistam-se entre os Piprídeos que, ao que consta, jamais se distinguiram pelo canto. Muitos dêles são também conhecidos por *atangarás* e outros por *cabeça-encarnada* ou *cabeça-branca*, conforme a côr das penas que lhes corôam a cabeça, à maneira de pequeno casco. Citam-se: *Pipra fasciicauda fasciicauda*, *Pipra erythrocephala erythrocephala*, *Pipra erythrocephala rubrocapilla*, *Pipra pipra cephalaleucos*, *Pipra coronata coelestipileata*, *Pipra natteri*, *Pipra iris iris*, *Pipra aureola aureola*, *Teleonema filicauda* e *Chiroxiphia pareola pareola*. Destas, sem dúvida, a mais formosa é a *P. iris iris*, que parece diademada por opalas da mais rica irisação.

Só aí, entre Trogloditídeos, Vireonídeos e Piprídeos estão dezessete passarinhos que, com o mesmo nome de uirapuru, querem ser o citaredo da Hiléia, quando o Orfeu amazônico é um só e, como já dissemos, tudo leva a crer seja o *Leucolepia arada arada*.

Em 1928, ouvímo-lo, sem vê-lo, às margens do Erepecuru, nas imediações da Cachoeira do Breu. E aquelas suaves consonâncias, partindo de uma moita de vegetação sombria e cerrada, onde tudo era quietação e mistério, tinham qualquer cousa de sobrenatural.

Era um gênio da floresta a soprar por fláuta mágica e da qual obtinha as mais incríveis melodias.

Benjamin Rondon, que se achava ao nosso lado, e que já o ouvira algumas vêzes, assim reproduz um dos seus temas preferidos:



Sim, porque o que mais espanta no canto do uirapuru é a sua extrema variedade. Já Spruce, que, por coincidência, o ouviu também junto de uma cachoeira e no mesmo rio Erepecuru, anota da seguinte maneira o motivo que, por muito repetido, melhor se lhe fixou na retentiva:



Em publicação anterior, supondo dizer uma *boutade*, alvitramos que a diversidade entre essas duas frases musicais talvez pudesse ser explicada por um grau de aperfeiçoamento nos recursos vocais do uirapuru, uma vez que entre uma e outra haviam decorrido mais de oitenta anos. Mal sabíamos nós, entretanto, que um musicista vienense, cujo trabalho vemos citado por Eurico Santos, já chegara à conclusão de que o rouxinal contemporâneo de Homero estava longe de ser o maravilhoso cantor dos nossos dias.

Às viagens de William Beebe no interior da Guiana Inglesa é que se devem as melhores observações sobre o uirapuru. Isso porque o grande naturalista americano por várias vezes se deleitou com os chalreios do extraordinário cantor da floresta tropical, que lá é conhecido por *Quadrille-Bird*, mas que ele sempre identifica cientificamente como sendo o *Leucolepia musica*, atualmente *Leucolepia arada arada*. Beebe conseguiu reter seis das suas frases musicais que mais o impressionaram, embora reconheça que qualquer delas não passe de uma mera paródia.

quando assobiada ou tocada por qualquer instrumento, dado que nenhuma criatura humana será capaz de reproduzilas e o som da melhor fláuta, ao repetil-as, será sempre grosseiro.

Eis os primeiros temas anotados por Beebe, e ouvidos de um mesmo pássaro:



E ainda êste, já colhido em outra ocasião:



E mais estas duas variações, também fixadas de outra feita:



Na ilha Barro Colorado, no Panamá, o ornitologista Chapman deteve-se muito no estudo de um pássaro, o *Phengopedius fasciatoventris albigularia*, a que êle deu o nome de *Compositor*, e que deve ser parente próximo do nosso uirapuru. Para Chapman, trata-se de um dos maiores músicos do mundo das aves e, tanto quanto lhe seja possível saber, mostra-se um compositor cujos dons não serão igualados por qualquer outro pássaro. Após porfio-

sas observações, Chapman que, de início, supôs o *Phengopedius* um improvisador de infinitos recursos vocais, chegou à conclusão de que êle possui apenas nove temas diferentes, que se alternam durante os seus gorjeios, o que não deixa de ser uma magnífica *performance* entre as aves canoras.

Há dois saís, o *Calospiza schranki* (Traupídeo), e o *Cyanerpes cyaneus* (Cerebídeo) que, pela pompa com que se vestem e malgrado a pequenez de seu tamanho, são figuras proeminentes na avifauna amazônica. Não perderemos tempo em descrevê-los, uma vez que não faríamos mais do que enumerar uma sucessão de côres e, em matéria de côres, quem está com a paleta na mão é o nosso aquarelista.

PRANCHA XIX — Aparecem na prancha XIX, de cima para baixo:

Coluna à esquerda:

Pipra erythrocephala rubrocapilla.

Pipra coronata coelestipileata.

Pipra pipra cephalucos.

Coluna do centro:

Cyanerpes cyaneus cyaneus.

Pipra fasciicauda scarlatina.

Calospiza schranki.

Coluna à direita:

Pipra natteri.

Chiroxiphia pareola pareola.

Pipra iris iris.

B I B L I O G R A F I A

- BEEBE (Mary Blair and C. William) — *Our Search for a Wilderness*. New York, 1910.
- CHAPMAN (Frank M.) — *La Vie Animale sous les Tropiques*. Paris, 1939.
- CRULS (Gastão) — *A Amazônia que Eu Vi*. Rio, 1930.
- SANTOS (Eurico) — *Pássaros do Brasil*. Rio, 1940.
- SNETHLAGE (Dra. Emilia) — *Catálogo das Aves Amazônicas*. ("Boletim do Museu Goeldi". Vol. VIII. Pará, 1914).
- SPRUCE (Richard) — *Notes of a Botanist on the Amazon and Andes*. London, 1908.

PEIXES DE AQUÁRIO

De acôrdo com o critério já explanado, de preferentemente escolhermos para a nossa iconografia faunística animais que pudessem ser apresentados no seu tamanho natural ⁽¹⁾, aqui só cogitaremos dos peixes que, de pequeno porte, mas com grandes atributos de beleza e elegância, possam ser admirados nos aquários portáteis.

Aliás, se entre os peixes graúdos, alguns se distinguem pelo vistoso colorido, como o pirarucu com as suas escamas bordadas de carmesim, o jaraqui com a nadadeira raiada de amarelo e prêto, ou o jacundá de tonalidades esverdeadas, nenhum dêles competirá em riqueza policrômica com os acarás e piabinhas de que a Amazônia é pródiga e que são verdadeiras pepitas e turmalinas vivas para quem, com uma *tarlatana*, bateia nos seus lagos, igarapés e igapós.

Foi em fins do século XVII que a atenção do mundo ocidental se voltou para essas jóias aquáticas, quando da China chegaram à Inglaterra os primeiros exemplares de alguns maravilhosos peixinhos, como até então nunca tinham sido vistos na Europa e que, a partir de 1750, já causavam deslumbramento àquêles que freqüentavam os salões da Marquêsa de Pompadour, a quem a Companhia Francêsa das Índias Orientais enviara de presente uma valiosa coleção.

Também não há-de ter concorrido pouco para a sua maior voga o excelente trabalho que, sob o título de HISTOIRE NATURELLE DES DORADES DE LA CHINE, uns trinta anos mais tarde, lhes dedicou Savigny e foi magnificamente ilustrado por François Nicolas Martinet.

Para felicidade dêles, por muito tempo, talvez até o comêço dêste século, os nossos torpedinhos, pirapitangas e bandeirinhas continuaram a viver descuidados sob os aguapés que desabrocham ao sol da Hiléia. Se era pescado insignificante e sem nenhum préstimo . . . Todavia, de umas décadas para cá, ao lado do cabôçlo que, de fisga

(1) Veja-se a nota da pág. 110.

à mão, espera pelo pirarucu ou pelo peixe-boi que lhe dará boa provisão de alimentos, amiúdam-se os tipos de olhos gateados e cabeleira ruça que, munidos de saco de filó, andam justamente à cata daquela miunça desprezível, mas que quando, após longas e arriscadas viagens, consegue chegar viva até os aquaristas exóticos é logo disputada a pêso de ouro.

Nenhum outro peixinho mais do que o *bandeirinha*, já citado acima, dá-nos prova tão flagrante de como é recente o seu aparecimento nos centros civilizados. Conhecido no Pará por êsse nome e em Manaus por *bandeirita-da-Colômbia*, tão depressa chegou êle aqui ao sul, crismaram-no logo de *tetra-neon*, uma vez que a faixa azul que lhe risca longitudinalmente o corpo e o vermelho vivo que lhe mancha o ventre têm muito dos tubos incandescentes hoje tão empregados em anúncios luminosos. Ora, pode-se dizer que só de uns dez ou quinze anos para cá foi que êsse gênero de propaganda, pelo menos entre nós, caiu verdadeiramente no domínio público.

Diga-se que êsse minúsculo peixinho, cientificamente *Hyphessobrycon innesi* Myers, cujo comprimento nunca vai além de três centímetros, foi uma das maiores *trouvailles* para gáudio dos colecionadores apaixonados e é tal a sua beleza que, ainda em 1940, na grande exposição de Washington, competindo com espécies da ictiofauna mundial, logrou alcançar o primeiro prêmio.

Outros hifessobricónídeos bastante procurados são o *risca-fogo* (*H. heterorhabdus*) e o *lambari-rosado* (*H. rosaceus*). O primeiro é tido por um dos mais belos entre os seus parentes próximos. É preciso, porém, que a luz lhe seja favorável para que se possa ver bem a luminosa risca vermelha que lhe traça o corpo longitudinalmente. Quanto ao lambari-rosado, é esplêndido o contraste entre o negro das suas nadadeiras dorsais e a tonalidade rósea geral do seu corpo.

Merecem ainda muito aprêço, entre os aquaristas, o *pirapitanga* (*Rivulus urophthalmus*), o *torpedinho* (*Nannostomus trifasciatus*) e o *lambari-azul* (*Hemigrammus ocellifer*). Do pirapitanga, que é amarelo pintalgado de vermelho,

existe uma variedade de côr mal definida, e com predominância dos matizes esverdeados. Nos torpedinhos, os machos se distinguem fàcilmente das fêmeas, porque estas não têm manchas carminadas na faixa amarela que lhes corre ao longo do corpo. No que diz respeito ao lambariazul, o que mais o torna notável são as pintas rubro-acobreadas, verdadeiramente ignescentes, que apresenta nos olhos e na barbatana caudal.

Vivem ainda na Hiléia três peixes que, embora já de maior vulto e pedindo, por isso, aquários de tamanho maior, não deixam de ser muito estimados pelos colecionadores. Um dêles, talvez dentre os nossos o mais remotamente conhecido e divulgado, é o *acará-bandeira* ou *acará-disco* (*Pterophyllum scalare*), bastante freqüente no rio Tapajós e nos seus lagos. Por ser extremamente chato, os alemães chamam-lhe *Blattfisch* (peixe-fôlha), conquanto nada tenha de comum com o *peixe-fôlha*, *pira-caá* dos tupis (*Monochirus polyacanthus*), ainda da Hiléia, tão curioso pelas suas altas capacidades miméticas. O *acará-bandeira*, de nadadeiras prateadas e corpo que se diria revestido de fina camada de nácar azulado, sôbre a qual se destacam quatro riscas de um sépia quase prêto, é peixe de extraordinária beleza e, tanto pelo colorido como pelo gracioso recorte das suas formas, tem muito de um bibelô ornamental.

O *acará-severo* (*Cichlasoma severum*) recomenda-se pelas constantes mutações de côr a que está sujeito e que vão desde o cinzento pálido e o verde profundo até o pardo escuro e mesmo prêto.

Resta-nos falar no *acará-bararuá* (*Syphysodon discus*), também conhecido por *acará-disco*, dado o seu formato arredondado e bastante esguio. À sua policromia, arabescos azuis sôbre um fundo amarelo, e olhos vivamente vermelhos, deveu êste peixe ser conhecido no estrangeito por peixe *pompadour*, e tornar-se figura de destaque nos aquários de luxo.

Para nós, como haveremos de ver no caderno dedicado à Arqueologia, o *acará-bararuá*, exclusivamente amazônico, apresenta um interêsse todo especial, uma vez que tendo sido muito bem representado num dos ídolos de

pedra encontrados nas regiões de Santarém e Obidos, e que até então se supunham oriundos de civilizações alienígenas, por êle tivemos uma decisiva prova de que tais esculturas eram bem autóctones.

PRANCHA XX — A prancha XX apresenta, da esquerda para a direita, horizontalmente:

Em cima, um grupo constituído por três *torpedinhos* (*Nannostomus trifasciatus* Steindachner) e três *risca-fogos* (*Hyphessobrycon heterorhabdus* Urley).

Os primeiros têm as nadadeiras e a cauda pintadas de vermelho; os segundos têm o corpo riscado horizontalmente de vermelho, amarelo e preto. Ainda na mesma linha, um *acará-bandeira* (*Pterophyllum scalare* Cuv. e Val.).

Em baixo, sempre da esquerda para a direita:

Um *acará-severo* (*Cichlasoma severum* Heckel), dois lambaris-azuis (*Hemigrammus ocellifer* Steindachner) e um *acará-bandeira* (*Pterophyllum scalare* Cuv. e Val.).

PRANCHA XXI — Da esquerda para a direita, verticalmente:

Em cima, cinco *bandeirinhas* (*Hyphessobrycon innesi* Myers); em baixo, *acará-bararuá* (*Syphysodon discus* Heckel); no centro, três *pirapitangas* (*Rivulus urophthalmus* Guenther) e mais quatro *bandeirinhas*. À direita, mais quatro *bandeirinhas* e três *lambaris-rosados* (*Hyphessobrycon rosaceus* Durbin).

BIBLIOGRAFIA (1)

INNES (William) — *Exotic Aquarium Fishes*. Philadelphia, 1938.

KUHN (Franz) — *Der Kleine Goldfischteich*. Leipzig, s/d.

MAGALHÃES (Agenor Couto de) — *Monografia Brasileira dos Peixes Fluviais*. São Paulo, 1931.

(1) Além dos livros citados, foram-nos precioso subsídio para êste pequeno capítulo algumas informações que, por carta, muito amavelmente, obtivemos do erudito Prof. Agenor Couto de Magalhães. Igualmente, para a composição das nossas estampas, serviram-nos muito duas aquarelas da coleção do aludido professor. Assim também, para a representação de outros peixes, tivemos que nos aproveitar das excelentes gravuras do trabalho de Innes, constante da bibliografia.

B O R B O L E T A S

A Amazônia é reconhecidamente a Terra da Promissão para as borboletas. Em nenhuma outra parte do mundo, elas se encontram, como alí, representadas por um tão grande número de espécies. Comprovando isto, basta dizer que Bates, só em Belém e seus arredores, durante excursões que nunca excediam uma hora de marcha a pé, partindo do centro da cidade, chegou a colecionar mais de setecentos exemplares diferentes. E isso é deveras espantoso quando êle próprio diz que as espécies existentes nas Ilhas Britânicas talvez não ultrapassem sessenta e que a Europa tôda se contenta com um número que não vai a quatrocentas. Por outro lado, como acentúa Alípio de Miranda Ribeiro, a fauna lepidóptera da Hiléia tem formas próprias que se opõem, mesmo no Brasil, à fauna meridional e principalmente litorânea.

Não há autor que, falando nas borboletas amazônicas, deixe de se referir às suas *Morpho*, *Papilio*, *Heliconia*, *Agria*, *Catagramma* e *Callithea*, que de asas ricamente coloridas, nos seus vôos divagantes, tanta beleza emprestam à paisagem regional. Não se pense, entretanto, que há-de ser na Hiléia pròpriamente dita, isto é, no ambiente sombrio e úmido da grande floresta equatorial, que as iremos encontrar em maior abundância. É que por se tratar de insetos essencialmente heliófilos, aí, preferentemente, elas adejarão longe das nossas vistas, sôbre o dossel da ramaria alta, onde o sol bate de chapa e as corolas lhes oferecem os nectários trescalantes. Assim haveremos de vê-las em maior número nas campinas abertas e bem iluminadas, ou, então, pousadas nas praias de areia alva, à beira de poções e rêgos d'água. Justamente nestes pontos reúnem-se, por vêzes, em bandos densos, aquelas mesmas *Catopsilia*, de côr amarela ou alaranjada, que amiúde migram em nuvens de milhões e milhões de exemplares, a riscarem o céu, em contínua progressão, por muitos dias e até semanas.

Paná-paná, que quer dizer *bate-bate*, chama o índio a êsses êxodos em massa, cuja causa ou finalidade ainda

hoje é discutida, mas que fôrça alguma será capaz de deter, nem mesmo a barreira dos grandes rios, onde, não raro, a meio da travessia, por esalfamento, as lindas borboletas se sepultam aos milhares. Essas migrações, que já foram presenciadas e descritas por muitos viajantes, quase sempre se processam numa direção norte-sul e nelas, ao que parece, predominam os elementos machos. Se nelas só figurassem representantes do sexo masculino, tudo se poderia explicar por um simples *chercher la femme*, embora alguns autores observem que, até nos locais em que se iniciam tais revoadas, não é difícil encontrar as companheiras dos que vão assim em busca de outras paragens. E por que fazer apanágio exclusivo do homem êsse espírito de insatisfação e aventura que o leva a sair de mundo em fora, à procura de um bem que nunca encontra? Destarte, mesmo vivendo na Terra da Promissão, as borboletas também aspirariam a uma outra Canaã, — a Canaã dos seus sonhos.

As duas primeiras pranchas são dedicadas às borboletas diurnas e a terceira às mariposas, entre as quais também se encontram algumas espécies bastante interessantes.

PRANCHA XXII — De cima para baixo:

Coluna à esquerda	Coluna do centro	Coluna à direita
<i>Callithea saphira</i> ♂	<i>Morpho absoloni</i> ♂	<i>Callithea saphira</i> ♀
<i>Mesosemia furia</i> ♂	<i>Papilio hahneli</i> ♀	<i>Euselasia gyda</i> ♂
<i>Heliconia doris</i> ♂	<i>Metamorphia dido</i> ♀	<i>Heliconia egeria</i> ♀
<i>Catagramma astarte</i> ♀	<i>Catagramma michaelis</i> ♂	<i>Catagramma astarte</i> ♂
	<i>Eryphanis polyxena</i> ♂	

PRANCHA XXIII — Sempre de cima para baixo:

Coluna à esquerda	Coluna do centro	Coluna à direita
<i>Agria phalcidon</i> ♀	<i>Euselasia euphaeus</i> ♂	<i>Agria cresus</i> ♀
<i>Helicopsis endymion</i> ♂	<i>Helicopsis acis</i> ♀	<i>Helicopsis endymion</i> ♀
<i>Euselasia fabia</i> ♂	<i>Morpho menelau</i> ♂	<i>Alesa prema</i> ♂
<i>Agria chrysotaenia</i> ♀	<i>Calliona latona</i> ♂	<i>Agria hewitsonius</i> ♀
<i>Agria sardanapalus</i> ♂		<i>Agria narcissus</i> ♀

PRANCHA XXIV — Ainda de cima para baixo:

Coluna à esquerda	Coluna do centro	Coluna à direita
<i>Castnia evalthoides</i> ♀	<i>Copiopteryx adaheli</i> ♂	<i>Castnia licoides</i> ♂
<i>Automeris auletes</i> ♂	<i>Citheronia fenestrata</i> ♂	<i>Automeris banghaasi</i> ♂
	<i>Castnia pylades</i> ♀	

BIBLIOGRAFIA

- BATES (Henry Walter) — *The Naturalist on the River Amazons*. London, 1895.
- BEEBE (William) — *Jungle Peace*. New York, 1936.
- CUTRIGHT (Paul Russell) — *The Great Naturalists Explore South America*. New York, 1940.
- GOELDI (E. A.) — *Grandes Migrações de Borboletas*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo IV. Fasc. 1-4. Pará, 1904-1906).
- IHERING (Dr. R. von) — *Da Vida dos Nossos Animais*. Rio Grande do Sul, 1934.
- IHERING (Dr. R. von) — *Fauna do Brasil*. Texto explicativo do "Atlas da Fauna do Brasil". São Paulo, 1917.
- MAY (Edward) — *Morpho Absoloni Sp. Nov.* ("Boletim do Museu Nacional". Vol. I. N.º 3. Rio de Janeiro. Março, 1924).
- ORTON (James) — *The Andes and the Amazon*. New York, 1870.
- RIBEIRO (Alípio de Miranda) — *Esbôço Geral da Fauna Brasileira*. ("Recenseamento do Brasil". Vol. I. Introdução. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Rio de Janeiro, 1922).
- SMITH (Herbert H.) — *Brazil - The Amazonas and the Coast*. London, s/d.
- SPRUCE (Richard) — *Notes of a Botanist on the Amazon and Andes*. London, 1908.



ARQUEOLOGIA

ARQUEOLOGIA

FEIÇÃO GERAL

Aos primeiros viajantes do Amazonas, inclusive os seus descobridores, não passou despercebido o grau de cultura material a que tinham atingido algumas das inúmeras tribos que lhe povoavam as margens e as ilhas. Carvajal, o companheiro de Orellana, muito embora devesse ter bem presente tudo o que pudera ver e admirar entre os Incas, observa a propósito dos Omáguas:

“En este pueble estaba una casa de placer dentro de la cual habia mucha loza de diversas hechuras, asi de tinajas como cántaros muy grandes de más de veinte y cinco arrobas, y otras vasijas pequeñas como platos y escudillas y candeleros desta loza de la mejor que se ha visto en el mundo, porque la de Málaga no se iguaja con ella, porque es toda vidriada y esmaltada de todos colores y tan vivas que espantan, y demás desto los dibujos y pinturas que en ellas hacen son tan compados que naturalmente labran y dibujan todo como lo romano.”

De igual modo, o até hoje incerto autor da JORNADA DE DORADO Y OMAGUA, quando já em águas do caudaloso rio, faz referência especial a *“muy lindas vasijas obradas con gran pulicia, y pintadas y labradas de mil faiciones, y vidriado como lo de España.”*

Apesar disso, decorreram mais de três séculos até que se desse maior atenção às possíveis civilizações que acaso houvessem florido no imenso vale antes que o europeu começasse a cortá-lo em tôdas as direções, no afã de prear índios e conseguir as cobiçadas drogas do sertão.

Na verdade, foi só por volta de 1870, quando Charles Frederic Hartt, a conselho de Ferreira Penna, voltou as suas vistas para certas peças de cerâmica, encontradas em

Marajó, que se iniciaram os primeiros estudos sérios a respeito da arqueologia da região.

Diga-se que se outros já teriam pôsto os olhos sôbre material da mesma procedência, inclusive Agassiz, ninguém até ali lhe realçara, de público, a grande beleza e perfeito acabamento artístico, a testemunhar cultura que não fôra encontrada nem pudera ser suspeitada no gentio com quem tiveram contacto os primeiros colonizadores, pelo menos entre aquelas tribos que ocupavam a foz do Amazonas e mesmo a ilha de Marajó.

E datam daí as primeiras explorações, de cunho verdadeiramente científico e ricas de descobertas preciosas, realizadas no Pacoval de Arari, Camutins, Maracá, Caviana e também, mais longe, em Cunani, Santarém e Miracangüera . . .

Mas antes de nos determos com mais vagar sôbre cada um dêsses achadouros, convém dizermos algo sôbre a arte da cerâmica em geral, uma vez que quase exclusivamente aos seus produtos se restringem as aquisições no campo da arqueologia amazônica.

É que as condições geográficas não nos foram favoráveis a êsse respeito.

Ao contrário do que sucede com a costa do Peru, onde fatôres climáticos permitiram a conservação, por séculos, de tudo o que foi confiado ao seu solo, como objetos de madeira, trançado, plumária, e até tecidos finos e substâncias alimentares, nas cercanias do rio-mar o terreno, extremamente úmido e quente, e o regime periódico das grandes inundações tudo destruiu, exceção da louça e de alguns artefatos de pedra, aliás bastante raros êstes últimos, pois que para tanto a região era muito escassa de matéria prima.

CERÂMICA

A arte cerâmica já revela nível cultural a que muitos povos não chegaram. Faz supor o conhecimento do alimento cozido e não apenas assado ou moqueado. O índio primitivo, de pouso incerto, subordinado às contingências

da caça e da pesca, para o transporte de líquidos precisaria de vasilhame menos frágil, contentando-se, por isso, com os odres de couro, os vasos de pau ou o pericarpo de certos frutos, como a nossa cabaça. Quando muito, já em estágio mais avançado, iria até a impermeabilização de cestos por meio de qualquer induto, fôsse cêra, resina ou mesmo barro, que lhe revestisse o interior. Aliás, para Von den Steinen, não é impossível que dêste último processo tivesse nascido, na América, a arte da cerâmica pròpriamente dita, isto é, a arte da confecção de recipientes exclusivamente de barro, mas já de bôjo amplo e com paredes delgadas, bem diversos, portanto, dos rudes blocos de argila, apenas com uma excavação ao centro, que também tiveram o seu uso entre a gente mais atrasada. Assim, suponha-se um dos tais cestos, impermeabilizados com barro, desprovido, por qualquer motivo — obra accidental do fogo entre outros — de sua carapaça de trançado, e mostrando intacto o recipiente a que apenas servira de molde. Estava criado o vaso de argila.

Mas não parece que o ameríndio precisasse de um aprendizado tão longo para chegar a êsse resultado. A própria natureza dá-lhe bons exemplos de como o barro pode ser aproveitado. Haja vista o ninho do *forneiro* e outros pássaros. Recorde-se também a casa de certas vespas, principalmente as do gênero *Eumenes*, que tem a forma perfeita de uma bilhazinha muito graciosa.

E até pela observação da maneira por que êsses animais conseguem levantar as paredes das suas edificações, isto é, a pouco e pouco, pela superposição de pequenos bocados de barro úmido sôbre o que já está assente e mais consolidado, teria logrado o índio, por imitação, o processo de fazer a louça por meio de roletes de argila, também superpostos e arrumados em círculo sôbre um disco chato de barro. Em abono desta tese há duas interessantes passagens em Capistrano de Abreu, nos seus estudos sôbre os Caxinauás. Assim, lê-se, à pág. 522 do RÃ-TXA-HU-NI-KU-I, na parte referente às adivinhações: “o maribondo ensinou a fazer a casa”. E mais em baixo, o seguinte esclarecimento: “Na versão de T a casa foi ensinada pela maria-de-barro.” (T é a inicial de Tux-i-ni, nome de um dos índios com quem privou o etnólogo pa-

trício para se assenhorear da língua dos Caxinauás). E à pág. 292 do capítulo dedicado aos mesmos índios, nos seus ENSAIOS E ESTUDOS, 3.^a série: “Antigamente comiam só assados; a maria ou joão-de-barro ensinou a fazer pãnelas e casas.”

Na América, onde a roda só foi conhecida depois da chegada dos europeus, tôda a cerâmica era feita pelo processo dos tais rolos, que os francêses chamam à *colombins*, e que atualmente ainda é praticado pelos nossos silvícolas, conforme o recente testemunho de alguns etnógrafos. Apenas, numa ou noutra tribo, como acontecia entre os Guatós e ainda hoje fazem os Panos, em vez de várias salsichas de barro, colocadas umas sôbre as outras, usava-se de um único e longo rôlo de argila, que ia sendo arrumado em hélice.

Mas tornemos à hipótese, feita há pouco, de que um dos tais cêstos, com camada interna de barro, pôsto perto do fogo, tivesse sido alcançado pelas chamas. Com isso, o índio, além de ter pela primeira vez diante dos olhos um esplêndido vaso perfeitamente conformado, talvez ainda houvesse recebido um precioso ensinamento, verificando que, pela ação do calor, a argila se tornara muito mais resistente. E tão importante foi essa descoberta, cuja origem tanto pode ter sido aquêle acidente como qualquer outra experiência que permitisse a mesma conclusão, que êle nunca mais dispensou a cocção na técnica da sua arte cerâmica.

Todavia, feito e cozido o vaso, estava apenas realizado o trabalho mais rudimentar do oleiro e no qual o artista, que sempre existiu entre os nossos índios, quando muito pudera manifestar os seus dons, conformando com maior ou menor elegância o objeto da sua criação. Mas isto não bastava. Era preciso decorar aquelas paredes que se apresentavam tão nuas. Dar-lhes côr. Dar-lhes vida. E vieram as pinturas e ornamentos em que tanto se destacaram alguns povos americanos e entre os quais foram mestres as nossas maravilhosas louceiras de Marajó. Sim, porque a arte da cerâmica quase sempre esteve confiada, entre os ameríndios, a delicadas mãos femininas; e a uma civilização de que até hoje muito pouco se sabe deve-se o que de melhor possui a nossa arqueologia.

Tudo leva a crer que, no Novo Mundo, a cerâmica tenha tido um único ponto de origem, que seria qualquer localidade da América Central, de clima quente e solo árido, com escassez de água e de matas. Alguns, precisando mais, situam essa zona entre o México e o Peru. Na verdade, em regiões de abundante vegetação, como a nossa Amazônia, onde não falta o material necessário a obras de trançado, principalmente as fôlhas de palmeira, a cerâmica não seria tão indispensável como, por exemplo, nos Andes. Tanto assim que, ainda depois de conhecida a arte do oleiro, os cêstos de vime impermeabilizados continuaram a ser utilizados em tôda a região da Hiléia. Contudo, do seu foco de irradiação a cerâmica não alcançou os pontos mais extremos do continente americano. Destarte, ignoram-na por completo os Esquimais e povos mais setentrionais da América do Norte, bem como os Fueguinos e populações do Pampa.

Aliás, tôda essa gente, na maioria tribos nômade e muitô atrasadas, não estaria em grau de adiantamento capaz de aceitar e muito menos de desenvolver arte tão delicada como a da cerâmica. Mas mesmo em outras regiões onde muito se praticou o fabrico da louça, grupos houve que permaneceram estranhos ao seu uso, ou, se utilizavam objetos de barro, êstes lhes vinham por troca com outros povos. Para só citar exemplos nossos, ignoravam a cerâmica os Caiapós, os Botocudos e os Craós.

Em compensação, à grande família Aruaque, de índice cultural muito elevado, parece caber papel primordial na difusão e aperfeiçoamento da técnica ceramista, não só nas Antilhas como em extensa área da América do Sul. Na Amazônia, então, a ela se deverá o que de melhor produzimos. Aruaques teriam sido os grandes oleiros de Marajó. Dos Aruaques recebiam louça os Tupis, Tucanos e Panos. No Xingu, a êles estava restrita a indústria dos potes. Por influência dêles, muitas tribos Caraíbas passaram a trabalhar o barro com mestria. De resto, não seria apenas como excelentes ceramistas que os Aruaques sobrepujaram os outros grupos predominantes no grande vale. Para Nordenskiöld, onde se encontrarem na Amazônia vestígios de qualquer civilização mais avançada,

esta nêles poderá ser encontrada ou, pelo menos, com êles esteve em contacto.

Mais do que qualquer outra, a arte cerâmica exige do indígena muita paciência e cuidados especiais. A começar pela escolha do barro, que o há mais ou menos gordo, com maior ou menor plasticidade. Sendo assim, não raro o silvícola se vê desde logo obrigado a longas viagens, até que consiga aquêles das suas preferências. Acrescente-se que a isso, por vêzes, se juntam algumas superstições. Em certas tribos da Guiana Inglêsa a argila deverá ser apanhada na primeira noite de lua cheia. Em caso contrário, não só a louça se torna muito quebradiça, como também produz doença e morte naquêles que se servirem de alimentos nela preparado.

Mas ainda o melhor barro nunca é utilizado como se apresenta na natureza. A massa com que se fazem os tais cilindros ou toletes há-de ser temperada com outras substâncias que a tornem mais consistente e lhe facilitem a secagem prévia, antes do cozimento, sem o perigo de fender-se. E para isso há também preferências. Uns se aproveitam da casca de uma árvore, o caraipé, reduzida a cinzas. Outros, da carapaça da tartaruga, também já depois de calcinada. Ainda outros, de areia, pó de pedra, de conchas, de óssos calcinados, e até de pedacinhos de louça já quebrada. Mas o maior passo da técnica, nesse terreno, foi dado justamente por algumas tribos do baixo-Amazonas, com a descoberta que consiste em juntar ao barro o resíduo de calcinação do *cauxi* ou *cauici*, certo espongiário silicoso de água doce, que cobre a raiz e o tronco, permanentemente submersos, das árvores mais ribeirinhas. Pela ação do fogo, êsse zoófito, que é também conhecido por cupim-dágua, fica reduzido a um amontoado de espículas silicosas que vão agir na massa de argila como um verdadeiro concreto, à maneira do ferro no nosso cimento armado, o que lhe aumenta de muito a coesão e durabilidade. E de tal monta foi essa aquisição, que Linné não trepida em perguntar se o processo não mereceria ser incorporado à indústria da louça entre os civilizados.

A cerâmica pode apresentar características próprias, de acôrdo com a qualidade do barro que lhe serviu à confecção. Assim, certas argilas da Bolívia, com alta percentagem de mica, dão-lhe um brilho todo especial. Maior fulgor ainda ostentam alguns vasos do Iucatã e da Colômbia, onde a terra freqüentemente é muito rica de ouro.

Feito o vaso, pelo processo dos roletes, e quando já se acha mais ou menos enxuto, a sua superfície é cuidadosamente alisada por meio de um pau, uma concha ou um seixo polido. Então, completa-se a sua secagem ao sol, só depois do que vai a peça ser cozida a fogo brando e por longas horas numa espécie de forno aberto no chão e no qual o calor precisa ser uniformemente distribuído. Reconhece-se que a cozedura foi perfeita pelo som vibrante produzido pelo barro quando se lhe dá um golpe sêco.

A pintura ornamental da peça é quase sempre feita antes do cozimento. As tintas mais empregadas para tal fim são de origem vegetal ou mineral. Entre as primeiras, como das mais freqüentes, citemos, para o vermelho, o urucu e o carajuru e, para o prêto, o genipapo, o axuá e o murici, além do carvão e da fuligem. Entre as segundas, a argila de várias côres, como a tabatinga, muito usada para o fundo branco de revestimento de todo o vaso, e o curi e o tauá, cujos tons variam do amarelo ao vermelho. No Peru, a paleta do indígena era mais rica, e êles jogavam com o verde, o azul, o roxo, o cinzento e a púrpura.

Na Amazônia, além da pintura e posteriormente a esta, usava-se vidrar a louça por meio de vernizes e resinas, como, por exemplo, a jutaicica ou breu de jutaí, o que lhe dava um fino acabamento.

Uma das cousas que mais causaram admiração e espanto aos primeiros estudiosos da arqueologia americana, foi a insistência com que apareciam na sua cerâmica, como motivo ornamental, desenhos perfeitamente geométricos, que em tudo lembravam a mais pura arte clássica. Daí a tendência, logo manifestada por alguns, de radicar as misteriosas raças ameríndias às mais velhas civilizações orientais.

Mas não será porque aqui foi encontrada a mesma *grega* que também serve de friso às mais belas ânforas

que já foram assinadas por qualquer artista de Corinto ou da Beócia, que haveremos de ressurgir com a Atlântida, buscando uma ponte de ligação entre os dois Mundos.

Na verdade, sabe-se hoje que o estilo geométrico, a procura de linhas regulares e harmoniosas que se repetem, é manifestação bastante precoce na arte de muitos povos primitivos. Diz Humboldt, para explicá-la: “Os arabescos, os meandros e as gregas encantam os olhos, porque os elementos de que as séries são compostas seguem-se numa ordem rítmica. Os olhos acham nessa ordem, na *volta* periódica das mesmas formas, o que os ouvidos distinguem na sucessão cadenciada dos sons e dos acordes.” Hartt, visando escopo igual, chegou até à explanação de uma engenhosa teoria, baseada na constituição fisiológica do olho, cujos músculos motores, por uma questão de menor esforço, preferem sempre a visão dos desenhos simples, feitos com linhas retas, e que guardam boa ordem e proporção entre si.

Quem parece, porém, ter ferido mais de face o problema foi Max Schmidt, quando mostrou o papel relevante que teve a arte do trançado na aplicação e grande desenvolvimento do desenho geométrico entre os ameríndios. E essa influência foi tanto maior quanto mais rica era a flora da região, principalmente de palmeiras, e palmeiras de folhas palmadas, que são aquelas que mais se prestam a uma infinita variedade de combinações têxteis.

Se nos lembrarmos agora de que os índios, para conseguirem vasilhame estanque, usavam de cestos impermeabilizados interiormente por uma camada de barro, nada mais natural de que, na superfície desse mesmo barro, quando ainda mole, se estampasse a padronagem do tecido de palha sobre o qual êle fôra moldado. Destarte, e sem procurá-la, encontrava o silvícola uma fonte inesgotável de motivos para a futura decoração da sua cerâmica. Aliás, já Beuchat havia dito, referindo-se à louça arcaica da América do Norte: “A decoração foi mais freqüentemente obtida pela aplicação do trançado ou do pano. Em geral, o corpo inteiro do vaso é coberto de marcas de tela grosseira e o ornamento do colo é constituído pela incrustação de cordas esticadas”. Igualmente,

em fragmentos de cerâmica achada às margens do Guaporé e na região de Santarém, é comum encontrar-se impressa no barro a padronagem de esteiras e panos sôbre os quais os vasos deviam ter descansado enquanto secavam ao sol.

Se já foi observado que o ameríndio quase sempre desprezou inteiramente os motivos da flora na ornamentação da sua louça, não deixa de ser curioso como o meio botânico, indiretamente, através da técnica do trançado, veio a ter forte projeção sôbre a sua arte.

É bem de ver que quando transpostos do trançado para a louça, não pela simples moldagem, mas já pela mão do artista, que os riscava diretamente no barro, êsses motivos, libertos da rigidez das linhas retas a que não há fugir no trabalho de tecelagem, puderam adoçar os seus contornos, quebrar os seus ângulos duros, desenvolvendo-se em graciosas curvas, espirais e sinuosidades.

As gregas e demais ornamentos eram simplesmente pintados sôbre o barro ou então, enquanto êste se achava ainda mole, abertos a sulco mais ou menos fundo, feito com qualquer instrumento ponteagudo, não raro um dente de cutia.

Processo bastante curioso de decoração é o que os francêses chamam a *champ levé* e que, no Brasil, quase que só tem sido verificado em Marajó. Era obtido pela aplicação sôbre o vaso de uma segunda camada, bastante delgada, de argila fina. Sôbre esta se recortavam então os desenhos, pela retirada dos espaços mortos ou zonas de fundo, de tal modo que ficasse novamente exposta a verdadeira parede do vaso.

Essa ornamentação em relêvo é o primeiro passo para a cerâmica esculpurada, que também foi muito praticada pelos ameríndios, conforme havemos de ver, ao tratarmos mais particularmente da civilização tapajônica. Aí, ao contrário do que sucede na cerâmica apenas pintada ou gravada, onde os desenhos são preferentemente geométricos, quase que só há representações antropomórficas e zoomórficas. Observe-se que mesmo na louça com ornamentação limitada à superfície plana, quando aparecem motivos naturalistas — figuras de homem ou animal —

entre os outros, predominantes, de ordem puramente estética, aquêles são quase sempre apresentados em relêvo, isto é, já com um caráter francamente escultural.

Tipo de decoração mais modesta, mas que merece menção, é o chamado *pastel de massa* (1), que se consegue imprimindo no barro, com a ponta dos dedos, uma série de ondulações ou saliências, como aquelas que, de fato, são usadas em pastelaria. Esse gênero de enfeite, freqüente na cerâmica arcaica de Santarém, era ainda mantido, ao tempo de Hartt, na cerâmica moderna amazônica, e até hoje também se conserva muito em uso, conforme pudemos verificar durante uma recente viagem à região, quando tivemos oportunidade de examinar muitos potes de barro da mais variada procedência. Quer-nos parecer que é a êsse mesmo adôrno que se refere Goeldi, quando, descrevendo as peças descobertas por êle em Cunani, fala em "recortes ou chanfraduras verticais", delimitando as zonas de alguns vasos.

A arte cerâmica não veio apenas acudir às necessidades domésticas do ameríndio, dando-lhe a igaçaba para água, e as panelas para cozinhar. Ela desempenhou também papel muito importante no ritual funerário de muitas tribos, servindo para o fabrico de urnas em que eram sepultados os mortos. Essas urnas, maiores ou menores, tanto podiam receber o corpo inteiro sem preparo prévio, como se fazia entre os Omáguas, ou os despojos já depois de mumificados. Outras apenas serviam de recipientes aos ossos, após limpeza preliminar, fôsse por enterramento anterior, exposição ao ar ou maceração na água. Neste último caso, o cadáver era metido numa rêde, que lhe retinha os ossos, enquanto a carne ficava exposta à voracidade das piranhas. Também havia vasos que só guardavam as cinzas.

Não raro as urnas, conhecidas em língua geral por *camucim* ou *camutim*, corruptela de *cambuci*, eram antropomórficas e traziam na sua configuração esclarecimentos

(1) No trabalho de Hartt, *Contribuições para a Etnologia do vale do Amazonas*, inserto no Vol. VI dos "Arquivos do Museu Nacional", fala-se em *pastel de maçã*, conforme se poderá ver à pág. 77. Acreditamos, porém, que se trate de um erro tipográfico e daí a nossa correção para *pastel de massa*.

sobre a identidade do morto, como, por exemplo, o sexo a que pertencia e, talvez, a sua categoria social.

Aliás, essa aproximação entre a forma humana e o vaso de cerâmica vem de muito longe. Haja vista os nomes escolhidos para os vários elementos de que se compõe qualquer cântaro. Fala-se em lábios, em bôca, em colo, braços, flancos e pés. Daí não espantar que com a imagem do seu semelhante e, às vêzes, da pessoa amada diante dos olhos, das mãos do artista oleiro saíssem primorosas obras de arte. Moldando-as ou decorando-as, às suas criações êle procurava transmitir um sôpro de vida; qualquer cousa dos seus anseios e aspirações. E é por isso que nos povos em grau de cultura mais avançado, como entre nós sucedeu com os marajoaras e tapajônicos, o trabalho do barro não se limitou apenas ao objeto útil, ao artefacto indispensável. Foi mais longe. Fez ídolos. Fez deliciosos adôrnos. Fez de cada peça, por mais insignificante que fôsse, um verdadeiro labor de arte.

E agora, antes de dedicarmos maior atenção aos vários tipos de cerâmica já encontrados na Amazônia, alguns mais importantes pela qualidade e abundância do material examinado e denunciando talvez verdadeiras civilizações, como a marajoara e a tapajônica, que vimos de citar, outros de menor relevância, mas não desmerecedores de interesse, digamos algo sobre a localização e natureza dessas jazidas, apoiados numa classificação já esboçada por Hartt e Derby.

Umas são depósitos lacustres em montes artificiais (*moundbuildings* dos americanos), como as de Pacoval, no lago Arari, e as do igarapé Camutins, ambos em Marajó. Outras são depósitos em grutas naturais ou cavernas sepulcrais artificiais, como, respectivamente, as de Maracá, e Cunani, no litoral da Guiana brasileira. O terceiro grupo foi denominado por Hartt *bluff-dwellers* ou *moradores dos altos*, porque, em terrenos elevados, de Santarém, é que foram feitos os primeiros achados dessa cerâmica; Derby acha, porém, que melhor seria designar essas jazidas como sendo as do "povo da terra prêta", uma vez que material semelhante também foi encontrado em terrenos sem grande altura, às margens do Tapajós e do Trombetas, mas sem-

pre em “manchas de terra prêta espalhadas nas florestas”. Hartt separa num quarto grupo a cerâmica de Miracangüera, localidade situada à margem esquerda do Amazonas, umas quatorze milhas acima de Itacoatiara, uma vez que as urnas aí encontradas, sempre antropomórficas, são “de talhe e caráter bem distinto das de Marajó e Maracá.” Finalmente, o quinto e último grupo é constituído pelos sambaquis fluviais e marítimos.

E por tornar aos depósitos lacustres, digamos alguma coisa a seu respeito. A maioria dos achados arqueológicos é quase sempre feita em terrenos onde se acumulam conchas, madeiras carbonizadas e ossos de peixes e outros animais, indicando que os índios aí viveram ou, pelo menos, freqüentaram com assiduidade êsses locais. Dada a sua abundância em moluscos fossilizados, êsses depósitos, que tanto se podem situar na costa marítima como à margem de rios e lagos, tomaram o nome de ostrieros, concheiros, casqueiros, sambaquis e sernambis. *Sambaqui*, corruptela de *tambaqui*, quer justamente dizer, em língua geral, depósito de outras. *Sernambi* é o nome vulgar de um dos moluscos mais encontrados nesses ajuntamentos, e de que os indígenas bastante se aproveitam, não só como alimento, mas também para enfeites, visto a beleza de suas conchas, de um nácar muito puro. Para alguns geólogos, podem existir sambaquis de formação exclusivamente natural, nos quais as conchas se depositam pelo recuo das águas, ou são amontoadas pela ação dos ventos, da mesma maneira por que se formam as dunas.

Outros querem que em todo ostreiro haja sempre a interferência do homem. Teriam sempre por origem o uso alimentar que os índios faziam dos moluscos. São êstes últimos os chamados montes artificiais. De origem artificial seriam também os *tesos* do Pacoval e outros pontos de Marajó, embora aí nunca se tivessem achado conchas.

CIVILIZAÇÃO MARAJOARA

Até que fôssem estudadas com a devida atenção as primeiras peças de cerâmica marajoara, nunca se dera maior importância à arqueologia amazônica. O vasilhame de barro examinado até então era todo muito grosseiro e estava bem de acôrdo com o nível cultural das populações indígenas que povoavam a foz do grande rio, ao tempo da chegada dos europeus.

De fato, mesmo em tôda a ilha de Marajó, inclusive, portanto, na sua zona campesina onde, justamente, está situada a pequena ilha do Pacoval, à beira do lago Arari, e que é a jazida mais rica daquêles preciosos achados, ao que se sabe, nunca houve notícia de qualquer tribo que, pelo seu grau de cultura, se distanciasse das outras e à qual pudessem ser atribuídos os aterros sepulcrais da região.

Apenas, como pela época das descobertas, aí viviam os Aruãs, presume-se — para presumir alguma cousa — que fôssem êstes os descendentes espúrios dos admiráveis ceramistas, cuja misteriosa civilização só pode ser entrevista a furto através do que nos revelam aquêles vetustos cemitérios.

Na verdade, já pela graça dos seus contornos, já pela beleza dos seus desenhos, já pela diversidade dos objetos a que deu motivo, essa cerâmica trai um povo de grande aculturação e que, por vários traços, nada fica a dever aos seus irmãos que, na América Central e sôbre os Andes, chegaram ao mais alto grau de civilização.

Urnas antropomórficas ou não, de vários tamanhos e feitios, ídolos maiores ou menores, içaçabas, alguidares, potes e tijelas, vasos, pratos e copos, maracás e tangas, cada qual disputando ao seu congênere a elegância das linhas ou a primazia dos adornos — são estas as peças em que mais se requintou a arte do oleiro marajoara.

Como muito bem observou Heloísa-Alberto Tôrres, a cerâmica de Marajó tem “horror ao vazio” e não há espaço limpo que não seja logo aproveitado para que o

artista ponha à prova a sua imaginação, preenchendo-o com qualquer desenho ou ornato.

Mas êsses desenhos e ornatos nunca se repetem de uma para outra peça. Multiplicam-se os motivos que hão-de servir para as gregas. Desdobram-se em novas formas os arabescos e meandros. Nunca serão os mesmos traços humanos ou a esquematização de qualquer bicho que apareçam neste ou naquêle vaso cinerário. Mas tudo isso sem nada de excessivo, sem qualquer laivo de superfetação. Antes, ao contrário, tudo desenvolvido dentro de linhas sóbrias, tudo combinado com o mais apurado bom gôsto.

Se ao artista não falta originalidade, esta subordina-se aos melhores cânones da arte e o trabalho sai-lhe das mãos disciplinado e escoreito.

A essa disciplina, a essa preferência pelo desenho harmonioso e ritmado, deve tê-lo conduzido um lento tirocínio na arte do trançado que, na Hiléia, graças à riqueza da flora, atingiu o seu máximo esplendor.

Diga-se que essa arte da palmária sempre foi atributo dos homens, enquanto a arte olar, intimamente ligada à culinária, com exceção de muito poucas tribos, era e ainda é tarefa exclusivamente confiada às mulheres.

Prova-se assim que o sentimento estético estava no sangue dos marajoaras, pois, se aos homens é que se devem as caprichosas padronagens dos trabalhos de espartaria, foram delicadas mãos femininas que, ao transportá-las para a superfície do barro, ainda mais as embelezaram, quebrando-lhes a rizeza das linhas por meio de graciosas figuras curvilíneas, de todo impossíveis na urdidura dos têxteis.

Ainda aqui precisamos citar Heloísa-Alberto Tôrres quando, nesse caso particular de Marajó, põe em evidência a importância capital da técnica sôbre a origem do desenho. De fato, se a arte cerâmica parece ter sido aquisição recente na civilização marajoara, pois que a sua louça, quando examinada do ponto de vista do fabrico (má qualidade do barro e imperfeição do seu cozimento) mostra-se muito inferior à da Cordilheira, em compensação sobrepua esta sempre que nas decorações aborda o

estilo geométrico. E esta superioridade lhe vem da longa experiência na arte do trançado, muito menos praticada pelos andinos. Daí também os Aimaras e Quíchuas não se fixarem tanto nos motivos lineares, relegados logo a um segundo plano ante as formas que a natureza lhes dava por modelo e em cuja cópia se mostraram mestres exímios. Já na cerâmica marajoara muito menos frequentes são as representações naturalistas e, assim mesmo, quase sempre limitadas a figuras, não raro incompletas e convencionais, do homem e muito poucos animais, cobras, tartarugas, jacarés, e rãs.

Já falamos no processo de decoração em *champ levé*, que parece oriundo do Anauaque, de onde teria sido levado para o leste da Cordilheira. Dêle as nossas louceiras souberam tirar o melhor partido e a êle se deve a mais bela ornamentação de algumas urnas e outros objetos.

No desenho de traço, vermelho, castanho ou prêto, sôbre fundo branco de nata, as peças que mais se destacam, pelo seu magnífico acabamento, são as pequenas tangas triangulares, ligeiramente abauladas, que as mulheres usavam sôbre o púbis, à maneira de uma cintura de castidade ou *folium vitis* de pudicícia.

Dêsse curioso objeto, que na língua aruã tinha o nome de *babal*, com uma significação de avental, por muito tempo se ignorou a serventia. Isto porque, a princípio, dêle apenas se conheceram fragmentos que, dada a sua concavidade interior, foram tomados por pedaços de colher. Depois, mesmo quando já se tinham conseguido as primeiras peças intactas, ainda havia dúvidas quanto à sua utilização, e os cabôclos, impressionados pela sua forma, passaram a chamá-las *dragonas*. Finalmente, um pequeno ídolo, pertencente a certo colecionador de Santarém, veio esclarecer tôdas as dúvidas, pois que essa figurinha trazia, bem aplicada sôbre a região pubiana, um arremêdo de tais tangas de barro. E foi então que a caboclada de Marajó já não falava mais em *dragonas*, mas só em *saias*.

Vale mencionar que essas fíbulas jamais foram encontradas entre outros povos primitivos, não só da América como de qualquer parte do mundo. Trata-se, portanto, de objeto tipicamente marajoara.

Assinale-se também que é pelo exame dessas tangas que se pode comprovar como eram caprichosas as ceramistas de Marajó. De mais de sessenta exemplares que já foram observados, não há dois em que o mesmo desenho se repita. Todos trazem decoração original.

Aliás, os marajoaras deviam ter consciência da beleza da sua cerâmica.

Tanto assim que as suas urnas funerárias, para ossos ou cinzas, mais ricamente ornamentadas, só eram enterradas depois de serem postas dentro de outras maiores e de barro tôsco. Entre as paredes de uma e outra, o espaço restante era preenchido por uma argila arenosa e aí também se guardavam pequenos objetos pertencentes ao morto, como, por exemplo, no caso de urna feminina, a tanga de que acabamos de falar.

Já dissemos que tudo são conjeturas quanto ao grupo a que pertenceram e tempo em que viveram os marajoaras. Supõe-se que tal civilização se filie aos Aruaques e que das Antilhas, ou mesmo da América Central, essa gente, talvez em bandos sucessivos, tenha chegado até a foz do Amazonas, para fixar-se em Marajó, onde a vida seria amena, dada a fertilidade do seu solo, riqueza de caça florestal e campesina, abundância de pesca marítima e fluvial. O percurso até a ilha tanto poderia ter sido feito pelo mar como pelos afluentes da margem esquerda do alto Amazonas.

Pelo estudo estratigráfico do terreno em que se acham os cerâmios de Marajó e onde o material arqueológico se dispõe em três camadas, cujo índice de cultura maior se patenteia nas peças enterradas mais profundamente, vemos que estamos diante de uma civilização decrescente. Difícil será avaliar-lhe a idade, e o seu fastígio tanto pode pedir ao tempo um recuo de quinhentos como mesmo de mil anos, antes da era colombiana.

De acôrdo com Heloísa-Alberto Tôrres, a cujo excelente trabalho CERÂMICA DE MARAJÓ já nos reportamos algumas vêzes, seriam estas as características mais marcantes da cultura material dos marajoaras: ornamentação do corpo com pintura, pintadeira de argila, fusaiola de barro, banco talhado em um só bloco de madeira, emprêgo de

máscara nas cerimônias, tanga de barro, incineração dos ossos, enterramento secundário em urnas, urnas antropomórficas, construção de atêro para cemitérios, maracás de argila, ídolos de barro e machados de diorito.

Quanto a êstes últimos, como não havia pedra na região, teriam sido conseguidos por troca com outros índios. Segundo Hartt, o diorito é rocha que não existe nem em Marajó, nem nas duas margens fronteiras do Amazonas. Ainda, segundo o mesmo autor, êle só aparece a muitas léguas acima do litoral, talvez na altura das primeiras cachoeiras do Xingu e do Trombetas.

A civilização marajoara, bastante complexa, tem liames que a prenderiam a outros povos do alto Amazonas, Venezuela, Colômbia, talvez mesmo América Central e, sem dúvida alguma, das Antilhas.

CIVILIZAÇÃO TAPAJÔNICA

Os estudos a respeito desta civilização começaram a tomar vulto depois que Curt Nimuendajú, em 1923, chamou a atenção do mundo científico para algumas peças de cerâmica conseguidas pouco antes, na cidade de Santarém, por ocasião de fortes chuvas que, provocando a ruptura de um bueiro, puseram à mostra tão precioso material arqueológico.

Diga-se que a outros interessados no assunto, como Hartt e Barbosa Rodrigues, uns cinqüenta anos antes, não passara despercebida a grande diferença existente entre essa cerâmica e a da foz do Amazonas.

Apenas ninguém tinha tido ainda a felicidade de examinar peças grandes e quase perfeitas, conservando o luxo da sua ornamentação esculpida, como aquelas que se apresentaram ao argucioso olhar de Curt Nimuendajú.

Note-se que o terreno do vale do Tapajós, na sua foz e cercanias, justamente onde se localizam os maiores cerâmios da região, é também zona populosa e que, em certos pontos, como em Taperinha, já foi bastante trabalhada

pela agricultura. Assim, a despeito da sua riqueza arqueológica e a facilidade e abundância com que aí se encontram, quase à flôr da terra, vestígios de antigas civilizações indígenas, quase sempre êste material está reduzido a fragmentos múltiplos, o que torna muito difícil, para não dizer impossível, a reconstituição das peças tais como se apresentavam antes do seu esfacelamento. E essa dificuldade sobe de ponto por se tratar de louça extremamente compósita, quase tôda com adornos em relêvo — figuras humanas e de animais, que se multiplicam nas mais variadas formas e atitudes. São justamente essas esculturas que mais se encontram nas excavações, tanto assim que o povo da região, já familiarizado com as mesmas, deu-lhes o expressivo nome de *caretas*. *Caretas* porque o que mais predomina entre elas são cabecinhas de gente ou de bichos e que, não raro, se mostram em muito bom estado de conservação, pois que, feitas de barro maciço, resistiram melhor às injúrias do tempo do que as paredes dos vasos a que serviram de enfeite.

Dessas figurinhas, depois que começaram a ser procuradas por etnógrafos e curiosos, faz-se mesmo hoje certo comércio na localidade e raro é o cabôclo que não possua algumas de reserva entre os seus *terens*, para oferecê-las, por qualquer cousa, ao primeiro viajante que por elas se interesse.

Foi assim que conseguimos várias, não só em Santarém como em Alter do Chão, um vilarejo próximo.

A cerâmica tapajônica está para a marajoara como o estilo barroco está para o clássico. Naquela, tudo foge à harmonia de linhas, à simplicidade nas decorações. A começar pela própria forma dos vasos e outros objetos, sempre caprichosa, quase sempre assimétrica. Essa disparidade ainda mais se acentua na sua pesada ornamentação esculpurada, tôda modelada, que se distribui em variados adornos, fazendo de cada exemplar uma peça extremamente compósita.

E diga-se que aí raramente entra a pintura. Os jarros, pratos, vasilhas e outros objetos quase sempre terão apenas a côr da argila com que foram feitos, sendo assim de uma tonalidade entre o branco e o cinzento escuro, con-

soante o seu grau de maior ou menor cocção, que poderá divergir neste ou naquêlo ponto, sobretudo nas peças em que houve a aposição de elementos ornamentais. Igualmente, bem raro há-de ser que nêles vejamos os belos desenhos geométricos, as gregas e arabescos, que formam o pano de fundo da cerâmica marajoara.

Todavia, a um exame menos atento, devido à própria pompa que estadeia, é possível que a arte tapajônica possa parecer expressão cultural mais elevada do que aquela que se praticou à foz do Amazonas. Mas tal juízo será apenas o resultado de uma impressão de primeira hora. Basta considerar que a maioria daquelas peças, se muito complicadas, se muito *difíceis*, seria frequentemente feita em série, por meio de moldes que repetiam, sem êrros nem desvios, não só, talvez, o corpo principal dos objetos, como, certamente, todos os adornos que lhe iam fazer depois a decoração. Daí a freqüência dos mesmos achados, dos vasos quase perfeitamente iguais já encontrados duas e mais vêzes, das *caretas* idênticas que surgem aqui e ali, repetindo os mesmos gestos, insistindo nos mesmos esgares.

Ora, justamente isso foi o que jamais se viu em Marajó, onde todo o trabalho era feito a mão livre e a cada peça o artista emprestava um pouco da sua personalidade.

Com isso, entretanto, não queremos menoscar a arte tapajônica, de cunho bem definido, com características bastante peculiares, e que por muitos títulos é digna do maior aprêço.

Assim, se há *réplicas* e se diante de uma das suas expressões artísticas podemos ter a fastidiosa sensação do já visto, haveremos de convir que ao ceramista que lhe modelou o original, a peça-padrão, não faltavam técnica segura e alto poder imaginativo. Por vêzes, a êses dons se soma indiscutível bom gôsto e surge então a obra perfeita. Tais são aquêles vasos, fruteiras ou o que forem, em que pequenas figuras humanas, à maneira de cariátides, dispostas sôbre a borda de um recipiente inferior, às vêzes apenas uma base anular, sustentam uma copa maior, o que dá ao todo uma graciosa configuração de

ampulheta, para nos servirmos de uma feliz comparação de Linné.

Mas até se descermos às minúcias e passarmos a examinar detidamente cada uma das infindas caretas, das inumeráveis pequeninas esculturas que servem ou serviram à ornamentação de peças maiores, ainda aí muito teremos que louvar, pela expressão que traem nos seus rostos, e feliz fixação dos seus gestos, quando se trata de figuras humanas, ou pela cópia fiel das suas formas, no caso em que a bicharada local tenha sido o elemento aproveitado nos motivos decorativos.

Nesse setor, então, êles foram prodigiosos e Linné chega a dizer que a cerâmica tapajônica é um “verdadeiro catálogo de tôda a fauna da bacia amazônica.”

De fato nela surgem, com maior ou menor freqüência, representadas apenas pela cabeça ou de corpo inteiro, a onça, o quatipuru, o urubu-rei, gaviões, papagaios, patos, tucanos e mutuns, cobras, jacarés e lagartos, para não falar nos sapos e rãs, que, como símbolos da fertilidade, eram muito estimados pelos nossos índios. Esses ornatos avulsos, embora unicolores, não raro apresentam tons diferentes, talvez pela qualidade da argila, ou talvez porque fôssem pintados ou envernizados. Na verdade, alguns são achocolatados ou mesmo prêtos e, bastante lustrosos, chegam a lembrar o bronze.

A área de disseminação da cerâmica tapajônica é muito extensa e, talvez com núcleo central na hoje cidade de Santarém, sobretudo no seu bairro chamado Aldeia, porque antigo aldeamento de índios, e se irradia para este, oeste e sul da mesma cidade. Embora em menor escala, ela é também encontrada à margem esquerda do Amazonas, não só na foz do Trombetas como nas cercanias de Monte Alegre. Nimuendajú marca-lhe o limite mais ocidental em Parintins.

Mais recente do que a marajoara, a civilização tapajônica, ainda segundo Nimuendajú, poderia estar entroncada nos próprios índios Tapajós, cuja total extinção data do século XVIII, mas que ainda constituíam nação poderosa ao tempo das descobertas. Dela diz Heriarte, que a viu em 1639: “Bota de si 60.000 arcos, quando manda

dar guerra.” Também ao mesmo cronista não foi estranha a bela cerâmica por êles fabricada e que lhe mereceu a seguinte referência, na qual se alude em primeiro lugar aos aborígenes do Trombetas: “Tem êstes índios e os Tapajós finíssimo barro de que fazem muito e boa louça.”

Para Nimuendajú, entretanto, não seriam só os Tapajós os seus únicos fabricantes, mas apenas os seus principais divulgadores. Note-se que êsse mesmo incansável pesquisador, ao lado da cerâmica típica dos Tapajós, encontrou em área restrita de Santarém, justamente no já referido bairro de Aldeia, restos de outra, sem dúvida mais remota, bastante diferente, tanto no material como nos desenhos, e que tem pontos de contacto com a dos antigos Aruaquises, do rio Urubu, nas proximidades de Silves.

Não sabemos com que fundamento o Cônego Francisco Bernardino de Souza e Barbosa Rodrigues fazem os Tapajós terem descido do Peru, ao tempo das invasões espanholas, para se virem fixar à margem direita do Tapajós, talvez em Alter do Chão.

Se isso parece uma simples hipótese e a arte tapajônica — exceção feita aos moldes de que ambas se serviram — não reflete nenhuma influência andina, o que não resta dúvida é que ela tem muitos traços de união, sobretudo nos motivos ornamentais, com a arqueologia das Antilhas e da América Central.

Já dissemos que a cerâmica tapajônica, só encontrada, a princípio, em terrenos elevados, caracterizou-se mais tarde pela sua habitual presença, se nem sempre nos altiplanos, muito freqüentemente em manchas de terra prêta e fértil. Daí ao seu primitivo nome de louça dos “moradores dos altos” ter sido depois preferido o de louça das “terras prêtas”.

Vale ser consignado que, ao contrário do que acontece na foz do Amazonas, os cerâmios dessa terra prêta nunca fornecem urnas funerárias, mostrando assim que os Tapajós davam outro destino aos seus mortos. Provavelmente, após enterramento provisório, os ossos, já incinerados, seriam misturados a qualquer caxiri, consumido pela gente da tribo em dia de cerimônia fúnebre, como ainda hoje fazem os Tucanos e Tarianas, do rio Negro.

Por êsse e outros motivos, entre os quais avulta a diferença entre as duas cerimônias, pode-se concluir que a cultura tapajônica era muito diversa da marajoara. E há outros traços, embora apenas presumíveis, que a separam numa civilização à parte, como sejam o uso mais freqüente do milho do que da mandioca entre os seus alimentos, o emprêgo de qualquer veneno sagitário que não era o curare, dada a sintomatologia apontada pelos cronistas para aquêles que se viam atingidos pelas suas flechas, a sua preferênciã pelas terras uberosas, coincidindo com o encontro nos seus cerâmios de discos que parecem rodela de fuso, o que tudo indica a cultura do algodão ou outra planta têxtil.

E agora digamos alguma cousa sôbre os muiraquitãs e os ídolos de pedra que, na Hiléia, para certos autores, parecem estar em íntima ligação com a civilização tapajônica.

MUIRAQUITÃS — Poucos assuntos têm dado motivo a tantas controvérsias como as famosas *pedras verdes* ou *pedras das Amazonas*, pois que a elas se prende a lenda das mulheres guerreiras que, na foz do Jamundá, atacaram Orellana e seus companheiros e cujo nome acabou por dominar os outros por que também era conhecido o grande rio.

O muiraquitã, fetiche de pedra dura e esverdeada que os índios prezavam muito e traziam dependurado ao pescoço, é um dos achados amazônicos que mais curiosidade despertaram nos seus primeiros exploradores. Curiosidade não só porque aquêles pequenos objetos pareciam ser feitos de jade, minério de que não se acusavam jazidas na região, mas também porque eram caprichosamente trabalhados, sempre muito bem polidos e, às vêzes, até ostentando formas de animais, rãs principalmente, o que emprestava aos seus fabricantes um alto grau de cultura, bem em contraste com o evidente atraso das tribos que ali viviam na ocasião.

Por isso, não tardaram em aparecer várias suposições que lhes procuravam explicar a origem, desde a lenda ouvida entre os índios de que os muiraquitãs eram feitos de um barro especial, retirado do fundo de certa lagôa e

capaz de endurecimento rápido pela exposição ao ar, até a hipótese de Barbosa Rodrigues que os tinha como prova inconcussa da proveniência asiática dos ameríndios, uma vez que não havia diferença entre os nossos amuletos e os que eram fabricados pelos povos de Burma e do Turquestão.

Se a história contada pelos índios era inverossímil, não deixava de ser bonita. Assim, diziam êles que, em certa época do ano, as Amazonas se reuniam à beira do lago Jaciuaruá ou *Espêlho da lua* e aí faziam uma grande festa à mãe dos muiraquitãs, que nêle habitava um palácio encantado. Era então que as icamiabas, já sob a luz do luar, mergulhavam nas águas límpidas do lago e iam receber, da mãe das pedras verdes, o barro mole com que desveladamente trebalhavam os seus muiraquitãs, até que o calor do sol chegasse para os consolidar definitivamente. Essa festa coincidia com a vinda anual à tribo das Amazonas dos seus maridos fortuitos, e aos índios, que no consórcio anterior lhes tinham dado uma filha, elas ofereciam o amuleto que acabavam de modelar.

Pura lenda, mas lenda que tem o seu lago no vale do Jamundá, justamente região onde já têm sido encontrados muitos muiraquitãs ⁽¹⁾ inclusive um dos que figuram na nossa prancha XXXI.

Aliás, ainda que sempre achados com grande parcimônia, é extensa a área de disseminação dêsses talismãs, não só na América como mesmo no Brasil. Assinalaram-no no México, onde o Asteca o chamava *chalchihuitl* e os espanhóis, *esmeralda baja*. Foi igualmente apontado nos Estados Unidos, Guatemala, Chile, Peru, Colômbia, Venezuela e Antilhas. Para Schomburgk, que também os identificou na Guiana — e era para os inglêses *calicot stone* e para os nativos *macuaba* — êle teria entrado em Georgetown através dos Caraíbas, ao longo da costa. Entre nós, a sua máxima freqüência é na Hiléia, e principalmente nos vales do Tapajós, Trombetas e Jamundá, os dois primeiros, como vimos, grandes focos de civiliza-

(1) Segundo Adolpho Ducke, nas suas *Explorações Científicas no Estado do Pará* ("Boletim do Museu Goeldi", Tomo VII, 1910), o lago Jaciuaruá fica situado na região de Faro, a sudoeste da Serra do Copo.

ção tapajônica. Já Heriarte, quando parou à foz do Tapajós, fala em pedras verdes, que os índios chamavam *baraquitãs*. La Condamine cita também a tribo dos Tapajós como das que eram mais ricas nos famosos amuletos.

Mas se, acaso, os nossos, ou melhor, os amazônicos, tiveram aí o seu principal centro de produção, cedo os espalharam um pouco por tôda parte. E quem sabe lá se muitos deles não teriam vindo das fontes do Orinoco e do rio Branco, onde, segundo informaram a Humboldt, também havia pedras verdes e igualmente se fabricavam *muiraquitãs*? Esse autor chega mesmo a aventar que as *piedras de Macagua*, como em Esmeralda as conheciam, pudessem ter duas procedências diversas. Aquelas que eram encontradas entre os índios do rio Negro, teriam vindo do baixo Amazonas, enquanto outras, conseguidas através das Missões do alto Orinoco e do Caroni seriam manufaturadas no Essequibo e no rio Branco.

O curioso é que a lenda das Amazonas também andava espalhada por essas longínquas paragens, conforme puderam verificar o mesmo Humboldt, no alto rio Negro, e Schomburgk, no interior da Guiana Inglêsa. Este último ouviu-a dos índios Aruaques, habitantes das margens do Mazaruni, afluente do Essequibo.

Informação pouca merecedora de crédito, dada a displicência com que se trata de assunto tão momentoso, é a que nos dá um viajante moderno, em livro sem data, mas bastante recente. Assim, diz êle que, nesse mesmo rio Mazaruni, num encontro com índios que não nomeia, viu nas mãos de um dêles uma sacola cheia de *muiraquitãs*, sendo que alguns eram primorosamente esculpidos. Êsses índios, que na região eram os fabricantes dos aludidos talismãs, iam trocá-los por algodão, com silvícolas residentes em ponto mais abaixo.

Advirta-se que a presença da jade nessas altas regiões do Amazonas e do Orinoco, em tempos idos, parece ter sido amiúde verificada. Osculati, descendo o Napo, nota a freqüência dos machados de pedra verde entre os índios que encontrou pelo caminho. E há também a observação de Barrington Brown, que, na Guiana Inglêsa, entre os rios Iacali e Itabáí, teve ocasião de visitar uma grande

área de terreno abandonado, talvez antigo local de cerimônias indígenas, onde ao centro havia um círculo, com uns trinta pés de diâmetro, cercado, de espaço a espaço, por grandes lascas de pedras verdes.

Em abono da possível existência da jade nessas paragens, depõe Hamilton Rice, num dos seus relatórios, quando refere que na região do rio Branco, na Serra da Preguiça, foram obtidas pedras verdes tão duras como a jade.

Assim, já não precisaríamos ir até a Ásia com Barbosa Rodrigues, para explicar a presença dos muiraquitãs entre os nossos índios. Aliás, muito antes das jazidas citadas por Hamilton Rice, já se verificara a ocorrência da jade em Amargosa, na Bahia e, mais recentemente, em Conquista, ainda na Bahia, bem como no Estado do Rio e no Paraná. Quanto à sua presença na Amazônia, acha Luciano Jacques de Moraes, distinto geólogo patricio que dedicou interessante trabalho ao assunto, que ali, dada a constituição do terreno em certas regiões, a jade pode ter seus depósitos originais, como, por exemplo, na cabeceira dos afluentes da margem esquerda do Amazonas (Jari, Paru, Trombetas, rio Branco e rio Negro) e também na margem sul, nos altos vales do Tocantins, Xingu, Tapajós e alguns formadores do Madeira. E ainda, de acôrdo com o mesmo autor, não é impossível que a pedra verde do Amazonas possa ser, em vez da jade pròpriamente dita, o que vale dizer jadeíta, nefrita e uma variedade de saussurita, qualquer outro mineral, como, por exemplo, o epidoto, a serpentina e a amazonita.

E, para terminar, digamos algo sôbre a significação da palavra *muiraquitã*. Para Barbosa Rodrigues ela quereria dizer *nó de pau*, nome que lhe parece justificável devido à semelhança que tem a jade, de aspecto céreo e raias sanguinosas, com a resina de algumas madeiras. José Veríssimo não aceita esta etimologia e traduz o vocábulo por *pedra de gente*, de *mirá gente* e *ita pedra*. Ladislau Netto prefere compreendê-la por *pedra de chefe*. Fica ao leitor o *embarras du choix*.

ÍDOLOS DE PEDRA — A civilização tapajônica também e prendem os ídolos de pedra, preferentemente de estea-

tite, que pela sua ductilidade bastante se aproxima da pedra sabão. Não deixa de ser interessante que, justamente onde aparecem êsses ídolos, nos vales do Tapajós, Paru, Trombetas e Jamundá, nunca se pôde verificar a existência da esteatite.

Barbosa Rodrigues foi, entre nós, o primeiro a achar um dêsses ídolos de pedra, às margens do Paru, e a êles, em trabalho posterior, passou a dedicar especial atenção. A peça encontrada pelo naturalista patricio e que êle classificou como um ídolo de pesca, representava um carnívoro procurando devorar um quelônio.

Mais tarde, José Veríssimo conseguiu obter e descrever um outro, proveniente da cidade de Óbidos e modelado na forma de um peixe: o acará-bararuá. Outro ídolo curioso, da região do Trombetas, figura um peixe que abocanha uma mulher pelas costas. Infelizmente, esta peça, bem polida e de côr rósea, estava partida em quatro fragmentos, quando foi conhecida.

Parece que tôdas essas esculturas, feitas num só bloco, algumas volumosas e pesadas, eram tidas em grande estima pelos índios, que nelas viam fetiches propiciadores das suas várias atividades: caça, pesca, lavoura e guerras. Frequentemente perfuradas, não é impossível que muitas vêzes fôsem penduradas à prôa das embarcações, como ainda hoje o cabôclo gosta de levar à frente da montaria, plantado numa latinha, um pé de tajá-purá para que não volte *panema* da pescaria.

Os ídolos de esteatite têm a côr natural da pedra, que varia entre o branco acinzentado e o vermelho arroxeado, e o seu comprimento, entre os colecionados até agora, nunca vai além de uns vinte a trinta centímetros.

Como êsses ídolos, feitos com material pouco encontrado na região, já foram assinalados em outros pontos da América, inclusive por Bancroft que os estudou no México e em Nicarágua, alvitrou-se que os nossos pudessem ter sido importados. Entretanto, o ídolo a que já nos referimos, descrito por Veríssimo, depõe a favor da sua origem autóctone, uma vez que figura um peixe bem típico da Hiléia: o acará-bararuá.

CIVILIZAÇÕES MENOS CONHECIDAS

Além das civilizações marajoara e tapajônica, tanto no baixo como no alto Amazonas, alguns cerâmios, embora menos importantes, têm revelado a existência de outros povos a respeito dos quais muito pouco se sabe, mas que merecem consideração.

Destarte, diremos duas palavras sobre as jazidas de Camutins, Maracá, Caviana, Cunani e Miracangüera, bem como sobre alguns achados esparsos, mas não despidiendos, feitos na região de Tefé. Infelizmente, quase nada conhecemos sobre a arqueologia do alto Amazonas e é de lamentar que hajam sido interrompidas as pesquisas que com tanta proficiência e tão bons resultados ali vinham sendo feitos por Nimuendajú.

CAMUTINS — Situadas também em Marajó, essas jazidas, como as do Pacoval, são localizadas em montes artificiais, à margem do igarapé Camutins, afluente do rio Anajás. A louça nelas encontrada tem muitos pontos de contacto com aquela, embora a sua ornamentação seja mais pintada do que gravada. Por outro lado, as urnas, maiores do que as de Marajó, não têm formato subcilíndrico ou cônico, mas globular. Aí também foram encontradas bastantes tangas de barro, mas, quase sempre, muito grosseiras, apenas de argila vermelha, sem qualquer pintura. Entretanto, tudo isso são caracteres diferenciais de somenos importância, e que permitem incorporar essa cerâmica à civilização marajoara. Não faz muitos anos os *mounds* de Camutins foram novamente explorados por Farabee, que deles retirou algumas peças bastante interessantes.

MARACÁ — Esta jazida foi descoberta e estudada por Ferreira Penna em fins do século passado. São pequenas grutas naturais à margem de um afluente do Maracá, rio que deságua no braço norte do Amazonas, um pouco acima da extremidade ocidental de Marajó, na região conhecida por Guiana brasileira. Aí só se encontram urnas, não raro ainda contendo esqueletos inteiros. Conquanto essa louça

seja bem mais grosseira do que a de Marajó, não deixa de ter grande interesse arqueológico. Essas urnas são frequentemente tubulares e ora representam um simples cilindro comprido, coberto por tampa chata e arredondada, ora mostram o mesmo cilindro transformado em figura humana, sentada num banco, com braços e pernas bem destacados, e uma tampa, em forma de cone truncado, correspondendo à cabeça, e onde se vêem os traços fisiômicos em relêvo. Ainda aí há outro tipo de depósitos funerários, também esculpturados, mas com a configuração de qualquer animal, como por exemplo, o jabuti, que é das mais predominantes. Tôdas essas urnas são toscamente pintadas, se não conservam apenas a côr natural do barro, e nas antropomórficas há sempre a caracterização do sexo. Os cerâmios de Maracá não parecem ter existência muito remota, uma vez que sôbre a figura de uma das suas urnas foram encontradas, à maneira de enfeite e prêsas com resina, algumas contas de vidro, das que para aqui trouxeram os europeus.

CAVIANA — Os cerâmios dessa ilha, situada ao norte da foz do Amazonas, foram explorados por Nimuendajú, que dêles recolheu interessante material. Aí também predominam as urnas que, como em Marajó, serviam apenas para o enterramento secundário. E talvez seja êsse o seu único ponto de contacto com a louça do Pacoval, de que se distancia muito pela inferioridade da ornamentação. A presença de miçangas, nelas também verificada, dá a êsse cemitério origem post-colombiana. O curioso é que em Caviana não foram poucos os muiiraquitãs encontrados. Assinale-se que os ossos contidos nas urnas estavam pintados de vermelho.

CUNANI — Parece que Coudreau já visitara êsses cerâmios que, mais tarde, em 1895, foram cuidadosamente estudados por Goeldi. Trata-se de cavernas artificiais, verdadeiros poços sepulcrais, protegidos por grandes blocos de granito. Aqui o material, muito rico e variado, embora não se possa comparar ao de Marajó, é bastante superior ao de Maracá e Caviana. Além de urnas funerárias, desprovidas de tampa, mas com caras humanas esculpidas sôbre o gargalo, há muitas peças — vasos, pratos, terrinas

— de formas nobres e elegantes, na maioria zonárias. Nessa louça de fundo uniformemente amarelo, além de gregas, predominam os desenhos virgular e escalar, sempre em vermelho. Nela aparece também a ornamentação plástica, como os recortes e as chanfraduras verticais a que já aludimos anteriormente, e também figuras mais ou menos salientes de vários animais: cobras, rãs, quatipturus, jabutis e aves.

Miracangüera — Este cerâmio fica à margem esquerda do Amazonas, entre Itacoatiara e a foz do rio Negro, mais ou menos na longitude do Madeira e dilata-se por mais de 5 milhas. Foi visitado primeiro por Ferreira Penna e depois por Barbosa Rodrigues, que lhe dedicou memória. É das mais curiosas jazidas da Amazônia, pela peculiaridade da sua louça, tôda feita numa argila fina e que nos vasos, antes de serem pintados, é revestida de uma camada de tinta branca, o que lhe dá aparência de porcelana. As suas urnas são antropomórficas e nelas Goeldi vê pontos de contacto com as de Marajó, Maracá e Cunani. Das primeiras teria a forma, das segundas a tampa e das terceiras os traços fisionômicos em relêvo. Presume-se que essas jazidas provenham dos ascendentes dos Aruaquises, cuja dispersão começou no século XVI e terminou no século passado. Para alguns autores, os Aruaquises do Amazonas teriam sido os êmulos e talvez mesmo os contemporâneos dos Nheengaibas de Marajó.

CERAMICA DE TEFÉ E CERCANIAS — Nessa região, sobretudo em Coari, têm sido encontradas algumas peças de cerâmica bastante interessantes. Aí viveu a poderosa nação dos Jurimáguas, cujas mulheres sempre se destacaram pela perfeição com que pintavam cabaças e louça. Diz o Padre Fritz que elas tinham por hábito chamar as cobras por meio de encantamento, afim de copiarem as marcas e as figuras existentes na pele dêsses répteis. Mas também foram donas dessas terras muitas outras tribos e, assim, não saberemos a quem atribuir as peças que por vêzes se conseguem nessa região, como aquêles belos vasos que o Padre Tastevin enviou para o Museu do Trocadero, em Paris, e que mereceram atento estudo de Métraux.

Dessa cerâmica o autor reproduz, numa das pranchas deste livro, não só um pequeno vaso perfeito, originário de Coari, como alguns curiosos fragmentos de louça já encontrada partida.

EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS

PRANCHA XXV — Urna de argila, com a decoração gravada *au champ levé*, típica de Marajó. Alt. 38cm. Diâm. da boca 25cm. (8 629 — Col. Mus. Nac.).

PRANCHA XXVI — Em cima: maracá de argila, como só se faziam em Marajó. Os seus lados extremos têm as faces modeladas, enquanto as duas outras são gravadas. O original desta peça pertence à Coleção Justo Chermont e a aquarela aqui reproduzida foi feita de acôrdo com uma moldagem directa em gesso. (26 916 — Col. Mus. Nac.). Em baixo: pratinho, também de Marajó, com decoração de pintura na face interna e de traço fino gravado na externa. (5 447 — Col. Mus. Nac.).

PRANCHA XXVII — Em cima: tanga feminina de cerâmica, das primeiras achadas no pacoval do Arari. Sôbre fundo branco de nata, a decoração é feita em preto. Em cada um dos seus ângulos, vê-se o furo que permitia fôsse a peça ajustada ao púbis. (9 723 — Col. Mus. Nac.). Em baixo: vasinho com gravura e modelagem, apresentando uma proeminência mamelonar lateral. Marajó. (8 725 — Col. Mus. Nac.).

PRANCHA XXVIII — Vaso pintado. Esta peça singulariza-se pelo seu fundo quase prêto, muito raro na cerâmica marajoara. Alt. 32,5cm. Diâm. da boca 14,5cm. (9 503 — Col. Mus. Nac.).

PRANCHA XXIX — Vaso de cerâmica, bem típico da arte tapajônica. Aqui não há pintura. Tôda a ornamentação é esculpida. Esta peça, encontrada no bairro da Aldeia, em Santarém, foi recentemente oferecida ao Museu Nacional pelo Sr. Valentim Bouças. (31 709 — Col. Mus. Nac.).

PRANCHA XXX — Arte tapajônica. Em cima: um vaso cuja copa superior fica ligada ao recipiente basal por três figurinhas humanas que se dispõem à maneira de cariátides. (31 707 — Col. Ms. Na.). Em baixo: dois ornatos esféricos, com representação da face humana. O da esquerda provém do Lago Sapucauá, no vale do rio Trombetas. (20 625 — Col. Mus. Nac.); o da direita foi achado em Santarém (31 917 — Col. Mus. Nac.).

PRANCHA XXXI — Civilização tapajônica. Em cima, da esquerda para a direita: em primeiro lugar, ornato avulso, representando uma figura humana que veda os olhos com as próprias

mãos. É motivo muito encontrado na cerâmica de Santarém. (31 923 – Col. Mus. Nac.). No centro: cabeça ântropo-zoomórfica, destacada de qualquer vaso. Foi achada no quintal de uma pensão de Santarém, onde o autor esteve hospedado. (32 494 – Col. Mus. Nac.). À direita: vasilha em forma de pato. Peça completa. Pertence à coleção do autor, e foi por êle conseguida em Santarém ou Alter do Chão, em 1938. No centro, e sempre da esquerda para a direita, três muiraquitãs, as famosas *pedras verdes* que estão ligadas à lenda das Amazonas. O primeiro, raniforme, foi encontrado num lago à barra do Rio Trombetas. (30 331 – Col. Mus. Nac.); o do centro, menor, que representa talvez um macaquinho, provém do lago Jaciuaruá,¹ no rio Jamundá. (26 251 – Col. Mus. Nac.); finalmente, o último, da direita, ainda batraquiiano, chegou ao Museu sem indicação de origem. (27 420 – Col. Mus. Nac.). Em baixo, ainda da esquerda para a direita: três fragmentos de cerâmica de Santarém. O primeiro, figura zoomórfica, de difícil identificação, talvez represente a cabeça de um lagarto. (31 922 – Col. Mus. Nac.); o do centro, ornato provavelmente feito em fôrma, é dos que mais se repetem entre os achados da região. Figura a cabeça de um abutre, talvez o urubu-rei. Pertence à coleção do autor. Em último lugar, aparece um ornato batraquiforme, também de argila. (20 689 – Col. Mus. Nac.).

PRANCHA XXXII — Em cima: ídolo (?) talhado em esteatite. Foi encontrado a 60cm do sub-solo, na ilha Botoas ou S. João, no rio Trombetas, e oferecido ao Museu Nacional, em 1929, pelo General Rondon. (20 755 – Col. Mus. Nac.). Em baixo: vaso proveniente das cercanias da Serra do Ereré, situada a noroeste da cidade de Monte Alegre, margem esquerda do Amazonas. Esta cerâmica tem pontos de contacto com a de Santarém e parece prender-se à civilização tapajônica. (31 250 – Col. Mus. Nac.).

PRANCHA XXXIII — Cerâmica de Maracá. Urna antropomórfica masculina. A figura descansa sôbre um banquinho baixo, idêntico em forma aos bancos de madeira, talhados numa só peça, ainda muito em uso entre algumas tribos da Amazônia. Alt. 33,5cm. (5 445 – Col. Mus. Nac.).

PRANCHA XXXIV — Cerâmica de Cunani. Em cima: vaso em forma de pote, com três zonas na parte bojuda, além de duas no gargalo. Alt. 34cm. Diâm. máximo do bôjo 37cm. Em baixo: recipiente em forma de bandeja. Alt. 9cm. Compr. (marg sup.) 50cm. Larg. (marg. sup.) 41cm. Não possuindo o Museu Nacional nenhum exemplar dessa cerâmica, tivemos de aproveitar na nossa prancha, gravuras coloridas de um

trabalho de Goeldi, onde se apresentam as peças por êle colecionadas e que se acham no Museu Goeldi, no Estado do Pará.

PRANCHA XXXV — Cerâmica de Miracangüera. Em cima: tampa de urna funerária. Ao contrário do que acontece na arte marajoara, onde a face humana é representada no próprio corpo da urna, aqui ela aparece servindo de motivo à ornamentação da tampa. Diâm. 24cm. (8 651 — Col. Mus.Nac.). Em baixo: urna antropomórfica masculina, também de Miracangüera. É apenas num modelado ligeiro que se assinalam os braços, os mamilos e as coxas, ao passo que o sexo e as pernas são muito mais fortemente esculpturados. Alt. 39,5cm. Diâm. da bôca 19,5cm. (9 492 — Col. Mus. Nac.).

PRANCHA XXXVI — Cerâmica do alto Amazonas. Em cima, da esquerda para a direita: 1.º — Fragmento de vaso. Município de Coarí, situado a oeste de Tefê. (28 879 — Col. Mus. Nac.); 2.º — Borda de vaso. Airão, na margem direita do rio Negro. (28 877 — Col. Mus. Nac.); 3.º — Ornato em forma de cabeça de papagaio. Fazenda São Paulo, Coarí. (28 846 — Col. Mus. Nac.). No centro: Fragmento de vaso. Vila de Manacapuru, à margem esquerda do Solimões. (28 878 — Col. Mus. Nac.). Em baixo, sempre à direita: 1.º — Vasilho perfeito. Coarí. Pertence à coleção do autor; 2.º — Fragmento de vaso. Rio Jauaperí, afluente da margem esquerda do rio Negro. (28 881 — Col. Mus. Nac.); 3.º — Fragmento de vaso. Coarí. Distingue-se pelo colorido azul que apresenta nos sulcos da ornamentação gravada. (28 880 — Col. Mus. Nac.).

B I B L I O G R A F I A

- ACUÑA (P. Christobal de) — *Nuevo Descubrimiento del gran Rio de las Amazonas*. Madrid, 1891.
- BEAUVOIS (Eug.) — *La Fable des Amazones chez les Indigènes de l'Amérique Précolombienne*. Louvain, 1904.
- BEUCHAT (G.) — *Manuel d'Archéologie Américaine*. Paris, 1912.
- BRAZIL (Themistocles Paes de Souza) — *Cauici*. Ministério das Relações Exteriores. Rio de Janeiro, 1938.
- BROWN (C. Barrington) — *Canoe and Camp Life in British Guiana*. London, 1877.
- BROWN & LIDSTONE — *Fifteen Thousand Miles on the Amazon and its Tributaries*. London, 1878.
- CARVAJAL (Fr. Gaspar de) — *Descubrimiento del Rio de las Amazonas, con una introducción historica por José Toribio Medina*. Sevilla, 1894.
- CASTELNAU (Francis de) — *Expédition dans les Parties Centrales de l'Amérique du Sud*. Histoire du Voyage. Paris, 1850-1851.
- DERBY (Orville A.) — *Contribuições para a Geologia da Região do Baixo Amazonas*. ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. II. Rio de Janeiro, 1877).
- DERBY (Orville A.) — *Os Povos Antigos do Amazonas*. ("Revista da Exposição Anthropológica Brasileira". Rio de Janeiro, 1882).

- DIAS (Antônio Gonçalves) — *Se existiram Amazonas no Brasil*. (“Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. Tomo XVIII).
- DIAS (Antônio Gonçalves) — *Brasil e Oceânia*. (“Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. Tomo XXX. P. 2.^a).
- D'ORBIGNY (Alcides) — *L'Homme Américain*. Paris, 1839.
- ESTEVÃO (Carlos) — *A Cerâmica de Santarém*. (“Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”. N.º 3. Rio de Janeiro, 1939).
- FARABEE (William Curtis) — *Explorations at the Mouth of the Amazon*. (“The Museum Journal”. University of Pennsylvania. Philadelphia, September, 1921).
- FARIA (João Barbosa de) — *Relatório do Serviço Etnográfico apresentado em 1929 ao Exmo. Sr. General Cândido Mariano Rondon, Chefe de Inspeção de Fronteiras*. (Inédito).
- FRITZ (Samuel) — *Journal of the Travels and Labours of the Father Samuel Fritz in the River of the Amazons between 1686 and 1723*, translated from the Evora Ms. Edmundson. London, 1922.
- GOELDI (Dr. Emílio A.) — *Escavações Arqueológicas em 1895 executadas pelo Museu Paraense no Litoral da Guiana Brasileira entre Oiapoque e Amazonas*. Pará, Brasil, 1900.
- GOELDI (Dr. Emílio A.) — *Estado Atual dos Conhecimentos sobre os Índios do Brasil, essencialmente sobre os Índios da Foz do Amazonas no Passado e no Presente*. (“Boletim do Museu Paraense”. Tomo II. Fasc. 1-4. Pará, 1897-1898).
- HARTT (Carlos Frederico) — *Contribuição para a Etnologia do Vale do Amazonas*. (“Arquivos do Museu Nacional”. Vol. VI. Rio, 1885).
- HARTT (Carlos Frederico) — *Nota sobre algumas Tangas de Barro cozido dos antigos indígenas da Ilha de Marajó*. (“Arquivo do Museu Nacional”. Vol. I. Rio de Janeiro, 1876).
- HARTT (Carlos Frederico) — *Notes of the Manufacture of Pottery Among Savage Races*. Rio, 1875.
- HARTT (Carlos Frederico) — *The Ancient Indian Pottery of Marajo, Brazil*. (“The American Naturalist”. Vol. V, N. 5. July, 1871).
- HÉBERT (J.) — *Survivances Décoratives au Brésil*. (“Revue des Américanistes de Paris”. Nouvelle Série. Tomo IV. 1907).
- HERIARTE (Maurício) — *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas*. Viena d'Áustria, 1874.
- HUMBOLDT (Alexandre de) — *Voyage aux Régions Equinoxiales du Nouveau Continent*. Paris, 1816.
- IHERING (H. von) — *Arqueologia Comparativa do Brasil*. (“Revista do Museu Paulista”. Vol. VI, 1904).
- IM THURN (Everard F.) — *Among the Indians of Guyana*. London, 1883.
- JOBIM (Anísio) — *Panoramas Amazônicos*. Coarí. Manaus, 1933.
- KARSTEN (Raphael) — *The Civilization of the South American Indians*. New York, 1926.
- LA CONDAMINE — *Relation abrégée d'un Voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique Méridionale*. Paris, 1745.
- LADISLAU NETTO — *Investigações sobre a Arqueologia Brasileira*. (“Arquivos do Museu Nacional”. Vol. VI. Rio de Janeiro, 1885).
- LADISLAU NETTO — *Sciences (Le Brésil en 1889)*. Paris, 1889).
- LINNÉ (S.) — *Les Recherches Archéologiques de Nimuendajú au Brésil*. (“Journal de la Société des Américanistes de Paris”. Nouvelle Série. Tomo XX. 1928).
- LINNÉ (S.) — *The Technique of South American Ceramic*. (“Goteborgs Kungl. Votenskaps och Vitterhets Sanhalles Handlingar”. Fjarde Foljden. Band. 29. N. 45. Goteborg, 1925).

- LOPES (Raymundo) — *A Civilização lacustre do Brasil*. ("Boletim do Museu Nacional". Vol. I. N.º 2. Janeiro, 1924).
- LOPES (Raymundo) — *Entre o Amazonas e o Sertão*. ("Boletim do Museu Nacional". Vol. VII. N.º 3. Rio de Janeiro, Setembro, 1931).
- LOEWIE (Robert) — *Manuel d'Anthropologie Culturelle*. Trad. par E. Métraux. Paris, 1936.
- MACHADO (Manuel Francisco) — *Ídolo Amazônico*. ("Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro". Tomo VII. Rio, 1891).
- Marajó (Barão de) — *As Regiões Amazônicas*. Lisboa, 1896.
- MÉTRAUX (Dr. A.) — *Contribution à l'Etude de l'Archéologie du Cours Supérieur et Moyen de l'Amazonie*. ("Revista del Museo de La Plata". Tomo XXXII. 3.ª parte. Buenos Aires, 1930).
- MÉTRAUX (Dr. A.) — *La Civilization Matérielle des Tribus Tupi-Guarani*. Paris, 1928.
- MORAES (Luciano Jacques) — *Sobre o Jade no Brasil*. ("Anais da Academia Brasileira de Ciências". Tomo IV. N.º 2. Rio de Janeiro, 1932).
- NORDENSKIOLD (Erland) — *Comparative Ethnographical Studies*. Goteborg, 1919-1924.
- NORDENSKIOLD (Erland) — *L'Archéologie du Bassin de l'Amazone*. Paris, 1930.
- NORDENSKIOLD (Erland) — *Modifications in Indian Culture Through Inventions and Loans*. ("Comparative Ethnographical Studies". Vol. 8. Goteborg, 1930).
- NORDENSKIOLD (Erland) — *Origin of the Indian Civilization in South America*. ("Comparative Ethnographical Studies". Vol. 9. Goteborg, 1931).
- ORSUA (Pedro de) — *Jornada de Omagua y Dorado*. Madrid, 1881.
- OSCALATI (Gaetano) — *Esplorazione delle Regioni Equatoriali Lungo il Napo ed il Fiume delle Amazzoni*. Milano. 1854.
- PALMATARY (Helen C.) — *Tapajó Pottery*. Goteborg, 1939.
- PENNA (Domingos Soares Ferreira) — *A Ilha de Marajó*. Relatório. Pará, 1875.
- PENNA (Domingos Soares Ferreira) — *Algumas Palavras da Língua dos Aruans*. ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. VI. Rio de Janeiro, 1881).
- PENNA (Domingos Soares Ferreira) — *Apontamentos sobre os Cerâmios do Pará*. ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. II. Rio de Janeiro, 1877).
- PERICOT Y GARCIA (Luis) — *América Indígena*. Tomo I. Barcelona, 1936.
- RICE (Dr. A. Hamilton) — *The Rio Branco, Urariquera and Parima*. Reprinted from "The Geographical Journal" for February, March and April, 1928.
- RODRIGUES (J. Barbosa) — *Antiguidades Amazônicas*. ("Ensaios de Ciência". Fasc. 1-2. Março e Junho de 1876).
- RODRIGUES (J. Barbosa) — *Antiguidades do Amazonas. A Metrópole de Miracanguera*. ("Vellozia". Vol. II. 2.ª edição. Rio de Janeiro, 1892).
- RODRIGUES (J. Barbosa) — *Exploração do Rio Iamundá*. Relatório. Rio, 1875.
- RODRIGUES (J. Barbosa) — *Ídolo Amazônico*. Rio de Janeiro, 1875. (Está apenso a um volume sob o título "Antiguidades do Amazonas" do Museu Nacional sob o n.º 13-65-19).
- RODRIGUES (J. Barbosa) — *O Muiraquitã e os Ídolos Simbólicos*. 2 vols. Rio de Janeiro, 1899.
- RODRIGUES (J. Barbosa) — *Relatório sobre o Rio Trombetas*. Rio, 1875.
- RODRIGUES (J. Barbosa) — *Rio Tapajós*. Rio, 1875.
- ROTH (Walter Edmund) — *An Introductory Study of the Arts, Crafts and Customs of the Guiana Indians*. Washington, 1916-1917.
- SAMPAIO (Francisco Xavier Ribeiro de) — *Diário de Viagem à Capitania do Rio Negro*. Lisboa, 1825.
- SAMPAIO (Theodoro) — *Arqueologia Brasileira*. ("Dicionário Etnográfico do Brasil". Introdução Geral. 1.º Vol. Rio de Janeiro, 1922).

- SCHOMBURGK (Richard) — *Travels in British Guiana*. Translated by Walter E. Roth. Georgetown, 1922. 2 volumes.
- SILVA-PRADO (E.) — *L'Art. L'Art Plumaria*. ("Le Brésil en 1889"). Paris, 1889.
- SOUZA (Francisco Bernardino de) — *Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas*. Pará, 1873.
- STEINEN (Karl von) — *Entre os Aborígenes do Brasil Central*. Trad. de Egon Schaden. São Paulo, 1940.
- TÔRRES (Heloísa - Alberto) — *Arte Indígena na Amazônia*. Imprensa Nacional, 1940.
- TÔRRES (Heloísa - Alberto) — *Cerâmica de Marajó*. Conferência realizada na Escola Nacional de Belas Artes. Rio, 1929.
- VERÍSSIMO (José) — *As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomo L. Parte 1.ª).
- VERÍSSIMO (José) — *Os Ídolos Amazônicos*. ("Revista Amazônica". Tomo I. N.º 1. Março, 1883. Pará).
- VERNEAU (R.) — *Sur la Repartition en Amérique des Poteries Décorées au "Champ-llevé"*. ("Journal des Américanistes de Paris". Nouvelle Série. Tome XII).
- WASSEN (Henry) — *The Frog-Motiv Among the South American Indians*. ("Anthropos". Tomo XXIX. Fasc. 3-4. Maio-Agosto, 1934).



ETNOGRAFIA INDÍGENA

ETNOGRAFIA

CONSIDERAÇÕES GERAIS

ATÉ o início do século passado, nada mais fácil do que classificar os nossos índios. De um lado, índios da costa, índios mansos, índios de língua sôlta, que falavam o *abanheenga* ou o *nheengatu*, a *língua de gente* ou a *língua boa*; de outro, os índios do interior, índios bravos, índios de língua travada, que falavam o *nheengaíba* ou *língua má*.

Os primeiros, os Tupis, foram aquêles com quem os portuguezes logo tomaram contacto e que pelo seu temperamento mais dócil em breve se acamaradaram com os recém-vindos. Os segundos, os Tápuias, como os da orla marítima os conheciam, com isso querendo dizer *inimigos*, pois que com êles viviam em constantes guerras, eram gente insubmissa e feroz, que a despeito do seu maior atraso, ou talvez por isso mesmo, não queriam relações com ninguém.

Pelo estudo e coordenação dos dois dialetos em curso na costa, o *abanheenga* dos Guaranis, ao sul, e o *nheengatu* dos Tupis, ao norte, aliás dois dialetos muito pouco diferenciados do mesmo tronco comum, logo se aproveitaram os jesuítas, transformando-os no principal instrumento de ligação não só entre os europeus e os naturais da terra, como até do próprio gentio entre si, isto é, tornando-os também familiares às tais nações de língua travada, cada uma com fala própria, o que fazia desta parte da América uma outra confusíssima Babel.

Aliás, para essa fácil difusão de uma *língua geral*, como também ficou conhecido o tupi, bastante há-de ter concorrido a índole aventureira e erradia dos índios dessa família, tidos como os nossos fenícios, dada a valentia com que afrontavam o mar e os rios, e que ao tempo da

descoberta já haviam empreendido grandes migrações e estavam espalhados um pouco por tôda parte.

Se ao sul do país, ao contrário do que aconteceu no Paraguai e em algumas províncias da Argentina, o abanheenga, sem nunca ter tido grande divulgação, cedo se transformou em língua morta, ante o rápido e avassalador domínio dos colonizadores, outra repercussão teve ao norte o nheengatu, por longo tempo de trato muito comum em cidades e vilas, a ponto de ser falado dos púlpitos, e que, sempre levado pelos missionários, Amazonas acima e através dos seus afluentes, varando cachoeiras e adentrando-se pelas florestas, transpôs as nossas fronteiras e chegou até territórios já pertencentes às possessões espanholas.

Foi justamente no alto Amazonas e no rio Negro que a língua geral mais serviços prestou, como veículo natural de entendimento entre o civilizado e o silvícola. Aí, em certas localidades, ela era tão falada como o português, quando não o suplantava de todo, como acontecia nos pontos mais afastados, onde imperava o elemento aborígene. Ainda em meados do século passado, Alfredo Wallace cita o caso de um francês que, residindo havia vinte anos no Solimões, só conversava com a mulher e os filhos em nheengatu, cuja prática já lhe era mais fácil do que a do português e mesmo a da própria língua materna. É também do mesmo autor a observação de que crianças, filhas de portugueses, não sabiam se expressar de outra maneira. Mas, mesmo hoje, não será raro encontrar, às margens do rio Negro, quem verse com desembaraço a língua geral e dela se utilize no convívio doméstico.

Se na região meridional do país, os índios que viviam retirados e que, mais tarde, em grande parte, foram incorporados ao grupo Gê, estavam, na verdade, muito abaixo dos Tupis no tocante ao grau de cultura, e a êles, com razão, se poderia aplicar o nome de Tapuias, na acepção já mais ampla de gentio atrasado e hostil, que lhe deram os colonizadores (1), bem injusta e errônea passou a ser essa designação quando levada, como o foi, aos índios da região ama-

(1) Hoje, êste nome é dado ao *cabôclo puro*, isto é, ao índio já assimilado à civilização.

zônica, pois que, aí, a maioria dos índios de língua travada, isto é, que não falavam o nheengatu, pertencia justamente a dois grupos, os Aruaques e os Caraíbas, que em matéria de civilização nada ficavam a dever aos Tupis, principalmente os primeiros, como haveremos de ver depois.

Tudo isso, entretanto, só se apurou a partir do século XIX, quando começamos a ser visitados por cientistas de valor, entre os quais avultam as figuras de Martius, Von den Steinen e Ehrenreich, os verdadeiros criadores da etnologia brasileira.

Devemos a primeira classificação dos nossos índios a Martius que, deixando de lado as tão falhas características antropológicas, das mais aproveitadas até então, se apóia exclusivamente no critério linguístico, na estrutura gramatical das línguas faladas pelos vários grupos. Mas, como era de esperar, Martius, ainda imbuído do espírito da época, que em cada selvagem brasileiro queria ver um Tupi, cometeu vários êrros, inclusive o de reunir êsses mesmos Tupis à importante família Caraíba.

Êsses e outros enganos foram mais tarde corrigidos por Von den Steinen e Ehrenreich, cujas viagens, com longa permanência no alto Xingu e diuturno convívio com várias tribos primitivas, lhes permitiram uma melhor visão do nosso nativo, principalmente no que se refere à sua separação em alguns grupos bem distintos, sempre de acôrdo com os elementos fônicos de expressão. Tanto assim que, a despeito de uma ou outra modificação e de vários acréscimos ou desdobramentos, aliás muito naturais em estudos que estão sempre em marcha, ainda hoje prevalece, nas suas linhas básicas, a classificação estabelecida por ambos.

Foge aos moldes dêste trabalho um exame mais penetrante dos muitos grupos ou troncos indígenas que se distribuem pela primeira província etnográfica das três criadas por Ehrenreich para a América do Sul, e que é justamente aquela em que o Brasil figura ao lado da Venezuela, das Guianas e do arquipélago das Antilhas.

O que podemos dizer, entretanto, e isto nos interessa bastante, é que, nessa mesma província, os três grupos principais — aquêles de maior importância já pelo grande

número das suas tribos, já pela sua vasta dispersão, já pelo seu mais alto nível cultural, ou sejam os Aruaques, Tupis e Caraíbas — não só estavam muito bem representados na Amazônia, mas também parecem ter tido por centros de formação e irradiação pontos compreendidos dentro da própria área da Hiléia, ou muito próximos dela.

Assim, os Tupi-Guaranis, tidos, de início, como oriundos da mesopotâmia do Paraguai e Paraná, parece que se originaram na faixa compreendida entre o Madeira e o Tapajós. A pátria dos Caraíbas está situada não longe dessa região, entre o alto Xingu e o Tapajós, e comprova essa aproximação de ambos o número de elementos culturais comuns às tribos dêsses dois troncos. Finalmente, o centro de dispersão dos Aruaques, o mais notável dos três grupos, não só pela sua mais larga dispersão, que abrange as três partes do continente americano, mas também pela grande influência que exerceu sobre outros grupos, inclusive os próprios Tupis e Caraíbas, seria o território venezuelano-brasileiro correspondente às bacias do Orinoco e do rio Negro.

Conhecidas as condições do meio físico, não é de espantar que a Amazônia tenha sido um verdadeiro éden para as nossas populações indígenas, que aí se condensavam em grandes e inumeráveis tribos. Aliás, tudo na região, coberta de florestas e cortada de rios, tornava a vida fácil e prazerosa, para índios erradios, de agricultura ainda rudimentar e que quase só se sustentavam dos recursos da caça e da pesca. A flora e a fauna, riquíssimas, forneciam-lhes, além do alimento, a matéria prima para a construção da casa e a manufatura de armas e utensílios indispensáveis, tudo trabalhado em pau, osso ou fibra, devido à escassez de pedra, por êsse motivo um elemento secundário na sua cultura material. Quanto ao vasilhame para a conservação de líquidos e os trabalhos de cozinha, se não lhes faltavam as cabaças, os gomos de taquara e outros recipientes naturais, também havia muito bom barro à beira dos rios e não foram poucas as tribos que se especializaram na arte cerâmica.

Como consequência dessas boas condições de vida em qualquer ponto onde se localizassem, ao contrário de amalgamação, houve entre os silvícolas da Amazônia um incessante processo de desassociação, que desdobrou os grupos em numerosas tribos e estas, por sua vez, em sub-tribos. Todavia, dada a facilidade das comunicações, por meio de uma incomparável rede fluvial, que abria caminhos e encurtava distâncias, tôdas essas tribos, mesmo as mais afastadas, viviam em permanente contacto, contacto indireto quando mais não fôsse, por meio do ativo comércio que se praticava entre elas, e assim a Hiléia, segundo Métraux, foi um grande centro de aculturação, onde, a pouco e pouco, se iam fundindo, num cadinho único — talvez bêrço de próxima e grande civilização — muitos contrastes individuais e valiosas contribuições de vária procedência.

Muito terá concorrido para essa ligação entre as populações amazônicas o trabalho de especialização em determinados gêneros de indústria a que se dedicaram muitas tribos, tornando os seus produtos famosos e cobiçados pelos vizinhos. Assim, não haveria melhor zarabatana do que a dos Arecunas, nem melhor ralador de mandioca do que o dos Tarumãs; notável pela sua virulência era o curare dos Ticunas; dignos do maior apreço eram os banquinhos de madeira feitos pelos Tucanos e Tarianas. E do mesmo modo a preferência era dada às redes de fibra ou de algodão, às canoas ou aos potes de cerâmica, se se lhes apontava uma determinada origem. Até no adestramento de cães para caça, havia tribos que se tornaram célebres e, em busca de um bom acuador de onça ou atilado farejador de paca, empreendiam-se longas viagens.

Mas mesmo dentro da própria tribo havia indivíduos que se aperfeiçoavam no fabrico dêsse ou daquêle artefacto, flechas, arcos, obras de trançado ou plumária, conforme nos relata Krause, que, quando entre os Caiapós, era mandado de uma a outra maloca, de acôrdo com o gênero de objeto que desejava adquirir.

Embora nunca tivessem sido muito grandes as relações entre os silvícolas amazonenses e as populações do planalto andino, há dois exemplos bem típicos de contacto

entre ambos que não só comprovam a que grandes distâncias podiam chegar os objetos permutados, mas ainda a rapidez com que essas trocas se realizavam.

É o caso que, entre os Tupinambás da costa, os primeiros portugueses aqui desembarcados encontraram alguns machados de bronze que só poderiam ser de proveniência incaica, uma vez que o uso dos metais ainda era desconhecido dos nossos ameríndios. Por outro lado, os anzóis de ferro que êsses mesmos portugueses distribuíram entre a indiada da orla marítima em pouco chegavam à mão dos Quíchuas, por intermédio dos Guaranis.

Isto provou-o Nordenskiöld pelo estudo da distribuição da palavra *pindá*, que nascida entre nós para designar aquêles anzóis, também subiu até os Andes, acompanhando-os, e aí se generalizou.

Já dissemos quão densa era a população ameríndia da Amazônia ao tempo em que o grande rio começou a ser conhecido. Refere o primeiro piloto da viagem de Pedro Teixeira que, a respeito da quantidade de silvícolas que lhe povoavam as margens e as ilhas, teve Bento de Acosta as seguintes palavras: “Eram tão numerosos os índios que, se um dardo caísse do ar, iria bater na cabeça de um dêles e não cairia ao solo.” Desconte-se embora o exagêro da tirada, bem ao sabor da época, principalmente quando partida de um espanhol, e há-de se ter sempre diante dos olhos uma paisagem a que nunca faltou a animação da figura humana.

Aliás, isso se confirma nas relações que nos deixaram Carvajal e Acuña, onde não há página em que não se fale do encontro com novos índios, alguns dêles pertencentes a grandes e poderosas nações.

E isto apenas entre as populações ribeirinhas, aquelas que lhes iam aparecendo, sem que as procurassem, à medida que desciam o rio. O segundo dêsses cronistas dá o nome de cento e seis tribos com quem tratou ou de que ouviu falar; e em certa passagem da sua narrativa diz que por ali viveriam umas cento e cinqüenta nações.

Markham avalia em setecentas as tribos que habitavam o grande vale e Mariano Rivero orça em duzentos

e oitenta os diferentes idiomas em curso na região. Só para o Estado do Amazonas, Lourenço da Silva Amazonas cita duzentos e quarenta e três tribos, cifra exígua se nos lembrarmos das setenta e oito enumeradas por Alexandre Rodrigues Ferreira para o rio Negro e as trinta que Alfredo Wallace menciona para o Uaupés, apenas um afluente daquêle.

Ainda que um melhor conhecimento dos vários grupos linguísticos, só conseguido mais modernamente, faça ver que alguns dêsses cálculos devem ir além da realidade, estatística recente de Chestmir Loukotka assinala para o Brasil trinta e sete grupos ou troncos indígenas com duzentas e trinta e nove tribos e dezenove sub-tribos. Ora, boa parte dêstes grupos, e dos mais importantes, está largamente representada na Amazônia, em cujo ambiente encontrou o ameríndio condições das mais propícias à sua proliferação e desenvolvimento.

Se difícil, para não dizer impossível, seria avaliar a população da Hiléia ao tempo da descoberta, e tendo sido, daí para cá, principalmente nos três primeiros séculos, sua dizimação tremenda e impiedosa, escritor moderno ainda estima para os dias atuais em um milhão e quinhentos mil os aborígenes da Amazônia tropical, sendo que dêstes apenas uns duzentos ou trezentos mil estariam distribuídos pelas repúblicas espanholas vizinhas, sobretudo a Bolívia e o Peru, cabendo o restante ao nosso território. Mas não sabemos em que se apoiam êsses cálculos quase impraticáveis e talvez exagerados, embora escapem ao seu conjunto total os aborígenes das três Guianas, cujas tribos quase tôdas também estão incluídas na mesma região.

Conforme pondera Nordenskiöld, embora, no primeiro momento, a asserção possa parecer paradoxal, é justamente onde a vida decorre fácil e feliz que o homem, com tempo bastante diante de si, faz o maior número de descobertas e invenções. E confirmando isto, o mesmo autor aponta várias e importantes aquisições que, no domínio da cultura material, se devem exclusivamente aos índios amazônicos.

Haja visto o conhecimento da mandioca, do abacaxi, do guaraná, do curare, da rêde, da canoa de casca, do refôrço da cerâmica por meio das espículas de um espon-

jiário, conforme já assinalámos no capítulo referente à arqueologia, e também de alguns utensílios muito necessários à manipulação da mandioca, como o tipiti, o ralador e o abano de palha.

Se algumas dessas descobertas e invenções só tiveram proveito no estilo de vida ameríndia, outras repercutiram fortemente até nós e foram de grande alcance para o mundo civilizado. Cite-se desde logo a mandioca, ainda hoje um elemento básico na alimentação da nossa gente, e ainda a rêde, que de uma maneira tão engenhosa resolveu o problema da dormida nos climas quentes, como, para as regiões polares, embora com muito menor projeção, já o resolvera o esquimau com a sua cabana de gêlo.

Parece que o conhecimento do látex coagulável de algumas plantas também teve ocorrência em outras partes da América; entretanto, merece ser consignado que foi na Amazônia, através dos Omáguas, que se logrou o melhor produto dêsse gênero e também o seu aproveitamento, por pura iniciativa indígena, no fabrico de seringas, bolas e anéis elásticos. A seringa, principalmente usada pelo ameríndio para clisteres de efeito inebriante, entre os quais aquêle em que se empregavam as sementes do paricá ou rapé de Niopó, tornou-se logo tão vulgarizada que o seu nome passou a designar a própria árvore de que se conseguia matéria prima para a sua confecção, ficando destarte a nossa Hévea até hoje conhecida por *seringa* ou *seringueira*.

Como se vê, diante dêsses índios que tantas provas deram de inteligência e espírito empreendedor na sua adaptação à vida na floresta tropical, longe estamos daquêles índios brancos, os tais *índios bravos* com que foram também confundidos, uma vez que, como já dissemos, quase todos falavam outras línguas que não o tupi-guarani.

Diga-se que, além de ignorância, sempre houve da parte do ádvena europeu o maior interêsse em menoscabar o aborígene, fazendo-o um ser quase irracional, bem pouco afastado dos animais. Para o missionário, sequioso de implantar a sua doutrina e os preceitos da moral cristã, êle seria, quando muito, uma criatura digna da maior compaixão, pois que de alma turva e espírito carregado de abusões.

Para o conquistador, ávido da fortuna e do maior número de braços que por êle e para êle pudessem conseguí-la, uma prêsa fácil para o trabalho sob o rêlho do feitor. E aos que contra isso se opusessem, rebeldes ao descimento para os *currais*, onde os esperavam o jugo e os maus tratos, então a caça impiedosa e o extermínio em massa.

O curioso é que a despeito dos quatrocentos anos já decorridos desde a bula de Paulo III, com a qual advertia de que os índios eram homens feitos à imagem de Deus, essa idéa de ver no primitivo quase um ser irracional tanto se enraizou no espírito do branco, que, ainda hoje, o suposto civilizado, quanto mais próximo está do silvícola, pela sua falta de cultura, tanto mais dêle se julga distanciado.

Um escritor moderno, percorrendo o México e o Peru, impressionou-se com a seguinte frase, ouvida muitas vêzes dos plantadores em relação aos índios a seu serviço:

— “*Non son gentes, señor, son animales.*”

Lembre-se também de qué há pouco mais de trinta anos, numa grande companhia peruana que, no Putumaio, explorando a borracha, ganhou triste celebridade pelos horrores cometidos contra o elemento indígena, por ela sujeito ao mais duro regime de escravidão, os capatazes de turma, uma récua de bandidos, eram chamados *racionales*, para que confusão não pudesse haver entre êles e os pobres silvícolas.

Tendo por mero escopo ressaltar e comprovar pela documentação iconográfica alguns traços da cultura material observada entre os atuais índios da Hiléia, não nos deteremos sôbre os caracteres antropológicos, sociológicos e animalógicos das muitas tribos que ainda a povoam, embora daí também nos adviessem novos elementos com que situá-las em nível bastante superior àquêle que por muito tempo lhes foi atribuído.

Todavia, não nos furtaremos ao gôsto de citar algumas opiniões que vêm em abono do que acabamos de dizer e são tanto mais valiosas quanto expendidas por estrangeiros, quase todos cientistas de alto renome, que observaram lóngamente os nossos índios e não tinham qual-

quer motivo para emitir conceitos que visassem o nosso agrado.

De início, acentue-se que a impressão dêsses viajantes era sempre e cada vez melhor à medida que, deixando a costa e as margens fluviais, alcançavam contacto com as tribos mais afastadas, isto é, com os índios mais puros, aquêles que ainda não tinham sido desmoralizados pelo comércio com os brancos.

Assim aconteceu com Martius que, primeiramente, muito pessimista nos seus juízos sôbre o nosso ameríndio, enquanto apenas lhe conhecera o tipo já desculturado, mais tarde, quando no Amazonas, deixava escapar da pena as seguintes palavras a respeito de uma índia Pacé: “A mulher do tuxaua Albano tinha traços tão regulares, olhos tão brilhantes e o físico tão bem proporcionado que com a sua boquinha negro-azulada até na Europa causaria sensação.” O mesmo sucede ao Príncipe Adalberto da Prússia que, ainda guardando nos olhos o aspecto feroz e desconfiado dos Puris e Coroados que vira no vale do Paraíba, pasma de surpresa e admiração ante a beleza, a fôrça e a afabilidade de trato dos índios que vai encontrar na Amazônia. E vem-lhe esta tirada ao observar alguns índios que remavam numa canoa: “Artistas deviam visitar estas regiões. A vista de tão belas formas e atitudes traz a recordação de estátuas da antiguidade, pois entre êste povo o livre desenvolvimento da fôrça e da forma do corpo não é prejudicado pelas roupas e pela efeminação; tudo é natural e a afetação é desconhecida, tanto nas atitudes como nos movimentos.” É também grande o contraste de reflexões emitidas por Clough, que, depois de achar sujos e relexados os aborígenes semi-civilizados da costa, chega ao entusiasmo quando, subindo o Solimões, defronta índios de tribos mais selvagens. E diz, então, a respeito dos Iáguas: “São decididamente belos; a simetria e proporção das suas figuras torna-os dignos modelos para o cinzel de um Policleto ou de um Fídias.” Aliás, êsse paralelo entre a figura do índio e as da estatuária antiga é dos que ocorrem mais freqüentemente. Humboldt também dêle se serve ao ver na aldeia Cari, no Orinoco, um numeroso bando de Caraíbas, cada qual mais esbelto

e mais forte. E agora, Alfredo Wallace: “Comparando a opinião de outros viajantes com as minhas próprias observações, os índios do vale do Amazonas aparecem como muito superiores, tanto física como intelectualmente, aos do sul do Brasil e de muitas outras partes da América do Sul; êles mais se aproximam das inteligentes e nobres raças que habitam as planícies do oeste da América do Norte.” E em outro tópico, ainda sôbre os mesmos índios: “Em muitos, de ambos os sexos, existe a mais perfeita regularidade de traços, e são numerosos aquêles que só na côr da pele diferem de bem parecidos europeus. Suas figuras são soberbas e diante das mais perfeitas estátuas eu nunca senti prazer igual ao que encontrava admirando êsses modêlos vivos da beleza a que podem atingir as formas humanas.” Abonando Wallace, cujos conceitos se referem a índios da mesma região, diz Spruce que achou alguns silvícolas do rio Negro de feições muito perfeitas e não fôsse a ligeira obliquidade dos olhos haveria pouco com que distinguí-los de muitos europeus. E conclui afirmando que os índios do Uaupés estão entre os mais finos aborígenes sul-americanos. Koch-Grünberg, também na bacia do rio Negro, encontrou entre os Taurepãs algumas índias que, no seu dizer, se poderiam colocar entre as mulheres mais formosas do mundo. Ainda o mesmo choque, provocado pela diferença entre os índios abastardados do litoral e os índios extremes de vícios do interior, resalta do livro de Richard Schomburgk. Aí, aos grosseiros e desleixados Uarraus êle contrapôs os Acauaios, Uapixanas, Macuxis e Arecunas, entre os quais admira tipos muito belos e da mais vigorosa compleição. E chega a um verdadeiro hino quando louva os encantos de duas indiazinhas gêmeas que, no seu entender, só precisariam de uma companheira para que se completasse o mais harmonioso quadro das Três Graças. Aliás, se todos êsses juízos, acordemente lisonjeiros, decorrem de uma simples impressão visual, estudos mais atentos, como aquêles de que nos dá conta um relatório médico das expedições de Hamilton Rice, depõem ainda a favor do aspecto físico e da robustez do nosso ameríndio, consoante os exames realizados entre tipos de várias tribos da região

do rio Branco, pois que todos foram encontrados saudáveis e bem nutridos, sendo que alguns dêles poderosamente arcabouçados e extremamente fortes.

Destarte, mesmo que não cheguemos aos exagêros do Padre João Daniel que, referindo-se a um índio, assim se expressava: “Rapagão também alvo, branco e rosado como um inglês”, já podemos ver quão longe estamos daquêle silvícola de aspecto sempre repulsivo, corpo tôsko e face alvar ou bestial, quando não um verdadeiro monstro de olhos no peito e pés para trás, conforme, ao sabor da sua fantasia, o pintaram alguns dos nossos mais antigos cronistas.

E agora alguns traços morais que também apaguem as falhas graves, por vêzes irreparáveis, igualmente apontadas no caráter do nosso índio.

Quanto à sua apregoada ferocidade, são os próprios primeiros viajantes que a desmentem. Já diz Acuña, o companheiro de Pedro Teixeira: “São mansos e de natural pacífico, como se verificava dos que saíam ao nosso encontro, que com grande confiança conversavam, comiam e bebiam entre os nossos, sem nada temer.” E a melhor prova dêsse seu espírito de cordura fornece-nos a viagem dos dois religiosos Frei Diogo de Brieva e Frei Domingos de Toledo que, em 1636, apenas na companhia de seis soldados, puderam vir de Quito ao Pará sem sofrer qualquer dano do numeroso gentio com que tiveram de se defrontar durante a longa e perigosa jornada, pelas águas do rio-mar.

Propalou-se que os índios não tinham nas suas línguas o *f*, o *l* e o *r* e que assim não podiam ter nem *fé*, nem *lei*, nem *rei*. Pura estultícia, em todos os sentidos. Se a sua fé era outra, todos êles, dentro das suas tabas, obedeciam a uma chefia e viviam na mais absoluta moralidade. Esta *absoluta moralidade* não é nossa, mas de Im Thurn, o etnógrafo inglês que teve íntimo e prolongado convívio com muitas tribos guianenses.

Da sua fidelidade, dá-nos testemunho Schomburgk que, por vêzes, por contingência de viagem, se viu forçado a confiar a uma ou outra tribo a guarda da sua bagagem, sempre escrupulosamente respeitada, ainda mesmo que os

silvícolas não ignorassem que, dentro daquelas caixas, que lhes eram entregues, havia coisas das mais tentadoras para êles.

A Dra. Emília Snethlage, durante a sua arrojada travessia entre o Xingu e o Tapajós, entregou-se corajosamente à proteção de alguns índios que lhe prometeram e cumpriram à risca levá-la até as proximidades do primeiro barracão de seringueiros. Como muito bem destaca a ilustre ornitologista, nada mais fácil a êsses índios, entre os quais ela viajava sòzinha, do que abandonarem, pelo caminho, aquela pobre mulher indefesa, que já vinha bastante doente, razão pela qual, a marcha, freqüentemente interrompida, se arrastou por longos e fastidiosos vinte e seis dias, pela solidão das florestas.

Conforme atestam todos êsses autores que vimos de citar e ainda muitos outros de igual responsabilidade, é na sua maloca, quando ainda no *seu* meio e fazendo a *sua* vida, que se precisa conhecer o nosso índio. Aí, zeloso das suas ocupações, ora entregue à caça ou à pesca, que não são nenhum divertimento, mas encargos de capital importância para o sustento da tribo; ora dedicado à confecção dos muitos utensílios de que carece, pois que todos lhe saem das mãos: arcos e flechas, arpões e zarabatanas, obras de trançado, adornos e instrumentos de música; ora fazendo as derrubadas e preparando as roças em que as mulheres irão plantar; ora fazendo canoas, levantando casas ou empreendendo longas viagens para conseguir as plantas necessárias ao preparo das suas tintas e venenos; — é aí, na sua maloca, que se há-de encontrar um tipo bem diverso daquêle que trazido bruscamente ao contacto do branco, perde todos os seus estilos de vida e será forçosamente um ocioso para nós, como nós, no seu meio e perante êles, não passaremos também de uns grandes madraços. E a propósito, conta Schomburgk que, quando hospedado numa tribo, falava, a gracejar, na possibilidade dêle ou de um dos seus companheiros europeus vir a casar-se com alguma índia, logo ouvia de uma delas objeções como esta: — E para que é que vocês nos serviriam, se já estão aqui há quatro semanas e difficilmente mataram um veado ou um pato e não pescaram nada . . .

Sempre na sua maloca, ainda encontraremos um índio que nada tem de falso e desconfiado, bronco e canhestro, arredio e taciturno, mas é antes leal e prestimoso, inteligente e hábil, comunicativo e afável, reparando com os que lhes são caros sentimentos de afeto e atenção. Nada do silvícola que abandona os velhos e apressa a morte dos doentes. Até entre os Botocudos, tribo das mais primitivas, o Príncipe Maximiliano viu um rapaz cheio de cuidados junto ao pai que era cego e a que êle, servindo de guia, acompanhava por tôda parte. Ainda do mesmo viajante lembre-se a observação, feita na mesma tribo, de um pai que teve lágrimas nos olhos ao abraçar-se comovidamente com um filho, ausente por muito tempo.

Schomburgk, que chama aos índios, que o acompanharam durante as longas incursões pelo interior da Guiana, de seus "companheiros amados e queridos", também nos relata uma cena bastante significativa do respeito e do carinho que lhes merecem os mortos mais extremados. Morrera um chefe de família e o seu enterramento, conforme já prescrevera o pastor protestante, não poderia ser mais realizado no chão da própria maloca, como se processara até ali. Por isso, o corpo teve de ser transportado até certo ponto já distante da aldeia, onde os próprios filhos lhe abriram a sepultura. Pois bem, enquanto isto, mãe e filha, infatigáveis de solicitude, sentadas junto ao cadáver, afugentavam os insetos que lhe voejavam em torno e evitavam que os raios do sol lhe causticassem as faces.

Não é raro ouvir-se dizer que os índios pouco pesaram na formação da nossa nacionalidade. Isso, na bôca de gente culta, chega a ser quase uma *boutade*. Respondendo a todos, e de uma maneira irrefutável, aí está o capítulo segundo da CASA GRANDE E SENZALA, em que Gilberto Freyre, com exaustiva documentação e a sua aguda visão dos problemas que nos dizem respeito, põe em evidência o papel preponderante que teve o indígena, mas principalmente a mulher indígena, em vários "complexos característicos da moderna cultura brasileira."

E essa influência do ameríndio é tanto maior e mais profunda quanto mais nos aproximamos do extremo norte do país. Aí, principalmente na Hiléia, por tôda parte se sente a presença do índio, aquêle mesmo índio que foi guia prestante aos seus primeiros desbravadores e sem o auxílio do qual talvez não nos tivessem cabido a posse e o domínio do imenso vale.

Mas mesmo nos dias que correm, embora rechaçados dentro das suas próprias terras e em situação cada vez mais angustiosa e periclitante, os índios que aí vivem continuam a ser um elemento de extrema valia para os que dêles se acercam. Exemplo disto nos dá o Major R. Hingston que, em 1928, chefiou, pela Universidade de Oxford, uma importante missão científica ao interior da Guiana Inglêsa. Pois bem. A despeito de tôda a maquinaria moderna de que se haviam provido os expedicionários, diz o Major que a maioria dos seus desígnios teria fracassado se não fôra a inestimável colaboração de alguns índios, tomados a seu serviço, e a respeito dos quais não tem mão nos elogios. Embora longo, merece ser citado o seu depoimento: “Êstes homens eram esplêndidos camaradas, quietos, bem dispostos, alegres, engenhosos e particularmente interessados nas nossas atividades. Muitos dêles tinham nascido naturalistas, atilados e precisos nas suas observações, e não houve dia em que nós não os consultássemos repetidamente sôbre assuntos relativos à vida na floresta. Em qualquer trabalho que requeresse cuidado e paciência, tal como esvaziar passarinhos, preservar plantas, colher, alfinetar e separar insetos, êles se mostravam mais aptos do que a média dos europeus. Para uma entrada no mato, são indispensáveis. Para nós, êles eram caçadores, trepadores de árvores, canoeiros, taxidermistas, derrubadores de pau, construtores de acampamento, pescadores, abridores de estradas e realizavam centenas de outros deveres necessários e relacionados com a vida no mato”.

Dêses e de outros índios que ainda vivem na Hiléia, é de que nos vamos ocupar, agora, nas páginas subseqüentes, estudando-lhes os principais aspectos da cultura ma-

terial. E há-de se ver, então, pelos seus trabalhos de miçanga, pelas suas obras de espartaria, pelos seus enfeites de penas, enfim, pelo bom gôsto e apurado acabamento artístico de tudo o que concebem e realizam com a máxima perfeição, que êles não são de nenhum modo os irmãos bastardos dos Tapajós, Omáguas ou Curizaris, que tantos gabos receberam de Acuña, Heriarte e outros cronistas que ainda os conheceram, nem tão pouco são filhos espúrios daquêles outros que na foz do Amazonas nos deixaram tão evidentes provas da sua civilização.

B I B L I O G R A F I A

- ACUÑA (P. Cristobal de) — *Nuevo Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas*. Madrid, 1891.
- AMAZONAS (Lourenço da Silva Araujo e) — *Dicionário Topográfico, Histórico, Descritivo da Comarca do Alto Amazonas*. Recife, 1852.
- BAKER (J. N. L.) — *A History of Geographical Discovery and Exploration*. London, s/d.
- BALDUS (Herbert) — *A Obra de Karl von den Steinen*. ("Revista do Arquivo Municipal". Vol. L. São Paulo, 1938).
- BALDUS (Herbert) — *A Viagem pelo Brasil de Spix e Martius*. ("Revista do Arquivo Municipal". Vol. LXIX. São Paulo, 1940).
- CARVAJAL (Fr. Gaspar) — *Descubrimiento del Rio de las Amazonas*. Sevilla, 1894.
- CLOUGH (R. Stewart) — *The Amazons, Diary of a Twelvemonth's Journey*. London. S/d.
- DANIEL (Padre João) — *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomos II, III e XLI. Rio de Janeiro).
- ESPADÁ (Marcos Jimenez de la) — *Viaje del Capitan Pedro Teixeira Aguas Arriba del Rio de las Amazonas (1638-39)*. Madrid, 1889.
- FREYRE (Gilberto) — *Casa Grande & Senzala*. 1.ª edição. Rio de Janeiro, 1933.
- GARCIA (Rodolpho) — *Etnografia Indígena*. ("Dicionário Histórico, Geográfico, e Etnográfico do Brasil". Introdução Geral. 1.º Vol. Rio de Janeiro, 1922).
- GRUBB (K. G.) — *The Lowland Indians of Amazonia*. World Dominion Press. London, 1927.
- HARDENBURG (W. E.) — *The Putumayo. The Devil's Paradise*. London, 1912.
- HINGSTON (Major R. W. G.) — *A Naturalist in the Guiana Forest*. London, 1932.
- IM THURN (Everard F.) — *Among the Indians of Guiana*. London, 1883.
- KRAUSE (Dr. Fritz) — *Nos Sertões do Brasil*. Trad. de Egon Schaden. ("Revista do Arquivo Municipal". Vols. LXVI a LXXXIII. São Paulo).
- LOUKOTKA (Chestmir) — *Línguas Indígenas do Brasil*. ("Revista do Arquivo Municipal". Vol. LIV. São Paulo, 1939).
- LOWIE (Robert) — *Manuel d'Anthropologie Culturelle*. Trad. par E. Métraux. Paris, 1936.
- MARKHAM (Clement R.) — *Expeditions Into the Valley of the Amazons*. Translated and edited by the Rev. Dr. George Edmundson. London, 1859.
- Medical Report of the Hamilton Seventh Expedition to the Amazon, in Conjunction with the Department of Tropical Medicine of Harvard University*. Cambridge. Harvard University Press, 1926.

- MEILLET (A.) et COHEN (Marcel) — *Les Langues du Monde*. Paris, 1924.
- MÉTRAUX (A.) — *La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi-Guarani*. Paris, 1928.
- MONTANDON (George) — *Traité d'Ethnologie Culturelle*. Paris, 1922.
- NORDENSKIÖLD (Erland) — *Comparative Ethnological Studies*. 2 vols. Goteborg, 1919-1924.
- NORDENSKIÖLD (Erland) — *Modifications in Indian Culture Through Inventions and Loans*. ("Comparative Ethnographical Studies". Vol. 8. Goteborg, 1930.
- NORDENSKIÖLD (Erland) — *Origin of the Indian Civilizations in South America*. ("Comparative Ethnographical Studies". Vol. 9. Goteborg, 1931.
- PERICOT Y GARCIA (Luis) — *América Indígena*. Tomo I. Barcelona, 1936.
- ROQUETTE-PINTO (Edgard) — *Etnografia Indígena do Brasil*. (Separata dos "Anais do 4.º Congresso Médico Latino Americano", realizado no Rio de Janeiro em 1910).
- SCHOMBURGK (Richard) — *Travels in British Guiana*. Translated by Walter E. Roth. Georgetown, 1922.
- SCHURZ (W. L.) — *The Amazon, Father of Waters*. ("The National Geographic Magazine". Vol. XLIX. N.º 4. Washington, 1926).
- Scientific Resultats of the Oxford University Expedition to British Guiana*. ("British Guiana Papers". London, 1938).
- SNETHLAGE (Dra. Emília) — *A Travessia entre o Xingu e o Tapajós*. ("Boletim do Museu Goeldi". Tomo VII. Belém, Pará, 1910).
- SPIX (J. B. von) e MARTIUS (C. F. P. von) — *Viagem pelo Brasil*. Trad. brasileira promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 4 vols. Rio de Janeiro, 1938.
- SPRUCE (Richard) — *Notes of a Botanist on the Amazon and Andes*. 2 vols. London, 1908.
- Travels of his Royal Highness Prince Adalbert of Prussia*. Translated by Sir Robert Schomburgk and John Edward Taylor. 2 vols. London, 1949.
- WALLACE (Alfred Russel) — *Travels on the Amazon and Rio Negro*. Fifth Edition. London, 1895.
- WHIFFEN (Thomas) — *The North-West Amazons*. London, 1915.

DECORAÇÃO DAS MALOCAS

O índio, que tanto gosta do enfeite individual, quase nunca se preocupou com a decoração da sua maloca. Assim, mesmo entre os bons etnógrafos, só excepcionalmente encontrar-se-á qualquer referência a objetos artísticos ou motivos decorativos que façam parte integrante da casa, servindo ao seu embelezamento, quer externo, quer interno.

Falando em ornamentação integrante do corpo das edificações, ficam excluídas, já se vê, peças do mobiliário quase inexistente, mas entre as quais, afora as rêdes, não podem ser esquecidos os interessantes banquinhos — aliás, para Nordenskiöld, elemento cultural amazônico — fal-

queados num só bloco de madeira e que, além de pintados, amiúde tomam a forma de animais, como onças, jacarés e jaburus.

Dignos ainda de assinalamento são certos objetos em que se testemunha o evidente desejo do adorno caseiro. Tal é o caso de algumas figuras zoomórficas, quase sempre aves (jaburus, anhingas, andorinhas), feitas com espigas de milho, ainda revestidas da sua palha. Esses bichos, às vezes em tamanho natural, ficam suspensos à cumieira em atitude de vôo, ou são equilibrados, de pé, sobre as traves transversais do teto, mostrando-se não raro tão perfeitos que se diriam vivos. Para alguns autores, essa é apenas uma maneira artística de que lança mão o ameríndio para guardar o cereal a ser aproveitado mais tarde. Diga-se, porém, existirem outros manufaturados exclusivamente com a palha do milho ou com fôlhas de palmeira, e que não têm, portanto, qualquer fim utilitário, a não ser servirem de alvo às pequeninas setas, sem veneno, com que os indiozinhos, desde cedo, se exercitam no sôpro da zarabatana. Exemplo disso é um belo carará, de asas raiadas de prêto, reproduzido num dos trabalhos de Koch-Grünberg, e cujo corpo está traspassado por um dardo. Encontram-se também bonecas de barro ou de palha entre os brinquedos das crianças e, às vezes, como sinal de festa no aldeamento, as do último tipo são levantadas num pau, sobre as casas.

Ornamento bastante mais raro foi o que Whiffen apreciou em uma das malocas dos Uitotos, do Japurá: duas estátuas de madeira, pintadas a côres, e que representavam um homem e uma mulher, em tamanho natural.

Dizíamos, porém, que o ameríndio bem poucas vezes se lembra de embelezar os seus interiores e não será difícil explicar as razões dêsse seu descaso pelo que tanto agrada aos civilizados. Em primeiro lugar, por melhor que lhe seja o acabamento, mas dado o material com que é feita, a habitação indígena nunca será uma construção duradoura. Por outro lado, muitos são os motivos que levam os seus moradores a abandoná-la com freqüência. Motivos de guerra em que, não raro, as choças são queimadas pelo inimigo. Motivos de doença ou morte. Esgotamento das

terras próximas, em que fazem as roças. Escassez da caça e da pesca.

Mas há mais ainda. No que se refere à decoração dos tetos e paredes, esta não poderá ser feita diretamente sobre a palha ou o barro ⁽¹⁾ empregados nas construções. Quando muito, terá de ser realizada em painéis, só depois aplicados sobre as superfícies de revestimento. Acrescenta-se, porém, que no interior das casas, êsses mesmos painéis dificilmente resistiriam à contínua fumaceira que se desprende dos fogos sempre acesos e que tudo tismam de fuligem. Tanto assim que, para os seus adornos mais delicados, principalmente os de plumária, têm os índios cuidados especiais, mantendo-os sempre dentro de câstos bem fechados. Há mesmo em algumas tribos uma casinha à parte, destinada exclusivamente à guarda das máscaras só utilizadas nos dias de festa. Se êsse uso parece obedecer a certas superstições, pois que às mulheres é vedado o ingresso nesses recintos sagrados, pode-se também pensar que tal prática visa a melhor conservação de peças muito trabalhosas, e que devido às suas dimensões, dificilmente seriam preservadas como os objetos menores.

Contudo, a despeito de tantos impecilhos, há uma ou outra tribo que se tem destacado por pequenos ensaios de ornamentação das suas malocas, seja por desenhos, a traço preto ou de côr, sobre os postes e travessões que lhes sustentam a cobertura, seja pela aposição às suas paredes de painéis ou frisos também com representações pictográficas.

Êstes painéis, como Von den Steinen os viu numa aldeia Bacairi do Xingu e o Rev. P. P. Kok entre os Tucanos do Papuri, afluente do Uaupés, são sempre feitos com o mesmo liber ou entrecasca de certas árvores (Moráceas, Esterculeáceas), que lhes serve também para o preparo das grandes máscaras, cobertores, tapa-rabos, saquinhos e tudo o mais em que possa substituir o pano

(1) O barro só excepcionalmente será utilizado nas edificações indígenas. Na verdade, os fatores climáticos e a riqueza da flora fazem com que seja sempre preferido o material vegetal, principalmente fôlhas de palmeira. Todavia, certas tribos que vivem em campo aberto de regiões altas, mais expostas, por isso, ao vento e ao frio, protegem as suas casas circulares, de cúpula de palha, com espessa parede de barro. Assim acontece com os Macuxis e Arecunas, com aldeias já nas cercanias do Roroimã.

que lhes falta. *Tururi* é o nome que em língua geral se dá a essa estôpa natural e que abrange ainda a espata de certas palmeiras, aproveitada também para o mesmo fim.

O friso da maloca Bacairi era bastante tôsko. Sôbre um fundo prèviamente enegrecido a fuligem, tinha todos os seus desenhos feitos com argila branca ou amarela. Nêle se viam representados, além de pontos, anéis, triângulos e quadriláteros, alguns peixes e, repetidamente, o pequeno triângulo de folíolo de palmeira, chamado *uluri*, que as mulheres da tribo trazem sôbre o púbis, à maneira de tanga.

Mais ricos de colorido e também com motivos mais variados são os painéis descritos pelo Rev. Kok entre os Tucanos, Deçanas, Piratapuias e outras tribos do alto rio Negro. Ali, sôbre o mesmo fundo negro de picumã, mas pintados a duas côres, vermelho e prêto azulado, apareciam serpentes, máscaras de dança e até uns arremedos de veleiros e vapores. Estas duas últimas representações provavam que alguns daquêles índios já teriam descido, com os brancos, até Santa Isabel ou mesmo Manaus.

Quase sempre essas guarnições de parede eram vistas nas *casas de dança*, isto é, nas choças especialmente destinadas às festas.

Pelo que diz Kok, a tinta vermelha empregada pelos indígenas e a que chamam *eengenonja* parece ser o carajuru que, ao lado do urucu, é dos corantes encarnados mais em uso entre os aborígenes. Quanto à tinta prêto-azulada, conhecida por *ueé*, era obtida pela torrefação das fôlhas de três arbustos, não se tratando, portanto, do tão divulgado suco de genipapo.

Kock-Grünberg, que também privou com índios da nação Tucano, refere-se a painéis semelhantes, mas então dispostos na parede externa das casas, já se vê que quadrangulares, e nos quais, a quatro côres, prêto, vermelho, amarelo e branco, se podiam admirar não só alguns modelos dos trançados usados na tribo, mas também figuras de homens, animais e utensílios domésticos.

Foi ainda entre índios do Uaupés (Cobeuas, Uananas), que o mesmo autor viu figuras humanas com um metro e um metro e meio de altura, pintadas a branco e amarelo, sôbre fundo vermelho escuro, nas vigas verticais de sustentação do teto. Essas figuras por vêzes se estilizavam tanto que perdiam os seus caracteres antropomórficos.

O painel reproduzido na nossa prancha XXXVII ⁽¹⁾ provém da mesma região, embora não nos fôsse possível precisar por que índios do grupo Tucano teria sido executado. O autor adquiriu-o em Manaus de um colecionador que nem sempre tinha dados seguros sôbre a procedência dos seus objetos etnográficos. A peça, feita numa só fôlha de líber, bastante grossa, tem 1,75m de comprimento por 1,35m de largura. Alguns dos motivos nela representados, mostram que o artista já tivera também contacto com a civilização. Assim, os dois homens, que aparecem vestidos, um naviozinho (tipo dos *gaiolas* que percorrem os rios da Amazônia) e até uma tesoura que, pela regularidade dos contornos, deve ter sido decalcada sôbre o próprio original.

Merece menção o exibicionismo dos bonecos, cujas calças, de braguilhas fechadas, não conseguem vesti-los de todo. É que o índio, por mais que se esforce, há-de sempre ver nu o seu semelhante. Aliás, essa necessidade da representação de certas partes do corpo nos seus desenhos, já fôra notada por Von den Steinen, quando se achava entre os Bacairis. Dêste modo, sempre que os índios faziam o seu *retrato* ou o de seu primo, ambos vestidos e de frente, nunca deixavam de figurar-lhes o sexo, o umbigo e . . . até o que só poderia ser visto se êles estivessem de costas e em posição bastante forçada.

Mas tornemos à ornamentação dos interiores indígenas, para nos referirmos, especialmente, a uma das mais raras e belas peças visando a êsse objetivo. Dela, do que pudemos apurar, só existe uma referência, feita por Crevaux, no seu VOYAGES DANS L'AMERIQUE DU SUD.

(1) Ao contrário das outras pranchas de Arqueologia e Etnografia, tôdas devidas à Srta. Hilda Veloso, a aquarela que reproduz êste tapête foi executada pelo nosso amigo Sr. Georges Julien Simoni.

Quando êsse médico francês descia o Jari, por volta de 1870, teve ocasião de admirar, e depois de adquirir, um lindo disco de madeira, que servia de remate ao poste central de uma das malocas circulares dos índios Urucuianas. Tão belo era êsse enfeite, todo pintado a côres, branco, amarelo e vermelho, que Crevaux teve a impressão de estar diante de um verdadeiro mosaico. E querendo conhecer a significação das figuras que nêle apareciam, uma rã e vários monstros fabulosos, ouviu do tuxáua a seguinte explicação. A rã, em atitude de salto, exprimia o anseio dos Urucuianas, querendo vencer as cachoeiras do Jari para ir ver os brancos que moravam mais em baixo. Mas êsse desejo dêles era obstado pela fôrça das mesmas cachoeiras, ali representadas pelos tais animais fantásticos, espécie de dragões apavorantes.

Mais tarde, entre os Apalaís, também do Jari, Crevaux teve ensejo de ver outros ornamentos semelhantes, sempre engastados na viga mediana, e servindo de remate interno ao teto das malocas em forma de colméia.

Pois bem. Passa-se mais de meio século e, agora, em 1938, alguns membros da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites — Setor Norte, têm a ventura de encontrar e adquirir uma peça em tudo igual à que foi descrita por Crevaux. O mais curioso é que êsse adôrno foi também conseguido no Jari e dos mesmos índios Urucuianas.

Graças à muita gentileza do Com. Braz Dias de Aguiar, podemos reproduzir aqui, na prancha XXXVIII, dois aspectos dêsse esplêndido enfeite, que se acha, hoje, em Belém do Pará, na séde da aludida Comissão, de que é chefe aquêle ilustre oficial da nossa Marinha.

O disco, tirado num corte transversal de árvore, talvez um cedro, tem 0,78m de diâmetro e cêrca de 0,05m de espessura. Infelizmente, não foi possível obter que os índios lhe interpretassem os desenhos, mas que, certamente, não-de ter também alguma significação simbólica. Nos dois casos, conforme relata Crevaux e confirma a Comissão de Limites, o disco era sempre uma insígnia de chefe e estava localizado na casa do tuxáua. Segundo informações colhidas no local, o fundo da peça, todo prêto, teria sido prèviamente carbonizado, para que depois se lhe

fizessem as pinturas (1). Assinale-se a riqueza das suas côres, entre as quais avulta o azul, tinta das mais raras na paleta do índio sul-americano. Tratar-se-à do nosso anil, desconhecido do silvícola, mas que pode ter chegado às mãos dos Urucuianas através do civilizado? É verdade que Roth nos fala de uma bela tinta azul conseguida, pelos índios do Essequibo, dos frutos do *Pterocarpus guianensis*. Não sabemos se esta planta existirá na região do Jari, mas como para a troca entre os aborígenes não há distâncias... Por outro lado, convém não esquecer que os Urucuianas, também conhecidos por Guianas, Uaianas, e Oianas, espalham os seus aldeamentos por terras das Guianas Francêsa e Holandêsa.

E para terminar, diga-se que êses mesmos silvícolas tiveram o seu momento de notoriedade em meados do século XVIII, pois que a êles é imputado o rapto, e para sempre, de uma moça francêsa, Melle. Dujay, que, como desenhista, integrava a expedição do Dr. Patris aos Montes Tumucumaque.

B I B L I O G R A F I A

ANDRADE (Prof. Alfredo de) — *Estudo das Matérias de Origem Vegetal, em uso entre os Índios do Brasil e das Plantas de que procedem.* ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. XXVII. Rio de Janeiro, 1926).

KOCH-GRÜNBERG — *Zwei Jahre unter den Indianern.* Berlin, 1909-1910. 2 vols.

(1) Recentemente, um amigo chamou-nos a atenção para a obra de Frobenius, *História da Civilização Africana*, onde se descrevem peças iguais, também de madeira e com representações simbólicas, encontradas nas cabanas da localidade de Morca, na costa dos Somalis. Ora, para não falar nos pretos Saramacás da Guiana Francêsa e nos *bush-negros* da Guiana Holandêsa, a chamada Guiana Brasileira foi também região das mais procuradas pelos nossos quilombolas, ou prêtos fugidos. O autor destas linhas, subindo o rio Trombetas, em 1928, ainda encontrou remanescentes dêses escravos evadidos que, por meado do século passado, chegaram a formar populosos redutos à margem daquêle e de outros afluentes do Amazonas. Informação recente, ouvida do Coronel Armando Levy Cardoso, que também foi membro da já citada Comissão de Demarcação de Fronteiras, diz-me que na mesopotâmia do Marapi e do Paru de oeste, formadores do Cuminá Grande ou Erepecuru, por sua vez afluente do Trombetas, vive uma tribo de prêtos, os *Mecorô* (talvez corruptela de *negrô*) em estado de completo asselvajamento e fazendo a vida dos nossos índios. O próprio Erepecuru, a engrossar-lhe as águas, recebe o igarapé Urucuiana, cuja toponímia se prende aos índios de mesmo nome, com aldeamentos pelas suas cercanias. Por tudo isso, pelos constantes contactos que, de longa data se terão processado aí entre negros e ameríndios, é muito possível que o tão raro e belo enfeite até hoje só observado nas malocas dos Urucuianas e dos Apalais, tenha buscado inspiração nos modelos africanos. (Nota à 2.ª edição).

- KOK (Rev. P. P.) — *Quelques Notices Ethnographiques sur les Indiens du Rio Papuri*. ("Anthropos", Tomo XX, fasc. 3, 4, 1925 e Tomo XXI, fasc. 5, 6, 1926).
- NORDENSKIÖLD (Erland) — *Comparative Ethnographical Studies*. 2 vols. Goteborg, 1919-1924.
- ROTH (Walter Edmund) — *An Introductory Study of the Arts, Crafts and Customs of the Guiana Indians*. Washington, 1916-1917.
- STEINEN (Karl von den) — *Entre os Aborígenes do Brasil Central*. Trad. de Egon Schaden. São Paulo, 1940.
- IM THURN (Everard F.) — *Among the Indians of Guiana*. London, 1883.
- WHIFFEN (Thomas) — *The North-West Amazons*. London, 1915.

COMPLEXO DA MANDIOCA

Já houve quem observasse que o homem branco, nestes quatrocentos e tantos anos decorridos após a sua instalação no Novo Mundo, jamais descobriu, na flora americana, uma só planta útil, pois que o conhecimento de tôdas aquelas — e são inúmeras — de que se tem aproveitado até agora para fins alimentares, medicamentosos ou industriais lhe veio sempre através do indígena.

Assim aconteceu com o milho, a mandioca, o cacau, a batata, a coca, a quina, a ipeca e a borracha, para só citarmos aquelas de maior importância e cujo uso teve repercussão universal. De algumas, então, como o milho e a mandioca brava, o civilizado recolheu do ameríndio todo o seu complexo, isto é, o conhecimento do melhor terreno e da época mais favorável ao seu plantio, maneira de cultivá-las e multiplicá-las, utilização alimentar das suas sementes ou raízes e utensílios necessários ao preparo dos produtos que as mesmas podem fornecer. Diga-se que no caso da mandioca essas aquisições se acresceram de uma descoberta de valor excepcional: a possibilidade de transformar uma raiz extremamente tóxica numa substância inócua e salutar. Ignora-se ainda como os índios teriam chegado a êsse resultado, mas o fato é que êles já estavam perfeitamente senhores da técnica que, por meio da extração do seu suco leitoso e rico de ácido cianídrico, torna inofensivo o tubérculo da Euforbiácea.

Se os povos primitivos sempre se aproveitaram do Reino Vegetal para a obtenção de tóxicos que seriam empregados nas suas armas de guerra e de caça e também para os seus ordálios, foge à regra que de determinada planta apenas se extraísse o veneno visando torná-la comestível. Daí o pensar-se que o suco letal da mandioca tivesse tido também qualquer utilidade para os índios que, ao procurá-lo, dessa ou daquela maneira, provavelmente pelo esmagamento e expressão das raízes, teriam então verificado que a massa, quando dêle expurgada, perde a sua nocividade. Mas isso são apenas conjecturas, pois quando os europeus aqui aportaram, já o suco da mandioca não tinha qualquer serventia como tóxico, a não ser, talvez, mas isso mesmo muito raramente, para atonar o peixe, à maneira do timbó, conforme uma referência de Martius. Ao contrário, o próprio leite da mandioca, depois de fervido, era também aproveitado pelos índios que o faziam, temperado com bastante pimenta, o caldo principal das suas paneladas de carne e peixe. E é êsse o mesmo tucupi ainda hoje tão apreciado na Amazônia.

Hesita-se ainda em precisar qual teria sido, no Novo Continente, o *habitat* inicial da mandioca. Querem alguns autores que ela seja oriunda da América Central, e que daí é que se tenha divulgado o seu conhecimento pelo Hemisfério Ocidental. Nordenskiöld, entretanto, dá-lhe por bêrço a Amazônia tropical, onde, segundo outros, os Aruaques teriam sido, senão os seus primeiros cultivadores, pelo menos os seus grandes disseminadores. Aruaque, que parece significar *comedor de farinha*, seria até, segundo Chamberlain, um nome pejorativo dado pelas outras tribos a índios que se chamavam primitivamente Loconô ou Lucunu.

Mas tenha nascido aqui ou ali, o fato é que, sob a floresta da nossa Hiléia, a mandioca foi sempre o alimento básico do ameríndio, que não a dispensava nas suas roças e lhe aperfeiçoou o complexo, criando alguns utensílios de grande utilidade para a sua manipulação, como o tipiti, o ralador e o abano de palha.

Antes, porém, de nos determos mais particularmente sobre esse complexo, cujos elementos principais figuram na nossa estampa XXXIX, acentuemos o extraordinário alcance que tiveram para o ameríndio as culturas do milho e da mandioca. Por meio delas, hordas que seriam até então errantes, pois dependiam da caça e da pesca, puderam congregarem-se, fazendo vida sedentária e desenvolvendo-se em civilizações mais ou menos adiantadas. Todavia, essas conquistas no campo da agricultura parecem datar de época bastante remota, uma vez que até hoje jamais se pôde reconhecer, na flora do Novo Continente, qualquer planta selvagem que pudesse ser tida como o ancestral daquêles utilíssimos vegetais. Quanto à mandioca, valerá talvez ser lembrado que Piso, na sua *HISTORIA NATURALIS BRASILIAE*, de 1658, descreve e dá a figura de certo tubérculo, que não é a *manihot utilissima* e que os índios Tadaperias, da costa ao norte do Rio de Janeiro, aproveitavam como alimento. Aliás, a despeito do acolhimento que merecem as informações dêsse autor, tal planta jamais pôde ser identificada por outrem.

Obedecendo a fatores de ordem climática, na América indígena foi muito maior a difusão do milho do que a da mandioca, cujo uso, na dieta diária do ameríndio, só logrou grande expansão nas regiões tropicais, de solo baixo e úmido, revestido de espessas florestas, e onde a cultura daquêle cereal só vingava com dificuldade.

Ao tempo das descobertas, já os indígenas se aproveitavam das duas principais variedades da Euforbiácea: a mandioca doce ou aipim e a mandioca brava. Apenas e, talvez, ainda, por causa de condições mesológicas, nem todos tinham conhecimento dos dois tipos de tubérculos. Assim, por exemplo, se o oeste da América do Sul só estava familiarizado com a mandioca doce e o mar dos Caraíbas com a mandioca brava, em outras regiões fazia-se largo consumo das duas plantas.

Precisando mais êstes fatos, diz-se que só depois de 1500 foi que o aipim chegou ao Haiti, enquanto, segundo Von den Steinen, ainda em fins do século passado, os índios do alto Xingu continuavam a ignorar a sua existência.

A mandioca doce, de consumo fácil, como o da batata e do cará, ambos também de origem americana e que apenas pedem um cozimento prévio, não tem o interesse da mandioca brava, que pôs à prova o engenho do índio, levando-o a uma série de descobertas e invenções, até que conseguisse aproveitá-la em vários produtos alimentares.

De início, mas quando já se fizera a descoberta fundamental de que a mandioca de venenosa se tornava comestível desde que lhe fôsse extraído o suco, a operação, realizada para tal fim, seria feita por simples expressão manual da massa branca que fôra conseguida das raízes depois de descascadas e convenientemente piladas ou raladas. À guisa de ralador e antes que se fabricasse utensílio especial com êsse objétivo, usaram-se e ainda se usam em certas tribos mais primitivas vários produtos naturais que preenchiam a mesma finalidade, como sejam pedras de superfície irregular, pedaços de troncos rugosos ou a raiz espinhenta de certas palmeiras. Mais tarde, e isso parece ser uma invenção amazônica, foi que se fizeram os primeiros raladores artificiais, hoje muito em voga entre os ameríndios mais adiantados, sendo que certas tribos, como a dos Tarumãs, na Guiana Inglêsa, se tornaram verdadeiramente famosas pela perfeição com que os fabricam. Essas peças, simples pranchas de madeira cujas dimensões variam, mas que raramente têm mais de um metro de comprimento por quarenta centímetros de largura, recebem na sua face superior, ligeiramente côncava, por embutimento direto no pau, uma infinidade de pedrinhas ponteadas, amiúde dispostas em desenhos regulares e geométricos. A adesão das pedras à madeira é reforçada por espêssa camada de pez, que se espalha por tôda a superfície do ralador. Por vêzes, as pedras são substituídas por dentes de animais ou espinhos de algumas plantas.

Falávamos há pouco nos Tarumãs. Conta um viajante recente, não sabemos com que foros de veracidade, mas a quem não parecem faltar conhecimentos mineralógicos que, quando em contacto com aquêles índios, pôde examinar muitos dos tais raladores fabricados pelos mes-

mos, e em todos encontrou, entre as pedrinhas que lhes eriçavam a superfície, um grande número de diamantes do mais puro quilate.

Mas tornemos à expressão da massa da mandioca, depois que já se acha ralada. Para isto, o índio amazônico também engendrou um instrumento bem interessante. Trata-se de um longo cilindro de palha, ôco e elástico, arrematado por duas alças nas suas extremidades, e que tem apenas uma abertura na parte superior, por onde é êle cheio da polpa farinácea que se deseja expurgar do suco venenoso. Suspenso longitudinalmente por meio da alça superior a qualquer esteio forte, passa-se, pela sua alça inferior, uma longa haste de pau, que fica disposta transversalmente, e sôbre a qual se fará grande fôrça para baixo (às vêzes são duas mulheres que se sentam nos seus extremos), de tal modo que se consiga distender o mais possível as paredes do tubo compressor. E destarte, enquanto o cilindro perde em largura o que ganha em comprimento, e a massa é cada vez mais apertada, vai-se escoando, através das malhas do trançado, todo o líquido que se deseja eliminar.

O tipiti tem geralmente uns dois metros de comprimento, por quinze centímetros de diâmetro, e é feito com talas de várias plantas, como as palmeiras jauari ou jaci-tara, o cipó-imbé ou ambé e o arumã. Além dêste tipo de tipiti, que é o mais aperfeiçoado (na Guiana Francêsa chamam-lhe *couleuvre* devido à sua forma e flexibilidade), haveria outro ainda em uso entre os Caiapós e Uitotos, aberto em tôda a sua extensão e que, manuseado em posição transversal, era apenas torcido por duas pessoas, que pegavam nas suas pontas. Êste tipiti, por sua vez, teria sido inspirado num processo operatório ainda mais sumário, como seja o de comprimir e torcer a massa dentro de um simples pedaço de esteira.

Diga-se que em certas tribos, como Von den Steinen observou no nordeste mato-grossense, a urupema de crivo fino fazia as vêzes do tipiti, que lá ainda não era conhecido. Igual serventia tinha a peneira, entre a maioria dos índios

Tupi-Guaranis. Como já ponderamos, haveria mesmo alguns silvícolas que dispensavam o auxílio de qualquer utensílio para fazer a expressão da massa de mandioca, que era tôda executada a mão livre.

Retirada do tipiti, já isenta do seu suco letal, a mandioca está apta a ser transformada em alimento. Este, quase sempre, é preparado sob a forma de beiju, um grande bôlo circular, com mais de um metro de diâmetro e dois a três centímetros de espessura. Ao contrário do que acontece ou acontecia em outras regiões do nosso território, inclusive na zona costeira por ocasião da descoberta, os silvícolas da Hiléia raramente fabricam farinha. Tanto assim que quando alguns viajantes das Guianas a encontram em uso entre os seus aborígenes, como entre os Esmerrilhões da possessão francêsa e os Atoraís, os Uapixanas, e os Tarumãs, da possessão inglêsa, dizem logo que se trata de uma influência brasileira, — brasileira, já se vê, de muito longe, pois que, como dissemos, o ameríndio amazônico sempre preferiu o beiju.

Para o cozimento dos seus bolos de mandioca o índio se serve ou de uma lage arredondada, pouco espêssa, e de superfície lisa, ou de um grande tacho de barro, também circular e de bordas bem rasas, no que não deixa de lembrar a fôlha da vitória-régia, uma ou outra coisa descansando sôbre um forno adrede preparado ou sôbre três suportes também de argila, entre os quais se acende o fogo. Durante essa operação, a índia nunca abandona um abano de palha que lhe serve não só para avivar as chamas, como também para virar várias vêzes o beiju, a fim de que a sua cocção se processe uniformemente.

O beiju, verdadeiro pão dos índios, depois de cozido, é ainda exposto ao sol por várias horas, até que se torne bem sêco e duro, mas quebradiço, quando então se conserva por longo tempo.

Certas tribos preferem prepará-lo com a mandioca já fermentada, isto é, imersa prèviamente nágua por alguns dias, o que dá à massa um certo sabor azêdo, mas não de todo desagradável.

Servindo-se do beiju os índios conseguem a sua bebida inebriante mais apreciada: o *caxiri*. Para isso a torta de mandioca, geralmente mais tostada e mais espessa quando se destina a tal fim, é partida em pedaços que são colocados, a fermentar, dentro de grandes vasilhas contendo água. Para que a levedação se processe com mais rapidez, as índias costumam mastigar os pedaços de beiju antes de lançá-los à água, e o conhecimento dessa prática, sem dúvida de valor químico, mas nada higiênica, faz com que os civilizados, quando em visita a alguma tribo, só por muita cortesia e consideração aos seus hospedeiros, se aventurem a participar das libações em comum. É verdade que entre certos silvícolas, essa tarefa de mastigar o beiju está apenas afeta às raparigas adolescentes, que ainda têm o cuidado de untar previamente a boca com mel, o que torna menos repulsiva a lembrança dessa operação reputada indispensável ao preparo de um bom *caxiri*.

Nas Guianas, a bebida que corresponde ao nosso *caxiri* tem o nome de *peiuari*, *paiuru* ou *pajauru*, ao passo que aquela designação se aplica a outro licor ebriático feito de milho, batata doce roxa e um pouco de caldo de cana. Segundo Im Thurn, que o experimentou, êsse *caxiri*, de côr avermelhada, é bastante agradável e sabe a um clarete fraco.

Ainda na região guianense, inclusive a brasileira, mas já nos seus altiplanos, onde predomina a flora campesina e o solo não é muito propício ao desenvolvimento da mandioca, não raro, à sua falta, tanto o beiju como o *paiuru* são feitos com milho — milho que no caso da bebida fermentada sofre também, por parte das índias, a insalivação preliminar.

Ao descrever êsse complexo da mandioca, freqüentemente temos falado em índias e não em índios ocupados nos vários atos operatórios por que passa a raiz até ser transformada em alimento ou bebida. Isto, entretanto, não é de espantar, pois que entre os povos primitivos as tarefas culinárias sempre estiveram entregues às mulheres. Todavia, se fôssemos mais longe, haveríamos de ver que

todos os trabalhos agrícolas referentes não só à mandioca como também a outras plantas cultivadas entre os nossos aborígenes, estão na dependência do elemento feminino. Assim, para só ficarmos no campo da Euforbiácea, são as mulheres que fazem a sua plantação, abrindo no solo, a cavadeira de pau, os buracos que recebem os estolhos; são elas que fazem as várias capinas da lavoura, enquanto as plantas estão crescendo; são elas, finalmente, que vão arrancar as raízes e as trazem da roça até a maloca, em grande cêsto suspenso às costas. Ora, tudo isto, trabalho penosíssimo, pareceu a muita gente que seria encargo mais condizente com as energias do sexo forte, mas de que os índios se esquivam apenas por espírito de pura madraçaria. Razões outras, porém, e bastante aceitáveis, quando lembradas, explicam porque, na América indígena, como já ocorria entre os Medas e os Persas, a agricultura sempre esteve confiada às mulheres. Em primeiro lugar, entre os povos primitivos, não raro existia a crença de que à mulher, sêr fecundo por excelência e que tem por função precípua procriar, é que deve ficar entregue o trabalho da multiplicação das plantas.

Confiado ao homem, qualquer esfôrço nesse sentido redundaria estéril. A respeito dessa convicção, fundamentalmente arraigada no espírito do ameríndio, ocupa-se longamente o padre Gumilla no seu *EL ORINOCO ILUSTRADO*. Em segundo lugar, há nisso uma distribuição de atividades. O homem não se pode furtar aos encargos da caça e da pesca, que lhe consomem muito tempo, e são também tarefas bastante pesadas, além do que acrescidas de grandes riscos. E uma vez que assim é, ainda toca ao sexo frágil o melhor quinhão.

PRANCHA XXXIX — A prancha XXXIX apresenta:

À esquerda, em todo o comprimento da estampa, as extremidades superior e inferior de um *típiti* ou espremedor de mandioca. Essa peça, feita quase sempre de miriti ou outras palmáceas, pertenceu aos índios Ticunas do alto Solimões. (32 732 — Col. Mus. Nac.).

Ainda da esquerda para a direita:

Em cima: Ralador de madeira. Índios do Uaupés. (21 862 — Col. Mus. Nac.); e *paneiro* ou balaio de trançado

a duas côres, com desenhos geométricos. Índios do Uaupés. (5 794 – Col. Mus. Nac.).

No centro: *Urupema* ou peneira. Índios Tucanos, rio Tiquié. (20 412 – Col. Mus. Nac.); e *jamaxi* ou cêsta de carregar às costas, prêso à cabeça por meio de uma faixa que volteia a testa, e do qual se servem as índias para transportar as raízes de mandioca de suas roças para a maloca. Índios do Rio Branco. (8 147 – Col. Mus. Nac.).

Em baixo: Abano de palha, para atičar o fogo e virar o beiju enquanto está cozinhando. Índios do rio Branco. (2 669 – Col. Mus. Nac.); e tacho de barro, sôbre três suportes também de barro, no qual é cozido o mesmo beiju.

B I B L I O G R A F I A

- BELT (Thomas) — *The Naturalist in Nicaragua*. London & Toronto, 1928.
- BOIS (D.) — *Les Plantes Alimentaires chez tous les Peuples et à travers les Ages*. Paris, 1927.
- CANDOLLE (A. de) — *L'Origine des Plantes Cultivées*. Paris, 1883.
- CHAMBERLAIN (Alexander Francis) — *Nomenclature and Distribution of the Principal Tribes and Sub-Tribes of the Arawakan Linguistic Stock of South America*, ("Journal de la Société des Américanistes". Tomo X. Fasc. II. Paris, 1913).
- COLON (José L.) — *A Mandioca. Seu Cultivo e Aproveitamento*. ("Boletim da União Pan-Americana". Washington. Vol. XXXV. N.º 6. Junho, 1933).
- FARABEE (William Curtis) — *The Central Arawaks*. Philadelphia, 1918.
- GOELDI (E. A.) — *O Estado atual dos Conhecimentos sôbre Índios do Brasil*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo II. Fasc. 1-4. Pará, 1897-1898).
- GUMILLA (Joseph) — *El Orinco Ilustrado, y Defendido, Historia Natural, Civil y Geografica de este Gran Rio, y de sus Caudalosas Vertentes...* Madrid, 1754. 2.ª edição.
- IM THURN (Everard F.) — *Among the Indians of Guiana*. London, 1883.
- JACQUET (Raymond) et NATAF (Berthe) — *Le Manioc et son Utilisation Alimentaire*. Paris, 1936.
- LA VARRE (William) — *Gold, Diamonds and Orchids*. New York – London, s/d.
- LOWIE (Robert) — *Manuel d'Anthropologie Culturelle*. Trad. par E. Métraux. Paris, 1936.
- MARKHAM (Clements R.) — *Expeditions Into the Valley of the Amazons, 1539, 1540, 1639*. Translated and edited by the Rev. Dr. George Edmundson. London, 1859.
- MÉTRAUX (A.) — *La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi-Guarani*. Paris, 1928.
- NASH (Roy) — *A Conquista do Brasil*. Trad. de Moacyr N. Vasconcellos. São Paulo, 1939.
- NORDENSKIÖLD (Erland) — *Comparative Ethnographical Studies*". 2 vols. Goteborg, 1919-1924.
- NORDENSKIÖLD (Erland) — *Origin of the Indian Civilization in South America*. ("Comparative Ethnographical Studies". Vol. 9. Goteborg, 1931).
- PERRET (Jacques) — *Observations et Documents sur les Indiens Emerillon de la Guyane Française*. ("Journal de la Société des Américanistes". Nouvelle série. Tome XXV. Fasc. 1. Paris, 1933).

- STEINEN (Karl von den) — *Entre os Aborígenes do Brasil Central*. Trad. de Egon Schaden. São Paulo, 1940.
- VERÍSSIMO (José) — *As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomo L).
- WALLACE (Alfred Russel) — *Travels on the Amazon and Rio Negro*. London, 1895.
- WHIFFEN (Thomas) — *The North-West Amazons*. London, 1915.
- WISSLER (Clark) — *The American Indian*. Oxford University Press. New York, 1922.

COMPLEXO DO CURARE

Imbelloni chamou ao alto Amazonas *província dos venenos*, de tal modo os índios daquela região se notabilizaram pela descoberta de vários tóxicos, usados para fins diversos, mas todos muito eficientes, razão por que logo se tornaram conhecidos, alcançando vastas zonas de disseminação.

De acôrdo com o emprêgo que deles se faz, poderemos dividir êsses tóxicos em substâncias de que se aproveitam apenas, quando usadas em doses moderadas, os efeitos inebriantes, ilusiógenos ou narcóticos, e que são consumidas pelos próprios índios, quase sempre sob a forma de beberagem, nas suas festas orgiásticas, guerreiras ou de iniciação; e substâncias cujos efeitos nocivos e até letais são utilizados como armas de caça, de pesca ou de guerra.

Os venenos do primeiro grupo são de origem vegetal e, entre êles, apontaremos como principais, o *caapi*, *iagê* ou *aiauasca*, conseguido das Banistérias; o *paricá*, *rapé de Niopo*, *coboba*, *curupa* ou *iupa*, obtido das Piptadênias; e o *toé*, *maricau* ou *huanto*, extraído das Dáturas. Os venenos do segundo grupo, embora entre êles predominem também os de proveniência exclusivamente vegetal, como os timbós e alguns curares, podem, contudo, ser de origem exclusivamente animal — como certo veneno sagitário usado por índios da Colômbia e que é preparado, segundo Wassen, com a peçonha de uma rã, a *Phillobates bicolor* var. *toxicaria*, também chamada *Phillobates chochoensis* (1)

(1) Gadow, tratando de Anfíbios, na *The Cambridge Natural History*, diz que êsse veneno é conseguido da *Hylaplesia tinctoria*, aquela mesma rã de que se servem alguns ameríndios para contrafazer a côr dos papagaios.

—, ou ainda podem ser produtos mistos em que entrem elementos vegetais e animais, como parece acontecer com determinados curares.

Razão existe a Lewin quando diz que deve ter-se como uma prova de civilização nascente o fato de povos primitivos já não se contentarem apenas com alimentos obtidos pela caça selvagem, mas irem também procurar certos excitantes artificiais do sistema nervoso, que os levem, de tempos a tempos, a *zafar-se de su memoria*, como tão saborosamente dizia um índio da Guatemala, buscando desculpa para os seus excessos alcoólicos.

Infelizmente, foge ao plano dêste trabalho cuidar mais detidamente das várias drogas com que o ameríndio, sobretudo o amazônico, se transporta a *paraísos artificiais*, com suposta vidência sôbre o futuro, o que lhe permitiria conhecer o êxito de guerras próximas ou a maior ou menor probabilidade de boa caça ou pesca nas terras de seu domínio. É que como material iconográfico, pouco teríamos a apresentar, excetuadas as plantas que são utilizadas para o preparo daquêles tóxicos, ou o curioso instrumento que em certas tribos é empregado para a absorção nasal do pó de paricá. A menos que um artista de imaginação aloucada não conseguisse passar para o papel as alucinações sensoriais provocadas pelo caapi e que, segundo dizem, vão muito além do que já fôra previsto no belo verso de Baudelaire: *Les parfums, les couleurs et les sons se répendent*.

Mas não foi isso o que pedimos aos nossos ilustradores Hilda Velloso e Armando Pacheco. Antes, pelo contrário, fizemos sempre questão de que êles, sem dar asas à fantasia, e usando apenas da mestria a que ambos já atingiram na sua arte, se limitassem à cópia fiel dos modelos que lhes eram apresentados.

E dito isto, passemos ao complexo do curare, que êste, sim, com os seus potinhos de veneno, setas, curabis, aljavas e zarabatanas, nos fornece motivos de sobra para uma prancha colorida em que se poderão admirar, mais uma vez, o engenho e a técnica do silvícola amazonense.

Em quase todos os cronistas dos séculos XVI e XVII há referências a um violento veneno sagitário que era usado pelos ameríndios nas suas armas de guerra. Diz Acuña sôbre o mesmo assunto:

“Possuem muitas plantas venenosas, de que algumas nações se servem para preparar uma peçonha tão forte, que as flechas com ela ervadas, se provocam sangue, causam também a morte.”

Embora para a caracterização do curare seja de grande importância essa condição estabelecida pelo relator da viagem de Pedro Teixeira, de que o veneno para atuar precisava ter contacto direto com o sangue, nenhum dos autores que descrevem a sintomatologia apresentada pelas vítimas dessas mesmas flechas nos traça um quadro clínico típico dos acidentes produzidos pelo curare. Nem mesmo Walter Raleigh, que, em 1595, de volta da sua primeira viagem às Guianas, foi o primeiro a tornar conhecido o *urari* na Europa, na sua derramada descrição dos atrozes tormentos provocados pelo terrível tóxico, nos refere algo que se aproxime de longe do que a respeito do curare e de uma maneira tão concisa disse um índio a Humboldt: “é um veneno que mata baixinho”, querendo com isto significar que era um veneno que matava de manso, sem qualquer ruído.

Na verdade, nenhuma definição melhor do que esta para um tóxico cujos efeitos são sobretudo paralisantes e até que se dê o desfecho fatal já existe, no indivíduo por êle acometido, “um simulacro de morte com todos os sinais de vida”.

Mas foi só a partir do século XIX, quando a Amazônia — e aqui não nos reportamos apenas à Amazônia brasileira — teve a honra de ser visitada por figuras do porte de Humboldt, Martius, Castelnau e os irmãos Schomburgk, que os efeitos do curare e também a sua composição começaram a ser melhor estudados e conhecidos.

Vale assinalar que já em meados do século anterior, La Condamine, quando de regresso da sua viagem ao Peru, primeiro em Caiena e, depois, em Leiden, pre-

ocupou-se também com a ação do mesmo tóxico, experimentando sobre animais algumas setas ervadas dos Ticunas, que lhe tinham sido oferecidas no alto Amazonas.

Para êsse interêsse provocado pelo curare, não deve ter contribuído pouco a atenção que todos dedicaram à zarabatana, a curiosa arma de caça constituída por um caniço ôco através do qual, servindo-se apenas do seu próprio hausto, o índio lançava os seus dardos curarizados.

Com o uso de um tal instrumento, absolutamente silencioso, e o emprêgo de um tóxico como o curare, de efeitos rapidamente paralisantes, o ameríndio resolvia o dificultoso problema da caça na espessidão e emaranhamento da selva tropical, onde tudo, no silêncio envolvente, será motivo para ruídos que rápido alertarão a prêsa cobijada, e onde esta, quando apenas ferida, mas ainda com capacidade para afastar-se das vistas do caçador, mesmo que venha a cair exangue, difficilmente será encontrada.

Tornemos, porém, à composição e preparo do curare, a respeito dos quais os índios sempre guardaram uma particular reserva, o que deu motivo a que não poucas lendas se criassem em tôrno do famoso veneno. Assim dizia-se, e isso propalaram os primeiros cronistas e missionários, que o seu preparo, por expor a sérios riscos de vida, só era confiado às mulheres velhas e imprestáveis das tribos, pois que os vapores desprendidos da panela onde ferviam as muitas substâncias necessárias à sua confecção tinham poder letal e não raro faziam vítimas. Dizia-se também que o veneno só estava no ponto de ser usado quando era submetido a algumas provas que atestassem o seu alto grau de virulência. Uma delas consistia em experimentá-lo sobre árvores jovens, cujo tronco era alvejado com um único e pequenino dardo curarizado, bastante, todavia, para causar a morte do vegetal dentro do curto espaço de três dias. Outra, era praticada sobre o próprio homem. De qualquer maneira, espetadela ou ligeiro talho, trazia-se um pouco de sangue à flôr da pele e desta se aproximava — mas aproximava-se apenas, sem tocá-la — uma das setas já providas do veneno. No caso em que o curare estivesse bom, bastava esta ameaça para que o

sangue, atemorizado, logo desaparecesse da ferida, refluindo para o interior dos tecidos.

Se essas e outras invencionices atingem as raias do absurdo e custa a acreditar que houvesse quem lhes pudesse dar fé e as divulgasse, não resta dúvida que o índio cercava o preparo do curare de não poucas superstições, e disto foram testemunhas alguns etnógrafos do melhor conceito. A êsse propósito, conta Im Thurn que, na Guiana Inglesa, a água que serviria para o preparo do tóxico havia de ser sempre de proveniência especial e apanhada a pequena distância da maloca. Assim mesmo, o índio que a transportasse, do ponto da sua colheita até o aldeamento, haveria de fazer, durante o trajeto, sucessivas altas, de tal modo que o vasilhame que contivesse o líquido, por várias vezes descansasse, pousado no chão. Se tal prática não fôsse rigorosamente observada, o curare preparado com essa água teria a sua ação muito diminuída, isto é, permitiria que o animal por êle afetado, sem ser logo paralisado, ainda tivesse uma capacidade de carreira ou vôo tão longa quanto fôra a distância vencida sem interrupção pelo carregador. É também importante, segundo relata Richard Schomburgk, que vários índios, e principalmente o pagé, venham soprar o líquido, enquanto está fervendo, e merece especial cuidado a manutenção de um fogo sempre bem vivo durante todo o longo tempo (horas e até dias) pedido para a concentração do veneno. Exige-se igualmente que o preparador do tóxico guarde absoluto jejum e ao ato não devem estar presentes mulheres, sobretudo se grávidas.

Aos homens que andem pelas cercanias torna-se vedado comer coisas doces e entre estas avulta, como extremamente nociva à eficácia do curare, a cana de açúcar.

Grande também sempre foi a confusão reinante a respeito dos muitos ingredientes que entravam na sua composição e a qual dêles deveriam ser imputados os seus efeitos letais. Além do suco de inúmeras plantas, apontavam-se como elementos indispensáveis à sua maior eficiência, muitos produtos animais, como dentes de cobra, peçonha de sapo ou de lagarto, formigas e aranhas venenosas, e até carne putrefacta.

Foi por isso tudo que se chegou a pôr em dúvida a palavra de Humboldt quando afirmou que a toxidez do curare parecia ser exclusivamente devida a um cipó do gênero *Strychnos*, bastante parecido com o *Rouhamon* já descrito por Aublet.

Diga-se que ao grande sábio alemão cabe a prioridade, até então não conseguida por qualquer civilizado, de ter podido assistir, entre indígenas de Esmeralda, no Orinoco, ao preparo do curare.

Aliás, depoimentos ulteriores de Castelnau, Spix, dos irmãos Schomburgk, Crevaux e outros não fizeram mais do que confirmar a asserção de Humboldt, pois que todos êles assinalaram nos curares, de cujo fabrico puderam se inteirar, a constante e indispensável utilização de um ou mais *Strychnos*. Apenas, conforme as tribos e de acôrdo com as possibilidades da flora local, essas plantas podiam ser de espécies diferentes. E foi baseado nessas observações que Planchon distinguiu quatro tipos de curare:

- 1) Curare do alto Amazonas, tendo por base o *Strychnos Castelnau*;
- 2) Curare do alto Orinoco, tendo por base o *Strychnos Gubleri*;
- 3) Curare da Guiana Inglêsa, tendo por base o *Strychnos toxifera*, associado com os *S. Schomburgkii* e *Cogens*;
- 4) Curare da Guiana Francêsa, tendo por base o *Strychnos Crevauxiana*.

Mais tarde, Le'Jaune reduziu a três as regiões estabelecidas por Planchon, fundindo num tipo único os curares do alto Orinoco e da Guiana Inglêsa, cujo elemento primordial seria sempre o *Strychnos toxifera*.

Não resta dúvida de que muitas outras plantas podem entrar na composição dos curares, como certas Menispermáceas, Amarantáceas, e mais raramente pimentas, fumo e a raiz carnosa de alguns caládios. Estes últimos, entretanto, como pensa Im Thurn, não teriam outra ação do que aumentar a consistência do produto.

Já o papel das Menispermáceas é muito mais importante. Assinaladas no curare dos Ticunas, que se tornou famoso pela sua virulência, mas no qual figuram também plantas do gênero *Strychnos*, por muito tempo houve dúvidas sobre a ação que àquelas caberia na nocividade do tóxico. Certos autores supunham as Menispermáceas pouco venenosas e tinham por falsos ou fracos os curares em que elas predominavam ou apareciam como único ingrediente. Tal, porém, não era a opinião de Barbosa Rodrigues e J. B. de Lacerda, sendo que êste último chegou a preparar, no Museu Nacional, um curare em cuja composição entrava exclusivamente o *cipó-icu*, de uso no curare dos Ticunas, e que é uma Menispermácea, o *Anamospermum grandifolium*. Posteriormente, pesquisas de King também demonstraram a extrema virulência de um curare exclusivamente feito com plantas dessa família.

Do que vimos de dizer, pode-se concluir, ao contrário do que propalava a credence popular, que a toxidez dos curares provém sempre de substâncias vegetais, embora a essas, por motivos vários, — desejo de aumentar-lhes a virulência, superstição, despistamento — não raro os ameríndios associem outras de natureza animal. Além de plantas, cujo aproveitamento também pode ser explicado por aquelas e outras razões, como auxiliar-lhes a conservação ou contribuir para o seu espessamento, todos os curares terão por base vegetais da família das Loganiáceas (gênero *Strychnos*) ou das Menispermáceas (gêneros *Abuta*, *Cocculus*, *Chondrodendron*), usadas isoladamente ou em associação.

Curare do primeiro tipo, isto é, em que só entre Loganiácea, foi o curare que Richard Schomburgk, no interior da Guiana Inglêsa, preparou, êle mesmo, com um cipó que lhe foi fornecido pelos Uapixanas, e que não era outro senão o *Strychnos toxifera*, aliás um dos mais violentos. Curare também proveniente de um único *Strychnos*, foi o curare que Vellard viu preparar e preparou êle próprio entre os Nambiquaras-Sabané das nascentes do Tapajós. Vale a pena dizer que em contraposição a êsse curare feito com uma só planta, Hoehne aponta um outro, o

erivã, também dos Nambiquaras e Parecis, do Juruena, que pede nada menos de nove plantas diferentes na sua composição. Finalmente, Paulo Carneiro conseguiu todos os efeitos fisiológicos do curare com as rasas da casca de uma planta do alto Amazonas e que pôde ser identificada como o *Strychnos lethalis* Barb. Rodr.

Como já dissemos, curare feito unicamente de Menispermácea, além do já citado de Lacerda, há o que foi estudado por King, segundo modernas comunicações de Paulo Carneiro, de cujos trabalhos, sôbre a composição química do curare, ainda em prosseguimento, muito já se conseguiu e muito há ainda que se esperar. Quanto ao tóxico em que as duas plantas se associam, já nos reportamos ao dos Ticunas e a êsse talvez poderíamos acrescentar o dos Orejones, Pebas e Uitotos pròpriamente ditos. Em algumas tribos os índios chamam *ramon* ao *Strychnos Castelnaui* e *pani* ao *Cocculus toxiciferus*.

Na Guiana, os Macuxis passam por preparar o melhor curare, justamente porque é aí a pátria do *Strychnos toxifera*.

Das plantas que entram na composição do curare os índios quase sempre só se utilizam do caule (casca e alburno), que depois de partido em pedacinhos, ou mesmo pilado, é pôsto em maceração na água fria pelo espaço de vinte e quatro horas e mais. Filtrada essa água, na qual se dissolveram os princípios ativos do vegetal e que com isso adquire uma côr pardo-avermelhada, é posta a mesma a ferver e referver sôbre um fogo vivo, até que, apurada, se reduza e condense numa massa pegajosa, e que toma então uma côr pardo-achocolatada, já tirante a prêto.

Sem dúvida, a virulência do curare variará de acôrdo não só com a qualidade e a quantidade das substâncias vegetais empregadas, mas também com o grau de concentração a que fôr levado o produto. Tanto assim que, segundo dizem, alguns índios preparam propositadamente tipos de curares fracos, cujos efeitos serão apenas molestos e não letais, quando desejam apanhar caça viva, que será incorporada aos seus animais domésticos.

Por outro lado, visando, talvez, maior facilidade de transporte, a concentração do curare pode ser levada até

o ponto de transformá-lo num verdadeiro corpo sólido, resinoso, que será dissolvido em água ou melhor no suco da mandioca ou de certos frutos ácidos, à medida que se fizer necessário para o envenenamento das flechas. E em tal estado, índios alheios ao seu preparo, como os Camaracotos, da Venezuela, o recebem de uma tribo vizinha, a dos Maquiritares.

Segundo Vellard, o curare dos Nambiquaras é feito não com o caule mas com as raspas da casca da raiz do tal cipó ainda indeterminado, mas sem dúvida um *Strychnos*, raiz essa que é rica de um suco de côr avermelhada e consistência gomosa. Aliás, a operação é muito simplificada entre êles. Esgotamento das raspas em água fria, fervura rápida e concentração a fogo lento.

Os curares, quando guardados em lugar sêco, têm duração indefinida e já foi verificado que amostras com mais de um século ainda conservam tôdas as suas propriedades.

Falamos em curares e não curare porque, como já dissemos e merece ser acentuado, êsse veneno, longe de ser uma substância definida, com fórmula fixa e única, é um produto complexo, cuja composição poderá variar consoante a região da sua procedência, a tribo que o fabricou e até a receita do seu manipulador. E tanto assim é verdade que, conforme o seu acondicionamento (pote de barro, cabacinha ou tubo de bambú), verdadeiro sêlo de origem, já se sabe muitas vêzes a qualidade de curare que está contido em determinado recipiente.

Embora já anteriormente cientistas francêses se tivessem preocupado com a composição e os efeitos do curare, foi só a partir de 1844, após as notáveis experiências de Claude Bernard, que começou a esclarecer-se a ação fisiológica dêsse tóxico. Para Claude Bernard o curare age sôbre a placa motora, isto é, sôbre o elemento de conexão entre o nervo e o músculo, impedindo a passagem da corrente nervosa. Modernamente, os estudos de Lapique vieram mostrar que o curare atua sôbre o músculo diminuindo a sua excitabilidade e rompendo assim uma condição necessária para que a excitação do nervo possa

provocar a excitação do músculo, a saber: a excitabilidade de ambos deve ser igual para que o primeiro possa agir sobre o segundo.

A paralisia resultante da ação do curare começa pelo trem posterior, estende-se progressivamente aos membros anteriores, à cabeça e ao tronco, paralisando então os músculos respiratórios, quando se dá a morte por asfíxia. Este é o desfêcho de um estado em que o indivíduo, com plena consciência e sensibilidade perfeita, queda inerte, pela incapacidade de realizar qualquer movimento.

Veneneo que se absorve e elimina fâcilmente, já foi calculado que bastam dois miligramas de curare forte, dissolvidos num pouco d'água e injetados sob a pele, para que se mate um quilo de animal mamífero adulto no curto espaço de 20 a 30 minutos. Essa morte, porém, não se dará se, pela respiração artificial, puder ser mantida a vida do intoxicado, até que se processe a completa eliminação do veneno, ou se, por ação bio-química, como já tem sido conseguido nos laboratórios de fisiologia, os efeitos do tóxico puderam ser interrompidos e anulados. Diga-se que nunca se comprovou a eficácia de nenhum dos antídotos que de longa data foram apontados para o curare, como o sal, o açúcar, e alguns outros de menor fama. Entre êstes, entretanto, de acôrdo com Castelnau, merece ser citado, o *cipó-turucuá*, cujo suco seria administrado depois que o local de penetração do dardo fôra convenientemente lavado. Mas, talvez, que nessa operação preparatória, com possível eliminação mecânica do veneno, estivesse o êxito que era depois atribuído às virtudes da beberagem. Aliás, a maioria dos índios conhece a inanidade de qualquer contra-veneno com que se possam combater os efeitos do terrível tóxico. E a êsse propósito, Richard Schomburgk transmite-nos a seguinte história, que lhe foi contada no interior da Guiana. Estavam dois índios a caçar quando sobre um deles veio cravar-se a própria seta que o seu sôpro desferira através da zarabatana e que não lograra fixar-se sobre o alvo visado. Como primeiro gesto, quase instintivo, o silvícola arrancou a ponta ervada que se lhe cravara no ombro; mas, imediatamente depois, já certo do fim que o esperava, partiu a zaraba-

tana e disse para o companheiro: — “Já não preciso mais de você,” A seguir, calmamente, deitou-se ali mesmo, no chão, até que a morte lhe viesse fechar os olhos.

O curioso é que êsse veneno, de ação tão letífera quando penetra diretamente na circulação, é de todo inofensivo se absorvido por via gástrica. Tanto assim que algumas tribos o têm como bom estomáquico. Por outro lado, não é raro que o índio, antes de lançá-la, passe rapidamente entre os lábios a seta curarizada, a fim de umedecê-la com um pouco de saliva, de tal modo que o veneno, ligeiramente amolecido, mais depressa se misture ao sangue do animal ferido.

Aliás, só o fato da caça morta pelo curare poder ser consumida sem qualquer efeito nocivo, mostra a inocuidade do veneno quando introduzido pela bôca.

A despeito do seu alto poder mortífero — ou, talvez, por isso mesmo — o curare só raramente teria sido empregado como arma de guerra. Não há dúvida que os cronistas antigos se referem com freqüência a terríveis flechas ervadas de que os silvícolas lançavam mão nas suas lutas. Todavia, a sintomatologia apresentada por aquêles que eram vítimas de tais agressões e cujos padecimentos, com desfecho mortal, não raro se prolongavam por alguns dias, não condiz em absoluto com as manifestações provocadas pelo curare. Releva notar que êsse depoimento dos primeiros viajantes é de todo desnorteante, pois que, até hoje, além do curare, nunca foi encontrado qualquer outro veneno sagitário entre as tribos da região amazônica.

Se empregado como arma de guerra, o curare envenenará a ponta de flechas comuns, a serem atiradas com arco, ou então a extremidade de certas lanças delgadas, arremessadas a mão livre, os *curabis*, que, preferentemente se utilizam nos combates corpo a corpo. Êsses *curabis*, segundo Barbosa Rodrigues, são compostos de três partes: a *camaiúá* (haste de flecha), a *suumba* (fuso) e o *itapuá* (pedra da ponta). A camaiúá ou flecha pròpriamente dita, feita da haste floral do *Gynerium saccharoides*, é por vêzes empenada na extremidade inferior, que também pode ser revestida de resina, enquanto a sua extremidade superior recebe, por embutimento, a suumba, sempre de madeira

muito forte, como, por exemplo, a maçaranduba. Por sua vez, com o auxílio de qualquer fio vegetal, à suumba é prêso o itapuá, um dardo longo e muito afilado, no qual se praticam entalhes, para que a sua ponta, revestida de curare, se quebre fàcilmente dentro da ferida por êle produzida.

Os curabis nunca excedem o comprimento de dois metros e as suas extremidades envenenadas são geralmente protegidas por estojos de taquara, visando evitar possíveis acidentes.

Alguns viajantes, como Osculati, falam em outras armas curarizadas e de combate, que teriam sido verificadas na Amazônia. Entre elas, está um punhal de madeira, o *lhiaperi*, usado pelos índios do Purus, e também o *uarará* dos indígenas do rio Tefé, um bastão curto em cuja extremidade ficava engastada uma garra de felino recoberta de espêssa camada do tóxico.

Vellard diz que os Nambiquaras empregam o curare como arma de guerra, envenenando com êle a ponta de grandes flechas denteadas. Mas isso deve ser fato excepcionalíssimo, se não quisermos supor que o ilustre etnógrafo foi mal informado a respeito. Dêsses mesmos Nambiquaras receberam flechadas, e algumas provocando ferimentos gravíssimos, vários membros da denodada Comissão de Linhas Telegráficas, chefiada pelo General Rondon, e embora essas flechas parecessem envenenadas, nunca nenhuma das suas vítimas apresentou qualquer sintoma que fizesse lembrar a presença do curare.

Já demos as razões por que o curare, ervando pequenas setas que são lançadas através da zarabatana, é sobretudo uma arma de caça, e caça de animais pequenos, principalmente aves. Aliás, o seu próprio nome, *uiracari*, com várias corruptelas para *urari*, *urali*, *ulali*, *urati* e *curare*, segundo Barbosa Rodrigues, quer dizer *líquido para matar pássaros* (1). Isso não significa, entretanto, que êle também não seja muito utilizado para a caça de mamíferos

(1) Grande a sinonímia do curare. Os Jívaros chamavam-lhe *iguanche*; e *supai* os Canelas ou Quixos, do rio Napo. Em língua quíchua é *pucuna*; em aruaque, *macuri*; e no dialeto tamanaque, *marana*.

não muito grandes, sobretudo os macacos, porque êstes, se atingidos por flechas apenas vulnerantes, sem a ação paralisante do veneno, não raro se agarram tão fortemente aos galhos do arvoredado que, mesmo que venham a morrer, ainda aí permanecem por longo tempo, até que se dê a completa relaxação muscular.

Para êsses tiros de elevação, com alcance de quarenta e mais metros, mas de difícil percurso entre a densa ramaria da floresta tropical, a pequenina e silenciosa seta da zarabatana mostra-se particularmente indicada, permitindo que sejam abatidas sucessivas peças de caça de um mesmo bando de animais, quer de pêlo, quer de pena, sem que os seus companheiros notem a devastação que vem sendo feita entre êles.

Chega a ser quase inacreditável a destreza com que o índio usa a zarabatana, não raro servindo-se apenas de uma das mãos para mantê-la em equilíbrio sôbre a bôca, e com ela realizando tiros que só excepcionalmente deixam de alcançar a meta. Aliás, isso não espantará se nos lembrarmos de que o seu trato com tal instrumento vem desde a infância, pois que aos indiozinhos são dadas, como brinquedo, pequenas zarabatanas, e êles, dentro das malocas, não fazem outra cousa senão alvejar os bichinhos que lhes caiam sob as vistas.

O índio, que sai para caçar munido da zarabatana, leva a tiracolo ou pendente da cintura vários petrechos, que são indispensáveis ao manuseio do *canudo de sôpro*, como sejam um carcaz que guarda, bem protegidas, as setas, uma pequena cabaça ou bolsinha com paina de sumaumeira, alguns fios de qualquer bromeliácea, e não raro um maxilar de piranha.

A êste conjunto, do qual não pode ser omitido o próprio tóxico e o seu respectivo recipiente, seja cuieté, potinho de barro ou gomo de bambú, dá-se o nome de *complexo do curare* e sua representação aparece na nossa estampa.

Examinemos agora cada uma dessas peças em particular e a maneira por que são utilizadas.

A zarabatana é uma arma muito delicada e na sua fatura o índio põe extraordinário zêlo. Constituída por um longo canudo ôco, que pode ter de dois a três metros de comprimento, é preciso que ela seja perfeitamente retilínea e tenha o seu pertuito interior cuidadosamente polido; de tal modo que o dardo, durante o percurso que faz, não sofra qualquer aleive nem encontre a menor resistênia.

As melhores zarabatanas são feitas com o colmo da *Arundinaria Schomburgkii*, uma Gramínea que só cresce na região do Orinoco e daí a procura que têm as armas dessa proveniência, feitas pelos índios Arcunas e Maioncons. À falta dêsse material, elas podem também ser conseguidas do caule de certas palmeiras, como a paxiubinha, que já tem a vantagem de apresentar-se naturalmente perfurado.

Até hoje foram descritos três tipos de zarabatana. O primeiro é feito de dois tubos, inteiriços, um metido no outro; o segundo é feito ainda de dois tubos, mas o externo, dividido em dois segmentos por um corte longitudinal, adapta-se sôbre o interno, que é peça indivisa; finalmente, o terceiro é formado de um único tubo, mas também constituído por dois segmentos divididos por corte longitudinal e unidos, como também acontece com os do segundo tipo, por faixas de fibra, recobertas de goma resinosa.

Ao canço da zarabatana se ajusta um bocal, que tanto pode ser a metade da casca de um coco redondo, como qualquer peça de madeira moldada para tal fim.

Não é raro que a um ou dois palmos da extremidade distal da zarabatana, sejam fixados um ou dois dentes de cutia ou de caititu, sendo que neste último caso as duas peças ficam dispostas paralelamente. Para alguns, êstes dentes exerceriam a função de alça de mira. Para Im Thurn, porém, êles não fazem mais do que assinalar o lado em que as fibras do canço são mais fracas, com tendência a fazê-lo vergar-se ao próprio pêso, quando, feito o tiro em posição horizontal, tais fibras ficam voltadas para baixo.

Ainda para evitar que o longo canço perca a sua verticalidade, os índios guardam sempre as zarabatanas

em posição horizontal, amiúde suspensas de duas cordas que, pendentes do teto da maloca, têm alças nas suas pontas, por onde são passadas as extremidades da arma.

Diga-se que durante todo o século XVI, conforme lembra Nordenskiöld, são bastante escassas as referências à zarabatana. Daí, êsse autor concluir que, talvez, só depois da migração dos Hianocotos-Umauas ou dos Carijonas, da Guiana para o alto Amazonas, foi que o curare passou a ter considerável importância em grande parte da América do Sul.

As setas, com vinte a trinta centímetros de comprimento, são feitas com lascas de taquara ou com o pecíolo das fôlhas de algumas palmeiras, como a paxiuba, a patauá ou a inajá. Com as suas pontas curarizadas numa extensão de dois a três centímetros, elas tanto são guardadas soltas dentro das aljavas, como depois de terem sido reunidas à maneira de uma paliçada, por meio de dois fios paralelos. Êsse conjunto, lembrando uma esteira, é enrolado à volta de um pauzinho, na extremidade do qual, justamente para onde se acham voltadas as pontas venenosas, existe uma rodela protetora, feita também de madeira. Todo êsse trabalhoso dispositivo não visa mais do que poupar o índio de possíveis acidentes quando lida com os traiçoeiros dardos. Ainda por medida de precaução alguns silvícolas, como os Camaracotos, só curarizam as suas setas a partir de um ou dois centímetros da extremidade, e que destarte só poderão ser nocivas quando penetrarem fundamente nos tecidos.

As aljavas, também chamadas *patronas*, que servem de recipiente a essas mesmas setas, são feitas de tecido de palha, revestido por fora de resina ou verniz prêto, vegetal. Munidas de tampa circular, para a qual é aproveitado o couro forte da anta, quase sempre elas têm, em ponto grande, a forma de um copo para o jôgo de dados. Aljavas dêsse tipo, que apresentam melhor acabamento, pois não raro ostentam graciosos desenhos geométricos, são as que provêm da região do Uaupés. Já o carcaz dos Ticunas é cilíndrico ou quase cilíndrico, lembrando bastante um coldre, que tivesse as suas bordas viradas para fora.

A paina de *Bombax* serve para chumaçar a extremidade não venenosa do dardo, antes que o mesmo seja colocado na zarabatana. Essa espécie de bucha, ajustada perfeitamente ao cano, tem por fim comprimir o ar que, ao sôpro do atirador, produz o arremesso da seta.

Resta-nos falar na utilidade do maxilar de piranha. Êste, com a sua afiada serrilha de dentes, é aproveitado para fazer entalhes na haste do dardo de tal modo que êle, ao penetrar no corpo do animal, se quebre fàcilmente, deixando apenas na ferida a ponta envenenada.

Já dissemos que o complexo do curare parece ter tido bêrço na floresta guiano-norte-amazônica, com disseminação de oeste para leste, dado que os Aruaques e os Caraiabas só dêle se utilizaram secundariamente. Da Hiléia, o seu conhecimento ter-se-ia estendido à América Central, principalmente a Costa Rica, e mesmo à América do Norte, mas aí, apenas e excepcionalmente, à sua parte sul, onde teve uso entre os Iroquêses que, convém não esquecer, foram primitivos habitantes da Flórida. Advirta-se, porém, que nessas partes da América outros tóxicos que não apenas o curare seriam empregados nos canudos de sôpro. Na América do Norte, parece até que se usaram os dardos simples, sem qualquer veneno. Aliás, a zarabatana também surge como elemento cultural de outros povos. Assim, foi largo o seu domínio na Indonésia, de onde, com o nome de *sumpitan*, que significa literalmente *canudo de sôpro*, chegou até Madagascar. Usaram-na igualmente alguns indígenas da Papuásia, mas, aí, ao que consta, ela era sobretudo um instrumento de diversão.

PRANCHA LX — Vêem-se na prancha LX:

À esquerda, em sentido longitudinal, as extremidades superior e inferior de uma zarabatana. Essa peça, que no seu tamanho natural tem 2,81m, pertenceu aos índios Ticunas, do alto Solimões. (32 749 — Col. Mus. Nac.).

Ainda da esquerda para a direita:

Em cima: Potinho de barro, contendo curare. Índios do rio Padauari, afluente do rio Negro. (5 652 — Col. Mus. Nac.); e cabaça, servindo também de recipiente a curare. Índios do alto Amazonas, sem indicação precisa. (5 632 — Col. Mus. Nac.).

No centro: Carcaz para setas curarizadas, feito de fôlhas de palmáceas, tendo apensa uma bolsinha, igualmente de fibra vegetal, destinada a guardar o algodão com que se fazem as buchas para as setas. Pendente desta bolsinha, há um pedaço de maxilar de piranha. Índios Jauaperis. (2 571 — Col. Mus. Nac.); outro carcaz contendo setas, feito de um gomo de bambu, e tendo ao lado um cuieté, de forma esférica, servindo de depósito ao algodão. Índios Conibos. (2 582 — Col. Mus. Nac.).

Em baixo: Paliçada de setas curarizadas, protegidas por pequena rodela de madeira. Índios da Guiana Inglêsa, de acôrdo com Im Thurn; e carcaz de trançado, tendo a sua parte inferior revestida de espessa camada de resina. Índios do rio Uaupês. (3 527 — Col. Mus. Nac.).

B I B L I O G R A F I A

- BATES (Henry Walter) — *The Naturalist on the River Amazons*. Seventh edition. London, 1895.
- CARNEIRO (Paulo E. de Berredo) — *Les Principes Actifs du Curare*. (“Anais da Academia Brasileira de Ciências”. Tomo XI. N.º 2. Rio de Janeiro, 1939).
- CARREY (E.) — *L'Amazone. Huit Jours sous l'Equateur*. Paris, 1856.
- CASTELNAU (Francis de) — *Expédition dans les Parties Centrales de l'Amérique du Sud*. Histoire du Voyage. Paris, 1850-1851.
- COSTA (Oswaldo de A.) e FARIA (Luiz) — *A Planta que faz Sonhar. O Iagé*. Rio, 1936.
- CREVAUX (J.) — *Voyages dans l'Amérique du Sud*. Paris, 1883.
- FARABEE (William Curtis) — *Indian Tribes of Eastern Peru*. Cambridge, Massachusetts, U.S.A., 1922.
- FARABEE (William Curtis) — *The Central Arawaks*. Philadelphia, 1913.
- GIL (Richard C.) — *White Water and Black Magic*. New York, 1940.
- GUMILLA (Joseph) — *Historia del Orinoco*. Madrid, 1791.
- HARDENBURG (W. E.) — *The Putumayo — The Devil's Paradise*. London, 1912.
- HOEHNE (F. C.) — *Plantas e Substâncias Vegetais Tóxicas e Medicinais*. São Paulo-Rio, 1939.
- HOLDRIDGE (Desmond) — *Pindorama. Jungle-to you*. New York, 1933.
- HUMBOLDT (Alexandre de) — *Voyage aux Régions Equinoxiales*. Paris, 1816.
- IM THURN (Everard F.) — *Among the Indians of Guiana*. London, 1883.
- KARSTEN (Raphael) — *The Civilization of the South American Indians*. New York, 1926.
- LACERDA FILHO (Dr.) — *Ação Fisiológica do Urari*. (“Arquivos do Museu Nacional”. Vol. I. 1876).
- LACERDA (J. B. de) — *Curare Preparé au Moyen d'une Seule Plante de la Famille des Menispermées*. (“*Anamospermum Grandifolium* Eichler). (“Arquivos do Museu Nacional”. Vol. XI, 1901).
- LACERDA (João Baptista de) — *De Variis Plantis Veneniferis Florae Brasiliensis*. (“Arquivos do Museu Nacional”. Vols. XIV e XV. 1907-1909).

- LA CONDAMINE — *Relation Abregée d'un Voyage fait dans l'Intérieur de l'Amérique Méridionale*. Paris, 1745.
- LEWIN (Louis) — *Les Paradis Artificiels*. Trad. par le Dr. F. Gidon. Paris, 1928.
- MARKHAM (Clements R.) — *Expeditions Into the Valley of the Amazons*. 1539, 1540, 1639. London, 1859.
- MONTANDON (George) — *Traité d'Ethnologie Culturelle*. Paris, 1922.
- NORDENSKIÖLD (Erland) — *Comparative Ethnographical Studies*. Goteborg, 1919-1930.
- ORTON (James) — *The Andes and the Amazon*. New York, 1870.
- OSCOLATI (Gaetano) — *Esplorazione delle Regioni Equatoriali lungo il Napo ed il Fiume delle Amazzoni*. Milano, 1854.
- PARDAL (Ramon) — *Medicina Aborigen Americana*. Buenos Aires, s/d.
- PERROT (Em.) et VOGT (Em.) — *Poisons de Flèches et Poisons d'Epeuvre*. Paris, 1913.
- RALEIGH (Walter) — *Discoverie of the Large and Beatiful Empire of Guiana*, with introduction, notes and appendices of hitherto unpublished documents by V. T. Harlow, M. A. B. Litt. The Argonaut Press. London, 1928.
- REINBURG (Dr. P.) — *Contribution à l'Etude des Boissons Toxiques des Indiens du Nord Ouest de l'Amazonie*. ("Journal de la Société des Américanistes". Paris, Nouvelle Série. Tome XIII. 1921).
- RODRIGUES (J. Barbosa) — *L'Uirari ou Curare*. Bruxelles, 1903.
- ROTH (Walter Edmund) — *An Introductory Study of the Arts, Crafts and Customs of the Guiana Indians*. Washington, 1916-1917.
- SAFFORD (W. E.) — *Narcotic Plants and Stimulants of the Ancient Americans*. (Annual report of the Smithsonian Institution. Washington, 1916).
- SCHOMBURGK (Richard) — *Travels in British Guiana*. Translated by Walter R. Roth. Georgetown, 1922.
- SPECK (Frank G.) — *The Cane Blowgun in Catauba and Southeastern Ethnology*. ("American Anthropologist". New Séries. Vol. 40. N. 2. April-June, 1938).
- SIMPSON (Dr. George Gaylord) — *Los Indios Kamarakotos*. ("Revista do Fomento". Ano III. N.º 22-25. Março a Junio, 1940. Venezuela).
- SPRUCE (Richard) — *Notes of a Botanist on the Amazon and Andes*. London, 1890.
- VELLARD (J.) — *Composition et Préparation du Curare*. ("Anais da Academia Brasileira de Ciências". Tomo XI. N.º 4. Rio de Janeiro, 1939).
- WASSEN (Henry) — *The Frog in Indian Mythology and Imaginative World*. ("Anthropos". Band XXIX. September-December, 1934).
- WATTERTON (Charles) — *Wanderings in South America*. London, 1835.
- WISSLER (Clark) — *The American Indian*. Oxford. University Press. New York, 1922.

CERÂMICA MODERNA

Como já fizemos sentir no capítulo referente à Arqueologia, o solo extremamente úmido da Hiléia não permitiu chegassem até nós as obras de trançado e plumária realizadas por aquêles mesmos índios que tanto se destacaram na arte cerâmica. Todavia, pode-se pensar que os seus

trabalhos de espartaria e os seus adornos de pena fôssem mais ou menos semelhantes, isto é, sem nenhum grau de superioridade, aos que ainda hoje são executados pelo silvícola amazonense. Mas se isso é de presumir, o mesmo já não acontece em relação à cerâmica moderna que esta, em verdade, está longe de atingir, tanto nos seus caracteres morfológicos como nos decorativos, a perfectibilidade e a beleza a que nos habituaram os achados das velhas civilizações extintas.

Aliás, pela mesma razão por que os trabalhos de trançado e de plumária podem ter-se conservado os mesmos desde tempos imemoriais, a arte cerâmica, por uma série de contingências, há-de forçosamente, ter decaído desde que o índola, com a chegada dos europeus, passou a viver em permanente desassossêgo e, constantemente perseguido, nunca mais soube se no dia seguinte ainda ocuparia a sua maloca da véspera.

Ora, se um cêsto de talas ou um enfeite de plumas pode ser iniciado e interrompido a qualquer tempo, sem prejuízo do seu acabamento ulterior, e êsse trabalho pode ser feito tanto aqui como ali, até mesmo durante uma viagem em canoa, tal não sucede com a arte do oleiro que está a pedir horas seguidas de paciente labor, em pouso fixo, onde se prepare o barro, modele o vaso, haja lugar para secá-lo ao abrigo das intempéries, e depois também bom fogo, para cozê-lo convenientemente. E tudo isso feito numa seqüência irrevogável, sempre com desvelada atenção. Se a massa não fôr bem homogênea e não tiver certa consistência, o pote não tomará feitio; se o calor não fôr uniforme, a louça estalará. Sendo assim, se mesmo para o vasilhame mais simples não há fugir a êsses cuidados, como pensar no supérfluo, nos caprichosos desenhos geométricos, nas belas decorações em *champ levé*, nos arrojados adornos esculpturados que fizeram a glória daquêles que, trabalhando com tranqüilidade, puderam dar livre curso ao seu temperamento artístico? Pense-se também que o material cerâmico, devido à sua fragilidade, é dos mais difíceis de ser transportado, e ter-se-á a fácil explicação por que o ameríndio de hoje, ainda e sempre um bom ceramista, pois que o domínio do barro lhe vem de

longe, tanto se descurou da pintura e ornamentação da maioria das peças que lhe saem das mãos, mais como utensílios indispensáveis aos seus usos domésticos do que como objetos de arte para deleite da alma e regalo dos olhos.

Se nos dias que correm ainda poderemos encontrar algumas tribos que se esforçam por manter a tradição da bela cerâmica, elegantemente conformada e artisticamente decorada, essas, pelas suas condições de vida, longe de desmentirem o que vimos de dizer, apenas confirmam o nosso ponto de vista. Tôdas desfrutam de certa tranqüilidade, quer porque habitam regiões bastante recônditas e onde dificilmente serão importunadas pelos brancos, quer porque já foram mais ou menos assimiladas por êsses mesmos brancos e com êles vivem em relativa paz.

Do primeiro caso, temos um exemplo nos índios do alto rio Negro e seus afluentes, onde Koch-Grünberg, entre tribos do Uaupés e do Içana, preferentemente do grupo Aruaque, como os Tarianas, pôde admirar magníficas peças de cerâmica, que tanto se recomendavam pela graciosidade dos seus contornos como pelo esmerado acabamento dos seus desenhos e pinturas. E é aí, nas páginas do grande etnólogo, que se detém em minuciosa descrição de tôdas as fases do trabalho de uma mulher entregue à confecção de um vaso, que haveremos de ver o tempo, a paciência e a habilidade exigidos de uma tal artista.

Excetuados os desenhos incisados e os ornamentos esculpturados, nas suas linhas gerais essa louça moderna do noroeste amazônico ainda se conserva fiel aos melhores cânones da velha arte cerâmica ameríndia. Assim, ao seu barro, para que se torne mais consistente e menos friável, também se ajuntará a cinza da casca de uma árvore, no caso presente o caraipé, uma Bignoniácea; as paredes do vaso também serão levantadas pelo mesmo processo dos cilindros de argila em superposição helicoidal; a peça, só depois de bem sêca ao sol, é que será pintada e depois cozida ao fogo; os desenhos, em que predominam os motivos geométricos, também serão inspirados na padronagem dos trançados; à decoração dar-se-à fixidez e brilho

por meio de um ulterior envernizamento, conseguido quer por meio de sucos vegetais, como o leite do cumá ou do umari, quer pela aplicação sôbre a superfície da peça, quando ainda quente, de uma leve camada de resina pulverizada. Como se vê, tudo isto anda bem perto do que se deveria fazer nos bons tempos de Marajó.

Richard Schomburgk, durante as suas viagens pelo interior da Guiana Inglêsa, em meados do século passado, ainda pode apreciar magníficas peças de cerâmica executadas por mulheres de tribos do grupo Aruaque e que pela beleza de suas linhas e equilíbrio de seus desenhos geométricos lhe traziam à lembrança os velhos modelos etruscos.

E agora passemos ao segundo caso, àquêle dos índios que, já em contacto amistoso com a nossa civilização, encontram certa tranqüilidade para se dedicarem mais confiadamente a delicados trabalhos de cerâmica. Dêstes, temos um exemplo bem típico entre as tribos do grupo Pano, que vivem na região fronteira brasileira-peruana, às margens do Hualaga, Ucaiale e Pachitéia, e entre os quais, como notáveis ceramistas, se distinguem os Xamas, e os Conibos, embora os Caxibos, Sisibos, Setibos e outros, todos da mesma família, ainda nesse terreno, mereçam também ser elogiados.

Infelizmente, a cerâmica dêstes índios já se acha bastante industrializada e as suas peças hoje mais encontradas raramente atingem a perfeição de algumas daquelas que são reproduzidas a côres nos livros de Günter Tessmann sôbre a etnologia do nordeste peruano.

Na decoração do vasilhame Pano predomina o fundo branco nacarado, a que já nos referimos falando das tangas de Marajó e de potes de Miracangüera, e sôbre o qual, em prêto e vermelho, aparecem delicados desenhos feitos a traço fino. Para Tessmann, tôda essa ornamentação gira em tôrno de um motivo único, que é a representação da figura humana, aliás já tão estilizada que dificilmente se tornará reconhecível.

Mais acima citamos particularmente os Xamas e os Conibos como grandes ceramistas. Ainda pairam dúvidas sôbre o grau de parentesco entre estas duas tribos.

Para alguns os Conibos são apenas um sub-grupo dos Xamas, que também abrangeriam os Sisibos e os Setibos, todos de origem Pano. Para outros, os Xamas são do grupo Tacana, ou ainda um mero produto de aculturação onde se evidenciaria grande influência Aruaque.

PRANCHA XLI — A prancha XLI apresenta alguns exemplares da cerâmica moderna, que ainda hoje se pratica na Amazônia. Em cima, está um vaso, pertencente à coleção do autor, e que lhe foi oferecido em Manaus com a indicação bastante vaga de que fôra feito por índios do rio Negro. No centro, dois vasilhos de proveniência Pano. O da esquerda é atribuído aos Xamas (28 838 — Col. Mus. Nac.), e o da direita, aos Conibos, do rio Pachitéia (30 427 — Col. Mus. Nac.). Em baixo, cerâmica dos Caxibos, do alto Ucaiale. (30 294 — Col. Mus. Nac.).

B I B L I O G R A F I A

- FARABEE (William Curtis) — *Indian Tribes of Eastern Peru*. Cambridge, Massachusetts, U.S.A., 1922.
- KOCH-GRÜNBERG — *Zwei Jahre Unter den Indianern*. Berlin, 1909-1910.
- MEILLET (A.) et COHEN (Marcel) — *Les Langues du Monde, par un Groupe de Linguistes*. Paris, 1924.
- SCHOMBURGK (Richard) — *Travels in British Guiana*. Translated by Walter E. Roth. Georgetown, 1922.
- TESSMANN (Günter) — *Die Indianer Nordost-Peru*. Hamburg, 1930.
- TESSMANN (Günter) — *Menschen Ohne Gott*. Stuttgart, 1928.

TRABALHOS DE MIÇANGA

Quem quer que pouco versado em cousas de etnografia examine pela primeira vez qualquer artefacto indígena feito com miçangas, seja tanga, braçal ou pulseira, imediatamente põe em dúvida que tal trabalho possa ter sido executado por gente que, às vêzes, nunca teve o menor contacto com o civilizado. E há razão para isto. Em primeiro lugar, espanta desde logo o emprêgo de contas de vidro, das mais variadas côres e, às vêzes, de formatos diferentes, e que, na verdade, só poderiam ter chegado às mãos do silvícola através do homem branco. Por outro lado, há também como motivo de surpresa a arte com que

são aproveitadas essas mesmas miçangas para a confecção de desenhos perfeitamente geométricos, quase sempre gregas, espirais, e outros motivos decorativos que se repetem no mais puro estilo clássico.

Vejamos, porém, como com alguns conhecimentos, tudo isto se esclarece.

A miçanga, porque muito apreciada, sempre foi objeto de intensa troca com os povos primitivos. Assim, já no século XIII, Marco Polo espalhava-a em abundância pelo coração da Ásia. De igual modo, os conquistadores espanhóis e os nossos portugueses não tardaram em difundí-la entre os ameríndios.

Há mesmo certas pérolas de vidro, encontradas em antigas sepulturas, na América do Norte, México e também aqui, entre nós, no Rio Grande do Sul, que constituem verdadeiras preciosidades arqueológicas e têm dado motivo a muita controvérsia. Estas pérolas, em tudo semelhantes a outras de reconhecida antiguidade e provável origem oriental, viriam em apóio daquêles que acreditam que, muito antes de Colombo, barcos fenícios ou normandos teriam chegado até as costas do Novo Mundo.

Mas não é a essas pérolas, de tamanho grande e feitas numa pasta de vidro ao mesmo tempo branca, azul e vermelha, que nos queremos referir. As miçangas disseminadas entre os nossos atuais aborígenes são as de tipo miúdo, cada pérola de uma só côr, e que se prestam admiravelmente à composição dos seus delicados aderêços.

E justamente porque se trata de quinquilharia relativamente recente, só aqui introduzida depois da descoberta, elas, quando encontradas dentro de urnas funerárias, como já aconteceu nas grutas de Maracá, serviram como elemento de prova de que essas peças eram posteriores a Cabral.

Como é muito freqüente entre os índios a especialização em determinados gêneros de indústria, dedicando-se uns ao preparo da cerâmica, outros ao das zarabatanas, ainda outros ao do curare, e assim por diante, é de hábito entre êles uma grande atividade de trocas, para o que não raro empreendem longas viagens. Destarte, explica-se como

objetos de longínqua proveniência, passando de mão em mão, possam chegar a indígenas que jamais trataram com os seus fabricantes ou, em caso de manufatura exótica, com os alienígenas que os puseram em circulação. E é êste o caso das miçangas que, de fácil transporte e após atormentadas viagens, puderam chegar até tribos que vivem em paragens remotas e no mais completo segregamento. E onde elas não chegam, os índios, como já o fariam antes de 1500, conseguem perfeitos *enfiados*, para a realização de suas tangas e outros aderêços, aproveitando as inúmeras sementes de que podem lançar mão. Apenas, as pérolas de vidro, já perfuradas e de várias côres, não só muito lhes facilitaram o trabalho, como ainda bastante hão-de ter contribuído para o desenvolvimento dos seus motivos ornamentais.

E é chegado o momento de dizer alguma cousa a respeito dos desenhos geométricos que predominam como decoração nesses objetos feitos com a utilização de contas.

A admiração que os mesmos despertam pela perfeita regularidade das suas linhas, já fôra pretexto para muitas cogitações quando começou a ser conhecida e estudada a admirável cerâmica de Marajó. Nessas peças também aparecem, como principal ornamento, gregas, volutas e meandros, de fino labor artístico, e em tudo iguais aos harmoniosos frisos que decoram certos vasos da mais bela antiguidade grega.

Dáí haver logo quem quisesse entroncar os nossos ameríndios às mais cultas civilizações do Oriente.

Sabe-se hoje, entretanto, que o desenho regular e simétrico é realização precoce no desenvolvimento das artes plásticas e a êle chegará, independentemente de influências estranhas, qualquer povo que se preocupe com a decoração artística.

Mas de tudo isso já tratámos com mais cuidado ao falar justamente da cerâmica de Marajó e, assim, parece-nos dispensável insistir sôbre o mesmo assunto.

Diga-se apenas que devido à riqueza de côres que lhes proporcionam as miçangas, ainda maiores do que nos trabalhos de cerâmica são os efeitos decorativos conse-

guidos pelos índios ao executar os seus desenhos lineares com contas de vidro.

Os artefatos de miçanga, cuja confecção está afeta às mulheres, constituem também pertences de *toilette* e aderços preferentemente usados pelo sexo feminino. Pelo menos, assim acontece em relação às vistosas tangas tão em uso entre os Carábas e Aruaques das Guianas e margem esquerda do Amazonas e que nunca foram vistas trazidas pelos homens. Aliás, parece que as mulheres sempre tiveram um esmêro todo especial no preparo dos apetrechos com que “escondem o cofre dos deleites da ternura”, para nos aproveitarmos de uma deliciosa frase de Baena. Haja vista o artístico *babal* marajoara, o *uluri* das índias do Xingu e as tangas de vidrilhos, a que nos reportamos agora, e conhecidas na Guiana Inglesa e no alto rio Negro por *cueio*, conforme consignam Im Thurn e Gonçalves Dias. Apenas o inglês grafa *queyu*. Será uma corruptela do nosso *cueiro* levado até tão longínquas paragens pelos portugueses? Essas tangas são tecidas num bastidor especial, de contôrno acampanulado, e feito com o auxílio de duas varas flexíveis.

Embora raras, há tribos, contudo, em que os adornos de contas figuram principalmente na indumentária masculina, como acontece com os Curuaés e os Xipaias, índios do Xingu, visitados pela Dra. Emília Snethlage.

Enquanto as mulheres dessas tribos se contentam com grosseiras tangas de pano, os seus homens trazem um largo cinto de contas azuis, que lhes cinge estreitamente o ventre e a parte superior dos quadris. Além disso, usam também à volta do pescoço inúmeras fieiras de contas azuis e brancas, que, por vêzes, dada a sua abundância, chegam a constituir um grosso colar com alguns centímetros de espessura.

Outro adôrno de contas também apreciado pelos homens é uma braçadeira que reveste inteiramente o braço, estendendo-se da axila à prega do cotovêlo. Vimo-la em uso entre alguns índios Pianocotos, do vale do Trombetas, e, coincidência curiosa, era também bordada a contas azuis.

Aliás não passou despercebida de alguns viajantes a preferência que muitos dos nossos índios dão às miçangas azuis, talvez porque verdes e azuis eram as pedras usadas nos seus antigos tembetás e muiraquitãs, a que sempre emprestaram subido valor.

Diz-se que certos ameríndios, tal como sucede com alguns povos africanos, não distinguem o azul do verde e têm uma só palavra para designar essas duas côres. Isso, entretanto, só se observará entre as tribos mais atrasadas, uma vez que pelos trabalhos de plumária e justamente por êsses de miçangas de que nos ocupamos agora, verifica-se que a maioria dos nossos silvícolas não só joga admiravelmente com as côres, como até lhes distingue os mais delicados matizes. Observe-se, a êste propósito, a tanga que figura na nossa estampa XLII, e na qual estão perfeitamente separados os dois tons de azul em que se divide o seu corpo central: azul turquesa em baixo e azul mais claro em cima.

Entre as tribos que usam tangas de miçangas (espécie de pequeno avental pendente do baixo ventre até o meio das coxas e atado à cintura por um delgado cordel), até as meninas não as dispensam e, por isso, êsses *cache-sexes*, sempre do mesmo formato de um trapézio isósceles, são feitos dos mais variados tamanhos.

A despeito de caprichosamente desenhadas e alegremente coloridas, muitas índias ainda enfeitam suas tangas com franjas e penduricalhos em que não raro se reúnem sementes de frutos, asas de insetos, dentes e até chapinhas de metal. E tudo isto, à maneira de guizos, chocalha enquanto elas andam.

PRANCHA XLII — A nossa prancha LXII apresenta uma bela tanga de índia Pianocoto, ornamentada com sementes de uma Anonácea. Ainda aqui se pode observar a preferência pelas contas azuis. A peça pertence à coleção do autor.

PRANCHA XLIII — Na prancha XLIII vê-se, em cima, uma pequena tanga feita por índios do alto rio Negro, provavelmente do grupo Tucano. É de notar que os seus ornatos têm como motivo, várias vêzes repetido, a estilização de um animal, evidentemente a onça, o que constitui fato bastante raro em

trabalhos dêsse gênero, que quase sempre ostentam desenhos geométricos. Em baixo, na mesma prancha, aparece uma delicada pulseira executada pelos índios Arcunas, do sopé do Roroimã. Ambas as peças pertencem ao autor.

B I B L I O G R A F I A

- BAENA (Antônio Ladislau Monteiro) — *Ensáio Corográfico sôbre a Província do Pará*. Pará, 1839.
- CAMINHA (Pero Vaz de) — *Carta a El-Rei D. Manuel escrita da Ilha de Vera-Cruz em 1.º de Maio de 1500*. Editores Reis & Comp. Bahia, 1900.
- CHILDE (A.) — *Carta ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão sôbre Pérolas de Vidro — ditas Fencias*. (“Anais da Academia Brasileira de Ciências”. Tomo II. N.º 3. 1930).
- COUDREAU (H.) — *La France Equinoxiale*. 2 vols. Paris, 1886.
- CRULS (Gastão) — *A Amazônia que Eu Vi*. Rio de Janeiro, 1930.
- DIAS (Antônio Gonçalves) — *Relatório E, apenso ao Relatório do Presidente da Província do Amazonas*, Manuel Clementino Carneiro da Cunha, 1861.
- EHRENREICH (Paulo) — *A Segunda Expedição Alemã ao Rio Xingu*. (“Revista do Museu Paulista”. Tomo XVI. 1929).
- GOELDI (E. A.) — *O Estado atual dos Conhecimentos sôbre os Índios do Brasil, essencialmente sôbre os Índios da Foz do Amazonas, no Passado e no Presente*. (“Boletim do Museu Paraense”. Tomo II. Fasc. 1-4. Pará, 1897-1898).
- IM THURN (Everard F.) — *Among the Indians of Guiana*. London, 1883.
- MARQUEZ (Carlos Cuervo) — *La Perception de los Colores en algunas Tribus Indígenas de Colombia*. (“Anais do XX Congresso Internacional de Americanistas”, realizado no Rio de Janeiro em Agôsto de 1922. Vol. I. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924.).
- SIMPSON (Dr. George Gaylard) — *Los Indios Kamarakotos*. (“Revista de Fomento”. Ano III. Ns. 22-25, Março a Junio, 1940. Ministerio de Fomento. Venezuela).
- SNETHLAGE (Dra. Emília) — *A Travessia entre o Xingu e o Tapajós*. (“Boletim do Museu Goeldi”. Tomo VII. Pará, 1910).

C O L A R E S

Provas de muito bom gôsto e atilado engenho dá o nosso silvícola na escolha e aproveitamento do material que o cerca, para a confecção dos seus adornos. De tudo se serve êle como enfeite e nos três reinos da natureza encontra sobejos elementos com que decorar os seus colares e braceletes.

Se o muiiraquitã, a que já nos reportamos páginas atrás, é hoje peça arqueológica, nos dias atuais os índios do alto rio Negro ainda trazem, pendurados ao pescoço,

pesados cilindros de quartzo branco, a que muito estimam e que, de acôrdo com seu tamanho, exprimem vários graus de nobreza. E há razões para que êsses ornamentos sejam tidos em tão alta conta. O mineral de que são feitos parece provir de regiões bastante afastadas, talvez da falda dos Andes. Além disso, conformar em cilindro e perfurar pedras tão duras, sem utensílios apropriados, é tarefa que requer anos e mais anos de porfiado labor.

Ainda na bacia do rio Negro, sobretudo para as crianças, fazem-se enfiados de seixinhos mais modestos, pacientemente perfurados, e que preenchem o papel das contas de vidro, quando estas lhes faltam.

Do reino animal, mostra-se variadíssimo o material de que se aproveita o indígena; dentes e unhas de mamíferos, ossinhos de aves cortados em pequenos fragmentos, bicos e penas também de aves, substância córnea dos tubos dessas mesmas penas, costelas de cobra, conchas e caramujos, rostros e asas de besouro.

Entre êsses aderêços, merecem especial menção, pelo vistoso efeito que produzem, as fieiras, quase sempre usadas como diadema, feitas com os élitros de um grande Buprestídeo, o *Euchroma gigantea*, vulgarmente conhecido por *mãe-do-sol* ou *ólho-do-sol*. Êste inseto, cujas asas têm brilho metálico com reflexos irisados que vão do verde vivo ao vermelho purpurino, é bastante comum na região das Guianas e noroeste da nossa Amazônia, e dêle se utilizam muito as tribos do rio Uaupés. Outro coleóptero, que fornece belo enfeite para colares e diademas, é o gigantesco *Dynastes hercules*, com longo chifre sôbre a região cefálica.

Roquette-Pinto, na sua RONDÔNIA, destaca também as lindas pulseiras que as índias Nambiquaras fazem com os anéis da cauda do tatu-canastra.

A rica flora amazônica, com incontáveis sementes de forma e colorido diversos, com as suas cascas de coco, e variados tipos de taquara e gravetos, é outro manancial a que o aborígene recorre com discernimento, dela retirando abundante material de ornamentação.

Se êsses elementos, fornecidos pela fauna e pela flora, quase sempre são aproveitados tal como se apresentam

na natureza, em alguns casos o índio dêles apenas se serve como matéria prima que afeiçoa a seu talante e no que dá provas de apurado senso artístico. Assim acontece com bichinhos, pássaros, rãs, tartarugas e jacarés, que esculpe no endocarpo ósseo dos frutos de certas palmeiras, como a tucumã e a bacaba. Nesse trabalho muito se distinguiram os índios Ticunas, conforme se pode ver por um dos colares que aparecem na nossa estampa. Do nácar de certas conchas fluviais, outros índios recortam discos e triângulos que depois vão guarnecer colares e pulseiras. Na região do Caiari-Uaupés, são comuns as figas rasgadas na carapaça do jabuti e que ornaram o pescoço das crianças.

Mas não é só do que lhe oferece a natureza, que se aproveita o índio. Qualquer objeto que lhe tenha sido trazido pelo civilizado, desde que apresente qualidades decorativas, passará logo a ser incorporado aos seus enfeites. Não é raro, por isso, encontrarmos nos seus enfiados, ao lado de sementes, conchas e dentes, chapinhas de metal, moedas e até cápsulas deflagradas de arma de fogo. Simpson viu mesmo, entre os Camaracotos, da Venezuela, um apontador de lápis, entre os ornamentos que pendiam de um colar.

PRANCHA XLIV — Na nossa estampa XLIV se reúnem três adreços de proveniência diversa e que bastante se afastam pela natureza do material com que foram feitos.

Em cima, está um colar que pertenceu aos índios Paritintins. É peça heteróclita e na qual figuram os mais variados elementos. Caramujos fluviais, da família *Orthalicidae*, sementes grandes e pretas, provavelmente de uma Leguminosa, cápsulas metálicas de rifle 44, e alguns coquinhos de difícil identificação. Esse é o material que aparece entre os seus pingentes. No colar propriamente dito, composto de três ordens de fios, vêem-se miçangas de côr, contas pretas feitas com casca de côco e cilindros de ôsso tubular, sem dúvida de ave. Esta bela peça pertence ao nosso amigo Sr. Américo Facó, a quem ficamos devendo a gentileza de poder aqui reproduzi-la.

No centro, na mesma estampa, aparece um colar dos Ticunas, daquêles a que já nos referimos e no qual, entre sementes de tenteiro (gênero *Ormosia*), se vêem graciosas representações de aves esculpidas na drupa óssea de cocos. (30 359 — Col. Mus. Nac.).

Por último, temos um colar, ou melhor, diadema, dos índios do Uaupés, alto rio Negro. É uma feira de élitros do belo Buprestídeo *Euchroma gigantea*, já assinalado. Infelizmente, as tintas não conseguem reproduzir os matizes de brilho metálico e cambiante que, de acôrdo com a incidência da luz, apresentam as asas dêsse coleóptero. (532 – Col. Mus. Nac.).

B I B L I O G R A F I A

- KOCH-GRÜNBERG — *Indianische Frauen*. (“Archiv für Anthropologie”. Neue Folge Band VIII, Heft 1 und 2. Braunschweig, 1909).
- KOCH-GRÜNBERG — *Zwei Jahre unter den Indianern*. Wasmuth. Berlin, 1909-1910.
- RODRIGUES (J. Barbosa) — *L’Uiraery ou Curare*. Bruxelles, 1903.
- ROQUETTE-PINTO (E.) — *Rondônia*. Terceira edição. São Paulo, 1935.
- SIMPSON (George Gaylord) — *Los Indios Kamarakotos*. (“Revista de Fomento”, Ano III. Ns. 22-25, Marzo a Junio, 1940. Ministerio de Fomento. EE. UU. de Venezuela).
- WALLACE (Alfred Russel) — *Travels on the Amazon and Rio Negro*. Fifth edition. London, 1895.
- WASSEN (Henry) — *The frog-motiv among the South American Indians*. (“Anthropos”. Tomo XXIX. Fasc. 3-4. Maio-Agosto, 1934).

ARTE PLUMÁRIA

Os ornamentos vistosos, feitos com penas de aves, foram sempre dos mais estimados pelos ameríndios. Entre certos povos, como por exemplo, os Astecas, a arte plumária atingiu perfeição incomparável. Diz-se mesmo que a célebre bula de Paulo III, buscando pôr côbro às atrocidades praticadas no Novo Mundo contra os aborígenes, teria sido expedida depois que às mãos do Soberano Pontífice haviam chegado alguns daquêles famosos mosaicos de pluma em que se notabilizaram os antigos habitantes do Anauaque. Esclareça-se que, já sob as vistas do conquistador espanhol, os artífices, nos trabalhos remetidos para a Itália, tinham substituído os seus truculentos deuses por suaves figuras do hagiológico cristão.

Poder-se-ia supor que êsse gôsto pelo enfeite de penas não fôsse mais do que uma consequência da riqueza e variedade da ornitofauna americana, se não soubéssemos que os silvícolas da Austrália, dispondo também de aves

magníficas, nunca se lembraram de aproveitá-las para fins semelhantes. Assim, a arte plumária já é um índice de civilização, evidenciando certo nível cultural que nem sempre foi atingido por outros povos primitivos.

Possivelmente, de início, êsses adornos, quando corporais, tráiam apenas o desejo, experimentado pelo índio, de guardar sôbre si e ostentar aos olhos dos outros, os seus troféus de caça, e daí o enfeite de penas ser uma prerrogativa do homem. Mais tarde, porém, com a perfeição da técnica e a multiplicidade dos artefatos assim preparados, passaram, em determinados casos, à ordem de insígnias, apontando guerreiros valorosos ou chefes respeitados. Pericot diz que, entre os pele-vermelhas, os ornamentos de penas, de acôrdo com o seu feitio, tamanho e combinação das côres, contavam as façanhas de quem os ostentava, como número dos inimigos mortos por êle e maneira por que os tinha sacrificado. De igual modo, não haveria turbante de Montezuma que não trouxesse o emblema de sua nobreza: as lindas plumas verdes do *quetzal*; nem capacete de Atualpa que dispensasse as arrogantes penas do *ccoraquenque*.

Mas olhemos mais para o Brasil e, principalmente, para a Amazônia, que é o centro de convergência das nossas observações, embora, por vêzes, a título comparativo, tenhamos que alongar a vista até pontos mais distantes.

Ainda que com variantes, mais desenvolvida aqui, menos ali, a arte plumária sempre mereceu desvelado carinho dos nossos indígenas, que nela encontravam o principal elemento de sua tão sumária quão caprichosa indumentária. Aliás, foi êsse um dos aspectos que mais impressionaram os primeiros visitantes da nossa terra, a começar pelo que se lê na carta de Pero Vaz. Diz o missivista, descrevendo os primeiros índios com que teve contacto a gente de Cabral: “. . . e huum de elles trazia por baixo da solapa de fonte a fonte e pera detras huïa maneira de cabeleira de penas d’ave amarella, que seria de compridam de um couto muy basta e muy çarada, que lhe cobria o toutuço e as orelhas a qual andava pegada nos cabelos pena e pena com huïa confeçam branda coma cera . . .”; e mais adiante: “cheio de penas pegadas

pelo corpo que parecia azeitado coma Sam Sebastiam; outros traziam carapuças de penas amarellas, e outros de penas vermelhas, e outros de verdes . . .”. Hans Staden, prisioneiro dos Tupinambás, viu-os muitas vêzes afastarem-se por muitos dias, afim de irem procurar as flamejantes penas dos guarás. Êsses mesmos índios chegavam a manter viveiros em que dispusessem mais à mão de ave tão necessária a seus aderêços, do mesmo modo que silvícolas do Madeira ainda hoje, visando ao mesmo fim, fazem cativo o imponente gavião real ou harpia, o maior dos nossos rapineiros.

Parece que ao grupo Tupi coube entre nós o maior esmêro nos trabalhos de arte plumária e, para isso, sem dúvida, há-de ter concorrido o seu precoce apropriação da tecelagem com fio de algodão. Assim, grande número dos seus adornos era feito sôbre faixas e rêdes de tecido, enquanto em outros grupos são dominantes os ornatos sôbre trançado de fibra ou armação de palha, como acontece com tribos do alto rio Negro e Guianas.

As coifas com tapa-nuca e os mantos que desciam até a cintura e mais, ainda podem ser encontrados entre os Mundurucus e, possivelmente, os Maués e os Apiacás, tribos Tupis do vale do Tapajós, um dos principais focos em que se mantém viva a melhor tradição da bela arte plumária.

Hoje, porém, em trabalhos do mesmo gênero, talvez sobrepujem a todos os nossos ameríndios, outros Tupis, os Urubus, do Maranhão, conforme ressalta Raimundo Lopes numa das suas memórias e são prova concludente as magníficas peças que êle conseguiu reunir para o Museu Nacional. Êsses índios, mais exigentes do que quaisquer outros na procura do material a ser empregado nos seus artefatos, além das penas de arara, papagaio, tucano, gaviões, guarás, habitualmente em uso, lançam mão de um variadíssimo número de aves, escolhidas entre as mais notáveis da região, como cotingas, surucuás, saís e uirapurús, de cujas penas iridescentes conseguem adornos que são verdadeiras jóias. Merece ser assinalado que algumas dessas aves contam justamente entre aquelas que, após rigorosa seleção, apontamos como das mais belas da Hiléia

e figuram nas nossas estampas de FAUNA, tais sejam o *Phenicocerus carnificex*, o *Pharomachrus pavoninus*, o *Cyanerpes cyaneus cyaneus* e a pequenina *Pipra iris iris*. E isso vem demonstrar como é apurado o gôsto dêsses silvícolas.

Mas mesmo sem chegar à perfeição dos Urubus, cujos adornos primam não só pela vivacidade e contraste dos matizes, como pela delicadeza do seu acabamento, a plumária de outras tribos não pode ser esquecida. Entre os Tupis, citemos ainda os Oiampis, do Jari; Tembés, do Capim; e Auetôs, Jurunas e Camaiurás, do Xingu. Dos Caraíbas, os Araras, Apalais e Macuxis. Ainda que mais distantes e já de grupo isolado, pedem também referência os Bororos, que com seus diademas de penas azuis, de arara, criaram uma caracterização própria, verdadeiro *estilo da tribo*, para nos servirmos de uma feliz expressão de Raimundo Lopes; como, talvez, os ornamentos em que predominem os tons verdes sôbre fundo vermelho acusam uma origem Maué.

De igual maneira, há-de se pensar nos Carajás ao ver adornos que se abram em leque sôbre a cabeça; como aos índios do Uaupés estará sempre ligada a idéia de delicadas *aigrettes* que, quando lançadas pela moda de Paris, quase despovoaram os garçais da Amazônia.

Diga-se que, anteriormente, no século XVIII, também foi muito exportado para a Europa o célebre *papo-de-tucano*, mais tarde uma das gorgeiras mais vistosas no guarda-roupa de Pedro I.

Mas seja de que tribo fôr, qualquer índio quando completamente ajaezado, com capacete, tanga, colares, braceletes, ligas e ornatos nasais, labiais e auriculares, isto é, coberto de penas da cabeça aos pés, tem qualquer cousa de uma ave caprichosamente colorida e talvez possa causar inveja a muitos seres realmente emplumados

Já observamos que o adôrno de penas é um privilégio masculino. As mulheres, quando muito, contentam-se com o mosaico de penas, também usado pelos homens, e feito diretamente sôbre o corpo. Para isto, traçam-se na pele, com qualquer resina ou o leite viscoso de alguma

planta, arabescos e outros desenhos que, depois, são recobertos com pedacinhos de plumas.

Observe-se que se a arte do mosaico, na ornamentação de objetos, nunca alcançou entre nós o desenvolvimento conseguido no México, não deixou, entretanto, de ser cultivada por algumas tribos, sobretudo do alto rio Negro, como é exemplo o balaio de uma das nossas pranchas. Verdadeiros mosaicos de penas podem igualmente ser considerados os enfeites que, ainda no mesmo rio e também no Madeira, se fazem em rêdes de tucum e miriti, emprestando-lhes grande beleza e inestimável valor.

A pena, aliás, era ornamento para tudo, entre os indígenas. Não as dispensavam as cabeças de inimigos, mumificadas pelos Mundurucus e usadas à guisa de troféu. Os pentes amiúde também traziam pingentes de pluma. E assim os instrumentos de música e até os arcos em dias de festa. Isto para não falar na emplumação das flechas, por vêzes realizada com verdadeiro acabamento artístico. Tribos houve também, como a dos Ticunas, que se especializaram na difícil arte de conservação e empalhamento das aves, após serem abatidas pelo dardo sutil da zaratana.

Dentre as côres mais preferidas pelos silvícolas, sem dúvida porque não é freqüente na avifauna, está o amarelo. Daí o aprêço dado à guarajuba, o lindo papagaio que figura numa das nossas pranchas. Foi mesmo essa carência de penas amarelas que os levou, talvez, à descoberta da *tapi-rage*, processo de que já tratamos mais de espaço ao falar dos psitacídeos e pelo qual conseguem que em papagaios verdes as penas passem a nascer amarelas.

E agora, uma anedota que bem evidencia a astúcia e habilidade dos nossos índios. Quando Richard Schomburgk andava pela Guiana, os nativos cedo notaram que o naturalista tinha especial interêsse pelos pássaros raros e que ainda não vira, motivo pelo qual os presenteava rêgiamente a cada exemplar novo que lhe era trazido. Mas tanto se amiudaram essas descobertas no campo da ornitologia, que Schomburgk não tardou em verificar que estava sendo vítima de um lôgro. Aquêles espécimes nunca

tenham existido. Eram peças compósitas, feitas com extrema perícia e nas quais se reuniam duas e mais peles de aves distintas.

PRANCHA XLV — A prancha XLV reproduz uma coifa-mantelete dos Mundurucus. É das mais belas peças do Museu Nacional, onde está catalogada sob o n.º 572. Destinada a adulto tem, do alto da cabeça à franja preta terminal, 56cm de comprimento.

PRANCHA XLVI — Na prancha XLVI vemos, em cima, um balaio trançado a duas côres e sôbre o qual foi feito delicado mosaico de penas, em que aparecem flôres, pássaros e borboletas. A peça provém do alto rio Negro, embora não se possa precisar a sua origem. Há-de ter sido executada por qualquer tribo do grupo Tucano. O autor conseguiu-a em Manaus e hoje está no Museu Nacional catalogada sob o n.º 31 676. Tem 30cm de diâmetro.

Na mesma prancha aparece, em baixo, um bracelete dos índios Urubus (n.º 24 676, da coleção etnográfica do Museu), que se recomenda pela extrema delicadeza de sua fatura.

B I B L I O G R A F I A

- ANDRADE (Prof. Dr. Alfredo Ant. de) — *Estudo das Matérias Corantes de Origem Vegetal, em uso entre os Índios do Brasil e das Plantas de que procedem*. ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. XXVII. Rio de Janeiro, 1926).
- CAMPOS (Murillo de) — *Interior do Brasil*. Rio, 1936.
- DENIS (Ferdinand) — *Arte Plumária*. Paris, 1875.
- DENIS (Ferdinand) — *Brasil*. 2 vols. Garnier, Rio de Janeiro, s/d.
- HOLDRIDGE (Desmond) — *Pindorama*. New York, 1933.
- HUMBOLDT (Alexandre de) — *Voyage aux Régions Equinoxiales du Nouveau Continent*. 11 vols. Paris, 1816.
- KRICKBERG (Dr. Walter) — *Amerika*. Illustrierte Volkerkunde. Herausgegeben von Dr. Georg Buschan. Zweite Auflage. Stuttgart, 1922.
- KOCH-GRÜNBERG — *Zwei Jahre Unter den Indianern*. Berlin, 1909-1910.
- LOPES (Raimundo) — *Os Tupis do Gurupi*. Separata das "Atas do XXV Congresso Internacional de Americanistas". Tomo I. 1932.
- MÉTRAUX (A.) — *La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi-Guarani*. Paris, 1923.
- MÉTRAUX (A.) — *Une Découverte Biologique des Indiens de l'Amérique du Sud. La Décoration Artificielle des Plumes sur les Oiseaux Vivants*. ("Journal des Américanistes de Paris". Nouvelle Série. Tomo XX, 1928).
- PERICOT Y GARCIA (Luis) — *América Indígena*. Tomo I. Barcelona, 1936.
- SCHOMBURGK (Richard) — *Travels in British Guiana*. Translated by Walter E. Roth. Georgetown, 1922.
- SILVA-PRADO (E.) — *L'Art Plumaria*. ("Le Brésil en 1889", avec la collaboration de nombreux écrivains du Brésil, sous la direction de M. F. - J. de Santa Anna Nery. Paris, 1889).
- STEINEN (Karl von den) — *Entre os Aborígenes do Brasil Central*. Trad. de Egon Schaden. São Paulo, 1940.

MÁSCARAS DE DANÇA

Excetuando-se os Omáguas que, segundo referem velhos cronistas, vestiam mantos, camisas e calções muito bem tecidos com fio de algodão, os índios da Amazônia quase sempre andaram nus, ou melhor, para servirmo-nos da pitoresca expressão de um outro viajante, “só traziam a libré que lhes deu a natureza”. Aliás, o clima os levaria a essa despreocupação pelos agasalhos, cuja falta talvez só venham a sentir nos raros dias de *friagem*, quando, então, um bom foguinho os supre das peles de que nunca puderam prescindir os seus irmãos da Cordilheira. Nunca puderam prescindir porque a natureza, sempre sábia, lhes deu a roupa conforme o frio e êles tinham à mão, até com embaraço de escolha, a lã do lama, da alpaca e da vicunha.

À falta dêsses camelídeos andinos e também porque, pela razão já apontada, pouco desenvolvimento deram à indústria têxtil, os nossos índios, quando precisam de qualquer material a ser utilizado como pano, recorrem ao líber de certas árvores que, na trama de suas fibras, lhes fornece já pronta uma estôpa que, com a vantagem de ser leve e fresca, é bastante resistente.

Esse tecido natural é de uso corrente entre povos da África e da Oceânia. Por *tapa* tornou-se êle conhecido no Taiti, nome que prevaleceu de uma maneira geral, embora em outras localidades lograsse designações diversas. Provavelmente, através do Pacífico, a técnica do *tapa* passou da Polinésia ao Novo Mundo, onde logo se divulgou, pois que aqui, também, é grande a sua disseminação. Todavia, convém ser assinalado que, como centro mais vivo do seu cultivo, está justamente o noroeste amazônico, nas regiões sob influência do grupo Tucano. Esclareça-se porém, que o seu uso, como roupa própria dita, é de escassa exemplificação na América do Sul. Quando muito teria sido apontado entre tribos que se situam em regiões montanhosas e de clima mais áspero. Tal é o caso dos Conibos e Caxibos, do Ucaiale, que da

entrecasca de certas árvores faziam uma espécie de samarra larga, a que davam o nome de *cusma*. Humboldt e, depois, Schomburgk referem-se a iguais camisolões trazidos pelos Maioncons e outros índios do alto Orinoco. O primeiro desses exploradores diz ter visto, nas faldas do monte Duida, na Venezuela, *árvores de camisa* com mais de cinquenta metros de altura, e acrescenta que os nativos vestiam êsses agasalhos de *marima* por ocasião das grandes chuvas. No norte da Bolívia, foi também largo o emprêgo dos artefatos de estôpa vegetal. Aí, além de roupas, com ela se preparavam rêdes, mosquiteiros, cobertores, esteiras, sacos e os suspensórios com que as cargas são carregadas às costas.

Mas muitos outros são os préstimos dêsse produto. Haja vista o *cache-sexé*, espécie de cintura em T, usada por inúmeras tribos e para a confecção da qual, à falta do verdadeiro pano, é sempre preferida a entrecasca.

Na Amazônia, a êsse encacho dão o nome de *tapa-rabo* ou mesmo *rabo*, porque o seu ramo longitudinal, depois de voltar o períneo, da frente para trás, passa nas costas sob a faixa que forma a cintura e quase sempre pende, após isso, numa ponta longa, que, de fato, não deixa de lembrar um rabo. Já nos referimos também a certos painéis decorativos das malocas, feitos da mesma substância, e de que é belo exemplo aquêle que figura na nossa prancha XXXVII.

Todavia, a maior serventia que êsse pano natural traz aos silvícolas, é no preparo das suas máscaras de dança, principalmente na região do rio Negro, onde ainda hoje se torna indispensável ao ritual de muitas festas.

Antes, porém, de falarmos mais detidamente nessas máscaras, como são elas conhecidas, mas que melhor seriam chamadas fantasias, pois que, amiúde, são disfarces de corpo inteiro, digamos qualquer cousa sôbre a maneira por que os índios conseguem o material com que as mesmas são feitas.

Verdade seja dita que, dada a vulgarização que logrou essa estôpa, não raro utilizada em regiões das mais afastadas e diferentes, geográficamente falando, várias hão-de

ser as árvores de que se servem os índios para conseguí-la. Entretanto, o assunto ainda não mereceu especial atenção dos botânicos, que neste caso teriam tôda a vantagem de trabalhar ao lado dos etnógrafos, e é esta a razão por que apenas poderemos adiantar que a três famílias parecem pertencer as plantas mais empregadas para tal fim. São elas as Lecitidáceas, as Esterculiáceas e as Moráceas.

Contudo, se a matéria prima pode ter origem diversa, é sempre o mesmo o nome vulgar de *tururi*, que na Amazônia se dá indistintamente a qualquer espécie de tecido natural, possa êle até provir da espata de alguma palmeira, como acontece com a da ubucu. Apenas há a designação especial de *tauari* para o líber mais fino da árvore do mesmo nome, quase sempre uma Lecitidácea, e que é muito usado no interior da região como invólucro para cigarros, no que substitui perfeitamente a palha e o papel.

Mas, repetindo o que dizíamos, se de várias árvores pode provir o líber de que se fazem roupas e máscaras, é quase sempre a mesma a técnica empregada para alcançá-lo.

O processo consiste em raspar primeiro a epiderme da casca de uma árvore ainda de pé, de maneira a pôr à mostra a sua parte interior, branca e mais tenra. Depois, faz-se nesta uma incisão longitudinal, maior ou menor, mas que, em profundidade, atinja apenas a superfície do lenho e, a seguir, duas outras transversais, partindo dos dois extremos da primeira e abrangendo a circunferência do tronco. Assim, dada a distância entre os dois cortes transversais e paralelos, e tomada também em consideração a grossura do tronco, ter-se-á um pano retangular de tamanho proporcional àquêles. Entre os lábios da ferida longitudinal, o operador introduz então uma espátula de madeira, que age à maneira de cunha e com a qual, a golpes delicados, para não ferí-la, vai destacando a estôpa. Uma vez conseguida esta, é logo, enquanto ainda úmida, aberta sôbre um plano duro e horizontal, e submetida a um demorado processo de batimento, feito com o auxílio de um macête, também de madeira, e que apresenta, na sua superfície cilíndrica, vários entalhes ao comprido.

Essa operação visa fazer, com que o primitivo pano, sempre grosso e de aspecto esponjoso, pela desagregação das fibras, dispostas em camadas regulares, se desdobre em outros tantos panos, já então de natureza mais delgada. São êstes que, depois de sêcos ao sol, vão servir à confecção dos vários artefatos. Por vêzes, como no caso das máscaras, os panos, enquanto úmidos, já são moldados nas várias formas que deverão tomar, e só depois é que são levados à secagem. Quando se desejam peças inteiriças, em forma de manga ou cilindro, e é ainda o caso das máscaras e das roupas, então se torna necessário abater a árvore para conseguir um bom toro e praticar a operação de desprendimento da entrecasca, não por meio do corte longitudinal, mas pelo rebordo da superfície de secção. Assim, desde que se possa dispor de três toros, um mais grosso e dois mais finos, conseguem-se as três peças necessárias à confecção de uma máscara ou camisa, isto é, o seu corpo e as duas mangas, tudo já pronto, o que simplifica de muito o trabalho posterior das costuras.

E agora as máscaras e a dança.

Entre os índios, tudo é motivo para danças. Dança enquanto prepara a guerra ou quando dela volta vitorioso. Dança para celebrar um cacique, ou carpir a morte de alguém. Dança ainda para comemorar a safra da mandioca ou o amadurecimento da pupunha, do ingá ou do umiri. Para assinalar a puberdade de uma rapariga ou a terminação de um ajuri.

Essas danças, de que raramente as mulheres participam e durante as quais ainda mais raramente usam máscaras, na maioria dos casos são verdadeiras pantomimas, em que cada indivíduo se apresenta sob os mais estapafúrdios disfarces. Todavia as representações mais frequentes são aquelas em que aparecem animais, bichos de toda sorte: onças, macacos, preguiças, caititus e até beija-flôres, libélulas, carrapatos e larvas de insetos.

Se nem sempre as máscaras retratam bem a imagem que pretendem figurar, o índio, pela mímica e pela voz, supre, com habilidade inatingível as suas deficiências.

Tanto assim ' que, utilizando-se de um mesmo disfarce, poderá encarnar animais diferentes. Encarnar é o verdadeiro têrmo porque, segundo Koch-Grünberg, a máscara é aí mais um símbolo do que uma representação e, quando o silvícola nela se mete, corporifica-se ou melhor consubstancia-se com o espírito, quase sempre maligno, do animal que vai simular. Assim, a linda borboleta *Morpho*, comparsa habitual de certas danças no alto rio Negro, não vem ao baile pelo azul esplendente das suas asas, mas porque ao seu espírito maléfico são atribuídas certas febres que aparecem naquela região.

É isso abona a opinião de Montandon quando diz que, em princípio, tôda máscara é ritual, para o que recorda a origem da palavra, do baixo latim *mascha*, que quer dizer *feiticeira*. No entanto, ainda há quem separe as máscaras em três grandes grupos, enumerando, além das rituais, outras de guerra e de espetáculo, sendo que as rituais ainda se subdividem em máscaras de culto, máscaras de enterramento dos mortos e máscaras de justiça.

Mas isso são questões de somenos importância para nós, que aqui queremos apenas apontar alguns dos tipos de disfarce mais usuais entre os nossos índios.

Registre-se, de passagem, que as máscaras não são peculiares ao Novo Mundo, onde foram observadas na América do Norte e do Sul, mais lá do que aqui. Delas também fazem largo emprêgo certos povos da África guinéu-congolêsa e da Papuásia, justamente em regiões onde a *tapa* ou estôpa natural é encontrada com muita facilidade.

No Congo, a roupa dos homens é feita de uma só peça inteiriça, ao passo que a das mulheres se compõe de um mosaico de pequenos fragmentos de casca reunidos por costura feita com a fibra de uma palmeira. Como acontece na América, é geralmente aos homens que cabe a tarefa de preparar êsses tecidos.

Sem dúvida que, entre nós, onde também ocorre o aludido pano vegetal, êste há-de ser sempre o preferido para a confecção dos disfarces. E isto é o que acontece em larga zona do noroeste amazônico, onde se localizam

muitas tribos dos grupos Tucano e Aruaque. Aliás, parece que na América do Sul, a máscara é um elemento cultural aruaque, logo transmitido a outras famílias, mas que só tardiamente chegou ao conhecimento dos Tupis.

Entre as tribos já citadas do alto rio Negro, as máscaras de *tururi* são verdadeiros dominós, feitos, com exceção das mangas, numa só peça de entrecasca que, completada por um saiote de franjas de fibra, cobre o indivíduo da cabeça aos pés. No rosto, cuja máscara quase sempre retrata uma carantonha hedionda, de dentuça à mostra, nem mesmo se abrem orifícios para os olhos, uma vez que a estôpa, bastante porosa, permite a visão através do próprio tecido.

Todos êsses dominós são cuidadosamente pintados com as tintas mais comumente usadas pelos índios: fuligem de fundo de panela para o prêto, pasta de urucu para o vermelho e argila terrosa para o amarelo. Segundo observa Koch-Grünberg, o índio tem trabalho para dez a doze dias quando se entrega à confecção de uma dessas máscaras. Uma das que lhe requer maior paciência é a de onça, tôda pintalgada dos ocelos que malham a pele do animal, e que êle consegue reproduzir com o auxílio de um talo ôco de imbaúba. E dizer-se que artefatos de tão penosa execução, segundo manda o ritual, são logo queimados, tão depressa termine a cerimônia para que foram especialmente preparados! Daí a dificuldade que muitas vezes tiveram os etnógrafos para conseguir algumas dessas fantasias, pois que a não ser na ocasião das festas, jamais são encontradas em qualquer tribo. Assim mesmo Koch, porque muito se demorou entre alguns índios, conseguiu fazer delas uma rica coleção de cinqüenta modelos diferentes. Das mesmas tem também o nosso Museu um belo mostruário, que lhe foi doado pelo General Rondon, e dentre o qual escolhemos os dois exemplares que ilustram a nossa estampa XLVII.

Ainda segundo Koch-Grünberg, durante as suas danças, certas tribos do alto rio Negro, como a dos Tuiucas, cingem-se ao uso de um simples avental, com inscrições a côres, azul e principalmente vermelho. Outras, como a dos Hianocoto-Umaus, empregam, para o mesmo fim,

uma larga faixa de líber, a que dão o nome de *hono*, e que lhes volteia apertadamente o tronco, desde as axilas até os quadris. Sobre êsse verdadeiro colête, são então passadas outras tiras de líber, mais estreitas e macias, e sobre as quais foram prèviamente feitos desenhos de peixes, cobras, costelas de tamanduá e outras representações que só por êles poderão ser explicadas. Há ainda outras tribos que enfeitam êsses mesmos colêtes com penas de aves.

Para Lowie, os desenhos que os povos primitivos fazem nas suas máscaras e que, dêsse ponto de vista, podem ser aproximadas das inscrições rupestres, devem ser enquadrados dentro da pictografia. De uma maneira geral, não se trata de uma manifestação artística, pois que não visam a beleza, mas antes procuram fixar ou transmitir uma informação. E convém não esquecer que foi da pictografia que nasceu a escrita.

A árvore que fornece aos Tucanos a estôpa natural é conhecida entre êles por *uaqueçoque caquecero*, a que se prende o nome de *uaqueçoro* com que designam o *tapa-rabo* a que já aludimos ⁽¹⁾. Dizem alguns autores que nessa região do rio Negro é a *guaxinguba* ou *caxinguba* do nosso cabôclo, *lombrigueira* dos portugueses e *uapuim-açu* de alguns índios, a árvore que produz o tururi.

Entre os Tarianas e outras tribos do Caiari-médio, sempre no noroeste amazônico, além das máscaras de estôpa, há outras muito mais raras e das quais cada tribo possui apenas um par. Essas máscaras, ainda do feitio de dominós, e que são feitas pela reunião de várias peles de macaco cozidas com fio de cabelos de mulher, ao contrário das outras são conservadas com grande cuidado no intervalo das festas, embora só apareçam de raro em raro por ocasião das cerimônias em que é invocado o Jurupari. Chamam-nas *macacaraua*, o que, em língua geral, quer dizer *pêlo de macaco*.

Bem diversa é a indumentária dos índios do Xingu por ocasião das suas festividades. Dela se ocupou longa-

(1) Estas informações nos foram fornecidas particularmente pelo Padre Antônio Giacone, das Missões Salesianas do Amazonas.

mente Von den Steinen, ao relatar a sua visita aos Bacairis, Nauaquás, Meinaús, Trumaís, Camaiurás, Auetôs e outros. Aí, o principal elemento dos disfarces de dança é a grande máscara de madeira com olhos de madrepérola, nariz de cêra e dentes de peixe. Essas máscaras se completam quase sempre por uma longa saia, que desce dos ômbros ao chão, e é feita com fôlhas de palmeira, quase sempre buriti, ou palha de capim. Em certas fantasias, trata-se de uma verdadeira saia-balão ou crinolina, com armação interna, e que pode ter muitos metros de circunferência. Isto se dá no disfarce de pombo e naquêle chamado *cualóé*, em que o índio procura representar uma verdadeira maloca, de formato redondo e tôda de palha.

No Xingu, há também máscaras feitas de duas peças, camisa e calça. Nestas, no lugar competente, sempre são postos em evidência os órgãos sexuais. Um pedaço de sabugo de milho simula o pênis, enquanto a bolsa escrotal é feita com um trançado de palha.

O peixe raramente é esquecido entre os animais que tomam parte nas festividades indígenas. Entre os Bacairis são mesmo várias as espécies que figuram nas mascaradas, como o pacu, o mamuri e a matrinhã. Dessa insistência com que o peixe é lembrado, conclui Kunike que êle deve ser para o índio um símbolo de fertilidade, uma vez que muitas das suas celebrações são realizadas para que propícias lhes sejam as pescarias, caçadas e colheitas. E em apôio da sua tese, cita uma máscara Carajá que, não contente de representar um bôto, ainda o provê de enorme falo. Note-se que aí já andamos longe da classe dos peixes. Mas como se trata ainda de animal aquático . . . Tastevin não aceita, porém, a opinião de Kunike. Para êle, o peixe, um dos elementos primordiais na alimentação do nosso índio, jamais poderia ser olvidado numa partida em que se reúnem tantos outros bichos. E quanto ao bôto, de acôrdo com a fama que já lhe criaram, seria antes um símbolo de luxúria do que pròpriamente de fertilidade.

PRANCHA XLVII — A estampa XLVII apresenta duas máscaras dos índios Uananas, família Tucano, do rio Caiari-Uaupês, afluente do Negro. São ambas de líber, como as descritas

um pouco atrás. A entrecasca, que serviu à confecção das mangas, é de côr mais escura, castanho-avermelhada, e deve ter sido conseguida de árvore diferente daquela que forneceu o pano para o corpo da fantasia, quase branco. Nas duas, à altura dos quadris, há por dentro um arco de madeira, que faz o saiote armado e ao qual estão cosidas as franjas de fibra que o compõem. As mangas, igualmente, tanto nos ômbros como nos punhos, são reforçadas por pequenos arcos de pau. Essas duas máscaras pertencem às coleções do Museu Nacional e estão catalogadas, a da esquerda, sob o n.º 20 566 e, a da direita, sob o n.º 20 571. A primeira tem 1,26m de comprimento e a segunda 1,49m.

PRANCHA XLVIII — Na estampa XLVIII temos um capacete-máscara usado pelos índios Tucunas, do rio Ucaiale, por ocasião do Ieboá ou festa da puberdade. Êsses índios também fazem máscaras de liber; a sua especialidade, porém, são êsses capacetes, com representações de animais, como o que aparece na nossa gravura, e é encimada por um tatu esculpido em madeira. A peça pertence ao Museu Nacional e tem o n.º 916.

B I B L I O G R A F I A

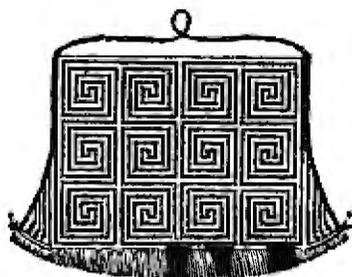
- ACUÑA (Padre Christoval d') — *Nuevo Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas*. Madrid, 1891.
- BATES (Henry Walter) — *The Naturalist on the River Amazons*. London, 1895.
- EHRENREICH (Paulo) — *A Segunda Expedição Alemã ao Rio Xingu*. ("Revista do Museu Paulista". Tomo XVI, 1929).
- HUMBOLDT (Alexandre de) — *Voyage aux Régions Equinoxiales du Nouveau Continent*. Paris, 1816.
- IM THURN (Everard F.) — *Among the Indians of Guiana*. London, 1883.
- KOCH-GRÜNBERG — *Zwei Jahre Unter den Indianern*. Berlin, 1909-1910.
- KUNIKE (Hugo) — *Der Fisch als Fruchtbarkeitssymbol bei den Waldindianern Sudamerikas*. ("Anthropos", Band VII, 1912).
- LE COINTE (Paul) — *A Amazônia Brasileira - III. Árvores e Plantas Úteis*. Belém, Pará, 1934.
- LE COINTE (Paul) — *L'Amazonie Brésilienne*. 2 vols. Paris, 1922.
- LENOIR (Raymond) — *Les Fêtes de Boisson en Amérique du Sud*. ("Journal de la Société des Américanistes de Paris". Nouvelle Série. Tome XVII, 1925).
- LOWIE (Robert) — *Manuel d'Anthropologie Culturelle*. Trad. par E. Métraux. Paris, 1936.
- MÉTRAUX (A.) — *La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi-Guarani*. Paris, 1928.
- MONTANDON (George) — *Traité d'Etnologie Culturelle*. Paris, 1934.
- RODRIGUES (J. Barbosa) — *L'Uiraery ou Curare*. Bruxelles, 1903.
- SCHOMBURGK (Richard) — *Travels in British Guiana*. Translated by Walter E. Rot. Georgetown, 1922.

SNETHLAGE (Dra. Emília) — *A Travessia entre o Xingu e o Tapajós*. (“Boletim do Museu Goeldi”. Tomo VII. Pará, 1910).

SOUZA (Cônego Francisco Bernardino de) — *Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas*. Pará, 1873.

STEINEN (Karl von den) — *Entre os Aborígenes do Brasil Central*. Trad. de Egon Schaden. São Paulo, 1940.

TASTEVIN (P. C.) — *Le Poisson Symbole de Fécondité ou de Fertilité chez les Indiens de l'Amérique du Sud*. (“Anthropos”. Band VII, 1912).



ELUCIDÁRIO

ELUCIDÁRIO

Nos verbetes abaixo dão-se alguns esclarecimentos, sobretudo de ordem taxinômica, a respeito de animais e plantas que, no contexto do livro, apenas foram citados pelos seus nomes vulgares. Quanto aos índios, pareceu-nos útil dizer alguma coisa concernente à família em que se entroncam lingüisticamente, localização das suas tribos e sinonímia, às vêzes numerosa e desconcertante, por que são conhecidos. Ao reproduzir êsses nomes, com frequência averbados pela primeira vez por autores estrangeiros, respeitou-se a grafia por êles adotada, onde não raro aparecem o *k*, o *w* e o *y*, hoje eliminados da nossa escrita. Sem dúvida, nesse arrolamento geral, não poucas definições seriam desnecessárias, se não tivéssemos em vista um ou outro leitor pouco familiarizado com a nossa língua.

A

- Açazeiro** (árvore) — *Hura crepitans*. Fam. das Euforbiáceas.
- Açaí** (palmeira) — *Euterpe oleracea* Mart. e outras espécies. Fam. das Palmáceas.
- Acapu** (árvore) — *Vouacapoua americana* Aubl. Fam. das Leguminosas. Há outras espécies com o mesmo nome e também uma Olacácea.
- Acariuba** (árvore) — *Minquartia guyanensis* Aubl. Tem outros nomes vulgares: *acari* e *acaricuara*.
- Acauáio** (índio) — Fam. Caraíba. Vivem na Guiana Inglêsa, às margens dos rios Pomerum, Moruca, Cuiuni e Acarabise. Sin.: *Akawayo*, *Akawai* e *Akawoio*.
- Aguapé** — De um modo geral, qualquer planta aquática; mas, de preferência, as *Eichhornia* (Pontederiáceas), vulgarmente conhecidas por *mururé*, *mururé-de-canudo*, *mururé-de-flor-roxa*, *mururé-orelha-de-vado*, *rainha-dos-lagos* e *violeta d'água*. Ainda como sinônimo de aguapé, diz-se *golfo* ou *pasta*, também sem distinção das plantas hidrófilas que povoam a superfície de lagos e outras águas paradas.
- Aiana** (índio) — V. **Uruçuiana**.
- Ajuri** — Reunião e concurso gratuito de várias pessoas, para qualquer trabalho em comum. Sin.: *adjunto*, *ajutório*, *mutirão*, *muxirão*, *puturum*.
- Ambé** (cipó) — *Philodendron imbe* Schott e outras espécies do mesmo gênero. Fam. das Aráceas. Sin.: *cipó-imbé*, *imbé*.
- Andiroba** (árvore) — *Carapa guyanensis* Aubl. Fam. das Meliáceas.
- Angelim** (árvore) — *Dinizia excelsa* Ducke e outras Leguminosas do gênero *Hymenolobium*. Sin.: *faveira*.
- Anhinga** (ave) — *Anhinga anhinga*. Fam. dos Anhingídeos. Sin.: *biguatinga*, *carará* e *miuá*.
- Aninga** (planta herbácea) — *Montrichardia arborescens* Schott e outras espécies. Fam. das Aráceas.
- Anta** (mamífero) — *Tapirus americanus* Briss. Fam. dos Tapirídeos.
- Apalaí** (índio) — Fam. Caraíba. Vivem às margens do Jari, Paru (de leste) e Curuá, afluentes da margem esquerda do Amazonas. Sin.: *Aparaí*.
- Apiacá** (índio) — Fam. Tupi. Habitantes do Arinos e Juruena, e também abaixo da confluência d'esses dois rios. Não confundir com outros do mesmo nome, mas de origem Caraíba, instalados à margem esquerda do Tocantins e ao sul dos montes Tocaia, entre o Tocantins e o Xingu. Êstes últimos são também conhecidos por *Apingui*.

- Apuí** (cipó e depois árvore) — *Ficus*, sub-gên. *Urostigma* (Moráceas) e *Clusia* sp. (Gutíferas). No Tapajós há também outras Moráceas a que dão o mesmo nome: o *Ficus tapajozensis* Standl. e a *Coussapoa Rouhamon* Bth.
- Apuizeiro** — V. Apuí.
- Araçari** (ave) — Todos os Ranfastídeos do gênero *Pteroglossus*.
- Aracuã** (ave) — De preferência, *Ortalis squamata*, mas ainda há outras espécies do mesmo gênero. Fam. dos Cracídeos. Galiformes.
- Arapari** (árvore) — *Macrobium acactaeifolium* Benth. e outras espécies do mesmo gênero e também do gênero *Swartzia*. Leguminosas.
- Araponga** (ave) — *Procnias nudicollis* e *P. alba*. Fam. dos Cotingídeos. Sin.: *ferreiro*.
- Arara** (ave) — Ord. Psitaciformes. Fam. Psitacídeos.
- Arara (índio)** — Fam. Carálba. Vivem às duas margens do Xingu, atingindo quase a este o Tocantins, ao norte o Curuá e a oeste o Tapajós. Sin.: *Ajukuré*. Com o mesmo nome *Arara*, há outros ameríndios, mas estes da família Pano, e que vivem nos altos dos rios Liberdade e Humaitá.
- Arara azul** (ave) — *Anodorhynchus hyacinthinus*. Psitacídeos. Sin.: *araraúna* e *araruna*.
- Araraúna** — V. *Arara azul*.
- Arara vermelha** (ave) — *Ara macao* e *Ara chloroptera*. Psitacídeos. A primeira é também conhecida por *arara-canga* e *arara-piranga*.
- Arari** — V. Tamanduáí.
- Araticu** (arvoreta) — *Anona palustris* L. Fam. das Anonáceas.
- Araucano** (índio) — Grande família dividida em vários grupos. Ocupavam e ocupam ainda a região chilena compreendida entre o Pacífico e a cordilheira dos Andes. Sin.: *Aucanian* de Brinton e *Che* de Lehmann-Nitsche.
- Arecuna** (índio) — Família Caraíba. Habitam as faldas do Roroimã, nas nascentes do Caroni e Mazurini e nos formadores do alto Cuiuni.
- Ariramba** (ave) — Gênero *Chloroceryle*, várias espécies. Cracíformes. Alcedínídeos. Sin.: *martim-pescador*.
- Ariranha** (mamífero) — *Pteronura brasiliensis*. Fam. dos Mustelídeos. Sin.: *lontra grande*.
- Arraia** (peixe) — Nome comum dos *Elasmobranchios batoides*.
- Arumã** (planta herbácea) — *Ischnosiphon aruman* (Aubl.) Kch. e outras espécies. Marantáceas.
- Asa-branca** (ave) — *Cairina moschata* (Linneus). Ord. Anseriformes. Fam. Anatídeos. Sin.: *pato-bravo* e *pato-do-mato*.
- Atorá** (índio) — Fam. Aruaque. Habitantes dos campos, entre o Rupunini e o Cuiuni, afluentes do Essequibo, e também das nascentes do Tacutu, afluente do rio Branco. Parecem ter sido absorvidos pelos Uapixanas. Sin.: *Ataroi*, *Atorad*, *Atorayo*, *Atorradi* e *Aturati*.
- Aturá** — Recipiente ou cesto de formato cilíndrico, feito de talas, e que os índios trazem às costas, suspenso por uma embira passada à volta da cabeça.
- Aturiá** (arbusto) — *Machaerium lunatum* (L.) Ducke e *M. ferox* Mart. Leguminosas.
- Auetô** (índio) — Família Tupi. Vivem à margem esquerda do Curisevo, um dos formadores do Xingu.
- Axué** (árvore) — *Saccoglottis guyanensis* Benth. e outras espécies. Humiriáceas.

B

- Babaçuzal** — Reunião de palmeiras do gênero *Orbignya*, mas, sobretudo, *Orbignya speciosa* B. Rodr. Palmáceas.
- Bacaba** (palmeira) — *Oenocarpus bacaba* e outras espécies. Palmáceas.
- Bacabinha** (palmeira) — *Oenocarpus minor* Mart. e *O. multicaulis* Spruce. Palmáceas.

- Bacairi** (índio) — Família Caraiíba. São os seus representantes mais meridionais. Habitam as cabeceiras do Xingu, nos rios Curisevo, Tamitoatá ou Batovi, e também nas cabeceiras do Tapajós: rios São Manuel, Paranatinga e Arinos.
- Bagre** (peixe) — Gêneros *Tachysurus*, *Genidens* e *Felichthys*. Fam. Arídeos.
- Baláio** — Cesto de forma circular, sem tampa. Dir-se-ia uma peneira, se o seu tecido não fôsse tão cerrado. Sin.: *apá*, *tijela*.
- Balata** (árvore) — *Mimusops bidentata* A. DC. Entre tôdas as nossas Sapotáceas produtoras de latex, é esta a que fornece o melhor produto, tão bom ou superior à guta-percha do Oriente, obtida também de uma Sapotácea, a *Dichopsis gutta*. Assim, devemos tê-la como a *balata verdadeira*, embora sempre na mesma família e tanto ainda no gênero *Mimusops*, como em outros, *Lucuma*, *Ecclinusa* e *Sideroxylon*, existam árvores balateiras, que lhe fazem concorrência. Entre as *Mimusops* estão as “maçaranduras” (*Mimusops amazonica* Hub. *nov. spec.* e *Mimusops elata* Freire Alemão) e as “maparajubas” (*Mimusops maparajuba* Hub. e *Mimusops paraensis* Hub.). As “balateiras” dos gêneros *Lucuma* e *Ecclinusa* são vulgarmente conhecidas por *abiuranas* e as do gênero *Sideroxylon* se distinguem por fornecer uma goma ligeiramente rosada. Ao produto conseguido dessas falsas “balateiras” (balata fraca, balata inferior) chamam no Pará *cuquirana*, e no Amazonas *ucuquirana*. Vale lembrar que entre tôdas essas falsas balateiras há quatro cujo latex bastante se recomenda como competidor da balata verdadeira. São elas a *Lucuma gutta* Ducke *n. sp.*, conhecida vulgarmente por *abiurana guta*, as duas maçarandubas citadas mais acima, e uma das maparajubas também referidas, a *Mimusops paraensis* Hub., mas na sua variedade *discolor*.
- Bálsamo-do-peru** (árvore) — *Myroxylon peruiferum* L. Leguminosas.
- Bambu** — *Guadua latifolia*, *G. angustifolia* e outras espécies. Gramíneas. Sin.: *taboca*.
- Bará** (índio) — Família Tucano. Tribo do grupo oriental dessa família. Vive nas cabeceiras do rio Tiquié, afluente do Uaupés, por sua vez contribuinte do rio Negro.
- Barba-de-bode** (planta herbácea) — *Bulbostylis paradoxa* e outras espécies (Ciperáceas) e também *Eragrostis reptans* (Gramíneas).
- Barba-de-velho** (planta epífita) — *Tillandsia usneoides* (Bromeliáceas) e *Andropogon virginicus* (Gramíneas). Esta última não se encontra na Amazônia.
- Barbado** (símio) — *Alouata seniculus* e outras espécies. Fam. Cebídeos, subfam. Micetíneos. Sin.: *bugio*, *guariba*.
- Barbasco** (arbusto) — *Clibadium biocarpum* Mart. Compostas.
- Barrigudo** (símio) — *Lagotrix lagotricha* e *L. infumata*. Fam. Cebídeos.
- Batata-doce** (planta herbácea rasteira) — *Ipomoea batatas* Lamb. Convolvuláceas.
- Batuira** (ave) — *Bartramia longicauda*. Ord. Caradriiformes. Fam. Escolopacídeos.
- Baunilheira** (cipó) — *Vanilla aromatica* Swartz. e outras espécies. Orquídeas.
- Bicho-de-pé** (inseto) — *Tunga penetrans*. Ord. Sifonápteros.
- Biguatinga** — V. *Anhinga*.
- Boiúna** — V. *Sucuri*.
- Bôto** — Mamífero da ordem dos Cetáceos odontocetos. Fam. Delfinídeos e Platanistídeos.
- Bôto-preto** (cetáceo) — *Sotalia tucuxi*. Fam. Delfinídeos. Sin.: *piraiáuara*, *pirajagoara*, *tucuxi*.
- Bôto-vermelho** (cetáceo) — *Inia Geoffroyensis*. Fam. Platanistídeos. Sin.: *oiara*, *uiara*. Reina certa confusão na designação vulgar dos botos. Para os zoólogos, *bôto-vermelho* é o *bôto-preto* ou *tucuxi*, enquanto que o *bôto-vermelho*, ou *uiara* passa a ser *bôto-branco*. É possível que o bôto preto tenha uma tonalidade pardo-violácea do lado ventral, conforme assinala Von Ihering, mas o que não resta dúvida é que a *uiara*, o cetáceo em tórno do qual correm tantas lendas na Amazônia, é de um colorido bem vermelho, tirante ao alaranjado.

A êsse, segundo Stradelli, é que se emprestam qualidades de sedutor de donzelas, e dos seus olhos, dentes e vergalho fazem os caboclos talismãs com virtudes extraordinárias. Ainda para o mesmo autor, é êsse o *piraiáuara* dos indígenas e não o bôto-preto ou tucuxi, ao passo que a um bôto menor, de tonalidade rosada, se reserva particularmente o nome de *oiara* ou *uiara*.

Buiuçu (árvore) — *Ormosia Coutinhoi* Ducke (Leguminosas). Também Apocináceas dos gêneros *Mandevilla* e *Allamanda*.
Bugio — V. Barbado.

C

Caapi (cipó) — *Banisteria caapi*. Malpigiáceas. Sin.: *iajé*.

Caatinga — Região de mato ralo e árvores de pequeno porte, quase sempre fronteira a zonas de campo.

Caatinga de igapó — Espaço de terras inundadas durante a cheia e coberto de vegetação mofina. É comum na região do rio Negro.

Cabaça — O fruto da cabaceira, *Lagenaria vulgaris* Ser. (Cucurbitáceas), depois de esvaziado do seu miolo. Consegue-se igual recipiente para água e outros líquidos com o fruto da *Crecentia cujete* L. (Bignoniáceas).

Cabeça-de-frade (cacto) — *Molecactus Nery* e outras espécies. Cactáceas. Sin.: *corôa de frade*.

Cacau (árvore) — *Theobroma cacao* L. Esterculiáceas.

Cágado — V. Jabuti.

Caiapó (índio) — Fam. Gê. No comêço do século XVIII ocupavam a parte meridional de Goiás. Depois se dividiram, emigrando uns para o sul, onde foram viver às margens do Paranaíba, afluente do alto Paraná; enquanto outros, os restantes naquele Estado, se uniram a outras tribos aparentadas, e que viviam à margem ocidental do médio Araguaia. Os mais ocidentais dêsses Caiapós do norte são os Suriás, do alto Xingu.

Caiarara (símio) — *Cebus capucinus* e *C. albifrons*. Sin.: *saitauá*.

Caiaué (palmeira) — *Elacis melanococca* Gaertn. Palmáceas. Sin.: *dendê do Pará*.

Caititu — *Tayassu tayassu*. Gên. *Dicotyles*. Sin.: *porco-do-mato*.

Caju — Fruto do cajueiro, *Anacardium occidentale* L., Anacardiáceas.

Cajuaçu (árvore) — *Anacardium Spruceanum* Engl. e *A. giganteum* (Hanc.) Engl. Anacardiáceas. Sin.: *caju-da-mata*, *cajuí*.

Caládio (planta herbácea) — Diversas variedades do gênero *Caladium*. Sin.: *tajá*, *tinhorão*.

Camaluré (índio) — Fam. Tupi. Habitantes da margem esquerda do Curisevo, um dos formadotes do Xingu.

Camaracoto (índio) — Fam. Caraíba. Localizados na bacia do Orinoco, às margens do Paraguá, afluente do Caroni (Venezuela).

Cambaxirra (ave) — Ordem Passariformes. Família Trogloditídeos. Vários gêneros: *Cistathorus*, *Thryethorus*, *Troglodytes*. Sin.: *carríça*, *corruira*.

Campinarana — Zona de transição entre o charravascal e o campo própria-dito.

Canarana (capim aquático) — *Panicum spectabile* Nees. Gramíneas. Designa também reuniões das grandes espécies de *Paspalum* e *Panicum*.

Candiru (peixe) — Fam. Tricemictéridos. Gêns. *Vandellia* e *Stegophylus*.

Canela (índio) — Fam. Tsibtsa. Sub-grupo Barbacôa. Vivem no alto Napo até a sua confluência com o Coca e às margens dêste último. Sin.: *Quixo*.

Canguçu (carnívoro) — *Felis onça*. Fam. Felídeos. Sin.: *jaguar*, *jaguetê* e *onça pintada*. Em Mato Grosso: *macharrão*.

Capão de mato — Pequena área florestada que surge em região de campo.

- Capivara** (mamífero) — *Hydrochoerus capibara*. Sin.: *cupido*.
- Cará** (cipó) — *Discorea* sp. Grande número de variedades. Dioscoráceas.
- Caracará** (ave) — Fam. Falconídeos. Gêns.: *Milvago*, *Daptrius* e *Polybarus*.
- Caraipé** (árvore) — *Licania turiuva* Cham. e Schlcht., e *Parinarium barbatum* Ducke. Rosáceas.
- Carajá** (índio) — Família isolada. Vivem no Araguaia, entre 15 e 6° de latitude, divididos em algumas hordas de nomes diferentes.
- Carajuru** (arvoreta trepadeira) — *Arrabidaea chica* Verlot. Bignoniáceas. Sin.: *abajuru*, *cajuru*, *chica*, *jurubeca*, *pariri*, *piranga*.
- Caramujo** — Molusco gasterópode.
- Caraná** (palmeira) — *Mauritia carana* Wall. e outras espécies. Palmáceas.
- Caranaí** (palmeira) — *Mauritia aculeata* H. B. K., *Pelidocaryum tenue* Mart. e outras espécies do mesmo gênero.
- Carará** — V. Anhinga.
- Carijona** (índio) — Família Caraíba. Vivem à margem esquerda do Japurá.
- Carrapato** — Aracneides da ordem dos Acaríneos. Fam. Ixodídeos.
- Casca-preciosa** (árvore) — *Aniba canelilla* Mez. Lauráceas.
- Cascavel** (cobra) — *Crotalus terrificus*. Fam. Viperídeos.
- Castanheira** (árvore) — *Bertholletia excelsa* H. B. K. Lecitidáceas. Sin.: *castanhado-Pará*, *tocari*.
- Catingueiro** — V. Cigana.
- Caucho** (árvore) — *Castilloa Ulei* Warb. Euforbiáceas.
- Cauci** — V. Cauxi.
- Cauxi** — Espongiário de água doce. *Tubella reticulata*, *Parmula batesii* e *Ephydaties crateriformis*. Sin.: *cauci*, *cupim d'água* e *paracutaca*.
- Caxibo** (índio) — Fam. Pano. Vivem junto ao Pachitêia e outros afluentes da margem esquerda do Ucaiale.
- Caxinauá** (índio) — Fam. Pano. Habitantes do Juruá, no seu afluente Envira.
- Caxinguba** (árvore) — *Pharmacosycea anthelmintica* Miq. e outras espécies. Moráceas. Sin.: *guaxinguba* e *lombrigueira*.
- Caxinguelê** (roedor) — Gênero *Sciurus*. Fam. Sciurídeos. Sin.: *quatipuru*, *serelepe*.
- Caxirama** (palmeira) — *Bactris chloracantha* Poepp. Palmáceas.
- Caxiri** — Bebida fermentada, quase sempre preparada com a mandioca.
- Cecrópia** (árvore) — A nossa *imbaúba*. Várias espécies do gênero *Cecropia*, Moráceas.
- Cedro** (árvore) — Várias Miliáceas dos gêneros *Cedrela* e *Guarea*. Também Voquisiáceas do gênero *Vochysia*.
- Charravascal** — Zona intermédia entre a mata e o campo limpo ou a campinara. Sin.: *carravascal*, *cavascal* e *chavascal*.
- Cigana** (ave) — *Opisthocomus hoazin* (Müller). Fam. Opistocomídeos. Sin.: *cattingueiro*, *jacu-cigano*.
- Cigarra** (inseto) — Hemípteros da subordem Homópteros.
- Cipa** (ave) — V. Rouxinol-do-Rio-Negro.
- Cipó-caboclo** — *Davila rugosa* Poir. Dileniáceas.
- Cipó-d'água** — *Doliodocarpus Rolandri* Gm. e outras Dileniáceas.
- Cipó-d'alho** — *Adenocalymma* sp. Bignoniáceas.
- Cipó-imbé** — V. Ambé.
- Cipó-turucuá** — *Philodendron myrmecophilum* Engl. Aráceas. Sin.: *cipó-tracuá*.
- Cobeua** (índio) — Fam. Tucano. Pertencem ao grupo oriental dessa família e vivem no alto Caiari-Uaupés e seus afluentes.
- Cobra-grande** — V. Sucuri.

- Coca (árvore) — *Erythroxylum coca* Lamk. Eritroxiláceas. Sin.: *ipadu*.
- Codorna (ave) — Ord. Tinamiformes. Fam. Tinamídeos. Gêns. *Rhynchotus* e *Nothura*.
- Colhereiro (ave) — *Ajaja ajaja* (Linneus). Ord. Ciconiiformes. Fam. Ciconídeos. Sin.: *ajajá*.
- Comédia — Lugar em que se reúnem animais para fazer qualquer repasto. Local que os atraí, por aí encontrarem alimentos. Sin.: *mesa*. Ex.: *mesa de lontra*.
- Conibo (índio) — Família Pano. Vivem às margens do Ucaiale. Para Tessmann seriam apenas uma subdivisão da tribo dos Xamas.
- Copaíba (árvore) — *Copaifera multijuga* Hayne e muitas outras espécies. Leguminosas cesalpíneas.
- Coroado (índio) — Fam. Gê. Viviam desde Santa Catarina até o sul de Minas Gerais. Sin.: *Caingangue*.
- Corredeira — Trecho de um rio em que as águas, por desnivelamento, correm mais ligeiras, dificultando o trânsito das embarcações e expondo-as a risco. Sin.: *rápido*.
- Cuandu (roedor) — Gê. *Coendu*. Fam. Coendídeos. Sin.: *ourico cacheiro*.
- Cuatá (símio) — *Ateles paniscus*. Fam. Cebídeos, subfam. Cebíneos. Sin.: *má-caco-aranha*.
- Cuataquiçaua (árvore) — *Peltogyne paniculata* Benth. e *P. paradoxa* Ducke. Leguminosas.
- Cuieté (árvore) — *Crescentia cujete* L. Bignoniáceas. Da casca dos frutos, esvaçados do miolo, fazem-se vários utensílios domésticos. Sin.: *cuieteira* e *cuité*.
- Cujubim (ave) — Ord. Galiformes. Família Gracídeos. Gê. *Pipile*, várias espécies.
- Cumarú (árvore) — *Dipteryx*, diversas espécies. Leguminosas.
- Cumarurana (árvore) — *Taralea oppositifolia* Aubl. e outras espécies do mesmo gênero, bem como *Coumarouna polyphylla* (Hub.) Ducke e *C. magnifica* Ducke.
- Cunauaru (batráquio) — *Hyla resinifictrix* Goeldi.
- Cupim (inseto) — Ordem Isopteros. Fam. Termitídeos.
- Cupim-d'água — V. Cauxi.
- Curuá (palmeira) — Gêneros *Attalea* e *Orbignya*, várias espécies. Palmáceas.
- Curuá-branco (palmeira) — *Attalea menosperma* B. Rodr. Palmáceas.
- Curuá-piranga (palmeira) — *Attalea spectabilis* Mart. var. típica Drud. Palmáceas.
- Curuaé (índio) — Fam. Tupi. Vivem no Xingu, em território compreendido entre o Iriri e o Curuá. Sin.: *Kurinaye*, *Kuruaya*, *Kuruaye*, *Kurueye*.
- Cutia (roedor) — *Dasiprocta* sp.
- Cutia-de-rabo (roedor) — *Dasyprocta acouchy*. Sin.: *cutiáia*, *cutiara*, *cutiuáia*.
- Cuxiu (símio) — *Pithecia satanas*. Fam. Cebídeos.

D

- Deçana (índio) — Fam. Tucano. Pertencem ao grupo oriental dessa família e vivem entre o Caiari-Uaupés e o Papuri, e também às margens do rio Tiquié, alto rio Negro.
- Duraque (árvore) — *Aguaria excelsa*. Leguminosas. Chamam-na também *cumarurana*.

E

- Enguia elétrica (peixe) — V. Poraquê.
- Envira (árvore) — Várias Anonáceas dos gêneros *Guatteria* e *Xylopia*. Igualmente, várias Esterculiáceas. Sin.: *embira* e *envireira*.

Escada-de-jabuti (cipó) — *Bauhinia*, diversas espécies. Leguminosas cesalpíneas.

Esmerilhão (índio) — Fam. Tupi. Vivem na Guiana Francesa, às cabeceiras do Oiapoque, e também nas nascentes do Inini, afluente do Maroni. Sin.: *Emerillon*.

F

Faveira (árvore) — Todas as espécies de *Vatairea* e outros gêneros de Leguminosas, como *Parkia*, *Schizolobium* e *Clitoria*. Sin.: *angelim*.

Feitoria — Local à margem de um rio ou lago onde se constroem pequenos ranchos por ocasião da salga do pescado, principalmente do pirarucu.

Famingo (ave) — *Phoenicopterus ruber ruber*. Ord. Ciconiformes. Fam. Fenicopterídeos. Sin.: *ganso-côr-de-rosa*, *ganso-do-norte*, *maranhão*.

Forneiro (ave) — V. João-de-barro.

Friagem — Queda súbita da temperatura atmosférica, sob a influência de ventos frios soprados dos Andes. Na região do rio Negro o fenômeno é conhecido por *uaru*.

Furo — Canal estreito pelo qual dois rios ou um rio e um lago se comunicam.

G

Gafanhoto (inseto) — Ortóptero das famílias Tetigoniídeos e Acridiídeos.

Gaiola — Nome dado às embarcações a vapor que trafegam pelos rios amazônicos, e mais confortáveis e maiores que as lanchas e os motores.

Gaivota (ave) — Ord. Caradriformes. Fam. Larídeos.

Galo-de-campina (ave) — Gên. *Paroaria*, várias espécies. Fam. Fringilídeos.

Gambá (marsupial) — Gên. *Didelphis*. Sin.: *jupati*, *mucura*, *xixica*.

Garça (ave) — Ord. Ciconiformes. Fam. Ardeídeos.

Gato-do-mato (carnívoro) — *Leopardaloes sp.* Gên. *Felis*. Sin.: *jaguaritica*, *maracajá*.

Gavião (ave) — Ordem Falconiformes.

Gavião-pinhé (ave) — *Milvago chimachima chimachima*. Ord. Falconiformes. Fam. Falconídeos.

Gavião-real (ave) — *Harpia harpyja* (Linneus). Ordem Falconiformes. Fam. Acipitrídeos sin.: *harpia*.

Gê (índio) — Grande família com numerosas tribos, espalhadas pela metade oriental do planalto brasileiro.

Ginoto — V. **Poraquê**.

Guará (ave) — *Guara rubra*. Ord. Ciconiformes. Fam. Thresquiornitídeos.

Guará (mamífero) — *Chrysocion jubatus*. Fam. Canídeos. Sin.: *lobo*.

Guariba — V. **Barbado**.

Guató (índio) — Fam. isolada. Vivem no alto Paraguai, na região das lagoas Uberaba e Guaíba, e no S. Lourenço, acima da foz do Cuiabá.

Guaxe (ave) — Gên. *Cassicus*, várias espécies. Fam. Icterídeos. Sin.: *japim* e *xexeu*.

Guaxinguba — V. **Caxinguba**.

H

Harpia — V. **Gavião-real**.

Hianocoto-umaua (índio) — Fam. Caraíba. Vivem no rio Macaia, afluente do Apaporis.

I

- Iagua** (índio) — Fam. Peba, destacada talvez da fam. Caraíba. Viviam à margem esquerda do alto Amazonas.
- Iajê** — V. Caapi.
- Igapó** — Mato alagadiço. Trecho de floresta invadido pela água dos rios durante a enchente.
- Igarapé** — Ribeiro, riacho.
- Iguana** (lagarto) — *Iguana tuberculata*. Sáurio da fam. Iguanídeos. Sin.: *camaleão*, *sinimbu*.
- Imbauba** (árvore) — *Cecropia*, várias espécies. Moráceas.
- Imbé** — V. Ambé.
- Inajá** (palmeira) — *Maximiliana regia* Mart. Palmáceas.
- Ingå** (árvore) — Gêñ. *Inga*. Tôdas as espécies. Leguminosas.
- Inhambu** (ave) — Gêns. *Tinamus* e *Crypturellus*. Ord. Tinamiformes. Fam. Tinamídeos.
- Ipecacuanha** (planta herbácea) — *Cephaelis ipecacuanha* Rich. e *Psychotria ipecacuanha* Mull. Arg. Rubiáceas.
- Iratauí** (ave) — *Gymnomystax mexicanus* e também *Agelaius icterocephalus icterocephalus*. Fam. Icterídeos. Ord. Passeriformes.
- Itaúba** (árvore) — *Silvia itauba* Pax. *Silvia Duckei* A. Samp. e muitas outras Lauráceas.
- Ituá-açu** (cipó) — *Gnetum urens* Blume. Gnetáceas.
- Iú** (palmeira) — *Astrocarium acaule* Mart. Palmáceas.

J

- Jaburu** (ave) — Família Ciconídeos. Gêns. *Mycteria* e *Jabiru*.
- Jabutí** (quelônio) — *Testudo tabulata*.
- Jacamim** (ave) — Ord. Gruiformes. Fam. Psófídeos. Gêñ. *Psophia*.
- Jaçanã** (ave) — Ord. Caradriiformes. Fam. Jacanídeos. Gêñ. *Jacana*. Sin.: *ferrãozinho*, *ferrugem* e *piãçoca*.
- Jacaré** (réptil) — Ord. Eidosáurios. Fam. Crocodilídeos.
- Jacareaçu** (réptil) — Especialmente o *Caiman niger*, mas também qualquer jacaré grande.
- Jacaretinga** (réptil) — *Caiman sclerosans*.
- Jacina** (inseto) — Ord. Odonata. Sin.: *lavadeira*, *libélula*.
- Jacitara** (palmeira) — *Desmoncus*, diversas espécies. Palmáceas.
- Jacu** (ave) — Ord. Galiformes. Fam. Cracídeos. Gêñ. *Penelope*.
- Jacundá** (peixe) — Fam. Ciclídeos. Gêñ. *Crenicichla*.
- Jaguar** — V. Canguçu.
- Jaguaretê** — V. Canguçu.
- Jamacaru** (cacto) — *Cereus sp.* Cactáceas. Sin.: *jaramacaru*, *mandacaru*, *urumbaba*.
- Jamaxi** — Cesto longo, com uma face plana capaz de descansar sôbre as costas de quem o transporta. É sustentado por um cordel passado à volta da cabeça ou dos ombros do carregador.
- Japim** (ave) — *Cassicus cela* e outros do mesmo gênero. Ord. Passeriformes. Fam. Icterídeos. Sin.: *guaxe*, *xexeu*.
- Japu** (ave) — Gêns. *Gymnostinops* e *Ostinops*. Ord. Passeriformes. Fam. Icterídeos.
- Jará** (palmeira) — *Leopoldina pulchra* Mart. Palmáceas.

- Jara-açu** (palmeira) — *Leopoldina maior* Wallace. Palmáceas.
- Jaraqui** (peixe) — Gêñ. *Prochilodus*. Fam. Caracídeos, subfam. Proquilodíneos.
- Jararaca** (serpente) — *Bothrops jararaca* e também *B. atrox* e *B. jararacuçu*.
- Jarina** (palmeira) — *Phytelephas macrocarpa* R. e Pavon e *P. microcarpa* R. e P. Palmáceas. Sin.: *marfim vegetal*.
- Jauari** (palmeira) — *Astrocarium jauari* Mart. Palmáceas.
- Jenipapo** (árvore) — *Genipa americana* L. Rubiáceas.
- Jequitiranabóia** (inseto) — Homóptero da fam. Fulgorídeos, com várias espécies pertencentes ao gênero *Lanternaria*. A mais comum é a *Fulgura lanternaria*.
- Jibóla** (serpente) — *Constrictor constrictor*. Fam. Boídeos.
- Jivaro** (índio) — Família isolada dividida num grande número de tribos. Ocupam o território compreendido entre a cordilheira oriental dos Andes a oeste, o rio Pastaza ao norte e a leste, e o alto Amazonas ao sul. Sin.: *Jibaro*, *Siwora*, *Suara*, *Xibaro*.
- João-de-barro** (ave) — *Furnarius rufus rufus* e outras espécies. Ord. Passeriformes. Fam. Furnariídeos. Sin.: *forneiro*, *maria-de-barro*.
- Jupati** (palmeira) — *Raphia taedigera* Mart. Palmáceas.
- Jurimágua** (índio) — Fam. Tupi. Tribo extinta. Vivia às margens do Amazonas, desde o Purús, a este, até o Jutaf, a oeste. Sin.: *Zurimágua*.
- Jurupari** — O diabo da mitologia tupi.
- Jutaf** (árvore) — *Hymenaea courbaril* L. e tôdas as espécies do mesmo gênero. Leguminosas.
- Jutaicica** — A resina da *jutaf*.

L

- Lagarto** (réptil) — Ord. dos Lacertílios. Preferentemente *Tupinambis teguixin*. Fam. Tejídeos.
- Libélula** — V. Jacina.
- Lobo** — V. Guará.
- Lombrigueira** — V. Caxinguba.
- Lontra** (mamífero) — *Lutra paraensis*. Fam. Mustelídeos. Sin.: *jauracaca*.
- Louro** (árvore) — Gêns. *Aniba*, *Acrodiclidium*, *Ocotea* e outros. Lauráceas.
- Louro-inamuí** (árvore) — *Nectandra elaiophora* Barb. Rodr. Lauráceas. É também conhecido por *falso-pau-rosa*, *louro-inhamuí*, *louro-mamori*, e *pau-de-ga-solina*.

M

- Macaca-poranga** (árvore) — *Aniba fragrans* Ducke. Lauráceas.
- Macaco-aranha** — V. Cuatá.
- Maçaranduba** (árvore) — Várias Sapotáceas do gênero *Mimusops*, como *M. amazonica* Hub., *nov. spec.*, *M. elata* Freire Alemão e outras. São, por vèzes, confundidas com as *maparajubas*.
- Maçarandubarana** (árvore) — *Chrysophyllum eximium* Ducke. Sapotáceas.
- Macacaua** (ave) — Ord. Tinamiformes. Fam. Tinamídeos. Gêñ. *Crypturellus*. Sin.: *macucau*.
- Macunaima** — Entidade divina para os índios Macuxis, Arecunas, Taupêas e outras tribos Caraibas que vivem no alto rio Branco e nas faldas do Roroimã. Há uma série de lendas e aventuras criadas em tôrno dessa figura mitológica dotada de inteligência astuciosa e inventiva. Para os ameríndios, não só o

- Roroimã como outros picos elevados da região são a moradia de Macunaima, *Macunaima-autê*, ou seja: "habitação do grande espírito."
- Macuxi (índio) — Fam. Caraíba. Vivem no alto rio Branco, desde o rio Urari-cuera e seus afluentes setentrionais, até o Rupunini, um dos formadores do Essequibo.
- Maguari (ave) — Ord. Ciconiiformes. Fam. Ardeídeos, gèn. *Ardea* ou fam. Ciconídeos, gèn. *Euxenura*.
- Maioncon (índio) — Fam. Caraíba. Vivem na bacia do Orinoco. Tem este nome no território brasileiro. Na Venezuela são conhecidos por *Maquiritares*. Sin.: *Maiongcong*, *Majongkong*, *Majuyonco*, *Uayungomo*.
- Malagueta (pimenta) — *Capsicum frutescens* Willd. Solanáceas.
- Mambira — V. Tamanduá.
- Mamorana (árvore) — *Bombax rigidifolium* Ducke e *B. aquaticum* (Aubl.) Schm. Também *Pachira insignis* Sav. Bombacáceas.
- Mamuri (peixe) — O mesmo que Matrinxã? V. esta palavra.
- Manalara (árvore) — *Campsiandra laurifolia* Benth. Leguminosas.
- Mangaba (árvore) — *Hancornia speciosa* Gom. Apocináceas.
- Maparajuba (árvore) — Sapotáceas do gèn. *Mimusops*, como *M. maparajuba* Hub. e *M. paraensis* Hub. O vulgo as confunde, às vêzes, com as *maçarandubas*.
- Maquiritare (índio) — V. Maioncon.
- Maracajá (carnívoro) — *Felis wiedi*. Sin.: *gato-do-mato*, *jaguatirica*, *oncinha*.
- Maracujá (cipó) — Diversas espécies de *Passiflora*. Passifloráceas.
- Marajá (palmeira) — *Bactris maior* Jacq. Palmáceas.
- Marajá-açu (palmeira) — *Bactris marajá* Mart. Palmáceas.
- Marajaí (palmeira) — *Bactris cuspidata* Mart. Palmáceas.
- Maria-de-barro — V. João-de-barro.
- Matamatá (quelônio) — *Chelys fimbriata*.
- Matrinxã (peixe) — *Characinus amazonicus* Spix. Fam. Caracídeos. Sub-família Bricónídeos.
- Matupá — Nome vulgar dado ao capim aquático que se encontra à beira dos lagos e dos rios.
- Maué (índio) — Fam. Tupi. Habitam às margens do rio do mesmo nome, entre o baixo Madeira e o baixo Tapajós.
- Meinaú (índio) — Fam. Aruaque. Vivem à margem esquerda do Curisevo, um dos formadores do Xingu.
- Montaria — Canoa pequena.
- Morcego branco (mamífero) — *Diclidurus freyreissii* Wied. Ord. dos Quirópodes.
- Morcego hematófago (mamífero) — Gèn. *Desmodus*. Ord. dos Quirópodes.
- Mucura — V. Gambá.
- Muirajibóia (árvore) — Diversas espécies do gèn. *Swartzia*. Leguminosas.
- Muirajuba (árvore) — *Apuleia molaris* Bt. Leguminosas.
- Muirapinima (árvore) — *Brosimum guianensis* (Aubl.) Hub. Moráceas.
- Muirapiranga (árvore) — *Brosimum paraense* Hub. e *B. angustifolium* Ducke. Leguminosas. Também algumas Moráceas e Gutíferas.
- Mumbaca (palmeira) — *Astrocaryum humile* Wall. e *Astrocaryum mumbaca* Mart. Palmáceas.
- Mundurucu (índio) — Fam. Tupi. Vivem no baixo e médio Tapajós, desde a confluência do rio São Manuel.
- Mungubeira (árvore) — *Bombax munguba* Mart. Bombacáceas.
- Murici (arvoreta) — *Byrsonima crassifolia* H. B. K. e outras espécies. Malpi-guíceas. Sin.: *muruci*, *murici do campo*, *muruci*.
- Murici acaule (arbusto rasteiro) — *Byrsonima verbascifolia* Rich. Sin.: *douradinha-falsa*, *murici-rasteiro*, *orelha-de-veado*.

- Murumuru** (palmeira) — *Astrocaryum murumuru* Mart. e outras do gên. *Bactris*. Palmáceas.
- Murupita** (árvore) — *Sapium biglandulosum* Mull. Arg., *S. lanceolatum* Hub. e outras espécies. Euforbiáceas.
- Muruxi** — V. *Murucl*.
- Mutá** — Espécie de palanque sôbre o qual se espera a caça no mato ou o peixe à beira d'água. Pode ser até a forquilha de uma árvore. Sin.: *chapapa*.
- Mutum** (ave) — Ord. Galiformes. Fam. Cracídeos. Gên. *Crax*.
- Mututi** (árvore) — *Pterocarpus amazonicus*, *P. draco* e *P. Rohrii*. Ainda a *Etaballia guianensis*. Leguminosas.

N

- Nambiquara** (índio) — Fam. isolada. Vivem no alto Juruena, afluente do Tapajós, alto Roosevelt, afluente do Madeira e no alto Guaporé. Sin.: *Mambiura*, *Mambriara*, *Nhambiquara*.
- Nambiquara-Sabanê** (índio) — Um dos grupos setentrionais da família Nambiquara. Falam um dialeto comum aos dois outros grupos habitantes da mesma região e que são os *Toantesu* e os *Tamaindê*.
- Nauaquá** (índio) — Fam. Caráíba. Vivem à margem direita do Curisevo e do seu afluente o Culuene.
- Niopó** — V. *Paricá*.
- Noz-de-cola** (árvore) — *Cola acuminata* R. Br. Esterculiáceas.

O

- Oiampi** (índio) — Fam. Tupi. Vivem nas cabeceiras do Araguari, do Jari e seus afluentes da esquerda, nos Montes Tumucumaque e no rio Oiapoque, desde as nascentes até o paralelo 3°3'. Sin.: *Aiapi*, *Oiaiapi*, *Oiambi* e *Uajapi*.
- Oiana** — V. *Urucuiana*.
- Oirana** (arvoreta) — *Salix Martiana* Leyb. (Salicáceas) e *Alchornea castaneaefolia* Benth. Euforbiáceas. Sin. *oierana*.
- Oiti** (árvore) — *Licania (Moquilea) tomentosa*. Rosáceas.
- Omagua** (índio) — Fam. Tupi. Tribo extinta. Habitavam nas ilhas e margens do Amazonas, entre as embocaduras do Juruá e do Napo. Sin.: *Cambeba* e *Cambeva*.
- Onça** (carnívoro) — Fam. Felídeos. Gênero *Felis*.
- Onça parda** (carnívoro) — *Felis concolor*. Sin.: *suaçuarana* e *suçuarana*.
- Onça pintada** — V. *Canguçu*.
- Orejone** (índio) — Fam. Uitoto. Ocupam as margens do Ambiaçu, tributário, à esquerda, do alto Amazonas.
- Otomaque** (índio) — Família isolada. Vive no sudoeste da Venezuela.

P

- Paca** (roedor) — *Coelogenis paca*. Fam. Cavifídeos.
- Pacé** (índio) — Fam. Aruaque. Habitam o baixo Içá e na vasta região compreendida entre os rios Negro e Putumaio.
- Pacu** (peixe) — Família dos Caracídeos. Muitas espécies brasileiras. Um dos mais conhecidos é o *Miletes edulis*, vulgarmente chamado *pacu-guaçu*.
- Pampa** (índio) — Família isolada. Habitam a Argentina central e meridional. Sin.: *Pueltsé* e *Tueltsé*.
- Pancada** — Salto ou cachoeira a pique nos rios.
- Paneiro** — Cesto sem asas, de talas de palmeira, muito usado para o transporte de farinha de mandioca.

- Panema** — Infeliz, desditoso. Aplica-se principalmente àquele que volta da caça ou da pesca sem nada trazer. Sin.: *saru*.
- Pano** (índio) — Fam. isolada, dividida geograficamente em 3 grandes grupos. O primeiro, e mais importante, vive à margem sul do Amazonas e a êle pertencem os *Culinos* ou *Curinas*.
- Paracuuba** (árvore) — *Mora paraensis* Ducke. Leguminosa cesalp. e *Trichilia Le Cointei* Ducke, Meliáceas.
- Paranamirim** — O menor dos dois braços em que se divide um rio por efeito de alguma ilha implantada no seu seio. Pode ser também um canal ligando dois rios.
- Pareci** (índio) — Fam. Tacana, que Rivet entronca nos Aruaques. Vivem à margem direita do Guaporé, nas fontes do Tapajós e do Paraguaí, e na serra que lhes tem o nome. Sin.: *Areti*.
- Paricá** (árvore) — *Piptademia peregrina* (L.) Benth. Leguminosas. Sin.: *angico*, *niopó*.
- Parintintim** (índio) — Fam. Tupi. Vivem na bacia do rio Madeira.
- Partasana** (planta herbácea) — *Typha dominguensis* Pers. Tifáceas. Sin.: *tabúa*.
- Pataua** (palmeira) — *Oenocarpus pataua* Mart. Palmáceas.
- Pato** (ave) — V. *Asa-branca*.
- Pau-amarelo** (árvore) — *Enxylophora paraensis* Hub. Rutáceas. Também chamam assim ao piquiá-marfim: *Aspidosperma* sp. Apocináceas.
- Pau-brasil** (árvore) — *Caesalpinia echinata* Lam. Leguminosas.
- Pau-cetim** (árvore) — *Apuleia molaris*. Leguminosas. É confundido com o pau-amarelo: *Enxylophora paraensis*.
- Pau-d'arco** (árvore) — *Tecoma violacea* Hub. e outras espécies. Bignoniáceas.
- Pau-marfim** (árvore) — *Agonandra brasiliensis* Miers. Olacáceas.
- Pau-mulato** (árvore) — *Calycophyllum Spruceanum* Benth. Rubiáceas.
- Pau-preto** (árvore) — *Swartzia fugax* Bth. e *Cassia adiantifolia* Benth. Leguminosas.
- Pau-rosa** (árvore) — *Aniba parviflora* Mez., *A. roseodora* e *A. terminalis* Ducke. O mesmo nome vulgar é dado também a outras Lauráceas dos gêneros *Ocotea* e *Nectandra*.
- Pau-violeta** (árvore) — *Peltogine densiflora* Spruce e outras espécies do mesmo gênero. Leguminosas cesalpíneas.
- Paxiuba** (palmeira) — *Iriartea exorrhiza* Mart. e *I. Orbignyana* Mart. Palmáceas.
- Paxiuba barriguda** (palmeira) — *Iriartea ventricosa* Mart. Palmáceas.
- Paxiubinha** (palmeira) — *Iriartea setigera* Mart. Palmáceas.
- Peba** (índio) — Sub-família linguística caraíba. Tribos dos *Pebas* propriamente ditos, Iaguas e outros. Habitavam a margem esquerda do alto Amazonas, na parte baixa dos rios Tigre, Napo e de um afluente dêste último, o Mazau.
- Peixe-boi** (mamífero) — *Trichecus manatus*. Sirênio da fam. Triquequídeos.
- Peixe-elétrico** — V. *Poraquê*.
- Perdiz** (ave) — Ord. Tinamiformes. Fam. Tinamídeos. Gêns. *Rhynchotus*.
- Periantã** — Aglomeração de canarana e outras gramíneas que se desagregam das margens e, arrastadas pela correnteza, descem os rios como ilhas flutuantes. Sin.: *balseiro*.
- Periquito** (ave) — Ord. Psitaciformes. Fam. Psitacídeos.
- Pescada** (peixe) — *Plagioscion squamosissimus* e também *Sciaena amazonum*.
- Pestana** — Anteparo de vegetação, constituído por uma faixa de mato que, mesmo nas regiões campezinas, acompanha a margem dos rios. É também chamada *floresta ciliar*.
- Piabinha** (peixe) — No extremo-norte do Brasil, é o *Hemigrammus nanus*.
- Piaçaba** (palmeira) — *Leopoldina piassaba* Wallace. Palmáceas.
- Piaçoca** — V. *Jaçaná*.
- Pianocoto** (índio) — Fam. Carafba. Vivem nos campos do Tumucumaque e à margem de certos formadores do Trombetas e do Jamundá. Sin.: *Pianogoto*.

- Piracema** — Migração anual dos peixes, rio acima, na época da reprodução.
- Piraíba (peixe)** — *Brachyplatistoma filamentosum*. Ostariófiso da fam. Silurídeos.
- Piranha (peixe)** — Fam. Caracídeos, Subfam. Serrasalmíneos. Gên. *Pygocentrus*.
- Pirarara (peixe)** — *Phractocephalus hemiliopterus*. Ostariófiso da fam. Silurídeos.
Sin.: *peixe-cachorro*.
- Pirarucu (peixe)** — *Arapaima gigas*. Fam. Arapaimídeos.
- Piratapuia (índio)** — Fam. Tucano. Habitam junto aos afluentes do médio Uaupés e do Papuri. Também chamados *Uiacanas*.
- Pirilampo (inseto)** — Fams. Malacodermídeos e Elaterídeos.
- Piririma (palmeira)** — *Cocus syagrus* Drude, Palmáceas.
- Pitiú (quelônio)** — *Podocnemis dumerilliana* Schw.
- Poraquê (peixe)** — *Electrophorus electricus*. Ostariófiso. Fam. Eletroforídeos.
- Porco-do-mato** — V. **Caitetu**.
- Preá (roedor)** — *Cavia aperea*. Fam. Caviídeos.
- Preguiça (desdentado)** — *Bradypus tridactylus* e *Choloepus didactylus*. Fam. *Bradypodídeos*.
- Pupunha (palmeira)** — *Guilielma speciosa* Mart. Palmáceas.
- Pupunheira** — V. **Pupunha**.
- Puri (índio)** — Fam. Gê. Tribo extinta. Vivia às margens do Paraíba e penetrava também na parte oriental de Minas Gerais.
- Purupuru (doença)** — É uma espiroquetose, com manifestações sobretudo cutâneas, devida ao *Treponema carateum*. Quase restrita às raças de côr, é raríssima nos brancos. *Purupuru*, em língua geral, quer dizer *pintado*. O nome do rio Purus parece derivar dessa doença, comum entre os seus índios Pamaris, que tinham a pele marbreada de branco. Na Venezuela a dermatose é conhecida por *carate* e os doentes são chamados *caratosos*. Os índios Piapocos da Colômbia chamam *soro* ao mesmo mal, que no Haiti tem o nome de *bussarole*, na República Dominicana de *guassarole*, de *piquete* em Guadalupe, *mal del pinto* no México e *pinta* em Cuba.

Q

- Quaruba (árvore)** — *Vochysia maxima* Ducke. Voquisiáceas. Sin.: *cedro-rana*.
- Quati (mamífero)** — *Nasia narica*. Fam. Procionídeos.
- Quatipuru** — V. **Caxinguelê**.
- Queixada (porco do mato)** — *Tayassu albirrostris*. Sin.: *taiacu*.
- Quenopódio (planta herbácea)** — *Chenopodium ambrosioides* L. Quenopodiáceas. Sin.: *erva-de-santa-maria*, *mastruço*.
- Quina (árvore)** — *Cinchona*, de várias espécies. Rubiáceas.
- Quixo (índio)** — V. **Canela**.

R

- Rã (batráquio)** — Fam. Leptodactilídeos.
- Rapé-de-niopó** — Rapé de efeito inebriante, usado por certos índios, e preparado com as sementes do *niopó* ou *paricá*. V. estas palavras.
- Raposa (carnívoro)** — *Canis vetulus* e *Canis brasiliensis*. Ao primeiro dá-se também o nome de *raposa-do-campo* e ao segundo de *graxaim*.
- Rouxinol-do-Rio-Negro (ave)** — *Icterus chrysocephalus*. Ord. Passeriformes. Fam. Icterídeos. Sin.: *cipa*.

S

- Saboarana — V. Saborana.
- Saborana (árvore) — *Swartzia*. Espécies mal determinadas. Leguminosas cesalpíneas.
- Sapupira (árvore) — *Bewdichia* e *Diplotropis*, tôdas as espécies. Leguminosas.
- Seringa — V. Seringueira.
- Seringueira (árvore) — *Hevea brasiliensis* Muell. Arg. Euforbiáceas. É esta a mais procurada entre as muitas espécies do gênero, talvez umas vinte. E isso devido à qualidade do latex que produz: a chamada *goma do Pará* ou simplesmente *Pará*. Também é conhecida por *seringueira legítima*, *seringueira verdadeira*, *seringueira forte*, e *seringueira preta* ou *branca*, conforme a côr da sua casca, que varia segundo a umidade ambiente. Outras espécies como a *Hevea guianensis*, a *Hevea benthamiana*, a *Hevea collina*, etc., conhecidas por *seringueiras vermelhas*, também de acôrdo com a côr de sua casca, dão as borrachas *fracas* ou *torradas*, e que são muito menos estimadas.
- Seringueiro (ave) — *Lipaugus vociferans*. Passeriformes. Fam. Cotingídeos. Sin.: *cricriô* (também na Amazônia) e *poaieiro* em Mato Grosso.
- Sernambi — Molusco lamelibrânquio. Fam. Mastracédeos.
- Setibo (índio) — Fam. Pano. Vivem no curso inferior do Ucaiale. É possível que sejam apenas uma subdivisão da tribo Xama. Sin.: *Pano*, prôpriamente dito, *Setebo*, *Xitibo*.
- Siriuba (árvore) — *Avicennia nitida* Jacq. Verbenáceas.
- Sisibo (índio) — Fam. Pano. Provavelmente, uma subdivisão da tribo Xama. Vivem às margens do Ucaiale.
- Suçuarana — V. Onça parda.
- Sucuri (serpente) — *Eunectes murinus*.
- Sucuriçu (serpente) — Sucuri grande.
- Sumaumeira (árvore) — *Ceiba pentandra* Gaertn. Bombacáceas.
- Surubim (peixe) — *Sorubim lima*. Ostariófito. Fam. Silurídeos.

T

- Tabatinga — Argila mole e untuosa de côr esbranquiçada.
- Taboca (bambu) — *Guadua* sp. Gramíneas.
- Tabuleiro — Extensa planície, geralmente arenosa, e de vegetação acanhada.
- Tajá-purá (planta herbácea) — Gêns. *Caladium* e *Dracontium*. Aráceas. Sin.: *tinhorão*.
- Tamaquaque (índio) — Fam. Caraíba. Vivem ao sul do Orinoco, entre o Cuchi-vero e o Caroni.
- Tamanduá (mamífero) — Denominação genérica das várias espécies de desdentados da fam. Mirmecofagídeos.
- Tamanduá-bandeira (mamífero) — *Myrmecophaga jubata*. Sin.: *tamanduá-açu*.
- Tamanduá-colete (mamífero) — *Tamandua tetradactyla*. Sin.: *tamanduá-jaleco* ou *mirim*.
- Tamanduáí (mamífero) — *Cyclope didactylus*. Sin.: *arari*, *mambira*, *uarari*, *urari*.
- Tambaqui (peixe) — *Myletes macropomus*. Ostariófito da fam. Caracédeos.
- Tamboril (árvore) — *Enterolobium timbouwa* Mart. e *E. maximum* Ducke. Sin.: *orelha-de-preto*, *timbaribá*, *timbouwa*.
- Taperibá (árvore) — *Spondias lutea* L. Anacardiáceas. Sin.: *cajazeira*.
- Taquara (bambu) — Gêneros *Guadua*, *Andropogon* e *Bambusa*. Gramíneas.

- Tariana** (índio) — Fam. Aruaque. Vivem no curso médio do Caiari-Uaupés.
- Tartaruga** (quelônio) — *Podocnemis expansa*.
- Tarumã** (índio) — Fam. Aruaque. Vivem nas vertentes guianenses do monte Acaraí.
- Tatu** — Denominação genérica de todos os desdentados da fam. Dasipodídeos.
- Tatu-canastra** (desdentado) — *Priodontes giganteus*. Sin.: *tatuçu*.
- Tauá** — Argila amarelada.
- Taurepã** (índio) — Fam. Caraíba. Habitam as cercanias do monte Roroimã, sendo que ao sul e ao sudoeste se estendem até os altos dos rios Cuquenã e Majari. Sin.: *Taulipang*.
- Tauari** (árvore) — *Couratari tauary* Berg. e outras Lecitidáceas.
- Taxizeiro** (árvore) — Tôdas as espécies de *Triplaris* (Poligonáceas) e de *Tachigalia* e *Sclerobium*. Leguminosas cesalpíneas.
- Tembé** (índio) — Fam. Tupi. Habitam o rio Capim e outros afluentes do Gurupi.
- Tenteiro** (árvore) — Gêns. *Ormosia*, *Pithecolobium* e *Batesia*. Leguminosas cesalpíneas.
- Terra-caída** — Desmoronamento marginal ocorrido durante a enchente, que solapa as ribanceiras e, às vêzes, arrasta largos trechos de floresta.
- Terra-firme** — Terra que não é inundada durante a cheia dos rios.
- Têso** — Terreno alto, poupado às cheias.
- Ticuna** (índio) — Fam. Aruaque? Vivem no baixo Jandiatuba, entre o Javari e o Amazonas e entre o Ambiaçu e o Atacuari.
- Timbó** (cipó) — Muitas Leguminosas, sobretudo dos gêneros *Tephrosia*, *Lonchocarpus* e *Derris*.
- Tinteira** (arvoreta) — *Laguncularia racemosa* Gaertn. Sin.: *mangue-branco*, *tinteira-dos-mangais*.
- Tiriri** (ave) — Passeriformes. Fam. Tiranídeos. Subfam. Tiranídeos. Gên. *Tyrannus*.
- Tocandira** (formiga) — *Dinoponera grandis*.
- Tocajá** (quelônio) — *Podocnemis unifilis*. Fam. Pelomedusídeos.
- Tralhôto** (peixe) — *Anableps tetraophthalmus*. Fam. Ciprinodontídeos.
- Trumaí** (índio) — Fam. isolada. Vivem nas nascentes do Xingu.
- Tucum** (palmeira) — *Astrocaryum* sp. Palmáceas.
- Tucumã** (palmeira) — *Astrocaryum tucuma* Mart. Palmáceas.
- Tucunaré** (peixe) — *Cichla ocellaris*. Acantopterígio da fam. Ciclídeos.
- Tucano** (ave) — Fam. Ranfastídeos.
- Tucano** (índio) — Família isolada, dividida em numerosas tribos, vive no alto rio Negro e na bacia do Napo. Sin.: *Betoia*, de Brinton.
- Tucupi** — Caldo de mandioca, bastante condimentado, usado como mólho para caça e pesca.
- Tucuxi** — V. Bôto-preto.
- Tuiuca** (índio) — Tribo da fam. Tucano. Habita as nascentes do Tiquié.
- Tuiuú** (ave) — *Jabiru mycteria*. Ord. Ciconiformes. Subfam. Ciconiídeos. Sin.: *jabiru*, *jaburu*.
- Tupã** — O deus do trovão, na mitologia tupi.
- Tupé** — Qualquer esteira. Quase sempre são feitas de talas de palmeira ou fibras de arumã.
- Tupinambá** (índio) — Tribo extinta. Vivia em grande extensão do nosso litoral, desde a ilha Santa Catarina, ao sul, até a foz do rio Negro, no Amazonas.
- Tuxaua** — Maioral entre os indígenas tupi-guaranis.

U

Uaiana — V. **Urucuiana**.

Uanana (índio) — Fam. Tucano. Vivem no alto Caiari-Uaupés, afluente do rio Negro.

Uapixana (índio) — Fam. Aruaque. Vivem na bacia do Tacutu e afluentes setentrionais do baixo Uraricuera. Sin.: *Mapisiana*, *Mauixiana*, *Uábixana*, *Vapeschana*, *Wabijana*, *Wapisana*, *Wapityan*.

Uarrau (índio) — Fam. isolada. Parece extinta. Habitava o delta do Orinoco e parte noroeste da Guiana Inglesa. Sin.: *Guarauno*, *Uarao*, *Uarauno*, *Warrau*.

Uauaçu (palmeira) — *Orbignya speciosa* Barb. Rodr. Palmáceas. Sin.: *babaçu*.

Ubim (palmeira) — *Geonoma* sp. Palmáceas.

Ubim-açu (palmeira) — *Geonoma maxima* Kth. Palmáceas.

Ubuçu (palmeira) — *Manicaria saccifera* Gaertn. Palmáceas.

Ucuquirana — V. **Balata**.

Uiara — V. **Bôto-vermelho**.

Uitoto (índio) — Fam. isolada. Divide-se em várias tribos, entre as quais os *Uitotos* propriamente ditos. Vivem na parte alta dos rios Japurá e Içá.

Umari (árvore) — *Poraqueiba sericea* Tul. e *P. paraensis* Ducke. Icacináceas.

Umiri (árvore) — *Humiria balsamifera* Aubl. *H. floribunda* Mart. Humiriáceas.

Unha-de-gato (cipó) — *Bignonia unguis* L. Bignoniáceas.

Uru (ave) — *Odontophorus stellatus*. Ord. Galiformes, fam. Fasianídeos. Sin.: *capueira*.

Urubu (ave) — *Catharista atratus brasiliensis*. Fam. Catartídeos.

Urubu (índio) — Fam. Tupi. Ocupam os rios Gurupi, Guamá e Turiaçu, nos Estados do Maranhão e Pará. Sin.: *Gavião*.

Urubu-rei (ave) — *Cathartes aura ruficollis*. Ord. Falconiformes. Fam. Catartídeos.

Urucu (arvoreta) — *Bixa orellana* L., Sin.: *achiete* (no Peru), *bixá*, *bixê*.

Urucuiana (índio) — Fam. Caríiba. Em território nacional ocupam o curso superior do Jari, mas distribuem-se também pelas possessões francesa e holandesa. Sin.: *Aianas*, *Oianas*, *Roucouyens*, *Rucuianas* e *Rukuyens*. São também *Guaianas* ou *Uaianas* para os franceses da Guiana e *Alukuianas* para as tribos negras de Suriname.

Urucuri (palmeira) — *Attalea excelsa* Mart. Palmáceas.

Urutu (serpente) — *Bothrops alternatus* e *B. neuwiedi*. Viperídeos.

V

Vaca-marinha — V. **Peixe-boi**.

Vagalume — V. **Pirilampo**.

Varadouro — Caminho pelo qual se arrasta a canoa, para fugir aos acidentes do rio.

Veado (ungulado) — Fam. Cervídeos.

X

Xama (índio) — Segundo Rivet, família lingüística Tacana, ligada à família Aruaque. Distribuem-se pelos afluentes setentrionais do Madre de Deus.

Xerimbabo — Animal doméstico. Animal criado em casa.

Xexeu (ave) — Gên. *Cassicus*. Ord. Passeriformes. Fam. Icterídeos. Sin.: *guaxe*, *japim*.

BIBLIOGRAFIA GERAL

BIBLIOGRAFIA GERAL

Na enumeração abaixo, não só se arrolam as obras já constantes das bibliografias selecionadas que acompanham cada capítulo, como ainda muitas outras, relacionadas com o assunto, e também lidas pelo autor quando se preparava para escrever esta obra.

- ABREU (J. Capistrano de) — *Ensaios e Estudos*. 3.^a série. Rio de Janeiro, 1938.
- ACOSTA (Joseph de) — *Histoire Naturelle et Morale des Indes Occidentales*. Paris, 1606.
- ACUÑA (P. Christoval de) — *Nuevo Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas*. Madrid, 1891.
- AGASSIZ (Mme. et Mr.) — *Voyage au Brésil*. Traduit de l'anglais par Felix Vogeli. Paris, 1869.
- AKERS (C. E.) — *Relatório sobre o Vale do Amazonas*. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Rio, 1913.
- ALBUQUERQUE (Luiz R. Cavalcanti de) — *A Amazônia em 1893*. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1894.
- ALLEN (John Fisk) — *Victoria Regia or the Great Water Lily of America*. Boston, 1854.
- ALLIER (Raoul) — *Le Non-Civilisé et Nous*. Payot. Paris, 1927.
- ALMADA (Manuel da Gôma Lobo de) — *Descrição do Rio Branco e seu Território*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomo XXIV).
- ALMEIDA (A. Ozório de) — *A Ação Protetora do Urucu*. ("Boletim do Museu Nacional". Vol. VII. N.º 1. Rio de Janeiro, Março de 1931).
- ALMEIDA (Cândido Mendes de) — *Memórias para a História do Extinto Estado do Maranhão*. 2 vols. 1874.
- ALMEIDA (Dr. José Francisco de Lacerda e) — *Diário da Viagem do . . . pelas Capitâneas do Pará, Rio Negro, Mato Grosso, Cuiabá e S. Paulo nos anos de 1780 a 1790*. S. Paulo, 1841.
- ALMEIDA (Dr. José Francisco de Lacerda e) — *Memória a respeito dos Rios Baurés, Branco, da Conceição, etc.* ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomo XII. Rio de Janeiro).
- AMAZONAS (Lourenço da Silva Araujo e) — *Dicionário Topográfico, Histórico, Descritivo da Comarca do Alto-Amazonas*. Pernambuco, 1844.
- ANDRADE (Prof. Dr. Alfredo Antônio de) — *Estudo das Matérias Corantes de Origem Vegetal em Uso entre os Índios do Brasil e das Plantas de que procedem*. ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. XXVII. Rio de Janeiro, 1926).
- ANDRADE (Onofre) — *Amazônia. Rio Juruá*. Maceió, 1937.
- ANDRÉ (Eugène) — *A Naturalist in the Guianas*. London, 1904.
- ANTHONY (H. E.), GLEASON (H. A.), PLATT (R. R.) — *The Paracarima-Venezuela Expedition*. ("The Geographical Review". N.º 3. Vol. XXI. Julho, 1931).
- Appendices to the Report of the British Guiana Refugee Commission to the Advisory Committee on Political Refugees appointed by the President of the United States of America*. London, 1939.
- ARAUJO LIMA (Dr. J. F. de) — *Amazônia. A terra e o homem*. 2.^a edição. S. Paulo, 1937.

- ARAÚJO LIMA (Dr. J. F. de) — *Ligeira Contribuição ao Estudo do Problema Alimentar das Populações Rurais Amazônicas*. (“Boletim Sanitário”. Ano 2.º. Novembro, 1923).
- ARINOS (Afonso) — *Lendas e Tradições Brasileiras*. S. Paulo, 1917.
- AUBLET (Fusée) — *Histoire des plantes de la Guyane Française*. Paris, 1775.
- ÁVILA (Bastos de) — *A Cór da Pele*. (“Boletim do Museu Nacional”. Vol. XI. N.º 2. Junho de 1935. Rio de Janeiro).
- ÁVILA (Bastos de) — *Contribuição ao Estudo Antropológico do Índio Brasileiro*. (“Boletim do Museu Nacional”. Ns. 3 e 4. Vol. XIII. Setembro-Dezembro, 1937).
- AZAM (Joseph E.) — *Fibras do Brasil*. (“Boletim da União Pan-Americana”. Junho, 1920).
- AZAM (Joseph E.) — *O Guaraná*. (“Boletim da União Pan-Americana”. Junho, 1920).
- AZEVEDO (J. Lúcio d’) — *Os Jesuitas no Grão-Pará. Suas Missões e a Colonização*. Lisboa, 1901.
- AZEVEDO (Tales de) — *O Vegetal como Alimento e Medicina do Índio*. (“Revista do Arquivo Municipal”. Vol. LXXVI. S. Paulo, 1941).
- BADAROTTI (Padre Nicolau) — *Exploração do Norte de Mato Grosso*. S. Paulo, 1898.
- BAENA (Antônio Ladislau Monteiro) — *Ensáio Corográfico sobre a Província do Pará*. Pará, 1839.
- BAENA (Antônio Ladislau Monteiro) — *Observações ou Notas Ilustrativas dos Primeiros Três Capítulos da Parte Segunda do “Tesouro Descoberto no Rio Amazonas”*. (“Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. Vol. 53. Rio de Janeiro).
- BAKER (J. N. L.) — *A History of Geographical Discovery and Exploration*. London, s. d.
- BALDUS (Herbert) — *A Necessidade do Trabalho Indianista no Brasil*. (“Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo”. Vol. LVII. S. Paulo, 1939).
- BALDUS (Herbert) — *A Obra de Karl von den Steinen*. (“Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo”. Ano V. Vol. L. S. Paulo, 1938).
- BALDUS (Herbert) — *A Viagem pelo Brasil de Spix e Martius*. (“Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo”. Vol. LXIX. S. Paulo, 1940).
- BALDUS (Herbert) — *Conceito Moderno de Etnologia*. (“Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo”. Ano II, Vol. XVIII. S. Paulo, 1935).
- BALDUS (Herbert) — *Licocós. As Bonecas Carajás*. (“Espêlh”. N.º 21. Rio de Janeiro. Dezembro, 1936).
- BALDUS (Herbert) — *O Conceito do Tempo entre os Índios do Brasil*. (“Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo”. Vol. LXXI. S. Paulo, 1940).
- BANCROFT (Edward) — *An Essay on the Natural History of Guiana, in South America*. London, 1769.
- BARATA (Francisco José Rodrigues) — *Diário da Viagem que fez à Colônia de Surinam o Porta-Bandeira da Sétima Companhia do Regimento da Cidade do Pará, pelos Seretões e Rios desse Estado, em Diligência do Real Serviço (1799)*. (“Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. Vol. VIII. Rio de Janeiro).
- BARATA (Manuel) — *A Antiga Produção e Exportação do Pará*. Belém, Pará, 1915.
- BARATA (Manuel) — *A Jornada de Francisco Caldeira de Castelo Branco*. Belém, Pará, 1916.
- BARBOSA (1.º Ten. Júlio Caetano Horta) — *Relatório*. Ano 4. Publ. 30. Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas. Rio de Janeiro.
- BARBOSA (Nicolau Bueno Horta) — *Exploração e Levantamento dos Rios Anari e Machadinho*. Publ. 48. Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas. Rio de Janeiro.

- BARRÈRE (Pierre) — *Nouvelle Relation de la France Equinoxiale*. Paris, 1743.
- BARRETO (Domingos Alves Branco Moniz) — *Plano sôbre a Civilização dos Índios do Brasil*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". N.º XVIII, supl.).
- BARROSO (Gustavo) — *A Balata*. Monografia 20. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Rio de Janeiro, 1913.
- BARRY (John F.) — *Os Grandes Recursos da Amazônia*. ("Boletim da União Pan-Americana. Abril, 1920).
- BATES (Henry Walter) — *The Naturalist on the River Amazons*. Seventh Edition. London, 1895.
- BEALS (Carleton) — *Future of the Amazon*. ("The Americas: South and North". Vol. XXX. N.º 3. March, 1941).
- BEAUVOIS (Eugène) — *La Fable des Amazones chez les Indigènes de l'Amérique Précolombienne*. Louvain, 1904.
- BEEBE (Mary Blair and C. William) — *Our Search for a Wilderness*. New York, 1910.
- BEEBE (William) — *Jungle Peace*, New York, 1936.
- BEEBE (William), HARTLEY (G. Inness) and HOWES (Paul G.) — *Tropical Wild Life*. Vol. I. New York City. January, 1917.
- BELT (Thomas) — *The Naturalist in Nicaragua*. New York, 1928.
- BELMAR (A. de) — *Voyage aux Provinces de l'Amérique en 1860*. Londres, 1861.
- BENNET (Dr. Wendell) — *Archeological Peru*. ("The October Scientific Monthly". Vol. XLI. N.º 4. October, 1935).
- BENOIT (J. P.) — *Voyage a Surinam*. Bruxelles.
- BERNNEGG (Dr. Andreas Sprecher von) — *Tropische und Subtropische Weltwirtschaftsplanzen*. III teil, 2 band. Stuttgart, 1934.
- BERREDO (Bernardo Pereira) — *Anais Históricos*. 3.ª edição. 2 vols. Florença, 1905.
- BERTIN (A.) — *Mission Florestière Coloniale. Les Bois de la Guyane Française et du Brésil*. Paris, 1920.
- BETENDORF (Padre João Felipe) — *Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomo LXXII. Rio de Janeiro).
- BEUCHAT (H.) — *Manuel d'Archéologie Américaine*. Paris, 1912.
- BIDOU (Henry) — *900 Lieux sur l'Amazone*. Paris, 1938.
- BIRKET-SMITH (Kaj) — *Moeurs et Coutumes des Esquimaux*. Paris, 1937.
- BITTENCOURT (Agnello) — *Corografia do Estado do Amazonas*. Manaus, 1925.
- BITTENCOURT (Agnello) — *Rio Negro*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas". Ano V. Vol. V. Ns. 1 e 2. 1935-1936).
- BITTENCOURT (Antônio C. R.) — *O Município de Lábrea. Notícia sôbre a sua origem e desenvolvimento e sôbre o Rio Purus*. Manaus, 1918.
- BOAS (Franz) — *Race, Language and Culture*. New York, 1940.
- BOAS (Franz) — *The History of the American Race*. ("Annals N. Y. Ac. Sc.". Vol. XXI, 1912).
- BODDAM-WHETHAM (J. W.) — *Roraima and British Guiana*. London, 1879.
- BOIS (D.) — *Les Orchidées*. Paris, 1893.
- BOIS (D.) — *Les Plantes Alimentaires chez tous les Peuples et a travers les Ages*. Paris, 1927.
- BORDEAUX (Albert) — *La Guyanne Inconnue*. Paris, 1906.
- BOUBIER (Maurice) — *L'Evolution de l'Ornithologie*. Paris, 1932.
- BRADÉ (A. C.) — *Index Orchidacearum*. Separata da Rev. "Rodriguesia". N.º 2. Rio de Janeiro, 1935.
- BRAGA (Theodoro) — *Noções de Corografia do Estado do Pará*. Pará, 1919.

- BRANNER (Prof. John C.) — *The Palm Trees of Brazil*. Extrato do "Popular Science Monthly". III. 1902.
- BRASIL (Raymundo Pereira) — *O Rio Tapajós na Exposição Nacional de Borracha de 1913 no Rio de Janeiro*. Pará.
- BRASIL (Raymundo Pereira) — *Os Sertões do Rio Tapajós*. Belém, 1910.
- BRAUN (João Vasco Manuel de) — *Descrição Geográfica do Estado do Grão-Pará (1789)*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Vol. XXXVI. Rio de Janeiro).
- BRAZIL (Themistocles Paes de Souza) — *Aspecto da Região Amazônica - Fisionomia do Rio Negro*. Ministério das Relações Exteriores. Rio de Janeiro, 1939.
- BRAZIL (Themistocles Paes de Souza) — *Cauici*. Ministério das Relações Exteriores. Rio de Janeiro, 1938.
- BREHM (A. E.) — *La Vie des Animaux*. Paris, s/d.
- BRETT (Rev. W. H.) — *Mission Work among the Indian Tribes in the Forests of Guyana*. London,
- BRINTON (Daniel) — *The American Race*. London, 1891.
- British Guiana Papers - Scientific Results of the Oxford University Expedition to British Guiana*. London, 1938.
- BROWN (C. Barrington) — *Canoe and Camp Life in British Guiana*. London, 1877.
- BROWN and LIDSTONE — *Fifteen Thousand Miles on the Amazon and its Tributaries*. London, 1878.
- BRUCE (G. J.) — *Brazil and the Brazilians*. London.
- BRUSQUE (Francisco Carlos de Araujo) — *Relatório apresentado à Assembléa Legislativa da Província do Pará em 1.º de Setembro de 1862, pelo Presidente da Província*.
- BUSCALLIONI (Luigi) — *Una Escursione Botanica nell Amazonia*. Roma, 1901.
- CAMINHA (Pero Vaz de) — *Carta a El-Rei D. Manuel escrita na Ilha de Vera Cruz em 1.º de Maio de 1500*. Editores Reis Á Comp. Bahia, 1900.
- CAMINHOÁ (Joaquim Monteiro) — *Elementos de Botânica*. 5 vols. Rio de Janeiro, 1877.
- CAMPOS (Hermenegildo Lopes de) — *Climatologia Médica do Estado do Amazonas*. Manaus, 1910.
- Campos (Murillo de) — *Interior do Brasil*. Rio, 1936.
- CANDOLLE (A. de) — *L'Origine des Plantes Cultivées*. Paris, 1883.
- CARDIM (Fernão) — *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Rio, 1925.
- CARNEIRO (Paulo E. de Berredo) — *Le Guarana et Paulinia Cupaba H. B. & K.* Paris, 1931.
- CARNEIRO (Paulo E. de Berredo) — *Les Principes Actifs du Curare*. ("Anais da Academia Brasileira de Ciências". Tomo XI. N.º 2. Rio de Janeiro, 1939).
- CARREY (E.) — *L'Amazone. Huit Jours sous l'Equateur*. Paris, 1856.
- CAJAZEIRA (Dr. José Antônio) — *Expedição Científica Roosevelt-Rondon*. An. 4. Publ. 55. Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas. Rio de Janeiro.
- CÂMARA (Antônio Alves) — *Ensáio sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil*. Rio de Janeiro, 1888.
- CAMINHA FILHO (Adrião) — *Timbós e Rotenona*. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro. 1940.
- Campos do Rio Branco*. ("Revista Brasileira de Geografia". An. IV. N.º 3. Julho-Setembro de 1942).
- CARLI (Comte. J. R.) — *Lettres Americaines*. Paris, 1788.
- CARVAJAL (Fr. Gaspar de) — *Descubrimiento del Rio de las Amazonas*. Com. introdução histórica por José Toribio Medina. Sevilla, 1894.

- CARVAJAL (Gaspar de), ROJAS (Alonso de) e ACUÑA (Cristobal) — *Descobrimento do Rio Amazonas*. Trad. e anot. por C. de Melo-Leitão. S. Paulo, 1941.
- CARVALHO (Dr. Braulino de) — *Macuhy. Vocabulário e modo de falar dos Macuhys*. ("Boletim do Museu Nacional". Ns. 3 e 4. Vol. XII. Rio de Janeiro, Setembro-Dezembro, 1936).
- CARVALHO (Prof. Delgado de) — *O Rio Amazonas e a sua Bacia*. ("Revista Brasileira de Geografia". An. IV. N.º 2. Rio de Janeiro, Junho de 1942).
- CARVALHO (José) — *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará*. Belém, 1930.
- CARVALHO (José) — *O Padre Nicolino e a sua Lenda*. (Artigo publicado na "Fôlha do Norte". Belém, Pará, em 2 de Abril de 1917).
- CASTELLANI (Sir Aldo) — *Climate and Acclimatization*. London, 1938.
- CASTELNAU (Francis de) — *Expédition dans les Parties Centrales de l'Amérique du Sud. Histoire du Voyage*. 6 vols. Paris, 1850-1851.
- CASTRO (Eugênio de) — *Geografia Linguística e Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro, 1937.
- CERQUEIRA (General Dionísio) — *Reminiscências da Fronteira*. Rio, 1928.
- CHAGAS (Carlos) — *Conferência sobre as Condições Médico-Sanitárias do Rio Amazonas*. ("Discursos e Conferências". Rio de Janeiro, 1935).
- CHAGAS JR. (Prof. Carlos) — *Studies on the Properties of the Electric Eel-Electrophorus Electricus*. ("Livro de Homenagem" aos profs. Álvaro e Miguel Ozório de Almeida. Rio de Janeiro, 1939).
- CHAMBERLAIN (Alexander Francis) — *Nomenclature and Distribution of the Principal Tribes and Sub-Tribes of the Arawakan Linguistic Stock of South America*. ("Journal de la Société Americanistes de Paris". Tomo X. Fasc. II, 1913).
- CHAPMAN (Frank M.) — *La Vie Animale sous les Tropiques*. Paris, 1939.
- CHAPMAN (Frank M.) — *Problems of the Roraima-Duida Region as Presented by the Bird Life*. ("Geographical Review". N.º 3. Vol. XXI. Julho de 1931).
- CHERRIE (George K.) — *Dark Trails. Adventures of a Naturalist*. New York, 1930.
- CHILDE (A.) — *Carta ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão sobre - Pérolas de Vidro - "Ditas Fenicias"*. ("Anais da Academia Brasileira de Ciências". Tomo II. N.º 3. Rio de Janeiro, 1930).
- CHODAT (Robert) — *La Biologie des Plantes. I - Les Plantes Aquatiques*. Paris.
- CHURCH (Colonel George Earl) — *Aborigines of South America*. London, 1912.
- CLEMENTI (Mrs. Cecil) — *Through British Guiana to the Summit of Roraima*. London, 1920.
- CLOUGH (R. Stewart) — *The Amazons. Diary of a Twelvemonth's Journey*. London, s/d.
- COLBACCHINI (P. Antônio) e ALBISETTI (P. César) — *Os Boróros Orientais*. São Paulo, 1942.
- COLON (José L.) — *A Mandioca: seu Cultivo e Aproveitamento*. ("Boletim da União Pan-Americana". Vol. XXXV. N.º 6. Junho, 1933).
- CONDAMINE (C. de La) — *Viaje a la America Meridional*. Version Castellana de F. R. Morcuende. Calpe, Madrid.
- CORRÊA (Mendes) — *Homo. Os modernos estudos sobre a origem do homem*. 2.ª edição. Coimbra, 1926.
- CORRÊA (M. Pio) — *Dicionário das Plantas Úteis do Brasil*. 2 vols. Rio de Janeiro, 1926.
- COSTA (Angyone) — *Migrações e Cultura Indígena*. S. Paulo.
- COSTA (Dídio I. A. da) — *Quarto Centenário do Descobrimento do Amazonas*. ("Boletim da União Pan-Americana". Vol. XLIV. N.º 1. Janeiro, 1909).
- COSTA (D. Frederico) — *Carta Pastoral*. Fortaleza, Ceará, 1909.

- COSTA (Oswaldo A.) de e FARIA (Luiz) — *A Planta que faz Sonhar. O Yagé*. Rio, 1936.
- COSTANTIN (J.) — *La Nature Tropicale*. Paris, 1917.
- COSTANTIN (J.) — *La Vie des Orchidées*. Paris, 1917.
- COUDREAU (H.) — *Chez nos Indiens*. Paris, 1893.
- COUDREAU (H.) — *La France Equinoxiale*. 2 vols. Paris, 1886.
- COUDREAU (H.) — *Voyage au Rio Branco*. Paris, 1886.
- COUDREAU (H.) — *Voyage au Tapajós*. Paris, 1895-96.
- COUDREAU (H.) — *Voyage entre Tocantins et Xingu*. Paris, 1899.
- COUDREAU (H.) — *Voyage au Trombetas*. Paris, 1900.
- COUDREAU (H.) — *Voyage au Xingu*. Paris, 1897.
- COUDREAU (H.) — *Voyage au Yamunda*. Paris, 1899.
- COUDREAU (O.) — *Voyage au Cumina*. Paris, 1901.
- COUDREAU (O.) — *Voyage a la Mapuera*. Paris, 1903.
- COUDREAU (O.) — *Voyage au Maycuru*. Paris, 1903.
- COUDREAU (O.) — *Voyage au Rio Curud*. Paris, 1903.
- COUTINHO (J. M. da Silva) — *Notícia sobre o Uaraná*. Rio de Janeiro, 1866.
- COX (William T.) — *A Silvicultura no Brasil*. ("Boletim da União Pan-Americana". Vol. XXXV. N.º 7. Julho, 1933).
- CRAMPTON (Henry Edward) — *Kaieteur and Roraima*. ("The National Geographic Magazine". Vol. XXXVIII. 1920).
- CREVAUX (J.) — *Voyages dans l'Amérique du Sud*. Paris, 1883.
- CRULS (Gastão) — *A Amazônia que eu Vi*. Rio de Janeiro, 1930.
- CRULS (Gastão) — *Impressões de uma visita à Companhia Ford Industrial do Brasil (Estado do Pará)*. ("Revista Brasileira de Geografia". Ano I. N.º 4. Outubro, 1939).
- CRULS (Luiz) — *Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil*. Rio de Janeiro, 1894.
- CRUZ (Oswaldo Gonçalves) — *Considerações Gerais sobre as Condições Sanitárias do Rio Madeira*. Saneamento do Rio Madeira. Construção de Estradas de Ferro em Regiões Insalubres. Documentos oferecidos aos Médicos e Engenheiros do Brasil pela Brazil Railway Company. Rio de Janeiro, 1913.
- CULVER AND ROBERTS — *Rubber: From Trees to Tires and Toys*. ("The Geographical Magazine". Vol. LXVII. N.º 2. Fevereiro, 1940).
- CUNHA (Euclides da) — *À Margem da História*. Pôrto, 1909.
- CUNHA (Raymundo Cyriaco Alves da) — *Pequena Corografia da Província do Pará*. Pará, 1887.
- CUTRIGHT (Paul Russel) — *The Great Naturalists Explore South America*. New York, 1940.
- DAHL (Fr.) — *A Fauna do Pará*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo I, Fasc. 1-4. Pará, 1896).
- DANIEL (João) — *Tesouro Descoberto no Máximo Rio das Amazonas*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomos II, III e XLI. Rio de Janeiro).
- DARWIN (Ch.) — *Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo*. Trad. de J. Carvalho. S. Paulo.
- DEFONTAINES (Pierre) — *Geografia Humana do Brasil*. ("Revista Brasileira de Geografia". Ano I. N.º 1. Rio de Janeiro, 1939).
- DELLENBACH (Melle. Marguerite) — *Céramique des Xerebos (Pérou)*. ("Journal de la Société des Américanistes de Paris". Nouvelle Série. Tome XXIV. Fasc. 2. 1932).
- DENIS (Ferdinand) — *Arte Plumária*. Paris, 1875.

- DENIS (Ferdinand) — *Brasil*. 2 vols. Rio de Janeiro.
- DERBY (Orville A.) — *A Ilha de Marajó*. ("Boletim do Museu Paraense. Tomo II. Fasc. 1-4. Pará, 1897-1898).
- DERBY (Orville A.) — *Contribuições para a Geologia da Região do Baixo Amazonas*. ("Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro". Vol. II. 1877).
- DERBY (Orville A.) — *O Rio Trombetas*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo II. Fasc. 1-4. Pará, 1897-1898).
- DERBY (Orville A.) — *Os Povos Antigos do Amazonas*. ("Revista da Exposição Antropológica Brasileira". Rio de Janeiro, 1882).
- DIAS (Antônio Gonçalves) — *Brasil e Oceania*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XXX. Parte 2).
- DIAS (Antônio Gonçalves) — *Relatório E*. (Apenso ao Relatório do Presidente da Província do Amazonas, Manuel Clemente Carneiro da Cunha. 1861).
- DIAS (Antônio Gonçalves) — *Se Existiram Amazonas no Brasil*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomo XVIII).
- DITMARS (Raymond L.) — *Reptiles of the World*. New York, 1937.
- DOMVILLE-FIFE (Charles W.) — *Among Wild Tribes of the Amazons*. London.
- DONNET (Gaston) — *De l'Amazonie au Pacifique*. Paris, 1906.
- D'ORBIGNY (Alcide) — *L'Homme Americain*. 2 vols. Paris, 1839.
- D'ORBIGNY (Alcide) — *Voyage au Centre de l'Amérique Meridionale*. Paris, 1845.
- D'ORBIGNY (Alcide) — *Voyage Pittoresque dans les Deux Amériques*. Paris, 1841.
- D'ORBIGNY (Charles) — *Dictionnaire Universelle d'Histoire Naturelle*. Paris, 1849.
- DORIA (Rodrigues) — *Os Fumadores de Maconha. Efeitos e Males do Vicio*. (Proceeding of the Second Pan American Scientific Congress. Section VIII. Part I. 1917).
- DUCKE (Adolpho) — *A Amazônia Brasileira*. ("Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica". Vol. 1.º. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1938).
- DUCKE (Adolpho) — *A Capansa no Acre* ("Arquivos do Instituto de Pesquisas Agronômicas". N.º 1. Março de 1938. Pernambuco).
- DUCKE (Adolpho) — *A Flora do Curicuriari, Afluente do Rio Negro*. ("Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica". Vol. 3.º. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro).
- DUCKE (Adolpho) — *Aguiária, Novo Gênero de Bombacáceas. A Árvore Maior do Alto Rio Negro*. ("Anais da Academia Brasileira de Ciências". Tomo VII. N.º 4. 1935).
- DUCKE (Adolpho) — *Apontamentos sobre a Cultura de Árvores Florestais Amazônicas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. ("Separata do Boletim do Ministério da Agricultura". Rio de Janeiro, 1939).
- DUCKE (Adolpho) — *As Leguminosas da Amazônia Brasileira*. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1939.
- DUCKE (Adolpho) — *Colheita de Material Botânico na Região Amazônica*. ("Relatório dos Trabalhos Realizados em 1935-37". Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1938).
- DUCKE (Adolpho) — *Diversidade dos Guaranás*. ("Rodriguésia". Ano III. N.º 10. Rio de Janeiro, 1937).
- DUCKE (Adolpho) — *Enumeração das Plantas Amazônicas Cultivadas no Jardim Botânico e Introduzidas pelo Chefe de Secção Adolpho Ducke, de 1920 a 1928*. ("Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro". Vol. V, 1920).
- DUCKE (Adolpho) — *Explorações Científicas no Estado do Pará*. ("Boletim do Museu Goeldi. Tomo VII, 1910).
- DUCKE (Adolpho) — *Lauráceas Aromáticas da Amazônia Brasileira*. ("Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica". 3.º vol. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1938).

- DUCKE (Adolpho) — *Nova Sapotácea Produtora de Balata, da Amazônia Brasileira*. ("Anais da Academia Brasileira de Ciências". Tomo VI. N.º 4. 1934).
- DUCKE (Adolpho) — *O Cumaru na Botânica Sistemática e Geográfica*. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1939.
- DUCKE (Adolpho) — *Plantes Nouvelles ou Peu Connues de la Région Amazonienne*. ("Arquivos do Jardim Botânico". Vol. III. Rio de Janeiro, 1922).
- DUCKE (Adolpho) — *Plantes Nouvelles ou Peu Connues de la Région Amazonienne*. ("Arquivos do Instituto de Biologia Vegetal". Vol. 4, N.º 1. Rio de Janeiro. Junho, 1938).
- DUCKE (Adolpho) — *Relatório das Comissões Desempenhadas pelo Chefe da Secção de Botânica*. ("Rodriguésia". Ano I. N.º 1. Rio de Janeiro, 1935).
- DUCKE (Adolpho) — *Revision of the Genus Hevea, Mainly the Brazilian Species*. ("Separata dos Arquivos do Extinto Instituto de Biologia Vegetal". Vol. II. N.º 2. Dezembro, 1935. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1939).
- DUCKE (Adolpho) — *Voyage au Mapueira*. ("La Geographie". Paris, 1909).
- DUTRA (Firmo) — *O Histórico da Borracha e seus Problemas. Conferência*. ("Estudos Brasileiros". Ano II. Vol. 4. N.º 11. Março-Abril, 1940. Rio de Janeiro).
- EDWARDS (William H.) — *A Voyage up the River Amazon*. New York, 1847.
- EHRENREICH (Paulo) — *A Segunda Expedição Alemã ao Rio Xingu*. ("Revista do Museu Paulista". Tomo XVI. S. Paulo, 1929).
- EHRENREICH (Paulo) — *Viagem do Paraguai ao Amazonas*. Trad. de Alexandre Hummel. (Separata do Tomo XVI da "Revista do Museu Paulista". São Paulo, 1929).
- EHRENREICH (Paulo) — *Viagem nos Rios Amazonas e Purus*. ("Revista do Museu Paulista". Tomo XVI. S. Paulo, 1929).
- ESPADA (Marcos Jimenes de la) — *Viaje del Capitan Pedro Teixeira Aguas Arriba del Rio de las Amazonas*. (1638-1639). Madrid, 1889.
- Espèce (L') Humaine*. (Tome VII de l'"Encyclopédie Française". Paris, 1936).
- ESTÊVÃO (Carlos) — *A Cerâmica de Santarém*. ("Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional". N.º 3. 1939. Rio de Janeiro).
- Estólicia (A)*. ("Boletim da União Pan-Americana". N.º 3. 1920).
- EVREUX (Ives d') — *Viagem ao Norte do Brasil feita nos Anos de 1613 e 1614*. Introdução e Notas de Ferdinand Denis.
- F. — *A Vitória Régia e sua Cultura*. ("Boletim do Museu Nacional". Março-Dezembro, 1932. Vol. VIII. Rio de Janeiro).
- FARABEE (William Curtis) — *Explorations at the Mouth of the Amazon*. ("The Museum Journal". University of Pennsylvania. Philadelphia, September, 1921).
- FARABEE (William Curtis) — *Indian Tribes of Eastern Peru*. Cambridge, Massachusetts. U.S.A. 1922.
- FARABEE (William Curtis) — *The Amazon Expedition*. ("The Museum Journal". University of Pennsylvania. Vol. VII, VIII. Philadelphia, March-June, 1917. N. 1-2).
- FARABEE (William Curtis) — *The Central Arawaks*. Philadelphia, 1913.
- FARIA (João Florentino Meira de) — *Relatório*. Ano 6. N.º 32. Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas.
- FARIA (João Barbosa de) — *Relatório do Serviço Etnográfico*. Apresentado, em 1929, ao Exmo. Sr. General Cândido Mariano da Silva Rondon, Chefe de Inspeção de Fronteiras.
- FARIA (João Barbosa de) — *Zicunati*. ("Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro". Vol. I. N.º 4. Maio de 1924).
- Fawcett's (Colonel) Expedition in Western Brazil*. ("The Geographical Journal". Vol. LVI. N. 5. London, 1920).

- Fawcett's (Colonel) Expedition to the Central Brazil.* ("The Geographical Journal". Vol. LXV. N. 6. London, 1925).
- FERREIRA (Alexandre Rodrigues) — *Diário da Viagem Filosófica.* ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomos XLVIII, XLIX).
- FERREIRA (Alexandre Rodrigues) — *Memória sobre a louça que fazem as índias do Estado para ser apensa às amostras dela que foram remetidas nos caixotes n.º 1, n.º 5 e n.º 8 da primeira remessa.* Museu Nacional. Rio de Janeiro.
- FERREIRA (Alexandre Rodrigues) — *Memória sobre as cuias que fazem as índias de Monte Alegre e de Santarém para ser apensa às amostras que remeti no caixão n.º 8 da primeira remessa.* ("Revista Nacional de Educação". N.º 6. Março de 1938. Museu Nacional. Rio de Janeiro).
- FERREIRA (Alexandre Rodrigues) — *Memória sobre as salvas de palhinha pintadas pelas índias da vila de Santarém, as quais foram remetidas no caixão n.º 3 da primeira remessa do Rio Negro.* ("Revista Nacional de Educação". N.º 8. Maio de 1933. Museu Nacional. Rio de Janeiro.)
- FERREIRA (Alexandre Rodrigues) — *Memória sobre o peixe-boi e do uso que lhe dão no Estado do Grão Pará.* ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. XII. Rio de Janeiro, 1903).
- FERREIRA (Alexandre Rodrigues) — *Memória sobre Yurara-Reté.* ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. XII. Rio de Janeiro, 1903).
- FERREIRA FILHO (Cosme) — *A Borracha, Problema Brasileiro.* Manaus, 1938.
- FIGUEIREDO (Tte. Cel. J. de Lima) — *Fronteiras Amazônicas.* ("Revista Brasileira de Geografia. Ano IV. N.º 3. Julho-Setembro de 1942).
- FIGUEIREDO (Tte. Cel. J. de Lima) — *Índios do Brasil.* S. Paulo, 1939.
- FIGUEIREDO (Tte. Cel. J. de Lima) — *O Acre e suas Possibilidades.* ("Revista Brasileira de Geografia". Ano II. N.º 2. Abril de 1940).
- FIGUEIREDO (Tte. Cel. J. de Lima) — *Terras de Mato Grosso e da Amazônia.* Rio de Janeiro, 1938.
- FLEMING (Peter) — *Brazilian Adventure.* London, 1936.
- FLERNEY (Bertrand) — *Haut Amazone.* Paris, 1939.
- FOMBONA (R. Blanco) — *El Conquistador del Siglo XVI.* Madrid, 1922.
- FONSECA (João Severiano da) — *Viagem ao Redor do Brasil.* 1875-1878. 2 vols. *Fordlândia.* ("Boletim da União Pan-Americana". Vol. XXV. N.º 2. Fevereiro de 1933).
- FOUNTAIN (Paul) — *The Great Mountains and Forests of South America.* New York and Bombay, 1902.
- FOUNTAIN (Paul) — *The River Amazon from its Sources to the Sea.* London, 1914.
- FRANCO (Afonso Arinos de Mello) — *O Índio Brasileiro e a Revolução Francêsa.* Rio, 1938.
- FREYRE (Gilberto) — *Casa Grande & Senzala.* Rio de Janeiro, 1933.
- FRIAS (D. D. Sanches de) — *Uma Viagem ao Amazonas.* Lisboa, 1883.
- FRITZ (Father Samuel) — *Journal of the Travels and Labours of the Father Samuel Fritz in the River of the Amazons between 1686 and 1725, translated from the Evora Ms.* London, 1922.
- FROBENIUS (Léo) — *Histoire de la Civilisation Africaine.* Traduit par le Dr. H. Back et D. Ermond. Paris, s/d.
- FROIDVAUX (Henri) — *Documents Inédits sur Godin des Odonais et sur son Séjour à la Guyane.* ("Journal de la Société des Americanistes de Paris". 1897).
- FROST (W.) — *The Cock of the Rock.* ("The Avicultural Magazine". Vol. I. N. 11. September, 1910. London).
- GABAGLIA (Fernando Raja) — *As Fronteiras do Brasil.* Rio de Janeiro, 1918.
- GAFFAREL (Paul) — *Etymologies Américaines.* (Extrait des "Mémoires de la Société Bourguignonne de Géographie et d'Histoire". Tome XI. Dijon, 1899).

- GAGNON (Pierre) — *L'Amérique Précolombienne*. Quebec, 1908.
- GANDAVO (Pero de Magalhães) — *Tratado da Terra do Brasil. I – História da Província Santa Cruz. II*. Rio de Janeiro, 1924.
- GARCIA (Rodolpho) — *Etnografia Indígena*. (“Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil”. Introdução Geral. 1.º vol. Rio de Janeiro, 1922).
- GARCIA (Rodolpho) — *História das Explorações Científicas*. (“Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil”. Introdução Geral. 1.º vol. Rio de Janeiro, 1922).
- GATES (R. Ruggles) — *A Botanist in the Amazon Valley*. London, 1927.
- GAYOSO (Raymundo José de Souza) — *Compêndio Histórico-Político dos Principios da Lavoura do Maranhão*. Paris, 1818.
- GILIJ (Filippo Salvadore) — *Saggio di Storia Americana*. Roma, MDCCLXXX. 4 tomos.
- GILL (Richard C.) — *White Water and Black Magig*. New York, 1940.
- GILLIN (John) — *Emergent Races and Culture in South America*. (“The March Scientific Monthly”. Vol. LII. N. 3. March, 1941).
- GILLIN (John) — *Social Life of the Barama River Caribes of British Guiana*. (“The March Scientific Monthly”. Vol. XL. N. 3. March, 1935).
- GILLIN (John) — *Some Anthropological Problems of the Tropical Forest Area of South America*. (Reprinted from “American Anthropologist”. Vol. 42. N. 4. October-December, 1940).
- GOEJE (C. H. de) — *Beitrag zur Volkerkunde von Surinam*. Leiden, 1908.
- GOEJE (C. H. de) — *Guyana and Carib Tribal Names*. (Proceedings of Twenty-first Congress of Americanistes. First Part. 1924).
- GOEJE (C. H. de) — *Suriname Ontdekt*. Leiden, 1934.
- GOEJE (C. H. de) — *Verslag der Toemoekhomak-Expeditie*. (“Tijdschrift van het Koninklijk Nederladsch Aardrijkskundig Genootschaft. Tweedw Serie. Deel XXV. N. 5. Sept., 1908).
- GOELDI (E.) — *As Aves do Brasil*. 2 vols. Rio de Janeiro, 1894.
- GOELDI (E.) — *Aspectos da Natureza do Brasil*. (“Boletim do Museu Paraense”. Tomo V. Pará, 1907-1908).
- GOELDI (E.) — *Chelônios do Brasil*. (“Boletim do Museu Paraense”. Tomo IV. Pará, 1904-1906).
- GOELDI (E.) — *Chelônios e Réptis do Brasil*. Pará, 1905.
- GOELDI (E.) — *Ensáio sobre o Dr. Alexandre R. Ferreira*. Pará, 1895.
- GOELDI (E.) — *Excavações Archeológicas em 1895 executadas pelo Museu Paraense no Litoral da Guyana Brasileira entre Oyapock e Amazonas*. Pará, 1900.
- GOELDI (E.) — *Grandes Migrações de Borboletas*. (“Boletim do Museu Paraense”. Tomo IV. Fasc. 1-4. Pará, 1904-1906).
- GOELDI (E.) — *Lancear de Olhos sobre a Fauna dos Reptis do Brasil*. (“Boletim do Museu Paraense”. Tomo I. Fasc. 1-4. Pará, 1896).
- GOELDI (E.) — *Maravilhas da Natureza na Ilha de Marajó*. (“Boletim do Museu Paraense”. Tomo III. Fasc. 1-4. Pará, 1900-1902).
- GOELDI (E.) — *O Estado Atual dos Conhecimentos sobre os Índios do Brasil, essencialmente sobre os Índios da Foz do Amazonas – no Passado, e no Presente*. (“Boletim do Museu Paraense”. Tomo II. Fasc. 1-4. Pará, 1897-1898).
- GOELDI (E.) — *O Nome do Jaboti Matá-Matá*. (“Boletim do Museu Paraense”. Tomo II. Fasc. 1-4. Pará, 1897-1898).
- GOELDI (E.) — *Opisthocomus Cristatus – A “Cigana”*. Resenha Ornitológica. (“Boletim do Museu Paraense”. Tomo I. Fasc. 1-4. Pará, 1896).
- GOELDI (E.) — *Os Mamíferos do Brasil*. 1 vol. Rio de Janeiro, 1893.

- GOELDI (E.) — *Sobre a Nidificação do Cassicus Persicus*. (“Boletim do Museu Paraense”. Tomo II. Pará, 1900-1902).
- GOMARA (Lopez de) — *Historia General de las Indias*. 2 tomos. Madrid.
- GOULD (John) — *A Monograph of the Trochilidae or Humming-Birds*. London, s/d.
- GOULD (John) — *A Monograph of the Trogonidae or Family of Trogons*. London, 1838.
- GRAVIER (Gabriel) — *Étude sur les Sauvages du Brésil*. Paris, 1881.
- GROSSE (E.) — *Les Débuts de l'Art*. Trad. de l'Allemand par E. Dirr. Paris, 1902.
- GRUBB (K. G.) — *The Lowland Indians of Amazonia*. World Dominion Press. 1, Tudor Street. London, E. C. 1927.
- GUIMARÃES (José da Silva) — *Memória sobre os Usos e Costumes, Linguagem dos Apicás*. (“Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. Tomo VI).
- GRUVEL (A.) — *La Pêche dans la Préhistoire, dans l'Antiquité et chez les Peuples Primitives*. Paris, 1928.
- GUENTHER (Konrad) — *A Naturalist in Brazil*. Translated by Bernard Miall. London, 1931.
- GUMILLA (Joseph) — *Historia del Orinoco*. 2 vols. 1791.
- HAEBLER (Ruth) — *Die Geflochtenen Hangemattender Naturvolker Sudamerikas*. (“Zeitschrift für Ethnologie”. Helft, 1. 1919. Berlin).
- HAGMANN (Godofredo) — *A Larva da Lanternária Phosphorea*. (“Boletim do Museu Nacional”. Vol. IV. N. 3).
- HALPERIN (Morris) — *Cereals and Civilization*. (“April Scientific Monthly”. Vol. XLII. N. 4. 1936).
- HAMY (Dr. E. T.) — *Lettres Américaines d'Alexandre de Humboldt (1798-1807)*. Paris, 1904.
- HANCOCK (John) — *Observations on the Climates, Soil, and Productions of British Guiana*. London, 1840.
- HANSON (Earl Parker) — *Journey to Manaus*. New York, 1938.
- HANSON (Earl Parker) — *Social Regression in the Orinono and Amazon Basins*. (“Geographical Review”. October, 1933. New York).
- HARCOURT (Raoul d') — *L'Amérique avant Colombe*. Paris, 1925.
- HARDENBURG (W. E.) — *The Putumayo - The Devil's Paradise*. London, 1912.
- HARTT (Carlos Frederico) — *Contribuição para a Etnologia do Vale do Amazonas*. (“Arquivos do Museu Nacional”. Vol. VI. Rio, 1885).
- HARTT (Carlos Frederico) — *Contributions to the Geology and Physical Geography of the Lower Amazon*. (“Bulletin of the Buffalo Society of Natural Science”. I, N. 4. Buffalo, January, 1874).
- HARTT (Carlos Frederico) — *Morgan Expeditions, 1870-1871*. (“Bulletin of the Cornell University Sciences”. Vol. I. N. 1. Ithaca, N. 9. 1874).
- HARTT (Carlos Frederico) — *Nota sobre Algumas Tangas de Barro cozido dos Antigos Indígenas da Ilha de Marajó*. (“Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro”. Vol. 1. 1876).
- HARTT (Carlos Frederico) — *Notes of the Manufacture of Pottery among Savage Races*. Rio, 1875.
- HARTT (Carlos Frederico) — *The Ancient Indian Pottery of Marajó, Brazil*. (“The American Naturalist”. Vol. 5. N. 5. July, 1871).
- HASSEL (Jorge M. von) — *Los Tribus Salvages de la Region Amazonica del Peru*. (“Bolletín de la Sociedad Geografica de Lima”. Tomo XVII. 1905).
- HÉBERT (J.) — *Survivances Décoratives au Brésil*. (“Revue de la Société des Américanistes de Paris”. Nouvelle Série. Tomo IV. 1907).
- HERIARTE (Maurício de) — *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Gorupá e Rio das Amazonas*. Viena d'Áustria, 1874.

- HERNDON (W. M. Lewis) and GIBBON (Laedner) — *Exploration of the Valley of the Amazon*. 2 vols. Washington, 1853.
- HILDEBRANDO (J. R.) — *Our Most Versatile Product*. "Geographical Magazine". Vol. LXVII. N. 2. February, 1940).
- HINGSTON (Major R. W. G.) — *A Naturalist in the Guiana Forest*. London, 1932.
- HOEHNE (F. C.) — *Album das Orquidáceas Brasileiras*. S. Paulo, 1930.
- HOEHNE (F. C.) — *A Flora do Brasil*. (Separata do 1.º vol. do "Recenseamento do Brasil", realizado em 1.º de Setembro de 1920. Ministério da Agricultura, s/d.).
- HOEHNE (F. C.) — *As Plantas Ornamentais da Flora Brasileira*. (Tomos I e II. Col. de Separatas do "Boletim de Agricultura". S. Paulo, 1930 e 1936).
- HOEHNE (F. C.) — *Botânica*. Ano 4. N.º 2. Publ. 51. Expedição Científica Roosevelt-Rondon. Rio de Janeiro.
- HOEHNE (F. C.) — *Botânica*. N. 5. Publ. II. Parte IV. Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas.
- HOEHNE (F. C.) — *Botânica e Agricultura no Brasil*. (Século XVI). São Paulo, 1937.
- HOEHNE (F. C.) — *Contribuição para o Conhecimento do Gênero Catasetum*. São Paulo, 1933.
- HOEHNE (F. C.) — *Plantas e Substâncias Vegetais Tóxicas e Medicinais*. São Paulo-Rio, 1939.
- HOLDRIDGE (Desmond) — *A Native Returns to the Amazon*. ("Reader's Digest". April, 1941. New York).
- HOLDRIDGE (Desmond) — *An Investigation of the Prospect for White Settlement in British Guiana*. ("The Geographical Review". October, 1939).
- HOLDRIDGE (Desmond) — *Awakener of the Amazon*. ("Reader's Digest". May, 1940. New York).
- HOLDRIDGE (Desmond) — *Escape to the Tropics*. New York, 1937.
- HOLDRIDGE (Desmond) — *Feudal Island*. New York, 1939.
- HOLDRIDGE (Desmond) — *Pindorama. Jungle-to You!* New York, 1933.
- HOOKE (Sir W. J.) — *Description of Victoria Regia or Great Water Lily of South America*. London, 1847.
- HORTA (Paula Parreiras) — *Orquidologia e Barbosa Rodrigues*. ("Rodriguésia". Ano II. N.º 5. Rio de Janeiro, 1936).
- HORTA (Paula Parreiras) — *Uma Nova Orquidácea da Amazônia*. ("Rodriguésia". Ano II. N.º 8. Rio de Janeiro, 1937).
- HUBER (Jacques) — *Ainda a Propósito dos Ninhos do Japu*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo IV. 1904-1906).
- HUBER (Jacques) — *Apontamentos sobre o Caucho Amazônico*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo III. Fasc. 1-4. Pará, 1900-1902).
- HUBER (Jacques) — *Arboretum Amazonicum*. Museu do Pará, 1900-1906.
- HUBER (Jacques) — *Árvores da Borracha e de Balata da Região Amazônica*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo IV. Fasc. 1-4. Pará, 1904-1906).
- HUBER (Jacques) — *Contribuição à Geografia Botânica do Litoral da Guiana entre o Amazonas e o Rio Oiapoque*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo I. Fasc. 1-4. Pará, 1896).
- HUBER (Jacques) — *Contribuição à Geografia Física dos Furos de Breves e da Parte Ocidental de Marajó*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo III. Fasc. 1-4. Pará, 1900-1902).
- HUBER (Jacques) — *Espécies do Gênero Hevea*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo IV. Fasc. 1-4. Pará, 1904-1906).
- HUBER (Jacques) — *Matas e Madeiras Amazônicas*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo VI. 1909).

- HUBER (Jacques) — *Materiais para a Flora Amazônica*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo II. Fasc. 1-4. Pará, 1897-1898 e Tomo V. 1907-1908).
- HUBER (Jacques) — *Notas sobre a Pátria e Distribuição Geográfica das Árvores Frutíferas do Pará*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo IV. Fasc. 1-4. Pará, 1904-1906).
- HUBER (Jacques) — *Novas Contribuições para o Conhecimento do Gênero Hevea*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo VII. 1910).
- HUBER (Jacques) — *Observações sobre as Árvores de Borracha da Região Amazônica*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo III. Fasc. 1-4. Pará, 1900-1902).
- HUBER (Jacques) — *Sobre as Ilhas Flutuantes do Amazonas*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo IV. Fasc. 1-4. Pará, 1904-1906).
- HUBER (Jacques) — *Sobre os Materiais do Ninho do Japu*. (Boletim do Museu Paraense". Tomo III. Pará, 1900-1902).
- HUBER (Jacques) — *Sobre uma Coleção de Plantas da Região do Cupati (Rio Japurá-Caquetá)*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo VII. Pará, 1910).
- HUMBOLDT (Alexandre de) — *Tableaux de la Nature*. 2 vols. Trad. de l'allemand par J. B. B. Eyries. Paris, 1828.
- HUMBOLDT (Alexandre de) — *Voyage aux Régions Equinoxiales du Nouveau Continent*. 11 vols. Paris, 1816.
- HUXLEY (Julien) — *O Pensamento Vivo de Darwin*. Trad. de Paulo Sawaya. S. Paulo, 1940.
- IGLESIAS (F. de Assis) — *Álbum Florístico*. Ministério da Agricultura. Serviço Florestal. Rio de Janeiro, 1940.
- IHERING (Hermann von) — *A Distribuição de Campos e Matas no Brasil*. ("Revista do Museu Paulista". Vol. VII. 1907).
- IHERING (Hermann von) — *Antropologia do Estado de São Paulo*. ("Revista do Museu Paulista". Vol. VII. 1907).
- IHERING (Hermann von) — *Arqueologia Comparativa do Brasil*. ("Revista do Museu Paulista". Vol. VI. 1904).
- IHERING (Hermann von) — *As Cabeças Mumificadas pelos Índios Munducurus*. ("Revista do Museu Paulista". Vol. VII. 1907).
- IHERING (Hermann von) — *O Rio Jurua*. ("Revista do Museu Paulista". Vol. VI. 1904).
- IHERING (Hermann von) — *Os Índios Patos e o Nome da Lagôa dos Patos*. ("Revista do Museu Paulista". Vol. VII. 1907).
- IHERING (Rodolpho von) — *Atlas da Fauna do Brasil*. S. Paulo, 1917.
- IHERING (Rodolpho von) — *Da Vida dos Nossos Peixes*. Rio Grande do Sul, 1934.
- IHERING (Rodolpho von) — *Da Vida dos Peixes*. S. Paulo, s/d.
- IHERING (Rodolpho von) — *Fauna do Brasil*. Texto Explicativo do "Atlas da Fauna do Brasil". S. Paulo, 1917.
- IMBELLONI (J.) — *La Esfinge Indiana*. Buenos Aires, 1926.
- IMBELLONI (J.) — *Tabla Classificatoria de los Indios*. Separata da revista "Phy-sys". Buenos Aires, 1938.
- IM THURN (Everard) — *Among the Indians of Guiana*. London, 1883.
- IM THURN (Everard) — *Roraima*. ("Timehri". The Journal of the Royal Agricultural and Commercial Society of British Guiana. Vol. IV. Part II. December, 1885).
- Índio (Um Cientista). ("Boletim do Museu Nacional". N.º 2. Vol. XI. Rio de Janeiro, Junho de 1935).
- INNES (William T.) — *Exotic Aquarium Fishes*. Third Edition. Philadelphia, 1938.
- IZIKOVITZ (Karl Gustav) — *Musical and Other Sound Instruments of the South American Indians*. Goteborg, 1935.

- JACQUOT (Raymond) et NATAF (Berthe) — *Le Manioc et son Utilisation Alimentaire*. Paris, 1936.
- JENMAN (G. S.) — *Balata and the Balata Industry*. ("Timehri". The Journal of the Royal Agricultural and Commercial Society of British Guiana. Vol. IV. Part II. December, 1885).
- JOBIM (Anísio) — *Manacapuru*. Manaus, 1933.
- JOBIM (Anísio) — *Panoramas Amazônicos - Coary*. Pará, 1919.
- JOBIM (Anísio) — *Panoramas Amazônicos - Codajás*. Manaus, 1934.
- JOBIM (Anísio) — *Panoramas Amazônicos - Teffé*. Manaus, 1937.
- KARSTEN (Rafael) — *Blood Revenge, War, and Victory Feasts among the Jibaro Indians of Eastern Ecuador*. Swithsonian Institution. Bureau of American Ethnology. Bulletin 79. Washington, 1923.
- KARSTEN (Rafael) — *The Civilization of South American Indians*. New York, 1926.
- KELLER (Franz) — *The Amazon and Madeira Rivers*. London, 1874.
- KEY (Charles E.) — *Les Explorations du XXe. Siècle*. Paris, 1937.
- KIDDER and FLETCHNER — *Brazil and Brazilians*. Philadelphia, London, 1857.
- KIRKPATRICK (F. A.) — *Les Conquistadores Espagnols*. Traduit de l'anglais par A. et H. Collin Delavaud. Paris, 1935.
- KOCH-GRÜNBERG (Dr. Th.) — *Das Haus bei den Indianern Nord-Brasilien*. ("Archiv für Anthropologie". N. E. Bd. VII. Heft 1. Braunschweig).
- KOCH-GRÜNBERG (Dr. Th.) — *Indianische Frauen*. ("Archiv für Anthropologie". Neue Folge. Bd. VIII. Heft 1 und 2. Braunschweig, 1909).
- KOCH-GRÜNBERG (Dr. Th.) — *Zwei Jahre unter den Indianern*. Berlin, 1909-1910.
- KOK (Rev. P.) — *Quelques Notices Ethnographiques sur les Indiens du Rio Papuri*. ("Anthropos". Tomo XX. Fasc. 3 e 4. Maio-Agôsto, 1925. Tomo XXI. Fasc. 5 e 6. Setembro-Dezembro, 1926).
- KRAUSE (Dr. Fritz) — *In der Wildnissen Brasilien*. Leipzig, 1911.
- KRAUSE (Dr. Fritz) — *Nos Sertões do Brasil*. Trad. de Egon Schaden. ("Revista do Arquivo Municipal". Vols. LXVI e LXXIII (1940-1941). S. Paulo).
- KRICKBERG (Dr. Herbert) — *Australien - Amerika*. Die Grosse Volkerkunde. Band III. Leipzig, 1939.
- KRICKBERG (Dr. Walter) — *Amerika*. Ilustrierte Volkerkunde Herausgegeben von Dr. Georg Buschan. Zweite Auflage. Stuttgart, 1922.
- KUHLMANN (J. Gerald) — *Botânica*. Ano 5. Parte XI. Publ. 67. Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas.
- KUHN (Franz) — *Der Kleine Goldfischteich*. Leipzig.
- KUNIKE (Hugo) — *Der Fisch als Fruchtbarkeitssymbol bei den Waldindianern Sudamerikas*. ("Anthropos". Band VII. 1912).
- LABAT (J. B.) — *Nouveau Voyage aux Iles de l'Amérique*. 2 vols. La Haye, 1724.
- LA BLACHE (P. Vidal de) — *La Rivière Vincent Pinzon*. Étude sur la Cartographie de la Guyane. Paris, 1902.
- LABRE (A. R. P.) — *Itinerário de Exploração do Amazonas à Bolívia*. Belém do Pará, 1887.
- LABRE (A. R. P.) — *Rio Purus. Notícia*. Maranhão, 1872.
- LACERDA (João Baptista de) — *Curare preparée au moyen d'une seule Plante de la Famille des Menispermées*. (*Anomospermum Grandifolium Eichler*). ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. XI. Rio de Janeiro, 1901).
- LACERDA (João Baptista de) — *De Variis Plantis Veneriferis Florae Brasiliensis*. ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. XIV e XV. Rio de Janeiro, 1907-1908).
- LACERDA FILHO (Dr.) — *Ação Fisiológica do Urari*. ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. I. Rio de Janeiro, 1876).

- LACLETTE (P. P. Horta) — *Bibliografia*. (“Rodriguésia”. Ano III. N.º 10. Rio de Janeiro, 1937).
- LA CONDAMINE (M. de) — *Relation Abragée d'un Voyage fait dans l'Interieur de l'Amérique Méridionale*. Paris, 1745.
- LADISLAU (Alfredo) — *Terra Imatura*. Belém, Pará, 1923.
- LADISLAU NETTO — *Investigações sôbre Arqueologia Brasileira*. (Arquivos do Museu Nacional”. Vol. VI. Rio de Janeiro, 1885).
- LADISLAU NETTO — *Sciences. Le Museum National sous la direction de M. F. J. de Santa Anna Nery*. (Artigo em “Le Brésil en 1889”. Paris, 1889).
- LAET (Jean de) — *L'Histoire du Nouveau Monde*. Leyde, 1640.
- LAFITAU (P.) — *Moeurs des Sauvages Américains*. 2 vols. 1724.
- LAFOND (Georges) — *L'Amérique du Sud, Venezuela, Guyanes, etc.* Paris.
- LAGE (Sandoval) — *O Caucheiro*. (“Revista Brasileira”. Ano IV. N.º 11. Outubro de 1944. Rio de Janeiro).
- LALO (Ch.) — *L'Art et la Vie Sociale*. Paris, 1921.
- LANGE (Algot) — *In the Amazon Jungle*. New York and London, 1912.
- LANGLOIS (M. le Colonel) — *L'Amérique Pré-Colombienne et la Conquête Européenne*. Paris, 1928.
- LA VARRE (William) — *Gold, Diamonds and Orchids*. New York-London, s/d.
- LA VARRE (William) — *Up the Mazurini for Diamonds*. Boston, 1939.
- LE COINTE (Paul) — *A Amazônia Brasileira. Árvores e Plantas Úteis*. Belém, Pará, 1934.
- LE COINTE (Paul) — *Apontamentos sôbre as Sementes Oleaginosas, os Bálsamos e as Resinas da Floresta Amazônica*. Belém, Pará, 1927.
- LE COINTE (Paul) — *L'Amazonie Brésilienne*. 2 vols. Paris, 1922.
- LE COINTE (Paul) — *Les Crues Annuelles de l'Amazone et les Récentes Modifications de leur Régime*. (“Annales de Géographie”. Paris, 1935).
- LEITE (Duarte) — *Concerning Vicente Pinzon's Voyage in 1499*. (“Anais do XX Congresso Internacional de Americanistas”, realizado no Rio de Janeiro, em Agosto de 1922. Vol. II. Segunda Parte. Rio de Janeiro).
- LENHARDT (Maurice) — *Gens de la Grand Terre*. Paris, 1937.
- LENOIR (Raymond) — *Les Fêtes de Boisson en Amérique du Sud*. (“Journal de la Société des Américanistes de Paris”. Nouvelle Série. Tome XVIII. 1925).
- LEON (Cieza de) — *La Cronica del Peru*. Madrid, Calpe.
- LEONARDOS JR. (Othon) — *O Rio Amazonas*. Rio de Janeiro, 1923.
- LIMA (Francisco Peres de) — *Folclore Acreano*. Rio de Janeiro, 1938.
- LEWIN (Louis) — *Les Paradis Artificiels*. Trad. par le Dr. F. Gidon. Paris, 1928.
- LIMA (Dr. A. da Costa) — *Sôbre um curioso besouro da Amazônia*. (Revista “O Campo”. Setembro de 1940. Rio de Janeiro).
- LINDEN (J.) — *Lindenia*. Iconographie des Orchidées. Gand, 1886.
- LINNÉ (S) — *Les Recherches Archéologiques de Nimuendaju au Brésil*. (“Journal de la Société des Américanistes de Paris”. Nouvelle Série. Tome XX. 1928).
- LINNÉ (S.) — *The Technique of South American Ceramics*. (“Goteborgs Kungl. Votenskaps och Vitterhets Samhallets Handlingar”. Fjarde Foljden. Band 29. N. 5. Goteborg, 1925).
- LISBOA (Alfredo) — *Descrição do Litoral*. (“Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil”. 1.º vol. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1922).
- LISBOA (Miguel Arrojado) — *O Litoral Atlântico*. (“Revista do Brasil”. N.º 93. S. Paulo).
- LOPES (Raimundo) — *A Civilização Lacustre do Brasil*. (“Boletim do Museu Nacional”. Vol. I. N.º 2. Rio de Janeiro, 1924).
- LOPES (Raimundo) — *Os Tupis do Gurupí*. (“Separata das Atas do XXV Congresso Internacional de Americanistas”. Tomo I. Rio de Janeiro, 1932).

- LOPES (Raimundo) — *Entre o Amazonas e o Sertão*. (“Boletim do Museu Nacional”. Vol. VII. N.º 3. Rio de Janeiro, Setembro de 1931).
- LOUKOTKA (Chestmir) — *Línguas Indígenas do Brasil*. (“Revista do Arquivo Municipal”. Tomo LIV. S. Paulo, 1939).
- LOWIE (Robert) — *Manuel d'Anthropologie Culturelle*. Trad. par E. Métraux. Paris, 1936.
- MAC DONALD (Norman) — *The Orchid Hunters — A Jungle Adventure*. New York, 1939.
- MACHADO (Antenor Alves de Souza) — *A Essência de Inhamuí, Novo Insecticida da Flora Brasileira*. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1942.
- MACHADO (Manuel Francisco) — *Ídolo Amazônico*. (“Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro”. Tomo VII. 3.º vol. 1891).
- MAGALHÃES (Agenor Couto de) — *Ensáio sobre a Fauna Brasileira*. S. Paulo, 1939.
- MAGALHÃES (Agenor Couto de) — *Monografia Brasileira dos Peixes Fluviais*. S. Paulo, 1931.
- MAGALHÃES (Amílcar A. Botelho de) — *Expedição Científica Roosevelt-Rondon*. Relatório. Ano 5. N.º 54. Rio de Janeiro.
- MAGALHÃES (Amílcar A. Botelho de) — *Impressões da Comissão Rondon*. S. Paulo, 1942.
- MAGALHÃES (Amílcar A. Botelho de) — *Pelos Sertões do Brasil*. 2.ª edição. S. Paulo, 1941.
- MAGALHÃES (General Couto de) — *O Selvagem*. S. Paulo, 1926.
- MAGALHÃES (General Couto de) — *Viagem ao Araguaia*. 4.ª edição. Rio de Janeiro-S. Paulo.
- MANIZER (H. H.) — *Les Botocudos d'après les observations recueillies pendant un séjour chez eux en 1915*. (“Arquivos do Museu Nacional”. Vol. XXII).
- MARAJÓ (Barão de) — *As Regiões Amazônicas. Estudos Corográficos dos Estados de Gram Pará e Amazonas*. Lisboa, 1896.
- MARCEL (Gabriel) — *L'Apparition Cartographique des Monts Tumuc-Humac*. (“Journal de la Société des Américanistes de Paris”. Tome II. 1897-1898).
- MARCOY (Paul) — *Voyage Atravers l'Amérique du Sud*. 2 vols. Paris, 1869.
- MARKHAM (Clements) — *Contributions towards a Grammar and Dictionary of Quichua*. London, 1864.
- MARKHAM (Clements) — *Expeditions into the Valley of the Amazons, 1539, 1540, 1639*. Translated and edited by the Rev. Dr. George Edmundson. London, 1859.
- MARQUEZ (Carlos Cuervo) — *La Perception de los Colores en algunas Tribus Indígenas de Colombia*. (“Anais do XX Congresso Internacional de Americanistas”, realizado no Rio de Janeiro em Agosto de 1922. Vol. I. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1924).
- MARTIUS (Carlos Fried. Phil. von) — *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros (1844)*. Trad., pref. e notas de Pirajá da Silva. S. Paulo, 1939.
- MATHEWS (Edward D.) — *Up the Amazon and Madeira through Bolívia and Peru*. London, 1879.
- MATTA (Alfredo Augusto da) — *Resumo de Geografia Botânica do Estado do Amazonas*. (“Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. Separata, s/d.).
- MATTA (Alfredo Augusto da) — *Vocabulário Amazonense*. Manaus, 1939.
- MATTOS (João Wilkens de) — *Dicionário Topográfico do Departamento de Loreto na República do Peru*. Pará, 1874.
- MAW (Henry Lister) — *Journal of a Passage from the Pacific to the Atlantic*. London, 1829.

- MAY (Edward) — *Morpho-Absoloni Sp. Nov.* ("Boletim do Museu Nacional". Vol. I. N.º 3. Março, 1924).
- Medical Report of the Hamilton Rice seventh Expedition to the Amazon, in Conjunction with the Department of Tropical Medicine of Harvard University.* Harvard Institute for Tropical Biology and Medicine. Cambridge, Harvard University Press, 1926.
- MEILLET (A.) et COHEN (Marcel) — *Les Langues du Monde par un Groupe de Linguistes.* Paris, 1924.
- MELLO-LEITÃO (C. de) — *A Biologia no Brasil.* S. Paulo, 1937.
- MELLO-LEITÃO (C. de) — *Aranhas do Cuminá.* ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. XXXI. Rio de Janeiro, 1929).
- MELLO-LEITÃO (C. de) — *A Vida na Selva.* S. Paulo, 1940.
- MELLO-LEITÃO (C. de) — *História das Expedições Científicas no Brasil.* S. Paulo, 1941.
- MELLO-LEITÃO (C. de) — *Zoo-Geografia do Brasil.* S. Paulo, 1937.
- MENDES (Amando) — *A Crise Amazônica e a Borracha.* Pará.
- MENDES (Amando) — *As Pescarias Amazônicas e a Piscicultura no Brasil.* S. Paulo, 1938.
- MERRILL (Dr. Elmer Drew) — *Plants and Civilizations.* ("The November Scientific Monthly". Vol. XLIII. N. 5. 1936).
- MÉTRAUX (Dr. A.) — *Contribution à l'Etude de l'Archéologie du Cours Supérieur et Moyen de l'Amazonie.* ("Revista del Museo de la Plata". Tomo XXXII. Tercera série. Tomo VIII. Buenos Aires, 1930).
- MÉTRAUX (Dr. A.) — *La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi-Guarani.* Paris, 1928.
- MÉTRAUX (Dr. A.) — *La Religion des Tupinamba et ses Rapports avec celle des autres Tribus Tupi-Guarani.* Paris, 1928.
- MÉTRAUX (Dr. A.) — *Le Baton de Rythme. Contribution à l'Etude de la Distribution Géographique des Elements de Culture d'Origine Mélanésienne en Amérique du Sud.* ("Journal de la Société des Americanistes de Paris". Nouvelle Série. Tome XIX. Paris, 1927).
- MÉTRAUX (Dr. A.) — *Migrations Historiques des Tupi-Guarani.* ("Journal de la Société des Américanistes de Paris". Nouvelle Série. Tome XIX. Paris, 1927).
- MÉTRAUX (Dr. A.) — *Un Monde Perdu.* ("Boletim do Museu Nacional". Ns. 3 e 4. Vol. XIII. Setembro-Dezembro, 1937).
- MÉTRAUX (Dr. A.) — *Une Découverte Biologique des Indiens de l'Amérique du Sud: la Décoloration Artificielle des Plumes sur les Oiseaux Vivants.* ("Journal de la Société des Américanistes de Paris." Nouvelle Série. Tome XX. Paris, 1928).
- MILLER (Leo E.) — *In the Wilde of South America.* New York, 1919.
- MIRANDA (Vicente Chermont de) — *Os Campos de Marajó e a sua Flora.* ("Boletim do Museu Paraense". Tomo V. Pará, 1907-1908).
- MIRANDEIRA (A. D. de) — *A Amazônia.* ("Revista do Brasil". S. Paulo, N.º 93).
- MJOBERC (Eric) — *Bornéo - L'Ile des Chasseurs de Têtes.* Paris, 1934.
- MONBEIG (Pierre) — *Ensaio de Geografia Humana Brasileira.* S. Paulo, 1940.
- MONTANDON (George) — *Traité d'Ethnologie Culturelle.* Paris, 1934.
- MORAES (Luciano Jacques de) — *Inscrições Rupestres no Brasil.* Inspeção Federal de Obras contra as Secas. Publ. 64. Série I. Rio de Janeiro, 1924.
- MORAES (Luciano Jacques de) — *Sobre o Jade no Brasil.* ("Anais da Academia Brasileira de Ciências". Tomo IV. N.º 2. Rio de Janeiro, 1932).
- MORAES (Raymundo) — *Ahuvião.* Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1937.
- MORAES (Raymundo) — *Na Planície Amazônica.* Manaus, 1926.

- MORAES (Raymundo) — *País das Pedras Verdes*. Imprensa Pública. Manaus, s/d.
- MOREIRA (Carlos) — *Crustáceos*. Ano 5. Comissão de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas. Rio de Janeiro.
- MOREIRA (Francisco) — *Exploração dos Campos de Comemoração de Floriano ao Rio Guaporé* (1912) e *da Zona compreendida entre os Rios Comemoração de Floriano e Pimenta Bueno* (1913). Comissão de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas. Publ. N.º 31. Rio de Janeiro.
- MOURA (Júlio Trajano de) — *Do Homem Americano*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 100. Vol. 154. Rio de Janeiro).
- NADAILLAC (Marquis de) — *L'Amérique Pré-Historique*. Paris, 1883.
- NASH (Roy) — *A Conquista do Brasil*. Trad. de Moacyr N. Vasconcelos. S. Paulo, 1939.
- NEIVA (Arthur) — *Esbôço Histórico sobre a Botânica e Zoologia no Brasil*. S. Paulo, 1929.
- NERY (Sant'Anna) — *Le Pays des Amazones*. Paris, 1899.
- NIPPGEN (J.) — *Les Flèches empoisonnées des Indiens de l'Amérique du Sud*. ("Revue d'Ethnographie et des Traditions Populaires". N. 10. 3e. année. Paris, 1922).
- NODARI (Lincoln) — *Algumas Considerações sobre as Colonizações. O caso específico da Colonização no Brasil*. ("Revista de Imigração e Colonização". N.º 3. Ano 1. Rio de Janeiro. Julho de 1940.)
- NOICE (Harold) — *Back of Beyond*. New York, 1939.
- NORDENSKIÖLD (Erland) — *Comparative Ethnographical Studies*. 2 vols. Goteborg, 1919-1924.
- NORDENSKIÖLD (Erland) — *Forschungen und Abenteuer in Sud Amerika*. Stuttgart, 1924.
- NORDENSKIÖLD (Erland) — *La Moustiquaire est'elle indigène en Amérique du Sud?* ("Journal de la Société des Américanistes de Paris". Nouvelle Série. Tome XIV).
- NORDENSKIÖLD (Erland) — *L'Archéologie du Bassin de l'Amazone*. Paris, 1930.
- NORDENSKIÖLD (Erland) — *Modificationa in Indian Culture through Inventions and Loans*. ("Comparative Ethnographical Studies". Vol. 8. Goteborg, 1930).
- NORDENSKIÖLD (Erland) — *Origin of the Indian Civilization in South America*. ("Comparative Ethnographical Studies". Vol. 9. Goteborg, 1931).
- OCAMPO (Baltasar de) — *History of the Incas*. Translated by Clements Markham.
- OLIVEIRA (Avelino I. de) — *Através da Guiana Brasileira pelo Rio Erepecuru. Estado do Pará*. ("Boletim N.º 31". Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1928).
- OLIVEIRA (Avelino I. de) — *Bacia do Rio Branco*. ("Boletim N.º 37." Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1929).
- OLIVEIRA (Euzébio Paulo de) — *Geologia, Fisiologia e Solos (Vale do Amazonas)*. (Separata da Parte II do "Relatório da Comissão Brasileira junto à Missão Oficial Norte-Americana de Estudos do Vale do Amazonas". Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro).
- OLIVEIRA (Euzébio Paulo de) — *O que realizou o Serviço Geológico na Amazônia*. ("Ciência e Educação". Ano I. N.º 7. Agosto de 1920. Rio de Janeiro).
- OLIVEIRA (José Joaquim Machado d') — *Se todos os Índios do Brasil tinham Idéia de uma só Divindade*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomo IV. Rio de Janeiro).
- OPPENHEIM (Victor) — *Notas Etnográficas sobre os Indígenas do Alto Juruá (Acre) e Vale do Ucaiale*. ("Anais da Academia Brasileira de Ciências". Tomo VIII. N.º 2. Rio de Janeiro, 1936).

- ORSUA (Pedro de) — *Jornada de Omagua y Dorado*. Madrid, MDCCCLXXXI.
- ORTON (James) — *The Andes and the Amazon*. New York, 1870.
- OSCULATI (Gaetano) — *Esplorazione delle Regioni Equatoriali lungo il Napo ed il Fiume delle Amazzoni*. Milano, 1854.
- OURIQUE (Jacques) — *O Vale do Rio Branco*. Estado do Amazonas. Edição Oficial. 1926.
- PAIVA (Glycon de) — *Vale do Rio Branco. Fisiografia e Geologia*. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1929.
- PALMATARY (Helen C.) — *Tapajo Pottery*. Goteborg, 1929.
- PARDAL (Ramon) — *Medicina Aborigene Americana*. Buenos Aires.
- PEIXOTO (Afrânio) — *Clima e Saúde*. S. Paulo, 1938.
- PEIXOTO (Afrânio) e ALVES (Constâncio) — *Vieira Brasileiro*. 2 vols. Pôrto-Rio de Janeiro, 1821.
- PENNA (D. S. Ferreira) — *A Ilha de Marajó*. Relatório. Pará, 1875.
- PENNA (D. S. Ferreira) — *Algumas Palavras da Língua dos Aruans*. ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. IV. Rio de Janeiro, 1881).
- PENNA (D. S. Ferreira) — *Apontamentos sôbre Cerâmios do Pará*. ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. II. Rio de Janeiro, 1877).
- PENNA (D. S. Ferreira) — *A Região Ocidental da Província do Pará*. Pará, 1869.
- PEREIRA (Luciano) — *O Rio Branco. (Observações de Viagem)*. Manaus, 1917.
- PEREIRA (Nunes) — *Ensaio de Etnologia Amazônica sôbre uma Peça Etnográfica dos Maués*. Belém, Pará, 1940.
- PEREYRA (Carlos) — *Francisco Pizarro y el Tesoro de Atahualpa*. Madrid.
- PEREYRA (Carlos) — *Humboldt en America*. Madrid.
- PERICOT Y GARCIA (Luis) — *America Indigena*. Tomo I. Barcelona, 1936.
- PERRET (Jacques) — *Observations et Documents sur les Indiens Emerillon de la Guyana Française*. ("Journal de la Société des Américanistes de Paris". Nouvelle Série. Tome XXV. Fasc. I. 1933).
- PERRIER (Ed.) et MENEGAUX (A.) — *La Vie des Animaux. Les Oiseaux*. 2 vols. Paris.
- PERROT (Em.) et VOGT (Em.) — *Poisons de flèches et Poisons d'Épreuve*. Paris, 1913.
- PESSOA (Pinto) — *Selva Selvagem*. 1923.
- PINEDO (Francisco de) — *By Seaplane to Six Continents*. ("The National Geographic Magazine". Vol. LIV. N.º 3. September, 1928).
- PINEDO (Francisco de) — *Mi Vuelo a traves del Atlantico y de las dos Americas*. Buenos Aires, 1928.
- PINHEIRO (Enéas Calandrini) — *As Florestas e as Essências do Estado do Pará*. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1930.
- PINHEIRO (Cap. Manoel Theophilo da Costa) — *Exploração do Rio Cautário*. ("Relatório". Ano 2. Publ. 66. Comissão de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas.).
- PINHEIRO (Cap. Manoel Theophilo da Costa) — *Exploração do Rio Jacy-Paraná*. ("Relatório". Publ. 5. Comissão de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas.).
- PINTO (Olivério Mário de Oliveira) — *Catálogo das Aves do Brasil*. I e II partes. 2 volumes. 1938-1944. S. Paulo.
- PINTO (Olivério Mário de Oliveira) — *Nova Contribuição à Ornitologia Amazônica*. ("Revista do Museu Paulista". Tomo XXIII. 1938).
- PITTA (Rocha) — *História da América Portuguesa*. Rio de Janeiro.
- PITTARD (Eugène) — *Les Races et l'Histoire*. Paris.
- PLANE (Auguste) — *L'Amazonie*. Paris, 1903.

- PÔRTO (P. Campos) — *Plantas Indígenas e Exóticas provenientes da Amazônia, cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. ("Rodriguésia". Ano II. N.º 5. Rio de Janeiro, 1936).
- PRESCOTT (William H.) — *Histoire de la Conquête du Mexique*, publié en Français par Amedée Pichot. Paris, 1846.
- PRESCOTT (William H.) — *Histoire de la Conquête du Peru*. Traduit de l'anglais par H. Poret. Paris, 1863.
- PRICE (A. Grenfell) — *White Settlers in the Tropics*. New York, 1939.
- PULLE (Prof. A. A.) — *Explorações Botânicas de Surinam*. ("Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica". 1.º vol. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1938).
- RALEIGH (Walter) — *Relation de La Guiane, apud Voyages de François Correal aux Indes Occidentales*. Tome Second, 1722.
- RALEIGH (Walter) — *The Discoverie of the Large and Beautiful Empire of Guiana*, with introduction, notes and appendices of hitherte unpublished documents by V. T. Harlow, M. A., B. Litt. The Argonaut Press. London, 1928.
- RANGEL (Alberto) — *Inferno Verde*. 3.ª edição. Tours, France, 1920.
- RANGEL (Alberto) — *Rumos e Perspectivas*. 2.ª edição. S. Paulo, 1934.
- RANGEL (Alberto) — *Sombras n'Água*. Leipzig, 1913.
- RECLUS (E.) — *Estados Unidos do Brasil*. Trad. de Ramiz Galvão. Rio de Janeiro, 1900.
- REINBURG (Dr. P.) — *Contribution à l'Etude des Boissons Toxiques des Indiens du Nord Ouest de l'Amazonie*. ("Journal de la Société des Américanistes de Paris". Nouvelle Série. Tome XIII. 1921).
- REIS (Arthur César Ferreira) — *A Política de Portugal no Vale Amazônico*. Belém, 1940.
- REIS (Arthur César Ferreira) — *História do Amazonas*. Manaus, 1931.
- REIS (Arthur César Ferreira) — *Manaus e outras Villas*. Manaus, 1935.
- Report of the British Guiana Refugee Commission to the Advisory Committee on Political Refugees appointed by the President of the United States of America*. London, 1939.
- Revista da Exposição Antropológica Brasileira*, dirigida por Mello Moraes Filho. Rio de Janeiro, 1882.
- RIBEIRO (Alípio de Miranda) — *Esbôço Geral da Fauna Brasileira*. ("Recenseamento do Brasil". Vol. I. Introdução. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1922).
- RIBEIRO (Alípio de Miranda) — *Expedição Científica Roosevelt-Rondon*. Zool. Ano 4. Publ. 53. Comissão de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas.
- RIBEIRO (Alípio de Miranda) — *Fauna*. ("Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil". Introdução Geral. 1.º vol. Rio de Janeiro, 1922).
- RIBEIRO (Alípio de Miranda) — *Noções Sintéticas de Zoologia Brasileira*. S. Paulo, 1924.
- RIBEIRO (Alípio de Miranda) — *Notas Ornitológicas. Tinamidae*. (Separata da "Revista do Museu Paulista". Tomo XXIII. S. Paulo, 1938).
- RIBEIRO (Alípio de Miranda) — *Os Veados do Brasil, segundo as Coleções Rondon e de vários Museus Nacionais e Estrangeiros*. ("Revista do Museu Paulista". Tomo XI. 1919).
- RIBEIRO (Alípio de Miranda) — *Relatório dos Trabalhos realizados durante o Ano de 1908*. Publ. 27. Comissão de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas.
- RIBEIRO (Alípio de Miranda) — *Revisão dos Psitacídeos Brasileiros*. ("Revista do Museu Paulista". Tomo XII. 2.ª parte. 1920).

- RIBEIRO (Francisco de Paula) — *Memória sobre Nações Gêntias que presentemente habitam o Continente do Maranhão*. ("Revista do Instituto e Geográfico Brasileiro. Tomo III. Rio de Janeiro).
- RICE (A. Hamilton) — *The Rio Branco, Urariguera and Parima*. (Reprinted from "The Geographical Journal". February, March and April, 1928).
- RIO BRANCO (Barão de) — *Esquisse de l'Histoire du Brésil*. ("Le Brésil en 1889", avec la collaboration de nombreux écrivains du Brésil, sous la direction de M. F. — J. de Sant'Anna Nery. Paris, 1889).
- RIVET (Paul) — *L'Anthropologie*. ("Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro". Vol. IV. N.º 3. 1938).
- ROBERTSON (W.) — *Histoire de l'Amérique*. Traduction de J. B. Suard et Morellet. Paris, 1852.
- RODRIGUES (João Barbosa) — *Antiguidades Amazônicas*. ("Ensaios de Ciência". Março e Julho de 1876. Fasc. 1 e 2).
- RODRIGUES (João Barbosa) — *Antiguidades do Amazonas. A Metrópole de Mirakanguera*. ("Vellozia". Vol. II. 2.ª edição. Rio de Janeiro, 1892).
- RODRIGUES (João Barbosa) — *De la Pêche et de ses Instruments*. (Capítulo Inédito cujo original manuscrito se acha no Museu Nacional).
- RODRIGUES (João Barbosa) — *Exploração do Rio Yamundá*. Relatório. Rio de Janeiro, 1875.
- RODRIGUES (João Barbosa) — *Ídolo Amazônico*. Rio de Janeiro, 1875. (Está apenso a um volume sob o título "Antiguidades do Amazonas", do Museu Nacional, sob o N.º 13-65-19).
- RODRIGUES (João Barbosa) — *Les Noces des Palmiers*. Bruxelles, 1903.
- RODRIGUES (João Barbosa) — *L'Uiraery ou Curare*. Bruxelles, 1903.
- RODRIGUES (João Barbosa) — *O Muyrakytã e os Ídolos Simbólicos*. 2 vols. Rio de Janeiro, 1899.
- RODRIGUES (João Barbosa) — *Pacificação dos Crichanás*. (Rio Japuary). Rio de Janeiro, 1885.
- RODRIGUES (João Barbosa) — *Poranduba Amazonense*. ("Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro". Vol. XIV. Fasc. 2. 1890).
- RODRIGUES (João Barbosa) — *Relatório sobre o Rio Trombetas*. Rio de Janeiro, 1875.
- RODRIGUES (João Barbosa) — *Rio Tapajoz*. Rio de Janeiro, 1875.
- RODRIGUES (Padre Manuel) — *El Marañon y Amazonas*. 1864.
- RODWAY (James) — *Guiana, British, French and Dutch*. London.
- RODWAY (James) — *Indian Charms*. ("Tropical Wild Life", by Beebe, Hartley and Howes. New York, 1917).
- RODWAY (James) — *In the Guiana Forest*. London, 1894.
- RODWAY (James) — *On Some of the Domestic Medicines used in Guiana*. ("Tiemehri", the Journal of the Royal Agricultural and Commercial Society of British Guiana. Vol. IV. Part LL. December, 1885).
- ROJAS (Michelena y) — *Exploracion Oficial por la Primera Vez desde el Norte de la America del Sur*. Bruselas, 1867.
- ROMOLI (Kathleen) — *Colombia Gateway to South America*. New York, 1941.
- RONDON (Cel. Cândido Mariano da Silva) — *Conferências realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915 no Teatro Fenix do Rio de Janeiro e referentes aos trabalhos executados sob sua chefia pela Expedição Científica Roosevelt-Rondon e pela Comissão Telegráfica*. Rio de Janeiro, Tip. do "Jornal do Comércio", 1916.
- RONDON (Cel. Cândido Mariano da Silva) — *Conferências realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e em S. Paulo*. Publicação 68. Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Rio de Janeiro, 1922.

- RONDON (Cel. Cândido Mariano da Silva) — *A Inspeção de Fronteiras*. (Excertos de um relatório, publicados n'“O País” de 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 16 de Maio de 1930).
- RONDON (Cel. Cândido Mariano da Silva) — *Etnografia*. Ano 5. Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas.
- RONDON (Cel. Cândido Mariano da Silva) — *Relatório. Estudos e Reconhecimentos*. Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas. 3 vols.
- ROOSEVELT (T.) — *Through the Brazilian Wilderness*. New York, 1914.
- ROUQUETTE-PINTO (E.) — *Dinoponera Grandis*. Memória apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para obter a livre docência da cadeira de História Natural. Rio de Janeiro, 1915.
- ROUQUETTE-PINTO (E.) — *Ensaios Brasileiros*. S. Paulo, 1941.
- ROUQUETTE-PINTO (E.) — *Etnografia Americana. O Exercício da Medicina entre os Indígenas da América*. Tese. Rio de Janeiro, 1906.
- ROUQUETTE-PINTO (E.) — *Etnografia Indígena do Brasil. (Estado atual dos nossos conhecimentos)*. (Separata dos “Anais do 4.º Congresso Médico Latino-Americano”, realizado no Rio de Janeiro em 1910).
- ROUQUETTE-PINTO (E.) — *Nota sobre a ação fisiológica da Fava Tonka*. (Apartado de las actas del Congreso Internacional de Biología de Montevideo. Montevideo, 1931).
- ROUQUETTE-PINTO (E.) — *Nota sobre o Nhanduti do Paraguai*. (“Boletim do Museu Nacional”. Vol. III. N.º 1. Março, 1927).
- ROUQUETTE-PINTO (E.) — *O Caminho de um Paraíso*. (Revista “Saúde”. Ns. 4, 5 e 6. Rio de Janeiro, 1918).
- ROUQUETTE-PINTO (E.) — *O Guaraná*. Sociedade Nacional de Agricultura. Propaganda Agrícola. N.º XII. Rio de Janeiro, 1912.
- ROUQUETTE-PINTO (E.) — *Rondônia*. 3.ª edição. S. Paulo, 1935.
- ROTH (Walter Edmund) — *An Introductory Study of the Arts, Crafts and Customs of the Guiana Indians*. (Thirty-eight annual report of the Bureau of American Ethnology to the secretary of the Smithsonian Institution. Washington, 1916-1917).
- ROYEN (W. van) — *South America. (Geographical Record)*. (“Geographical Review”. April, 1939).
- RUSBY (Henry Hurd) — *Jungle Memories*. New York and London, 1933.
- SÁENZ BRAULIO), TRIANA (Juan Grau) and ARMENTEROS (J. Alfonso) — *Pinta in Cuba*. (“Archives of Dermatology and Syphilology”. Vol. 41. N. 3. March, 1940).
- SAENZ (Moises) — *Indians are Americans*. (“The Americas: South and North”. Vol. XXX. N. 3. March, 1941).
- SAFFORD (W. E.) — *Narcotic Plants and Stimulants of the Ancient Americans*. (“Annual report of the Smithsonian Institution”. Washington, 1916).
- SAFFORD (W. E.) — *Notre Heritage des Indiens Américains*. (“Anais do XX Congresso Internacional de Americanistas”, realizado no Rio de Janeiro, em Agosto de 1922. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro).
- SAFFORD (W. E.) — *The Isolation of Ancient America as established by the cultivated plants and Languages of its Aborigenes*. (“Anais do XX Congresso Internacional de Americanistas”, realizado no Rio de Janeiro, em Agosto de 1922. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro).
- SALAVERRA (José M.) — *Los Conquistadores*. Madrid, 1918.
- SALLES (João) — *Os Campos Gerais da Guiana Brasileira*. (Série de artigos publicados na “Província do Pará”, de Belém, em Maio, Junho e Julho de 1923).
- SAMPAIO (A.-J. de) — *A Flora Amazônica*. (“Revista Brasileira de Geografia”. Ano IV. N.º 2. Abril-Junho de 1942. Rio de Janeiro).
- SAMPAIO (A.-J. de) — *A Flora Brasileira sob o Ponto de Vista Fitogeográfico*. (“Anais da Academia Brasileira de Ciências”. Tomo I. N.º 3. 1920).

- SAMPAIO (A.-J. de) — *A Flora do Rio Cuminá. Resultados Botânicos da Expedição Rondon à Serra Tumucumaque em 1928.* ("Arquivos do Museu Nacional". Vol. XXXV. Rio de Janeiro).
- SAMPAIO (A.-J. de) — *Fitogeografia do Brasil.* S. Paulo, 1934.
- SAMPAIO (A.-J. de) — *Nomes Vulgares de Plantas da Amazônia.* (Separata do "Boletim do Museu Nacional". Vol. I. 1934).
- SAMPAIO (A.-J. de) — *Os Campos Gerais do Cuminá e a Fitogeografia do Brasil.* ("Boletim do Museu Nacional". Vol. V. N.º 2. 1929).
- SAMPAIO (Francisco Xavier Ribeiro de) — *Diário da Viagem à Capitania do Rio Negro.* Lisboa, 1825.
- SAMPAIO (Francisco Xavier Ribeiro de) — *Relação Geográfica-Histórica do Rio Branco da América Portuguesa.* ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomo XIII).
- SAMPAIO (Theodoro) — *Arqueologia Brasileira.* ("Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil". Introdução Geral. 1.º vol. Rio de Janeiro, 1922).
- SAMPAIO (Theodoro) — *Hidrografia.* Id., id., id.
- SAMPAIO (Theodoro) — *Orografia do Brasil.* Id., id., id.
- SAMPAIO (Theodoro) — *O Tupi na Geografia Nacional.* 3.ª edição. 1928.
- SANTA ROSA (Henrique A.) — *História do Rio Amazonas.* Pará, 1926.
- SANTOS (Eurico) — *Anfíbios e Répteis do Brasil.* Rio de Janeiro, 1942.
- SANTOS (Eurico) — *Da Ema ao Beija-Flor.* Rio de Janeiro, 1940.
- SANTOS (Eurico) — *Pássaros do Brasil.* Rio de Janeiro, 1940.
- S. JOSÉ (Frei João de) — *Viagem e Visita do Sertão em o Bispado do Grão Pará em 1762 e 1763.* ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo IX).
- SCHIMPER (A. F. W.) — *Pflanzengeographie auf Physiologischer Grundlage.* Dritte neubearbeitete und wesentlich erweiterte Auflage. Herausgegeben von Dr. F. C. von Faber. Jena, Gustav Fischer, 1935.
- SCHIRCH (Paulo F.) — *Sobre um ninho construído de Arame de um Pássaro Brasileiro.* ("Boletim do Museu Nacional". Vol. VII. N.º 2. Rio de Janeiro. Junho de 1931).
- SCHMIDT (Prof. J. C. Junqueira) — *O Clima da Amazônia.* ("Revista Brasileira de Geografia. Ano IV. N.º 3. Julho-Setembro de 1942).
- SCHMIDT (Dr. Max) — *Estudo da Etnologia Brasileira.* Trad. de Catarina Baratz Cannabrava. S. Paulo, 1942.
- SCHMIDT (Dr. Wilhelm) — *Etnologia Sul-Americana. Circulos Culturais e Extratos Culturais.* Trad. de Sérgio Buarque de Hollanda. S. Paulo, 1942.
- SCHOMBURGK (Richard) — *Travels in British Guiana.* Translated by Walter E. Roth. 2 vols. Georgetown, 1922.
- SCHOMBURGK (Robert) — *A Description of British Guiana, Geographical and Statistical.* London, 1840.
- SCHLECHTER (Rudolf) — *Die Orchiden. Ihre Beschreibung, Kultur und Zuchtung.* Berlin, 1927.
- SCHULLER (R. R.) — *A Couvade.* ("Boletim do Museu Goeldi". Tomo VI. 1909).
- SCHULZ-KAMPFENZEL — *Riddle of Hell's Jungle.* Translated by Violet M. Mac Donald. London, 1940.
- SCHURZ (W. L.) — *The Amazon, Father of Waters.* ("The National Geographic Magazine". Vol. XLIX. N. 4. April, 1926).
- Scientific Results of the Oxford University Expedition to the British Guiana.* British Guiana Papers. London, 1938.
- SILVA (F. Fernandes da) — *Os Timbós.* (Separata do "Boletim de Agricultura, Zootecnia e Veterinária. Belo Horizonte, 1934).

- SILVA (Dr. Flaviano) — *Contribuição ao Estudo do Puru-Puru*. (Separata do "Brasil-Médico". Ano LIV. N.º 25. Junho de 1940. Rio de Janeiro).
- SILVA (J. Ramos e) — *Sobre o "Mal del Pinto" do México, o "Carare" da Colômbia com a observação de um caso nacional provável*. (Separata d'"O Hospital". Ano VIII. Tomo I. Abril de 1936. N.º 4. Rio de Janeiro).
- SILVA (Dr. Leopoldo de Lima e) — *Considerações sobre o Veneno dos Índios*. ("O Espelho". N.º 3. Julho de 1935. Rio de Janeiro).
- SILVA (Moacyr M. F.) — *Transportes na Amazônia*. ("Revista Brasileira de Geografia". Ano IV. N.º 3. Julho-Setembro de 1942. Rio de Janeiro).
- SILVA (Octavio Felix Ferreira e) — *Exploração e Levantamento do Rio Jamari*. (Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas. Publ. 57).
- SILVA-PRADO (E.) — *L'Art, l'Art Plumaria*. ("Le Brésil en 1889", avec la collaboration de nombreux écrivains du Brésil, sous la direction de M. F. J. de Sant'Anna Nery. Paris, 1889).
- SILVA-PRADO (E.) — *Immigration*. ("Le Brésil en 1889", avec la collaboration de nombreux écrivains du Brésil, sous la direction de M.F. J. de Sant'Anna Nery. Paris, 1889).
- SIMÕES (Veiga) — *Daquém e Dalém Mar*. Manaus, 1916.
- SIMONSEN (Roberto C.) — *História Econômica do Brasil*. 1500-1820. S. Paulo, s/d. 2 vols.
- SIMPSON (Dr. George Gaylord) — *Los Indios Kamarakotos*. ("Revista de Fomento". Ano III. Ns. 22-25. Março a Junio. 1940. Ministério de Fomento, Venezuela).
- SMITH (Herbert H.) — *Brazil the Amazons and the Coast*. London, s/d.
- SMITH (Herbert H.) — *Do Rio de Janeiro a Cuiabá*. S. Paulo, 1922.
- SNETHLAGE (Dra. Emília) — *A Travessia entre o Xingu e o Tapajós*. ("Boletim do Museu Goeldi. Tomo VII. 1910. Belém, Pará).
- SNETHLAGE (Dra. Emília) — *Catálogo das Aves Amazônicas*. ("Boletim do Museu Goeldi". Vol. VIII. Pará, 1914).
- SNETHLAGE (Dra. Emília) — *Sobre a distribuição da avifauna campestre na Amazônia*. ("Boletim do Museu Goeldi". Tomo VI. 1909).
- SOUZA (André Fernandes de) — *Notícias Geográficas da Capitania do Rio Negro no Grande Rio Amazonas*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomo X).
- SOUZA (Antônio Pyreus de) — *Exploração do Rio Paranatinga*. Relatório. Ano 2. Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas. Boletim N.º 34.
- SOUZA (Antônio Pyreus de) — *Notas sobre os costumes dos índios Nhambiquaras*. (Separata do Tomo XII da "Revista do Museu Paulista". S. Paulo, 1920)
- SOUZA (Conego Francisco Bernardino de) — *Comissão do Madeira, Pará e Amazonas*. Rio de Janeiro, 1874.
- SOUZA (Conego Francisco Bernardino de) — *Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas*. Pará, 1873.
- SOUZA (Gabriel Soares de) — *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. S. Paulo, 1938.
- SOUZA (Padre José Nicolino Rodrigues de) — *Viagem ao Cuminá Grande*. (Diário Manuscrito, em grande parte inédito).
- SOUZA (Padre José Nicolino Rodrigues de) — *Viagem ao Cuminá Grande*. ("Revista da Sociedade de Estudos Paraenses". Tomo I. Fasc. III. 1904).
- SPECK (Frank G.) — *The Cane Blowgun in Catuba and South Eastern Ethnology*. ("American Anthropological - New Series". Vol. 40. N. 2. April-June, 1938).
- SPIX (J. B. von) e MARTIUS (C. F. P. von) — *Viagem pelo Brasil*. Tradução brasileira promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 4 vols. Rio de Janeiro, 1938.

- SPRUCE (Richard) — *Notes of a Botanist on the Amazon and Andes*. 2 vols. London, 1908.
- STEDMAN (Cap. J. G.) — *Voyage a Surinam et dans l'intérieur de la Guyane*. 3 vols. Paris, 1789.
- STEINEN (Karl von den) — *Entre os Aborígenes do Brasil Central*. Trad. de Egon Schaden. Departamento de Cultura. S. Paulo, 1940.
- STEINEN (Karl von den) — *O Brasil Central*. Trad. de Catarina Baratz Cannabrava. S. Paulo, 1942.
- STEVENS (Albert W.) — *Exploring the valley of the Amazon in a Hidroplane*. ("The National Geographic Magazine". Vol. XLIX. N.º 9. April, 1926).
- STRADELLI (E.) — *Leggenda del Jurupary*. (Estratto del "Bolletino della Società Geografica Italiana". Luglio e segg. 1890).
- STRADELLI (E.) — *L'Uaupes e gli Uaupes*. (Estratto del "Bolletino della Società Geografica Italiana". Maggio, 1889).
- STRADELLI (E.) — *Nell'Alto Orenoco*. (Estratto del "Bolletino della Società Geografica Italiana". Agosto-Settembre, 1888).
- STRADELLI (E.) — *Vocabulário da Língua Geral. Português-Nheêngatu e Nheêngatu-Português*. (Separata da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro").
- TASTEVIN (C.) — *Gramática da Língua Tupi*. Of. do "Diário Oficial". S. Paulo, 1923.
- TASTEVIN (C.) — *La Maison du Cabocle*. ("Anthropos". Tomo X-XI. Fasc. 3 e 4. Maio-Agosto, 1915-1916).
- TASTEVIN (C.) — *Le Poisson Symbole de Fécondité ou de Fertilité chez les Indiens de l'Amérique du Sud*. ("Anthropos". Tomo IX. 1914).
- TASTEVIN (C.) — *Nomes de Plantas e Animais em Língua Tupi*. Of. do "Diário Oficial". S. Paulo, 1923.
- TATE (G. H. H.) — *Through Brazil to the Summit of Mount Roraima*. ("The National Geographic Magazine". Vol. LVIII. N. 5. November, 1930).
- TAUNAY (Afonso d'E.) — *A Expedição do Cônsul Langsdorff ao interior do Brasil*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomo XXXVIII. Parte I).
- TAUNAY (Afonso d'E.) — *Monstros e Monstregos do Brasil. Ensaio sobre a Zoologia Fantástica do Brasil nos Séculos XVII e XVIII*. ("Revista do Museu Paulista". Tomo XXI. 1937).
- TAUNAY (Afonso d'E.) — *Zoologia Fantástica do Brasil*. Comp. Melhoramentos. S. Paulo.
- TAVARES (R. L.) — *O Rio Tapajós*. Rio de Janeiro, 1876.
- TAVARES-BASTOS (A. C.) — *Cartas do Solitário*. S. Paulo, 1938.
- TAVARES-BASTOS (A. C.) — *O Vale do Amazonas*. S. Paulo, 1937.
- Telégrafo (O) dos Índios Catuquinaru*. ("Revista do Museu Paulista". Vol. III. 1898).
- TERNAUX (H.) — *Voyages, Relations et Mémoires*. Paris, 1837.
- TESCHAUER (S. J. Carlos) — *Os Naturalistas Viajantes dos Séculos XVIII e XIX no Brasil*. (Separata da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro").
- TESSMANN (Günther) — *Die Indianer Nordest - Peru*. Hamburg, 1920.
- TESSMANN (Günther) — *Menschen ohne Gott*. Stuttgart, 1928.
- THÉVENIN (René) et Coze (Paul) — *Moeurs et Histoires des Peaux-Rouges*. Payot. Paris, 1928.
- TOCANTINS (Antônio Manoel Gonçalves) — *Estudos sobre a Tribu "Mundurucu"*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomo XL. Parte Segunda. 1877).

- TOCANTINS (Antônio Manoel Gonçalves) — *Os Primeiros Expedicionários dos Campos Gerais das Guyanas*. ("Anuário de Belém", em comemoração do seu tricentenário. 1616-1916. Estado do Pará. Imprensa Oficial. 1915).
- TOCANTINS (Antônio Manoel Gonçalves) — *Rio Cumindá. Recordações*. ("Revista da Sociedade de Estudos Paraenses." Tomo I. Fasc. III. 1904).
- TÔRRES (Heloísa Alberto) — *Arte Indígena da Amazônia*. (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Imprensa Nacional. Rio, 1940).
- TÔRRES (Heloísa Alberto) — *Cerâmica de Marajó*. Conferência realizada na Escola Nacional de Belas Artes. Rio, 1929.
- TOWNSEND (Dr. Jas. G.) — *Disease and the Indian*. ("The December Scientific Monthly". Vol. XLVII. N. 6. December, 1938).
- Travels of His Royal Highness Prince Adalbert of Prussia*. Translated by Sir Robert H. Schomburgk and John Edward Taylor. 2 vols. London, 1849.
- TRIPOT (J.) — *La Guyane. Au Pays de l'Or, des Forçats et des Peaux-Rouges*. Paris.
- UCHOA (Samuel) — *Costumes Amazônicos*. ("Boletim Sanitário". N.º 4. Novembro de 1923. Rio de Janeiro).
- ULLMAN (James Ramsey) — *The Other Side of the Mountain. An escape to the Amazon*. New York, 1938.
- VACA (Nunes Cabeza de) — *Voyages, Relations et Mémoires Originaux pour Servir à la Histoire de la Découverte de l'Amérique*. Paris, 1837.
- Vaqueiro do Rio Branco*. ("Revista Brasileira de Geografia". Ano IV. N.º 3. Julho-Setembro de 1942).
- VELLARD (J.) — *Composition et Préparation du Curare*. ("Anais da Academia Brasileira de Ciências". Tomo XI. N.º 4. Rio de Janeiro, 1939).
- VELLARD (J.) — *Le Venin des Raies de l'Araguaya*. ("Anais da Academia Brasileira de Ciências". Tomo VI. N.º 3. 1934).
- VELLARD (J.) — *Preparação do Curare pelos Nambikwaras*. ("Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo. Vol. LIX. 1939).
- VELLARD (J.) — *Une Civilisation du Miel. Les Indiens Guayakis du Paraguay*. Paris, 1939.
- VERÍSSIMO (José) — *A Amazônia. Aspectos Econômicos*. Rio de Janeiro, 1892.
- VERÍSSIMO (José) — *A Pesca na Amazônia*. Rio de Janeiro, 1895.
- VERÍSSIMO (José) — *As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia*. ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Tomo L. Rio de Janeiro).
- VERÍSSIMO (José) — *Estudos Brasileiros. Segunda Série (1889-1893)*. Rio de Janeiro, 1894.
- VERÍSSIMO (José) — *Os Índios Amazônicos*. ("Revista Amazônica". Primeiro Ano. Tomo I. N.º 1. Março de 1883. Pará).
- VERÍSSIMO (José) — *Scenas da Vida Amazônica*. Rio de Janeiro.
- VERNEAU (R.) — *Sur la Répartition en Amérique des Poteries Décorées au "Champlevé"*. ("Journal de la Société des Américanistes de Paris". Nouvelle Série. Tome XII).
- VERNEAU (R.) et RIVET (P.) — *Ethnographie Ancienne de l'Equateur*. (Mission du Service Géographique de l'Armée).
- VERRIL (A. Hyatt) — *Moeurs Etranges des Oiseaux*. Paris, 1939.
- VIANA (Arlindo) — *Sobre um Ninho de Arame*. ("Boletim do Museu Nacional". Vol. VIII. Março-Dezembro de 1932).
- VIEIRA (Carlos da Cunha) — *Os Cotíngideos do Brasil*. ("Revista do Museu Paulista". Tomo XIX, 1935).
- VIGNAUD (Henry) — *Le Problème du Peuplement Initial de l'Amérique et l'Origine Ethnique de sa Population Indigène*. ("Journal de la Société des Américanistes de Paris". Nouvelle Série).

- VIGNAUD (Henry) — *Le Vrai Christophe Colomb et la Légende*. Paris, 1921.
- WALLACE (Alfred Russel) — *Os Símios da Amazônia*. ("Boletim do Museu Paraense". Tomo I. Fasc. 1-4. Pará, 1896).
- WALLACE (Alfred Russel) — *Palm Trees of the Amazon*. London, 1853.
- WALLACE (Alfred Russel) — *Travels on the Amazon and Rio Negro*. Fifth Edition. London, 1895.
- WASSEN (Henry) — *The Frog in Indian Mythology and Imaginative World*. ("Anthropos". Band XXIX. Sept.-Dec., 1934).
- WASSEN (Henry) — *The Frog-Motiv among the South American Indians*. ("Anthropos". Band XXIX. Fasc. 3-4. May-August, 1934).
- WATERTON (Charles) — *Wanderings in South America*. London, 1835.
- WATJEN (Hermann) — *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*. Trad. de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti. S. Paulo, 1938.
- WAVRIN (Marquis de) — *Au Centre de l'Amérique du Sud*. Paris.
- WAVRIN (Marquis de) — *Les Bêtes Sauvages de l'Amazonie et des Régions de l'Amérique du Sud*. Paris, 1939.
- WAVRIN (Marquis de) — *Moeurs et Coutumes des Indiens Sauvages de l'Amérique du Sud*. Paris.
- WHIFFEN (Thomas) — *The North-West Amazons*. London, 1915.
- WICKHAM (Henry Alexander) — *Rough Notes of a Journey Through the Wilderness from Trinidad to Pará, Brazil*. London, 1872.
- Wilson (William Jerome) — *The Spanish Discovery of the South American Mainland*. ("Geographical Review". April, 1941. New York).
- WISSLER (Clark) — *The American Indian*. Oxford University Press. New York, 1922.
- ZERDA (Libório) — *El Dorado. Estudio histórico, etnográfico e arqueológico de los Chibchas*. Bogotá, 1883.

ÍNDICE REMISSIVO

ÍNDICE REMISSIVO

Autores e obras só aparecem neste índice quando, independentemente de já terem sido arrolados nas bibliografias, são nominalmente citados no texto do livro.

A

- Abacaxi — 195.
Abajuru — 273.
Abanheenga — 189.
Abano de palha — 196, 213, 217, Pr. XXXIX.
Abati-uapê — 34.
Abreu, Capistrano de — 153.
Abiurana — 271.
Abricó-de-macaco — 60.
Abuta — 227.
Abutre — 181.
Acacalis cyanea — 65, Pr. XII.
Açazueiro — 9, 269.
Açaí — XIX, 9, 25, 48, 51, 100, 128, 269.
Acanto — 36.
Acapu — 22, 269.
Acará — 142.
Acará-bandeira — 144, 145. Pr. XX.
Acará-bararuá — 144, 145, 176, Pr. XX.
Acarabise (rio) — 269.
Acará-disco — 144, Pr. XXI.
Acará, Monte — 283.
Acará-severo — 144, 145, Pr. XX.
Acari — 269.
Acaricuara — 269.
Acariuba — 22, 269.
Acaíão (índio) — 199, 269.
Acosta, Bento de — 194.
Acre, Território do — 4.
Acrocomia — 49.
Açucar — 230.
Aculturação indígena — 193, 242.
Aculturação negra — 211 (nota)
Açuña, Padre Christobal d' — 194, 200, 204, 223.
Adjunto — 269.
Acrografia — 3.
Acroplano — 4. V. também Avião.
África — 44, 69, 72, 89, 256, 260.
Agasalho — 256.
Agassiz, Louis — 13, 97, 152.
Agria — 146.
Agria chrysoaenia — 147, Pr. XXIII.
Agria cretus — 147, Pr. XXIII.
Agria hewitsonius — 147, Pr. XXIII.
Agria narcissus — 147, Pr. XXIII.
Agria phalcidon — 147, Pr. XXIII.
Agria sardanopalis — 147, Pr. XXIII.
Agricultura — 219, V. também Lavoura e Roça.
Água branca (bebida) — 39.
Água branca, rio de — 7, 8, 10, 11, 12, 97.
- Aguaje* — 52.
Aguapé — 13, 142, 269.
Água preta, rio de — 7, 8, 10, 11, 12, 86, 97, 101. V. também Faminto, rio.
Águia — 91.
Águiar, Comte. Braz Dias de — 210.
Aiana (índio) — 211, 269.
Aiauasca — 221.
Aigrette — 86, 253.
Aimara (índio) — 165.
Aipim — 214. V. também Mandioca doce.
Airão — 182.
Ajajá — 274.
Ajujuré — 270.
Ajuri — 259, 270.
Ajurujuba — 118.
Ajutório — 270.
Alagadiço — 86.
Alcarvão-do-sol — 114 (nota).
Aldeia (bairro) — 171, 180.
Alesa prena — 147, Pr. XXIII.
Alface — 36.
Alga — 16, 35, 82.
Algodão — 172, 174, 193, 237, 252, 256.
Aligátor — 93. V. também Crocodilo e Jacaré.
Aljava — 222, 235. V. também Carcaz e Patrona.
Alpaca — 69, 256.
Alter-do-Chão — 168, 171, 181.
Aluvião, rio de — 86. V. também Água branca, rio de —.
Amapá — 9.
Amarantácea — 226.
Amargosa (cidade) — 175
Amavio — 83. V. também Amuleto e Talismã.
Amazonas, alto — 104, 167, 177, 190, 224, 226, 228, 235, 280.
Amazonas, bacia do — 3, 4, 5, 34, 170.
Amazonas, baixo — 25, 37, 41, 156, 174, 177.
Amazonas, Estado do — 4, 195.
Amazonas, foz do — 166, 167, 169, 171, 204. V. também Estuário amazônico.
Amazonas, lenda das — 69, 85, 172-173, 174, 181.
Amazonas, Lourenço da Silva — 195.
Amazonas (rio) — 4, 11, 97, 109, 162, 170, 172, 175, 245.
Amazônia brasileira — 4.
Amazonita — 175
Ambé — 216, 269. V. também Imbé.
Ambiaçu (rio) — 279, 283.

- América Central — 75, 80, 89, 116, 120, 155, 163, 166, 167, 171, 213, 236.
 América do Norte — 50, 155, 199, 236, 243, 260. V. também América Setentrional.
 América do Sul — 75, 84, 155, 260.
 América Setentrional — 69, V. também América do Norte.
Ampelis pompadora — 134.
 Amuleto — 135, 173. V. também Amavio e Talismã.
 Anacã — 118, 119. Pr. XIV.
 Anajás (rio) — 177.
 Anambé — 91, 107. V. também Cottinga.
 Anambé-azul — XVIII, 134
 Anambé-preto — 132-133, Pr. XVII.
Anamospermum grandifolium — 227.
 Anauaque — 165, 250.
 Andes, Cordilheira dos — 3, 4, 24, 43, 69, 153, 163, 164, 165, 193, 194, 248, 256.
 Andirá (rio) — 39.
 Andiroha — 9, 267.
 Andorinha — 122, 127, 200.
 Anel elástico — 196.
 Anfibio — 221 (nota).
 Angelim — 14, 22, 269.
 Angico — 280.
 Anhinga — 206, 269. V. também Biguatinga e Carará.
 Anil — 211.
 Aninga — 9, 269.
 Anonácea — 22, 246.
 Anta — 69, 75, 78, 108, 235, 269.
 Antilhas — 155, 166, 167, 171, 173, 191.
 Antilope — 69.
 Anzol — 194.
 Apalaí (índio) — 210, 211 (nota), 253, 269.
 Apaporis (rio) — 275.
 Aparai (índio) — 269.
 Apiacá (índio) — 37, 78, 252, 269.
 Apingui (índio) — 269.
 Apocinácea — 15.
 Apontador de lápis — 249.
 Apuí — 59, 270.
 Apuzeiro — 15, 270.
 Araçari — 91, 107, 109, 270.
 Arácea — 9, 15, 25.
 Araci-uirá — 134.
 Aracuaá — 88, 270.
 Araguaia (rio) — 54, 272.
 Araguari (rio) — 279.
 Aranha — 106-107, 225.
 Arapaima — 98.
Arapaima gigas — 98
 Arapari — 10, 270.
 Araponga — 85, 270.
 Arara (ave) — 91, 107, 116, 253, 270.
 Arara (índio) — 37, 253, 270.
 Arara-azul — 109, 270.
 Arara-canga — 270.
 Ararajuba — 118.
 Arara-piranga — 270.
 Araraúna — 109, 270.
 Arara-vermelha — 87, 270.
 Arari, lago — XX, 163.
 Arari (mamífero) — 270.
 Araticu — 8, 270.
 Araucano (índio) — 88, 270.
Árbor de la vida — 52.
 Arco — 23, 193, 201, 254.
 Ardeídeo — 86.
 Arecuna (índio) — XIX, 118, 193, 199, 207 (nota), 234, 246, 270, 277.
 Areti (índio) — 280.
 Argentina, República — 80, 190.
 Argila — 157, 208, 261.
Argiope — 106.
 Arinos (rio) — 269, 271.
 Ariramba (ave) — 78, 270.
 Ariramba, campo de — 126.
 Ariranha — 78, 270.
 Arpão — 102, 201.
 Arraia (índio) — 71.
 Arraia (peixe) — 99, 100, 270.
 Arqueologia — 151-185.
 "Ars americana" — XVII.
 Arte cerâmica — 153-161, 192, 193, 195, 238-242.
 Artefatos de líber — 256-265.
 Artefatos de pedra — 152, 172-176.
 Arte marajoara — V. Civilização marajoara.
 Arte palmária — V. Palmária, arte.
 Arte plumária — 250-255.
 Arte tapajônica — V. Civilização tapajônica.
 Artropode — 107.
 Aruá (índio) — 95, 163, 165.
 Aruaque (índio) — 117, 155, 166, 191, 192, 213, 232 (nota), 236, 240, 241, 242, 245, 260, 278, 280, 283, 284.
 Aruaquise (índio) — 171, 179.
 Arumã — 127, 216, 270, 283.
Arundinaria Schomburgkii — 234.
 Árvores-de-camisa — 257.
 Árvores (em geral) — 7, 11-22.
 Árvores decorativas — 18-19, 56-60.
 Árvore de varzea — 8-9.
 Árvores gomíferas — 22.
 Asa-branca — 87, 270, 280. V. também Pato.
 Asa de inseto — 246.
 Ásia — 69, 72, 175, 243.
 Asma — 80.
 Asteca (índio) — 64, 76, 120, 124, 173, 250.
 Atacuari (rio) — 283.
 Atangará — 138.
 Ataulpa — 251.
 Aterro sepulcral — 163.
 Atlântida — 157.
 Atorai (índio) — 217, 270.
 Atrocidades contra os aborígenes — 197.
 Atuará — 55, 270, Pr. IV.
 Ature (índio) — 119.
 Aturiá — 9, 87, 270.
 Aublet, Fuscé — 36, 226.
 Auetô (índio) — 253, 263, 270.
 Austrália — 14, 117, 250.
Automeris auletes — 147, Pr. XXIV.
Automeris banghaasi — 147, Pr. XXIV.
 Aventura — 165, 261.
 Aves (em geral) — 85-92, 107-108, 110, 114-141, 179, 232, 248, 249, 262.
 Ave-sol — 114 (nota)

Avião — 4. V. também Aeroplano.
 Avifauna — V. Aves.
 Axuá — 157, 270.
 Azagaia — 74.
 Azeite — 51, 54. V. também Óleo.

B

Babal — 165, 245.
Babaçu — 284.
Babaçuzal — 24, 271.
Bacaba — 9, 51, 251, 270.
Bacabinha — 48, 270.
Bacacu — 134.
Bacairi (índio) — 208, 209, 263, 271.
Bacalhau — 98.
Baena, Antônio Ladislau — 245.
Bagre — 99, 271.
Bahia, Estado da — 8, 175.
Baixada fluminense — XXI.
Balalo — 54, 219, 245, 255, Prs. XXXI e XLVI.
Balata — 22, 271.
Balata fraca — 271.
Balata inferior — 271.
Balata verdadeira — 271.
Balateira — 271.
Balboa, Vasco Nufes de — 70.
Balsamo do Peru — 23, 271.
Balseiro — 280.
Bambu — 106, 229, 233, 237, 271, 282. V. também Taboca e Taquara.
Bananeira — 45.
Banco de madeira — 166, 181, 193, 205.
Bancroft, Hubert Howe — 176.
Bandeirinha — 142, 143, 145, Pr. XXI.
Bandeirita da Colômbia — 143.
Banheiro para criança — 51.
Banisteria — 221.
Bará (índio) — 104, 271.
Baraquitã — 174.
Barbacôa (índio) — 272.
Barba-de-bode — 24, 271.
Barba-de-velho — 88, 271.
Barbado — 80, 271. V. também Bugio e Guariba.
Barbasco — 100, 271. V. também Timbó.
Barbosa, João Carlos Corrêa — 137.
Barreirinha — 45.
Barrigudo — 81, 271.
Barro Colorado — 140.
Bastidor — 245.
Batata — 212, 215.
Batata-doce — 218, 271.
Bates, Henry Walter — XX, 17, 73, 82, 93, 106, 122, 146.
Batovi (rio) — 271.
Batráquio — 92, 117.
Batuirá — 86, 271.
Baudelaire, Charles — 222.
Baunilheira — 64, 271.
Bebida-dos-parentes — 38.
Beebe, Williams — 17, 73, 87, 108, 134, 139.
Beija-flor — 91, 107, 121-123. V. também Colibri.
Beiju — 23, 33, 53, 217-218, 220.

Belém (cidade) — 73, 108, 146.
Beleza física dos índios — 197-200.
Bélgica — 4.
Bêni (rio) — 43.
Beócia — 157.
Berbice (rio) — 32.
Berço para criança — 51.
Bernard, Claude — 229.
Bernegg, Dr. Andreas S. von — 38.
Besouro — 32, 53, 103, 248.
Betoia (índio) — 283.
Bicho-de-pé — 76, 271.
Bignoniácea — 11, 240.
Biguatinga — 87, 271. V. também Anhinga e Carará.
Bisão — 50, 69.
Blattfisch — 144.
Bluff-Dwellers — 161.
Bócio — 80.
Boi — 70, 95, 99.
Boi-marqueiro — 90.
Boiúma — 95, 271. V. também Cobra grande, Sucuri e Sucuriju.
Bola de borracha — 196.
Bolívia — XVIII, 5, 43, 86, 121, 125, 157, 195, 257.
Bolor — 3, 5.
Bolsa escrotal — 263.
Bombacéa — 11, 17.
Bombax — 236.
Bonecas de barro — 206.
Bonpland, Aimé — 4, 31, 39.
Borboletas — 103, 110, 115, 121, 122, 146-148, 235, Prs. XXII e XXIII.
Borôro (índio) — 253.
Borracha — XIX, 196, 197, 212, 282.
Borracha fraca — 282.
Borracha torrada — 282.
Borraginácea — 21.
Bôto — 83, 263, 271.
Botões, ilha — 181.
Bôto-branco — 271.
Botocudo (índio) — 155, 202.
Bôto-preto — 84, 271.
Bôto-vermelho — 83, 84, 271.
Bouças, Valentim — 180.
Braçadeira — 242, 245.
Bracelete — 247, 253, 255, Pr. XLVI. V. também Pulseira.
Brade, A. C., — 64.
Branco (rio) — XIV, 13, 24, 25, 26, 55, 74, 174, 175, 199, 220, 270, 277, 278.
Brasil Central — 3.
Brassavola martiniana — 65.
Breu, cachoeira do — 138.
Bridges — 33.
Brieva, Frei Diogo de — 200.
Bromeliácea — 15, 25, 233.
Brotogerys Sanctithomae — 117.
Brown, C. Barrington — 174.
Búfalo — 69.
Buffon — 118, 121.
Bugio — 79-80, 272. V. também Barbado e Guariba.
Buiuçu — 18, 272.
Bula de Paulo III — 197.

Buprestídeo — 248, 250.
 Burity — 46, 270. V. também Miriti.
 Burma — 173.
 Bussarile — 281.
Bush-negros — 211 (nota).

C

Caapi — 23, 221, 272.
 Caatinga — 24, 272.
 Caatinga-do-igapó — 12, 272.
 Cabaça — 90, 153, 179, 229, 233, 272.
 Cabeça-alada — 132.
 Cabeça-branca — 138.
 Cabeça-de-frade — 24, 272.
 Cabeça-encarnada — 138.
 Cabeça mumificada — 254.
 Cabeçuda — 95, 272.
 Caboclo — 32, 43, 57, 59, 98, 108, 118, 142, 165, 168, 176, 262.
 Caboclo puro — 190 (nota).
 Cabra — 69.
 Cabral, Pedro Álvares — 243, 251.
 Caça — 88, 102, 173, 201, 206, 219, 222, 224, 231, 232, 233, 251.
 Caçada — 74, 76-78, 90, 93.
 Cacatua — 117.
 Cacao — 43, 44, 45, 212, 272.
Cache-sexé — 246, 257.
 Cachimbo-de-jabutí — 58.
 Cachoeira — 8, 35, 36, 43, 64, 86, 94, 97, 100, 125.
 Cachorro-do-mato — 76.
 Cacimba — 25.
 Cacique — 259. V. também Tuxaua.
 Cactácea — 25.
 Café — 38, 44.
 Cafeína — 44.
 Cágado — 77, 95, 272. V. também Jabuti.
 Caiapó (índio) — 155, 193, 216, 272.
 Caiarara — 80, 272.
 Caiari-médio (rio) — 262.
 Caiari-uapés (rio) — 263, 273, 274, 283.
 Caiaué — 48, 272.
 Caiena — 223.
 Caingangue (índio) — 274.
Cairina moschata — 89.
 Caititu — 70, 77, 234, 259, 274. V. também Porco-do-mato.
 Cajazeira — 282.
 Caju — 95, 272.
 Cajuaça — 19, 272.
 Caju-da-mata — 272.
 Cajufí — 272.
 Caládio — 226, 272.
 Calça — 256, 263.
Calicot stone — 173.
 Califórnia — 14.
Calipte hélena — 122.
Calliona latona — 147, Pr. XXIII.
Callithea — 146.
Callithea saphira — 147, Pr. XXII.
Calospiza Schranki — 141, Pr. XIX.
 Camaiúa — 231.
 Camaiurá (índio) — 253, 263, 272.
 Camaleão — 276.
 Camaracoto (índio) — 229, 235, 249, 272.

Cambaxira — 88, 136, 272.
 Cambeba (índio) — 279.
 Cambeva (índio) — 279.
 Cambucl — 160.
 Camelídido — 69, 256.
 Caminha, Pero Vaz de — 251.
 Camisa — 256, 257, 259, 263.
 Campina — 8, 24, 26, 64, 146.
 Campinarana — 8, 24, 26, 272.
 Campo — 5, 7, 8, 24-26, 50, 52, 54, 69, 74, 81, 88, 91, 92, 95, 96, 207 (nota), 272, 273.
 Camucim — 160.
 Camutim — 160.
 Camutins, igarapé — 152, 161, 177.
 Camutins, cerâmica de — 177.
 Canaã — 147.
 Cana de açúcar — 218, 225.
 Canarana — 9, 84, 272, 280.
 Candiru — 99, 101, 272.
Canela (índio) — 232 (nota), 272.
 Canguçu — 73-74. V. também Jaguar e Onça pintada.
 Canídeo — 76.
Canis azarac — 76.
Canis cancrivorus — 76.
 Canoá — 8, 26, 32, 43, 53, 87, 193, 201, 239, 276. V. também Montaria e Ubá.
 Canto do uirapurú — 138-140.
 Canudo-de-sôpro — 51, 233, 236, Pr. XL. V. também Zarabatana.
 Cão de caça — 76-78, 193.
 Cão doméstico — 76.
Ca-ong — 84.
 Capacete — 127, 253.
 Capacete-máscara — 264, Pr. XLVIII.
 Capão-de-mato — 25, 272.
 Capelão — 80.
 Capim (gramínea) — 10, 84, 97, 263.
 Capim (rio) — 253, 283.
 Capiwara — 70, 82, 96, 273.
 Cápsula de arma de fogo — 249.
 Capueira — 284.
 Cará — 215, 273.
 Caracará — 87, 273.
 Caracídeo — 36.
 Caraíba (índio) — 98, 155, 173, 191, 192, 198, 236, 245, 253, 279, 280, 282.
 Caraipé — 156, 240, 273.
 Carajá (índio) — 253, 263, 273.
 Carajuru — 15, 156, 157, 208, 273.
 Caramujo — 248, 249, 273.
 Caraná — 49, 50, 273.
 Caranaí — 48, 273.
 Caranguejeira — 106.
 Caráter dos índios — 200-202.
 Carará — 206, 271, V. também Anhinga e Biguatinga.
Carasisi — 76.
 Carcás — 233, 235, 237, Pr. XL. V. também Aljava e Patrona.
 Cardim, Fernão — 70, 118, 121.
 Cardoso, Cel. Armando Levy — 211 (nota).
 Careta — 168, 169.
 Cari — 198.
 Cariátide — 169, 180.
 Carijona (índio) — 235, 273.
 Carneiro — 69.

- Carneiro, Paulo E. de Berredo** — 42, 44, 45, 228.
Carnívoro — 69, 76, 176.
Caroni (rio) — 174, 270, 272, 282.
Carrapato — 75, 259, 273.
Carravascal — 273.
Cariça — 272.
Caruré — 36.
Caruru — 36.
Carvajal, Frei Gaspar de — 151, 194.
Carvão — 157.
Casa de barro — 207 (nota).
Casa-de-dança — 208.
Casca-preciosa — 22, 273.
Cascavel — 96, 273.
Casqueiro — 162.
Castanha-de-macaco — 59, Pr. VI.
Castanha-do-Pará — 273.
Castanheira — 14, 24, 82, 273.
Castelnau, Francis de — 71, 133, 134, 223, 226, 230.
Castnia evalthoides — 147, Pr. XXIV.
Castnia licoides — 147, Pr. XXIV.
Castnia pylades — 147, Pr. XXIV.
Catagrama — 146.
Catagrama astarte — 147, Pr. XXII.
Catagrama michaelis — 147, Pr. XXII.
Catasetum — 63.
Catasetum christyanum — 65, Pr. X.
Catasetum pileatum — 65, Pr. XII.
Catingueira — 87, 273. V. também Cigana.
Catopsilla — 146.
Cattleya — 63.
Cattleya eldorado — 57, 64, 65, Pr. VII.
Cattleya luteola — 65, Pr. XI.
Cattleya violacea — 65, Pr. XI.
Caucho — 14, 22, 273.
Cauici — 156. V. também Cauxi.
Cauxi — 156, 273.
Cavalo — 69, 70, 74, 83, 87, 99, 100.
Cavasçal — 273.
Cavendish, Tomas — 104.
Cavernas sepulcrais — 161, 178.
Caviana, ilha — 152, 177, 178.
Caviana, cerâmica de — 178.
Ca-Voi — 84.
Caxibo (índio) — 241, 242, 256, 273.
Caxinauá (índio) — 153, 155, 273.
Caxinguba — 262, 273.
Caxingueté — 70, 82, 273. V. também Quatipurú.
Caxirama — 51, 273.
Caxiri — 23, 54, 104, 171, 218, 273.
Cazal, Manuel Ayres de — 39.
Coraquenque — 251.
Cebidae — 107.
Cebola-brava — 15. V. também Cebola-grande-da-mata.
Cebola-grande-da-mata — 15, 59, Pr. V.
Cecropia — 10, 276.
Cedro — 9, 22, 210, 273.
Cedro-rana — 281.
Cephalopterus ornatus — 132-133, Pr. XVII.
Cera — 153, 251, 263.
Cerâmica (em geral) — 23, 52, 152-161, 192, 244.
Cerâmica à colombins — 154.
Cerâmica de Camutins — 152, 161, 177.
Cerâmica de Caviana — 178.
Cerâmica de Cunani — 160, 178-179, 181, Pr. XXXIV.
Cerâmica de Maracá — 177-178, 179, 243, Pr. XXXIII.
Cerâmica de Miracangueira — 152, 177, 179, 182, Pr. XXXV.
Cerâmica de Tefé — 179.
Cerâmica do Alto Amazonas — 177, 179-180, Pr. XXXVI.
Cerâmica marajoara — 152, 154, 155, 161, 163-167, 169, 180, 244, 245, Prs. XXV-XXVIII.
Cerâmica moderna — 238-242, Pr. XLI.
Cerâmica tapajônica — 159, 161, 167-176, 180, 181, Prs. XXIX-XXXII.
Cerdocyon thous — 76.
Cerebideo — 141.
Cerveideo — 69. V. também Veado.
Cêsto — 54, 153, 154, 155, 207, 279.
Cetáceo — 84.
Chá — 44.
Chalchihuitl — 173.
Chamberlain, Alexander Francis — 213.
Champ levé — 159, 165, 180, 239.
Chapadões de Mato-Grosso — 24.
Chapada — 279.
Chapinha de metal — 249.
Chapman, Frank M. — 140, 141.
Charravascal — 8, 25, 272, 273.
Chastworth — 33.
Chavascal — 271.
Che (índio) — 270.
Chermont, Justo — 180.
Chica — 273.
Chicórea — 36.
Chile — 83, 173.
China — 75, 142.
Chiroxiphia pareola — 138, 141, Pr. XIX.
Chocolate — 64, 114.
Chondrodendron — 227.
Cichlasoma severum — 144, 145, Pr. XX.
Cigana — 3, 9, 87, 92, 273. V. também Catingueiro.
Cigarra — 104, 273.
Cigarra de la muerte — 104.
Cintura em T — 257.
Cipa — 91.
Cipó — 14-15, 25, 39, 72.
Cipó-caboclo — 15, 273.
Cipó-d'água — 15, 273.
Cipó-d'alho — 15, 273.
Cipó-icu — 227.
Cipó-imbé — V. Ambé.
Cipó-tracua — V. Cipó-turucua.
Cipó-turucua — 230, 273.
Clisequatorial — 27.
Citheronia fenestrata — 147, Pr. XXIV.
Civilização marajoara — 161, 163-167, 169, 172, 177, 180.
Civilização tapajônica — 159, 161, 167-171, 180, 181.
Classificação de nossos índios — 189-192.
Clister inebriante 23, 77, 196.
Clough, Stewart — 198.

- Clusia grandiflora* — 57, 58, 59, Pr. V.
 Coari (cidade) — 12, 180, 182.
 Cobati, serra do — 125.
 Cobertor — 207, 257.
 Cobena (índio) — 137, 209, 273.
 Coboba — 221.
 Cobra — 22, 89, 95-96, 185, 179, 225, 248, 262. V. também Serpente.
 Cobra grande — 95-96, 273. V. também Boiuna, Sucuri e Sucuriju.
 Coca (árvoreta) — 23, 212, 273.
 Coca (rio) — 272.
Cocculus — 227.
Cocculus toxiferus — 228.
 Cochabamba — 43.
Cock of the rock — 126.
 Côco — 100, 234, 248, 249.
 Codorna — 88, 274.
 Coifa — 252, 255, Pr. XLV.
 Colar — 51, 127, 245, 247-250, Pr. XLIV. V. também Gorgeira.
 Colhereiro — 86, 272.
 Colete — 262.
 Colhereiro — 86, 274.
 Colibri — 122. V. também Beija-flor.
 Colômbia, República da — XVIII, XIX, 4, 41, 55, 104, 125, 157, 167, 173, 281.
 Colombo, Cristóvão — 89, 243.
 Comedia — 79, 274.
 Comedor de farinha — 213.
 Comércio entre os índios — 77, 193, 243, 244.
 Comissão Brasileira Demarcadora de Limites — 136, 210, 211 (nota).
 Comissão de Linhas Telegráficas — 232.
 Companhia Francesa das Índias Orientais — 142.
 Complexo da mandioca — 212-221.
 Complexo do curare — 221-238.
Compositor — 140.
 Comunidades faunísticas — 108-109.
 Concha — 156, 157, 162, 248, 249.
 Concheiro — 162.
 Congo — 260.
 Conibo (índio) — 239, 241, 242, 256, 274.
 Conífera — 5.
 Conquistador espanhol — 250.
 Constantin, J. — 20.
 Conta de vidro — 178, 242. V. também Miçanga.
 Copaiba — 9, 23, 274.
 Copaibarana — 58.
Copiopteryx Adaheli — 147, Pr. XXIV.
 Copo, serra do — 173 (nota).
 Corante — V. Matéria corante.
 Corinto — 158.
 Coroa de frade — 272.
 Coroado (índio) — 198, 274.
 Corredeira — 8, 36, 274.
 Corrientes — 31.
 Corruira — 272.
 Corvo — 133.
Corianthes macrantha — 65, Pr. IX.
 Costa do marfim — 102.
 Costa marítima — 86.
 Costa Rica — 236.
 Cotinga — 124-135. V. também Anambé.
Cotinga cayana — 134, 135, Pr. XVII.
Cotinga cotinga — 134, 135, Pr. XVII.
Cotinga maynana — 134, 135, Pr. XVIII.
 Cotingídeo — 124-135.
 Coudreau, Henri — 108, 179.
Couleure — 216.
 Couro — 43.
Couroupita guianensis — 59, Pr. VI.
 Coutinho, J. M. da Silva — 38, 42, 45.
 Craó (índio) — 155.
 Crevaux, J. — 126, 209, 226.
 Cricriô — 282.
 Crinolina — 263.
 Crocodilo — 93-94. V. também Aligator e Jacaré.
Crosse — 86.
 Cruz, General — 33.
Cualôé — 263.
 Cuandu — 107, 274.
 Cuaruru — 36.
 Cuatá — 79, 81, 274. V. também Macaco-aranha.
 Cuataquçaua — 22, 274.
 Cuatá-tapuia (índio) — 71.
 Cuba — 122.
 Cuchivero (rio) — 282.
 Cuelo — 245.
 Cueiro — 245.
Cuenaro — 126.
 Cuiabá — 275.
 Cufa-de-macaco — 59.
 Cuiçira — 274.
 Cuieté — 23, 233, 237, 274.
 Cuité — V. Cuieté.
 Cutuni (rio) — 269, 270.
 Cujubim — 88, 274.
 Culino (índio) — 280.
 Culvene (rio) — 279.
 Cumá — 241.
 Cumarú (árvore) — 9, 274.
 Cumarú (peixe) — 36.
Cumarú-nianã — 36.
 Cumarurana — 14, 274.
 Cumlná (rio) — XX, 19, 26, 35, 55, 75, 95, 99, 107, 211 (nota).
 Cunani — 152, 160, 161, 177.
 Cunani, cerâmica de — 173-179.
 Cunauaru — 96, 274.
Cunuaru — 126.
Cupana — 39.
 Cupido — 271.
 Cupim — 81, 274.
 Cupim d'água — 156, 274.
 Cuquenã (rio) — 283.
 Cuquirana — 271.
 Curabi — 222, 231, 232.
 Curare — 15, 172, 193, 195, 221-238, 243.
 Curi — 157.
 Curica-de-cabeça-preta — 117.
 Curina (índio) — 71.
 Curlqueã — 71.
 Curiquenã (rio) — 283.
 Curisevo (rio) — 270, 272, 278, 279.
 Curizari (índio) — 204.
 Curuá (palmeira) — 48, 50, 274.
 Curuá (rio) — 267, 274.
 Curuá-branco — 51, 274.
 Curuá-piranga — 51, 274.
 Curuaé (índio) — 245, 274.
 Curupa — 221.

Cururá — 135.
Cusma — 257.
 Cutia — 70, 82, 109, 234, 274.
 Cutia-de-rabo — 109, 274.
 Cutiáia — 274.
 Cutiara — 274.
 Cutiúia — 274.
 Cuxiú — 279, 274.
Cyanerpes cyaneus cyaneus — 141, 252,
 Pr. XIX.

D

Dança — 259-264.
 Darien — 70.
 Darwin, Charles — 63, 82, 83, 126.
Datura — 221.
 Deçana (índio) — 208, 274.
 Decoração das malocas — 205-212.
 Dendê-do-Pará — 272.
 Dente — 246, 248, 249, 263.
 Derby, Orville — 161.
 Derrubada de mata — 201.
 Descobertas e invenções dos índios — 23,
 195, 196, 212, 215.
 Descourtiz, J.-Th. — 110.
 Deffontaines, Pierre — 20.
 De Pinedo, Francesco — 3.
 Depósitos lacustres — 161-162.
 Dermatose — 99, 118.
Derophtus accipitrinus — 119, Pr. XIV.
 Desdentados — 70.
 Desenho geométrico — 52, 157-159, 164,
 169, 219, 239, 240, 244. V. também
 Estilo geométrico.
 Desenvolvimento pastoril — 26.
 Despigmentação artificial — 117-118. V.
 também *Tapirage*.
 Diadema — 248, 250, Pr. XLIV.
 Diamante — 216.
 Dias, Antônio Gonçalves — 245.
 Dimorfismo sexual — 126.
 Diorito — 167.
 Disco de madeira pintado — 210-211.
 Pr. XXXVIII.
 Distrito Federal — 88.
 Dominó — 261. V. também Fantasia e
 Máscara.
 Douradilha-falsa — 278.
 Dragona — 165.
 Ducke, Adolpho — XXI — 18, 40, 57, 58,
 64, 126, 173 (nota).
 Duida, monte — 257.
 Dujay, Mlle — 211.
 Dumas, Alexandre — 119.
 Duna — 8.
 Duraque — 14, 21, 274.
Dynastes hercules — 103, 248.

E

Edificações indígenas — 206-207. V. tam-
 bém Maloca.
 Edwards, William — XX.
Eengenonja — 208.
 Ega (cidade) 103.
 Ehrenreich, Paul — 191.

Elaterídeos — 104.
 Elefante — 6,69, 70, 75.
 Eletroterapia — 101.
 “El Orinoco Ilustrado” — 219.
 Embira — 274.
 Empalhamento de aves — 254.
 Emplumação de flechas — 254.
 Encacho — 257.
 Enchente — 6, 12, 25, 84, 98.
Enetemo — 126.
 Enguia elétrica — 100-101, 274. V. tam-
 bém Poraquê.
 “Ensáio sobre a Fauna Brasileira” — 116.
 “Ensaios e Estudos” — 154.
 Entrecasca — 207, 256.
 Envira (árvore) — 274.
 Envira (rio) — 273.
 Envireira — 274.
Epeira — 106.
Eperua purpurea — 58.
 Epidoto — 175.
 Epífita — 15, 21.
 Equador, linha do — 126.
 Equador, República do — 4, 109, 121.
 Equídeo — 69.
 Erepecuru (rio) — 86, 139, 211 (nota).
 V. também Cuminá (rio).
 Ererê, serra do — 181.
Erisma calcaratum — 58.
 Erivã — 227.
 Erosão — 13.
 Erva-de-Santa-Maria — 281.
Eryphanis polyxena — 147, Pr. XXII.
Escada-de-jabutí — 15, 275.
 Escravos fugidos — XIX, 211, (nota). V.
 também Quilombola.
 Escultura — 145, 159, 168, 176, 178, 180,
 181, 206, 239, 264.
 Esmeralda (localidade) — 174, 226.
 Esmeralda — 173.
 Esmeralda baja — 173.
Esmerilhão (índio) — 217, 275.
 Espartaria — 164, 204. V. também (Pal-
 mária (arte) e Traçado).
 Espanha — 71.
 Espata de palmeira — 51, 54, 208, 258.
 Espelho-da-lua, lago — 173.
 Espiroquetose — 281.
 Espongiário — 156, 195.
 Esquimau — 155, 196.
 Essequeibo (rio) — 77, 174, 211, 270, 278.
 Estações do ano — 17-18.
 Estados Unidos — 33, 173.
 Estátua de madeira — 206.
 Esteateite — 176, 181.
 Esteira — 216, 257, 283.
 Estepe — 72.
 Esterculiácea — 207, 258.
 Estiagem — 98. V. também Vasante.
 Estilo da tribo — 253.
 Estilo de vida — XVIII.
 Estilo geométrico — 157-159. V. também.
 Desenho geométrico.
 Estopa natural — 208, 256-259.
 Estratigrafia — 166.
 Estuário amazônico — 6, 50, 52, 97. V.
 também Amazonas, foz do —.
 Eta — 52.
 Etnografia indígena — 189-205.

Eucalipto — 14.
Euchroma gigantea — 103, 248, 250.
 Euforbiácea — 21, 22, 212, 219.
Eugenia — 38.
Eumenes — 153.
 Europa — 89, 101, 114, 146.
Euryale amazônica — 33.
Eurypiga helias — 114 (nota).
Euselasia euphaeus — 147, Pr. XXIII.
Euselasia fabia — 147, Pr. XXIII.
Euselasia gyda — 147, Pr. XXII.
 Expedição à Serra Tumucumaque — XXI.
 Expedição Rio Branco-Urariquera-Parima — 3.
 “Explorações Científicas no Estado do Pará” — 173 (nota).

F

Facó, Américo — 249.
 Faisão — 89.
 Falo — 263.
 Falso-campo — 25.
 Falso-guaraná — 41.
 Falso-pau-rosa — 277.
 Faminto, rio — XXI, 86, 97. V. também Água preta, rio de —.
 Fantasia — 257. V. também Dominó e Máscara.
 Farabec, William Curtis — 177.
 Farinha (em gera) — 34, 51, 53.
 Farinha de mandioca — 42, 45, 217, 279.
 Faro (cidade) — 173.
 Fauna, peculiaridades da —, 69-113.
 Fauna itiológica — 97-102.
 Fauna invertebrada — 103-107.
 Fauna mamal — 69-85, 109.
 Fauna ornitológica — 85-92, 114-141. V. também Aves e Órnis.
 Faveira — 14, 270, 275.
 Fazenda de criação — 74, 93.
 Feiticeira — 260.
 Feitoria — 98, 275.
 Feldeco — 73.
 Fenício — 189.
 Ferrãozinho — 276.
 Ferreira, Alexandre Rodrigues — 133, 195.
 Ferreiro — 270.
 Ferrugem — 276.
 Fertilidade, símbolo de — 263.
 Festa da puberdade — 259, 264.
 Festas — 206, 207, 208, 257, 261, 262.
 Feto — 16, 20, 21.
 Fibra — 13, 23, 51, 54, 192, 193, 252.
 Fídias — 198.
 Figa — 249.
 Figueira — 56.
 Figureiro — 45.
 Filadélfia — 33.
Filets de sole — XIX.
 Filhote — 99.
 Filhotinho — 99.
 Flamingo — 86, 275.
 Flecha — 201, 231, 233, 254.
 Flora, aspecto geral da — 3-31.
 Flora do Brasil Central — 26.
 Flora Geral do Brasil — 24, 46.

Flora Geral dos Campos do Brasil — 24.
 Floresta (em geral) — 3, 5, 6, 13-23, 72, 73, 107.
 Floresta ciliar — 280.
 Floresta fluvial equatorial — 4.
 Flórida — 236.
 Fontes-Boa (localidade) — 71.
 Formiga — 77, 105-106.
 Formigueiro — 81, 225.
 Forneiro — 153-269.
 Forno — 157, 217.
 Forno-d'água — 33.
 Forno-de-jaçaná — 33.
 Forno-de-jacaré — 33.
 França — 4.
 Freyre, Gilberto — XVIII, 202.
 Friagem — 256, 275.
 Fritz, Padre Samuel — 179.
 Frobenius — 211 (nota).
 Frost, W. — 125, 130.
 Fruto — 15, 23, 51, 81, 246.
 Fueguino (índio) — 155.
 Fuligem — 157, 207, 208, 261.
 Fumeiro — 42.
 Fumo — 226.
 Fungo — 16.
 Furo — 8, 9, 13, 114, 273.
 Fusaíola — 166, 172.

G

Gado bovino — 74, 93.
 Gadow — 221.
 Gafanhoto — 102, 275.
 Gaiola (navio) — 209, 275.
 Gaiota — 87, 88, 275.
Galeandra devoniana — 65, Pr. X.
Galeandra nivalis — 65.
 Galináceo — 85, 88.
 Galo-de-campina — 92, 275.
 Galo do Pará — 125.
 Galo-da-serra — XX, 114, 124-132, 134, Pr. XVI.
 Gallito — 125.
Gallo de las piedras — 125.
 Gambá — 70, 273. V. também Mucura.
 Gandavo, Pedro de Magalhães — 71, 117.
 Ganso-cór-de-rosa — 275.
 Ganso-do-norte — 275.
 Garça — XX, 10, 75, 86, 100, 275.
 Garçal — 253.
 Gardner, George — 96.
 Cárghula — 71.
 Gato-do-mato — 74, 275, 278.
 Gavião — 170, 252, 275.
 Gavião-pinhé — 75, 275.
 Gavião-real — 91, 252, 275. V. também Harpia.
 Gê (índio) — 190, 272, 274, 275, 281.
Geniatosoma nigrum — 104.
 Geoffroy Saint Hilaire, Etienne — 133.
 Georgetown — 173.
 Gesner, Conrad — 90.
 Glacone, Padre Antônio — 104, 131 (nota), 262 (nota).
 Gigantes da floresta — 14.
 Ginoto — 100, 101, 275. V. também Peixe elétrico e Poraquê.

Gi-Paraná (rio) — 81.
 Glíptodonte — 70.
 Goeldi, Emílio — XVII, 87, 95, 110, 115, 160, 178, 179, 182.
 Goiás, Estado de — 4, 43.
 Golfinho — 76.
 Golfo — 13, 269.
 Gollas — 105.
 Goma — 13.
 Goma-do-Pará — 282.
 Górgona — 71.
 Gorjeira — 253. V. também Colar.
 Gould, John — 110, 121, 123.
 Gramínea — 234.
 Granada (cidade) — 72.
 Graxaim — 281.
 Grega — 157, 164, 196, 179, 243, 244.
 Grevília — 56.
 Gruiforme — 115.
 Gruta natural — 161.
 Guabirá — 38.
 Guadalupe — 281.
 uaiana (índio) — 211, 284.
 Gualazi (índio) — 71.
 Guaiaba, lagôa — 275.
 Guamá (rio) — 284.
 Guanaco — 69.
 Guanumbl — 122.
 Guaporé (rio) — 44, 279.
 Guará (ave) — 86, 252, 275.
 Guará (mamífero) — 70, 76, 275.
 Guaraciaba — 122.
 Guaracigá — 122.
 Guaracigoba — 122.
 Guaraina — 44.
 Guarajuba — 116, 118, 254, Pr. XIV.
 Guaraná — 15, 23, 27, 37-47, 195, Pr. III.
 Guaraná, lenda do — 45-46.
 Guaraná-bôto — 41.
 Guaraná-flor — 45.
 Guaranáí — 41.
 Guaraná-pera — 41.
 Guaraná-poca — 43.
 Guaraná-putira — 44.
 Guaraná-rana — 41.
 Guaranazeiro — 39, 47.
 Guarani (índio) — 32, 89, 189, 192, 194.
 Guarauno (índio) — 284.
 Guaraxaim — 76. V. também Graxaim.
 Guariba — 80, 109, 275. V. também Barbado e Bugio.
 Guaruba — 118.
Guaruba guarouba — 119, Pr. XIV.
Guassarole — 279.
 Guatemala — 120, 124, 173.
 Guató (índio) — 154, 275.
 Guaxe — 88, 275, 284. V. também Japim e Xexeu.
 Guaxinguba — 262, 275.
 Guenther, Konrad — 20.
 Guerra — 176.
 Guiana (região) — XVIII, 4, 9, 90, 101, 109, 125, 191, 195, 200, 202, 217, 218, 223, 228, 235, 245, 248, 252.
 Guiana brasileira — 161, 177, 211 (nota).
 Guiana francesa — XVIII, 36, 109, 114 (nota), 115, 117, 211, 217, 275.
 Guiana holandesa — 86, 104, 211.

Guiana inglesa — XVIII, 21, 27, 32, 52, 55, 73, 74, 76, 89, 102, 106, 107, 114, 125, 134, 139, 156, 174, 202, 203, 215, 217, 225, 226, 227, 230, 237, 241, 245, 254, 269, 284.
 Grigrajuba — 118.
 Guiramombocó — 132.
 Gumilla, Joseph — 52, 94, 219.
 Gurupi (rio) — 281, 284.
Gustavia augusta — 58.
 Guta percha — 271.
 Gutífera — 58, 59.
Gynerium saccharoides — 231.

H

Habenaria — 64.
 Habitação indígena — V. Maloca.
 Haenke, Thadeu — 32.
 Hagiológico cristão — 250.
 Haiti — 214.
 Halófila, vegetação — 8.
 Hanson, Earl Parker — 6.
 Harpa eólia — 55.
 Harpia — 91, 252, 276. V. também Gavião real.
 Hartt, Charles Frederic — 5, 151, 158, 160 (nota), 161, 167.
Heliconia — 146.
Heliconia doris — 147, Pr. XXII.
Heliconia egeria — 147, Pr. XXII.
Helicopsis acis — 147, Pr. XXIII.
Helicopsis endymion — 147, Pr. XXIII.
Himigrammus ocellifer — 143, 145, Pr. XX.
 Herbert, W. — 63.
 Heriarte, Maurício — 170, 173, 203.
 Heródoto — 4.
 Herrera, Antônio de — 70.
Heterostemon ellipticus — 57.
Heterostemon mimosoides — 57.
Hévea — 12. V. também Seringa (árvore) e Seringueira.
Hevea Benthamiana — 282.
Hevea brasiliensis — 282.
Hevea collina — 282.
Hevea guianensis — 282.
Hianocoto-humaua (índio) — 235, 261, 275.
Hibiscus abelmoschus — 71.
 Hidrófila, vegetação — 269.
 Hidrófita — 13.
 Hífesobricônico — 143.
 Hiléia — 4.
 Hiléia amazônica — XVIII, 4, 6.
 Hiléia brasileira — XVIII, 4.
 Hiléia equatorial americana — 4.
 Hingston, Major R. G. — 107, 203.
 Hipogrifo — 71.
 "Histoire Naturelle des Dourades de la Chine" — 142.
 "História da Civilização Africana" — 211. (note).
 "Historia General y Natural de las Indias Occidentales" — 121.
 "Historia Naturalis Brasiliae" — 214.
 Hochne, F. C. — XXI, 34, 64, 227.
 Holanda — 4.

Homóptero — 104.
 Homero — 139.
 Hono — 262.
 Hualaga (rio) — 241.
 Huanto — 221.
 Huber, J. — 36.
 Humaitá (rio) — 270.
 Humboldt, Alexandre de — 4, 21, 39, 52, 71, 80, 81, 100, 119, 158, 174, 198, 223, 226, 257.
Hyaloplesia tinctoria — 117, 221 (nota).
Hylophilus ochraceiceps luteifrons — 138.
Hylophilus ochraceiceps lutescens — 138.
Hylophilus ochraceiceps rubrifrons — 138.
Hyphessobrycon heterorhabdus — 143, 145, Pr. XX.
Hyphessobrycon innesi — 143, 145, Pr. XXI.
Hyphessobrycon rosaceus — 143, 145, Pr. XXI.

I

Iá — 119.
 Iacali (rio) — 174, 280.
 Iagua (índio) — 198, 276, 280.
 Iá-Iá — 119.
 Iapuna-caá — 32.
 Iajé — 221, 272, 274. V. também Caapi.
 Iaruma — 53.
 Içá (rio) — 279, 284.
 Icamiaba — 173.
 Içana (rio) — 240.
 Ictiofauna — 97-102, 110, 142-145.
 Ídolos de pedra — 172, 175-176, 181.
 Iebaró — 58.
 Ieboá — 264.
 Igaçaba — 160, 163. V. também *Urna funerària*.
 Iguana — 94, 276. V. também Lagarto.
Iguaniche — 232.
 Igupiara — 70.
 Ihering, H. von — 7 (nota), 80, 90.
 Ilha — 9, 10, 50.
 Ilhas Britânicas — 146.
 Imbaúba — 9, 10, 14, 82, 261, 276.
 Imbé — 200, 276. V. também Ambé.
 Imbelloni, José — 221.
 Im Thurn, Everard F. — 55, 76, 200, 218, 225, 226, 237, 245.
 Inajá — 9, 24, 48, 51, 54, 235, 276.
Iñanduti — 106.
 Índias Orientais — 61, 76, 96, 118.
 Índios (em geral) — 23-24, 76, 77, 102, 189, 192, 195-203.
 Índios, ardis de caça entre os — 77-78, 81, 84, 90, 93-94.
 Índios, atrocidade contra os — 197.
 Índios, beleza física dos — 197-201.
 Índios, classificação dos — 189-192.
 Índios, comércio entre os — 77, 193, 243.
 Índios, cultura material dos — 151, 195-196.
 Índios, descobertas e invenções dos — 23, 195-196, 212, 215.
 Índios, medicina entre os 23-24, 80, 137.
 Índios, opiniões favoráveis aos — 197, 202.

Índios, qualidades morais dos — 200-202.
 Índios bravos — 189, 196.
 Índios da costa — 189.
 Índios de língua solta — 189.
 Índios de língua travada — 189, 191.
 Índios do interior — 189.
 Índios fabulosos — 71, 200.
 Índios mansos — 189.
 Indo-América — XVIII.
 Indonésia — 236.
 Indústria textil. — 256.
 "Inferno Verde" — XX.
 Ingá — 259, 276.
 Inglaterra — 33, 61, 125, 142.
 Inhambu — 88, 276.
 Inini (rio) — 273.
 Innes, William — 145.
 Inscrições rupestres — 262.
 Insetos — 62, 77, 103-107, 110, 121, 259.
 Insignia de chefe — 210.
 Inspeção de Fronteiras — XXI.
 Instrumento músico — 55, 201, 254.
 Inventos dos índios amazônicos — 195-196.
 Inverno — 98.
 Invertebrados — 103-107.
 Ipadu — 272. V. também Coca.
 Ipecacuanha — 23, 212, 276.
 Ipeguaçu — 89.
 Ipurana — 53.
 Irataúá — 92, 276.
Iriartea — 48.
 Iriri (rio) — 274.
 Irlanda — 4.
 Iroquês (índio) — 236.
Irupé — 32.
 Itabaí (rio) — 174.
 Itacoatiara (cidade) — 43, 152, 179.
 Itália — 250.
 Itapuá — 102, 231.
 Itauba — 22, 276.
 Ite — 52.
Itud-açu — 15, 276.
 Iú — 51, 276.
 Iucatã — 157.
 Iupa — 221.

J

Jabiru — 276, 283.
 Jaburu — 206, 276, 283.
 Jabuti (animal) — 75, 178, 179, 249, 276.
 Jabuti (vegetal) — 58.
 Jacamim — 88, 89, 110, 276.
 Jaçaná — 13, 34, 86, 276. V. também Piaçoca.
 Jacaré — 9, 70, 75, 78, 93-94, 97, 165, 170, 206, 249, 276.
 Jacareçu — 94, 97, 276.
 Jacaretinga — 94, 276.
 Jacina — 13, 103, 276. V. também Lavadeira e Libélula.
 Jacitara — 48, 51, 216, 276.
 Jaciuarú, lago — 173, 181.
 Jacu — 88, 89, 276.
 Jacu-cigano — 273.
 Jacundá — 172, 276.
 Jade — 172, 174-175.

Jadelta — 175.
 Jaguar — 74, 272, 276. V. também Can-
 guçu e Onça.
 Jaguaretê — 73, 276. V. também Can-
 guçu, Jaguar e Onça pintada.
 Jaguatirica — 275, 278.
 Jamacaru — 24, 276.
 Jamaxi — 54, 220, 276. Pr. XXXIX.
 Jamundá (rio) — 108, 173, 176, 181, 280.
 Janauari, lago — 97.
 Jandiátuba (rio) — 283.
 Japim — 87-88, 276. V. também Guaxe
 e Xexeu.
 Japu — 88, 276.
 Japurá (rio) — 206, 273, 284.
 Jará — 51, 276.
 Jará-açu — 51, 277.
 Jaramacaru — 276.
 Jaraquí — 99, 142, 277.
 Jararaca — 96, 277.
 Jardim, Lufs — XXII.
 Jardim Botânico — XXII, 34, 57, 60.
 Jari (rio) — 175, 210, 211, 253, 269,
 281, 284.
 Jarina — 51, 277.
 Jauaperi (índio) — 237.
 Jauaperi (rio) — 182.
 Jauari — 14, 48, 51, 216, 277.
 Jauracaca — 277.
 Javali — 71.
 Javari (rio) — 283.
 Jazidas arqueológicas — 161-162.
 Jazidas de jade — 174-175.
 Jenipapo — 81, 157, 208, 277.
 Jequitiranaboia — 104, 277.
 Jesuíta — 189.
 Jiboia — 96, 277.
 Jivaro (índio) — 78, 232, 277.
 João-de-barro — 154, 277.
 “Jornada de Dourado e Omaguá” — 151.
 Jupati — 9, 48, 51, 277.
 Jurimagua (índio) — 179, 277.
 Juruá (rio) — 10, 97, 271, 279.
 Juruboca — 273. ?? ??
 Jurucena (rio) — 228, 267, 279.
 Juruna (índio) — 119 (nota), 253.
 Jurupari — 46, 262, 277.
 Jutai (árvore) — 157, 277.
 Jutai (rio) — 277.
 Jutaíca — 157, 277.

K

King — 227, 228.
 Koch-Grünberg — 104, 199, 206, 208, 240,
 260, 264.
 Kok, Rev. P. P. — 207, 208.
 Krause, Fritz — 193.
 Kunike, Hugo — 263.

L

Lã — 256.
 Lacerda, J. B. de — 227, 228.
 Lactis — 36.
 Laço — 74.
 La Condamine, Char.-Mar. de — 174, 223.

Ladislau Netto — 175.
 Lucélia — 53.
 Lagarta — 77.
 Lagarto — 92, 94, 170, 181, 225, 277. V.
 também Iguana.
 Lago — 12, 13, 84, 86, 93, 98, 142, 269.
 Lagoa — 32, 35, 86, 90.
 Lama — 59, 256.
 Lambari-azul — 143, 145, Pr. XX.
 Lambari-rosado — 143, 145, Pr. XXI.
 Lança — 231.
 Lange, Algot — 95.
 Lápique, Louis — 229.
 Larva comestível — 53, 259.
 Latex — 196, 271.
 Laurácea — 11.
 Lavadeira — 276. V. também Jacina e
 Libélula.
 La Varre, William — 74.
 Lavoura — 176, 219. V. também Agri-
 cultura e Roça.
 Leal, Newton — 58.
 Leão — 73.
 Lecitidácea — 17, 59, 258.
 Le Cointe, Paul — 126.
 Leguminosa — 14, 56, 249.
 Leiden — 223.
 Le Jaune — 226.
 Lendas — 46-47, 70, 71, 83-84, 135-136-
 173.
 Lepidóptero — 122, 146-148. Prs. XXII,
 XXIII e XXIV.
 Lepra — 99.
Leucolepia arada arada — 137, 138.
Leucolepia arada grissolateratis — 137.
Leucolepia arada modulatrix — 137.
Leucolepia arada salvini — 137.
Leucolepia musica — 139.
 Lewin, Louis — 222.
Lhiaperi — 232.
 Liana — 14-15, 16. V. também Cipó.
 Libélula — 105, 259, 276. V. também
 Jacina e Lavadeira.
 Líber — 256-262. V. também Estopa na-
 tural.
 Liberdade (rio) — 270.
 Liebig, Justus — 44.
 Lima, A. da Costa — 104.
 “Lindenia” — 65.
 Lindley, John — 33.
 Lineu — 48.
 Língua boa — 189.
 Língua de gente — 189.
 Língua de pirarucu — 38, 47, Pr. III.
 Língua-de-sogra — 127.
 Língua geral — 189.
 Língua má — 189.
 Linné, S. — 156, 170.
 Liqueen — 16, 25, 127.
 Lisboa — 133.
 Litoral maranhense — 8.
 Litoral paraense — 4.
Llanero — XIX, 55.
 Llano — 26.
 Lima, Eládio — XVII, 79.
 Lobo — 76, 275. V. também Guará (ma-
 mífero).
 Loconô (índio) — 213.
 Loganácea — 227.

Lombrigueira — 262, 75.
 Lontra — 70, 78-79, 277.
 Lontra grande — 270.
 Lopes, Raimundo — 253.
 Louça — V. Cerâmica.
 Louceiras de Marajó — 164.
 Loukotka, Chestmir — 195.
 Louro — 22, 277.
 Louro-inamui — 23, 277.
 Louro-inhamui — 277.
 Louro-mamori — 277.
 Lowie, Robert — 262.
 Lucunu (índio) — 213.
 Luseia — 43.
 Luxúria — 263.

M

Macaca-poranga — 22, 24, 277.
 Macacaraua — 26.
 Macaco — XVII, 19, 70, 72, 79-81, 91, 107, 109, 181, 233, 259, 262, V. também Símio.
 Macaco-aranha — 81, 277. V. também Cuatá.
 Macaia (rio) — 275.
 Maçaranduba — 14, 22, 231, 271, 277.
 Maçarandubarana — 14, 277.
 Machado de bronze — 194.
 Machado de diorito — 167.
 Machado de pedra verde — 174.
 Macharrão — 272.
 Mação guianense — 4.
 Macuaba — 173.
 Macucau — 277.
 Macucaua — 88, 277.
 Macunaima — 27, 277.
 Macunaima-autê — 277.
 Macuri — 232.
 Macuxi (índio) — 55, 76, 98, 199, 207 (nota) 228, 253, 278.
 Madagascar — 236.
 Madaleano — 102.
 Madalena (rio) 125.
 Madeira (rio) — 39, 43, 64, 81, 97, 109, 175, 179, 192, 252, 254, 278, 281, 280.
 Madre de Deus (rio) — XIX, 284.
 Madrepérola — 263. V. também Nacar.
 Mãe-do-sol — XVIII, 248.
 Magalhães, Agenor Couto de — XXII, 98, 110, 116, 145.
 Magalhães, Basílio de — 137.
 Magalhães, General Couto de — 54.
 Maguari — 87, 278.
 Maicang — 76.
 Maiconcon (índio) — 134, 234, 257, 278. V. também Maquiritare.
 Mais del agua — 34.
 Majari (rio) 283.
 Malagueta (pimenta) — 128, 278.
 Malásia — 102.
 Mal del pinto — 281.
 Maloca — XIX, 50, 51, 128, 201, 202, 205-211, 219, 220, 233, 235, 239, 257, 263.
 Malpigiácea — 19.
 Mambira — 81, 278.
 Mamífero — 69, 70, 72-85, 96, 107, 248.

Mamote — 84.
 Mamorana — 9, 19, 280.
 Mamoré (rio) — 32, 33.
 Mamuri — 263.
 Manacaparu (cidade) — 182.
 Manaiara — 10, 278.
 Manaus (cidade) — 3, 97, 143, 208, 209, 242, 255.
 Manchester — 63.
 Mandacaru — 276.
 Mandioca — XIX, 23, 53, 195, 259.
 Mandioca-brava — 23, 212-221, 229, 283.
 Mandioca-doce — 215. V. também Aipim.
 Mangaba — 24, 278.
 Mangal — 6, 8, 9.
 Mangue — 8.
 Mangue-branco — 283.
 Manihot utilissima — 214.
 Manto — 252, 256.
 Maparajuba — 9, 28, 278.
 Maquiritare (índio) — 128, 229, 278. V. também Maiconcon.
 Mará — 78.
 Maracá, cerâmica de — 177-178.
 Maracá (chocalho) — 162, 163, 180, Pr. XXVI.
 Maracá (rio) — 152, 177.
 Maracajá — 22, 275, 278.
 Maracujá — 15, 278.
 Marajá — 9, 51, 278.
 Marajá-açu — 51, 278.
 Marajá — 48, 278.
 Marajó, campos de — 25, 26, 74.
 Marajó, cerâmica de — 163-167.
 Marajó, ilha de — XX, 4, 74, 90, 152, 161, 162, 167, 177, 178, 241.
 Marana — 232.
 Maranhão (ave) — 275.
 Maranhão, Estado do — 4, 8, 43, 252, 284.
 Marañon (rio) — 12, 133.
 Marantácea — 9, 11.
 Marapi (rio) — 211 (nota).
 Marco Polo — 243.
 Maria-de-barro — 154, 277.
 Marianinha — 117.
 Maricau — 221.
 Marima — 257.
 Markham, Clements R. — 194.
 Marfim-vegetal — 277.
 Mariposa — 122, 147, Pr. XXIV.
 Maroni (rio) — 80, 275.
 Martim-pescador — 270.
 Martinet, François Nicolas — 142.
 Martius, Carl Fr. Ph. von — 23, 39, 191, 198, 213, 223.
 Martius, Theodor — 44.
 Máscara — 166, 207, 208, 256-264. Pr. XLVII. V. também Dominó e Fantasia.
 Máscara de madeira — 263.
 Mascha — 260.
 Mastroço — 281.
 Mata aluvial — 6.
 Matámatá — 95, 278.
 Mata-pau — 59.
 Mate — 44.
 Matéria corante — 13, 23, 40, 157, 201, 208, 211. V. também Tinta.
 Matrinzá — 99, 263, 278.

Mato-Grosso, Estado de — 3, 4, 43, 216.
 Matuiú (índio) — 71.
 Matupá — 8, 86, 278.
 Maué (índio) — 37, 43, 252, 253, 278.
 Maués, município de — 43, 45.
Mauritia flexuosa — 50, 52, Pr. IV.
Mauritia vinifera — 50.
 Maxilar de piranha — 236, 237, Pr. XL.
 Maximiliano, Príncipe — 92, 202. V. também Wied-Neuwied, Príncipe Maximiliano.
 May, Eduard — 110.
 Mazau (rio) — 280.
 Mazurini (rio) — 125, 174, 270.
 Mecoró — 211 (nota).
 Medas — 219.
 Megatério — 70.
 Meinaú (índio) — 263, 275.
 Melastomácea — 128.
 Melo-Leitão, C. de — V, 91 (nota), 107.
 Melpômene — 4.
Menadenium labiosum — 65, Pr. VII.
 Mendonça, Luys — 64.
 Menispermácea — 227, 228.
 Merian, Maria Sibylla — 104.
 Meriti — V. Miriti.
 Mesa — 274.
Mesosemia furia — 147, Pr. XXII.
Metamorpho dido — 147, Pr. XXII.
 Metraux, Dr. A. — 179, 193.
 Meú — 126.
 México — 155, 173, 176, 197, 243, 254, 281.
 Mezinha — 23.
 Mica — 157.
 Miçanga — 178, 204, 242-247, Prs. XLII e XLIII.
 Migração de borboletas — 146-147.
 Migração de peixes — 98.
 Milho — 172, 206, 212, 214, 218.
 Miller, Leo — 125.
 Milodonte — 70.
 Mimetismo — 82, 108, 144.
 Minas Gerais, Estado de — 43.
 Miracanguera, cerâmica de — 152, 177, 179, 241, Pr. XXXV.
 Miriti — XIX, 9, 26, 48, 52-55, 58, 254. Pr. IV.
 Mirmecofagídeo — 81.
 Mirtácea — 11, 38.
 Mississipe (rio) — 4.
 Missões Salesianas — 104, 131.
 Missouri (rio) — 50.
 Miuí — 269.
 Miunça — 89.
 Moda de Paris — 253.
 Molusco — 162.
Monochirus polyacanthus — 144.
 Montandon, Dr. George — 260.
 Montanhas rochosas — 50.
 Montaria — 176, 278.
 Monte Alegre (cidade) — 170, 181.
 Montes artificiais — 161, 162.
 Montezuma — 120, 251.
 Morácea — 17, 59, 207, 258.
 Moraes, Luciano Jacques de — 175.
 Morand, Paul — 119.
 Morca — 211 (nota).
 Morcego branco — 83, 278.

Morcego hematófago — 83, 278.
Moriche — 52.
Morpho — 109, 146, 260.
Morpho absoluti — 147, Pr. XXII.
Morpho cisseis — 109.
Morpho hecuba — 109.
Morpho menelau — 147, Pr. XXIII.
 Moruca (rio) — 269.
 Mosaico de plumas — 250, 254, 255, Pr. XLXI.
 Mosquiteiro — 54, 257.
 Motivos geométricos — V. Desenhos geométricos e Estilo geométrico.
Moundbuildings — 161, 177.
Mourea fluviatilis — 36.
 Mucura — 107, 278. V. também Gambá.
 Muirajibola — 22, 278.
 Muirajuba — 14, 278.
 Muirapinima — 16, 22, 278.
 Muirapiranga — 22, 278.
 Muiraquitá — 172-175, 178, 181, 248, Pr. XXXI.
 Müller, Fritz — 82.
 Mumbuca — 9, 14, 24, 48, 278.
 Munckausen, Barão de — 93.
 Mundurucânia — 39.
 Mundurucu (índio) — 37, 39, 252, 254, 278.
 Mugubeira — 9, 19, 278.
Muriche — 52.
 Murici — 157, 278.
 Murici-acaule — 24, 278.
 Murici-do-campo — 278.
 Murici-rasteiro — 278.
 Muriti — 52.
 Murumuru — 9, 51, 279.
 Murupita — 22, 279.
 Mururé — 13, 269.
 Mururé-das-cachoeiras — 36.
 Mururé-de-canudo — 269.
 Mururé-de-flor-roxa — 269.
 Mururé-orelha-de-veado — 269.
 Muruxi — 42, 279.
 Musácea — 9, 11.
 Museu Goeldi — 101, 182.
 Museu Nacional — XXI, 34, 110, 227, 252, 261.
 Museu do Trocadero — 179.
 Musgo — 16, 127.
 Músico (ave) — 137.
 Mutá — 76, 279.
 Mutirão — 279.
 Mutum — 87, 88, 89, 170, 279.
 Mututi — 8, 14, 279.
 Muxirão — 269.

N

Nácar — 249. V. também Madreperóla.
 Nambiquara (índio) — 227, 229, 232, 248, 279.
 Nambiquara-sabané (índio) — 227.
Nannostomus trifasciatus — 143, 145, Pr. XX.
 Napo (rio) — 174, 232, 272, 280, 283.
 Narcótico — 93, 221.
 Nascente — 64. V. também Cabeceira.

Natterer — 123.
 Nauaquá (índio) — 263, 277.
 Nauaquá (índio) — 263, 279.
 Nefrita — 175.
 Negro (rio) — XX, 11, 12, 39, 49, 57, 64, 81, 104, 109, 123, 125, 131, 133, 171, 174, 175, 179, 182, 190, 192, 195, 199, 208, 236, 240, 242, 245, 246, 248, 250, 252, 254, 255, 257, 260, 261, 263, 270, 275, 283.
 Negró — 211 (nota).
 Neiva, Arthur — 80.
 Nheengaiba — 179, 189.
 Nheengatu — 189, 190.
 Nicaragua — 176.
Nicticalanthus speciosus — 57.
 Nilo (rio) — 4.
 Nimuendaju, Curt — XXII, 167, 171, 178.
 Ninfeacea — 33, 34.
 Ninho — 86, 87, 88, 94, 127.
 Niopó — 196, 279, 280. V. também Paricá.
 Nó-de-pau — 175.
 Nordenskiöld, Erland — XVII, 118, 155, 194, 195, 213, 235.
 Noronha, Padre Monteiro de — 71.
 Nova Iorque — 60.
 Noz-de-cola — 45, 279.
 Nunes Pereira — 39.
 Nunhuma — 89.
Nymphae Victoria — 33.

O

Óbidos (cidade) — 145, 176.
 Oceânia — 14, 256.
Odontoglossum — 63.
 Odre de couro — 153.
 Oiampi (índio) — 253, 279.
 Oiana (índio) — 211, 279, 284.
 Oiapoque (rio) — 126, 275, 279.
 Oiara — 272.
 Oierana — 279.
 Oirana — 9, 10, 87, 279.
Oiseau du soleil — 114.
 Oiti — 56, 279.
 Óleo — 58. V. também Azcete.
 Ólho-do-sol — 248.
 Oliveira, Carlos Estevão de — 101, 108.
 Oliveira, João Moojen de — 110.
 Omagua (índio) — 151, 160, 204, 256, 279.
 Onça — 9, 10, 69, 73-74, 77, 78, 108, 170, 193, 206, 246, 259, 261, 279.
 Onça-parda — 74, 279. V. também Suçuarana.
 Onça-pintada — 69, 73-74, 279. V. também Canguçu.
Oncidium lanceanum — 65, Pr. VIII.
 Oncinha — 278.
 Opiniões de estrangeiros favoráveis aos nossos índios — 197-201.
Opisthocomus oazin — 3 (nota).
 Opoterapia de cefito — 80, 137.
 Orbigny, Alcides d' — 31, 33, 34.
 Orejone (índio) — 228, 279.
 Orellana, Francisco — 69, 84, 151, 172.
 Orelha-de-preto — 282.

Orelha-de-veado — 278.
 Órgãos sexuais — 101, 209, 263.
 Oriente — 44.
 "Origem das Espécies por Meio da Seleção Natural" — 63, 82.
 Orinoco (rio) — 3, 4, 9, 24, 39, 54, 71, 84, 94, 119, 128, 133, 174, 192, 198, 226, 234, 257, 272, 278, 282, 284.
 Orla costeira — 8.
Osmosia — 249.
 Ornamentos faciais — 253.
 Órnis — 85-92. V. também Aves e Fauna ornitológica.
 Ornitologia — V. Órnis.
 Orquídea — 12, 15, 16, 27, 60-65.
 "Orquídea" — 64.
Orthalicidae — 249.
 Osculati, Gaetano — 174, 232.
 Osso — 80, 192, 249.
 Osteoglossídeo — 98.
 Ostreiro — 162.
 Otomaque (índio) — 54, 279.
 Ouro-negro — 22. V. também Borracha.
 Oviado, Gonçalo Fernandes di — 121.
 Ovo — 87, 95, 127.
 Oxford — 21, 107, 203.

P

Paca — 70, 77, 193, 279.
 Pacé (índio) — 198, 279.
 Pacheco, Armando — XXII, 222.
 Pachitéa (rio) — 241, 242.
 Pacífico, Oceano — 35, 256.
Pacoque — 134.
 Pacoval de Arari — 152, 161, 177, 178.
 Pacu — 36, 99, 263, 279.
 Pacu-guaçu — 279.
 Padauari (rio) — 236.
 Padeiro — 42.
 Paina — 23, 233.
 Painel decorativo — 207-209, Pr. XXXVII.
 Paiuru — 218.
Pajaro de Jesu Cristo — 86.
 Pajauru — 218.
 Pajé — 23, 225. V. também Piaga.
 Paleolítico — 102.
 Palha — 207, 216, 252, 263.
 Palha de cigarro — 258.
 Palheta — 17.
 Palmária, arte — 164. V. também Espartaria e Trançado.
 Palmípede — 86, 90.
 Palmeira — 9, 12, 14, 23, 25, 45, 48-51, 83, 88, 101, 155, 158, 206, 208, 237, 249, 258, 260, 263.
 Palmito — 51, 54.
 Pampa (índio) — 88, 279.
 Pampa (região) — 155.
 Panamá, República do — 140.
 Paná-paná — 146.
 Pancada — 8, 36, 280.
 Panceiro — 51, 54, 219, 279.
 Panema — 176, 279.
 Pani — 228.
 Pano — (índio) — 154, 155, 241, 242, 280 e 282.
 Pano natural — 208, 236-254.

- Pantera — 69.
 Pantomima — 259.
Paon des palétuviers — 115.
 Pão de guaraná — 41-43, Pr. III.
 Papa-açai — 134.
 Papagaio — 85, 91, 99, 107, 116-120, 170, 182, 221 (nota), 252, 254, Pr. XIV.
 Papagaio-de-coleira — 119, Pr. XIX. V. também Anacã.
 Papagaio-imperial — 118, Pr. XIV.
 Papeira — 80.
Paphinia cristata — 65, Pr. XII.
Papilio — 146.
Papilio hahneli — 147, Pr. XXII.
 Papo-de-tucano — 128, 253.
 Papuásia — 236, 260.
 Papuri (rio) — 207, 274, 281.
 Paquiderme — 69, 75.
 Pará (borracha) — 282.
 Pará, Estado do — XVIII, 4, 43, 114, 138, 143, 200, 284.
 Paracutaca — 273.
 Paracuuba — 14, 280.
 Paraguá (rio) — 272.
 Paraguai, República do — 89, 106, 190.
 Paraguai (rio) — 31, 43, 192, 275, 280.
 Paraíba (rio) — 198, 281.
 Paraísos artificiais — 222.
 Paralisia — 101, 230.
 Paramaribo (cidade) — XIX.
 Paraná, Estado do — 175.
 Paraná (rio) — 28, 29, 177, 272.
 Paranaíba (rio) — 272.
 Paranamirim — 8, 280.
 Paranatinga (rio) 271.
 Pardal, Ramon — 80.
 Pareci (índio) — 228, 280.
 Parecis, serra dos — 278.
 Paricá — 23, 77, 196, 221, 222, 280. V. também Niopó.
 Parima (rio) — 3, 134.
 Parintintim (índio) — 101, 249, 280.
 Parintins (cidade) — 43, 170.
 Pariri — 271.
 Paris (cidade) — 109, 133, 179, 253.
 Partasana — 9, 280.
 Paru, de leste (rio) — 175, 176, 269.
 Paru, de oeste (rio) — 86, 211 (nota).
 Pássaro-do-raiar-do-dia — 134.
 Pássaro-feiticeiro — 137.
 Pássaro-pintado — 136.
 Pássaros canoros — 91, 92, 135-141.
 Pássaro-sombrinha — 132.
 Pássaro-trombeta — 133.
 Passeriforme — 91, 92, 114.
 Pasta — 269.
 Pastaza (rio) — 277.
 Pastel de massa — 160.
 Pastor protestante — 202.
 Pataquera — 137.
Patagonia gigas — 122.
 Pataú — 51, 235, 280.
 Pato — 87, 89-90, 170, 181, 201, 280.
 Pato-bravo — 270.
 Pato-da-Barbaria — 90.
 Pato-do-mato — 270.
 Pato-moscovita — 90.
 Pato-turco — 90.
 Patris, Dr. — 211.
 Patrona — 235. V. também Aljava e Carcaz.
 Pau-amarelo — 2, 278.
 Pau-brasil — 116, 280.
 Pau-cetim — 22, 280.
 Pau-d'arco — 19, 280.
 Pau-de-cheiro — 22.
 Pau-de-gasolina — 277.
Paullinia cupana — 39.
Paulinia cupana var. sorbillis — 40, 41, 47, Pr. III.
Paulinia cupana var. typica — 40.
Paulinia sorbillis — 39, 40.
Paulinia scarlatina — 41.
 Paulo III, Papa — 197, 250.
 Pau-marfim — 22, 280.
 Pau-mulato — 9, 280.
 Pau-preto — 22, 280.
 Pau-rosa — 22, 280.
 Pau-violeta — 22, 280.
 Pavão-do-mato — 132-133. Pr. XVII.
 Pavão-papa-mosca — 114.
 Pavão real — 115.
 Pavãozinho-do-Pará — 89, 114-116.
 Paxiuba — 9, 42, 51, 280.
 Paxiuba-barriguda — 48, 51, 280.
 Paxiubinha — 51, 234, 280.
 Paxton, Joseph — 33.
 Peba (índio) — 228, 276, 280.
 Peba (localidade) — 133.
 Pedra-das-Amazonas — 172.
 Pedra-de-chefe — 175.
 Pedra-de-gente — 175.
 Pedra-sabão — 176.
 Pedra-verde — 172.
 Pedro I — 128, 253.
 Pedro II — 128.
 Peiuari — 218.
 Peixe-boi — 70, 83, 84, 97, 143, 280. V. também Vaca-marinha.
 Peixe-cachorro — 281.
 Peixe-elétrico — 100-101, 278. V. também Ginoto e Poraquê.
 Peixe-folha — 144.
Peixe-pompadour — 144.
 Peixes (em geral) — 15, 70, 71, 79, 87, 92, 97-102, 110, 117, 118, 142-145, 162, 176, 213, 262, 263.
 Peixes de aquário — 142-145.
 Peixes de couro — 99.
 Peixes de pele — 99.
 Peixes do mato — 98.
 Pele-vermelha (índio) — 50, 251.
 Peneira — 216, 219, Pr. XXXIX. V. também Urupema.
 Penis — 263.
 Penna, Domingos Soares Ferreira — 151, 179.
 Penna, Leonam de Azeredo — XXI.
 Pente — 254.
 Perdiz — 88, 280.
 Periantá — 10, 280.
 Pericot y Garcia, Luis — 251.
 Periquito — 85, 117, 280.
 Pernalta — 86.
 Pérola de vidro — 242. V. também Conta de vidro e Miçanga.
 Persa — 219.
 Peru (ave) — 89.

- Peru, República do — XVIII, 32, 52, 89, 121, 133, 152, 155, 157, 171, 173, 195, 197, 198, 223.
- Pesca — 36, 98, 102, 176, 201, 207, 219, 263.
- Pescada — 99, 280.
- Pestana — 25, 280.
- Petit paon des roses* — 114 (nota).
- Petrópolis — XXI.
- Pharomacrus pavoninus* — 120, 123, 253, Pr. XV.
- Phengopedius fasciatoventris albicularis* — 140.
- Phenicocerus carnificex* — 134, 135, 253, Pr. XVII.
- Phillobates bicolor var. toxicaria* — 221.
- Phillobates choocoensis* — 221.
- Piabinha — 142, 280.
- Piaçava — 12, 49, 51, 280.
- Piaçoca — 32, 280. V. também Jaçanã.
- Piaga — 23. V. também Pajé.
- Pianocoto (índio) — 246, 280.
- Piapoco (índio) — 281.
- Piauí, Estado do — 43.
- Pictografia — 262.
- Picumã — 208. V. também Fuligem.
- Piedra de macagua* — 174.
- Pimenta — 213, 226.
- Pindá — 194.
- Pintadeira — 166.
- Pinto, Olivério de Oliveira — 110, 131.
- Pinzon, Vicente Iafex — 71.
- Pionites leucogaster* — 117.
- Pionopsita barrabandi* — 117.
- Pipira — 91.
- Pipra aureola aureola* — 138.
- Pipra coronata coelestipileata* — 138, 141, Pr. XIX.
- Pipra erythrocephala erythrocephala* — 138.
- Pipra erythrocephala rubrocapilla* — 138, 141, Pr. XIX.
- Pipra fasciata fasciata* — 138, 141, Pr. XIX.
- Pipra fasciata scarlatina* — 141, Pr. XIX.
- Pipra iris iris* — 138, 141, 252, Pr. XIX.
- Pipra Natteri* — 138, 141, Pr. XIX.
- Pipra pipra cephaloceros* — 138, 141, Pr. XIX.
- Pipra rupicola* — 126.
- Piprideo — 138.
- Piptadênia — 221.
- Piquete — 281.
- Piquiá-marfim — 280.
- Pira-caá — 144.
- Piracema — 98, 281.
- Piraiauaara — 272.
- Piraíba — 97, 99, 281.
- Pirajagoara — 270.
- Piranga — 273.
- Piranha — 99-100, 160, 233, 236, 237, 281.
- Pirapitanga — 142, 143, 145, Pr. XXI.
- Pirarara — 99, 117, 118, 281.
- Pirarucu — XIX, 38, 97, 98, 142, 281.
- Piratapuia (índio) — 208, 281.
- Pirilampo — 104-105, 281. V. também Vagalume.
- Piririma — 48, 51, 281.
- Piso — 214.
- Pitiú (mau cheiro) — 87.
- Pitiú (tartaruga) — 95, 281.
- Planchon, Jules Emile — 33, 226.
- Planície amazônica — 4.
- Planta aquática — 13, 31-37, 269.
- Planta gomífera — 196.
- Planta haliófila — 8.
- Planta haliófila — 64.
- Planta herbácea — 9, 20.
- Planta lenhosa — 9, 21.
- Planta medicinal — 13, 23.
- Planta textil — 172.
- Planta tóxica — 110, 112, 221.
- Plátano — 56.
- Platirríno — 79.
- Plínio — 52.
- Plumária — 51, 152, 193, 204, 207, 239, 246, 250-255.
- Poaieiro — 282.
- Poca — V. Guaraná-poca.
- Podostemonácea — 13, 24, 35-36.
- Poeppig, Eduardo — 32, 33.
- Policleto — 198.
- Poligonácea — 19, 21.
- Polinésia — 256.
- Pombo — 263.
- Pomerum (rio) — 269.
- Pompador, Marquesa de — 142.
- População ameríndia da Amazônia — 194-195.
- Poraquê — 99, 100-101, 281. V. também Ginoto e Peixe-elétrico.
- Porco-do-mato — 77, 78, 272, 281. V. também Caititu.
- Portugal — 117, 133.
- Possessões europeias — 4.
- Pote de curare — 222, 229, 233, 236, Pr. XL.
- Potiguaçu — 89.
- Povo-da-terra-preta — 161.
- Praia — 8, 10, 87, 93, 100.
- Prata, bacia do — 34.
- Prata (rio da) — 32.
- Preá — 70, 279.
- Preguiça (mamífero) — 70, 78, 91, 107, 259, 281.
- Preguiça, Serra da — 175.
- Prepúcio — 101.
- Preto marron — 88.
- Primate — 70.
- Província-dos-venenos — 221.
- Prússia, Príncipe Adalberto da — 198.
- Psitacideo — 116.
- Psitaciforme — 116.
- Pterocarpus guianensis* — 211.
- Pterophyllum scalare* — 144, 145. Pr. XX.
- Pucuna — 232 (nota).
- Puelte (índio) — 279.
- Pulseira — 51, 127, 242, 247, 248. V. também Bracelete.
- Pupunha — 24, 48, 51, 259, 281.
- Pupunheira — V. Pupunha.
- Puri (índio) — 198, 281.
- Purupuru — 118, 279.
- Purus (rio) — XIX, 97, 105, 277, 281.
- Putirum — 269.
- Putumaio (rio) — 12, 197, 279.
- Puydt — 62.

Q

- Quadrille-bird* — 139.
 Quadrúpede — 72, 85.
Qualea — 18, 59.
Qualea pulcherrima — 18 (nota), 59.
Qualea suprema — 57, 58, 59, Pr. V.
Qualea Themistoclesii — 57, 58, 59, Pr. V.
 Quartzo — 38, 248.
 Quaruba — 18, 281.
 Quati — 70, 76, 281.
 Quatipuru — 82, 107, 170, 179, 281. V. também Caxinguelê.
 Queixada — 70, 281.
 Quelônio — 94, 173. V. também Cágado e Tartaruga.
 Quenopódio — 23, 281.
 Querari (rio) — 136.
Querula purpurata — 135, Pr. XVIII.
 Quetzal — 120, 124, 251.
 Quíchua — 89, 165, 194, 232.
 Quijubatuf — 118.
 Quilombola — 211 (nota). V. também Escravo fugido.
 Quina — 43, 212, 281.
 Quito (cidade) — 200.
 Quixo (índio) — 232, 275.

R

- Rã — 96, 117, 165, 170, 179, 181, 210, 221, 249, 281.
 Rabaux — 118.
 Rabo — 257.
 Raia (índio) — 71.
 Rainha-das-aquáticas — 35.
 Rainha-dos-lagos — 269.
 Ralador — XIX, 35, 51, 193, 196, 213, 215, 219, Pr. XXXIX.
 Raleigh, Walter — 223.
 Ramon — 227.
 Rana — 38.
 Rancho — XIX.
 Rangel, Alberto — XX, 3.
 Rapé de niopó — 196, 221, 281. V. também Paricá.
 Rápido — 274.
 Rapôsa — 70, 281.
 Rapôsa-do-campo — 76, 281.
 Rato — 96.
 "Ra-txa-hu-ni-ku-i" — 155.
 Ravina — 25.
 Recurso alimentar — 97, 103.
 Réde — XIX, 23, 51, 127, 160, 193, 196, 205, 254.
 Redfern, Paul — 3.
 Reindl, Joseph — 7 (nota).
 Remela-do-guaraná — 41.
 Rendeira do Paraguai — 106.
 Reno (rio) — 4.
 Representação pictográfica — 207.
 Reptil — 70, 84-96.
 Reserva florestal — 13.
 Resina — 13, 78, 153, 178, 231, 235, 241.
 Reunião, ilha da — 64.
Rhinchophorus palmarum — 53.
 Ribeiro, Alípio de Miranda — 146.

- Ribeiro, Frei José de Santa Teresa — 71.
 Rice, Hamilton — 3, 175, 199.
 Rinoceronte — 69, 75.
 Rio, Estado do — 175.
 Rio faminto — XXI, 86. V. também Água preta, rio de —, e Faminto, rio.
 Rio Grande do Sul — 243.
 Rio de Janeiro (cidade) — 128, 133.
 Rio pobre — XXI. V. também Água preta, rio de —, e Faminto, rio.
 Risca-fogo — 143, 145, Pr. XX.
 Rivero, Mariano — 195.
 Rivet, Paul — 280, 284.
Rivulus urophthalmus — 143, 145, Pr. XXI.
 Rizófora — 9.
 Roça — 201, 207. V. também Agricultura e Lavoura.
 Rodrigues, J. Barbosa — 34, 38, 49, 167, 171, 173, 175, 179, 227, 231, 232.
 Roedor — 70, 82.
 Rondon, Benjamin — 138.
 Rondon, General Cândido M. da Silva — XXI, 75, 81, 181, 232, 261.
 "Rondônia" — 249.
 Roosevelt (rio) — 279.
 Roquette-Pinto, E. — 38, 106, 248.
 Roroimã, Monte — XIX, 26, 52, 118, 207 (nota), 247, 270, 277, 283.
 Roth, Walter Edmund — 211.
 Rouhamon — 226.
 Roupa — 256, 258.
 Rouxinol — 139.
 Rouxinol-do-Rio-Negro — 91, 281.
 Rubiácea — 11.
 Ruciana (índio) — 284.
Rupicola — 127, 128.
Rupicola aurantia — 126.
Rupicola crocea — 126.
Rupicola peruviana — 125.
Rupicola rupicola — 124-132. Pr. XVI.
Rupicolidae — 125.
 Rupunine (rio) — 270, 278.
 Rusby, Henry Hurd — 114.
 Rússia — 5.
Rutellidae — 104.

S

- Saboarana — V. Saborana.
 Saborana — 22, 282.
 Sabugo de milho — 263.
 Saco — 54, 257.
 Saguzeiro — 52, 53.
 Saí — 92, 141, 252, Pr. XIX.
 Saia — 263.
 Saia-balão — 263.
 Saint Georges (cidade) — XIX.
 Saint Hilaire, Geoffroy — 133.
 Saint Pierre, Bernardin de — 21.
 Saitauá — 272.
 Sal — 36, 52, 230.
 Salgado, região do — 8, 86, 101.
 Salvin — 121.
 Samarra — 257.
 Sambaqui — 102, 162.
 Sampaio, A. J. de — XXI, 19.
 Sampaio, Theodoro — 122.

- Sandália — 54.
 Santa Catarina, Estado de — 82, 283.
 Santa Cruz de la Sierra (cidade) — 43.
 Santa Isabel (cidade) — 208.
 Santarém, cerâmica de — 167-172.
 Santarém (cidade) — 145, 152, 160, 161, 165, 170, 173, 182, 183.
 São Filipe (cidade) — 10.
 São João, ilha de — 181.
 São João (rio) — 70.
 São Lourenço (rio) — 275.
 São Manuel (rio) — 271.
 São Paulo, fazenda — 139.
 Santos, Eurico — 139.
 Sapé — 25.
 Sapindácea — 39.
 Sapo — 96, 117, 170, 225.
 Sapó — 39.
 Sapoperna — 16-17.
 Sapucá, lago — 180.
 Sapupira — 14, 282.
 Saramacá — XIX, 211 (nota).
 Saru — 280.
 Saurá — 134, 135, Pr. XVII.
 Saussurita — 175.
 Sauterne — XIX.
 Savana — 25, 26, 54, 72, 77.
 Savigny — 142.
 Schmidt, Max — 188.
 Schomburgk, Richard — 16, 27, 52, 71, 89, 105, 125, 129, 133, 173, 199, 200, 201, 223, 225, 226, 227, 230, 241, 254, 257.
 Schomburgk, Robert — 32, 33, 223.
Scuticaria Steelli — 65, Pr. VIII.
 Sementes — 6, 21, 23, 24, 34, 41, 50, 51, 54, 82, 249.
 Semíramis, jardim de — 21.
 Sequoia — 14.
 Serlepe — 273.
 Seringa (árvore) — 196, 282. V. também Hévea e Seringueira.
 Seringa (instrumento) — 196.
 Seringueira — 12, 22, 196. V. também Hévea e Seringa.
 Seringueira brana — 282.
 Seringueira forte — 282.
 Seringueira legítima — 282.
 Seringueira preta — 282.
 Seringueira verdadeira — 282.
 Seringueira vermelha — 24, 282.
 Seringueiro (ave) — 85, 282.
 Seringueiro (extrator de borracha) — XIX.
 Sernambi (depósito de conchas) — 162.
 Sernambi (molusco) — 162, 282.
 Serpa (cidade) — 43.
 Serpente — 70, 78, 95-96, 208. V. também Cobra.
 Serpentina — 175.
 Sertão — 24.
 Seta — 23, 51, 206, 224, 230, 231, 233, 235, 237, Pr. XL.
 Setebo (índio) — 282.
 Setibo (índio) — 241, 242, 282.
 Sevilha — 71.
 Sharpe — 121.
 Silves (cidade) — 171.
 Símbolo de fertilidade — 263.
 Símbolo de luxúria — 263.
 Símio — 60, 79-81, 109. V. também Macaco.
 Simoni — Georges Julien — 209.
 Simpson, George Gaylor — 249.
 Singapura — 19, 119.
 Sinimbu — 276.
 Sirênio — 84.
 Siriuba — 9, 282.
 Sisibo (índio) — 241, 242, 282.
 Snehlage, Dra. Emília — 92, 201, 245.
 Soares, Gabriel — 117.
 Sobrália — 27.
 Solimões (rio) — 12, 81, 182, 190, 198, 219, 236.
 Somali — 211 (nota).
 Soro — 281.
 Sousa, Francisco Bernardino de — 118, 171.
Sphingidae — 122.
 Spix, J. B. von — 226.
 Spruce, Richard — 12, 18, 19, 89, 105, 139, 199.
 Staden, Hans — 252.
Stanhopea eburnea — 65, Pr. IX.
 Steinen, Karl von den — 119, 191, 207, 214, 216, 263.
 Stern, Sra. Mathilde — 65.
 Stradelli, E. — 272.
Strychnos — 15, 226, 227.
Strychnos Castelnaui — 226, 228.
Strychnos Cogens — 226.
Strychnos Crevauxiana — 226.
Strychnos Gluberi — 226.
Strychnos lethalis — 228.
Strychnos Schomburgkii — 226.
Strychnos toxifera — 226, 227, 228.
 Subosque — 16, 18, 21, 73, 90, 107.
 Suaçarana — 279.
 Suçarana — 74, 277, 282. V. também Onça-parda.
 Sucuri — 96, 282. V. também Boiuna, Cobra-grande e Sucuriju.
 Sucuriju — 70, 93, 95-96, 282. V. também Boiuna, Cobra-grande e Sucuri.
Sudis gigas — 98.
 Suiça — 4.
 Sumaumeira — 9, 233, 282.
Sumpitam — 239.
Sunbird — 114.
Sunbittern — 114.
Supai — 232.
 Superstições — 77-78, 80, 81, 82, 83-84, 99, 135-136, 152, 172-173, 176, 207, 224-225, 272.
 Suriá (índio) — 272.
 Suriname — 284.
 Surubim — 99, 282.
 Surucá — XVIII, 90, 120, 252, Pr. XV.
 Suspensório — 257.
 Suumba — 231.
Syphisodon discus — 144, 145, Pr. XXI.
 "Systema Materiae Medicae Vegetabilis" — 23.

T

- Tabatinga — 157, 282.
 Taboca — 9, 271, 282.
 Tabu — 78.
 Tabúa — 280.
 Tabuleiro — 24, 282.
 Tacana (índio) — 242, 280.
 Tacho de barro — 217, 220, Pr. XXXIX.
 Tacuru (rio) 270, 284.
 Tadaperia (índio) — 214.
 Taiaçu — 281.
 Taiti — 256.
 Tajá — 272.
 Tajá-purá — 176, 282.
 Talismã — 82, 272. V. também Amavio e Amuleto.
 Tamaindé (índio) — 279.
 Tamanaque (índio) — 232, 282.
 Tamanduá — 70, 78, 262, 282.
 Tamanduá-açu — 282.
 Tamanduá-bandeira — 81, 282.
 Tamanduá-colete — 81, 282..
 Tamanduáí — 81, 107, 282.
 Tamanduá-jaleco — 282.
 Tamanduá-mirim — 282.
 Tambaquí (depósito de ostras) — 162.
 Tambaquí (peixe) — 99, 282.
 Tamboril — 14, 282.
 Tamitoatá (rio) — 271.
 Tanajuba — 118.
 Tanga de barro — 163, 165-166, 177, 180, 241, Pr. XXVII.
 Tanga de folhelo de palmeira — 208, 245.
 Tanga de miçanga — 242, 244, 245-246. Prs. XLII e XLIII.
 Tapa — 256-258.
 Tanino — 38, 44.
 Tapajó (índio) — 171, 174, 204.
 Tapajônica, cerâmica — V. Cerâmica tapajônica.
 Tapajós (rio) — 24, 39, 43, 64, 78, 101, 144, 161, 167, 173, 175, 176, 192, 201, 227, 252, 270, 278.
 Tapa-nuca — 252.
 Tapa-rabo — 207, 257, 262.
 Taperibá — 10, 282.
 Taperinha (localidade) — 167.
 Tapirage — 117-118, 221 (nota), 254.
 Tapuia (índio) — 189, 190.
 Taquara — 192, 232, 235, 248, 282. V. também Bambu e Taboca.
 Tariana (índio) — 104, 171, 193, 240, 262, 283.
 Tarlatana — 142.
 Tartaruga — XIX, 74, 94-95, 97, 156, 165, 249, 283. V. também Quelônio.
 Tarumã (índio) — 76, 193, 215, 217, 283.
 Tastevin, Padre Constant — 179, 263.
 Tatu — 70, 264, 283.
 Tatuçu — 283.
 Tatuagem — 51.
 Tatu-canastra — 248, 283.
 Tauá — 157, 283.
 Taurepã (índio) — 199, 283.
 Tauari — 9, 258, 283.
 Taxizeiro — 10, 14, 283.
 Tecelagem — 252. V. também Textil, indústria.
 Tefé (cidade) — 103, 177, 179.
 Tefé (rio) — 51, 232.
 Teixeira, Pedro — 194, 200, 223.
 Telémaco — 84.
Teleonema filicauda — 138.
 Tembê (índio) — 253, 283.
 Tembetá — 246.
 Tenteiro — 249, 283.
 Teobromina — 45.
 Terapêutica por analogia — 80, 137.
 Terra-caida — 10, 283.
 Terra-dos-papagaios — 116.
 Terra-firme — 6, 7, 8, 10, 96, 283.
 Terra-preta, povo da — 161, 171.
 Terra-da-promissão — 147.
 Teso — 162, 283.
 Tessmann, Gunther — 241.
 Teto da floresta — 21-22, 107.
 Tetra-neon — 143.
 Textil, indústria — 164, 165. V. também Tecelagem.
 “The Cambridge Natural History” — 221 (nota).
 Ticuna (índio) — 193, 219, 224, 227, 228, 235, 236, 249, 254, 264, 283.
 Tigre (mamífero) — 71.
 Tigre (rio) — 280.
 Timbaribá — 282.
 Timbó — 100, 102, 213, 221, 283.
 Timboúva — 283.
 Tinamiforme — 88.
 Tinhorão — 270, 283.
 Tinta — 13, 23, 40, 157, 201, 208. V. também Matéria corante.
 Tinteira — 8, 283.
 Tipiti — XIX, 51, 196, 213, 216-217, 219, Pr. XXXIX.
 Tiquié (rio) — 220.
 Tiriri — 88, 283.
 Toantesu (índio) — 279.
 Tocaia, Monte — 269.
 Tocandira — 105-106, 283.
 Tocantins (rio) — 4, 109, 175, 269.
 Tocari — 277.
 Toé — 221.
 Toledo (cidade) — 121.
 Toledo, Frei Domingos de — 200.
Topaza pyra — 123, Pr. XV.
 Toropixi — 132.
 Torpedinho — 143, 145, Pr. XX.
 Torres, Heloisa Alberto — XXI, 163, 164, 166.
 Tóxico — 13, 15, 212, 221-222. V. também Veneno.
 Tracajá — 95, 283.
 Tralhôto — 101, 283.
 Trançado — 52, 152, 153, 158, 164, 165, 193, 201, 239, 240, 263.. V. também Espartaria e Palmária, arte.
 “Tratado de Terra e Gente do Brasil” — 118.
 Traupídeo — 141.
Treponema carateum — 281.
 Triângulo Mineiro — 24.
 Trofeu — 251, 254.
Trogloditidae — 137, 138.
 Trombetas (rio) — 3, 26, 74, 83, 100, 126, 161, 167, 170, 173, 175, 176, 181, 211 (nota), 245, 281.

Troquilídeo — 122.
 Trumai (índio) — 263, 283.
 Tsihsa (índio) — 272.
 Tubérculo comestível — 13.
 Tucano (ave) — 85, 91, 107, 128, 170, 253, 283.
 Tucano (índio) — 103, 126, 171, 193, 207, 209, 220, 246, 255, 256, 261, 263, 271, 273, 281, 283.
 Tucum — 51, 254, 283.
 Tucumã — 14, 24, 51, 249, 283.
 Tucunaré — 99, 283.
 Tucupi — 213, 283.
 Tucuxi — 84, 271.
 Tuelte (índio) 279.
 Tuim-de-máscara-amarela — 117.
 Tuiuca (índio) — 261, 283.
 Tuiulú — 86, 283. V. também Jaburú.
 Tumacamaque, Campos de — 25, 280.
 Tumucumaque, Serra — XXI, 86, 211, 279.
 Tupã — 42, 283.
 Tupé — 54, 283.
 Tupi (índio) — 32, 89, 144, 155, 189, 191, 193, 252, 253, 278, 279, 280, 283.
 Tupi-guarani (índio) — 192, 196, 217.
 Tupinambá (índio) — 194, 252, 283.
 Turiaçu (rio) — 284.
 Turquestão — 173.
 Tururi — 207, 258.
 Tuxaua — 210. V. também Cacique.

U

Uaiana (índio) — 195, 284.
 Uaicana (índio) — 281.
 Uanana (índio) — 209, 263, 284.
 Uapé — 36.
 Uapé-açu — 32.
 Uapé-das-cachoeiras — 27, 35-36.
 Uapé-iapuna — 32.
 Uapixana (índio) — 74, 199, 217, 227, 270, 284.
 Uapuim-açu — 262.
 Uaraná — 38.
 Uarará — 232.
 Uarari — 282.
 Uaqueçoque caquecero — 262.
 Uaqueçoro — 262.
 Uarrau (índio) — 199, 284.
 Uaru — 275.
 Uanaçu — 48, 50, 51, 284.
 Uaupés (rio) — 89, 128, 136, 195, 199, 207, 219, 235, 240, 248, 250, 253, 271, 281.
 Ubá — 23.
 Uberaba, lagoa — 275.
 Ubim — 50, 284.
 Ubim-açu — 24, 284.
 Ubuçu — 50, 51, 284.
 Ucaíá — 103.
 Ucaiale (rio) — 241, 242, 256, 264, 274, 282.
 Ucuquirana — 271, 284.
 Ueé — 208.
 Ugina (índio) — 71.
 Uíara — 83, 284.
 Uíçatu — 120.

Uiracuera — 137.
 Uiracri — 232.
 Uiramimbé — 132.
 Uirapuru — 91, 135-140.
 Uirapuru-pataquera — 137.
 Uitoto (índio) — 206, 216, 228, 277, 284.
 Ulababa — 134.
 Ulali — 232.
 Ulisses — 84.
 Uluri — 206, 245.
 Umari — 241, 284.
Umbrella btrd — 132.
 Umiri — 22, 259, 284.
 Unha-de-gato — 15, 284.
 Universidade de Oxford — 203.
 Urali — 232.
 Urari — 232.
 Uraricuera (rio) — 3, 278.
 Urati — 232.
 Urna funerária — 160, 163, 167, 171, 177, 178, 181, 182. Prs. XXV, XXXIII e XXXV.
 Uru — 88, 284.
 Urubu (ave) — 284.
 Urubu (índio) — 252, 255, 284.
 Urubu (rio) — 171, 282.
 Urubu-rci — 170, 181, 284.
 Urucu — 118, 157, 208, 261, 284.
 Urucuiana (índio) — XIX, 106, 210, 211, 284.
 Urucuiana (rio) — 211 (nota).
 Urucuri — XIX, 9, 12, 284.
 Urumbeba — 276.
 Urupema — 51, 54, 216, 219, 220. Pr. XXXIX.
 Urutu — 96, 284.

V

Vaca-marinha — 85. V. também Peixe-boi.
 Vagalume — 105. V. também Pirlampo.
 Vanaquíá — 119.
 Vaqueiro — XIX.
 Varadouro — 8, 284.
 Varzea — 6, 7, 8, 11, 50.
 Vasante — 6.
Vastris gigas — 98.
 Veado — 77-78, 91, 108, 201, 284.
 Vegetação halófila — 8.
 Vegetação hidrófila — 13, 269.
 Vegetação xerófila — 12, 25.
 Veillard, J. — 227, 229, 232.
 Velloso, Hilda — XXII, 209 (nota), 222.
 Veneno — 23, 201. V. também Tóxico.
 Veneno sagitário — 23, 172, 221, 223, 231.
 Venezuela, República de — 4, 26, 27, 39, 45, 52, 53, 80, 100, 126, 167, 173, 191, 192, 229, 257, 272, 278, 279, 281.
 Veríssimo, José — 102, 176.
 Verniz — 23, 157, 235.
 Verrill, A. Hyatt — 124, 130.
 Vespa — 153.
Victoria amazonica — 33.
Victoria Cruziana — 33, 34.
 Vicunha — 69, 256.
 Vida arborícola — 77.

Vila Bela da Imperatriz — 43.
 Vinho de palmeira — XIX, 51, 53, 54.
 Violácea — 22.
 Violeta-d'água — 269.
 Viração de tartaruga — 95.
Vireonidae — 138.
 Vitória régia — XX, 13, 27, 31-35, 217,
 Pr. I.
Vochysia eximia — 57.
 Vóltio — 100.
 Voquisia — 58.
 Voquisiácea — 58, 59.
 "Voyages dans L'Amérique du Sud" —
 209.
 "Voyage up the River Amazon" — XX.

W

Wallace, Alfred R. — XX, 5, 18, 79, 82,
 85, 92, 103, 109, 124, 125, 133, 190,
 195, 199.
 Washington (cidade) — 143.
 Wassen, Henry — 221.
 Wavrin, Marquis de — 124.
 Weddell, M. — 36.
 Whiffen, Thomas — 206.
 Wied-Neuwied, Príncipe Maximiliano —
 92, 202.
 Wilde, Oscar — XXI.
 Williams, Warner — 65.

X

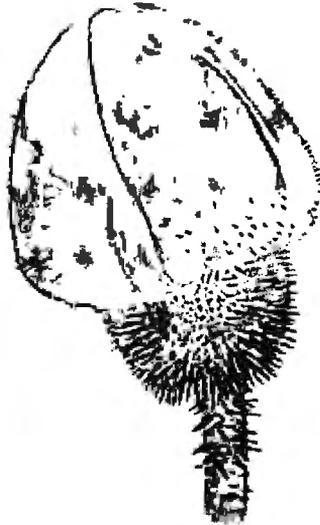
Xama (índio) — 241, 242, 266, 276, 284.
 Xarque — 98.
 Xerimbabo — 76, 89, 128, 284.
 Xexéu — 88, 275, 284. V. também Guaxe
 e Japim.
 Xingu (rio) — 155, 167, 175, 191, 192,
 201, 207, 214, 245, 253, 262, 269, 270,
 272, 274, 283.
 Xipaia (índio) — 245, 285.
Xipholena punicia — 134, 135. Pr. XVIII.
 Xitibo (índio) — 282.
 Xixica — 275.

Y

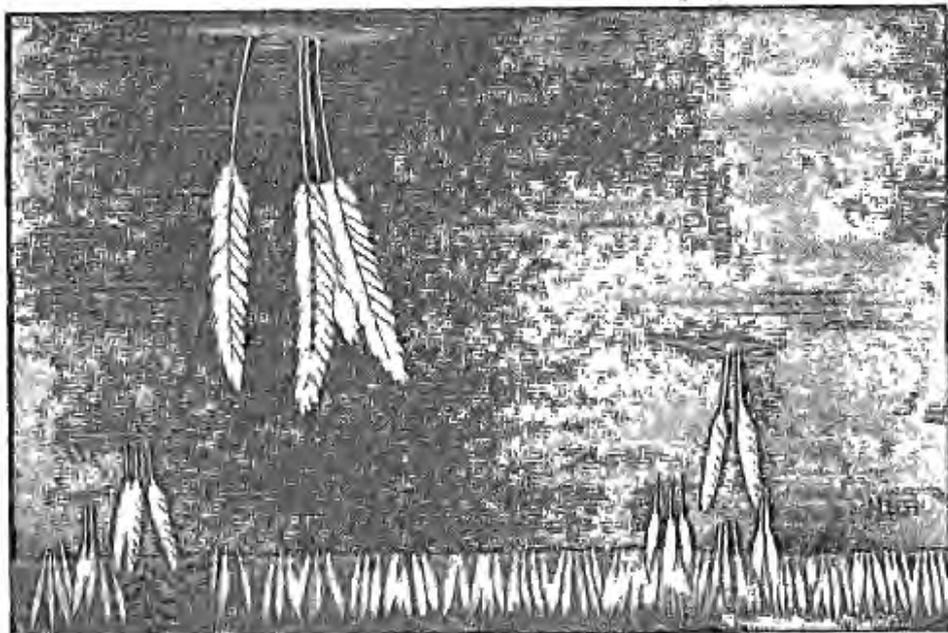
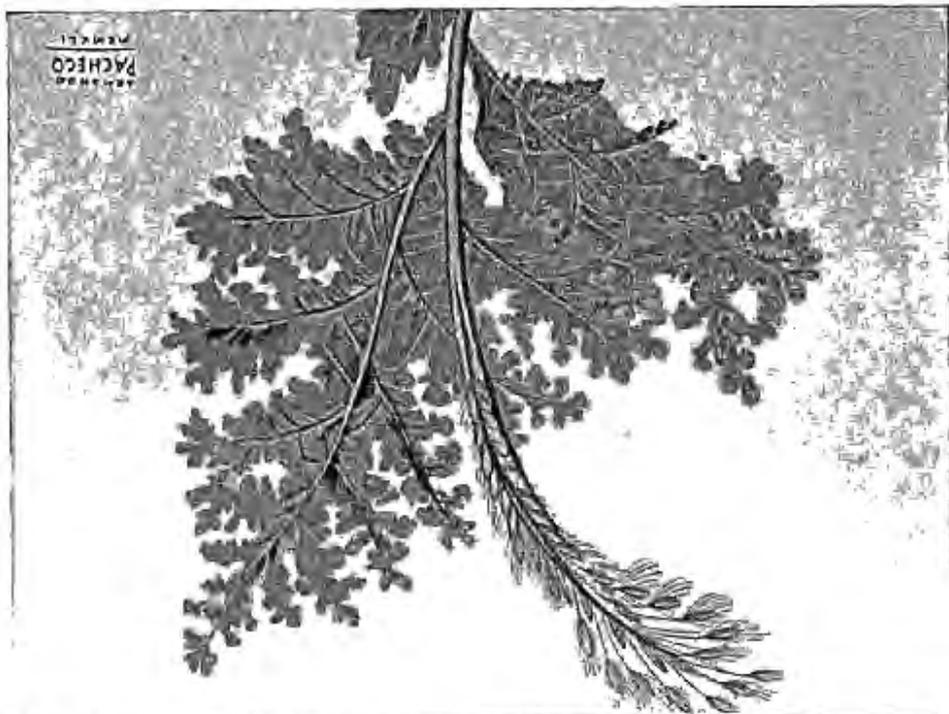
Yocco — 41.

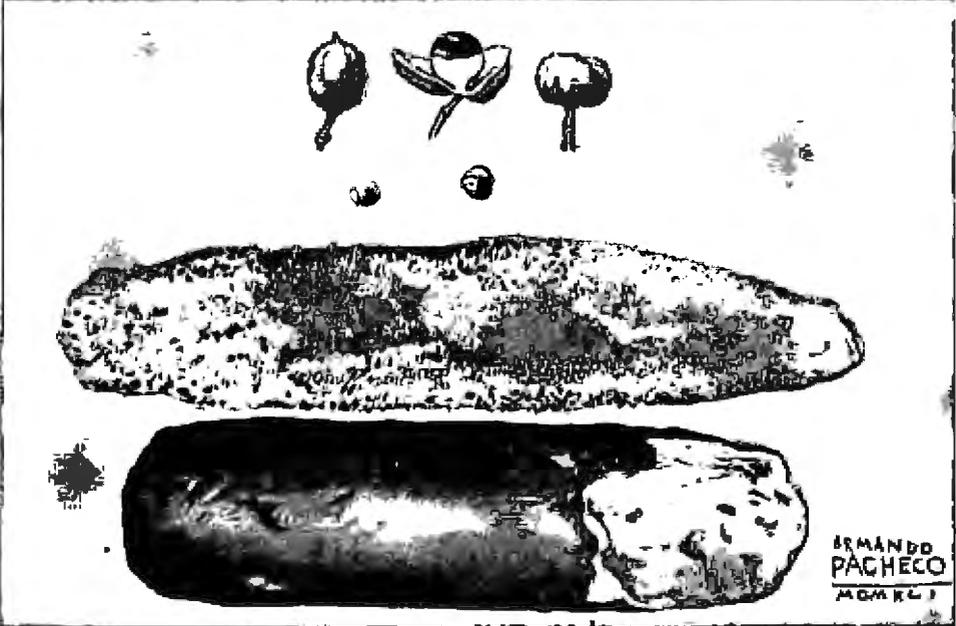
Z

Zarabatana — 51, 193, 201, 206, 222, 224,
 230, 232, 234-235, 243. Pr. XL. V.
 também Canudo de sôpro.
 Zebra — 69.
 Zimbório da floresta — 21-22.
 Zona dos cocais — 24.
 "Zoo-Geografia do Brasil" — 91 (nota).



ARMANDO
PACHECO
DRAFTER







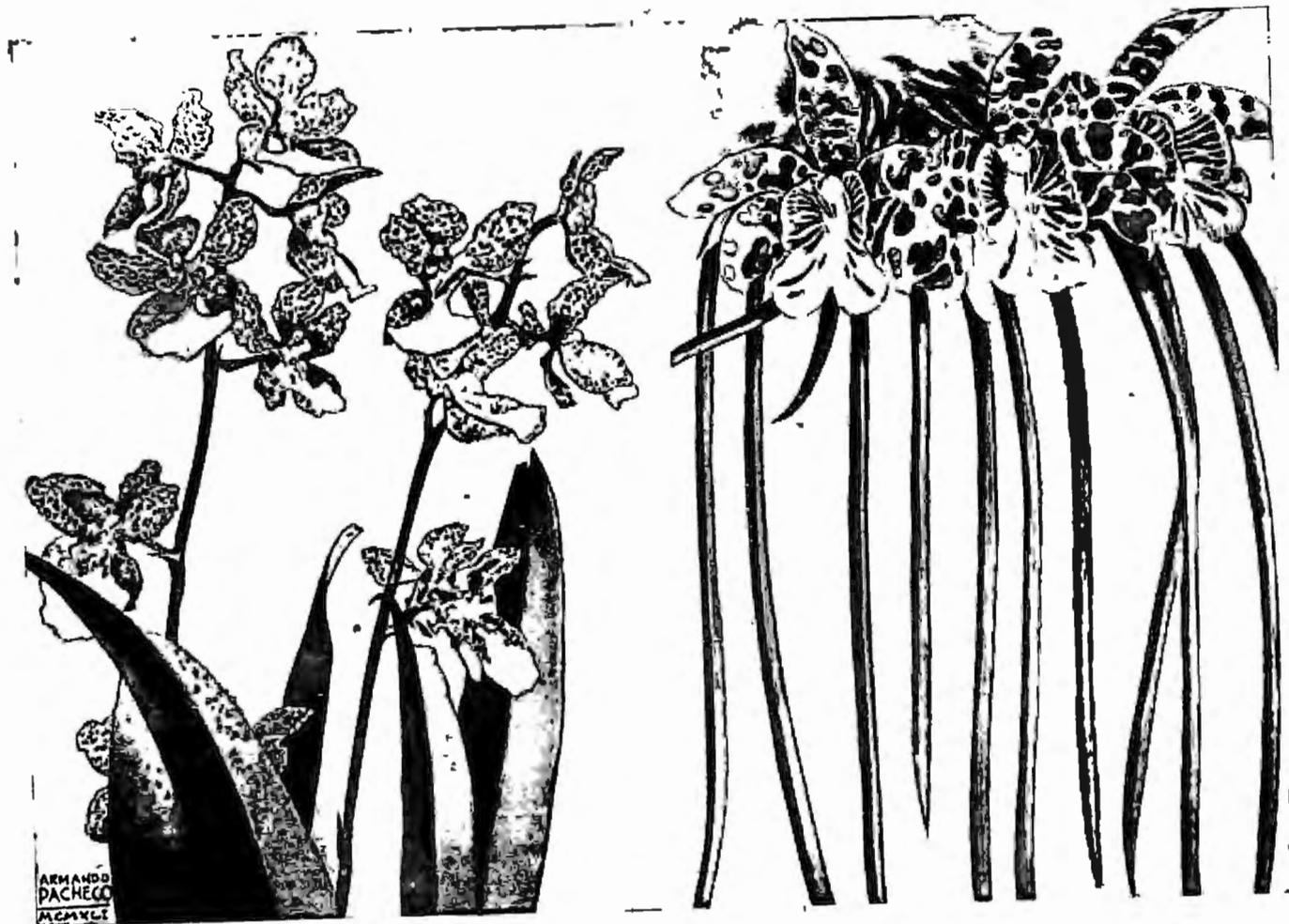
PR. IV



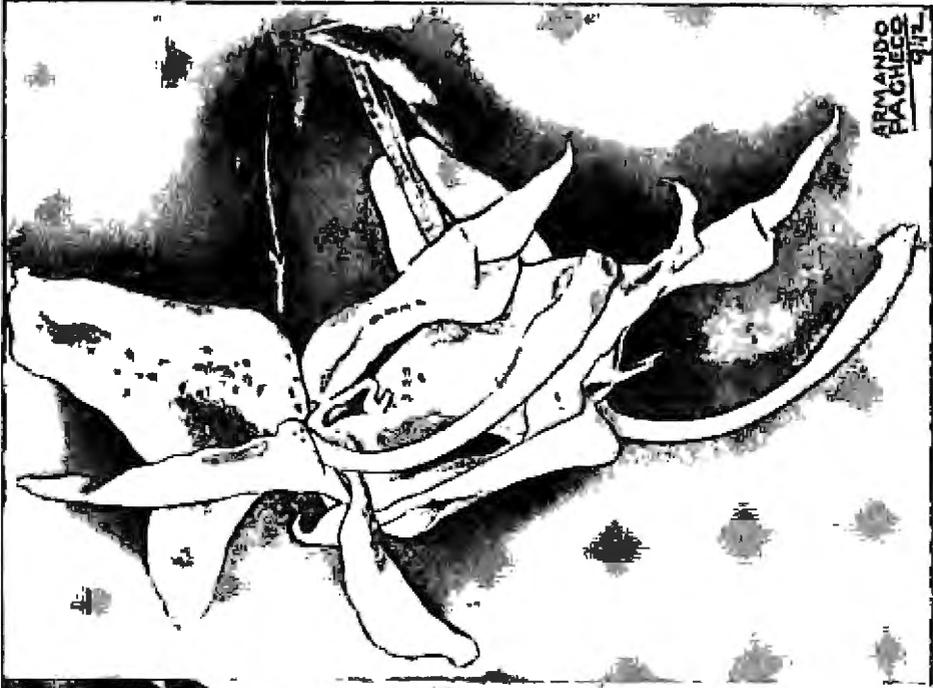
ARMANDO
DACHELLO

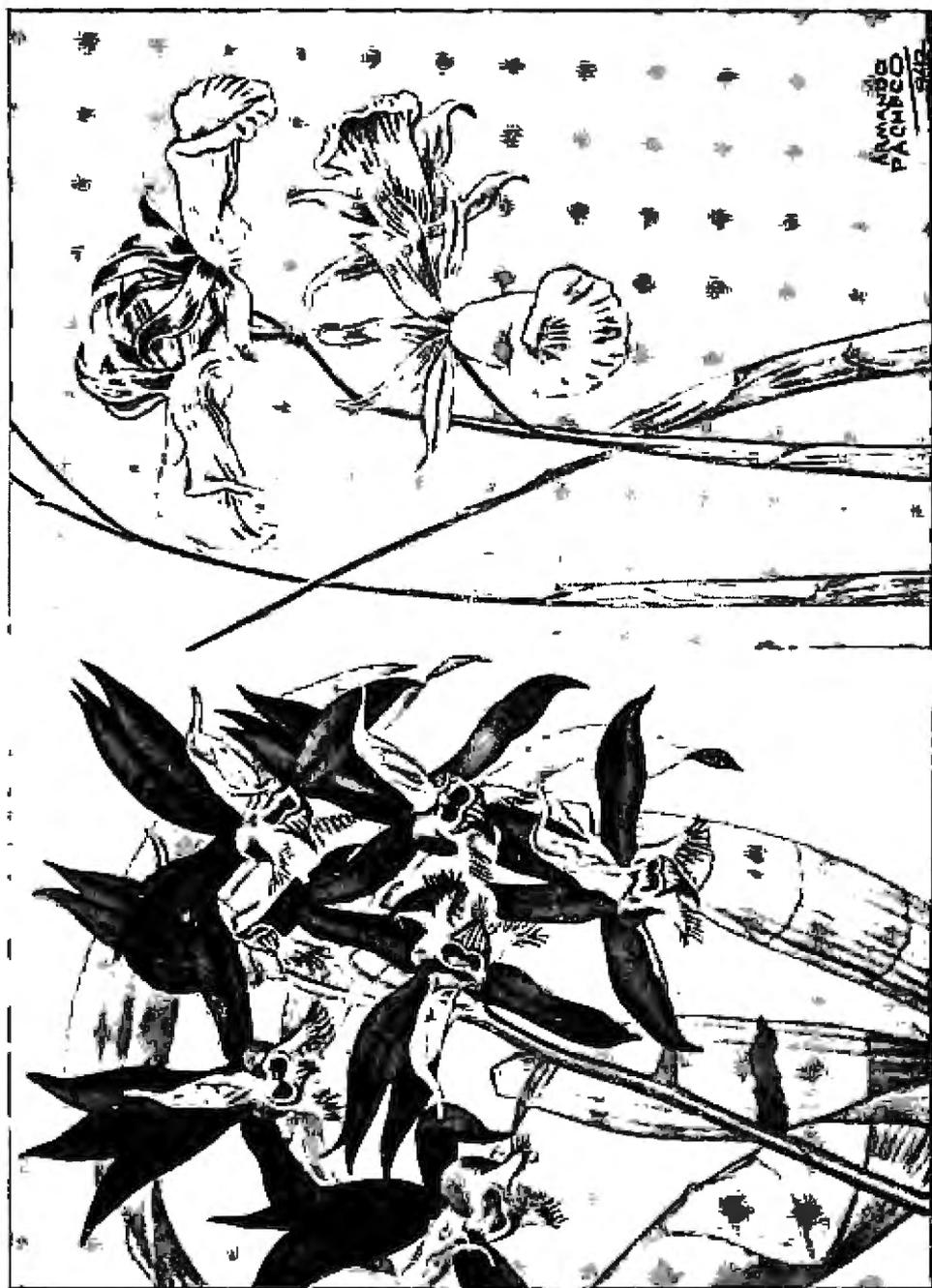






Pr. VIII









ERWANDO
PACHECO
MEXICO



PR. XIV



ARMANDO
PACHECO
942



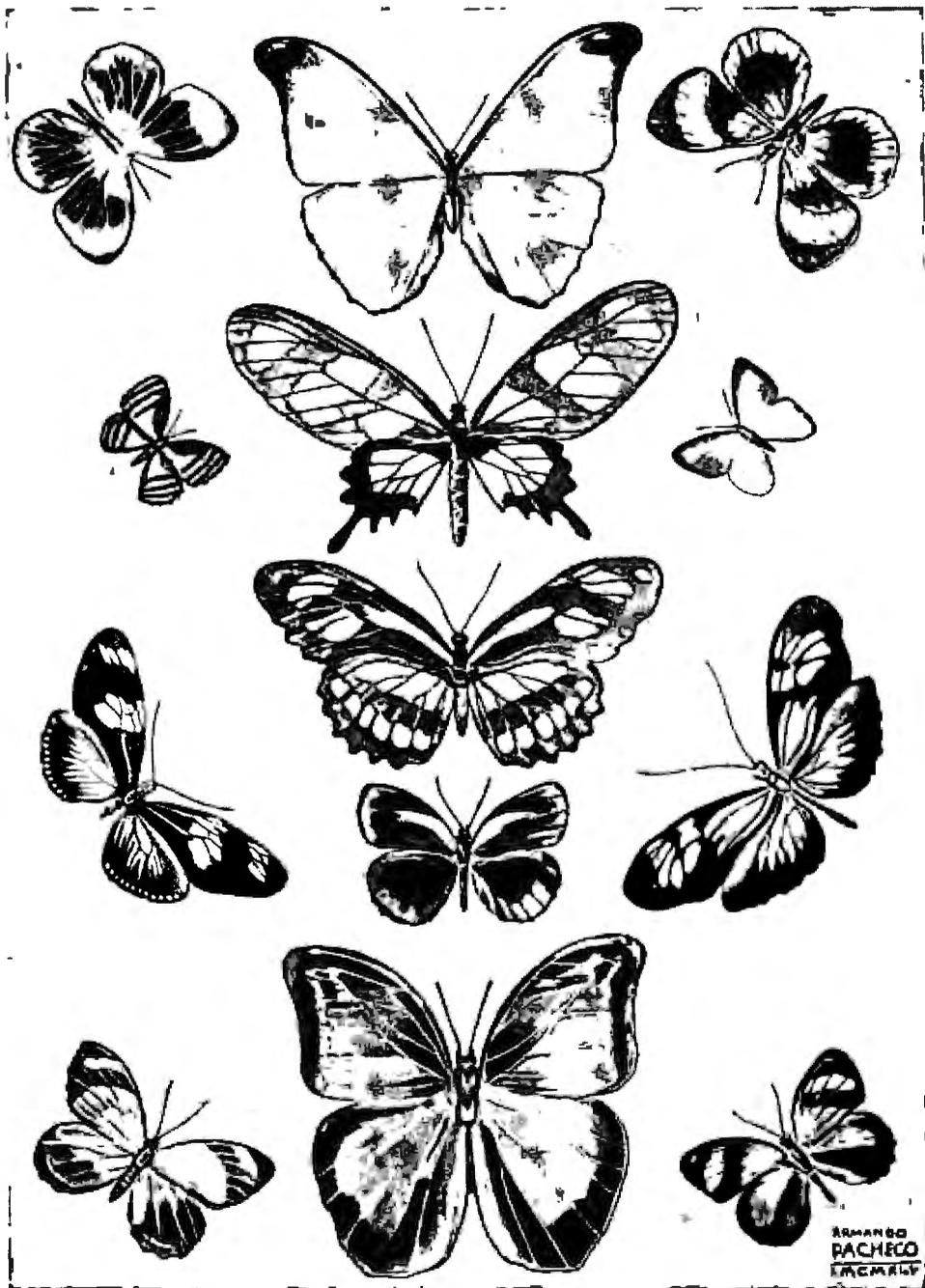






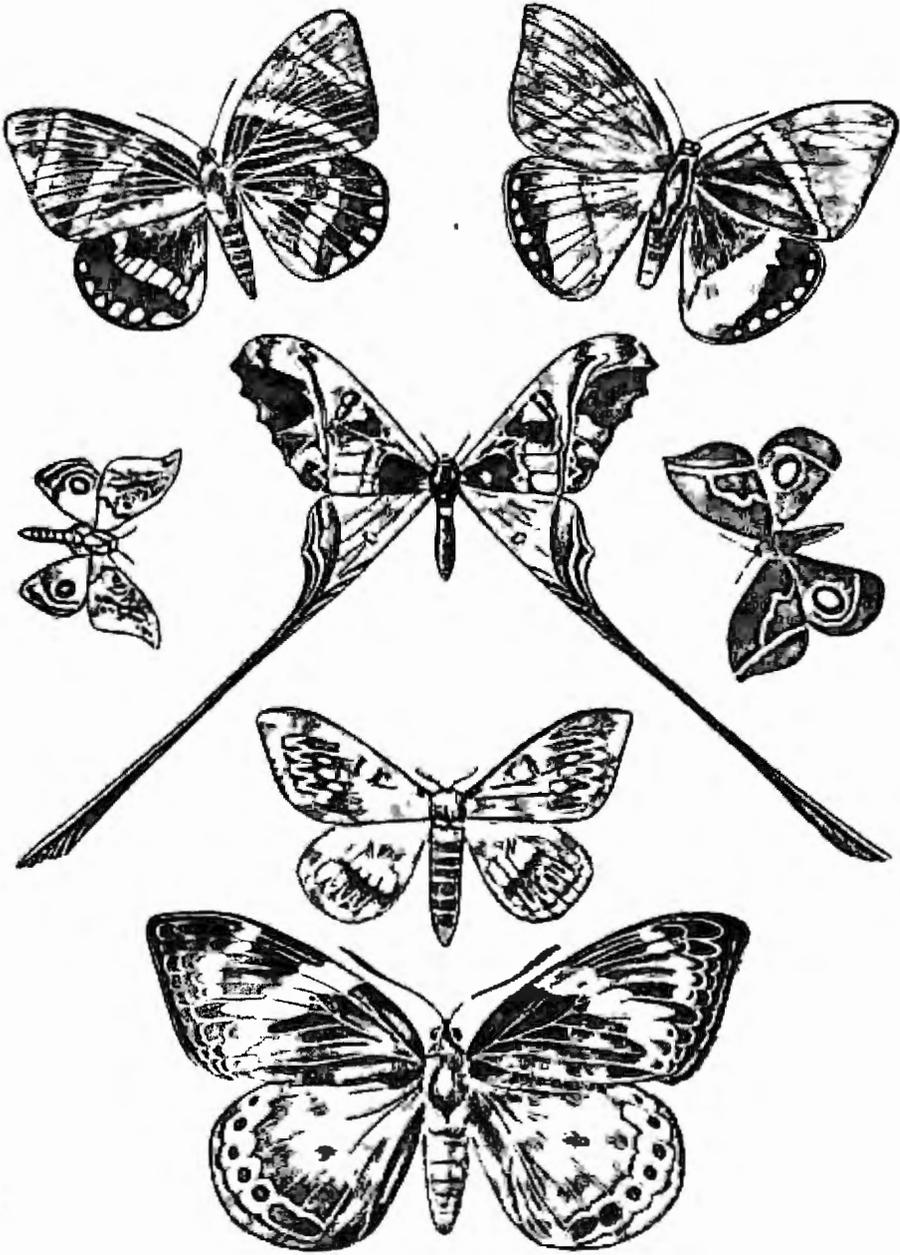






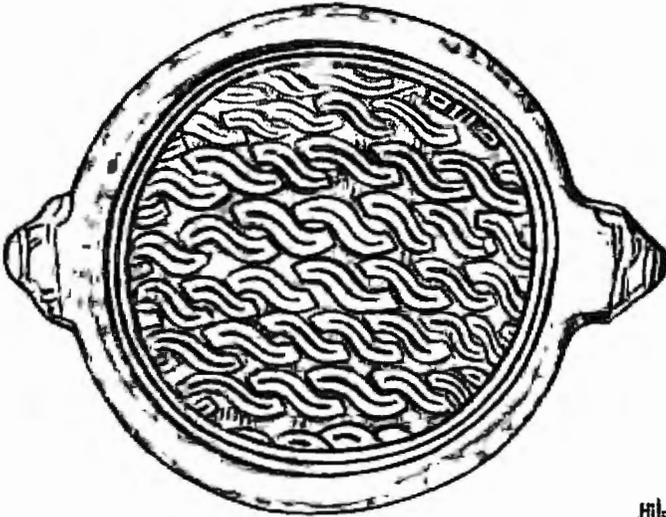


ARMANDO
PACHECO





Hilda
Uellosa



Hilda
Wells

M. J. de
H. J. de
H. J. de

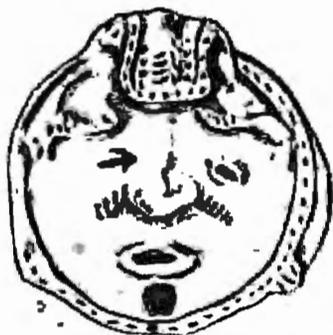




Hilary
1900



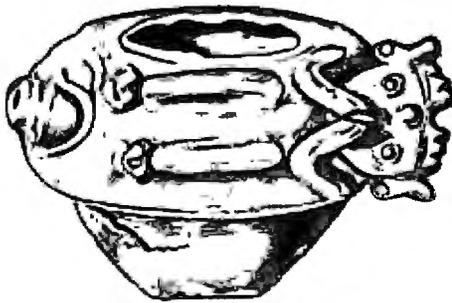
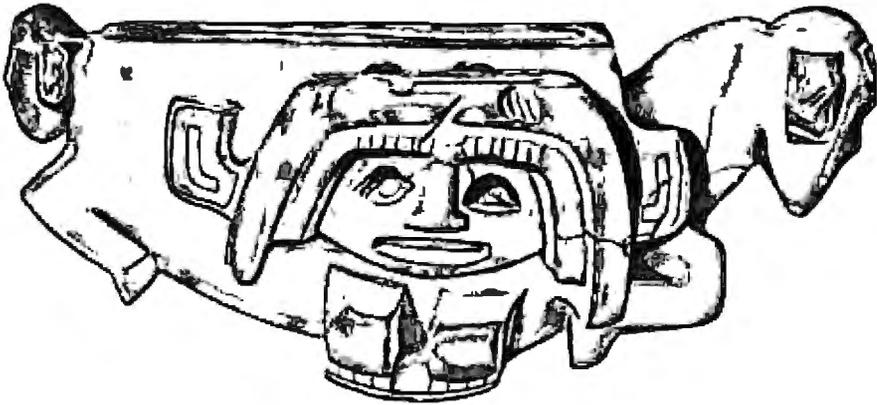
W. da
Ueloso

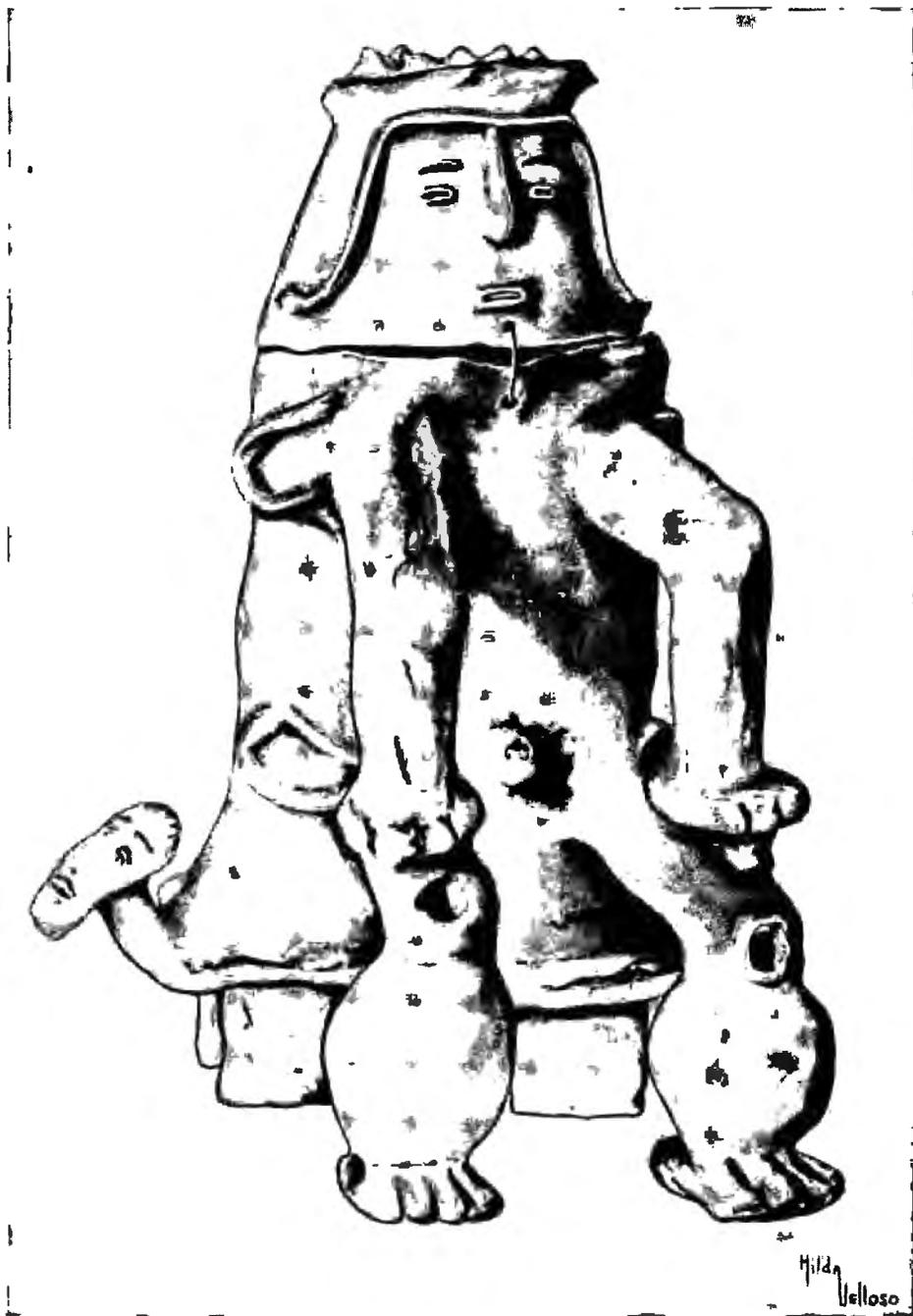


Hilda
Valloso

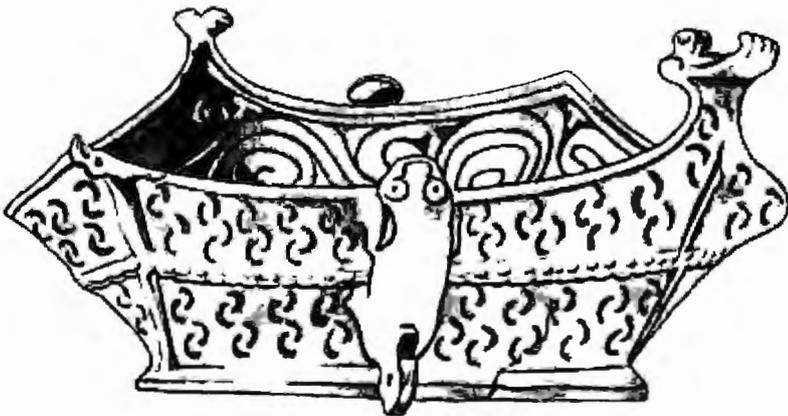
Hildn
Hilloss.



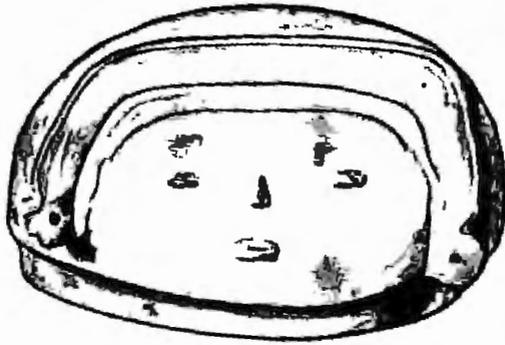




Milda
Velloso

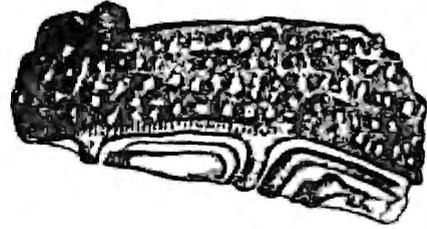
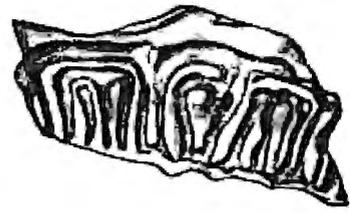
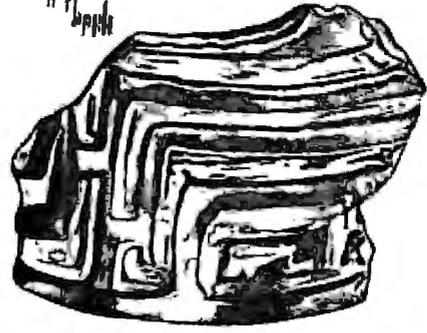


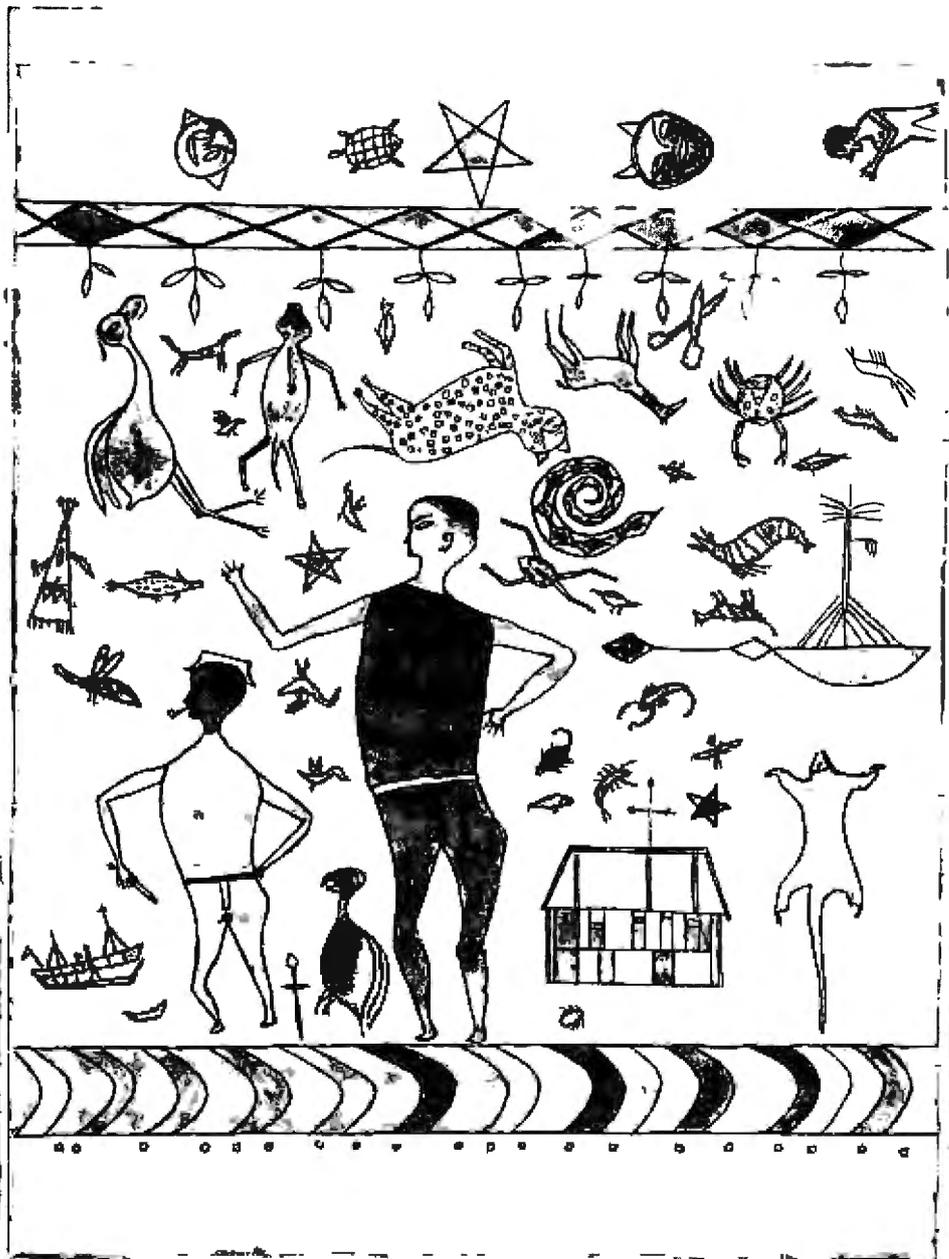
Hild
Waloso



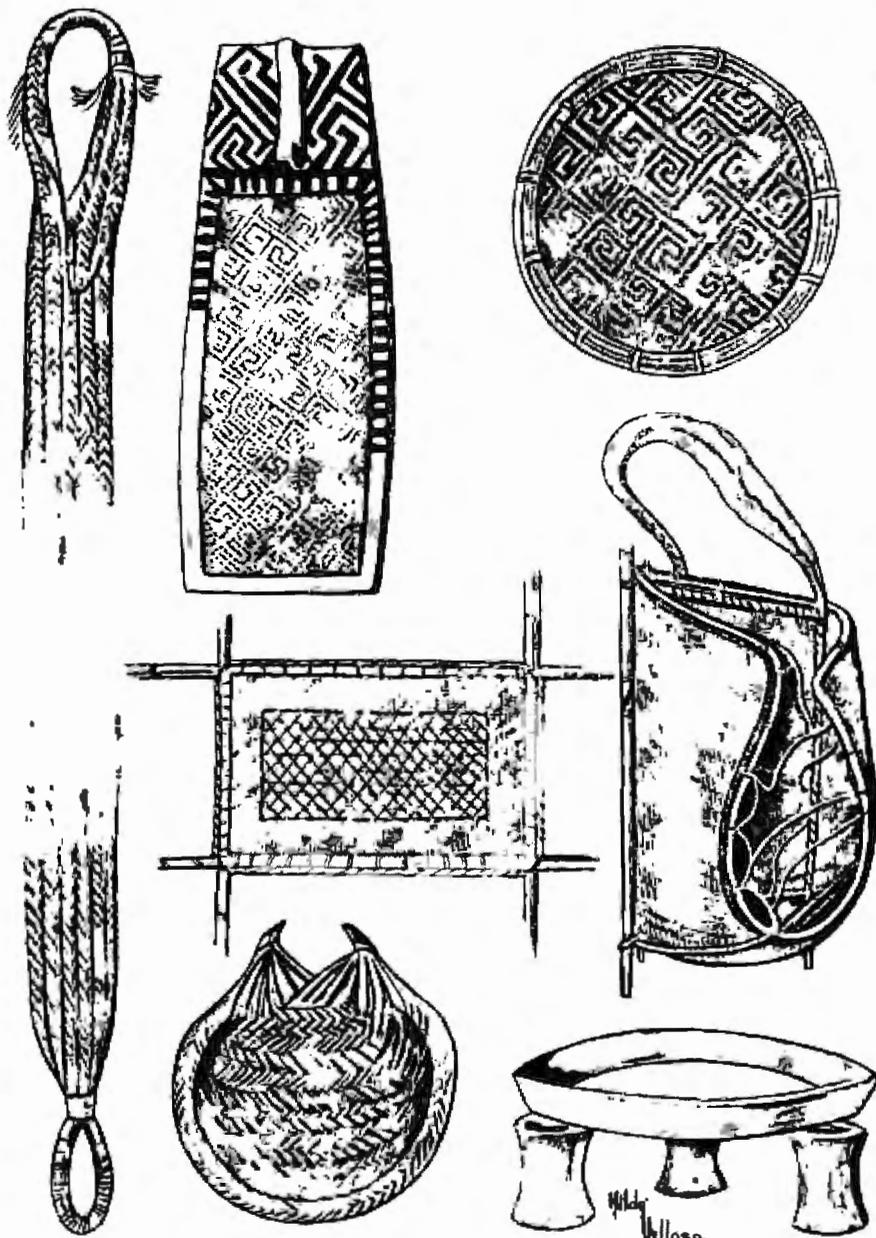
Hilda Uellosa

Phidra
Lilloso.

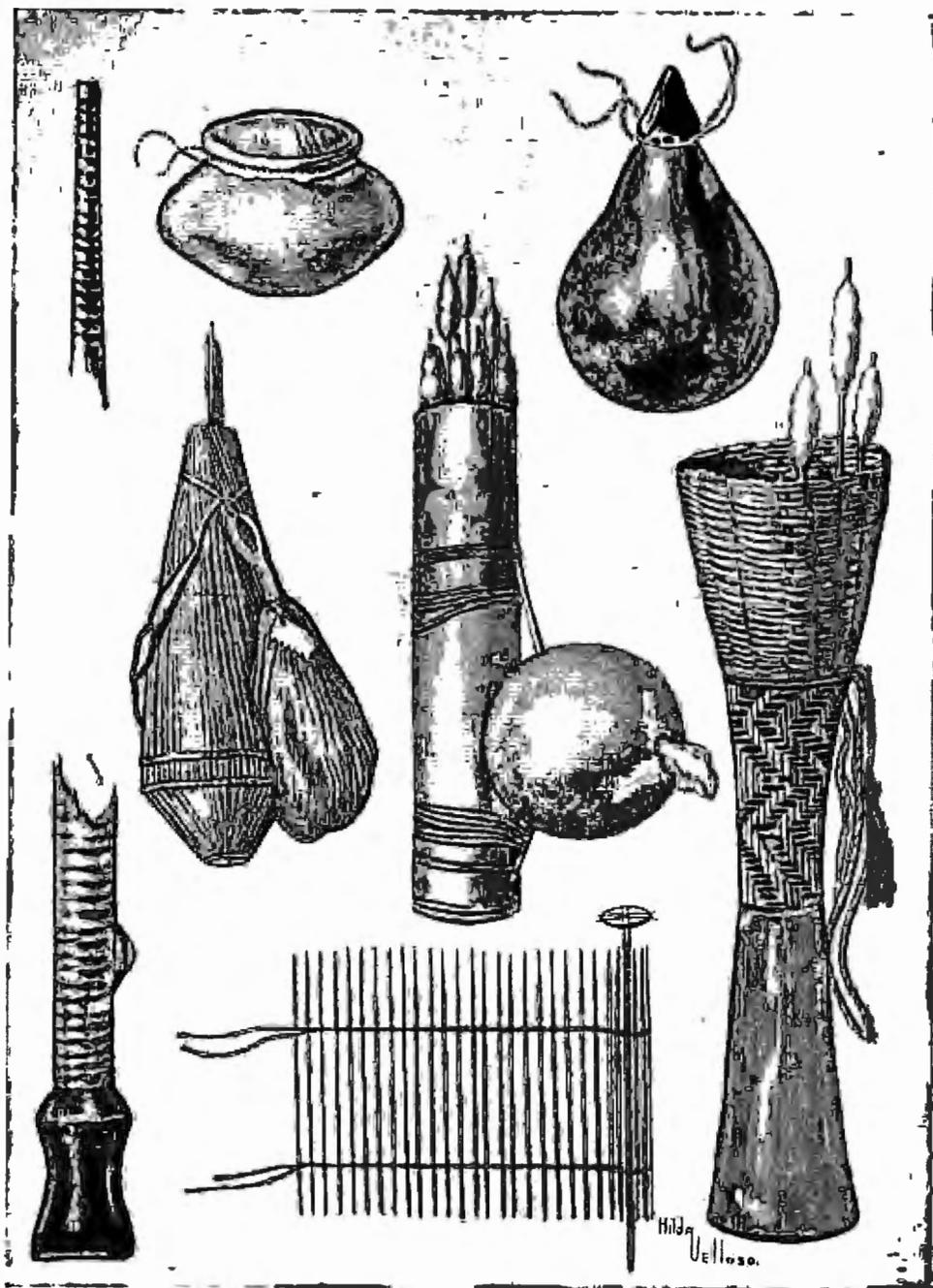


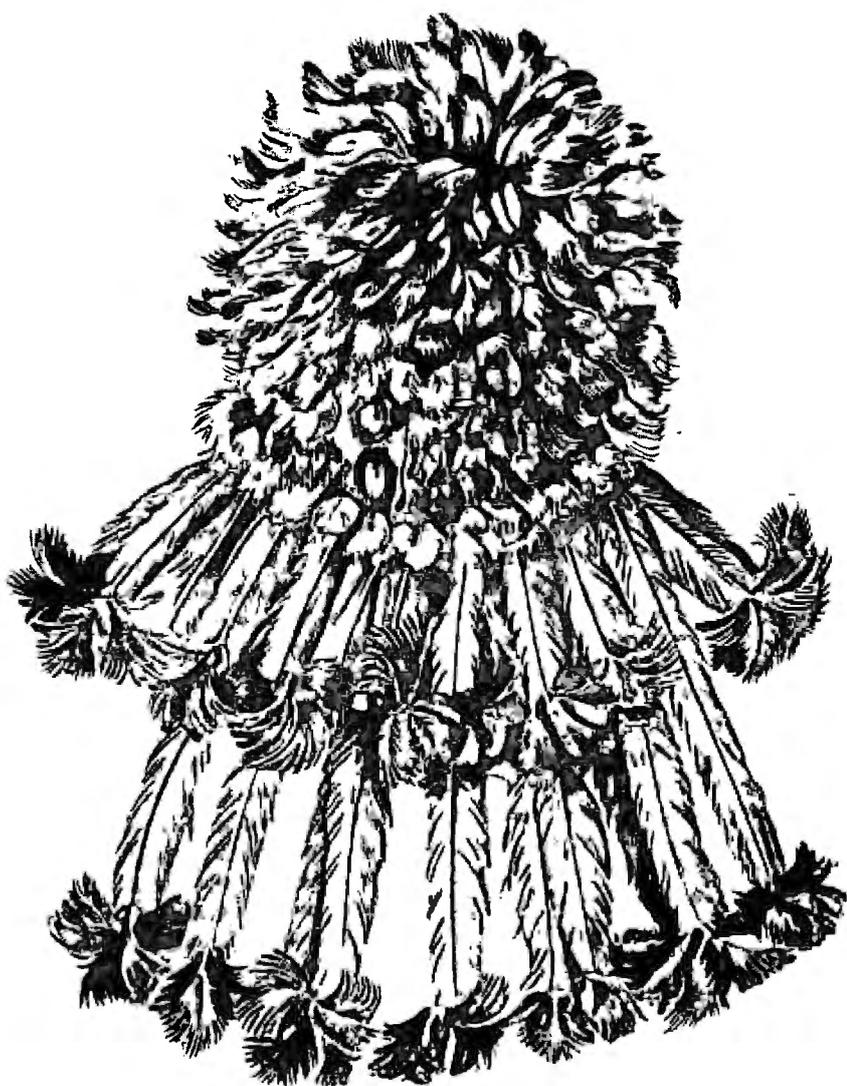


S. J. Simoni

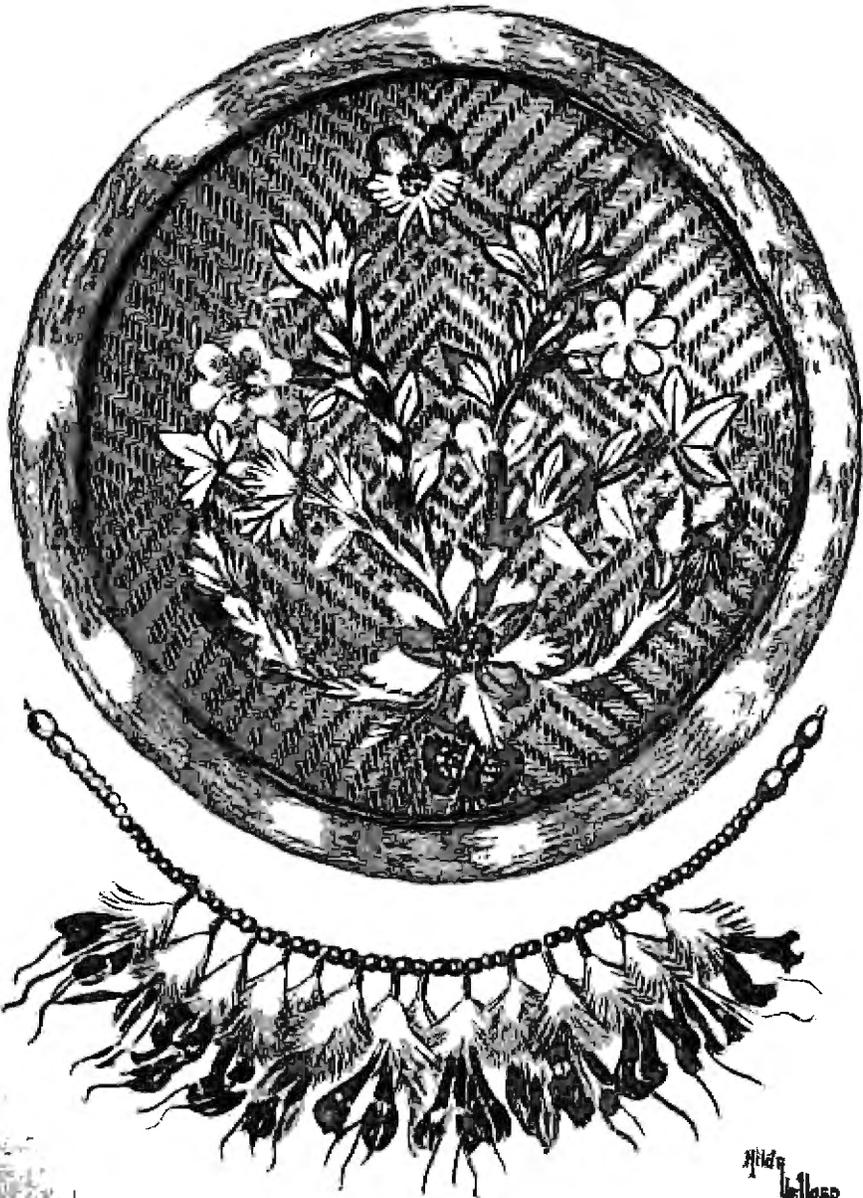


PR. XXXIX



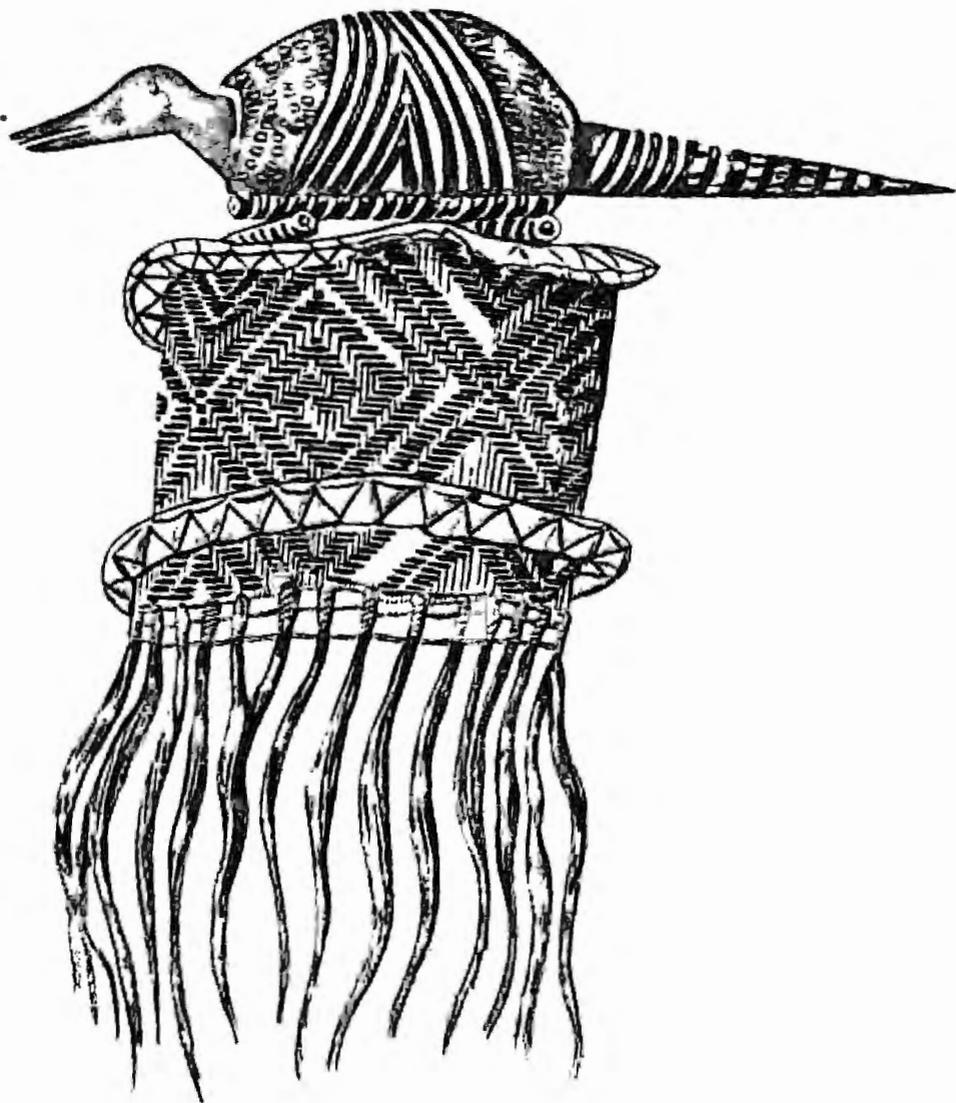


Hild
Ueloso.



Mildred
Lelass





Hady
Velloso

Pr. XLVIII